

BALZAC 12

A COMÉDIA HUMANA

UM EPISÓDIO DO TERROR
UM CASO TENEBROSO
O DEPUTADO DE ARCIS
Z. MARCAS
A BRETAGNA EM 1799
UMA PAIXÃO NO DESERTO

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
POLÍTICA
CENAS DA VIDA
MILITAR



BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BALZAC 12

A COMÉDIA HUMANA

UM EPISÓDIO DO TERROR
UM CASO TENEBROSO
O DEPUTADO DE ARCIS
Z. MARCAS
A BRETAGNA EM 1799
UMA PAIXÃO NO DESERTO

ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
POLÍTICA
CENAS DA VIDA
MILITAR



BIBLIOTECA AZUL

BALZ
ZAC12

A COMÉDIA HUMANA

 Springer

HONORÉ
DE
BALZAC
A COMÉDIA
HUMANA

12

INTRODUÇÃO, ANOTAÇÕES E COMENTÁRIOS DE PAULO RIBEIRO
TRADUÇÃO DE TÁBATA DE FREITAS, MARCO ANTONIO S.
ALVES DE LIMA, E GABRIELA VIEIRA

 EDITORAIAL

PLANO DA PRESENTE EDIÇÃO DE A COMÉDIA HUMANA

DIVISÃO GERAL

ESTUDOS DE COSTUMES

Cenas da vida privada	vol. 1-4
Cenas da vida provinciana	vol. 5-7
Cenas da vida parisiense	vol. 8-11
Cenas da vida política	vol. 12
Cenas da vida militar	vol. 12
Cenas da vida rural	vol. 13-14
ESTUDOS FILOSÓFICOS	vol. 15-17
ESTUDOS ANALÍTICOS	vol. 17

DIVISÃO POR VOLUMES

1 “A vida de Balzac”, por Paulo Rónai • Prefácio *À comédia humana*, por Honoré de Balzac • Ao “Chat-qui-pelote” • O baile de Sceaux • Memórias de duas jovens esposas • A bolsa • Modesta Mignon

2 Uma estreia na vida • Alberto Savarus • A vendeta • Uma dupla família • A paz conjugal • A sra. Firmiani • Estudo de mulher • A falsa amante • Uma filha de Eva

3 A mensagem • O romeiral • A mulher abandonada • Honorina • Beatriz • Gobseck • A mulher de trinta anos

4 O pai Goriot • O coronel Chabert • A missa do ateu • A interdição • O contrato de casamento • Outro estudo de mulher

5 Úrsula Mirouët • Eugênia Grandet • OS CELIBATÁRIOS: Pierrette • O cura de Tours

6 Um conchego de solteirão • OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA: O ilustre Gaudissart • A musa do departamento • AS RIVALIDADES: A solteirona • O gabinete das antiguidades

7 Ilusões perdidas

8 HISTÓRIA DOS TREZE: Ferragus • A duquesa de Langeais • A menina dos olhos de ouro • História da grandeza e da decadência de César Birotteau • A Casa Nucingen

9 Esplendores e misérias das cortesãs • Os segredos da princesa

de Cadignan • Facino Cane • Sarrasine • Pedro Grassou

10 OS PARENTES POBRES: A prima Bete • O primo Pons

11 Um homem de negócios • Um príncipe da Boêmia • Gaudissart II • Os funcionários • Os comediantes sem o saberem • Os pequenos-burgueses • O avesso da história contemporânea

12 Um episódio do Terror • Um caso tenebroso • O deputado de Arcis • Z. Marcas • A Bretanha em 1799 • Uma paixão no deserto

13 Os camponeses • O médico rural

14 O cura da aldeia • O lírio do vale

15 A pele de onagro • Jesus Cristo em Flandres • Melmoth apaziguado • Massimilla Doni • A obra-prima ignorada • Gambara • A procura do absoluto

16 O filho maldito • Adeus • As Maranas • O conscrito • “El Verdugo” • Um drama à beira-mar • Mestre Cornélius • A estalagem vermelha • Sobre Catarina de Médicis • O elixir da longa vida • Os proscritos

17 Luís Lambert • Seráfita • Fisiologia do casamento • Pequenas misérias da vida conjugal

NOTA DOS EDITORES

Esta terceira edição de *A comédia humana* é uma homenagem ao legado deixado por Paulo Rónai (1907-1992). Húngaro naturalizado brasileiro, Rónai teve um papel importante na vida cultural do país que o acolheu quando fugia do nazismo na Europa.

Estudioso de Balzac, autor ao qual dedicou uma tese ainda na juventude (*As obras da mocidade de Honoré de Balzac*, 1930), Rónai foi convidado por Maurício Rosenblatt, representante no Rio de Janeiro da editora Globo de Porto Alegre, a participar desta edição. Seu trabalho, inicialmente limitado a um prefácio geral da obra, logo se estendeu por seu conhecimento e interesse. Além de organizar todo o aparato da publicação, a Rónai coube estabelecer padrões que inexistiam em meio aos quase vinte tradutores. Não havia plano inicial unificado, ou mesmo um manual ao qual recorrer. Se Rónai não traduziu propriamente nenhum volume, funcionou como epicentro da edição que, logo nos primeiros volumes, passou a contar com seu cuidado e vigilância. No texto “A operação Balzac”, no livro *A tradução vivida*, ele especifica sua contribuição:

Coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores; cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.

Este imenso trabalho, que começou com o pedido de um prefácio de dez páginas e durou muitos anos, cristalizou-se na edição de dezessete volumes. A tradução contou com cerca de vinte tradutores, e Rónai incrementou-a com a redação de 12 mil notas, que se dividiam entre explicações sobre contextos históricos, personagens e seus antecedentes, questões de tradução — expressões idiomáticas e trocadilhos — e ainda truques de linguagem. Segundo Rónai, “Balzac, amigo de anexins, trocadilhos e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos”, elementos que, sem uma nota explicativa, eram “de enlouquecer qualquer tradutor”.

Todo esse árduo e cuidadoso trabalho foi respeitado. Além de manter o texto exato das traduções aprovadas por Rónai, corrigindo apenas o que configura erro que por algum lapso passou pelo organizador (é notável, ainda que sejam flagrantes alguns anacronismos e regionalismos, a impressionante riqueza e precisão do vocabulário desses tradutores), reproduzimos na presente edição as 89 apresentações. Delas, disse Rónai:

Sem qualquer veleidade de eruditismo, tentei dar nelas algumas informações indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos das personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da crítica etc.

Do mesmo modo, foram respeitadas todas as notas. Também foi mantida a decisão de Rónai de traduzir os prenomes dos personagens, ainda que não seja a opção usual nos dias de hoje. Rónai justifica essa escolha primeiramente pela necessidade de unificar a maneira de nomear os personagens. Em *A comédia humana*, eles aparecem repetidas vezes, surgem protagonistas e reaparecem

coadjuvantes, compondo esse imenso quadro de costumes que é a obra balzaquiana.

Era embaraçoso ver o mesmo herói com um nome ora francês, ora português; às vezes poderia até dar confusão. Seria uma solução deixar todos os nomes em francês. Mas a semelhança entre as duas línguas convidava a usar a forma nacional em vez da francesa: Júlia em vez de Julie, Eugênia em vez de Eugénie, Luís em vez de Louis, como se fazia em muitos romances traduzidos do francês, do inglês e do espanhol. Foi essa a solução que adotamos. Porém, como ficou dito acima, na ficção balzaquiana personagens inventadas acotovelam pessoas reais. Um tradutor espanhol traduziria naturalmente Pierre Corneille por Pedro Corneille, um italiano por Pietro Corneille; mas a praxe brasileira era manter o nome em francês. Adotamos, pois, um critério algo estranho: traduziam-se os nomes das personagens de ficção e reproduziam-se na forma do original os das pessoas reais. Mesmo esta norma admitia exceções: os nomes de pessoas famosas já aportuguesados, como Napoleão, Luís XIV, Maria Antonieta etc.

Também é importante uma observação sobre a escolha de um texto-base para a edição. Com as inúmeras reescrituras dos romances, não há um manuscrito considerado definitivo e o próprio autor retificava seu texto a cada edição. Rónai adotou a edição da Pléiade organizada por Marcel Bouteron, mas não se ateve a ela. Conhecedor dos originais de *A comédia humana*, adotou na edição brasileira soluções que visavam aproximar o leitor brasileiro do formato original de publicação dos textos de Balzac:

Mas num ponto essa edição, excelente em tudo mais, não me satisfazia. É que nela o texto de Balzac, já difícil por si em muitos trechos, saía excessivamente compacto, sem um espaço branco, uma interrupção, um parágrafo numa dezena de páginas. Se tal fosse a intenção do autor, teríamos que aceitar essa característica, assim como os tradutores de Proust e Joyce respeitam aquela disposição maciça de linhas impressas sem um respiradouro ao longo de tantas páginas. Mas, devido à familiaridade com a história bibliográfica da obra, sabia que todos aqueles romances tinham saído inicialmente em rodapés de jornais, divididos em capítulos breves, com títulos muitas vezes espirituosos, engraçados, pitorescos, mantidos nas primeiras edições em volumes. Foram os editores sucessivos que, contra a vontade de Balzac, suprimiram a divisão em capítulos por motivos de economia. Em benefício ao leitor brasileiro, reintroduzi a divisão em capítulos, assim como os títulos primitivos.

Resta ainda salientar que a edição, tal qual concebida por Rónai, veio a público apenas em duas ocasiões: na primeira edição, entre 1946 e 1955, e na segunda, a partir de 1989. Muito o entristecia ver essa obra, à qual ele dedicou tantos anos, esgotada e ainda com imperfeições. O desejo da Biblioteca Azul é, pois, consagrar a edição definitiva de Rónai, considerada uma das mais importantes fora da França e um verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, e fazer a obra de Balzac reviver uma vez mais entre nós.

ESTUDOS DE COSTUMES • CENAS DA VIDA POLÍTICA

UM EPISÓDIO DO TERROR

UM CASO TENEBROSO

O DEPUTADO DE ARCIS

Z. MARCAS

CENAS DA VIDA MILITAR

A BRETANHA EM 1799

UMA PAIXÃO NO DESERTO

A COMÉDIA
HUMANA

12

SEXTA PARTE
DE COMÉDIA HUMANA
P. 100-101
1900. 1000. 1000. 1000.

**UM EPISÓDIO
DO TERROR**

CONTO DE TERROR DE ANTONIO

INTRODUÇÃO

Na biografia de Balzac com que iniciamos esta edição de *A comédia humana*, relatamos o que se pode chamar período clandestino da vida literária do escritor e que vai de 1819 a 1829, período cheio de tentativas malogradas de penetrar na literatura, de romances de cordel publicados sob pseudônimos, de parcerias pouco honrosas, de livros escritos por encomenda. Mil oitocentos e vinte e nove é a data em que o subliterato Lord R'Hoone, por um milagre até hoje não explicado, se transforma no autor genial de *A comédia humana*. O próprio escritor percebe perfeitamente essa extraordinária metamorfose, pois a partir de *A Bretanha em 1799* lança todos os seus livros sob o seu próprio nome, essas seis letras gravadas em relevo tão forte na história da literatura.

Seria errado crer, entretanto, que um artista de trinta anos se transforma completamente de um dia para outro. Pode-se admitir que, tendo aguardado o momento oportuno, só então lance a sua verdadeira mensagem; mas é pouco possível que sua técnica, seus processos, seus tiques não guardem os vestígios das experiências anteriores.

Um episódio do Terror (em francês: *Un épisode sous la Terreur*) é uma dessas sobrevivências do Balzac subterrâneo. Este conto formava a introdução das *Memórias de Sanson*, o carrasco de Paris, redigidas por Balzac em colaboração com L'héritier de l'Ain e publicadas em 1830. (Ver L. J. Arigo Arrigon, *Les années romantiques de Balzac*.)

Como ocorreu a Balzac uma ideia tão macabra? Os *best-sellers* daqueles anos foram memórias para servir à história da Revolução Francesa; algumas autênticas, a maioria inventada para aproveitar a curiosidade do público. L'héritier de l'Ain acabara de publicar as *Memórias de Vidocq*, fabricadas por ele; a duquesa d'Abrantes, amiga de Balzac, estava escrevendo as próprias, autênticas, auxiliada de início pelo romancista. Nada mais natural, pois, num homem sempre necessitado de dinheiro e sempre fértil em planos para enriquecer rapidamente do que pensar em aproveitar a oportunidade e produzir também as “suas” memórias, mais sensacionais do que todas as outras. A ideia de recorrer ao próprio carrasco não era menos notável nem menos decente do que a ideia, mais nova, de publicar as do conde Ciano ou de Eva Braun. Balzac escreveu uma parte; L'héritier de l'Ain, outra. Uma carta de Marco Saint-Hilaire a Dutacq permitiu a identificação da parte feita por Balzac, a qual foi depois incluída nas obras póstumas do romancista sob o título de *Recordações de uma pátria* (*Oeuvres diverses*, I, ed. Conard).

Apesar da ideia sensacional, o livro — de que saíram dois volumes — foi um malogro. Recebido o primeiro adiantamento, os dois coautores não mais acharam urgente o empreendimento e o editor teve de arrancar-lhes os originais folha por folha. É desnecessário dizer que a obra assim produzida não tem o menor valor, nem literário nem documental: é uma colcha de retalhos formada com grande número de anedotas conhecidas e de pormenores horríficos, em que Balzac procurou não sobrepujar o seu desastrado colaborador. Na parte escrita por ele encontramos indícios confirmadores da sua autoria: assim o aparecimento em casa do carrasco do frenólogo dr. Gall, cujas teses Balzac adotara sem reservas, vindo para comprar umas caveiras e expondo sua teoria — com a pronúncia alemã que Balzac atribui sempre ao barão de Nucingen.

Nas *Memórias de Sanson* o “episódio” não tem o mesmo fim que em *A comédia humana*. O reconhecimento do carrasco pelo *padre de Marolles* dá-se não durante a execução dos montanheses, mas muitos anos mais tarde, sob o Império, quando o sacerdote é chamado ao leito de um moribundo que lhe confia uns papéis. Esse moribundo é a mesma pessoa que, durante o Terror, encomendou ao sacerdote uma missa em circunstâncias misteriosas: é o próprio carrasco, e os papéis são as memórias em seguida apresentadas ao leitor.

Quanto à autenticidade do próprio “episódio”, é das mais duvidosas. Embora a sra. de Surville, irmã de Balzac, afirme que o escritor entrevistou o carrasco que executara Luís XVI, o fato é que esta personagem, Charles-Henri Sanson, morreu em 1806, quando Balzac tinha sete anos. É mais provável que ele se tenha avistado com o filho do “executor das altas obras”, que era também seu sucessor no cargo e de quem ele e L’héritier provavelmente obtiveram o direito de usar o nome de Sanson.

PAULO RÓNAI

UM EPISÓDIO DO TERROR

AO SR. GUYONNET MERVILLE¹

Não acha, caro e antigo patrão, necessário explicar às pessoas curiosas que tudo querem saber onde pude eu aprender os métodos processuais para dirigir os negócios do meu pequeno mundo e consagrar aqui a memória do homem amável e espirituoso que dizia a Scribe,² outro ajudante amador de tabelião: “Vá lá ao cartório, asseguro-lhe que temos trabalho”, ao encontrá-lo num baile; mas precisará o senhor deste testemunho público para ter certeza da afeição do autor?

No dia 22 de janeiro de 1793, cerca das oito horas da noite, uma velha senhora, em Paris, descia a rápida eminência que termina em frente à igreja de São Lourenço, no Faubourg Saint-Martin. Caíra tanta neve durante o dia que mal se lhe ouviam os passos. As ruas estavam desertas. O temor natural que o silêncio inspira avolumava-se com todo o terror que fazia a França gemer naquele momento; por isso a velha senhora não encontrara ainda ninguém; sua vista, de há muito enfraquecida, não lhe permitia, de resto, enxergar ao longe, à luz das lanternas, os poucos passantes dispersos como sombras na imensa rua desse bairro. Ia corajosamente só através daquela solidão, como se sua idade fosse um talismã que a devesse resguardar de qualquer desgraça. Depois de ter passado a Rue des Morts, julgou perceber o passo pesado e firme de um homem que vinha caminhando atrás dela. Pareceu-lhe que não ouvia aquele ruído pela primeira vez; assustou-se por ter sido seguida e tentou caminhar mais depressa ainda, a fim de alcançar uma loja bastante iluminada, na esperança de poder comprovar, à luz, as suspeitas que a tinham invadido. Assim que se achou no raio de luz horizontal que saía daquela loja, virou bruscamente a cabeça e entreviu, no nevoeiro, uma forma humana; essa visão indistinta bastou-lhe, cambaleou um momento sob o peso do terror que a dominou, pois não teve então mais dúvida de que fora escoltada por aquele estranho, desde o primeiro passo que dera ao sair de casa, e o desejo de escapar a um espião restituiu-lhe as forças. Incapaz de raciocinar, dobrou o passo, como se fosse possível subtrair-se a um homem necessariamente mais ágil do que ela. Depois de correr durante alguns minutos, chegou à loja de um pasteleiro, entrou e antes caiu do que se sentou numa cadeira colocada em frente ao balcão. No momento em que ela fez ranger o trinco da porta, uma mulher jovem, entretida a bordar, ergueu os olhos, reconheceu através das vidraças a manta de forma antiga e de seda

violeta na qual a velha senhora estava envolta, e apressou-se em abrir uma gaveta para pegar uma coisa que devia entregar-lhe. Não somente o gesto e a fisionomia da jovem exprimiam o desejo de se desembaraçar o mais prontamente possível da desconhecida, como se fosse uma dessas pessoas que não se veem com prazer, mas deixou, além disso, escapar uma expressão de impaciência ao encontrar a gaveta vazia; depois, sem olhar para a mulher, saiu precipitadamente da caixa, foi aos fundos da loja e chamou o marido, que apareceu de repente.

— Onde puseste...? — perguntou-lhe com ar de mistério, indicando-lhe a velha senhora com um olhar, e sem terminar a frase.

Conquanto o pasteleiro não pudesse ver senão a imensa touca cercada de laços de fita violeta que cobria a cabeça da desconhecida, desapareceu depois de ter dirigido à mulher um olhar que parecia dizer: “Julgas acaso que ia deixar aquilo na tua caixa?”. Admirada com o silêncio e a imobilidade da velha senhora, a vendedora voltou para perto dela e, ao vê-la, sentiu-se tomada de compaixão e talvez, também, de curiosidade. Embora a tez daquela mulher fosse naturalmente lívida, como a de uma pessoa entregue a austeridades secretas, era fácil perceber que uma emoção recente nela espalhava uma palidez extraordinária. Seu toucado estava disposto de modo a lhe ocultar os cabelos, sem dúvida embranquecidos pela idade, porquanto o asseio da gola do vestido revelava que ela não usava pó. Essa ausência de enfeite fazia com que sua fisionomia adquirisse uma espécie de severidade religiosa. Suas feições eram graves e altivas. Outrora as maneiras e os hábitos das pessoas da alta sociedade eram tão diferentes daqueles das pessoas pertencentes às outras classes que com facilidade se reconhecia quem era nobre. Por isso, a jovem senhora estava convencida de que a desconhecida era uma *ci-devant*,³ e que pertencera à Corte.

— Senhora? — disse-lhe involuntariamente e com respeito, esquecida de que esse título estava proscrito.

A velha senhora não respondeu. Tinha os olhos fixados na vitrina da loja, como se ali estivesse desenhado um objeto assustador.

— Que tens, cidadã? — perguntou o dono da casa, o qual logo voltara.

O cidadão pasteleiro tirou a dama de seu devaneio, entregando-lhe uma pequena caixa de papelão coberta com papel azul.

— Nada, nada, meus amigos — respondeu ela com voz suave.

Ergueu os olhos para o pasteleiro como para dirigir-lhe um olhar de agradecimento; mas, ao ver-lhe um boné encarnado na cabeça, deixou escapar um grito:

— Ah! o senhor traiu-me?...

A jovem senhora e o marido responderam com um gesto de horror que fez a desconhecida corar, ou por ter suspeitado deles ou de prazer.

— Desculpem-me — disse então com doçura infantil.

Depois, tirando do bolso um luís de ouro, ela o apresentou ao pasteleiro, acrescentando:

— Aqui está o preço convencionado.

Há uma indigência que os indigentes sabem adivinhar. O pasteleiro e a mulher olharam um para o outro, mostrando-se reciprocamente a velha senhora e transmitindo-se um mesmo pensamento. Aquele luís de ouro devia ser o último. As mãos da dama tremiam ao oferecer a moeda, a qual contemplava com dor, mas sem avareza, parecendo contudo conhecer toda a extensão daquele sacrifício. A fome e a miséria estavam gravadas naquele rosto em traços tão legíveis como os do medo e os dos hábitos ascéticos. Havia nos seus trajes vestígios de magnificência; era seda usada, uma capa limpa, embora surrada, rendas cuidadosamente remendadas; enfim, os farrapos da opulência! Os vendeiros, colocados entre a piedade e o interesse, começaram aliviando a consciência, por meio de palavras.

— Mas, cidadã, parece que estás bem fraca...

— A senhora não deseja tomar alguma coisa? — disse a mulher interrompendo o marido.

— Temos um caldo muito bom — acrescentou o pasteleiro.

— Está tão frio! A senhora talvez se tenha resfriado no caminho. Mas pode descansar aqui e se aquecer um pouco.

— Não somos tão feios como o diabo! — exclamou o pasteleiro.

Conquistada pelo tom bondoso que animava as palavras dos carinhosos lojistas, a dama confessou que fora seguida por um estranho e que tinha medo de voltar sozinha para casa.

— É só isso? — replicou o homem de boné encarnado. — Espere-me, cidadã.

Deu o luís à sua mulher; depois, movido por essa espécie de gratidão que se insinua na alma de um negociante quando recebe um preço exorbitante por uma mercadoria de medíocre valor, foi vestir seu uniforme de guarda nacional, pôs o chapéu, afivelou o sabre e reapareceu armado; sua esposa, porém, tivera tempo para refletir. Como em muitos outros corações, a Reflexão fechou a mão aberta da Beneficência. Inquieta e temendo ver o esposo metido em alguma complicação, a mulher do pasteleiro tentou puxá-lo pela aba da casaca, para detê-lo; mas, obedecendo a um sentimento de caridade, o excelente homem ofereceu-se incontinenti à velha dama para acompanhá-la.

— Parece que o homem de quem a cidadã tem medo ainda está rondando aqui pela loja — disse vivamente a jovem senhora.

— É o que receio — disse ingenuamente a dama.

— E se fosse um espião?... Se se trata de uma conspiração? Não vás, e retoma-lhe a caixa...

Essas palavras, sussurradas ao ouvido do pasteleiro por sua mulher, gelaram a coragem improvisada de que ele estava invadido.

— Ora! Vou dizer ao homem duas palavras e a desembaraçarei dele em dois tempos! — exclamou o pasteleiro abrindo a porta e saindo precipitadamente.

A velha dama, passiva como uma criança e quase aparvalhada, tornou a sentar-se na cadeira. O honrado negociante não tardou a voltar; seu rosto, habitualmente vermelho e, de resto, colorido pelas brasas do forno, tornara-se subitamente lívido; agitava-o um tão grande pavor que as pernas lhe tremiam e seus olhos pareciam os de um homem embriagado.

— Queres fazer com que nos cortem o pescoço, miserável aristocrata? — exclamou ele com furor. — Trata de te raspar e nunca mais volte aqui, e não contes comigo para te fornecer elementos de conspiração!

Ao terminar essas palavras, o pasteleiro tentou retomar da velha dama a pequena caixa que ela pusera num dos seus bolsos. Apenas as mãos ousadas do pasteleiro tocaram sua roupa, a desconhecida, preferindo arrostar os perigos do caminho, sem outro defensor além de Deus, a perder o que acabava de comprar, readquiriu a agilidade da mocidade: precipitou-se para a porta, abriu-a bruscamente e desapareceu aos olhos da mulher e do marido, estupefatos e trêmulos. Assim que a desconhecida se viu fora da casa, começou a caminhar rapidamente; mas suas forças pronto a traíram, pois ouviu o espião, pelo qual era implacavelmente seguida, fazendo a neve ranger sob seus pesados passos: foi obrigada a parar. Ele também parou. Ela não se atrevia nem a falar-lhe nem a olhá-lo, ou fosse pelo medo de que estava possuída ou por falta de inteligência. Continuou seu caminho andando lentamente; o homem retardou então o passo, de modo a ficar numa distância que lhe permitia não a perder de vista. Parecia ser a própria sombra daquela velha dama. Davam nove horas, quando o silencioso par tornou a passar pela frente da igreja de São Lourenço. É da natureza de todas as almas, mesmo da mais enfraquecida, que a uma agitação violenta suceda um sentimento de calma, porque, se os sentimentos são infinitos, nossos órgãos têm limites. Assim é que a desconhecida, não sofrendo nenhum mal por parte de seu suposto perseguidor, quis ver nele um amigo secreto, solícito em protegê-la; rememorou todas as circunstâncias que vinham acompanhando os aparecimentos do estranho como que para achar motivos plausíveis para essa consoladora opinião, e aprovou-lhe então reconhecer nele antes boas do que más intenções. Esquecendo o pavor que aquele homem acabava de inspirar ao pasteleiro, adiantou-se com passo firme para a zona alta do Faubourg Saint-Martin. Após meia hora de marcha, chegou a uma casa situada perto do cruzamento formado pela rua principal do arrabalde

com a que leva à Barreira de Pantin. Esse lugar é ainda hoje um dos mais desertos de Paris. O vento frio, ao passar por sobre os outeiros de Saint-Chaumont e de Belleville, soprava por entre as casas, ou melhor, as choupanas, semeadas por aquele vale quase inabitado, onde os tapumes consistiam em muros feitos com terra e ossos. Esse lugar desolado parecia ser o asilo natural da miséria e do desespero. O homem que se encarnicera em perseguir a pobre criatura, bastante ousada para percorrer à noite aquelas ruas silenciosas, pareceu impressionar-se com o espetáculo que se lhe oferecia aos olhos. Ficou pensativo, de pé e numa atitude de hesitação, fracamente iluminado por um lampião cujo clarão indeciso mal atravessava o nevoeiro. O medo deu olhos à velha senhora, que julgou entrever qualquer coisa de sinistro nas feições do desconhecido; sentiu renascer-lhe o terror e aproveitou a espécie de incerteza que detinha aquele homem para deslizar, na sombra, em direção à porta da casa solitária; fez girar uma mola e desapareceu com rapidez fantasmagórica. O desconhecido, imóvel, contemplava aquela casa, que, de algum modo, representava o tipo das miseráveis habitações daquele bairro. O bambaleante pardieiro, construído com pedras irregulares, era revestido de uma camada de reboco amarelado tão cheia de rachas que se temia vê-la ruir ao menor esforço do vento. O telhado, de telhas pardas e cobertas de musgo, cedia em vários lugares, a ponto de fazer crer que ia desabar sob o peso da neve. Cada andar tinha três janelas, cujos caixilhos, apodrecidos pela umidade e desconjuntados pela ação do sol, indicavam que o frio devia penetrar nos quartos. Essa casa isolada assemelhava-se a uma velha torre que o tempo se esquecera de destruir. Uma luz fraca iluminava a mansarda pela qual terminava aquele pobre edifício, ao passo que o resto da casa se achava em completa obscuridade. A velha senhora subiu, não sem dificuldade, a íngreme e grosseira escada, ao longo da qual o apoio era dado por uma corda, à guisa de corrimão; bateu misteriosamente à porta do alojamento que se achava na mansarda e sentou-se com precipitação numa cadeira que um ancião lhe apresentou.

— Esconda-se! esconda-se! — disse-lhe ela. — Apesar de sairmos só raramente, nossas andanças são conhecidas, nossos passos são espionados...

— Que há de novo? — perguntou outra velha, sentada junto ao fogo.

— O homem que desde ontem nos está rondando a casa seguiu-me esta noite...

Ao ouvir essas palavras, os três habitantes daquele pardieiro olharam uns para os outros deixando transparecer nos semblantes os sinais de um profundo pavor. O ancião foi o menos agitado dos três, talvez por ser o que corresse maior perigo. Sob o peso de uma grande desgraça ou sob o jugo da perseguição, um homem corajoso começa,

por assim dizer, por fazer o sacrifício de si mesmo: considera seus dias apenas como outras tantas vitórias conquistadas sobre o destino. Os olhares das duas mulheres, fitos naquele ancião, deixavam perceber com facilidade ser ele o objeto exclusivo da sua viva solicitude.

— Por que descrever de Deus, minhas irmãs? — disse ele com voz surda, porém untuosa — cantávamos seu louvor no meio dos gritos dados pelos assassinos e agonizantes no convento dos Carmelitas.⁴ Se ele quis que eu fosse salvo daquela matança, foi sem dúvida para me reservar um destino que devo aceitar sem murmúrios. Deus protege os seus, pode dispor deles à sua vontade. É das senhoras, e não de mim, que nos devemos ocupar.

— Não — disse uma das duas velhas —; que valem nossas vidas comparadas à de um padre?

— Uma vez que me vi fora da abadia de Chelles, considere-me como morta — disse a religiosa que não saíra.

— Aqui estão as hóstias — disse a que chegara, entregando a pequena caixa ao padre. — Mas — exclamou — ouço alguém subindo os degraus!

Os três puseram-se a escutar. O ruído cessou.

— Não se assustem — disse o padre — se alguém tentar chegar aonde estão. Uma pessoa em cuja fidelidade podemos confiar deve ter tomado suas providências para atravessar a fronteira e virá buscar as cartas que escrevi ao duque de Langeais e ao marquês de Beauséant,⁵ a fim de que eles tomem as medidas convenientes para arrancá-las deste horrível país, à morte ou à miséria que aqui as espera.

— Mas então não nos acompanhará? — exclamaram suavemente as duas religiosas, manifestando-se desesperadas.

— Meu lugar é onde haja vítimas — disse o padre com simplicidade. Ambas calaram-se e olharam para seu hóspede com santa admiração.

— Irmã Marta — disse ele à religiosa que fora buscar as hóstias —, esse enviado deverá responder *Fiat voluntas* à palavra *Hosanna*.

— Há alguém na escada! — exclamou a outra religiosa abrindo um alçapão existente sob o telhado.

Dessa vez foi fácil ouvir, por entre o mais profundo silêncio, os passos de um homem que fazia reboar os degraus recobertos de calosidades produzidas por lama endurecida. O padre meteu-se com dificuldade numa espécie de armário e a religiosa atirou uns trapos em cima dele.

— Pode fechar, irmã Ágata — disse ele com voz abafada.

Assim que o padre se escondeu, três batidas à porta fizeram estremecer as duas santas criaturas, que se consultaram com os olhos sem se animar a proferir uma só palavra. Pareciam ambas ter uns sessenta anos. Segregadas do mundo fazia quarenta anos, eram como plantas habituadas à atmosfera da estufa, e que morrem se dali as

tiram. Acostumadas à vida do convento, não mais podiam conceber outra. Uma manhã, tendo suas grades sido partidas, fremiram ao se sentir livres. Pode-se facilmente imaginar a espécie de imbecilidade factícia que os acontecimentos da Revolução produziram nas suas almas inocentes. Incapazes de harmonizar suas ideias claustrais com as dificuldades da vida, e até mesmo não compreendendo sua situação, assemelhavam-se a crianças que até então tivessem sido cercadas de cuidados e que, abandonadas pela providência materna, rezavam em vez de gritar. Por isso, ante o perigo que previam naquele momento, mantiveram-se mudas e passivas, não conhecendo outra defesa senão a resignação cristã. O homem que pedia para entrar interpretou aquele silêncio a seu modo; abriu a porta e apareceu bruscamente. As duas religiosas tremeram ao reconhecer a personagem que, fazia algum tempo, lhes rondava a casa e tomava informações sobre elas; permaneceram imóveis contemplando-o com inquieta curiosidade, à maneira das crianças selvagens, que examinam silenciosamente os estranhos. Aquele homem era de alta estatura e corpulento; nada, porém, na sua atitude, no seu ar e na sua fisionomia, indicava ser ele um homem mau. Imitou a imobilidade das religiosas, e passou lentamente o olhar pelo quarto em que se achava.

Duas esteiras de palha, atiradas no assoalho, serviam de cama às duas religiosas. Havia no meio do quarto uma única mesa, e em cima dela um castiçal de cobre, alguns pratos, três facas e um pão redondo. O fogo da chaminé era modesto. Algumas achas de lenha, amontoadas num canto, diziam, de resto, da pobreza das duas reclusas. As paredes, revestidas de uma camada de pintura muito antiga, provavam o mau estado do telhado, pelas manchas semelhantes a riscos pardos devidas às infiltrações das águas da chuva. Uma relíquia, salva sem dúvida da pilhagem da abadia de Chelles, ornava o pano da chaminé. Três cadeiras, dois cofres e uma cômoda ordinária completavam o mobiliário daquela peça. Uma porta junto à chaminé fazia supor a existência de um outro quarto.

O inventário daquela cela foi rapidamente feito pelo indivíduo que se introduzira sob tão terríveis auspícios naquele interior. Um sentimento de comiseração estampou-se-lhe no rosto, e ele dirigiu um olhar benevolente para as duas mulheres, tão constrangido quanto elas. O estranho silêncio em que ficaram os três pouco durou, porquanto o desconhecido acabou percebendo a fraqueza moral e a inexperiência das duas pobres criaturas, e disse-lhes então com voz que procurou suavizar:

— Cidadãs, não venho aqui como inimigo...

Deteve-se e corrigiu-se, dizendo:

— Minhas irmãs, se lhes acontecesse alguma desgraça, fiquem certas de que eu em nada teria contribuído para ela. Tenho um favor a

pedir-lhes.

Elas mantiveram-se caladas.

— Se as importuno, se... as constranjo, falem francamente... eu me retirarei; mas fiquem sabendo que lhes sou inteiramente dedicado; que, se lhes posso prestar qualquer serviço, podem dispor de mim sem receio, e que somente eu, talvez, estou acima da lei, já que não há mais rei...

Havia um tal acento de verdade naquelas palavras que a irmã Ágata, aquela das duas religiosas que pertencia à casa de Langeais, e cujas maneiras revelavam ter ela noutros tempos conhecido o brilho das festas e respirado o ar da Corte, apressou-se a oferecer uma das cadeiras como para rogar ao visitante que se sentasse. O desconhecido manifestou uma espécie de alegria mesclada de tristeza ao compreender aquele gesto, e esperou, para acomodar-se, que as duas respeitáveis mulheres se sentassem.

— As senhoras concederam asilo — continuou ele — a um padre venerável, não ajuramentado,⁶ que escapou milagrosamente aos massacres dos carmelitas.

— *Hosanna!* — disse a irmã Ágata interrompendo o desconhecido e olhando-o com inquieta curiosidade.

— Creio que ele não se chama assim — respondeu ele.

— Mas, senhor — disse com vivacidade a irmã Marta —, nós não temos nenhum padre aqui e...

— Nesse caso seria conveniente terem mais cuidado e providência — replicou mansamente o estranho, estendendo o braço sobre a mesa e pegando nela um breviário. — Não creio que saibam latim e...

Não continuou, pois a extraordinária emoção que se desenhou no semblante das duas religiosas fez-lhe temer ter ido longe demais; as duas tremiam e os olhos marejaram-se-lhes de lágrimas.

— Tranquilizem-se — disse ele com voz franca —; sei o nome de seu hóspede e os seus, e faz três dias que estou informado da penúria das senhoras e do seu devotamento pelo venerável padre de...

— Cht — fez ingenuamente a irmã Ágata pondo um dedo nos lábios.

— Como veem, minhas irmãs, se eu tivesse concebido o horrível intento de traí-las, já o poderia ter realizado mais de uma vez...

Ao ouvir aquelas palavras, o padre saiu de sua prisão e surgiu no meio do quarto.

— Não acredito de modo algum — disse ele ao desconhecido — que o senhor seja um dos nossos perseguidores; confio no senhor. Que quer de mim?

A santa confiança do padre e a nobreza difundida em suas feições teriam desarmado assassinos. A misteriosa personagem que viera animar aquela cena de miséria e resignação contemplou durante um instante o grupo formado por aqueles três seres; depois, em tom de

confidência, dirigiu-se ao padre nos seguintes termos:

— Meu pai, vinha suplicar-lhe que celebrasse uma missa de réquiem pelo repouso da alma... de um... de uma pessoa sagrada, cujo corpo jamais repousará em terra santa...

O padre estremeceu involuntariamente. As duas religiosas, não tendo ainda compreendido de que desejava falar o desconhecido, ficaram de pescoço esticado, com o rosto voltado para os dois interlocutores, e em atitude de curiosidade. O eclesiástico examinou o desconhecido: uma ansiedade inequívoca estava impressa em seu rosto e seus olhares exprimiam ardentes súplicas.

— Pois bem — respondeu o padre —, volte hoje, à meia-noite, e estarei pronto para celebrar o único ofício fúnebre que podemos oferecer como expiação do crime de que fala...

O desconhecido estremeceu, mas uma satisfação ao mesmo tempo terna e grave pareceu triunfar de uma dor secreta. Depois de ter respeitosamente saudado o padre e as duas santas mulheres, desapareceu, testemunhando como que uma gratidão muda que foi compreendida por aquelas três almas generosas. Mais ou menos duas horas depois dessa cena, o desconhecido voltou, bateu discretamente à porta do sótão e foi introduzido pela srta. de Beauséant, que o conduziu ao segundo quarto daquele modesto casebre, no qual tudo fora preparado para a cerimônia. Entre dois canos da chaminé, as duas religiosas tinham colocado a velha cômoda, cujos contornos antigos estavam revestidos por uma magnífica toalha de altar de gorgorão verde. Um grande crucifixo de ébano e marfim, preso à parede amarela, fazia-lhe sobressair a nudez e atraía necessariamente os olhares. Quatro círios pequenos e finos, que as irmãs tinham conseguido fixar, com lacre, sobre aquele altar improvisado, esparziam um clarão pálido e debilmente refletido pela parede. Essa luz fraca mal dava para iluminar o resto do quarto; mas, como seu clarão incidia somente sobre as coisas santas, dava a impressão de um raio luminoso caído do céu sobre aquele altar sem ornatos. O chão, de ladrilhos, estava úmido. O teto que, dos dois lados, descia rapidamente, como nos sótãos, tinha algumas fendas pelas quais passava um vento glacial. Nada menos pomposo e, entretanto, nada mais solene do que aquela cerimônia lúgubre. Um silêncio profundo, que teria permitido ouvir o mais leve grito na estrada da Alemanha, espalhava sobre aquela cena noturna uma espécie de majestade sombria. Finalmente, a grandeza da ação contrastava tão intensamente com a pobreza das coisas que daí provinha um sentimento de terror religioso. De cada lado do altar, as duas velhas reclusas, ajoelhadas sobre os tijolos do assoalho sem se inquietarem com sua umidade mortal, rezavam acompanhando o padre, o qual, revestido de suas vestes pontificais, colocava um vaso de ouro enfeitado com pedras preciosas, vaso sagrado salvo sem dúvida da

pillagem da abadia de Chelles. Junto àquele cibório, monumento de uma régia magnificência, a água e o vinho destinados ao santo sacrifício estavam contidos em dois copos dignos apenas da mais reles taberna. À falta de missal, o padre descansara o breviário num canto do altar. Um prato comum estava preparado para a lavagem das mãos inocentes e puras de sangue. Tudo era imenso, porém pequeno; pobre, porém nobre; ao mesmo tempo profano e santo. O desconhecido foi devotamente ajoelhar-se entre as duas religiosas. Mas, de repente, ao ver um crepe no cálice e no crucifixo, porquanto, nada tendo para indicar o destino daquela missa fúnebre, o padre cobrira o próprio Deus de luto, foi o desconhecido assaltado por uma recordação tão poderosa que na sua larga fronte transudaram gotas de suor. Os quatro atores silenciosos daquela cena entreolharam-se misteriosamente; depois, suas almas, agindo umas sobre as outras com emulação, transmitiram-se desse modo seus sentimentos e se confundiram numa comiseração religiosa: dir-se-ia que seus pensamentos haviam evocado o mártir cujos restos tinham sido consumidos por cal viva e que sua sombra estivesse diante deles em toda sua real majestade. Celebravam uma missa em sufrágio da alma de um defunto sem a presença do corpo. Sob aquelas telhas e aquelas ripas separadas, quatro cristãos iam interceder a Deus por um rei de França e fazer seu cortejo fúnebre sem ataúde. Era o mais puro de todos os devotamentos, um ato admirável de fidelidade, sem ideias preconcebidas. Foi, sem dúvida, aos olhos de Deus, como o copo de água que agita as maiores virtudes. Ali estava toda a Monarquia, nas preces de um padre e de duas pobres mulheres; mas, talvez, também estivesse representada a Revolução na pessoa daquele homem cujo semblante traía remorsos bastantes para não se crer que ele satisfizesse os anseios de um imenso arrependimento.

Em vez de pronunciar as palavras latinas: *Introibo ad altare Dei* etc., o padre, por inspiração divina, olhou para os três assistentes que representavam a França cristã e lhes disse, para apagar as misérias daquele pardieiro:

— Vamos entrar no santuário de Deus!

Essas palavras, proferidas com penetrante unção, determinaram nas duas religiosas e no assistente um sagrado pavor. Sob as abóbadas de São Pedro de Roma, Deus não se mostraria mais majestoso do que nesse asilo da indigência, aos olhos daqueles cristãos: tanto é verdade que entre o homem e Ele qualquer intermediário parece inútil e que Deus tira de si mesmo sua grandeza. O fervor do desconhecido era verdadeiro. Por isso, o sentimento que unia as preces daqueles quatro servos de Deus e do rei foi unânime. As santas palavras reboavam como uma música celeste no meio do silêncio. Houve um momento em que o pranto venceu o desconhecido; foi no *Pater noster*. O padre acrescentou-lhe esta oração latina, que, sem dúvida, foi compreendida pelo estranho

visitante:

— *Et remitte scelus regicidis sicut Ludovicus eis remisit semetipse!* E perdoai aos regicidas como o próprio Luís XVI lhes perdoou.

As duas religiosas viram duas grandes lágrimas traçarem um sulco úmido ao longo das másculas faces do desconhecido e caírem ao chão. Foi recitado o ofício dos mortos. O *Domine, salvum fac regem*,⁷ cantado em voz baixa, enterneceu aqueles fiéis realistas, que julgaram estar o menino rei, por quem naquele momento erguiam súplicas ao Todo-Poderoso, cativo nas mãos de seus inimigos. O desconhecido estremeceu ao pensar que podia cometer-se ainda um novo crime, no qual ele seria, sem dúvida, forçado a participar. Depois de terminado o serviço fúnebre, o padre fez sinal às duas religiosas para se retirarem. Apenas se viu só com o desconhecido, dirigiu-se para ele com ar meigo e triste; depois, disse-lhe com voz paternal:

— Meu filho, se tingiu suas mãos com o sangue do rei mártir, confesse-se a mim. Não há faltas que aos olhos de Deus não possam ser redimidas por um arrependimento tão tocante e sincero como parece ser o seu.

Às primeiras palavras proferidas pelo eclesiástico, o desconhecido deixou escapar um gesto de terror involuntário; mas retomou uma atitude calma e olhou com firmeza para o padre admirado.

— Meu pai — disse-lhe com voz visivelmente alterada —, ninguém é mais inocente do que eu pelo sangue derramado.

— Devo crê-lo — disse o padre.

Fez uma pausa durante a qual examinou novamente seu penitente; depois, continuando a tomá-lo por um desses medrosos Convencionais⁸ que entregaram uma cabeça inviolável e sagrada, a fim de conservar a própria, prosseguiu com voz grave:

— Lembre-se, meu filho, de que não basta, para ser absolvido desse grande crime, não ter cooperado para ele. Aqueles que, podendo defender o rei, deixaram sua espada na bainha terão que prestar severas contas ao Rei dos céus... Oh! sim — acrescentou o velho padre agitando a cabeça de um lado para o outro, num gesto expressivo —, sim, bem severas!... porque, permanecendo ociosos, se tornaram cúmplices involuntários desse espantoso delito...

— O senhor acredita que uma participação indireta será castigada? — perguntou o desconhecido, estupefato. — O soldado que foi comandado para formar alas é também culpado?

O padre ficou indeciso. Contente com o embaraço em que pusera aquele puritano da realeza, colocando-o entre o dogma da obediência passiva, que deve, segundo os partidários da Monarquia, dominar os códigos militares, e o dogma igualmente importante que consagra o respeito devido à pessoa do rei, o desconhecido apressou-se em ver na hesitação do padre uma solução favorável às dúvidas que

aparentemente o atormentavam. Depois, para não deixar o venerável jansenista⁹ refletir por mais tempo, disse-lhe:

— Eu coraria se lhe oferecesse um salário qualquer pelo serviço funerário que o senhor acaba de celebrar pelo repouso da alma do rei e pelo descanso da minha consciência. Não se pode pagar uma coisa inestimável a não ser por uma oferenda que também o seja. Digne-se por aceitar, senhor, o dom que lhe faço de uma santa relíquia... Dia virá, talvez, em que o senhor lhe compreenderá o valor.

Ao terminar essas palavras, o desconhecido ofereceu ao eclesiástico uma pequena caixa extremamente leve; o padre tomou-a, por assim dizer, involuntariamente, porquanto a solenidade das palavras daquele homem, o tom com que as proferiu, o respeito com que segurava a caixa haviam-no mergulhado numa profunda surpresa. Foram então para a peça onde as religiosas os esperavam.

— Estão — disse-lhes o desconhecido — numa casa cujo proprietário, Mucius Scaevola,¹⁰ esse estucador que mora no primeiro andar, é célebre na seção por seu patriotismo; mas, secretamente, está ligado aos Bourbon. Antigamente era criado de sua excelência o príncipe de Conti, ao qual deve sua fortuna. Não saindo da casa dele, estão aqui mais seguros do que em qualquer outro lugar da França. Fiquem. Serão atendidas em suas necessidades por almas piedosas e poderão esperar, sem perigo, tempos melhores. Dentro de um ano, no dia 21 de janeiro... — ao pronunciar essas últimas palavras ele não pôde dissimular um movimento involuntário —, se adotarem este triste lugar como asilo, voltarei para celebrarmos a missa expiatória...

Não terminou. Saudou os mudos habitantes do sótão, dirigiu um último olhar para os sintomas que diziam da sua indigência e desapareceu.

Para as duas inocentes religiosas semelhante aventura tinha o sabor de um romance; por isso, assim que o venerável abade as informou do misterioso presente tão solenemente feito por aquele homem, elas colocaram a caixa em cima da mesa e os três semblantes, inquietos, fracamente iluminados pela vela, traíram uma curiosidade indescritível. A srta. de Langeais abriu a caixa, achando nela um lenço de cambraia muito fina, sujo de suor, e, desdobrando-o, verificaram a existência de manchas.

— É sangue!... — disse o padre.

— Está marcado com a coroa real! — exclamou a outra irmã.

As duas religiosas deixaram, horrorizadas, cair a preciosa relíquia. Para aquelas duas almas ingênuas, o mistério de que se cercava o desconhecido tornou-se inexplicável; e, quanto ao padre, desde esse dia, não mais tentou explicá-lo.

Os três prisioneiros não tardaram a perceber que, apesar do Terror, uma poderosa mão se estendia sobre eles. Primeiro, receberam lenha e

provisões; depois, as duas religiosas descobriram que uma mulher estava associada ao seu protetor, quando lhes mandaram roupa branca e vestimentas que lhes permitiam sair sem serem notadas pelas modas aristocráticas dos trajes que tinham sido forçadas a conservar; finalmente, Mucius Scaevola deu-lhes dois cartões cívicos. Com frequência, conselhos necessários à segurança do padre lhe chegavam por vias indirectas; e ele reconheceu tamanha oportunidade naqueles conselhos que concluiu não poderem ser dados senão por uma pessoa iniciada nos segredos do Estado. Apesar da fome que reinou em Paris, os proscritos acharam na porta de seu pardieiro *pão branco* que para ali era regularmente levado por mãos invisíveis; não obstante, julgaram reconhecer em Mucius Scaevola o misterioso agente daquela beneficência, sempre tão engenhosa quanto inteligente. Os nobres habitantes do sótão não podiam duvidar que seu protetor fosse a personagem que viera fazer celebrar a missa expiatória na noite de 22 de janeiro de 1793; por isso tornou-se ele objeto de um culto todo especial por parte daqueles três seres, que só nele tinham esperanças e só viviam devido a ele. As suas preces habituais acrescentaram preces especiais por ele; noite e dia, aquelas almas piedosas faziam votos pela felicidade dele, por sua prosperidade, por sua salvação; suplicavam a Deus que afastasse dele todas as ciladas, que o livrasse dos seus inimigos e lhe concedesse vida longa e tranquilidade. A gratidão dos três, renovando-se, por assim dizer, todos os dias, aliou-se necessariamente a um sentimento de curiosidade que dia a dia se tornou mais vivo. As circunstâncias que haviam cercado o aparecimento do desconhecido eram tema de suas conversações; sobre ele formaram mil conjecturas, e era uma nova espécie de benefício e distração de que ele era causa para eles. A si mesmos se prometiam não deixar o desconhecido fugir à sua amizade, na noite em que ele voltasse, segundo prometera, a fim de celebrar o triste aniversário da morte de Luís XVI. Essa noite, tão impacientemente esperada, chegou finalmente. À meia-noite, o ruído dos passos pesados do desconhecido repercutiu na velha escada de madeira; o quarto tinha sido enfeitado para recebê-lo, o altar fora armado. Dessa vez, as irmãs abriram a porta com antecipação, e as duas, sollicitamente, iluminaram a escada. A srta. de Langeais chegou a descer alguns degraus para mais cedo ver seu benfeitor.

— Venha — disse-lhe ela com voz comovida e afetuosa —, venha... esperam-no.

O homem ergueu a cabeça, dirigiu um olhar sombrio à religiosa e não respondeu; ela sentiu como que um manto de gelo cair-lhe sobre os ombros, e calou-se; ante o aspecto do visitante, a gratidão e a curiosidade morreram em todos os corações. Talvez ele estivesse menos frio, menos taciturno, menos terrível do que pareceu àquelas almas,

cujos sentimentos exaltados predispunham às expansões de amizade. Os três pobres prisioneiros, que compreenderam querer aquele homem continuar sendo para eles um estranho, resignaram-se. O padre julgou notar nos lábios do desconhecido um sorriso prontamente reprimido, no momento em que percebeu os preparativos que tinham sido feitos para recebê-lo; ouviu a missa e rezou; mas desapareceu depois de responder com poucas palavras de polidez negativa ao convite que lhe fez a srta. de Langeais para partilhar a frugal colação preparada.

Depois do 9 de termidor,¹¹ as religiosas e o padre de Marolles puderam andar em Paris, sem correr o menor perigo. A primeira saída do velho padre foi para ir a uma loja de perfumarias, de nome A Rainha das Rosas, atendida pelo cidadão e pela cidadã Ragon,¹² antigos perfumistas da Corte, que permaneceram fiéis à família real, e de cuja casa se serviam os vendeanos para se corresponder com os príncipes e o comitê realista de Paris. O padre, trajado como o exigia a época, estava na soleira da porta dessa loja, situada entre São Roque e a Rue des Frondeurs, quando uma multidão, que enchia a Rue Saint-Honoré, o impediu de sair.

— Que há? — perguntou ele à sra. Ragon.

— Não é nada — respondeu ela —, é a carreta e o carrasco que vão para a Place Louis xv. Ah! muitas vezes o vimos no ano passado; mas hoje, quatro dias depois do aniversário de 21 de janeiro, pode-se olhar esse horrível cortejo sem pesar.

— Por quê? — disse o padre. — O que a senhora diz não é cristão.

— Ora! é a execução dos cúmplices de Robespierre;¹³ defenderam-se tanto quanto puderam, mas por sua vez vão para onde mandaram tantos inocentes.

A multidão passou como uma onda. Por sobre as cabeças, o padre de Marolles, cedendo a um movimento de curiosidade, viu de pé, na carreta, aquele que, três dias antes, ouvira sua missa.

— Quem é? — perguntou — aquele que...

— É o carrasco — respondeu o sr. Ragon, designando o executor de alta justiça por seu nome monárquico.

— Meu amigo, meu amigo — bradou a sra. Ragon —, o senhor padre está morrendo!

E a velha dama pegou um frasco de vinagre aromático para fazer o velho padre desmaiado voltar a si.

— Sem dúvida ele me deu — disse este — o lenço com que o rei secou a fronte, ao ir para o martírio... Pobre homem!... A faca de aço teve coração, quando toda a França carecia dele.

Os perfumistas julgaram que o pobre padre estava delirando.

UM CASO
TENEROSO

RELAÇÃO DE TÍTULOS DE AUTORIA

INTRODUÇÃO

Um caso tenebroso (em francês: *Une ténébreuse affaire*), apesar de ser um dos romances menos lembrados de Balzac, está se revestindo da maior atualidade por versar um assunto que poderíamos ter considerado particular à nossa época perturbada: um sequestro. O fato é que esses tipos de crimes eram praticados no começo do século XIX sem muito escrúpulo e com bastante êxito, mesmo por estadistas como Napoleão. Sua maior façanha nesse campo foi o rapto em território alemão, e a execução, em Vincennes, em 1804, do duque d'Enghien, que seus admiradores fervorosos gostariam de fazer esquecer até hoje.

Houve outros raptos famosos na época, entre eles o do senador conde Clément de Ris, arrancado a seu castelo de Beauvais por um bando de ladrões, mas resgatado dezoito dias depois são e salvo pela polícia. As circunstâncias de sua libertação nunca foram totalmente esclarecidas, mas o caso chegou a julgamento.

Segundo Félix Longaud (*Dictionnaire de Balzac*), os historiadores concordam em afirmar que se tratava de uma maquinação de Fouché, ministro da Polícia, que urdiu uma conspiração com Talleyrand e Clément de Ris contra Bonaparte, quando este se encontrava na Itália. A vitória de Marengo frustrou as esperanças dos conjurados. Fouché achou necessário suprimir os vestígios e apoderar-se dos documentos comprometedores que Clément de Ris guardava em seu castelo. Todo o rapto não teria tido outro motivo. Mas como Bonaparte, ao retornar, ia exigir explicações, Fouché envolveu no sequestro e mandou julgar e executar um grupo de jovens monarquistas inocentes.

O nosso romancista tinha informações de primeira mão sobre esse processo, pois seu pai, Bernard-François Balzac, era familiar do senador (segundo relata Suzanne J. Bérard na Introdução da nova edição da *Pléiade*), e utilizou a trama para *Um caso tenebroso*. Alterou os nomes das pessoas e dos lugares, as datas e diversos pormenores da intriga, mas manteve a cumplicidade da polícia e o castigo dos réus inocentes em cuja culpabilidade ninguém acreditava. E assim nasceu este magnífico romance sobre a situação da França sob o Consulado.

A grande maioria das narrativas que compõem *A comédia humana* desenrola-se no período que vai de 1814 a 1848, abrangendo a Restauração e a Monarquia de Julho, épocas de que o autor foi testemunha e observador. O romance histórico, na obra de Balzac, é apenas um acidente; em vez de romancear as épocas passadas, ele pretendia historiar a sua própria época.

Era, porém, impossível escrever a história desse tempo sem

remontar ao Império, cujo ponto de partida, por sua vez, é a Revolução Francesa de 1793. Daí aparecer no catálogo publicado por Balzac, em 1845, das obras que deviam formar *A comédia humana* uma série de títulos sugestivos destinados a romances que, infelizmente, nunca foram escritos, e que formariam como que a pré-história do grande mural contemporâneo que Balzac esboçava. Que pena não terem nascido livros como *Os soldados da República*, ou *Os franceses no Egito*, ou *As portas de Viena*, cada um em três episódios, ou *Os ingleses na Espanha*, ou ainda, *Moscou!* O único desses estudos preparatórios que chegou a ser terminado, *A Bretanha em 1799*, não dá ideia fiel do que seriam os demais, pois é obra do período em que Balzac, ainda à procura de seu caminho, estava na dependência excessiva de Walter Scott, nem previa ainda o plano e as proporções gigantescas do seu próprio ciclo.

Foram analisadas por vários estudiosos as diferenças entre esses dois escritores. Parece-me, porém, que a mais importante ainda não foi suficientemente sublinhada. Walter Scott procurava nas idades passadas o que elas tinham de pitoresco, de peculiar, isto é, diverso do presente. Quanto a Balzac, a história interessava-o sobretudo como repositória dos germes da fase contemporânea. Depois de ter levantado o arquivo mais completo possível de sua época, percebeu por quantas raízes esta se prendia aos dois grandes eventos que a precederam, o Império e a Revolução. Nesse pormenor o nosso “historiador dos costumes” se parece com o grande historiador da Antiguidade, Tácito, o qual, depois de relatar, nas *Histórias*, os acontecimentos que presenciou, achou necessário remontar, nos *Anais*, às origens desses acontecimentos.

Não esqueçamos tampouco que Balzac foi alguns anos antes o primeiro crítico entusiástico de *A cartuxa de Parma*, de Stendhal, em que o relatório da batalha de Waterloo mudou radicalmente a visão histórica no romance; o exemplo deve ter-lhe servido de impulso. O Malin do romance é Clément de Ris; como este, sobrenada nas agitadas superfícies da Revolução, do Terror, do Diretório, do Consulado, do Império, da Primeira Restauração, dos Cem Dias, e consegue aportar na Segunda Restauração, tornando-se pessoa grata e indispensável a Luís XVIII.

Como os romances de Balzac em geral, *Um caso tenebroso* foi primeiro publicado em folhetim, em *Le Commerce*, de 14 de janeiro a 20 de fevereiro de 1841. Depois da publicação em livro, em 1843, Balzac escreve à condessa Hanska: “*Um caso tenebroso* está fazendo um grande caminho. O fato é que é mesmo uma obra muito forte, verdadeira quanto ao acontecimento e verdadeira quanto aos pormenores”. Poderia ter acrescentado: verdadeira quanto à atmosfera histórica. “Não sei de nenhum outro romance nem, talvez, de nenhum livro de história

em que se tenha reconstituído melhor a pesada atmosfera que foi a respirada pela França de 1804 a 1812”, diz Brunetière em *Honoré de Balzac*, e acrescenta: “Depois de ler *A polícia e os chouans sob o Primeiro Império*, de Ernest Daudet, ver-se-á que os meios policiais dos agentes de Balzac fazem menos honra à sua imaginação do que à fidelidade da sua observação”.

As poucas páginas deste romance em que aparece Napoleão na véspera da batalha de Iena, aparecimento preparado e anunciado por todo o livro, fazem-nos deplorar que Balzac não tenha podido realizar o seu projetado ciclo do Império. A figura de Napoleão, a quem ele admirava (“Quero conseguir pela pena o que ele realizou com a espada!”), mas julgava ao mesmo tempo com clarividência, avulta aí com extraordinário relevo. Antes da publicação dos principais estudos históricos sobre o imperador, Balzac percebia nitidamente as forças e as fraquezas daquele homem excepcional, via-o ora conduzir a história, ora ser carregado por ela.

Alguém poderia dizer que a personagem principal do livro, o senador Malin, está apenas esboçada. Talvez haja intenção em deixar no segundo plano essa figura misteriosa, de contornos apagados, influente em qualquer regime pela sua descomunal capacidade de não apresentar personalidade própria e adaptar-se às exigências do momento.

Admiráveis os retratos das personagens aristocráticas e a reprodução de suas várias atitudes para com o regime imperial, atitudes que vão da conspiração armada ao desprezo silencioso, daí à aceitação passiva e até à colaboração; assim como o comportamento das demais personagens, determinado por seus antecedentes históricos e por suas relações com os antigos e com os novos donos do castelo de Gondreville.

Na apresentação do retrato de Michu, alguns leitores poderiam ver falta de habilidade nas repetidas predições que faz Balzac do triste fim de seu herói. Mas um crítico do porte de Alain, em *Avec Balzac*, não participa dessa opinião: “O que é notável é que o nosso pressentimento não deixará de ser enganado; e, quando o julgarmos verificado, nós nos enganaremos ainda. Todo o romance é feito de falsos clarões que se acendem e se apagam. A fraqueza do romance de segredos consiste frequentemente em que vem um momento em que se sabe tudo. Aqui o fim está colocado um pouco depois do fim... Não há romance feito com mais arte”.

A heroína da narrativa, a condessa de Cinq-Cygne, é uma personagem romântica. Mas convém especificar que não o é em virtude do método da representação, pois Balzac molda-a sem exageros e inverossimilhanças psicológicas; é romântica por encarnar um tipo real da sociedade romântica, de que o escritor via tantos espécimes na vida

real. As fantásticas tentativas de levantar da duquesa de Berry, seus empreendimentos quixotescos, estavam em todas as memórias.

Todas as molas da arte romanesca, por assim dizer, foram aproveitadas neste livro opulento: as peripécias da história; a realidade e a lenda napoleônica; a oposição das classes sociais, especialmente da antiga nobreza despojada e da nova, enriquecida à custa daquela; o amor de uma mulher a dois gêmeos, sem possibilidade de escolha (imagine-se o partido que um Dumas tiraria desse “achado”, e veja-se a sobriedade com que Balzac o trata e o torna plausível); a vingança; a ambição; o orgulho; a dupla personalidade; a intervenção da polícia e da Justiça, inquéritos e sessões de tribunal (e a implícita demonstração de quão poucas probabilidades tem a justiça humana de elucidar um caso algo complicado).

Mas onde o romance culmina é no fim, aquela explicação do mistério num salão dezenas de anos mais tarde. Observe-se que a extraordinária força sugestiva desse último capítulo não está na habilidade, tão corriqueira entre os autores de romances policiais, de desvendar um por um os segredos acumulados, de desenredar todos os fios da trama. Pelo contrário, no caso tenebroso de Balzac, mesmo depois de todas as explicações, permanecem uns cantos obscuros, recurso engenhoso do romancista para fazer sentir a inextricabilidade da história, cujos acontecimentos nunca podem ser integralmente esclarecidos. Nesse capítulo final o poder do artista patenteia-se em mostrar como em trinta anos as paixões, o amor, o orgulho, a vingança, as forças mais vivas do coração, se transformam em recordações vagas, sombra e pó, isto é, em história.

Todos os leitores sentem a magia desse final, e Alain, no ensaio já citado, arrola um testemunho ilustre a esse respeito:

“Sobretudo essa luz amortecida, esse desenlace longínquo por si, essa distância das coisas reveladas, esse interesse expirante, esse ministro que se vai embora, tudo exprime milagrosamente a extrema precaução da polícia e seu passo de gato. Paul Valéry, que não lê (ou pelo menos diz não ler) muitos romances, confessou-me, não faz muito tempo... que experimentara o choque da grande arte neste trecho.”

E Philippe Bertault, em *Balzac*, ainda a respeito desse mesmo trecho, observa: “Reunir um conjunto de tais conjunturas é o indício do gênio”.

UM CASO TENEBROSO

AO SR. DE MARGONNE,¹
seu hóspede reconhecido do castelo de Saché
DE BALZAC

I — O JUDAS

O outono do ano de 1803 foi um dos mais belos do primeiro período deste século, período que denominamos Império. Em outubro, algumas chuvas haviam refrescado as campinas, as árvores ainda estavam verdes e com suas folhas, em meados de novembro. Por esse motivo, o povo começava a admitir entre o céu e Bonaparte, que fora proclamado cônsul vitalício, um entendimento, ao qual esse homem deveu parte de seu prestígio; e, coisa estranha!, no dia em que, no ano de 1812, o sol lhe faltou, cessaram as suas prosperidades.

A 15 de novembro desse ano, cerca das quatro horas da tarde, o sol como que esparzia uma poeira rubra sobre os cimos centenários de quatro fileiras de olmos, de uma comprida alameda senhorial; fazia brilhar o saibro e as moitas de ervas de uma dessas áreas circulares que se encontram nas propriedades rurais, onde a terra, antigamente, custava tão pouco que podia ser sacrificada para a ornamentação. Era tão puro o ar, a atmosfera tão suave, que uma família tomava a fresca, naquele momento, como se fosse verão.

Um homem trajando um casaco de caça de cotim verde, com botões da mesma cor, e calções do mesmo pano, com sapatos de sola fina e polainas de cotim que subiam até o joelho, estava limpando uma carabina com o cuidado que essa ocupação merece dos caçadores caprichosos, em momentos de folga. Esse homem não tinha bolsa de caça, nem caça, que indicasse quer a partida para uma caçada, quer a volta de uma tal excursão, e duas mulheres, sentadas junto dele, olhavam-no e pareciam dominadas por um terror mal disfarçado.

Quem quer que, escondido nas moitas, tivesse podido contemplar a cena teria sem dúvida estremecido, como estremeciam a velha sogra e a mulher daquele homem. Evidentemente um caçador não toma precauções tão minuciosas para matar a caça, nem usa, no departamento do Aube, uma pesada carabina canelada.

— Estás querendo matar algum cabrito montês, Michu? — disse-lhe a sua linda e jovem esposa, tratando de mostrar-se com ar risonho.

Antes de responder, Michu examinou seu cão, o qual, deitado ao sol,

com as patas estendidas para a frente e o focinho repousando entre elas, na encantadora atitude dos cães de caça, acabava de levantar a cabeça e farejava alternativamente para a frente, na direção da avenida de um quarto de légua de comprimento e na de um caminho transversal que desembocava à esquerda, na rotunda.

— Não — respondeu Michu —, mas um monstro que não quero errar, um lobo-cerval.

O cão, um magnífico sabujo, de pelo comprido, branco, manchado de pardo, rosnou.

“Bom”, disse Michu, falando consigo mesmo, “são espiões! A região está infestada.”

A sra. Michu ergueu dolorosamente os olhos para o céu. Bonita, loura, de olhos azuis, modelada como uma estátua antiga, pensativa e concentrada, parecia devorada por um negro e amargo desgosto.

O aspecto do marido podia, até certo ponto, explicar o terror das duas mulheres. As leis da fisionomia são exatas, não só na sua aplicação ao caráter mas também relativamente à fatalidade da existência. Há fisionomias proféticas. Se fosse possível — e essa estatística viva interessa a sociedade — ter-se um desenho exato de quantos morrem no cadafalso, a ciência de Lavater e de Gall² provaria irrecusavelmente que na cabeça dessas pessoas, mesmo dos inocentes, havia sinais estranhos. Sim, a fatalidade põe sua marca no semblante daqueles que devem morrer de qualquer morte violenta! Ora, esse estigma visível aos olhos do observador estava impresso no rosto expressivo do homem da carabina.

Pequeno e atarracado, brusco e ágil como um macaco, embora de temperamento calmo, Michu tinha as faces alvas, injetadas de sangue, achatadas como as de um calmuco, e às quais cabelos ruivos, encarapichados, davam uma expressão sinistra. Seus olhos amarelados e claros tinham, como os do tigre, uma profundidade interior, na qual ia perder-se o olhar de quem o examinava, sem neles achar movimento ou calor. Fixos, luminosos e rígidos, aqueles olhos acabavam apavorando. A oposição constante da imobilidade dos olhos à vivacidade do corpo aumentava ainda mais a impressão glacial que causava Michu à primeira vista. A ação, rápida nesse homem, devia obedecer a um pensamento único, assim como nos animais a vida, sem reflexão, obedece ao instinto.

Desde 1793, ele tinha disposto sua barba ruiva em leque. Mesmo que ele não tivesse, durante o Terror, sido presidente de um clube de jacobinos,³ aquela particularidade do seu rosto tê-lo-ia, por si só, tornado terrível de ver. Aquele rosto socrático, de nariz achatado, era coroado por uma belíssima fronte, mas tão arqueada que parecia pender sobre ele. As orelhas bem destacadas tinham uma certa mobilidade como as dos animais selvagens, sempre alertas. A boca,

entreaberta por um hábito bastante comum entre os camponeses, deixava ver dentes fortes e brancos como amêndoas, porém irregulares. Suíças espessas e brilhantes enquadravam aquele rosto, que em certos lugares era branco e noutros violáceo. Os cabelos cortados rentes na frente, compridos sobre as faces e na parte posterior da cabeça, faziam sobressair perfeitamente, pelas suas tonalidades fulvas, tudo o que havia de estranho e de fatal naquela fisionomia. O pescoço, curto e grosso, era de tentar o gládio da lei. Naquele momento o sol, apanhando de lado aquele grupo, iluminava em cheio as três cabeças, que o cão de quando em quando mirava.

De resto, a cena se passava num magnífico teatro. Aquela área circular achava-se na extremidade do parque de Gondreville, uma das mais ricas terras da França e, sem contestação, a mais bela do departamento do Aube: magníficas alamedas de olmos, castelo construído segundo os desenhos de Mansart,⁴ parque de mil e quinhentos arpentos, cercado de muros, nove grandes herdades, uma floresta, moinhos e prados. Essa terra quase régia pertencia antes da Revolução à família de Simeuse. Ximeuse é um feudo situado na Lorena. O nome se pronunciava Simeuse, e por fim acabaram escrevendo-o de acordo com a pronúncia.

A grande fortuna dos Simeuse, gentis-homens ligados à casa de Borgonha, remonta ao tempo em que os Guise ameaçaram os Valois. Richelieu, primeiro, e depois Luís XIV não esqueceram o devotamento dos Simeuse à facciosa casa de Lorena e os repeliram. O então marquês de Simeuse, velho borgonhês, velho guisista, velho liguista, velho frondista (herdara os quatro grandes rancores da nobreza⁵ contra a realeza) veio viver em Cinq-Cygne. Esse cortesão, repellido do Louvre, tinha desposado a viúva do conde de Cinq-Cygne, o ramo mais moço da famosa casa de Chargebœuf, uma das mais ilustres do velho condado de Champanha, mas que se tornou tão célebre e mais opulento do que o ramo primogênito. O marquês, um dos homens mais ricos desse tempo, em vez de se arruinar na Corte, construiu Gondreville, organizou as propriedades, acrescentando-lhes novas terras, unicamente para se proporcionar terrenos de caça. Construiu igualmente, em Troyes, o solar de Simeuse, a pequena distância do palácio de Cinq-Cygne. Essas duas velhas casas e o arcebispado foram durante muito tempo em Troyes as únicas casas de pedra. O marquês vendeu Simeuse ao duque de Lorena. Seu filho dissipou as economias e um pouco dessa grande fortuna no reinado de Luís XV; esse filho, porém, tornou-se primeiro chefe de esquadra, depois vice-almirante, e reparou as loucuras da mocidade com brilhantes serviços. O marquês de Simeuse, filho desse marujo, perecera no cadafalso em Troyes, deixando dois filhos gêmeos que emigraram e que naquele momento se achavam no estrangeiro, partilhando a sorte da casa de Condé.

Aquela rotunda fora outrora o ponto de encontro para as caçadas do Grande Marquês. Assim denominavam na família o Simeuse que erigira Gondreville.

Desde 1789, Michu habitava aquele local, situado no interior do parque, construído no tempo de Luís XIV e chamado o pavilhão de Cinq-Cygne. A aldeia de Cinq-Cygne está na extremidade da floresta de Nodessme (corrutela de Notre-Dame), para a qual vai a avenida de quatro fileiras de olmos, onde Couraut farejava espiões. Desde a morte do Grande Marquês, aquele pavilhão estava completamente descurado. O vice-almirante frequentou muito mais o mar e a Corte do que a Champanha, e seu filho deu aquele pavilhão desmantelado por moradia a Michu.

Essa nobre edificação é de tijolo, ornamentada com pedras vermiculadas nos cantos, nas portas e janelas. De cada lado abre-se uma grade de um belo trabalho, mas corroída pela ferrugem. Depois da grade segue-se um largo e profundo fosso, de onde se erguem árvores vigorosas e cujos parapeitos são erizados de arabescos de ferro que apresentam suas inúmeras pontas aos malfeitores.

Os muros do parque não começam senão além da circunferência gerada pela rotunda. Por fora, a magnífica meia-lua é desenhada por taludes plantados de olmos, da mesma forma que a que lhe corresponde no parque é formada por maciços de árvores exóticas. Assim, o pavilhão ocupa o centro da rotunda formada por essas duas ferraduras.

Michu fizera das antigas salas do andar térreo uma cocheira, um estábulo, uma cozinha e um depósito de lenha. O único vestígio do antigo esplendor é uma antecâmara lajeada de mármore preto e branco, para onde se entra, do lado do parque, por uma dessas portas-janelas envidraçadas com pequenos vidros quadrados, como ainda havia em Versalhes, antes que Luís Filipe tivesse feito desse centro o hospital das glórias da França. No interior, esse pavilhão é dividido por uma velha escada de madeira carunchada, mas de muito estilo, que conduz ao primeiro andar, onde se encontram cinco quartos não muito altos, acima dos quais se estende uma imensa água-furtada.

Esse venerável edifício é encimado por uma dessas grandes cumeeiras de quatro faces, cujas arestas são ornadas com dois ramos de chumbo, e ventilado por quatro desses olhos de boi que Mansart apreciava com razão, porque em França o ático e os telhados chatos à italiana são um disparate contra o qual o clima protesta. Michu ali guardava a sua forragem.

Toda a extensão do parque em torno a esse velho pavilhão é disposta à inglesa. A cem passos, um ex-lago, transformado simplesmente num charco bem povoado de peixes, atesta sua presença tanto por uma leve bruma por cima das árvores como pelo coxar de mil rãs, sapos e outros

anfíbios tagarelas, ao pôr do sol. A vetustez das coisas, o profundo silêncio do bosque, a perspectiva da avenida, a floresta ao longe, mil detalhes, os ferros mordidos pela ferrugem, as massas de pedra aveludadas pelo musgo, tudo poetiza essa construção que ainda existe.

No momento em que esta história começa, Michu estava encostado num dos parapeitos musgosos, sobre o qual se viam sua bolsa de pólvora, seu casquete, seu lenço, uma chave de parafuso, trapos, enfim, todos os utensílios necessários para a sua suspeita operação. A cadeira de sua esposa estava encostada ao lado da porta exterior do pavilhão, por cima da qual existiam ainda as armas de Simeuse ricamente esculpidas com seu belo lema: *Si meus!*⁶ A mãe, vestida como camponesa, pusera sua cadeira em frente à sra. Michu para que esta ficasse com os pés em cima de uma das travessas, ao abrigo da umidade.

— O pequeno está aí? — perguntou Michu à mulher.

— Anda em torno do charco; tem loucura pelas rãs e pelos insetos — disse a mãe.

Michu deu um assobio de fazer tremer. A presteza com que o filho ocorreu demonstrava o despotismo exercido pelo administrador de Gondreville. Michu, desde 1789, mas sobretudo desde 1793, era pouco mais ou menos o dono daquelas terras. O terror que inspirava à esposa, à sogra, a um criadinho chamado Gaucher e a uma criada chamada Mariana era partilhado num raio de dez léguas.

Talvez não devamos tardar mais tempo em dar o motivo desse sentimento, o qual, de resto, completará o retrato de Michu, no moral.

O velho marquês de Simeuse desfizera-se de seus bens em 1790; mas tendo-se-lhe antecipado os acontecimentos, não pudera confiar a mãos fiéis sua bela terra de Gondreville. Acusado de corresponder-se com o duque de Brunswick e com o príncipe de Coburgo,⁷ o marquês de Simeuse e a mulher foram presos e condenados à morte pelo tribunal revolucionário de Troyes, presidido pelo pai de Marta. Aquela propriedade foi pois vendida como bem nacional.

No momento da execução do marquês e da marquesa, notaram, não sem certo horror, a presença do guarda-geral da propriedade de Gondreville, o qual, feito presidente do clube dos jacobinos de Arcis, veio a Troyes para assistir àquela cerimônia. Filho de um simples camponês e órfão, Michu, que recebera inúmeros favores da marquesa, a qual lhe dera o posto de guarda-geral, depois de o ter criado no castelo, foi considerado um Brutus pelos exaltados;⁸ mas todos na região se afastaram dele após esse rasgo de ingratidão. O comprador foi um homem de Arcis, chamado Marion, neto de um intendente da casa de Simeuse. Esse homem, advogado antes e depois da Revolução, teve medo do guarda; fez dele seu administrador, dando-lhe três mil francos de ordenado e interesse nas vendas. Michu, que já era tido como

possuidor de uma dezena de mil francos, desposou, protegido por sua reputação de patriota, a filha de um curtidor de Troyes, apóstolo da Revolução nessa cidade em que presidia o tribunal revolucionário. Esse curtidor, homem de convicções, que pelo caráter se assemelhava a Saint-Just,⁹ viu-se mais tarde envolvido na conspiração de Babeuf¹⁰ e suicidou-se para fugir a uma condenação. Marta era a mais bela moça de Troyes. Por isso, apesar de sua comovente modéstia, fora forçada por seu temível pai a representar a deusa da Liberdade numa cerimônia republicana. O comprador, em sete anos, não foi três vezes a Gondreville. Seu avô fora o intendente dos Simeuse; todos em Arcis acreditavam então que o cidadão Marion representava os srs. de Simeuse.

Enquanto durou o Terror, o administrador de Gondreville, patriota devotado, genro do presidente do tribunal revolucionário de Troyes, adulado por Malin (do Aube), um dos representantes do departamento, viu-se cercado de uma espécie de respeito. Quando, porém, a Montanha¹¹ foi derrotada, quando seu sogro se matou, Michu tornou-se um bode expiatório; todos se apressaram em lhe atribuir, bem como a seu sogro, atos a que, no que lhe dizia respeito, era ele perfeitamente estranho. O administrador revoltou-se contra a injustiça da multidão e, resistindo, assumiu uma atitude hostil. Sua palavra tornou-se audaciosa.

Entretanto, desde o 18 de brumário,¹² ele conservava o profundo silêncio que é a filosofia das criaturas fortes; não mais lutava contra a opinião geral, contentava-se em agir; esse sábio procedimento fez com que o considerassem um dissimulado, porquanto ele possuía em terras uma fortuna de mais ou menos cem mil francos. Em primeiro lugar, ele nada gastava; depois, essa fortuna lhe vinha legitimamente, tanto da herança do sogro como dos seis mil francos anuais que seu posto lhe rendia, em vantagens e ordenados. Embora ele fosse administrador já fazia doze anos, embora todos pudessem fazer as contas de suas economias, quando, no início do Consulado, ele comprou uma herdade por cinquenta mil francos, ergueram-se acusações contra o antigo partidário da Montanha; os habitantes de Arcis atribuíam-lhe a intenção de recuperar a consideração fazendo uma grande fortuna. Infelizmente, no momento em que todos o iam esquecendo, um caso idiota, envenenado pelos diz que diz que da campanha, reavivou a crença geral na ferocidade de seu caráter.

Uma tarde, na saída de Troyes, em companhia de alguns camponeses, entre os quais se achava o granjeiro de Cinq-Cygne, ele deixou cair um papel na estrada real; aquele granjeiro que vinha por último abaixa-se e apanha o papel; Michu vira-se, vê o papel nas mãos do homem, puxa em seguida a pistola da cintura, arma-a e ameaça o granjeiro, que sabia ler, de arrebentar-lhe os miolos se abrisse o papel.

A ação de Michu foi tão rápida e tão violenta, o som de sua voz tão apavorante, seus olhos tão chamejantes, que todos, de medo, sentiram frio. O granjeiro de Cinq-Cygne era, naturalmente, um inimigo de Michu.

A srta. de Cinq-Cygne, prima dos Simeuse, possuía como única fortuna uma herdade, e morava no seu castelo de Cinq-Cygne. Vivia somente para seus primos, os gêmeos, com os quais, na sua infância, ela brincara em Troyes e em Gondreville. Seu único irmão, Júlio de Cinq-Cygne, que emigrara antes dos Simeuse, morrera diante de Mogúncia; mas, por um privilégio bastante raro e do qual mais adiante se falará, o nome de Cinq-Cygne não desaparecia por falta de varões.

Esse caso entre Michu e o granjeiro de Cinq-Cygne fez um barulho pavoroso na circunscrição e ensombreiro as cores misteriosas que velavam Michu; não foi, porém, essa a única circunstância que o tornou temível.

Alguns meses depois dessa cena, o cidadão Marion veio com o cidadão Malin a Gondreville. Correu a notícia de que Marion ia vender a propriedade a esse homem, a quem os acontecimentos políticos tinham favorecido, e que fora colocado pelo primeiro-cônsul no Conselho do Estado, para recompensá-lo pelos seus serviços no 18 de brumário. Os políticos da pequena cidade de Arcis perceberam então que Marion tinha sido o testa de ferro do cidadão Malin, em vez de ter sido o dos srs. de Simeuse. O todo-poderoso conselheiro de Estado era a maior personagem de Arcis. Tinha mandado um dos seus amigos políticos para a Prefeitura de Troyes, tinha feito isentar do serviço militar o filho de um dos granjeiros de Gondreville, chamado Beauvisage; prestava serviços a todos. Aquele negócio, portanto, não devia encontrar má vontade na região, onde Malin reinava e ainda reina. Estava-se no alvorecer do Império.

Aqueles que hoje leem histórias da Revolução Francesa jamais saberão que imensos intervalos punha o pensamento público entre os acontecimentos tão aproximados uns dos outros, naquele tempo. A necessidade geral de paz e de tranquilidade, que todos sentiam depois das violentas comoções, engendrava um completo esquecimento dos mais graves fatos anteriores. A história envelhecia rapidamente, constantemente amadurecida por interesses novos e ardentes. Assim, pois, ninguém, à exceção de Michu, pesquisou o passado dessa história, que todos acharam muito simples. Marion, que anteriormente comprara Gondreville por seiscentos mil francos em “assinados”,¹³ vendeu-a por um milhão de escudos; mas a única quantia desembolsada por Malin foi o direito de registro. Grévin, um colega de Malin nos seus tempos de escrivão de cartório, favorecia naturalmente essa moxinifada, e o conselheiro de Estado recompensou-o fazendo com que fosse nomeado tabelião em Arcis. Quando essa notícia chegou

ao pavilhão, trazida pelo granjeiro de uma granja situada entre a floresta e o parque, à esquerda da bela avenida, e denominada Grouage, Michu empalideceu e saiu: foi espreitar Marion, e acabou por encontrá-lo sozinho numa aleia do parque.

— O senhor está vendendo Gondreville?

— Sim, Michu, sim. Você vai ter como patrão um homem poderoso. O conselheiro de Estado é amigo do primeiro-cônsul; está ligado muito intimamente a todos os ministros; ele o protegerá!

— O senhor então estava conservando a terra para ele?

— Não disse isso — respondeu Marion. — Eu não sabia, naquele tempo, como colocar o meu dinheiro e, para minha segurança, eu o empreguei em bens nacionais; mas não me convém conservar a terra que pertencia à casa onde meu pai...

— Foi intendente, criado! — disse violentamente Michu. — Mas o senhor não a venderá; eu a quero, e posso pagar-lha, eu.

— Tu?

— Sim, eu, muito seriamente, e em ouro, oitocentos mil francos...

— Oitocentos mil francos! E onde os foste buscar? — perguntou Marion.

— Isso não é da sua conta — retrucou Michu. Depois, amansando-se, acrescentou baixinho: — Meu sogro salvou muita gente!

— Chegas tarde, Michu; o negócio está feito.

— O senhor o desmanchará! — exclamou o administrador, segurando seu patrão pela mão e apertando-a como num torno. — Eu sou odiado, quero ser rico e poderoso; preciso de Gondreville! Fique sabendo, não tenho apego à vida, e o senhor vai me vender a propriedade, ou lhe arrebentarei os miolos...

— Mas, pelo menos, dê-me tempo para desculpar-me com Malin, que não é tolerante...

— Dou-lhe vinte e quatro horas. Se o senhor disser uma única palavra a respeito disto, corto-lhe a cabeça com a mesma facilidade com que cortaria um rabanete...

Marion e Malin deixaram o castelo durante a noite. Marion teve medo e relatou ao conselheiro de Estado aquele encontro, prevenindo-o de que tivesse de olho o administrador. Não lhe era possível, a Marion, fugir à obrigação de entregar aquela propriedade a quem a tinha realmente pago, e Michu não parecia ser homem que compreendesse ou admitisse tal argumento.

Aliás, esse serviço prestado a Malin por Marion devia ser e foi a origem de sua carreira política e da de seu irmão. Malin fez nomear o advogado Marion, em 1806, primeiro-presidente de um tribunal imperial, e, logo que foram criados os recebedores-gerais, conseguiu a receita geral do Aube para o irmão do advogado. O conselheiro de Estado disse a Marion que permanecesse em Paris e preveniu o

ministro da Polícia, o qual pôs a guarda em vigilância. Não obstante, para não o impelir a extremos, e talvez para melhor vigiá-lo, Malin deixou Michu como administrador, sob a férula do tabelião de Arcis. Desde esse momento, Michu, que se tornara cada vez mais taciturno e pensativo, ficou com a reputação de um homem capaz de praticar algum ato criminoso. Malin, conselheiro de Estado, função que o primeiro-cônsul equiparou então à de ministro, e um dos redatores do Código, representava um papel de importância em Paris, onde comprara um dos mais belos palacetes do Faubourg Saint-Germain, depois de ter desposado a filha única de Sibuelle, um rico fornecedor bastante malvisto, que ele associou, para a receita geral do Aube, a Marion. Por isso não viera mais do que uma vez a Gondreville; de resto, confiava a Grévin tudo o que dizia respeito aos seus interesses. Finalmente, que podia temer, ele, um antigo representante do Aube, de um antigo presidente do clube dos jacobinos de Arcis?

Entretanto, a opinião, já tão desfavorável para Michu, nas baixas classes, foi naturalmente partilhada pela burguesia; e Marion, Grévin e Malin, sem se explicarem nem se comprometerem, assinalaram-no como um homem excessivamente perigoso. Obrigadas a vigiar o guarda por ordem do ministro da Polícia Geral, as autoridades não destruíram essa crença. Havia acabado, na localidade, por admirar-se do fato de Michu não perder seu posto, mas interpretaram essa concessão como um efeito do terror que ele inspirava. Quem agora deixaria de compreender a profunda melancolia patenteada pela mulher de Michu?

Em primeiro lugar, Marta fora educada devotamente por sua mãe. As duas, boas católicas, tinham sofrido com as opiniões e com o procedimento do curtidor; Marta sempre corava ao lembrar-se de que fora levada a passear pela cidade de Troyes em trajes de deusa. Seu pai a obrigara a casar-se com Michu, cuja má reputação ia num crescendo, e a quem ela temia demasiado para poder jamais julgá-lo. Não obstante, essa mulher se sentia amada e, no fundo de seu coração, tinha por aquele homem assustador a mais verdadeira afeição; jamais o vira praticar uma ação que não fosse justa, suas palavras nunca eram brutais, pelo menos para ela; finalmente ele se esforçava por lhe adivinhar os desejos. Aquele pobre pária, julgando ser desagradável à mulher, ficava quase sempre fora. Marta e Michu, desconfiando um do outro, viviam no que hoje se denomina *uma paz armada*. Marta, que não via ninguém, sofria vivamente, quer pela animadversão que pesava sobre ela, fazia sete anos, por ser filha de um cortador de cabeças, quer pela que atingia seu marido, como traidor. Por mais de uma vez ela ouvira o pessoal da granja existente na planície à direita da avenida, chamada Bellache e dirigida por Beauvisage, que era ligado aos Simeuse, dizer ao passar pela frente do pavilhão:

— Eis a casa dos Judas!

A singular semelhança da cabeça do administrador com a do décimo terceiro apóstolo, e que ele parecia ter querido acentuar, valeralhe de fato aquela odiosa alcunha em toda a região. Assim é que essa desgraça e vagas e constantes apreensões quanto ao futuro tornavam Marta pensativa e reconcentrada. Nada entristece tão profundamente como uma degradação imerecida e da qual é impossível reerguer-se. Não teria podido um pintor fazer um belo quadro daquela família de párias no seio de um dos mais lindos sítios da Champanha, onde geralmente é triste a paisagem?

— Francisco! — bradou o administrador para apressar ainda outra vez o filho.

Francisco Michu, garoto de dez anos, dispunha do parque, da floresta, e impunha seus tributos como um senhor; comia as frutas, caçava, não tinha preocupações nem pesares; era o único ser feliz daquela família, isolada na região pela sua situação entre o parque e a floresta, como moralmente o estava pela repulsa geral.

— Junta aquilo tudo que está ali — disse o pai ao filho, mostrando-lhe o parapeito — e guarda tudo. Olha para mim! Queres ao teu pai e à tua mãe, não?

O garoto precipitou-se sobre o pai para abraçá-lo; Michu, porém, fez um movimento para desviar a carabina e repeliu-o.

— Bem! Tu tens por vezes dado à língua a respeito do que se faz aqui — disse ele, fixando sobre o pequeno dois olhos temíveis como os de um gato selvagem. — Presta bem atenção: revelar as mais insignificantes coisas que aqui se fazem a Gaucher, à gente de Grouage ou de Bellache, e mesmo a Mariana, que nos quer bem, seria matar teu pai. Que isso não aconteça outra vez, e eu te perdoo as tuas indiscrições de ontem.

O garoto pôs-se a chorar.

— Não chores, mas a qualquer pergunta que te façam, responde como os camponeses. “Não sei...” Há gente que anda rondando por aqui e que não me agrada. Vai! Vocês duas também ouviram, não? — disse Michu às mulheres — pois então, boca fechada.

— Que vais fazer, meu amigo?

Michu, que estava medindo com todo o cuidado uma carga de pólvora e a metia no cano da carabina, descansou a arma contra o parapeito e disse a Marta:

— Ninguém sabe que tenho esta carabina, põe-te na frente!

Couraut, firme nas quatro patas, ladrava furiosamente.

— Belo e inteligente animal! — exclamou Michu — tenho certeza de que são espíões.

Sabiam-se espionados. Couraut e Michu, que pareciam ter uma única e mesma alma, viviam juntos como o árabe e seu cavalo vivem no

deserto. O administrador conhecia todas as modulações da voz de Couraut, bem como as ideias que elas exprimiam, do mesmo modo que o cão lia o pensamento de seu dono nos olhos dele e o sentia exalado no ar de seu corpo.

— Que dizes? — perguntou Michu em voz baixa, mostrando à esposa duas sinistras personagens que apareceram numa aleia lateral, dirigindo-se para a rotunda.

— Que estará acontecendo aqui pela terra? São parisienses? — disse a velha.

— Ah! aí está! — exclamou Michu. — Esconde a minha carabina! — disse ele ao ouvido da mulher — eles vêm para aqui.

II — UM CRIME PROJETADO

Os dois parisienses que atravessaram a rotunda tinham caras que, certamente, teriam atraído um pintor como típicas.

Um, o que parecia ser o subalterno, tinha botas com canhões que desciam muito baixo e deixavam ver umas panturrilhas bem franzinas e meias de seda multicores de asseio duvidoso. O calção, de veludilho cor de abricó e com botões de metal, era um pouco largo demais; o corpo, nele, estava à vontade e as pregas surradas indicavam por sua disposição um homem de gabinete. O colete de piquê cheio de bordados salientes, aberto, preso por um único botão sobre a parte do ventre, dava àquela personagem um ar de relaxamento, acentuado ainda pelos cabelos pretos, encrespados em forma de saca-rolhas, que lhe ocultavam a fronte e desciam ao longo das faces. Duas correntes de relógio, de aço, pendiam-lhe sobre os calções. A camisa estava enfeitada com um alfinete de camafeu branco e azul. A casaca, cor de canela, recomendava-se a um caricaturista por um comprido rabo que, visto por detrás, tinha uma tão perfeita semelhança com um bacalhau que o nome lhe foi aplicado. A moda dos casacos de rabo de bacalhau durou dez anos, quase tanto como o império de Napoleão. A gravata frouxa, de numerosas pregas grandes, permitia àquele indivíduo nela enterrar a cara até o nariz. Seu rosto cheio de pústulas, seu comprido e grosso nariz cor de tijolo, as maçãs avermelhadas, a boca despovoada, mas ameaçadora e gulosa, as orelhas adornadas com grandes brincos de ouro, a testa estreita, todos esses detalhes que parecem grotescos tornavam-se terríveis por dois olhinhos colocados e abertos como os dos porcos, e de uma avidez implacável, de uma crueldade trocista e quase alegre. Esses dois olhos esquadrinhadores e perspicazes, de um azul glacial e frio, podiam ser tomados para modelo daquele olho famoso, o temível emblema da polícia, inventado durante a Revolução. Trazia luvas de seda preta, e na mão uma bengalinha flexível. Devia ser alguma personagem oficial, porquanto, quer na sua atitude, quer no

modo de pegar o rapé e metê-lo no nariz, tinha a importância burocrática de um homem secundário, mas que assina ostensivamente as folhas de pagamento, e a quem ordens vindas do alto tornam momentaneamente soberano.

O outro, cujo vestuário era do mesmo gosto, porém elegante, e elegantemente levado, cuidado nos menores detalhes, que, ao caminhar, fazia ranger botas à Suvarof, calçadas por cima de calças apertadas nas pernas, tinha por sobre a casaca um *spencer*, moda aristocrática adotada pelos clichianos e *pela Jeunesse dorée*,¹⁴ moda essa que sobrevivia aos clichianos e à *Jeunesse dorée*.

Naquele tempo, houve modas que duraram mais do que partidos, sintoma de anarquia que 1830 também nos apresentou. Esse perfeito *muscadin*¹⁵ parecia ter trinta anos. Suas maneiras aparentavam boa sociedade; usava joias de valor. O colarinho da camisa subia-lhe até as orelhas. Seu ar fátuo e quase impertinente indicava uma espécie de superioridade oculta; o rosto lívido parecia não ter uma gota de sangue; o nariz chato e curto tinha o jeito sardônico do nariz de uma caveira; os olhos verdes eram impenetráveis: seu olhar era tão discreto quanto devia ser sua boca fina e apertada.

O primeiro parecia bonachão, comparado a esse rapaz seco e magro que fustigava o ar com um junco, cujo castão de ouro brilhava ao sol. O primeiro era capaz, ele próprio, de cortar uma cabeça, mas o segundo era capaz de enredar nas malhas da calúnia e da intriga a inocência, a beleza e a virtude, de afogá-las ou envenená-las friamente. O homem rubicundo teria consolado sua vítima com gracinhas, o outro nem sequer sorriria.

O primeiro tinha quarenta e cinco anos, devia ser amante da boa mesa e das mulheres. Essa espécie de homens tem, todos eles, paixões que os tornam escravos de sua profissão. O rapaz, porém, esse não tinha paixões nem vícios. Se era espião, devia pertencer à diplomacia e trabalhava puramente pela arte. Ele concebia e o outro executava; ele era a ideia, e o outro, a forma.

— Devemos estar em Gondreville, não, minha comadre? — disse o rapaz.

— Aqui não se diz *minha comadre* — respondeu Michu. — Temos ainda a simplicidade de nos chamarmos *cidadã* e *cidadão*.

— Ah! — fez o rapaz com o ar mais natural e sem parecer chocado.

Os jogadores de *écarte*¹⁶ sentem, muitas vezes, na sociedade, como que um mal-estar interior ao verem abancar-se diante deles, no meio da sua boa sorte, um jogador cujas maneiras, olhares, voz, modo de baralhar as cartas lhes predizem uma derrota.

Ante o aspecto do rapaz, Michu sentiu uma prostração profética dessa espécie. Foi invadido por um pressentimento mortal, entreviu confusamente o cadafalso; uma voz gritou-lhe que aquele *muscadin* lhe

seria fatal, embora por enquanto nada tivessem em comum. Por isso sua voz foi rude, ele quis ser e foi grosseiro.

— Não pertence ao conselheiro de Estado Malin? — perguntou o segundo parisiense.

— Sou o meu próprio senhor — respondeu Michu.

— Enfim, senhores — disse o rapaz com o modo mais polido —, estamos em Gondreville? Estamos sendo esperados pelo sr. Malin.

— Aí está o parque — disse Michu mostrando o portão aberto.

— E por que esconde essa carabina, minha bela menina? — disse o jovial companheiro do rapaz, o qual, ao passar pelo portão, entreviu o cano.

— Tu *trabalhas* sempre, mesmo no campo! — exclamou o rapaz sorrindo.

Os dois deram volta, empolgados por uma desconfiança que o administrador compreendeu, apesar do semblante impassível de ambos; Marta deixou-os contemplar a carabina, por entre os ladridos de Couraut, pois tinha a convicção de que Michu meditava alguma ação má, e se sentiu quase feliz pela perspicácia dos desconhecidos.

Michu dirigiu à mulher um olhar que a fez estremecer; tomou então a carabina e introduziu-lhe no cano uma bala, aceitando as fatais consequências daquela descoberta e daquele encontro; foi como se não fizesse mais questão da vida, e então sua mulher compreendeu bem sua funesta resolução.

— Pelo que vejo, tem lobos por aqui? — disse o rapaz a Michu.

— Sempre há lobos onde há ovelhas. O senhor está na Champanha e aí tem uma floresta; mas temos também javalis, animais grandes e pequenos, um pouco de tudo — disse Michu com ar chocarreiro.

— Aposto, Corentin — disse o mais velho dos dois, após ter trocado um olhar com o outro —, que este homem é o meu Michu...

— Quer parecer-me que não comemos juntos na mesma gamela — disse o administrador.

— Não, mas os dois presidimos os jacobinos, cidadão — replicou o velho cínico —, você em Arcis, eu em outro lugar. Tu conservaste a polidez da *Carmagnole*;¹⁷ mas, meu filho, isso não se usa mais.

— O parque me parece muito grande, poderíamos perder-nos; se o senhor é o administrador, mande guiar-nos ao castelo — disse Corentin em tom peremptório.

Michu assobiou chamando o filho, e continuou a empurrar a bala no cano.

Corentin contemplava Marta com olhar indiferente, ao passo que o companheiro parecia seduzido; o primeiro notava nela, porém, vestígios de uma angústia que escapavam ao velho libertino, a quem a carabina havia assustado. Aquelas duas naturezas se evidenciavam completamente neste pequeno detalhe tão grande.

— Tenho um encontro marcado, para lá da floresta — disse o administrador —, por isso não lhes posso, eu mesmo, prestar esse serviço; mas meu filho os levará ao castelo. Mas por onde vêm a Gondreville? Tomaram por Cinq-Cygne?

— Como o senhor, tínhamos assuntos a tratar na floresta — disse Corentin, sem nenhuma ironia aparente.

— Francisco! — gritou Michu — conduz esses senhores ao castelo, pelos atalhos, a fim de que não os vejam, pois eles não andam pelas estradas trilhadas. Primeiro vem cá! — disse ao ver os dois forasteiros que lhe haviam dado as costas e caminhavam conversando em voz baixa.

Michu agarrou o filho, beijou-o quase santamente e com uma expressão que confirmou os temores da sua mulher, a qual sentiu um arrepio pelas costas e olhou para a mãe com os olhos secos, pois não podia chorar.

— Vai — disse Michu ao filho.

E contemplou-o até que o perdeu de vista.

Couraut ladrou para o lado da granja de Grouage.

— Oh! é Violette — disse Michu. — É a terceira vez que ele passa desde hoje de manhã! Que haverá no ar? Basta, Couraut.

Poucos instantes depois, ouviu-se o trote miúdo de um cavalo. Violette, montado numa dessas pilecas de que os granjeiros se servem, nos arredores de Paris, tendo na cabeça um chapéu de copa redonda e de abas largas, mostrou seu rosto cor de madeira e fortemente enrugado, o qual parecia ainda mais sombrio. Seus olhos pardos, maliciosos e brilhantes dissimulavam seu caráter traidor. Suas pernas secas, calçadas com polainas de tela branca que subiam até o joelho, pendiam sem se apoiar nos estribos e pareciam manter-se pelo peso dos grossos sapatos ferrados. Por cima da blusa de pano azul, ele vestia uma capa de listras brancas e negras. Seus cabelos grisalhos caíam-lhe em cachos atrás da cabeça. Esse vestuário, o cavalo tordilho de pernas curtas, o modo pelo qual Violette cavalgava, com a barriga para a frente, o busto inclinado para trás, a mão grosseira cheia de rachas e cor de terra que segurava umas rédeas ordinárias esgarçadas e recortadas, tudo revelava nele o camponês avaro, ambicioso, que quer possuir terra, comprando por qualquer preço. Sua boca, de lábios azulados, rasgada como se um cirurgião a tivesse aberto com bisturi, e as inúmeras rugas do rosto e da testa prejudicavam a mobilidade da fisionomia, cujos contornos, somente, falavam. Essas linhas duras, fixas, pareciam exprimir ameaça, não obstante o ar humilde que afetam quase todas as pessoas do campo, e sob o qual escondem suas emoções e seus cálculos, como os orientais e os selvagens envolvem os seus debaixo de uma imperturbável gravidade.

De simples peão diarista tornara-se granjeiro de Grouage por um

sistema de maldade crescente, que continuava ainda depois de ter conquistado uma posição que ultrapassava seus primeiros desejos. Queria o mal do próximo, e desejava-lho ardentemente. Quando podia contribuir para isso, fazia-o com amor. Violette era francamente invejoso; mas em todas as suas malícias conservava-se dentro dos limites da legalidade, nem mais nem menos do que uma oposição parlamentar. Acreditava que a sua fortuna dependia da ruína dos demais, e tudo o que se achava acima dele era por ele tido como um inimigo contra o qual todos os meios deviam ser bons. Esse caráter é muito comum entre os camponeses. Seu grande assunto do momento era obter de Malin uma prorrogação do arrendamento de sua granja, para cujo término faltavam apenas seis anos. Invejoso da fortuna do administrador, ele o vigiava de perto; a gente da terra guerreava-o por suas ligações com Michu, mas, esperançado em fazer prorrogar por mais doze anos o seu arrendamento, o ardiloso granjeiro esperava uma oportunidade de prestar serviço ao governo ou a Malin, que desconfiava de Michu.

Violette, auxiliado pela guarda particular de Gondreville, pelo guarda rural e por alguns lenhadores, mantinha o comissário de polícia de Arcis a par dos menores atos de Michu. Esse funcionário tentara, mas inutilmente, fazer com que Mariana, a criada de Michu, servisse aos interesses do governo; mas Violette e seus sequazes sabiam tudo por Gaucher, o criadinho com cuja fidelidade Michu contava e que o traía por ninharias, por coletes, por fivelas, meias de algodão, gulodices. Esse rapaz, de resto, não tinha noção da importância de suas taramelices. Violette enegrecia todos os atos de Michu, tornava-os criminosos pelas mais absurdas suposições, sem que o suspeitasse o administrador, o qual, entretanto, conhecia o ignóbil papel desempenhado em sua casa pelo granjeiro, e se divertia, mistificando-o.

— Tem então muitos negócios em Bellache, para estar por aqui outra vez! — disse Michu.

— Outra vez! é uma censura, sr. Michu?... Não tem a intenção de assobiar aos pardais com semelhante clarineta? Não lhe conhecia aquela carabina...

— Nasceu numa das minhas lavouras em que brotam carabinas — respondeu Michu. — Olhe, veja como as semeio.

O administrador fez pontaria para um pé de viperina a trinta passos de distância e cortou-o nitidamente.

— É para defender seu senhor que você tem essa arma de bandido? É talvez um presente dele?

— Ele veio de Paris de propósito para trazê-la.

— A verdade é que muito se fala cá pela terra na viagem dele; uns dizem que ele caiu das boas graças do chefe e se vai retirar dos negócios; outros afirmam que ele quer ver claro as coisas por aqui... Mas, afinal,

por que motivo chega ele sem avisar, absolutamente como o primeiro-cônsul? Sabia que ele vinha?

— Não estou muito bem com ele, para estar nos seus segredos.

— Então, ainda não o viu?

— Só soube da sua chegada ao regressar da minha ronda pela floresta — replicou Michu, que tornava a carregar a carabina.

— Ele mandou buscar o sr. Grévin em Arcis; eles vão *tribunar* alguma coisa.

Malin fora tribuno.

— Se você vai para os lados de Cinq-Cygne, leve-me consigo — disse o administrador —, vou para lá.

Violette era demasiado medroso para levar na garupa um homem da força de Michu, por isso esporeou o cavalo e se foi a toda a brida.

O judas pôs a carabina ao ombro e precipitou-se na avenida.

— Bem, com quem será a turra de Michu? — perguntou Marta à sua mãe.

— Desde que ele soube da chegada do sr. Malin que anda muito sombrio — respondeu ela. — Mas está muito úmido, vamos para dentro.

Quando as duas mulheres se sentaram sob o pano da chaminé, ouviram Couraut.

— Aí vem meu marido! — exclamou Marta.

Efetivamente, Michu vinha subindo a escada; a mulher inquieta foi ter com ele no quarto.

— Vê se não há ninguém — disse ele a Marta com voz emocionada.

— Ninguém — respondeu ela —, Mariana está no campo com a vaca, e Gaucher...

— Onde está Gaucher? — perguntou ele.

— Não sei.

— Desconfio desse pequeno patife; sobe e revista o sótão, procura Gaucher em todos os cantos deste pavilhão.

Marta saiu e foi ver. Quando voltou, encontrou Michu de joelhos, rezando.

— Que tens? — perguntou assustada.

O administrador enlaçou a mulher pela cintura, atraíu-a para si, beijou-a na fronte e respondeu-lhe com voz comovida:

— Se não nos tornarmos a ver, fica sabendo, minha pobre mulher, que eu te amava muito. Segue ponto por ponto as instruções que estão escritas numa carta enterrada ao pé do larício daquele bosque — disse ele após uma pausa, designando a árvore —; está num tubo de zinco. Não toques nela senão depois de minha morte. Enfim, aconteça o que acontecer, crê, apesar da injustiça dos homens, que meu braço serviu à justiça de Deus.

Marta, que foi gradativamente empalidecendo, chegou a ficar lívida;

olhou para o marido com os olhos fixos e arregalados pelo pavor; quis falar, mas estava com a garganta seca. Michu evadiu-se como uma sombra; no pé da cama ele amarrara Couraut, que se pôs a uivar como uivam os cães em desespero.

III — AS MALÍCIAS DE MALIN

A cólera de Michu contra o sr. Marion tivera motivos sérios, mas se transferira para um homem muito mais criminoso, a seu ver, para Malin, cujos segredos se haviam desvendado aos olhos do administrador, que mais do que ninguém estava em situação de apreciar a conduta do conselheiro de Estado. O sogro de Michu tivera, politicamente falando, a confiança de Malin, eleito representante do Aube à Convenção, graças aos cuidados de Grévin.

Não será talvez inútil referir as circunstâncias que puseram os Simeuse e os Cinq-Cygne em presença de Malin, e que pesaram sobre o destino dos dois gêmeos e da srta. de Cinq-Cygne, mas mais ainda sobre o de Marta e de Michu. Em Troyes, o palácio de Cinq-Cygne ficava em frente ao palácio Simeuse. Quando o populacho, desenfreado por mãos tão sábias quanto prudentes, saqueou o palácio de Simeuse, descobrindo o marquês e a marquesa, acusados de se corresponderem com os inimigos, e os entregou aos guardas nacionais, que os levaram para a prisão, a multidão, conseqüente, bradou: “Aos Cinq-Cygne”. Não podia conceber que os Cinq-Cygne fossem inocentes do crime dos Simeuse.

O digno e corajoso marquês de Simeuse, para salvar seus dois filhos, de dezoito anos de idade, cuja coragem podia comprometê-los, confiara-os poucos momentos antes da tormenta à tia deles, a condessa de Cinq-Cygne. Dois criados dedicados à casa de Simeuse mantinham os dois rapazes encerrados. O ancião, que não queria ver seu nome extinguir-se, recomendara que se ocultasse tudo aos filhos em caso de desgraças extremas. Lourença, então com doze anos, era igualmente querida pelos dois irmãos e igualmente os queria também.

Como muitos gêmeos, os Simeuse pareciam-se tanto que durante muito tempo a mãe lhes dava roupas de cores diferentes para não se enganar. O que primeiro nascera, o mais velho, chamava-se Paulo Maria, o outro, Maria Paulo. Lourença de Cinq-Cygne, a quem confiaram o segredo da situação, representou muito bem seu papel de mulher; suplicou aos primos, engabelou-os, reteve-os até o momento em que o populacho cercou o palácio de Cinq-Cygne. Os dois irmãos compreenderam então o perigo ao mesmo tempo, e o disseram, um ao outro, pelo olhar. Tomaram imediatamente uma resolução, armaram seus dois criados, os da condessa de Cinq-Cygne, barricaram as portas, puseram-se às janelas depois de fechar as persianas, com cinco criados

e o padre d'Hauteserre, parente dos Cinq-Cygne. Os oito corajosos campeões fizeram um fogo terrível sobre a multidão. Cada tiro matava ou feria um assaltante. Lourença, em vez de desolar-se, carregava as espingardas com um sangue-frio extraordinário, alcançava balas e pólvora aos que disso careciam. A condessa de Cinq-Cygne caíra de joelhos.

— Que é isso, minha mãe? — disse-lhe Lourença.

— Estou rezando — respondeu ela —, por eles e por vocês!

Palavra sublime, que também foi dita pela mãe do Príncipe da Paz¹⁸ na Espanha em circunstância semelhante.

Num instante onze pessoas foram mortas e confundidas no chão com os feridos. Acontecimentos como esses esfriam ou exaltam o populacho, que se exaspera em sua obra ou a interrompe. Os que se achavam mais na frente, espantados, recuaram; mas a totalidade da massa que vinha para matar, roubar, assassinar, ao ver os mortos, pôs-se a gritar:

— Assassínio! Matança!

As pessoas prudentes foram buscar o representante do povo. Os dois irmãos, já então informados dos funestos acontecimentos do dia, suspeitaram que o convencional queria a ruína da casa deles, e essa suspeita em breve se tornou uma convicção. Animados pela vingança, eles se postaram no portão da entrada e carregaram seus fuzis, para matar Malin no momento em que ele se apresentasse. A condessa estava desnorteada, via sua casa reduzida a cinzas e sua filha assassinada; censurava seus parentes pela heroica defesa, que durante oito dias impressionou a França. Lourença entreabriu a porta à intimação feita por Malin. Ao vê-la, o representante, fiando-se no seu caráter temido e na fraqueza daquela criança, entrou.

— Como, senhor — respondeu ela à primeira palavra que ele disse, ao pedir satisfação por aquela resistência —, o senhor quer dar liberdade à França, e nem sequer protege as pessoas em suas casas! Querem demolir nosso palácio, assassinar-nos, e nós não teríamos o direito de repelir a força pela força?

Malin ficou estático.

— O senhor, o neto de um pedreiro empregado pelo grande marquês nas construções de seu castelo — disse-lhe Maria Paulo —, o senhor acaba de deixar arrastar nosso pai para a prisão, dando ouvidos a uma calúnia!

— Ele será posto em liberdade — disse Malin, que se julgou perdido ao ver cada um dos rapazes agitar convulsamente a sua espingarda.

— Deve a vida a essa promessa — disse Maria Paulo, solenemente. — Mas, se ela não for cumprida esta noite, saberemos tornar a encontrá-lo!

— E, quanto a esse populacho que uiva — disse Lourença —, se o

senhor não o mandar embora, o primeiro tiro será para o senhor. Agora, sr. Malin, saia!

O convencional saiu e arengou a multidão, falando nos sagrados direitos do lar, em *habeas corpus* e no domicílio inglês. Disse que a lei e o povo eram soberanos, que a lei era o povo, que o povo não devia agir senão pela lei e que a força ficaria com a lei. A lei da necessidade tornou-o eloquente, ele dispersou o ajuntamento. Mas jamais esqueceu quer a expressão de desprezo dos dois irmãos, quer o “saia” da srta. de Cinq-Cygne. Por isso, quando se tratou de vender nacionalmente os bens do conde de Cinq-Cygne, irmão de Lourença, a partilha foi estritamente feita. Os agentes do distrito só deixaram a Lourença o castelo, o parque, os jardins e a granja chamada dos Cinq-Cygne. De acordo com as instruções de Malin, Lourença não tinha direito senão à sua legítima, a nação ficando em lugar e posto de emigrado, sobretudo quando ele empunhava armas contra a República.

Na noite dessa furiosa tempestade, Lourença suplicou de tal forma aos primos que partissem, temendo alguma traição e as ciladas do representante contra eles, que ambos montaram a cavalo e alcançaram os pontos avançados do exército prussiano. No momento em que os dois irmãos chegaram à floresta de Gondreville, o palácio de Cinq-Cygne foi cercado; o representante vinha em pessoa e com forças prender os herdeiros da casa de Simeuse. Não se atreveu a apoderar-se da condessa de Cinq-Cygne, então de cama, presa de uma horrível febre nervosa, nem de Lourença, uma menina de doze anos. Os criados, temendo a severidade da República, tinham desaparecido.

No dia seguinte pela manhã, a notícia da resistência dos dois irmãos e de sua fuga para a Prússia, diziam, espalhou-se pela região; formou-se um ajuntamento de três mil pessoas em frente ao palácio de Cinq-Cygne, que foi demolido com inexplicável rapidez. A sra. de Cinq-Cygne, transportada para o palácio de Simeuse, morreu num paroxismo de febre. Michu surgiu na cena política somente depois desses acontecimentos, porquanto o marquês e a marquesa permaneceram mais ou menos cinco meses na prisão. Durante esse tempo o representante do Aube teve uma missão. Mas, quando o sr. Marion vendeu Gondreville a Malin, quando todos na localidade esqueceram os efeitos da efervescência popular, Michu compreendeu então Malin, dos pés à cabeça; ou pelo menos julgou compreendê-lo: porque Malin, como Fouché, é uma das personagens que têm tantas faces e tal profundidade em cada face que são impenetráveis no momento em que atuam e só podem ser explicadas muito tempo depois de terminada a ação.

Nas circunstâncias máximas de sua vida, Malin nunca deixava de consultar seu fiel amigo Grévin, o tabelião de Arcis, cuja opinião a respeito das coisas e dos homens era, a distância, clara, nítida e precisa.

Esse hábito é a sabedoria e faz a força dos homens secundários.

Ora, em novembro de 1803, as conjunturas foram tão graves para o conselheiro de Estado que uma carta poderia comprometer os dois amigos. Malin, que devia ser nomeado senador, teve receio de explicar-se em Paris; por isso, deixou seu palacete e foi a Gondreville, dando ao primeiro-cônsul uma única das razões que o faziam desejar lá ir, a qual lhe dava ares de zelo aos olhos de Bonaparte, quando, na verdade, em vez de se tratar do Estado, tratava-se simplesmente dele. Enquanto Michu espreitava e seguia pelo parque, à maneira dos selvagens, à espera de um momento propício à sua vingança, o político Malin, acostumado a espremer os acontecimentos em seu benefício, levava seu amigo para um pequeno gramado do jardim inglês, lugar deserto e favorável a uma conferência misteriosa. Assim, conservando-se no centro e falando em voz baixa, os dois amigos se achavam a uma distância demasiado grande para serem ouvidos, no caso de alguém se haver escondido para escutá-los, e podiam mudar de assunto caso sobreviesse algum indiscreto.

— Por que não ter ficado num quarto, no castelo? — disse Grévin.

— Não viste os dois homens que o chefe de polícia me mandou?

Conquanto Fouché tivesse sido no caso da conspiração de Pichegru, Georges, Moreau e Polignac¹⁹ a alma do gabinete consular, ele não dirigia o Ministério da Polícia e era simplesmente, como Malin, conselheiro de Estado.

— Esses dois homens são os dois braços de Fouché. Um, esse jovem *muscadin* cujo rosto se assemelha a uma garrafa de limonada, que tem vinagre nos lábios e suco de uva verde nos olhos, pôs fim à insurreição do Oeste, no ano VII, no espaço de quinze dias.²⁰ O outro é uma criação de Lenoir,²¹ é o único que possui as grandes tradições da polícia. Eu tinha pedido um agente sem maior importância, amparado por uma personagem oficial, e mandaram-me aqueles dois compadres. Ah! Grévin, Fouché quer com certeza bispar o meu jogo. É essa a razão pela qual deixei esses senhores jantando no castelo; que examinem tudo, se quiserem, que não encontrarão nem Luís XVIII nem o menor indício.

— Mas, afinal — disse Grévin —, qual é o teu jogo?

— Ora! meu amigo, um jogo duplo é muito perigoso, mas em relação a Fouché ele é tríplice, e é bem possível que ele tenha farejado que eu conheça os segredos da casa de Bourbon.

— Tu?

— Eu — respondeu Malin.

— Não te lembras então de Favras?²²

Esse nome causou impressão ao conselheiro.

— E desde quando? — perguntou Grévin após uma pausa.

— Desde o Consulado vitalício.

— Mas nada de provas?

— Nem isso! — disse Malin fazendo estalar a unha do polegar num dente.

Em poucas palavras, Malin esboçou nitidamente a situação crítica em que Bonaparte punha a Inglaterra, ameaçada de morte pelo campo de Bolonha;²³ explicando a Grévin o alcance, que a França e a Europa desconheciam, mas que Pitt²⁴ suspeitava, desse projeto da invasão; depois, a posição crítica em que a Inglaterra ia colocar Bonaparte. Uma coalizão imponente, da Prússia, da Áustria e da Rússia, subvencionada pelo ouro inglês, devia armar setecentos mil homens. Ao mesmo tempo uma formidável conspiração estendia sua rede pelo interior e reunia os montanhese²⁵, os *chouans*,²⁶ os realistas e seus príncipes.

— Enquanto Luís XVIII viu três cônsules, acreditou que a anarquia continuava e que, graças a um movimento qualquer, ele tomaria sua desforra do 13 de vendemiário e do 18 de frutidor²⁷ — disse Malin —; mas o Consulado vitalício desmascarou os projetos de Bonaparte, que em breve será imperador. Este antigo tenente quer criar uma dinastia! ora, desta vez, visam a vida dele, e o golpe está organizado com mais habilidade ainda do que o da Rue Saint-Nicoise.²⁸ Fazem parte dele: Pichegru, Georges, Moreau, o duque de Enghien,²⁹ Polignac e Rivière,³⁰ os dois amigos do conde d'Artois.³¹

— Que amálgama! — exclamou Grévin.

— A França está invadida surdamente, querem fazer um assalto geral, para isso empregam todos os meios. Cem homens resolutos, sob o comando de Georges, devem atacar a Guarda Consular e o cônsul, corpo a corpo.

— Pois bem, denuncia-os!

— Já vão dois meses que o cônsul, seu ministro da Polícia, o chefe e Fouché estão de posse de alguns dos fios dessa imensa trama; mas ainda não lhe conhecem toda a extensão e, no momento atual, deixam livres a quase todos os conjurados para virem a saber tudo.

— Quanto ao direito — disse o tabelião —, os Bourbon têm muito mais direito de conceber, orientar e executar uma empresa contra Bonaparte do que tinha Bonaparte de conspirar no 18 de brumário contra a República, da qual era filho; ele assassinava sua mãe; e aqueles querem voltar para sua casa. Acho que, ao ver encerrar a lista dos emigrados, multiplicar as exclusões, restabelecer o culto católico e acumular disposições contrarrevolucionárias, os príncipes devem ter compreendido que sua volta se ia tornando difícil, para não dizer impossível. Bonaparte se torna o único obstáculo ao regresso deles, e por isso querem afastar o obstáculo, nada mais simples. Vencidos, os conspiradores serão bandidos; vitoriosos, serão heróis, e tua perplexidade se me afigura bastante natural.

— Trata-se — disse Malin — de fazer atirar aos Bourbon, por Bonaparte, a cabeça do duque de Enghien, como a Convenção atirou

aos reis a cabeça de Luís XVI, a fim de o comprometer, tanto quanto nós estamos, no curso da Revolução; ou de derrubar o ídolo atual do povo francês e seu futuro imperador, para assentar o verdadeiro trono sobre seus destroços. Estou à mercê de um acontecimento, de um certo tiro de pistola, de uma máquina da Rue Saint-Nicoise que alcançaria êxito. Não me disseram tudo. Propuseram-me que integrasse o Conselho de Estado no momento crítico, dirigindo a ação legal da restauração dos Bourbon.

— Espera — disse o tabelião.

— Impossível! Nada mais me resta do que o momento atual para tomar uma resolução.

— E por quê?

— Os dois Simeuse conspiram, eles estão por aqui; ou tenho eu de os fazer seguir, deixá-los comprometerem-se e desembaraçar-me deles ou então protegê-los surdamente. Eu tinha pedido subalternos, e mandaram-me dois águias selecionados que passaram por Troyes, a fim de ter com eles a gendarmaria.

— Gondreville é o *pássaro na mão* e a conspiração os *dois pássaros voando* — disse Grévin. — Nem Fouché nem Talleyrand,³² teus dois parceiros, fazem parte dela: joga jogo franco com eles. Como! todos os que cortaram o pescoço de Luís XVI estão no governo, a França está cheia de compradores de bens nacionais e tu querias fazer voltar aqueles que te reclamariam Gondreville? Se os Bourbon não são imbecis, deverão passar a esponja sobre tudo o que nós fizemos. Previne Bonaparte.

— Um homem da minha classe não denuncia — disse Malin vivamente.

— De tua classe? — exclamou Grévin, sorrindo.

— Oferecem-me o Ministério da Justiça.

— Compreendo o teu deslumbramento, e compete a mim enxergar nessas trevas políticas, farejar a porta da saída. Ora, é impossível prever os acontecimentos que podem fazer voltar os Bourbon, quando um general Bonaparte tem oitenta navios e quatrocentos mil homens. O que há de mais difícil na política expectante é saber quando um poder que vacila cairá; mas, meu velho, o de Bonaparte está no seu período ascendente... Não, seria Fouché quem te fez sondar para conhecer o fundo de teu pensamento e desembaraçar-se de ti?

— Não, estou seguro do embaixador. De resto, Fouché não me mandaria duas aves como estas, que conheço demasiado para não conceber suspeitas.

— Eles me dão medo — disse Grévin. — Se Fouché não desconfia de ti, não te quer pôr à prova, por que te mandou esses fregueses? Fouché não é homem para fazer uma coisa dessas sem um motivo qualquer...

— Isso me decide! — exclamou Malin —; nunca ficarei tranquilo

com esses dois Simeuse; é possível que Fouché, que conhece a minha situação, não os queira deixar escapar e julgue, por intermédio deles, chegar até os Condé.

— Pois, meu velho, não é enquanto Bonaparte governar que se há de importunar o dono de Gondreville. Ao erguer os olhos, Malin entreviu por entre a folhagem de um grande pé de tília frondoso o cano de uma espingarda.

— Não me enganei, tinha ouvido o ruído seco de uma espingarda que se engatilha — disse ele a Grévin depois de se ter abrigado por trás de um grosso tronco de árvore, para onde o tabelião o seguiu, inquieto pelo brusco movimento do amigo.

— É Michu — disse Grévin —, estou vendo a barba ruiva dele.

— Procuremos disfarçar o nosso medo — replicou Malin, que se retirou lentamente, repetindo várias vezes: — Que quer esse homem com os compradores desta propriedade? Não era certamente para ti que ele apontava. Se nos ouviu, devo fazer queixa dele! Teria sido melhor se tivéssemos ido para uma planície. Mas quem, diabo, pensaria em desconfiar dos ares!

— Sempre se aprende — disse o tabelião —; mas ele estava muito longe e nós conversávamos de boca a ouvido.

— Vou dizer duas palavras a respeito a Corentin — respondeu Malin.

IV — A MÁSCARA RETIRADA

Poucos momentos depois, Michu entrou em casa, pálido e com o rosto contraído.

— Que tens? — perguntou-lhe a mulher, espantada.

— Nada — respondeu ele ao ver Violette, cuja presença foi para ele como que um raio.

Michu puxou uma cadeira, sentou-se em frente ao fogo tranquilamente e ali atirou uma carta, depois de a ter tirado de um desses canudos de folha de que os soldados se servem para guardar seus papéis. Esse ato, que permitiu a Marta respirar como uma pessoa que se sente libertar de um peso enorme, intrigou Violette. O administrador descansou a carabina sobre o pano da chaminé com admirável sangue-frio. Mariana e a mãe de Marta teciam à luz de uma lâmpada.

— Vamos para a cama, Francisco — disse o pai. — Vem deitar-te!

Pegou o filho brutalmente pelo meio do corpo e levou-o.

— Desce à adega — disse-lhe ao ouvido quando chegou à escada —, enche duas garrafas de vinho de Macon, depois de esvaziar-lhes a terça parte, com aquele conhaque que está na prateleira das garrafas; depois mistura numa garrafa de vinho branco metade de aguardente. Faz isso

com jeito e põe as três garrafas em cima do barril vazio que está na entrada da adega. Quando eu abrir a janela, sai da adega, encilha o meu cavalo, monta e vai esperar-me no Poteau-des-Gueux.

— O sem-vergonha do garoto não quer nunca ir deitar-se — disse o administrador ao regressar —; quer fazer-se de gente grande, ver tudo, ouvir tudo, saber tudo. Você está pondo a minha gente a perder, tio Violette.

— Deus de misericórdia! — exclamou Violette — quem foi que lhe desatou a língua? Você nunca falou tanto.

— Julga você que eu me deixo espionar sem o perceber? Você, tio Violette, não está do bom lado. Se, em vez de servir aos que me querem mal, você fosse por mim, eu faria mais por você do que renovar seu arrendamento...

— E que faria?

— Eu lhe venderia barato o que possuo.

— Não há nada barato quando se tem de pagar — disse sentenciosamente Violette.

— Quero sair desta terra, e lhe darei minha herdade de Mousseau, as criações, as lavouras semeadas, o gado, por cinquenta mil francos.

— Sim?

— Agrada-lhe?

— Ora, é preciso pensar.

— Pois falemos nisso... Mas exijo arras.

— Nada tenho.

— Uma palavra.

— Ainda!

— Diga-me quem é que acaba de mandá-lo aqui.

— Voltei de onde fui há pouco, e quis dar-lhe boa-noite.

— Voltou sem cavalo! Por que imbecil me tomas? Estás mentindo, não terás a minha herdade.

— Pois bem, foi o sr. Grévin, pronto! Ele me disse: “Violette, precisamos de Michu, vai procurá-lo. Se ele não estiver em casa, espera-o...”. Compreendi que tinha de ficar esta noite aqui...

— Os trampolineiros de Paris ainda estavam no castelo?

— Ah! isso não sei; mas tinha gente no salão.

— Terás a minha herdade; combinemos o negócio. Minha mulher, vai buscar o vinho do contrato. Traze do melhor vinho do Roussillon, o vinho do ex-marquês... Não somos crianças. Encontrarás duas garrafas em cima do barril vazio, na entrada, e uma garrafa de vinho branco.

— Está certo! — disse Violette, que jamais se embriagava — bebamos.

— Você tem cinquenta mil francos embaixo dos ladrilhos do seu quarto, no lugar ocupado pela cama; você me fará entrega deles quinze dias depois da assinatura do contrato, no cartório de Grévin.

Violette olhou fixamente para Michu e ficou lívido.

— Ah! tu vens espionar um jacobino perfeito que teve a honra de presidir o clube de Arcis e pensas que ele não te pilha? Tenho olhos, vi os teus ladrilhos argamassados de fresco e concluí que não os tinhas levantado para semear trigo... Bebamos.

Violette, perturbado, bebeu um grande copo de vinho sem prestar atenção à sua qualidade; o terror como que lhe pusera um ferro quente no ventre, e a aguardente foi queimada pela avareza; muito ele daria para estar em casa, para mudar de lugar o seu tesouro. As três mulheres sorriam.

— Agrada-lhe a coisa? — disse Michu a Violette tornando a encher-lhe o copo.

— Como não!

— Ficarás em tua casa, velho biltre!

Após uma meia hora de animadas discussões sobre a época em que entraria na posse, sobre as mil ninharias de que discutem os camponeses quando realizam um negócio, por entre afirmações, copos de vinho esvaziados, palavras cheias de promessas, negações, muitos “Não é verdade?”, “Garanto”, “Palavra de honra”, “E como lhe digo!”, “Que um raio me parta, se...”, “Que este copo de vinho seja veneno se não estou dizendo a pura verdade!...”, Violette deixou cair a cabeça em cima da mesa, não apenas embriagado, mas bêbado a cair; e, assim que lhe viu os olhos turvos, Michu se apressara em abrir a janela.

— Onde está aquele patife do Gaucher? — perguntou ele à esposa.

— Está deitado.

— Tu, Mariana — disse o administrador à sua fiel criada —, põe-te atravessada na porta do quarto dele e vigia-o. A senhora, minha mãe — disse ele —, fique aqui embaixo e cuide desse espião, fique alerta e não abra a não ser se for a voz de Francisco. Trata-se de vida ou de morte! — acrescentou ele com voz profunda. — Para quantas pessoas estão aqui em casa, eu não saí esta noite, e, mesmo com a cabeça no cepo, sustentem isso. Vamos — disse ele à mulher —, vamos, mãezinha, calça os sapatos, pega a tua touca, e raspemo-nos! Nada de perguntas, eu te acompanho.

Fazia três quartos de hora que aquele homem tinha no gesto e no olhar uma autoridade despótica, irresistível, extraída da fonte comum e desconhecida onde vão buscar seus poderes extraordinários quer os grandes generais, no campo de batalha, onde inflamam as massas, quer os grandes oradores que arrastam as assembleias e, digamo-lo também, os grandes criminosos nos seus golpes audaciosos. Parece nesses momentos que uma influência invencível se exala da cabeça e envolve a palavra, que o gesto injeta a vontade do homem nos outros. As três mulheres compreendiam que estavam em meio de uma horrível crise; sem que houvessem sido prevenidas, elas a pressentiam pela rapidez

dos atos daquele homem, cujo rosto resplandecia, cuja fronte falava, cujos olhos brilhavam como estrelas: tinham-lhe visto gotas de suor na raiz dos cabelos e por mais de uma vez sua voz vibrara de impaciência e de raiva. Por isso Marta obedeceu passivamente. Armado até os dentes, com a espingarda ao ombro, Michu saltou para a alameda, seguido da mulher, e chegaram rápidos à encruzilhada onde Francisco se escondera entre as moitas.

— O pequeno tem compreensão — disse Michu, ao vê-lo.

Foram essas suas primeiras palavras. Sua mulher e ele tinham corrido até aí, sem poder proferir uma sílaba sequer.

— Volta ao pavilhão, esconde-te na árvore mais copada que achares, observa o campo, o parque — disse ele ao filho. — Estamos todos deitados, não abrimos a porta para ninguém. Tua avó está vigiando e não se mexerá até ouvir a tua voz. Lembra-te de quanto estou dizendo. Trata-se da vida de teu pai e da de tua mãe. Que a Justiça jamais saiba que passamos a noite fora.

Depois dessas palavras ditas ao ouvido do filho, que desapareceu como uma enguia no lodo, através do bosque, Michu disse à mulher:

— Ao cavalo! e pede a Deus que seja por nós. Segura-te bem! o animal pode arrebentar.

Apenas dito isso, o cavalo, em cujas ilhargas Michu golpeou com os calcanhares, apertando os seus fortes joelhos, disparou com a velocidade de um animal de corrida; parecia compreender o dono: atravessaram a floresta num quarto de hora. Michu, sem se ter desviado do caminho mais curto, achou-se num ponto da orla da floresta de onde os cimos do castelo de Cinq-Cygne apareciam iluminados pela lua. Prendeu o cavalo numa árvore e alcançou apressadamente o montículo do qual se dominava o vale de Cinq-Cygne.

O castelo, que Marta e Michu contemplaram juntos durante um momento, forma um quadro encantador na paisagem. Conquanto não tenha nenhuma importância, nem como tamanho nem como arquitetura, não deixa de ter certo mérito arqueológico.

Esse velho edifício do século xv, assentado numa eminência, cercado de fossos profundos, largos e ainda cheios de água, é feito de pedras e argamassa, mas as paredes têm sete pés de espessura. Sua simplicidade lembra admiravelmente a vida rude e guerreira dos tempos feudais. Esse castelo, verdadeiramente singelo, consta de duas grandes torres avermelhadas, separadas por um extenso pavimento, no qual se abrem verdadeiras janelas de pedras, cujas cruzes grosseiramente esculpidas assemelham-se a sarmentos de videira. A escada está no exterior, no centro, e colocada numa torre pentagonal com uma porta pequena, ogival. O pavimento térreo, interiormente modernizado, ao tempo de Luís xiv, do mesmo modo que o primeiro andar, é recoberto por telhados imensos, nos quais se abrem janelas

com arcos esculpídos. Em frente ao castelo há um vasto gramado cujas árvores tinham sido recentemente abatidas. De cada lado da ponte de entrada, estão duas casinholas onde moram os jardineiros, ambas separadas por uma grade ordinária, sem caráter, evidentemente moderna. À direita e à esquerda do gramado, dividido em duas partes por uma calçada de pedra, veem-se as cocheiras, os estábulos, os celeiros, o fogão, a padaria, os galinheiros, os quartos da criadagem, arrumados sem dúvida nos restos de duas alas semelhantes ao castelo atual.

Outrora, esse castelo devia ter sido quadrado, fortificado nos quatro ângulos, defendido por uma enorme torre com pórtico abobadado, ao pé do qual havia, em lugar da grade, uma ponte levadiça. As duas grandes torres, cujos telhados em funil não tinham sido arrasados, o campanariozinho da torre do centro, davam à aldeia uma certa fisionomia. A igreja, velha também, ostentava, a poucos passos daí, seu campanário pontudo, que se harmonizava com o conjunto do castelo. A lua fazia resplandecer todos os cimos e os cones em torno dos quais a luz brincava e cintilava. Michu contemplou aquela habitação senhorial de modo a transmutar as ideias de sua esposa, pois seu rosto, mais calmo, exibia uma expressão de esperança e uma espécie de orgulho. Seus olhos percorreram o horizonte com alguma desconfiança; escutou os ruídos do campo. Deviam ser nove horas; a lua derramava sua luz na orla da floresta, e o montículo, sobretudo, estava fortemente iluminado. Essa posição pareceu-lhe perigosa, e ele desceu parecendo temer que o vissem. Entretanto, nenhum barulho suspeito perturbava a paz daquele belo vale, cerrado, daquele lado, pela floresta de Noddesme.

Marta, esgotada, trêmula, esperava um desenlace qualquer, depois de semelhante carreira. Para que serviria ela? Para uma boa ação ou para um crime? Nesse momento, Michu aproximou-se do ouvido dela.

— Irás agora à casa da condessa de Cinq-Cygne, pedirás para falar-lhe; quando a vires, dize-lhe que se afaste contigo. Se ninguém as puder ouvir, tu lhe dirás: “Senhorita, a vida dos seus dois primos está em perigo, e aquele que lhe explicará o porquê, e o como, a está esperando”. Se ela tiver medo, se desconfiar, acrescenta: “Eles fazem parte da conspiração contra o primeiro-cônsul, e a conspiração está descoberta”. Não digas teu nome, desconfiam demasiado de nós.

Marta Michu ergueu a cabeça para o marido e disse-lhe:

— Então, tu os serves?

— Pois bem! que tem isso? — disse ele franzindo as sobrancelhas, julgando tratar-se de uma censura.

— Tu não me compreendes! — exclamou Marta pegando a larga mão de Michu, aos pés do qual caiu beijando aquela mão, que logo ficou coberta de lágrimas.

— Corre! Chorarás depois — disse ele, abraçando-a repentinamente

com força.

Quando não mais ouviu os passos da mulher, aquele homem de ferro ficou com os olhos rasos de lágrimas. Ele havia desconfiado de Marta por causa de opiniões do pai dela, ocultara-lhe os segredos de sua vida; mas a beleza do caráter simples da esposa se lhe apresentara subitamente, assim como a grandeza do seu acabava de manifestar-se para ela. Marta passava da profunda humilhação que a degradação do homem de quem se usa o nome causa ao deslumbramento que sua glória dá; ela passava de uma coisa a outra sem transição. Não havia nisso motivo para desfalecer? Presa das mais vivas inquietações, ela caminhara, como lhe disse mais tarde, por cima do sangue, desde o pavilhão até Cinq-Cygne, e num instante se sentira arrebatada ao céu entre os anjos. Ele, que não se sentia apreciado, que interpretava a atitude tristonha e melancólica da esposa como uma falta de afeição, que a deixava entregue a si mesma, vivendo ele fora de sua vida, fazendo recair toda a sua ternura sobre o filho, compreendera num momento tudo o que significavam as lágrimas daquela mulher: ela amaldiçoava o papel que sua beleza e que a vontade paterna a tinham obrigado a representar. A felicidade brilhava para eles com sua mais bela chama, no meio da tormenta, como um relâmpago. E tinha de ser um relâmpago! Cada um deles pensava nos dez anos de desentendimentos, e disso acusava-se a si próprio exclusivamente. Michu ficou de pé, imóvel, com o cotovelo apoiado na carabina e o queixo sobre o cotovelo, imerso em profunda cisma. Um momento como esse faz com que sejam aceitas todas as dores do mais doloroso passado.

Agitada por mil pensamentos semelhantes aos do marido, Marta sentiu então o coração oprimido pelo perigo dos Simeuse, pois compreendeu tudo, até mesmo a figura dos dois parisienses; não podia, porém, explicar o motivo da carabina. Atirou-se como uma corça e alcançou o caminho do castelo; ficou surpreendida ao ouvir atrás de si os passos de um homem; ia soltar um grito, mas a larga mão de Michu tapou-lhe a boca.

— Do alto do outeiro vi reluzir ao longe o prateado de chapéus bordados. Entra por uma brecha do fosso que há entre a torre da senhorita e as estrebarias; os cães não latirão contra ti. Passa pelo jardim, chama a jovem condessa pela janela, manda selar o cavalo dela e dize-lhe que o traga pelo fosso; eu estarei ali, depois de ter estudado o plano dos parisienses e de ter achado o meio de escapar deles.

Esse perigo, que rolava como um alude e que era necessário prevenir, deu asas a Marta.

V — LOURENÇA DE CINQ-CYGNE

O nome franco, comum aos Cinq-Cygne e aos Chargebœuf, é Duineff.

Cinq-Cygne³³ tornou-se o nome do ramo mais moço dos Chargebœuf depois da defesa de um castelo, feita durante a ausência do pai, por cinco filhas daquela casa, todas notavelmente alvas e das quais ninguém teria esperado semelhante conduta.

Um dos primeiros condes de Champanha quis, com esse bonito nome, perpetuar uma tal lembrança por tanto tempo quanto vivesse aquela família. Desde aquele feito de armas singular, as filhas dessa família foram altivas, mas nem sempre, talvez, foram alvas. A última, Lourença, contrariamente à lei sálica, era herdeira do nome, das armas e dos feudos. O rei de França aprovara a carta do conde de Champanha em virtude da qual, nessa família, o ventre enobrecia e sucedia. Lourença era pois condessa de Cinq-Cygne, seu marido deveria usar tanto seu nome como seu brasão, no qual se lia como divisa a sublime resposta dada pela primogênita das cinco irmãs, à intimação de entregar o castelo: *Morrer cantando!*

Digna daquelas belas heroínas, Lourença era de uma alvura que parecia ser um desafio do destino. Os menores lineamentos de suas veias azuis viam-se sob a trama fina e lisa da epiderme. Seus cabelos, do mais lindo louro, combinavam maravilhosamente com os olhos, do mais carregado azul. Tudo nela pertencia ao gênero delicado. No seu corpo grácil, apesar de seu busto delgado, a despeito de sua tez de leite, vivia uma alma temperada como a de um homem do mais belo caráter, mas que ninguém, nem mesmo um observador, poderia adivinhar pelo aspecto de sua fisionomia meiga e de seu rosto arqueado, cujo perfil oferecia vaga semelhança com uma cabeça de ovelha. Essa excessiva meiguice, embora nobre, parecia ir até a estupidez do cordeiro. “Tenho o ar de uma ovelha a sonhar!”, dizia ela por vezes, sorrindo. Lourença, que pouco falava, parecia não sonhadora, mas entorpecida. Se sobrevinha uma circunstância séria, a Judite oculta revelava-se logo e se tornava sublime, e as circunstâncias, infelizmente, não lhe tinham faltado.

Aos treze anos, Lourença, depois dos acontecimentos que já conhecem, viu-se órfã, em frente ao lugar em que na véspera se erguia, em Troyes, uma das mais curiosas casas da arquitetura do século XVI, o palácio de Cinq-Cygne. O sr. d’Hauteserre, parente seu, tornado seu tutor, levou imediatamente a herdeira para o campo. Esse honrado gentil-homem da província, assustado com a morte do padre d’Hauteserre, seu irmão, atingido por uma bala, na praça, no momento em que fugia disfarçado de camponês, não estava em posição de defender os interesses de sua pupila: tinha dois filhos no exército dos príncipes e, todos os dias, ao menor barulho, pensava que os guardas municipais de Arcis vinham prendê-lo. Orgulhosa por ter resistido a um assédio e por possuir a alvura histórica de suas antepassadas, Lourença desprezava aquela prudente covardia do ancião, curvado ao sopro da

tempestade, e não pensava senão em se tornar ilustre. Por isso, colocou audaciosamente no seu pobre salão de Cinq-Cygne o retrato de Charlotte Corday,³⁴ coroadado com pequenos ramos de carvalho trançados. Por meio de um mensageiro correspondia-se com os gêmeos, apesar da lei, que a teria punido com a morte. O mensageiro, que também arriscava a vida, trazia-lhe as respostas. Lourença, desde a catástrofe de Troyes, viveu somente para o triunfo da causa da realeza. Depois de ter imparcialmente julgado o sr. e a sra. d’Hauteserre e reconhecido neles uma natureza honrada, mas sem energia, ela os pôs fora das leis de sua esfera. Lourença tinha demasiado espírito e verdadeira indulgência para levar-lhes a mal o caráter; boa, amável, afetuosa com eles, não lhes confiou um único dos seus segredos. Nada fecha tanto a alma como uma dissimulação constante no seio da família.

Ao alcançar a maioridade, Lourença deixou que o bom D’Hauteserre continuasse a gerir seus negócios, como no passado. Contanto que sua égua favorita estivesse bem cuidada, que sua criada Catarina estivesse vestida a seu gosto e seu criadinho Gotardo trajasse convenientemente, do resto pouco se lhe dava. Orientava seu pensamento para um alvo demasiado elevado para baixar a ocupações que em outros tempos lhe teriam, sem dúvida, agradado. A *toilette* foi pouca coisa para ela, e, ademais, seus primos não estavam presentes. Lourença tinha uma amazona verde-garrafa para passear a cavalo, um vestido de fazenda comum, com corpete sem mangas, enfeitado com alamares, para andar a pé e, para a casa, um penteador de seda. Gotardo, seu pequeno escudeiro, um rapazinho de quinze anos, desempenado e corajoso, escoltava-a, porque quase sempre ela andava fora e caçava em todas as terras de Gondreville sem que os granjeiros nem Michu se opusessem. Montava a cavalo admiravelmente bem, e sua perfeição nas caçadas parecia milagrosa. Na região, sempre, mesmo durante a Revolução, chamavam-na Mademoiselle.

Quem quer que tenha lido o belo romance *Rob Roy* deve lembrar-se de um dos raros caracteres de mulher para cuja concepção Walter Scott abandonou seus hábitos de frieza, o de Diana Vernon. Essa recordação pode servir para fazer compreender Lourença, se acrescentarem às qualidades da caçadora escocesa a exaltação reprimida de Charlotte Corday, suprimindo, porém, a amável vivacidade que torna Diana tão atraente. A jovem condessa vira sua mãe morrer, vira o padre d’Hauteserre cair, o marquês e a marquesa de Simeuse perecerem no cadafalso; seu único irmão morrera em consequência de seus ferimentos, seus dois primos que serviam no exército de Condé podiam ser mortos a qualquer momento; finalmente a fortuna dos Simeuse e dos Cinq-Cygne acabava de ser devorada pela República, sem proveito para a República. Sua gravidade, degenerada em aparente estupor, era

concebível.

O sr. d'Hauteserre mostrou-se, de resto, o mais probo e mais entendido tutor. Sob sua administração, Cinq-Cygne tomou o ar de uma granja. O bom velho, que mais se assemelhava a um proprietário que valorizava seus bens do que a um valente, tirara partido do parque e dos jardins, cuja extensão era de cerca de duzentos arpentos, e de onde ele conseguiu a alimentação dos cavalos, do pessoal e a lenha para o aquecimento. Graças à mais severa economia, a condessa, ao alcançar a maioridade, recuperara, em virtude do emprego das rendas sobre o Estado, uma fortuna suficiente.

Em 1798, a herdeira possuía vinte mil francos de renda sobre o Estado, da qual, na realidade, lhe deviam os atrasados, e doze mil francos em Cinq-Cygne, cujos arrendamentos tinham sido renovados com notáveis aumentos. O sr. e a sra d'Hauteserre tinham-se retirado para o campo com três mil francos de renda vitalícia nas tontinas de Lafarge:³⁵ esse resto de sua fortuna não lhes permitia viver em outro lugar que não em Cinq-Cygne; por isso o primeiro ato de Lourença foi o de lhes dar o gozo, enquanto vivessem, do pavilhão que eles ocupavam. Os D'Hauteserre, tornados avaros para sua pupila como para si mesmos e que, todos os anos, juntavam seus mil escudos pensando nos dois filhos, ofereciam à herdeira uma mesa miserável. A despesa total de Cinq-Cygne não ia além de cinco mil francos por ano. Mas Lourença, que não descia a detalhes, achava tudo bom. O tutor e a esposa, insensivelmente dominados pela influência imperceptível daquele caráter que se exercia nas menores coisas, tinham acabado por admirar aquela a quem conheceram como filha, sentimento esse bastante raro. Lourença, porém, tinha nas maneiras, na sua voz gutural, no seu olhar imperioso, esse não sei quê, esse poder inexplicável que sempre se impõe, mesmo quando não é senão aparente, pois que nos tolos o vazio se assemelha à profundidade. Para o vulgo, a profundidade é incompreensível. Vem daí, talvez, a admiração do povo por tudo o que não compreende.

O sr. e a sra. d'Hauteserre, dominados pelo silêncio habitual e impressionados pelo retraimento da jovem condessa, estavam sempre na expectativa de grandes coisas. Fazendo o bem com discernimento e não se deixando enganar, Lourença obtinha de parte dos camponeses um grande respeito, embora sendo aristocrata. Seu sexo, seu nome, suas desditas, a originalidade de sua vida, tudo contribuíu a dar-lhe autoridade sobre os habitantes do vale de Cinq-Cygne. Partia às vezes por um ou dois dias, acompanhada por Gotardo, e nunca, no seu regresso, nem o sr. nem a sra. d'Hauteserre a interrogavam sobre os motivos de sua ausência. Lourença, é preciso que notem, nada tinha de estranho em si. A virago se ocultava sob a forma mais feminina e mais fraca na aparência. Seu coração era de uma sensibilidade excessiva, mas

trazia no espírito uma resolução viril e uma firmeza estoica. Seus olhos clarividentes não sabiam chorar. Vendo o seu punho branco e delicado, matizado de veias azuis, ninguém poderia imaginar que podia desafiar o do mais enrijado cavaleiro. Sua mão, tão macia, tão fluida, manejava uma pistola, uma espingarda, com o vigor de um caçador veterano. Fora de casa, ela nunca se toucava senão como as mulheres o fazem para montar a cavalo, com um elegante chapeuzinho de castor e com um véu verde caído; por isso seu rosto tão delicado, seu pescoço branco, abrigado por uma gravata negra, jamais haviam sofrido com suas excursões ao ar livre. Durante o Diretório e no começo do Consulado, Lourença pudera proceder assim, sem que ninguém se preocupasse com ela; mas, depois que o governo começou a regularizar-se, as novas autoridades, o prefeito do Aube, os amigos de Malin e o próprio Malin tentavam desconsiderá-la.

Lourença em mais nada pensava a não ser no desmoronamento de Bonaparte, cuja ambição e triunfo tinham despertado nela um ódio frio e calculado. Inimiga obscura e desconhecida daquele homem coberto de glória, ela o fitava, do fundo de seu vale e das suas florestas, com terrível fixidez; às vezes queria ir matá-lo nos arredores de Saint-Cloud ou da Malmaison. A execução desse intento bastaria para explicar os exercícios e os hábitos de sua vida; mas, iniciada, desde a ruptura da paz de Amiens, nas conspirações dos homens que tentaram fazer voltar-se o 18 de brumário contra o primeiro-cônsul, ela, desde então, subordinara sua força e seu ódio ao plano muito vasto e muito bem dirigido que devia atingir Bonaparte, no exterior, pela grande coalizão da Rússia, da Áustria e da Prússia, a qual, já imperador, ele venceu em Austerlitz; e no interior, pela coalizão dos homens de tendências mais opostas, reunidos, porém, por um ódio comum, e dos quais vários meditavam, como Lourença, a morte daquele homem sem se assustarem com a palavra assassínio.

Aquela moça tão débil para quem a via, tão forte para quem a conhecesse bastante, era pois naquele momento o guia fiel e seguro dos gentis-homens que vieram da Alemanha para tomar parte naquele ataque sério. Fouché baseou-se nessa cooperação dos emigrados de além-Reno para envolver o duque d'Enghien na conspiração. A presença desse príncipe no território de Baden, a pouca distância de Estrasburgo, deu, mais tarde, peso a essas hipóteses. A grande questão de saber se o príncipe teve realmente ciência da empresa, se devia entrar em França depois do êxito, é um dos segredos sobre os quais, como sobre alguns outros, os príncipes da casa de Bourbon guardaram o mais profundo silêncio. À medida que a história dessa época for envelhecendo, os historiadores imparciais terão de reconhecer que o príncipe foi, pelo menos, imprudente por se aproximar da fronteira no momento em que devia explodir uma imensa conspiração, de cujo segredo forçosamente

toda a família real devia ter conhecimento.

A mesma prudência que Malin acabava de empregar na conferência com Grévin, ao ar livre, aquela moça a aplicava nas suas menores relações. Ela recebia os emissários, conferenciava com eles, fosse nos múltiplos confins da floresta de Nodessme, fosse para além do vale de Cinq-Cygne, entre Sézanne e Brienne. Fazia muitas vezes quinze léguas, num único tirão, com Gotardo, e voltava a Cinq-Cygne sem que se pudesse perceber no seu rosto viçoso o menor vestígio de fadiga, nem de preocupação. Ela inicialmente surpreendera, nos olhos daquele pequeno vaqueiro, que tinha então nove anos, a ingênua admiração que as crianças sentem pelo extraordinário; fez dele seu palafrenero e ensinou-lhe a tratar dos cavalos com o cuidado e a atenção que lhes dispensam os ingleses. Reconheceu nele inteligência, o desejo de bem desempenhar-se e absoluta ausência de cálculo; experimentou seu devotamento e viu que disso não só possuía o espírito como também a nobreza, pois não concebia recompensas. Então cultivou aquela alma tão moça ainda, foi boa para ele, boa com grandeza, ligou-o a si, ligando-se a ele, polindo ela mesma aquele caráter semisselvagem, sem lhe tirar o verdor nem a simplicidade. Depois de ter posto à prova, suficientemente, a fidelidade quase canina que ela alimentara, Gotardo tornou-se o seu engenhoso e ingênuo cúmplice.

O pequeno camponês, do qual ninguém podia suspeitar, ia de Cinq-Cygne a Nancy e voltava algumas vezes sem que ninguém soubesse que ele tinha saído da região. Praticava todas as manhas usadas pelos espiões. A excessiva desconfiança que lhe incutira sua patroa em nada alterava seu temperamento. Gotardo, que tinha ao mesmo tempo a esperteza das mulheres, a candidez da criança e a perpétua atenção do conspirador, ocultava essas admiráveis qualidades sob a profunda ignorância e o torpor da gente do campo. Aquele homenzinho parecia tolo, fraco e desastrado; mas, uma vez no trabalho, era ágil como um peixe, escapava-se como uma enguia; como os cães, compreendia as coisas por um olhar; farejava o pensamento. Sua boa cara grande, redonda e vermelha, seus olhos castanhos sonolentos, seus cabelos cortados como os dos camponeses, seu traje, seu crescimento muito retardado davam-lhe a aparência de um menino de dez anos.

Sob a proteção da prima, que, de Estrasburgo até Bar-sur-Aube, cuidou deles, os srs. d'Hauteserre e de Simeuse, acompanhados por vários outros emigrados, vieram pela Alsácia, pela Lorena e pela Champanha, ao passo que outros conspiradores, não menos corajosos, abordaram a França pelas falésias da Normandia. Trajados como operários, os D'Hauteserre e os Simeuse foram de floresta em floresta, guiados sucessivamente por pessoas escolhidas por Lourença, fazia três meses, em cada departamento, entre os partidários mais devotados aos Bourbon e os menos suspeitos. Os emigrados dormiam de dia e

viajavam durante a noite. Cada um deles trazia consigo dois soldados devotados, dos quais um ia na frente como explorador e o outro ficava atrás para proteger a retirada em caso de insucesso. Graças a essas precauções militares, esse precioso destacamento alcançara sem acidentes a floresta de Noddesme, ponto marcado para o encontro.

Outros vinte e sete gentis-homens entraram também pela Suíça e atravessaram a Borgonha, em direção a Paris, com idênticas precauções. O sr. de Rivière contava com quinhentos homens, dos quais cem jovens nobres, oficiais desse batalhão sagrado. Os srs. de Polignac e de Rivière, cuja conduta, como chefes, foi excessivamente notável, guardaram um segredo impenetrável a respeito de todos aqueles cúmplices, que não foram descobertos. Assim é que hoje se pode dizer, de acordo com as revelações feitas durante a Restauração, que Bonaparte, da extensão dos perigos que então correu, não chegou a conhecer mais do que conhecia a Inglaterra do perigo em que a colocava o campo de Bolonha; e, entretanto, nunca a polícia fora mais espiritualmente nem mais habilmente dirigida.

No momento em que começa esta história, um covarde, como sempre há nas conspirações que não se restringem a um número pequeno de homens de igual fortaleza, um conjurado posto diante da morte, dava indicações, felizmente insuficientes quanto à extensão, mas bastante precisas quanto às finalidades da empresa. Por isso a polícia, como Malin dissera a Grévin, deixava os conspiradores vigiados agirem em liberdade para abarcar todas as ramificações do conluio. Não obstante, o governo viu-se, de algum modo, forçado a agir por Georges Cadoudal, homem de ação, que não se aconselhava a não ser consigo mesmo, e que se ocultara em Paris com vinte e cinco *chouans*, para atacar o primeiro-cônsul.

Lourença unia no seu pensamento o ódio e o amor. Destruir Bonaparte e fazer com que voltassem os Bourbon não era reaver Gondreville e fazer a fortuna dos seus primos? Esses dois sentimentos dos quais um era o complemento do outro bastam, principalmente quando se tem vinte e três anos, para desenvolver todas as faculdades da alma e todas as forças da vida. Por isso, fazia dois meses, os habitantes de Cinq-Cygne achavam Lourença mais bela do que nunca. Suas faces tinham-se colorido, a esperança dava por instantes altivez à sua frente; mas quando se lia a *Gazette* da tarde, e que os atos conservadores do primeiro-cônsul nela se publicavam, ela baixava os olhos para que neles não se pudesse ler a certeza ameaçadora da próxima queda daquele inimigo dos Bourbon. Ninguém pois, no castelo, suspeitava que a jovem condessa tivesse tornado a ver os primos, na noite que findara.

Os dois filhos do sr. e da sra. d'Hautesserre tinham passado a noite no próprio quarto da condessa, sob o mesmo teto que seus pais;

porquanto Lourença, para não dar lugar a suspeitas, depois de ter feito deitarem-se os dois D'Hauteserre, entre uma e duas horas da madrugada, fora reunir-se com os primos no ponto de encontro, e os levou para o meio da floresta, onde os tinha escondido na cabana abandonada de um guarda. Como tivesse a certeza de tornar a vê-los, não manifestou a mínima alegria, nada traiu nela as emoções da espera, enfim, soubera apagar os vestígios do prazer de os ter revisto: foi impassível. A bonita Catarina, filha de sua ama, e Gotardo, ambos no segredo, modelaram sua conduta pela da senhora. Catarina tinha dezenove anos. Nessa idade, como na de Gotardo, uma jovem é fanática e se deixa cortar o pescoço sem dizer uma palavra. Quanto a Gotardo, só o fato de sentir o perfume que a condessa punha nos seus cabelos e nas suas vestes bastaria para lhe fazer suportar as piores torturas sem um lamento.

VI — INTERIOR E FISIONOMIAS REALISTAS DURANTE O CONSULADO

No momento em que Marta, prevenida do perigo, deslizava com a rapidez de uma sombra para a brecha indicada por Michu, o salão do castelo de Cinq-Cygne apresentava o mais pacífico espetáculo. Seus habitantes estavam tão longe de suspeitar a tormenta prestes a desabar sobre eles que suas atitudes teriam excitado a compaixão de qualquer pessoa que conhecesse a situação em que eles se achavam.

Na alta chaminé, ornada com um painel onde dançavam, acima do espelho, pastoras de anquinhas, brilhava um desses fogos como não se fazem senão nos castelos situados à beira de florestas. Ao canto dessa chaminé, numa ampla poltrona quadrada, de madeira dourada, forrada de seda da China verde, a jovem condessa estava, por assim dizer, estendida na atitude causada por um completo acabrunhamento. Tendo voltado somente às seis horas dos confins de Brie, depois de ter percorrido a estrada na frente do grupo, a fim de fazer com que os quatro gentis-homens chegassem sãos e salvos à pousada onde deviam fazer a última etapa, antes de entrar em Paris, surpreendera o sr. e a sra. d'Hauteserre no fim do jantar. Faminta, pusera-se à mesa sem tirar nem a amazona enlameada nem seus borzeguins. Em vez de despir-se depois do jantar, ela se sentira abatida pelo cansaço e deixara inclinar sua bela cabeça nua, coberta dos seus mil cachos louros, sobre o espaldar da imensa poltrona, pousando os pés numa banquetta. O fogo secava os salpicos de lama em sua amazona e em seus borzeguins. Suas luvas de pele de gamo, seu chapeuzinho de castor, seu véu verde e seu pingalim estavam sobre o consolo onde os atirara. Olhava ora para o velho relógio de Boule³⁶ que se achava em cima do alizar da chaminé, entre dois candelabros floreados, para ver se, segundo a hora, os quatro conspiradores estariam deitados, ora para a mesa de bóston colocada

em frente à chaminé e ocupada pelo sr. d’Hauteserre e sua esposa, pelo padre de Cinq-Cygne e sua irmã.

Mesmo que essas quatro personagens não estivessem incrustadas neste drama, suas cabeças teriam ainda o mérito de representar uma das faces que tomou a aristocracia, após sua derrota de 1793. Sob esse ponto de vista, a descrição do salão de Cinq-Cygne tem o sabor da história vista em trajes caseiros.

O gentil-homem, então com cinquenta e dois anos, grande, seco, sanguíneo e de saúde robusta, pareceria capaz de energia, não fossem seus grandes olhos azul-porcelana, cujo olhar revelava uma extrema simplicidade. Havia no seu rosto terminado por um queixo de velha, entre o nariz e a boca, um espaço desmedido segundo as leis do desenho, que lhe dava um ar de submissão em perfeita harmonia com seu caráter, e com o qual concordavam os menores detalhes de sua fisionomia.

Assim, por exemplo, sua cabeleira grisalha, abrigada pelo chapéu que ele conservava posto durante quase todo o dia, formava como que um solidéu sobre a cabeça, desenhando-lhe os contornos piriformes. A fronte, muito enrugada pela vida do campo e por contínuas preocupações, era plana e sem expressão. O nariz aquilino dava algum caráter à sua fisionomia; o único indício de fortaleza estava nas sobrancelhas bastas, que conservavam a cor preta, e no vivo colorido de sua tez; esse indício, porém, não mentia: o gentil-homem, embora simples e manso, tinha a fé monárquica e católica, e nenhuma consideração o faria mudar de opinião. Esse pobre homem deixar-se-ia prender, não atiraria sobre os guardas municipais e iria muito suavemente para o cadafalso. Seus três mil francos de renda vitalícia, seu único recurso, tinham-no impedido de emigrar. Obedecia pois ao governo de fato, sem deixar de querer à família real e de desejar sua restauração; mas recusaria comprometer-se participando em uma tentativa a favor dos Bourbon. Pertencia àquele grupo de realistas que se lembraram eternamente de terem sido batidos e roubados; que, desde então, permaneceram mudos, econômicos, odientos, sem energia, mas incapazes de abjurações e de sacrifícios; prontos a saudar a realeza triunfante, amigos da religião e dos padres, mas resolvidos a suportar todos os vexames da desgraça. Isso não é mais ter opinião e, sim, teimosia. A ação é a essência dos partidos.

Sem espírito, mas leal, avarento como um camponês e, não obstante, de maneiras nobres, ousado nos seus desejos, porém discreto em palavras e em ações, tirando partido de tudo e pronto para deixar-se nomear *maire* de Cinq-Cygne, o sr. d’Hauteserre representava admiravelmente esses honrados gentis-homens sobre cujas fronte Deus escreveu a palavra *traças*, que deixaram passar por sobre suas cabeças e seus feudos as tormentas da Revolução, que se reergueram

sob a Restauração, ricos por suas economias ocultas, orgulhosos por sua dedicação discreta e que voltaram para suas propriedades rurais após 1830.³⁷ Seu vestuário, invólucro expressivo de seu caráter, pintava o homem e o tempo. O sr. d’Hauteserre usava uma dessas opalandas, cor de avelã, de gola pequena, que o último duque de Orléans pusera na moda, quando voltou da Inglaterra, e que foram, durante a Revolução, uma espécie de transação entre as hediondas vestimentas populares e as elegantes sobrecasacas da aristocracia. Seu colete de veludo, de listras floreadas, cujo modelo recordava os de Robespierre e de Saint-Just, deixava ver o alto de um bofe de pequeninas pregas deitado sobre a camisa. Conservava o calção, mas o seu era de uma fazenda grossa azul, com fivelas de aço brunido. Suas meias de filosela preta modelavam pernas de cervo, calçadas com sapatos grossos, seguros por polainas de pano preto. Continuava a usar cabeçaço de musselina, com mil pregas, preso por uma fivela de ouro no pescoço. O bom velho não pensara fazer ecletismo político ao adotar essa vestimenta simultaneamente camponesa, revolucionária e aristocrática; apenas obedecera muito inocentemente às circunstâncias.

A sra. d’Hauteserre, de quarenta anos de idade, e gasta pelas emoções, tinha um rosto murcho que parecia estar sempre posando para um retrato; e sua coifa de rendas, enfeitada com laços de fita de cetim branco, contribuía singularmente para lhe dar um aspecto solene. Usava ainda pó, apesar de sua romeira branca, vestido de seda cor de pulga, de mangas corridas, com saia muito ampla, triste e último traje da rainha Maria Antonieta. Tinha o nariz afilado, o queixo pontudo, o rosto quase triangular, olhos de quem chorou; usava, porém, uma leve camada de *rouge* que reavivava seus olhos cinzentos. Tomava rapé e, de cada vez, punha em jogo aquelas bonitas precauções de que outrora abusavam as melindrosas; todos os detalhes daquela “tomada” constituíam uma cerimônia que se explica numa palavra: tinha lindas mãos.

Fazia dois anos que o antigo preceptor dos dois Simeuse, amigo do padre d’Hauteserre, chamado Goujet, da ordem dos Mínimos, retirara-se para a freguesia de Cinq-Cygne, por amizade aos D’Hauteserre e pela jovem condessa. Sua irmã, srta. Goujet, possuidora de setecentos francos de renda, juntava-os aos magros proventos do curato e dirigia a casa do irmão. Nem a igreja nem o presbitério tinham sido vendidos, por causa do seu pouco valor.

O padre Goujet morava a dois passos do castelo, porquanto o muro do jardim do curato e o do parque eram meeiros, em alguns lugares. Por isso, duas vezes por semana, o padre Goujet e a irmã jantavam em Cinq-Cygne, onde, todas as noites, vinham jogar com os D’Hauteserre. Lourença não sabia pegar numa carta. O padre Goujet, ancião de cabelos brancos e de rosto pálido como o de uma mulher velha, dotado

de um sorriso amável, de voz doce e insinuante, mitigava a insipidez de seu rosto bastante embonecado por uma fronte que respirava inteligência e por olhos muito espertos. De estatura mediana e bem-feito de corpo, ele conservava a casaca preta à francesa, usava fivelas de prata nos calções e nos sapatos, meias de seda preta, colete preto sobre o qual se deitava o cabeção, o que lhe dava um grande ar, sem nada lhe tirar de sua dignidade. Esse padre que se tornou bispo de Troyes, na Restauração, acostumado por sua antiga vida a julgar as pessoas moças, adivinhara o grande caráter de Lourença; apreciava-a no seu justo valor, e logo de chegada demonstrara uma respeitosa deferência por aquela moça, o que muito contribuiu para torná-la independente em Cinq-Cygne e fazer com que se curvassem ante ela a austera velha dama e o bom gentil-homem, aos quais, segundo o uso, ela certamente deveria obedecer.

Havia seis meses que o padre Goujet observava Lourença com o gênio peculiar aos padres, que são as criaturas mais perspicazes do mundo; e, sem saber que aquela moça de vinte e três anos pensava em derrubar Bonaparte, no momento em que suas fracas mãos desenredavam um alamar desfeito de sua amazona, ele a supunha entretanto agitada por um grande projeto.

A srta. Goujet era uma dessas solteironas cujo retrato se faz com duas palavras, que permitem aos menos imaginosos fazer delas uma ideia: pertencia ao gênero das grandes hacaneias. Sabia que era feia, e era a primeira a rir de sua fealdade, mostrando seus longos dentes amarelos como sua tez e as mãos ossudas. Era completamente boa e alegre. Usava a velha blusa dos velhos tempos, uma saia muito rodada com bolsos sempre cheios de chaves, uma touca com fitas e uma trança de cabelos rodeando-lhe a cabeça. Tivera quarenta anos muito cedo; mas vingava-se — dizia — agarrando-se a eles havia vinte anos. Venerava a nobreza, e sabia manter sua própria dignidade, tributando às pessoas nobres tudo o que lhes era devido em matéria de respeito e de homenagens.

Essa companhia viera muito a propósito, em Cinq-Cygne, para a sra. d'Hauteserre, que não tinha, como o marido, ocupações rurais nem, como Lourença, o tônico de um ódio para sustentar o peso de uma vida solitária. Por isso, em seis anos, de algum modo, tudo tinha melhorado. O culto católico restabelecido permitia cumprir os deveres religiosos que têm maior repercussão na vida de campo do que em qualquer outro lugar. O sr. e a sra. d'Hauteserre, tranquilizados pelos atos conservadores do primeiro-cônsul, tinham podido corresponder-se com os filhos, tinham recebido notícias deles, não mais tremiam por eles e pediam-lhes que solicitassem sua exclusão da lista dos emigrados e que voltassem à França. O Tesouro liquidara os atrasados das rendas e pagava regularmente os semestres. Os D'Hauteserre tinham então mais

oito mil francos por ano, além da sua renda vitalícia. O ancião aplaudia-se da sabedoria de suas previsões, colocara todas as suas economias, vinte mil francos, ao mesmo tempo que os haveres de sua pupila, antes do 18 de brumário, o qual fez, como todos sabem, subirem os fundos de doze a dezoito francos.

Muito tempo Cinq-Cygne permanecera despido, vazio, devastado. Por cálculo, o prudente tutor não quis, durante as comoções revolucionárias, mudar-lhe o aspecto; mas, por ocasião da paz de Amiens, fizeram uma viagem a Troyes para de lá trazer alguns restos dos dois palácios saqueados, que comprara nos adelos. O salão fora então mobiliado por iniciativa dele. Belas cortinas de lampa branca com flores verdes, provenientes do palácio de Simeuse, ornavam as seis janelas do salão onde se encontravam agora aquelas personagens. Essa imensa peça era completamente revestida de forro de madeira dividido em painéis enquadados em caixilhos perolados, decorados com mascarões nos ângulos e pintados em dois tons cinzentos. O bom do homem encontrara em Troyes consolos dourados, um móvel de seda verde, um lustre de cristal, uma mesa de jogo de marchetaria e tudo o que podia servir para a restauração de Cinq-Cygne. Em 1792, todo o mobiliário do castelo fora tomado, porquanto o saque dos palácios tivera repercussão equivalente nos vales. Cada vez que o ancião ia a Troyes, voltava com algumas relíquias do antigo esplendor, ora um belo tapete como o que cobria o parquet do salão, ora parte da louça ou de velhas porcelanas de Saxe e de Sèvres. Seis meses atrás, ele ousara desenterrar a prataria de Cinq-Cygne, que o cozinheiro enterrara numa casinha que lhe pertencia, situada no fim de um dos longos arrabaldes de Troyes.

Esse fiel servidor, chamado Durieu, e sua mulher haviam acompanhado sempre a sorte de sua jovem senhora. Durieu era o factótum do castelo, e sua mulher, a criada encarregada dos serviços caseiros. Como sua auxiliar na cozinha, Durieu tinha a irmã de Catarina, a quem ele ensinava sua arte e que se estava tornando uma excelente cozinheira. Um velho jardineiro, a mulher, um filho, pago por dia, e a filha, que se ocupava com a leiteria, completavam a criadagem do castelo. Fazia seis meses, a Durieu mandara fazer secretamente uma libré com as cores de Cinq-Cygne para o filho do jardineiro e para Gotardo. Conquanto tivesse sido ralhada por essa imprudência pelo gentil-homem, ela tivera a satisfação de ver o jantar servido, no dia de São Lourenço, dia onomástico de Lourença, quase como antigamente.

Essa penosa e lenta restauração das coisas gerava a alegria do sr. e da sra. d'Hauteserre e dos Durieu. Lourença sorria do que chamava criancices. Mas o bom velho D'Hauteserre também pensava no sólido: reparava as edificações, reconstruía os muros, plantava em todos os lugares onde havia possibilidade de fazer nascer uma árvore e não

deixava uma polegada de terreno sem valorizá-la. Por isso, o vale de Cinq-Cygne considerava-o como um oráculo em matéria de agricultura. Ele soubera recuperar cem arpentos de terras litigiosas, não vendidas e misturadas pela comuna nos seus bens coletivos; convertera-os em prados artificiais que alimentavam o gado do castelo e os cercara de choupos, que, fazia seis anos, cresciam admiravelmente. Tinha a intenção de tornar a comprar algumas terras e de utilizar todas as construções do castelo, fazendo delas uma segunda granja que pretendia gerir ele mesmo.

A vida portanto, fazia dois anos, tornara-se quase feliz no castelo. O sr. d'Hauteserre saía ao raiar do dia para vigiar os trabalhadores, porque empregava gente em qualquer tempo; voltava para almoçar, depois montava numa pileca de granjeiro e fazia sua ronda como um guarda; finalmente, de volta para o jantar, acabava o dia com um bóston. Todos os habitantes do castelo tinham suas ocupações, a vida estava tão bem regulada como num mosteiro. Somente Lourença a perturbava com as suas súbitas viagens, com as suas ausências, com o que a sra. d'Hauteserre chamava suas fugas. Entretanto, havia em Cinq-Cygne duas políticas e causas de dissensão. Em primeiro lugar, Durieu e a mulher tinham ciúme de Gotardo e Catarina, que viviam mais na intimidade de sua jovem senhora, ídolo da casa. Ademais, os dois D'Hauteserre, apoiados pelo cura e pela srta. Goujet, queriam que seus filhos, bem como os gêmeos Simeuse, regressassem e tomassem parte na felicidade daquela vida tranquila, em vez de viverem com dificuldades no estrangeiro. Lourença impugnava essa odiosa transação e era a representante do realismo puro, militante e implacável.

Os quatro velhos, que não queriam mais ver comprometida uma existência feliz, nem aquele canto de terra conquistada sobre as ondas revoltas da torrente revolucionária, tentavam converter Lourença às suas doutrinas, verdadeiramente sábias, prevendo que ela contribuía em muito para a resistência que seus filhos e os dois Simeuse opunham à sua volta para a França. O soberbo desdém de sua pupila assustava aquela pobre gente, que não estava enganada quando temia o que chamava uma cabeçada. Essa dissensão surgira violentamente, quando da explosão da máquina infernal da Rue Saint-Nicoise, primeira tentativa realista dirigida contra o vencedor de Marengo, após sua recusa de tratar com a casa de Bourbon. Os D'Hauteserre consideraram uma felicidade o ter Bonaparte escapado àquele perigo, julgando serem os republicanos os autores daquele atentado. Lourença chorou de raiva ao ver o primeiro-cônsul salvo. Seu desespero sobrepujou a sua dissimulação habitual; ela acusou Deus de trair os filhos de são Luís.

— Eu — exclamou ela —, eu teria tido êxito! Não se tem acaso — continuou, dirigindo-se ao padre Goujet, ao notar a profunda estupefação produzida por sua afirmativa em todos os semblantes — o

direito de atacar a usurpação por todos os meios possíveis?

— Minha filha — respondeu o padre Goujet —, a Igreja foi muito atacada e censurada pelos filósofos por ter sustentado outrora que se podiam empregar contra os usurpadores as armas que os usurpadores tinham empregado para triunfar; hoje, porém, a Igreja deve demasiado ao senhor primeiro-cônsul, para não protegê-lo e garanti-lo contra essa máxima, aliás, dos jesuítas.

— De modo que a Igreja nos abandona! — respondeu ela com ar sombrio.

Desde esse dia, todas as vezes em que os quatro velhos falavam em se submeter à Providência, a jovem condessa saía do salão.

Fazia algum tempo que o cura, mais hábil do que o tutor, em vez de discutir os princípios, fazia ressaltar as vantagens materiais do governo consular, menos para converter a condessa do que para surpreender em seus olhos expressões que o pudessem esclarecer sobre seus projetos. As ausências de Gotardo, as múltiplas excursões de Lourença e sua preocupação, que, nos últimos dias, emergia à superfície de sua fisionomia, enfim, uma porção de pequenas coisas que não podiam escapar, no silêncio e na tranquilidade da vida em Cinq-Cygne, sobretudo aos olhos inquietos dos D'Hauteserre, do padre Goujet e dos Durieu, tudo despertara o receio daqueles realistas submissos. Como, porém, nenhum acontecimento se produzisse e a mais perfeita calma continuasse reinando na esfera política fazia alguns dias, a vida daquele pequeno castelo voltara a ser sossegada. Todos atribuíram as excursões da condessa à sua paixão pela caça.

Pode-se imaginar o profundo silêncio que reinava no parque, nos pátios, lá fora, às nove horas, no castelo de Cinq-Cygne, onde naquele momento pessoas e coisas estavam tão harmoniosamente coloridas, onde reinava a mais profunda paz, onde a abundância reaparecia, onde o bom e prudente gentil-homem esperava converter sua pupila ao seu sistema de obediência, pela continuidade dos resultados felizes. Esses realistas continuavam a jogar o bóston,³⁸ jogo que espalhou pela França as ideias de independência, sob uma forma frívola, inventado em honra aos insurretos da América, e do qual todos os termos lembram a luta que Luís XVI encorajara. Mesmo quando faziam *independências* ou *misérias*, eles observavam Lourença, a qual, dentro em pouco vencida pelo sono, adormeceu com um sorriso de ironia nos lábios: seu último pensamento abarcara o quadro pacífico daquela mesa onde duas palavras que tivessem informado aos D'Hauteserre que seus filhos tinham dormido a noite passada sob seu teto podiam lançar o mais vivo terror. Qual a moça de vinte e três anos que não seria orgulhosa, como Lourença, de se tornar o Destino, e não teria tido, como ela, um leve movimento de compaixão por aqueles que ela via tão abaixo dela?

— Está dormindo — disse o padre. — Nunca a vi tão cansada.

— Durieu disse-me que a égua dela está como aguada — comentou a sra. d’Hautesserre —; não fez uso da espingarda, a caçoleta estava limpa, portanto não caçou.

— Cruzes! — replicou o cura — aí está uma coisa que não me agrada.

— Ora! — exclamou a srta. Goujet — quando eu tinha vinte e três anos e me via condenada a ficar solteira, eu corria e me cansava muito mais do que isso. Compreendo que a condessa perambule pela região sem se lembrar de atirar na caça. Há quase doze anos que não vê os primos, e ela gosta deles; pois bem, no seu lugar, eu, se fosse como ela, moça e bonita, iria até a Alemanha sem tomar fôlego! Por isso a pobre queridinha sente-se, talvez, atraída para a fronteira.

— Está mostrando-se imprudente, srta. Goujet — disse o cura sorrindo.

— É que os vejo inquietos com as idas e vindas de uma moça de vinte e três anos — replicou ela —; e por isso estou explicando.

— Os primos regressarão, ela estará rica e acabará por se acalmar — disse o bondoso D’Hautesserre.

— Deus o queira! — exclamou a velha senhora, pegando na sua caixa de rapé de ouro que desde o Consulado vitalício tornara a ver a luz do dia.

— Há novidades por aqui — disse o velho D’Hautesserre ao cura. — Malin, desde ontem à noite, está em Gondreville.

— Malin! — exclamou Lourença, que despertara com aquele nome, apesar de seu profundo sono.

— Sim — respondeu o cura —; mas regressa esta noite, e todos se perdem em conjecturas a respeito dessa viagem precipitada.

— Esse homem — disse Lourença — é um gênio mau das nossas duas casas.

A jovem condessa acabava de sonhar com os dois primos e com os D’Hautesserre, e os vira ameaçados. Seus belos olhos se tornaram fixos e amortecidos, pensando nos perigos que eles correriam em Paris; ergueu-se bruscamente e subiu aos seus aposentos, sem nada dizer. Habitava no quarto de honra, junto ao qual havia um gabinete e um oratório, situados na pequena torre que olhava para a floresta. Depois que saiu do salão, os cães ladraram, ouviu-se tocar a campainha do portão, e Durieu apresentou-se, com o rosto espantado, para dizer:

— Aqui está o *maire*! Há alguma novidade...

Esse *maire*, antigo picador da casa de Simeuse, vinha às vezes ao castelo, onde, por política, os D’Hautesserre demonstravam-lhe uma deferência à qual ele dava grande valor. Esse homem, chamado Goulard, desposara uma rica comerciante de Troyes, cujas propriedades se achavam na comuna de Cinq-Cygne, e que ele aumentara com todas as terras de uma rica abadia, tendo investido

nessa aquisição todas as suas economias. A vasta abadia do Val-des-Preux, situada a um quarto de légua do castelo, constituía-lhe uma habitação quase tão esplêndida como Gondreville, e onde ele e a mulher se pareciam com dois ratos numa catedral.

— Goulard, foste guloso! — disse-lhe rindo a senhorita da primeira vez que o viu em Cinq-Cygne.

Embora muito apegado à Revolução e friamente acolhido pela condessa, o *maire* se sentia sempre preso pelos laços do respeito em relação aos Cinq-Cygne e aos Simeuse. Por isso fazia vista grossa para tudo o que se passava no castelo. Chamava fazer vista grossa não ver os retratos de Luís XVI, de Maria Antonieta, dos filhos do rei da França, de Monsieur,³⁹ do conde d'Artois, de Cazalès,⁴⁰ de Charlotte Corday que adornavam os painéis do salão; não se importar com que se almejasse, na sua presença, a ruína da República; que zombassem dos cinco diretores e de todas as combinações da época.

A posição desse homem que, a exemplo de muitos arrivistas, uma vez feita a sua fortuna, voltava a crer nas velhas famílias e a elas queria prender-se acabava de ser aproveitada pelas duas personagens, cuja profissão tão prontamente fora adivinhada por Michu, as quais, antes de irem a Gondreville, tinham explorado a localidade.

VII — VISITA DOMICILIÁRIA

O homem das belas tradições da antiga polícia e Corentin, essa fênix dos espíões, tinham uma secreta missão. Malin não se enganava atribuindo um duplo papel àqueles dois artistas de farsas trágicas; por isso, talvez, antes de vê-los em trabalho, seja necessário mostrar a cabeça à qual eles serviam de braço. Bonaparte, ao tornar-se primeiro-cônsul, encontrou Fouché dirigindo a Polícia Geral. A Revolução fizera, francamente e com razão, um ministério especial da Polícia. Mas, ao regressar de Marengo, Bonaparte criou a Prefeitura da Polícia, nela colocando Dubois, e chamou Fouché para o Conselho de Estado, dando-lhe para sucessor no Ministério da Polícia o convencional Cochon, que mais tarde veio a ser conde de Lapparent. Fouché, que considerava o Ministério da Polícia o mais importante num governo de largas vistas, de política firmada, viu nessa mudança um desvalimento ou pelo menos uma falta de confiança. Depois de ter reconhecido, no caso da máquina infernal e da conspiração de que aqui tratamos, a excessiva superioridade desse grande homem de Estado, Napoleão restituiu-lhe o Ministério da Polícia. Mais tarde, porém, assustado pelos talentos que Fouché ostentou durante sua ausência, por ocasião do caso de Walcheren,⁴¹ o imperador deu esse ministério ao duque de Rovigo⁴² e mandou o duque de Otranto⁴³ governar as Províncias Ilírias, o que era um verdadeiro exílio.

Esse gênio singular que incutiu em Napoleão uma espécie de terror não se revelou repentinamente em Fouché. Esse obscuro convencional, um dos homens mais extraordinários e mais mal julgados daqueles tempos, formou-se por entre tempestades. Ergueu-se, durante o Diretório, às alturas de onde os homens profundos sabem ver o futuro examinando o passado; depois, subitamente, como certos atores medíocres que se tornam excelentes, iluminados por um clarão repentino, deu provas de habilidade durante a rápida revolução do 18 de brumário.

Esse homem de rosto pálido, educado nas dissimulações monásticas, que possuía tanto os segredos dos montanheses, aos quais pertenceu, como os dos realistas, aos quais acabou pertencendo, estudara lenta e silenciosamente os homens, as coisas e os interesses da cena política; penetrou os segredos de Bonaparte, deu-lhe conselhos úteis e informações preciosas. Satisfeito por ter demonstrado sua competência e sua utilidade, Fouché absteve-se de revelar-se inteiramente, pois queria conservar-se à frente dos negócios públicos; mas as variações de Napoleão a seu respeito restituíram-lhe sua liberdade política. A ingratidão, ou antes, a desconfiança do imperador depois do caso de Walcheren, explica esse homem que, infelizmente para ele, não era um grão-senhor e cuja conduta foi calcada na do príncipe de Talleyrand. Nesse momento, nem seus antigos nem seus novos colegas suspeitavam da amplidão de seu gênio, puramente ministerial, essencialmente governamental, justo em todas as suas previsões e de incrível sagacidade. Evidentemente, hoje, para todo historiador imparcial, o amor-próprio excessivo de Napoleão foi uma das mil causas de sua queda, que, de resto, expiou cruelmente suas faltas. Havia nesse desconfiado soberano um ciúme de seu recente poder que influiu nos seus atos, tanto como seu ódio secreto contra os homens hábeis, legados preciosos da Revolução, com os quais ele teria podido organizar um gabinete depositário de seus pensamentos. Talleyrand e Fouché não foram os únicos que lhe causaram temores. Ora, a desgraça dos usurpadores é terem por inimigos tanto os que lhes deram a coroa como aqueles de quem a tiraram. Jamais Napoleão conseguiu convencer inteiramente de sua soberania aqueles a quem tivera como seus superiores ou como seus iguais nem aqueles que se batiam pelo direito; ninguém, portanto, se julgava obrigado para com ele por um juramento. Malin, homem medíocre, incapaz de apreciar o tenebroso gênio de Fouché, nem de desconfiar de seu pronto golpe de vista, queimou-se como uma mariposa na candeia, indo pedir-lhe confidencialmente que lhe mandasse uns agentes a Gondreville, onde, disse ele, esperava obter esclarecimentos sobre a conspiração. Fouché, sem assustar o amigo com indagações, a si mesmo perguntou qual o motivo que levava Malin a Gondreville e por que ele não dava em Paris, e

imediatamente, as informações que podia ter. O ex-oratoriano, cevado de tratantadas e a par do duplo papel representado por muitos convencionais, pensou:

“Por quem pode Malin saber alguma coisa, quando nós ainda pouco sabemos?”

Fouché portanto concluiu pela existência de alguma cumplicidade latente ou expectante e absteve-se de dizer qualquer coisa ao primeiro-cônsul. Preferia fazer de Malin um instrumento, para seu uso, a perdê-lo. Fouché, assim, reservava para si uma grande parte dos segredos que descobria, e proporcionava-se sobre os indivíduos um poder superior ao de Bonaparte. Essa duplicidade foi uma das queixas de Napoleão contra o seu ministro. Fouché conhecia as patifarias a que Malin devia suas terras de Gondreville e que o obrigavam a vigiar os srs. de Simeuse. Estes serviam no exército de Condé, a srta. de Cinq-Cygne era prima deles, podiam pois achar-se nos arredores e participar da empresa, sendo que essa participação implicava na conjuração a casa de Condé, à qual eles se tinham dedicado. O sr. de Talleyrand e Fouché faziam questão de elucidar esse recanto muito obscuro da conspiração de 1803.

Essas considerações foram examinadas por Fouché rapidamente e com lucidez. Existiam, porém, entre Malin, Talleyrand e ele, laços que o forçavam a usar da maior circunspeção e lhe faziam desejar ter um perfeito conhecimento do interior do castelo de Gondreville. Corentin era ligado sem reservas a Fouché, como o sr. de la Besnardière ao príncipe de Talleyrand, Gentz ao sr. de Metternich, Dundas a Pitt, Duroc a Napoleão, Chavigny ao cardeal de Richelieu. Corentin foi não o conselheiro daquele ministro, mas a sua alma danada, o Tristan⁴⁴ secreto daquele Luís XI em miniatura; por isso Fouché o deixara naturalmente no Ministério da Polícia a fim de ali conservar um olho e um braço. Esse rapaz, diziam, devia pertencer a Fouché por um desses parentescos que não se confessam, porquanto este o recompensava com profusão todas as vezes em que o punha em atividade. Corentin fizera um amigo de Peyrade,⁴⁵ o velho discípulo do último chefe de polícia; teve, no entanto, segredos que não revelou a Peyrade. De Fouché recebeu Corentin a ordem de explorar o castelo de Gondreville, de traçar-lhe o plano em sua memória e de lá pesquisar os menores esconderijos.

— É possível que sejamos obrigados a lá voltar — disse-lhe o ex-ministro, absolutamente como a seus generais disse Napoleão que examinassem bem o campo de batalha de Austerlitz, até onde ele contava recuar.

Corentin devia, ademais, estudar o procedimento de Malin, ver até onde ia sua influência na localidade, observar os homens que ele lá empregava. Fouché considerava como certa a presença dos Simeuse na

região. Espionando com habilidade aqueles dois oficiais queridos do príncipe de Condé, Peyrade e Corentin podiam obter esclarecimentos preciosos sobre as ramificações do conluio no outro lado do Reno. Em todo caso, Corentin teve os fundos, as ordens e os agentes necessários para cercar Cinq-Cygne e espionar a região, desde a floresta de Nodessme até Paris. Fouché recomendou a maior circunspeção e não permitiu a busca domiciliária a Cinq-Cygne, a não ser no caso de informações positivas fornecidas por Malin. Afinal, como esclarecimento, pôs Corentin a par da personalidade inexplicável de Michu, que vinha sendo vigiado fazia três anos.

O pensamento de Corentin foi o mesmo do seu chefe:

“Malin conhece a conspiração!... Mas quem sabe”, pensou consigo mesmo, “se Fouché também não está metido nela?”

Corentin, que seguira para Troyes antes de Malin, pusera-se em entendimento com o comandante da gendarmaria e escolhera os homens mais inteligentes, dando-lhes como chefe um capitão hábil.

Corentin indicou como ponto de encontro a esse capitão o castelo de Gondreville, dizendo-lhe que à noite mandasse por quatro pontos diferentes do vale de Cinq-Cygne, e distanciados o bastante para não dar o alarma, um piquete de doze homens. Esses quatro piquetes deviam descrever um quadrado e apertá-lo em torno do castelo de Cinq-Cygne. Ao deixá-lo livre no castelo, durante sua conferência com Grévin, Malin permitira a Corentin realizar parte de sua missão. À sua volta do parque, o conselheiro de Estado dissera tão positivamente a Corentin que os Simeuse e os D’Hauteserre estavam na terra que os dois agentes despacharam o capitão, o qual, muito felizmente para os gentis-homens, atravessou a floresta pela avenida, enquanto Michu emborrachava o espião Violette. O conselheiro de Estado começara por explicar a Peyrade e a Corentin a emboscada a que acabava de escapar. Os dois parisienses contaram-lhe então o episódio da carabina, e Grévin mandou Violette para obter algumas informações a respeito do que se estava passando no pavilhão. Corentin disse ao tabelião que, para maior segurança, levasse o seu amigo, o conselheiro de Estado, para dormir na pequena cidade de Arcis, em sua casa. No momento em que Michu se metia na floresta e galopava para Cinq-Cygne, Peyrade e Corentin partiram, pois, de Gondreville num cabriolé ordinário, de vime, atrelado a um cavalo de posta e guiado pelo brigadeiro de Arcis, um dos mais ardilosos homens da legião, e que o comandante de Troyes lhes recomendara.

— O melhor meio de pegar tudo é preveni-los — disse Peyrade a Corentin. — No momento em que estiverem assustados, em que quiserem salvar seus papéis ou fugir, cairemos entre eles como o raio. O cordão de gendarmes estreitando-se em torno do castelo agirá como uma redada. Assim ninguém nos escapará.

— O senhor poderá mandar-lhes o *maire* — disse o brigadeiro —, ele é complacente, não lhes quer mal, não desconfiarão dele.

No momento em que Goulard ia deitar-se, Corentin, que fez deter o cabriolé num bosque, viera, pois, dizer-lhe confidencialmente que dentro de alguns instantes um agente do governo ia requerer-lhe que cercasse o castelo de Cinq-Cygne, a fim de lá pegarem os srs. d'Hauteserre e de Simeuse; que, no caso de terem desaparecido, queriam verificar se tinham eles pernoitado lá na véspera, revisar os papéis da srta. de Cinq-Cygne e talvez prender o pessoal e os senhores do castelo.

— A srta. de Cinq-Cygne — disse Corentin — é, com certeza, protegida por grandes personagens, porque tenho a missão secreta de preveni-la dessa visita e de fazer tudo para salvá-la, sem comprometer-me. Uma vez em campo, não terei mais liberdade, pois não estou sozinho, por isso corra ao castelo.

Aquela visita do *maire* em meio do serão tanto mais surpreendeu os jogadores quanto Goulard mostrava uma cara transtornada.

— Onde está a condessa? — perguntou ele.

— Foi deitar-se — disse a sra. d'Hauteserre.

O *maire*, incrédulo, pôs-se a escutar os ruídos que se estavam fazendo no primeiro andar.

— Que tem hoje, Goulard? — disse-lhe a sra. d'Hauteserre.

Goulard debatia-se nas profundezas do espanto, ao examinar aquelas fisionomias cheias do candor que se pode ter em qualquer idade. Ante o aspecto daquela calma e daquela inocente partida de boston interrompida, ele não podia conceber as suspeitas da polícia de Paris. Naquele momento, Lourença, ajoelhada no seu oratório, rezava com fervor pelo triunfo da conspiração! Ela rogava a Deus que prestasse auxílio e amparo aos matadores de Bonaparte! Implorava a Deus com amor que despedaçasse aquele homem fatal! O fanatismo dos Harmódios,⁴⁶ das Judites,⁴⁷ dos Jacques Cléments,⁴⁸ dos Ankarstroëms,⁴⁹ das Charlotte Cordays, dos Limoëls⁵⁰ animava aquela bela alma, virgem e pura. Catarina preparava o leito, Gotardo fechava as persianas, de modo que Marta Michu, tendo chegado sob as janelas de Lourença e atirando-lhe pedrinhas, pôde ser notada.

— Senhorita, há novidades — disse Gotardo ao ver uma desconhecida.

— Silêncio! — disse Marta em voz baixa — venha falar-me.

Gotardo foi ao jardim em menos tempo do que leva um pássaro para saltar de um ramo à terra.

— Dentro de um momento o castelo será cercado pelos gendarmes... Tu — disse ela a Gotardo — selas sem barulho o cavalo da senhorita e leva-o pela brecha do fosso, entre a torre e as estrebarias.

Marta estremeceu ao ver a dois passos de si Lourença, que seguira

Gotardo.

— Que há? — disse Lourença simplesmente e sem parecer emocionada.

— A conspiração contra o primeiro-cônsul foi descoberta — respondeu Marta ao ouvido da jovem condessa. — Meu marido, que está empenhado em salvar seus dois primos, mandou-me dizer-lhe que vá falar com ele.

Lourença recuou três passos e olhou para Marta.

— Quem é você? — perguntou.

— Marta Michu.

— Não sei o que quer comigo — replicou com frieza a srta. de Cinq-Cygne.

— Vamos, senhora, que, do contrário, os mata! Venha, em nome dos Simeuse! — disse Marta ajoelhando-se e estendendo as mãos para Lourença. — Não há papéis por aqui, nada que a possa comprometer? Do alto da floresta meu marido acaba de ver brilharem os chapéus bordados e os fuzis dos gendarmes.

Gotardo sem mais demora subira ao sótão, viu de longe os galões dos gendarmes e ouviu no profundo silêncio do campo o tropel de seus cavalos; desceu num pulo à estrebaria, selou o cavalo da patroa, nos pés do qual, a uma só palavra sua, Catarina amarrou uns panos.

— Onde devo ir? — perguntou Lourença a Marta, cujo olhar e cujas palavras a impressionaram pelo inimitável acento de sinceridade.

— Pela brecha — disse ela puxando Lourença —; meu nobre marido está lá! Vai ficar sabendo o que vale um Judas!

Catarina entrou vivamente no salão, pegou o pingalim, as luvas, o chapéu, o véu da patroa, e saiu. Aquele brusco aparecimento e a ação de Catarina eram um comentário tão eloquente às palavras do *maire* que a sra. d'Hauteserre e o padre Goujet trocaram um olhar pelo qual se transmitiram este horrível pensamento:

“Adeus, nossa felicidade! Lourença conspira, ela perdeu seus primos e os dois D'Hauteserre...”

— Que quer o senhor dizer? — perguntou a sra. d'Hauteserre a Goulard.

— Mas que o castelo está cercado, e que vão ter de sujeitar-se a uma visita domiciliária. Enfim, se seus filhos estão aqui, faça com que se escapem, assim como os srs. de Simeuse.

— Meus filhos! — exclamou a sra. d'Hauteserre estupefata.

— Não vimos ninguém — disse o sr. d'Hauteserre.

— Tanto melhor! — disse Goulard. — Pois estimo tanto a família de Cinq-Cygne e a de Simeuse que não quero que lhes aconteça qualquer desgraça. Ouçam-me bem: se têm alguns papéis comprometedores...

— Papéis?... — repetiu o gentil-homem.

— Sim, se tiverem, queimem-nos — replicou o *maire* —; enquanto

isso, vou distrair os agentes.

Goulard, que queria acender uma vela a Deus e outra ao diabo, saiu e os cães latiram então com violência.

— Os senhores não têm mais tempo, aqui estão eles — disse o cura.
— Mas quem prevenirá a condessa? Onde está ela?

— Catarina não veio buscar o pingalim, as luvas e o chapéu dela para fazer disso relíquias — disse a srta. Goujet.

Goulard tentou retardar durante alguns momentos os dois agentes, informando-os da perfeita ignorância dos habitantes do castelo de Cinq-Cygne.

— O senhor não sabe o que é essa gente — disse Peyrade, rindo na cara de Goulard.

Aqueles dois homens tão melifluamente sinistros entraram então, seguidos pelo brigadeiro de Arcis e por um gendarme. A cena gelou de pavor os quatro pacíficos jogadores de bóston, que permaneceram nos seus lugares, apavorados com semelhante exibição de forças. O ruído produzido por uma dezena de gendarmes, cujos cavalos escarvavam o chão, reboava no gramado.

— Só falta aqui a srta. de Cinq-Cygne — disse Corentin.

— Com certeza está dormindo no seu quarto — respondeu o sr. d'Hautesserre.

— Venham comigo, minhas senhoras — disse Corentin, precipitando-se na antecâmara e dali na escada, aonde a srta. Goujet e a sra. d'Hautesserre o seguiram.

— Contem comigo! — continuou Corentin, falando ao ouvido da velha senhora — eu sou dos seus, já lhes mandei o *maire*. Desconfiem do meu colega e tenham confiança em mim, eu os salvarei a todos!

— Mas afinal de que se trata? — perguntou a srta. Goujet.

— De vida ou de morte — replicou Corentin. — Não o sabem?

A sra. d'Hautesserre desmaiou. Com grande assombro da srta. Goujet, e desapontamento de Corentin, o apartamento de Lourença achava-se vazio. Certo de que ninguém poderia escapar nem do parque nem do castelo para o vale, cujas saídas todas estavam guardadas, Corentin mandou subir um gendarme para cada peça, deu ordem para que vasculhassem as edificações, as cocheiras, e voltou ao salão, onde já Durieu, sua mulher e toda a criadagem se tinham precipitado na mais violenta emoção. Peyrade, com seus olhinhos azuis, estudava todas as fisionomias, e se conservava calmo e frio em meio àquela desordem. Quando Corentin reapareceu sozinho, porquanto a srta. Goujet ficou prestando assistência à sra. d'Hautesserre, ouviu-se um barulho de cavalos, mesclado ao do choro de uma criança. Os cavalos entravam pelo portão pequeno. Por entre a ansiedade geral, apresentou-se um brigadeiro, empurrando Gotardo, com as mãos atadas, e Catarina, que ele conduzia à presença dos agentes.

— Aqui estão uns prisioneiros — disse o brigadeiro. — Este patifezinho estava a cavalo e procurava raspar-se.

— Imbecil — disse Corentin ao ouvido do brigadeiro estupefato —, por que não o deixou fugir? Seguindo-o, viríamos a saber alguma coisa.

Gotardo resolvera desatar em prantos, à maneira dos idiotas. Catarina permanecia numa atitude de inocência e de ingenuidade que deu muito que pensar ao velho agente. O discípulo de Lenoir, depois de ter examinado o ar atoleimado do velho gentil-homem, a quem supôs astuto, o espirituoso cura que brincava com as fichas, a estupefação de todos os criados e dos Durieu, chegando-se a Corentin disse-lhe ao ouvido:

— Não estamos tratando com *trouxas*!

Corentin respondeu a princípio com um olhar mostrando a mesa de jogo, depois acrescentou:

— Estes estavam jogando bóston! outros estavam fazendo a cama da dona da casa, ela escapou-se; eles estão surpreendidos, vamos apertá-los.

VIII — UM RECANTO DE FLORESTA

Uma brecha tem sempre sua causa e sua utilidade. Eis como e por que a que se acha entre a torre, hoje denominada torre da Senhorita, e as cocheiras tinha sido praticada.

Desde a sua instalação em Cinq-Cygne, o velho D'Hautesserre fizera, de um extenso e profundo sulco pelo qual as águas da floresta caíam no fosso, um caminho que separava duas grandes porções de terra pertencentes à reserva do castelo, unicamente, porém, para nele plantar uma centena de nogueiras que encontrou num viveiro.

Em onze anos, aquelas nogueiras tinham ficado bastante copadas e cobriam quase aquele caminho encaixado já por barrancos de seis pés de altura e pelo qual se ia a um pequeno bosque de trinta arpentos, recentemente comprado. Quando o castelo ficou com todos os seus moradores, todos eles preferiam passar pelo fosso, para alcançar a estrada comunal, que beirava os muros do parque e ia ter à granja, a dar volta pelo portão. Ao passar por ali, e sem querer, foram alargando a brecha dos dois lados, com tanto menos escrúpulos quanto, no século XIX, são perfeitamente inúteis os fossos, que o tutor falava seguidamente em aproveitar.

Essa constante demolição produzia terra, cascalho, pedras que acabaram enchendo o fundo do fosso. A água, dominada por essa espécie de muralha, só a cobria por ocasião das grandes chuvas. Não obstante, apesar dessas degradações, para as quais todos, inclusive a condessa, tinham contribuído, a brecha era suficientemente abrupta

para tornar difícil fazer-se descer ali um cavalo, e sobretudo fazê-lo subir, à estrada comunal; parece, entretanto, que nos momentos de perigo, os cavalos se identificam com o pensamento de seus donos. Enquanto a jovem condessa hesitava em seguir Marta e lhe pedia explicações, Michu, que do alto do seu montículo acompanhara as linhas descritas pelos gendarmes e compreendera o plano dos espiões, desesperava do êxito, por não ver chegar ninguém. Um piquete de gendarmes seguia pelo muro do parque, espaçando-se como sentinelas e não deixando entre dois homens senão a distância a que lhes fosse possível se compreenderem pela voz e pelo olhar, ouvir e vigiar os menores ruídos e as menores coisas. Michu, estirado no chão, com o ouvido colado à terra, avaliava, à maneira dos índios, o tempo que lhe restava, pela força do som.

“Cheguei demasiado tarde!”, dizia ele a si mesmo. “Violette me há de pagar isso! Que tempo levou para embriagar-se! Que fazer?”

Ouviu passar diante do portão o piquete que vinha da floresta, e que, com manobra semelhante à do piquete vindo pela estrada comunal, ia encontrar-se com este.

“Ainda cinco a seis minutos!”, disse consigo mesmo. Nesse momento a condessa apresentou-se. Michu segurou-a com mão vigorosa e a levou ao caminho coberto.

— Siga direito na sua frente! Leva-a — disse à sua mulher — ao lugar onde está o meu cavalo, e lembrem-se de que os gendarmes têm ouvidos.

Ao ver Catarina, que trazia o pingalim, as luvas e o chapéu, mas sobretudo ao ver a égua e Gotardo, aquele homem, de tão viva concepção no perigo, resolveu iludir os gendarmes com tanto êxito como acabara de iludir Violette. Gotardo, como por magia, fizera a égua escalar o fosso.

— Panos nos pés do cavalo!... Abraço-te! — disse Michu apertando Gotardo nos braços.

Michu deixou a égua ir para junto da sua dona e pegou as luvas, o chapéu e o pingalim.

— Tens espírito, e vais compreender-me — continuou. — Força teu cavalo a subir também até este caminho, monta-o em pelo, arrasta atrás de ti os gendarmes fugindo a toda a brida através do campo em direção à granja, e reúne todo esse piquete que se está estendendo — acrescentou terminando seu pensamento por um gesto que indicava o caminho a seguir. — Quanto a ti, minha filha — disse ele a Catarina —, estão chegando outros gendarmes pelo caminho de Cinq-Cygne a Gondreville, atira-te numa direção contrária à que vai seguir Gotardo e junta-os desde o castelo até a floresta. Enfim, faze de modo que não nos inquietem no caminho escavado.

Catarina e o admirável menino, que neste assunto devia dar tantas

provas de inteligência, executaram a manobra de modo a fazer crer a cada uma das linhas de gendarmes que a caça lhes ia fugindo.

O clarão enganador da lua não permitia distinguir nem a estatura, nem a vestimenta, nem o sexo, nem o número dos que eram perseguidos. Correram atrás deles em virtude deste famoso axioma: “É preciso deter os que fogem!”, cuja asneira acabava de ser energicamente demonstrada por Corentin ao brigadeiro. Michu, que contara com o instinto dos gendarmes, pôde alcançar a floresta alguns instantes depois da jovem condessa, que Marta guiara ao lugar indicado.

— Corre ao pavilhão — disse ele a Marta. — A floresta deve estar guardada pelos parisienses, é perigoso ficar aqui. Vamos ter com certeza necessidade de toda a nossa liberdade.

Michu desamarrou o seu cavalo e pediu à condessa que o seguisse.

— Não darei mais um passo — disse Lourença — sem que me dê um penhor do interesse que me tributa, porque, afinal, o senhor é Michu...

— Senhorita — respondeu ele com voz tranquila —, meu procedimento vai ser-lhe explicado em poucas palavras. Sou, sem que o saibam os srs. de Simeuse, o guardião da fortuna deles. A esse respeito, recebi instruções do defunto pai e da querida mãe deles, minha protetora. Por isso representei o papel de um feroz jacobino, para prestar serviço aos meus jovens senhores; infelizmente comecei minha comédia demasiado tarde e não pude salvar os velhos.

Aqui, a voz de Michu alterou-se.

— Desde a fuga dos dois moços, eu lhes fiz chegar às mãos as quantias que lhes eram necessárias para viverem decentemente.

— Pela casa Breintmayer, de Estrasburgo? — disse ela.

— Sim, senhorita, os correspondentes do sr. Girel de Troyes, um realista que, para própria salvação, se fez de jacobino, como eu. O papel que seu granjeiro apanhou uma tarde, na saída de Troyes, era relativo a esse negócio que nos podia comprometer: minha vida não pertence mais a mim, mas a eles, compreende? Não me pude tornar dono de Gondreville. Na minha posição, ter-me-iam cortado a cabeça se me perguntassem de onde eu tinha tirado tanto dinheiro. Prefери comprar de novo a terra um pouco mais tarde; mas esse celerado de Marion era o homem de outro celerado, de Malin. Gondreville, de qualquer forma, há de voltar a seus donos. Isso é comigo. Faz quatro horas, eu estava com Malin na mira da minha espingarda, oh! ele estava liquidado!... Ora, uma vez morto pôr-se-á em praça Gondreville, que será vendida, e a senhorita poderá comprá-la. No caso de minha morte, minha mulher lhe entregaria uma carta que lhe forneceria os meios. Mas aquele bandido dizia ao seu comparsa Grévin, outro canalha, que os srs. de Simeuse estavam conspirando contra o primeiro-cônsul, que eles estavam por aqui e que era melhor entregá-los e desembaraçar-se deles,

para ficar tranquilo em Gondreville. Ora, como eu tinha visto chegarem dois refinados espiões, desarmeí minha carabina e não perdi tempo para chegar aqui, pensando que a senhorita devia saber onde e como prevenir os rapazes... Aí está.

— O senhor é digno de ser nobre — disse Lourença estendendo a mão a Michu, o qual quis ajoelhar-se para beijar aquela mão.

Lourença viu o movimento, antecipou-se e disse-lhe:

— De pé, Michu! — com uma tonalidade de voz e com um olhar que naquele momento o tornaram tão feliz quanto infeliz tinha sido ele durante doze anos.

— A senhorita me recompensa como se eu tivesse cumprido tudo o que me resta a fazer — disse ele. — A senhorita os está ouvindo, os húsares da guilhotina? Vamos conversar em outro lugar.

Michu pegou as rédeas da égua, colocando-se do lado pelo qual a condessa se apresentava de costas, e lhe disse:

— Não se preocupe senão de manter-se bem na sela, de chicotear seu cavalo e de resguardar o rosto dos galhos que a ameaçarem.

Depois guiou a moça, durante cerca de meia hora, a todo o galope, dando voltas e mais voltas, cruzando seu próprio caminho, através das clareiras para confundir sua pista, até um lugar onde se deteve.

— Não sei mais onde estou, eu que conheço a floresta tão bem como você — disse a condessa olhando em torno.

— Estamos mesmo no centro — respondeu ele. — Temos dois gendarmes no nosso encalço, mas estamos salvos!

O pitoresco lugar para onde o administrador trouxera Lourença devia ser tão fatal às principais personagens deste drama e ao próprio Michu que o dever de um historiador é descrevê-lo. Essa paisagem, de resto, como se verá, tornou-se célebre nos fastos judiciários do Império.

A floresta de Nodesme pertencia a um mosteiro chamado Notre-Dame. Esse mosteiro, tomado, saqueado, demolido, desapareceu completamente, monges e bens. A floresta, objeto de cobiça, entrou para o domínio dos condes de Champanha, que mais tarde a hipotecaram e a deixaram vender. Em seis séculos, a natureza cobriu as ruínas com seu rico e poderoso manto verde, e apagou-as tão bem que a existência de um dos mais belos conventos não era mais assinalada a não ser por uma ligeira eminência, sombreada por belas árvores e cercada por espessas silvadas impenetráveis que, desde 1794, Michu se divertira em adensar, plantando acácias espinhosas nos intervalos desprovidos de arbustos. Ao pé dessa eminência, havia um charco que indicava a existência de um manancial desaparecido, que determinara, sem dúvida, no passado a localização do mosteiro. Somente o dono dos títulos de posse da floresta de Nodesme tinha podido reconhecer a etimologia daquela designação, que datava de oito séculos, e descobrir que houvera outrora um convento, no centro da floresta. Ao ouvir os

primeiros trovões da Revolução, o marquês de Simeuse, que uma contestação obrigara a recorrer aos seus títulos, ciente daquela particularidade por um acaso, pôs-se, por uma segunda intenção bastante fácil de conceber, à procura do lugar do mosteiro. O guarda, para quem a floresta poucos segredos tinha, auxiliara naturalmente o senhor nesse trabalho, e sua sagacidade de mateiro fez-lhe descobrir a situação do mosteiro. Observando a direção dos cinco principais caminhos da floresta, dos quais alguns estavam apagados, viu que todos iam dar ao montículo e ao charco, para onde outrora deviam vir de Troyes, do vale de Arcis, do de Cinq-Cygne e de Bar-sur-Aube. O marquês quis sondar o montículo, mas para essa operação só podia recorrer a gente estranha ao lugar. Premido pelas circunstâncias, abandonou suas buscas, deixando no espírito de Michu a ideia que a eminência ocultava ou tesouros ou os alicerces da abadia. Michu continuou aquele trabalho arqueológico; sentiu o terreno dar um som oco, ao nível mesmo do charco, entre duas árvores, ao pé do único ponto escarpado da eminência. Numa bela noite, foi lá armado de picaretas, e seu trabalho pôs à mostra uma abertura de adega, para onde se descia por degraus de pedra. O charco, que no seu ponto mais fundo tem três pés de profundidade, forma uma espátula, cujo cabo parece sair da eminência e faz crer que desse rochedo factício sai uma fonte perdida por infiltração naquela vasta floresta. Esse pantanal, cercado de árvores aquáticas, de amieiros, de salgueiros, de freixos, era o ponto de reunião dos trilhos, remanescentes das antigas estradas, e de aleias florestais hoje desertas. Essa água viva e que parece dormente, recoberta de plantas de folhas largas, de agrião, apresenta uma superfície completamente verde, apenas diferente de suas margens, onde cresce uma erva fina e densa. Está demasiado longe de qualquer habitação para que um animal, além dos selvagens, fosse até lá. Inteiramente convencidos de que nada podia existir por baixo daquele charco e desanimados pelas bordas inacessíveis do montículo, os guardas particulares ou os caçadores jamais tinham visitado, explorado ou sondado esse canto que pertencia ao mais antigo corte da floresta e que Michu reservou para um bosque, quando chegou sua vez de ser explorado. No fim da adega se encontra um compartimento abobadado, limpo e são, todo de pedras de cantaria, do gênero dos que se denominavam *in-pace*, o cárcere dos conventos. A salubridade dessa cova, a conservação desse resto de escada e daquela abóbada explicam-se pelo manancial que os demolidores tinham respeitado e por uma muralha verossimilmente de grande espessura, de tijolo e cimento, semelhante à dos romanos, que continha as águas superiores. Michu cobriu de grandes pedras a entrada daquele refúgio; depois, para apropriar-se do segredo dele e torná-lo impenetrável, impôs-se o dever de subir à eminência arborizada e descer para a adega pelo alcantilado,

em vez de alcançá-la pelo charco. No momento em que os dois fugitivos lá chegaram, a lua derramava seu belo clarão prateado sobre a fronde das árvores centenárias do montículo, brincava nas magníficas linguetas do bosque, diversamente recortadas pelos caminhos que ali desembocavam, umas arredondadas, outras pontudas, esta terminada por uma única árvore, aquela por um bosque.

Dali, o olhar penetra irresistivelmente em fugidias perspectivas por onde seguiam ou a curva de uma senda, ou a vista sublime de uma comprida aleia de floresta, ou uma muralha de verdura quase negra. A luz filtrada através dos ramos daquela clareira fazia brilhar, por entre as folhas de agrião e dos nenúfares, alguns diamantes daquela água tranquila e ignorada. O coaxar das rãs perturbou o profundo silêncio daquele belo recanto da floresta, cujo selvagem perfume despertava na alma ideias de liberdade.

— Estaremos bem salvos? — perguntou a condessa a Michu.

— Sim, senhorita. Mas cada um de nós tem seu trabalho. Vá prender os nossos cavalos em árvores no alto desta pequena colina e ate em cada um deles um lenço em torno da boca — disse ele, entregando-lhe sua gravata —; o meu e o seu são inteligentes, saberão que devem calar-se. Quando acabar, desça direto para a água por aquele declive, e não se deixe enganchar por sua amazona; irá encontrar-me ali embaixo.

Enquanto a condessa escondia os cavalos, os prendia e os amordaçava, Michu retirou as suas pedras e descobriu a entrada da cova. A condessa, que julgava conhecer sua floresta, ficou surpreendida em extremo, ao ver-se sob o arco de uma adega. Michu repôs as pedras, em abóbada, por cima da entrada, com habilidade de pedreiro. Quando terminou, o barulho dos cavalos e da voz dos gendarmes reboou no silêncio da noite: mas nem por isso ele deixou de fazer funcionar, tranquilamente, o isqueiro, acendeu um pequeno galho de pinheiro e levou a condessa para o *in-pace*, onde ainda se achava um coto de vela que lhe servira para explorar a cova. A porta de ferro, e de várias linhas de espessura, mas rompida em alguns lugares pela ferrugem, fora consertada pelo guarda e se fechava exteriormente com trancas que se adaptavam de cada lado em buracos. A condessa, morta de cansaço, sentou-se num banco de pedra, acima do qual havia uma argola chumbada na parede.

— Temos um salão para conversarmos — disse Michu. — Agora, os gendarmes podem rondar quanto quiserem, o pior que nos poderia acontecer seria que nos tomassem os cavalos.

— Levarem nossos cavalos — disse Lourença — seria matar meus primos e os srs. d’Hauteserre!... Vejamos, que sabe você?

Michu contou o pouco que surpreendera da conversação entre Malin e Grévin.

— Estão em caminho para Paris, e lá chegarão esta manhã — disse a

condessa quando ele terminou.

— Perdidos! — exclamou Michu. — Deve compreender que os que entram ou saem vão ser vigiados nas barreiras. Malin tem o maior interesse em deixar comprometerem-se bastante os meus patrões para matá-los.

— E eu que nada sei do plano geral da trama! — exclamou Lourença. — Como prevenir Georges, Rivière e Moreau! Onde estão eles? Enfim, pensemos somente em meus primos e nos D’Hauteserre; alcance-os a qualquer preço.

— O telégrafo vai mais depressa do que os melhores cavalos — disse Michu —, e de todos os nobres metidos nesta conspiração seus primos vão ser os perseguidos com mais habilidade. Se eu os encontrar, será preciso alojá-los aqui, nós os guardaremos até o fim do caso. O pobre pai deles tinha talvez uma visão, ao pôr-me na pista deste esconderijo; pressentiu que os filhos aqui se salvariam.

— Minha égua vem das cavaliças do conde d’Artois, é filha do seu mais belo cavalo inglês; mas já fez trinta e seis léguas, morreria antes de fazê-lo atingir o alvo.

— O meu é bom — disse Michu —, e se a senhorita fez trinta e seis léguas eu terei de fazer apenas dezoito, não?

— Vinte e três — disse ela —, pois faz cinco horas que estão eles em marcha! Você os encontrará acima de Lagny, em Coupvrai, de onde, ao clarear do dia, devem sair disfarçados de marinheiros; esperam entrar em Paris embarcados. Aqui está — continuou, tirando do dedo a metade da aliança de sua mãe — a única coisa a que eles darão crédito, dei-lhes a outra metade. O guarda de Coupvrai, pai de um dos soldados que os acompanham, vai ocultá-los esta noite numa barraca abandonada pelos carvoeiros, no meio do mato. São oito ao todo. Os srs. d’Hauteserre e mais quatro homens estão com os meus primos.

— Senhorita, ninguém irá atrás dos soldados, não nos ocupemos senão dos srs. de Simeuse e deixemos que se salvem os outros como puderem. Não basta gritar-lhes “Cuidado?”.

— Abandonar os D’Hauteserre? jamais! — disse ela. — Eles devem perecer ou salvar-se todos juntos!

— Gentis-homens de pequena linhagem? — perguntou Michu.

— Eles são apenas cavaleiros — respondeu ela. — Sei disso; mas se aliaram aos Cinq-Cygne e aos Simeuse. Traga-me, pois, meus primos e os D’Hauteserre, conferenciando com eles sobre os melhores meios de alcançar esta floresta.

— Andam por aí os gendarmes! não os ouve? estão confabulando.

— Enfim, esta noite você já teve sorte por duas vezes, vá! e traga-os, esconda-os nesta cova, aqui estarão eles ao abrigo de toda busca! Não lhe posso servir para nada — disse ela com raiva —, eu seria um farol que guiaria o inimigo. Jamais imaginará a polícia que meus parentes

pudessem voltar à floresta, vendo-me tranquila. Assim, pois, toda a questão consiste em conseguir cinco cavalos para vir, em seis horas, de Lagny à floresta, cinco cavalos que se deixarão mortos numa espessura do mato.

— E dinheiro? — perguntou Michu, que estivera refletindo profundamente, enquanto ouvia a jovem condessa.

— Dei cem luíses, esta noite, a meus primos.

— Garanto por eles! — exclamou Michu. — Uma vez escondidos, a senhorita deve abster-se de vê-los; minha mulher ou o meu pequeno lhes trarão comida duas vezes por semana. Mas, como não respondo por mim, quero que saiba, senhorita, que a viga-mestra do sótão do meu pavilhão foi furada com um trado. No orifício, que está tapado com uma cavilha grossa, acha-se o plano de um canto da floresta. As árvores nas quais vir um ponto vermelho, no plano, têm um sinal preto, no pé, junto ao terreno. Cada uma dessas árvores é um indicador. O terceiro carvalho velho à esquerda de cada indicador oculta, a dois passos à frente do tronco, canudos de lata enterrados a sete pés de profundidade, contendo cada um cem mil francos em ouro. Essas onze árvores, não há senão onze, constituem toda a fortuna dos Simeuse, agora, depois que lhes tomaram Gondreville.

— A nobreza levará cem anos a refazer-se dos golpes que lhe assestaram! — disse lentamente a sra. de Cinq-Cygne.

— Há uma senha? — perguntou Michu.

— França e Carlos!, para o soldados; Lourença e Luís!, para os srs. d'Hauteserre e de Simeuse. Meu Deus! tê-los tornado a ver ontem pela primeira vez depois de onze anos e sabê-los hoje em perigo de morte, e que morte! Michu — disse ela com expressão melancólica —, seja tão prudente durante estas quinze horas quanto foi grande e devotado durante esses doze anos. Se acontecesse alguma desgraça a meus primos!... eu morreria. Não — tornou —, viveria o bastante para matar Bonaparte!

— Seremos dois para isso, no dia em que tudo estiver perdido.

Lourença tomou a rude mão de Michu e apertou-a vivamente, à moda inglesa. Michu puxou o relógio, era meia-noite.

— Saíamos, custe o que custar — disse ele. — Infeliz do gendarme que me barrar a passagem! E a senhorita, condessa, sem querer dar-lhe ordens, volte a toda a brida para Cinq-Cygne, eles lá estão, distraia-os.

Uma vez desentulhado o buraco, Michu nada ouviu; deitou-se colando a orelha no chão, e ergueu-se precipitadamente:

— Eles estão na orla da floresta para o lado de Troyes! — disse ele —; vou dar-lhes pano para mangas!

Ajudou a condessa a sair, repôs o montão de pedras. Depois que terminou, ouviu chamá-lo a doce voz de Lourença, que, antes de montar, queria vê-lo a cavalo. O homem rude estava com lágrimas nos

olhos ao trocar um último olhar com a jovem condessa. Ela, porém, tinha os olhos secos.

“Vamos distraí-los, ele tem razão!”, disse ela consigo mesma, quando nada mais ouviu. E atirou-se para Cinq-Cygne a todo o galope.

IX — AS AMARGURAS DA POLÍCIA

Ao saber que seus filhos estavam ameaçados de morte, a sra. d’Hauteserre, que não acreditava terminada a Revolução e que conhecia a sumária justiça da época, recuperou os sentidos e as forças, pela própria violência da dor que a fizera desmaiar. Arrastada por uma horrível curiosidade, ela desceu para o salão, cujo aspecto oferecia naquele momento um quadro digno do pincel dos pintores de estilo. Continuando sentado à mesa de jogo, o cura brincava maquinalmente com as fichas, observando furtivamente Peyrade e Corentin, os quais, de pé a um dos cantos da chaminé, falavam em voz baixa. Por várias vezes o esperto olhar de Corentin encontrara o olhar não menos esperto do cura; mas, como dois adversários que se acham igualmente fortes e que tornam a cair em guarda, depois de cruzar os ferros, um e outro desviavam rapidamente o olhar para outros pontos.

O velho D’Hauteserre, firmado nas duas pernas como uma garça, permanecia ao lado do volumoso, gordo, grande e avaro Goulard, na atitude que lhe dera a estupefação. Embora trajasse como um burguês, o *maire* sempre tinha a aparência de um criado. Ambos fitavam, com olhos aparvalhados, os gendarmes, entre os quais chorava ainda Gotardo com as mãos tão violentamente ligadas que estavam roxas e inchadas. Catarina não modificava a sua posição, toda ingenuidade e singeleza, mas impenetrável. O brigadeiro, que, segundo Corentin, acabava de cair na asneira de deter aquelas duas pobres criaturas, não sabia mais se devia sair ou ficar. Estava muito pensativo no meio do salão, com a mão apoiada no punho de seu sabre e os olhos postos nos dois parisienses. Os Durieu, estupefatos, e toda a criadagem do castelo formavam um grupo admirável de inquietação. Sem o choro convulsivo de Gotardo, ouvir-se-iam as moscas voar.

Quando a mãe, apavorada e pálida, abriu a porta e se apresentou quase arrastada pela srta. Goujet, cujos olhos vermelhos tinham chorado, todos aqueles rostos se voltaram para as duas mulheres. Os dois agentes esperavam, tanto quanto tremiam os habitantes do castelo, ver entrar Lourença. O movimento espontâneo dos criados e dos senhores pareceu produzido por um desses mecanismos que fazem com que figuras de madeira executem um só e único gesto num abrir e fechar de olhos.

A sra. d’Hauteserre adiantou-se com três largos passos precipitados em direção a Corentin, e disse-lhe com voz entrecortada, mas violenta:

— Por piedade, senhor, de que acusam meus filhos? E julga que eles tenham vindo aqui?

O cura, que, ao ver a velha senhora, parecia ter pensado consigo mesmo: “Ela vai fazer uma tolice!”, baixou os olhos.

— Meus deveres e a missão que estou cumprindo me proíbem de dizer-lho — respondeu Corentin de modo gracioso ao mesmo tempo que zombeteiro.

Essa recusa, que a detestável cortesia daquele janota tornava mais implacável ainda, petrificou aquela velha mãe, que caiu numa poltrona junto ao padre Goujet, juntou as mãos e fez uma promessa.

— Onde prendeu esse choramingas? — perguntou Corentin ao brigadeiro, apontando para o pequeno pajem de Lourença.

— No caminho que conduz à herdade, ao correr do muro do parque; o tratante ia meter-se nas matas dos Closeaux.

— E essa rapariga?

— Ela? foi Olivier quem a agafanhou.

— Para onde ia ela?

— Para Gondreville.

— Eles iam para lados opostos? — perguntou Corentin.

— Sim — respondeu o gendarme.

— Não são o criadinho e a camareira da cidadã Cinq-Cygne? — perguntou Corentin ao *maire*.

— Sim — respondeu Goulard.

Após ter trocado com Corentin duas palavras, de boca a ouvido, Peyrade saiu em seguida, levando o brigadeiro. Naquele momento, o brigadeiro de Arcis entrou, chegou-se a Corentin e disse-lhe em voz baixa:

— Conheço bem o lugar, examinei tudo nas peças de serviço; a menos que os rapazes estejam enterrados, não há ninguém. Chegamos ao ponto de verificar o som do assoalho e das paredes com a coronha das nossas armas.

Peyrade, que regressou, fez sinal a Corentin, chamando-o, e levou-o para ver a brecha no fosso, assinalando-lhe o caminho escavado que a continuava.

— Adivinhamos a manobra — disse Peyrade.

— E eu, eu vou dizê-la — replicou Corentin. — O tratantezinho e a rapariga embaíram esses gendarmes imbecis para dar campo livre à caça.

— Só saberemos da verdade quando chegar o dia — disse Peyrade. — Esse caminho é úmido, acabo de fechá-lo em cima e embaixo, por dois gendarmes: quando pudermos ver claro verificaremos pela impressão dos pés quem passou por aí.

— Aqui estão as marcas de um casco de cavalo — disse Corentin —, vamos às estrebarias.

— Quantos cavalos existem aqui? — perguntou Peyrade ao sr. d’Hauteserre e a Goulard, voltando para o salão com Corentin.

— Vamos, senhor *maire*, o senhor sabe, responda! — gritou-lhe Corentin ao ver o funcionário hesitar em responder.

— Há a égua da condessa, o cavalo de Gotardo e o do sr. d’Hauteserre.

— Só vimos um na estrebaria — disse Peyrade.

— A senhorita está passeando — disse Durieu.

— Costuma passear assim à noite, a sua pupila? — disse o libertino Peyrade ao sr. d’Hauteserre.

— Com muita frequência — respondeu com simplicidade o velhote —; o senhor *maire* poderá confirmá-lo.

— Todos sabem que ela tem suas manias — acrescentou Catarina. — Ela estava contemplando o céu antes de se deitar, e creio que as baionetas dos senhores, brilhando ao longe, a tenham intrigado. Ela quis saber, foi o que me disse ao sair, se se tratava de uma nova revolução.

— E quando saiu ela? — perguntou Peyrade.

— Quando viu as espingardas dos senhores.

— E por onde foi?

— Não sei.

— E o outro cavalo? — perguntou Corentin.

— O... os... gen... gen... daaarmes... me... me... me... to... to... maram! — disse Gotardo.

— E aonde ias tu? — perguntou-lhe um dos gendarmes.

— Eu i... ia... a... com... com... panhar mi... minha... pa... pa... troa a... à gran... ja.

O gendarme ergueu a cabeça para Corentin à espera de uma ordem, mas aquela linguagem era ao mesmo tempo tão falsa e tão verdadeira, tão profundamente cheia de inocência e tão astuta, que os dois parisienses se entreolharam como que a repetir a expressão de Peyrade: “Eles não são trouxas!”.

O gentil-homem parecia não ter espírito bastante para compreender um epigrama. O *maire* era estúpido. A mãe, imbecil de maternidade, fazia aos agentes perguntas de uma inocência asnática. Todos os criados tinham sido realmente surpreendidos em seu sono.

Em presença desses pequenos fatos, ao julgar aqueles vários caracteres, Corentin compreendeu logo que o seu único adversário era a srta. de Cinq-Cygne. Por mais hábil que seja, a polícia leva inúmeras desvantagens. Não somente é forçada a adivinhar tudo o que sabe o conspirador, mas deve ainda supor mil coisas antes de chegar a uma só que seja verdadeira. O conspirador pensa continuamente em sua segurança, ao passo que a polícia só é despertada em determinados momentos. Não fossem as traições, e nada seria mais fácil do que

conspirar. Um conspirador tem mais espírito por si só do que a polícia com seus imensos meios de ação.

Ao se sentirem detidos moralmente, como o teriam sido fisicamente por uma porta que tivessem julgado achar aberta, que tivessem forçado, e por trás da qual vários homens fizessem pressão sem nada dizer, Corentin e Peyrade viam-se adivinhados e ludibriados sem saber por quem.

— Afirmo — veio dizer-lhes ao ouvido o brigadeiro de Arcis — que se os dois srs. de Simeuse e d'Hauteserre passaram a noite aqui, dormiram na cama do pai, da mãe, da srta. de Cinq-Cygne, da criada, dos criados, ou então estiveram passeando no parque, porquanto não existe o menor vestígio da sua passagem.

— Quem, pois, terá podido preveni-los? — disse Corentin a Peyrade.

— Por enquanto só o primeiro-cônsul, Fouché, os ministros, o chefe de polícia e Malin sabem alguma coisa.

— Deixaremos aqui na terra uns quantos *mastins* — disse Peyrade ao ouvido de Corentin.

— No que farão muito bem, tanto mais por estarem eles na Champanha — replicou o cura, que não pôde deixar de sorrir ao ouvir a palavra *mastins* e que adivinhou tudo por aquela palavra surpreendida.

“Meu Deus”, pensou Corentin, que respondeu ao cura com outro sorriso, “aqui não há senão um homem de espírito, não me posso entender a não ser com ele, vou abordá-lo.”

— Senhores... — disse o *maire*, que queria entretanto dar uma prova de devotamento ao primeiro-cônsul, e que se dirigia aos dois agentes.

— Diga *cidadãos*, a República ainda existe — retrucou-lhe Corentin olhando para o cura com ar zombeteiro.

— Cidadãos — replicou o *maire* —, no momento em que entrei neste salão e antes que eu tivesse aberto a boca, Catarina precipitou-se aqui para buscar o pingalim, as luvas e o chapéu da condessa.

Um sombrio murmúrio de horror exalou-se do fundo de todos os peitos, salvo do de Gotardo. Todos os olhos, menos os dos gendarmes e dos agentes, ameaçaram Goulard, o delator, atirando-lhe chamadas.

— Bem, cidadão *maire* — disse-lhe Peyrade —, estamos vendo claro. Preveniram a cidadã Cinq-Cygne muito a tempo — acrescentou, olhando para Corentin com visível desconfiança.

— Brigadeiro, ponha as algemas nesse rapazinho — disse Corentin ao gendarme — e leve-o para um quarto à parte. Encerre também essa raparigota — acrescentou, designando Catarina. — Vais presidir à perquisição dos papéis — disse ele, dirigindo-se a Peyrade, ao qual disse alguma coisa ao ouvido. — Remexe em tudo, não poupes nada. Senhor padre — disse ele confidencialmente ao cura —, tenho importantes comunicações a fazer-lhe.

E levou-o para o jardim.

— Ouça, senhor padre. Parece ter todo o espírito de um bispo e, ninguém nos pode ouvir, o senhor me compreenderá; não me resta mais esperança senão no senhor para salvar duas famílias que, por tolice, vão deixar-se precipitar num abismo de onde nada volta. Os srs. de Simeuse e d’Hauteserre foram traídos por um desses infames espiões que os governos insinuam em todas as conspirações, para bem conhecer-lhes a finalidade, os meios e as personagens. Não me confunda com esse miserável que me acompanha, ele é da polícia; eu, porém, eu estou muito honrosamente adido ao gabinete consular e conheço-lhe bem as intenções. Não se deseja ver perdidos os srs. de Simeuse; se Malin quisesa vê-los fuzilados, o primeiro-cônsul, se eles estão aqui, se não têm más intenções, quer detê-los à beira do precipício, pois gosta dos bons militares. O agente que me acompanha tem carta branca; eu, eu nada sou na aparência, mas sei onde está a conspiração. O agente tem ordens de Malin, que com certeza lhe prometeu sua proteção, um posto e talvez dinheiro, se ele puder descobrir os dois Simeuse e entregá-los. O primeiro-cônsul, que é realmente um grande homem, não favorece os pensamentos cúpidos. Não quero saber se os dois rapazes estão aqui — disse ele ao perceber um gesto do padre —; mas eles só podem ser salvos de um único modo. O senhor conhece a lei do 6 de floreal do ano x, ela anistia os emigrados que ainda estão no estrangeiro, com a condição de voltarem antes do 1º de vendemiário do ano xi, isto é, em setembro do ano passado; mas os srs. de Simeuse, bem como os srs. d’Hauteserre, tendo exercido postos de comando no exército de Condé, estão no caso da exceção estatuída por essa lei; a presença deles em França é pois um crime e, nas circunstâncias em que estamos, basta para torná-los cúmplices de uma horrível conjuração. O primeiro-cônsul sentiu o vício dessa exceção que cria para o seu governo inimigos irreconciliáveis; de modo que desejaria fazer saber aos srs. de Simeuse que nenhuma perseguição será exercida contra eles, se lhe dirigirem uma petição na qual digam voltar à França com a intenção de submeter-se às leis, prometendo prestar juramento à Constituição. O senhor compreende que esse documento deve estar nas mãos dele antes da prisão dos rapazes e com data de alguns dias atrás; posso ser portador dele... Não lhe pergunto onde estão os rapazes — disse ele ao ver o padre fazer um novo gesto de denegação —; temos certeza, infelizmente, de achá-los; a floresta está cercada, as entradas de Paris estão vigiadas, e a fronteira também. Ouça-me bem! Se esses senhores estão entre a floresta e Paris, eles serão presos; se estão em Paris, serão encontrados; se recuarem, os infelizes serão detidos. O primeiro-cônsul gosta dos *ci-devant*⁵¹ e não suporta os republicanos, e isso é muito simples: se ele quer um trono, tem de estrangular a liberdade. Que este segredo fique entre nós. Assim, pois, veja! Esperarei até amanhã, serei cego, mas desconfie do agente; esse maldito

provençal é o esbirro de Satanás, tem ordens de Fouché, como eu tenho do primeiro-cônsul.

— Se os srs. de Simeuse estivessem aqui — disse o cura —, eu daria dez pintas do meu sangue e um braço para salvá-los; mas se a srta. de Cinq-Cygne é sua confidente, ela não cometeu, juro-o por minha salvação eterna, a menor indiscrição e não me fez a honra de consultar-me. Sinto-me agora muito satisfeito com a discrição dela, se é que houve discrição. Ontem à noite, como aliás todas as noites, jogamos o bóston no mais profundo silêncio até as dez horas e meia; e nada vimos nem ouvimos. Por este vale solitário não passa uma criança que seja, sem que todos a vejam e todos saibam, e faz quinze dias que não veio ninguém estranho. Ora, os srs. d’Hauteserre e de Simeuse constituem por si um grupo de quatro homens. O velho e a mulher estão submetidos ao governo, e fizeram todos os esforços imagináveis a fim de que os filhos voltassem para junto deles; anteontem, ainda, a eles escreveram. Por isso, em minha alma e consciência, foi preciso a chegada dos senhores aqui para abalar a firme crença em que me acho da permanência deles na Alemanha. Entre nós, não há ninguém aqui, a não ser a jovem condessa, que não faça justiça às eminentes qualidades do senhor primeiro-cônsul.

“Finório!”, pensou Corentin.

— Se esses rapazes forem fuzilados, será porque o quiseram! — respondeu em voz alta —; agora lavo disso as minhas mãos.

Levara o padre Goujet para um lugar fortemente iluminado pela lua, e o olhou bruscamente ao dizer essas fatais palavras. O padre estava aflitíssimo, mas como homem surpreendido e completamente ignorante.

— Compreenda pois, senhor padre — disse Corentin —, que o direito deles sobre as terras de Gondreville os torna duplamente criminosos aos olhos de pessoas de segunda categoria! Enfim, quero que eles se avenham com Deus e não com os seus santos.

— Há então um complô? — perguntou ingenuamente o padre.

— Ignóbil, odioso, covarde e tão contrário ao espírito generoso da nação — respondeu Corentin — que será coberto pelo opróbrio geral.

— Pois bem, a srta. de Cinq-Cygne é incapaz de covardia! — exclamou o padre.

— Senhor padre — replicou Corentin —, olhe, há para nós, sempre em reserva, provas evidentes da cumplicidade dela; mas não ainda em quantidade suficiente para a Justiça. Ela fugiu quando nos aproximamos... E, entretanto, eu lhes tinha mandado o *maire*.

— Sim, mas, para alguém que tanta questão faz de salvá-los, vinha o senhor seguindo o *maire* um pouco demasiado próximo.

Dito isso, os dois homens se olharam e se compreenderam; eram um e outro desses profundos anatomistas do pensamento, aos quais

basta uma simples inflexão de voz, um olhar, uma palavra, para adivinhar uma alma, do mesmo modo por que o selvagem adivinha seus inimigos por indícios invisíveis aos olhos de um europeu.

“Esperei tirar alguma coisa dele, e me descobri!”, pensou Corentin.

“Ah! tratante!”, disse o padre consigo mesmo.

Dava meia-noite no velho relógio da igreja, no momento em que Corentin e o padre voltaram ao salão. Ouviam-se abrir e fechar as portas dos quartos e dos armários. Os gendarmes desarrumavam as camas, Peyrade com a rápida inteligência do espião remexia e sondava tudo. Aquela pilhagem excitava ao mesmo tempo o terror e a indignação entre os fiéis servidores, sempre imóveis e de pé. O sr. d’Hauteserre trocava com a esposa e com a srta. Goujet olhares de compaixão. Uma curiosidade horrível mantinha todos despertos. Peyrade desceu e veio ao salão trazendo na mão um pequeno cofre de sândalo esculpido, que devia ter sido, outrora, trazido da China pelo almirante de Simeuse. Era chata e do tamanho de um volume *in-quarto* aquela bonita caixa.

Peyrade fez um sinal a Corentin e levou-o para o vão de uma janela.

— Já sei! — disse-lhe ele. — Esse Michu que podia pagar oitocentos mil francos em ouro por Gondreville a Marion, e que faz pouco queria matar Malin, deve ser o homem dos Simeuse; o interesse que o levou a ameaçar Marion deve ser o mesmo que o fez apontar a espingarda para Malin. Pareceu-me capaz de ter ideias; não teve senão uma, sabe da coisa e terá vindo aqui preveni-los.

— Malin deve ter falado na conspiração com seu amigo, o tabelião — disse Corentin, continuando as induções de seu colega —, e Michu, que estava emboscado, deve tê-lo, sem dúvida, ouvido falar dos Simeuse. Efetivamente, ele só adiou seu tiro de carabina para prevenir uma desgraça que se lhe afigurou maior do que a perda de Gondreville.

— Ele viu perfeitamente o que éramos — disse Peyrade. — Por isso, naquele momento, a inteligência daquele camponês pareceu-me um prodígio.

— Oh! isso prova que ele estava prevenido — respondeu Corentin. — Mas afinal de contas, meu velho, não nos iludamos: a traição fede muito, e a gente primitiva a sente de longe.

— Por isso mesmo somos mais fortes — disse o provençal.

— Chame o brigadeiro de Arcis — gritou Corentin a um dos gendarmes. — Vamos mandar gente ao seu pavilhão — disse ele a Peyrade.

— Violette, nosso ouvido, lá está — disse o provençal.

— Nós saímos sem notícias dele — disse Corentin. — Devíamos ter trazido Sabatier conosco. Só nós dois é pouco. Brigadeiro — disse ao ver entrar o gendarme e apertando-o entre Peyrade e ele próprio —, não vá se deixar embair como o brigadeiro de Troyes há pouco. Michu parece-nos estar metido no assunto; vá ao seu pavilhão, olho vivo para tudo, e

nos avise.

— Um dos meus homens ouviu barulho de cavalos na floresta no momento em que se prendiam os criadinhos, e tenho quatro valentes rapazes no encalço dos que lá se quisessem ocultar — respondeu o gendarme.

Saiu; o ruído do galope de seu cavalo que reboou no gramado diminuiu rapidamente.

“Vamos! eles marcham sobre Paris ou voltam para a Alemanha”, disse a si próprio Corentin.

Sentou-se, tirou do bolso do seu *spencer* um caderno, escreveu a lápis duas ordens, lacrou-as e fez sinal a um dos gendarmes para que se aproximasse:

— A toda a brida para Troyes, acorde o prefeito e diga-lhe que aproveite os primeiros clarões da madrugada para pôr o telégrafo em atividade.

O gendarme partiu a galope. Era tão claro o sentido daquele movimento e a intenção de Corentin, que todos os habitantes do castelo sentiram um aperto no coração; mas essa nova inquietação foi, de algum modo, um golpe a mais no seu martírio, pois naquele momento estavam todos com os olhos no precioso cofrezinho. Mesmo conversando, os dois agentes espreitavam a linguagem daqueles olhares flamejantes. Uma espécie de raiva fria agitava o coração insensível daqueles dois seres que saboreavam o terror geral. O homem da polícia tem todas as emoções do caçador; mas, ao desdobrar as forças do corpo e do espírito, lá onde um busca matar uma lebre, uma perdiz ou um cabrito-montês, trata-se para o outro de salvar o Estado, ou o príncipe, ou de ganhar uma pingue gratificação. Por esse motivo a caça ao homem é superior à outra caça, de toda a distância que há entre os homens e os animais. De resto, o espião tem necessidade de erguer o seu papel a toda grandeza e à importância dos interesses a que se vota. Sem mergulhar nesse ofício, qualquer um pode, pois, conceber que a alma aí despense tanta paixão quanto o caçador em perseguir a caça. Assim, quanto mais se aproximavam da luz, mais ardentes ficavam aqueles dois homens; sua atitude, porém, e seus olhos permaneciam calmos e frios, da mesma forma que suas suspeitas, suas ideias, seus planos permaneciam impenetráveis. Mas, para quem tivesse acompanhado os efeitos do faro moral daqueles dois cães de caça na pista de fatos desconhecidos e ocultos, para quem tivesse compreendido os movimentos de agilidade canina que os levavam a encontrar a verdade pelo rápido exame das probabilidades, havia motivos para tremer! Como e por que aqueles homens de gênio eram tão baixos, quando podiam ser tão magnânimos? Que imperfeição, que vício, que paixão os rebaixava assim? É-se homem de polícia como se é pensador, escritor, homem de Estado, pintor, general, com a condição

de nada mais saber do que espionar, como estes falam, escrevem, administram, pintam ou se batem? As pessoas do castelo não tinham no coração senão um mesmo desejo: “Não cairá um raio em cima desses infames?”. Tinham todos sede de vingança. Por isso, não fosse a presença dos gendarmes, teria havido revolta.

— Ninguém tem a chave do cofrezinho? — perguntou o cínico Peyrade, interrogando a assembleia, tanto pela palavra como pelo movimento de seu narigão vermelho.

O provençal notou, não sem um movimento de temor, que não havia mais gendarmes. Corentin e ele estavam sós. Corentin tirou do bolso um pequeno punhal e propôs-se introduzi-lo na fenda da caixa.

Nesse momento ouviu-se, primeiro no caminho, depois no chão do gramado, o horrível barulho de um galope desesperado; mas o que causou ainda mais pavor foi a queda e o suspiro do cavalo, que se abateu das quatro patas ao mesmo tempo, ao pé da torrezinha central. Uma comoção semelhante à que produz o raio abalou todos os espectadores quando viram Lourença, que o roçar da amazona tinha anunciado; sua criadagem vivamente formara fileira para que ela passasse.

Apesar da rapidez de sua carreira, ela sentira a dor que lhe devia causar a descoberta da conspiração: todas as suas esperanças esboroadas! Ela galopara em ruínas, pensando na necessidade de uma submissão ao governo consular. Por isso, sem o perigo que corriam os quatro gentis-homens e que foi o tópico por meio do qual dominou ela a sua fadiga e o seu desespero, teria caído desmaiada. Quase matara a sua égua, para vir colocar-se entre a morte e os seus primos.

Ao verem aquela heroica moça, pálida e com as feições desfeitas, o véu para um lado, o pingalim na mão, no umbral de onde seu olhar abrasador abarcou toda a cena e a penetrou, todos compreenderam, pelo movimento imperceptível que agitou o rosto amargo e torvo de Corentin, que os dois verdadeiros adversários estavam em presença.

Ia iniciar-se um terrível duelo.

X — LOURENÇA E CORENTIN

Ao ver aquele cofrezinho nas mãos de Corentin, a jovem condessa ergueu o pingalim e saltou para ele tão vivamente, aplicou-lhe tão violento golpe nas mãos que o cofrezinho caiu no chão; ela o agarrou, atirou-o no meio das brasas e colocou-se diante da chaminé, numa atitude ameaçadora, antes que os dois agentes se tivessem refeito da surpresa. O desprezo chamejava nos olhos de Lourença, sua fronte pálida e seus lábios desdenhosos insultavam aqueles homens mais ainda do que o gesto autocrático com o qual tratara Corentin como animal venenoso. O velho D’Hauteserre sentiu-se cavalheiro, coraram

com todo o seu sangue as suas faces, e lamentou não ter uma espada. Os criados estremeceram, a princípio, de alegria. Aquela vingança tão invocada acabava de fulminar um daqueles homens. Mas sua felicidade foi recalçada no fundo das almas por um horrível temor: estavam sempre ouvindo os gendarmes caminhar de um lado para outro nos sótãos.

O *espião*, substantivo enérgico sob o qual se confundem todos os matizes que caracterizam os membros da polícia, pois que jamais quis o público especificar na língua os diversos caracteres dos que se imiscuem nessa botica necessária aos governos, o espião tem, pois, isto de magnífico e de curioso, que ele nunca se zanga; tem a humildade cristã dos padres, os olhos afeitos ao desprezo, e por sua vez opõe o desprezo como barreira à multidão de tolos que não o compreendem; de bronze tem a fronte para as injúrias, caminha para o seu alvo como um animal cuja sólida carapaça não pode ser penetrada senão pelo canhão; mas, também como o animal, fica tanto mais furioso, quando é atingido, quanto julgou sua couraça impenetrável.

O golpe de pingalim nos dedos foi para Corentin, sem falar na dor, o tiro de canhão que fura a carapaça; vindo daquela sublime e nobre moça, aquele movimento cheio de nojo humilhou-o, não somente aos olhos das pessoas presentes mas também aos seus próprios olhos. Peyrade, o provençal, atirou-se para a lareira, recebeu um pontapé de Lourença; ele, porém, agarrou-lhe o pé, levantou-o, obrigando-a por pudor a deixar-se cair na poltrona onde antes dormitara. Foi o burlesco no meio do terror, contraste frequente nas coisas humanas. Peyrade crestou a mão para apoderar-se do cofrezinho que ardia, mas colocou-o no chão e sentou-se em cima.

Esses pequenos sucessos aconteceram rapidamente, sem uma palavra. Corentin, refeito da dor causada pela chicotada, manteve a srta. de Cinq-Cygne segurando-lhe as mãos.

— Não me obrigue, bela cidadã, a empregar a força contra a senhorita — disse ele com aviltante cortesia.

O ato de Peyrade teve como resultado apagar o fogo por uma compressão que suprimiu o ar.

— Gendarmes, cheguem-se! — gritou ele, conservando sua estranha posição.

— Promete comportar-se bem? — disse de modo insolente Corentin a Lourença, enquanto apanhava o punhal, e sem cometer a falta de ameaçá-la com ele.

— Os segredos dessa caixinha não concernem ao governo — respondeu ela com certa melancolia no seu ar e no tom da voz. — Depois que tiver lido as cartas que aí estão, o senhor terá, apesar da sua infâmia, vergonha de as ter lido... Mas têm os senhores ainda vergonha de alguma coisa? — perguntou após uma pausa.

O padre dirigiu a Lourença um olhar como para dizer-lhe: “Em nome de Deus, acalme-se”.

Peyrade ergueu-se. O fundo do cofrezinho, em contato com os carvões e quase completamente queimado, deixara no tapete uma mancha pardacenta. A parte superior do cofrezinho estava já carbonizada, os lados cederam. Aquele grotesco Cévola⁵² que acabava de oferecer ao deus da Polícia, ao medo, os fundilhos de seu calção cor de abricó abriu os dois lados da caixa como se se tratasse de um livro e fez deslizar no pano da mesa de jogo três cartas e duas mechas de cabelo. Ia sorrir ao olhar para Corentin, quando percebeu que os cabelos eram de dois brancos diferentes. Corentin deixou a srta. de Cinq-Cygne, para ir ler a carta de que tinham caído os cabelos.

Lourença também se ergueu, colocou-se ao lado dos dois espíões e disse:

— Oh! leia em voz alta, será o seu castigo.

Como lessem eles simplesmente com os olhos, ela própria leu a seguinte carta:

Querida Lourença,

Conhecemos, eu e meu marido, a sua bela conduta, no triste dia de nossa prisão. Sabemos que você quer aos nossos gêmeos queridos igualmente e tanto como nós os queremos; por isso é a você que encarregamos de um depósito ao mesmo tempo precioso e triste para eles.

O senhor executor nos acaba de cortar os cabelos, porque vamos morrer daqui a poucos momentos, e nos prometeu fazer-lhe chegar às mãos as duas únicas lembranças que nos é possível deixar aos nossos muito amados órfãos. Guarde-lhes, pois, esses restos de nós, e os entregue em tempos melhores. Aí depusemos um último beijo para eles, com a nossa bênção. O nosso último pensamento será primeiro para nossos filhos, depois para você e finalmente para Deus! Ame-os muito.

BERTHE DE CINQ-CYGNE

JEAN DE SIMEUSE

Todos ficaram com lágrimas nos olhos, à leitura daquela carta.

Com voz firme, disse Lourença aos dois agentes, ao mesmo tempo que lhes lançava um olhar petrificante:

— Os senhores têm menos piedade do que o senhor executor.

Corentin colocou tranquilamente os cabelos dentro da carta, e esta de lado, em cima da mesa, pondo sobre ela uma cesta de fichas para que não voasse. Aquele sangue-frio em meio à emoção geral era horroroso. Peyrade desdobrava as duas outras cartas.

— Oh! quanto a estas — disse Lourença —, são mais ou menos semelhantes. Ouviram os senhores o testamento, aqui está a sua execução. De agora em diante meu coração não terá mais segredos para ninguém, eis tudo.

Minha querida Lourença,

Amo-a para sempre e quero que bem o saiba; mas, no caso em que eu chegue a morrer, tenha a certeza de que meu irmão Paulo Maria ama-a tanto quanto eu a amo.

Meu consolo único ao morrer será a segurança de que você poderá um dia fazer do meu querido irmão o seu marido, sem ver-me definhar de ciúme, como decerto aconteceria, se, vivos ambos, você o preferisse. Mas, afinal, essa preferência bem natural me pareceria, porque, talvez, valha ele mais do que eu... etc.

MARIA PAULO

— Eis aqui a outra — disse ela com um fascinante rubor no rosto.

Andernach, antes do combate

Minha boa Lourença,

Sinto a alma um pouco triste; mas Maria Paulo tem demasiada alegria no caráter para que não lhe agrade muito mais do que eu. Terá de escolher um dia entre nós; pois bem, embora eu a ame com uma paixão...

— A senhora corresponde-se com emigrados! — disse Peyrade interrompendo Lourença e pondo por precaução a carta contra a luz, para verificar se não continha nas entrelinhas alguma coisa escrita com tinta simpática.

— Sim — disse Lourença, dobrando as preciosas cartas, cujo papel amarelecera. — Mas com que direito violam os senhores assim o meu domicílio, a minha liberdade pessoal e todas as virtudes domésticas?

— Ah! está bem! — disse Peyrade — com que direito? é preciso dizer-lhe, bela aristocrata — replicou ele tirando do bolso uma ordem emanada do ministro da Justiça e referendada pelo ministro do Interior. — Veja, cidadã, os ministros se encasquetaram com isso...

— Poderíamos perguntar-lhe — disse-lhe Corentin ao ouvido — com que direito aloja em sua casa os assassinos do primeiro-cônsul? Aplicou-me nos dedos uma chicotada que me autorizaria a dar um dia uma ajuda para despachar os senhores seus primos, eu que vinha para salvá-los...

Só pelo movimento dos lábios e pelo olhar que Lourença lançou a Corentin, o padre compreendeu o que dizia aquele grande artista desconhecido e fez à condessa um sinal de desconfiança que só foi visto por Goulard. Peyrade dava pequenas pancadas na tampa da caixa para saber se não era feita de duas tábuas ocas.

— Oh! meu Deus! — disse Lourença a Peyrade, arrancando-lhe a tampa —, não a quebre, veja...

Pegou um alfinete e empurrou a cabeça de uma figura; as duas tábuas, impelidas por mola, deslizaram uma sobre a outra e a que era oca apresentou as duas miniaturas dos srs. de Simeuse, com uniforme do exército de Condé, dois retratos sobre marfim, feitos na Alemanha. Corentin, que se achava frente a frente com um adversário digno de

toda a sua cólera, por um gesto atraiu Peyrade para um canto e conferenciou secretamente com ele.

— Atirava isso ao fogo! — disse o padre Goujet a Lourença, mostrando-lhe por um olhar a carta da marquesa e os cabelos.

Como única resposta, a moça deu de ombros, significativamente. O cura compreendeu que ela tudo sacrificava para distrair os espiões e ganhar tempo, e ergueu os olhos ao céu, num gesto de admiração.

— Onde prenderam Gotardo, que estou ouvindo chorar? — disse ela com voz bastante alta para ser ouvida.

— Não sei — respondeu o cura.

— Tinha ele ido à granja?

— À granja! — disse Peyrade a Corentin. — Mandemos gente lá.

— Não — respondeu Corentin —, esta moça não confiaria a salvação dos primos a um granjeiro. Ela nos está distraindo... Faça o que lhe digo, a fim de que, depois de termos cometido o erro de vir aqui, levemos pelo menos alguns esclarecimentos.

Corentin foi colocar-se em frente à chaminé, levantou as abas pontudas de sua casaca para se aquecer e afetou o ar, o tom, as maneiras de um homem que está de visita.

— Minhas senhoras, podem deitar-se, e seus criados também. Senhor *maire*, seus serviços, agora, nos são inúteis. A severidade de nossas ordens não nos permite agir de outro modo senão pelo qual agimos; mas, quando todas as muralhas que me parecem bem espessas tiverem sido examinadas, nós partiremos.

O *maire* saudou os presentes e saiu. Nem o cura nem a srta. Goujet se moveram. Os criados estavam demasiado inquietos para não partilhar a sorte de sua jovem senhora. A sra. d'Hautesserre, que, desde que Lourença chegara, a estudava com uma curiosidade de mãe desesperada, ergueu-se, tomou-a pelo braço, levou-a para um canto e lhe disse em voz baixa:

— Viu-os?

— Como teria eu deixado seus filhos virem a nossa casa sem que a senhora o soubesse? — respondeu Lourença. — Durieu — disse ela —, veja se é possível salvar minha pobre Stella, que ainda respira.

— Ela andou muito — disse Corentin.

— Quinze léguas em três horas — respondeu ela ao abade, que a contemplava com estupefação. — Saí às nove e meia, e voltei muito depois da uma.

Olhou para o relógio, que marcava duas horas e meia.

— Assim, pois — disse Corentin —, não nega a senhora que fez uma caminhada de quinze léguas?

— Não — disse ela. — Confesso que meus primos e os srs. de Simeuse, na sua perfeita inocência, contavam pedir que não fossem excetuados da anistia, e vinham para Cinq-Cygne. Por isso, quando tive

motivos para crer que o sr. Malin os queria envolver em alguma traição, fui preveni-los para que retornassem à Alemanha, onde estarão antes que o telégrafo de Troyes os tenha localizado na fronteira. Se cometi um crime, que me castiguem.

Essa resposta, profundamente meditada por Lourença, e tão provável em todas as suas partes, abalou as convicções de Corentin, a quem a jovem condessa observava de soslaio. Naquele instante tão decisivo, e quando todas as almas estavam, por assim dizer, suspensas àqueles dois rostos, quando todos os olhares iam de Corentin para Lourença e desta para aquele, o barulho de um cavalo a galope que vinha da floresta reboou no caminho, e do portão, sobre o chão do gramado. Uma horrível ansiedade pintou-se em todos os semblantes.

Peyrade entrou, com os olhos luzentes de alegria, veio zelosamente a seu colega e disse-lhe bastante alto, para que a condessa o ouvisse:

— Seguramos Michu!

Lourença, a quem a angústia, o cansaço e a tensão de todas as faculdades intelectuais davam uma cor rosada às faces, tornou a empalidecer e caiu quase desmaiada, fulminada, numa poltrona. A Durieu, a srta. Goujet e a sra. d'Hauteserre precipitaram-se para ela, pois estava sufocada; com um gesto mandou cortarem os alamares de sua amazona.

— Ela engoliu a isca... eles vão para Paris! — disse Corentin a Peyrade. — Modifiquemos as ordens.

Saíram, deixando um gendarme à porta do salão. A habilidade infernal daqueles dois homens acabava de conseguir uma vantagem horrível naquele duelo, prendendo Lourença na armadilha de uma das suas manhas habituais.

Às seis horas da manhã, ao clarear o dia, os dois agentes voltaram. Depois de explorarem o caminho escavado, haviam concluído que os cavalos tinham passado por ali, rumo à floresta. Estavam à espera do relatório do capitão da gendarmeria encarregado de examinar a redondeza. Tendo deixado o castelo cercado, sob a vigilância de um brigadeiro, foram almoçar numa taberna de Cinq-Cygne, dando antes, porém, ordem para que soltassem Gotardo, que não cessara de responder às perguntas com torrentes de lágrimas, e Catarina, que permanecia na sua silenciosa imobilidade.

Catarina e Gotardo vieram ao salão e beijaram as mãos de Lourença, que jazia estendida na poltrona. Durieu veio anunciar que Stella não morreria, mas que exigia muitos cuidados.

O *maire*, inquieto e curioso, encontrou Peyrade e Corentin na aldeia. Não quis consentir que funcionários superiores almoçassem numa taberna ordinária, e os levou à sua própria casa. A abadia estava a um quarto de légua. Enquanto caminhavam, Peyrade notou que o brigadeiro de Arcis não mandara nenhuma notícia de Michu, nem de

Violette.

— Estamos tratando com gente de qualidade — disse Corentin —, eles são mais fortes do que nós. O padre lá está sem dúvida para alguma coisa.

No momento em que a sra. Goulard fazia entrar os dois funcionários numa vasta sala de jantar, sem fogo, chegou o tenente da gendarmeria, com ar bastante assustado.

— Encontramos o cavalo do brigadeiro de Arcis na floresta, sem o dono — disse ele a Peyrade.

— Tenente — exclamou Corentin —, corra ao pavilhão de Michu e informe-se do que se está passando! São capazes de ter matado o brigadeiro.

Essa notícia prejudicou o almoço do *maire*. Os parisienses engoliram tudo com a rapidez de caçadores que comessem numa parada e voltaram para o castelo no seu cabriolé de vime, atrelado a um cavalo de posta, para poderem transportar-se rapidamente a qualquer lugar onde sua presença fosse necessária.

Quando os dois homens reapareceram naquela sala, onde tinham feito surgir a confusão, o pavor, a dor e as mais cruéis ansiedades, nela encontraram Lourença, de robe de chambre, o gentil-homem e a esposa, o padre Goujet e a irmã agrupados ao redor do fogo, tranquilos em aparência.

“Se tivessem pegado Michu”, a si mesma dissera Lourença, “tê-lo iam trazido. Pesa-me não ter sido senhora de mim mesma, ter esclarecido um pouco as suspeitas desses infames; mas tudo pode reparar-se.”

— Seremos por largo tempo seus prisioneiros? — perguntou ela aos dois agentes com ar zombeteiro e despreocupado.

Como pode ela saber alguma coisa da nossa inquietação a respeito de Michu? Não entrou ninguém de fora, no castelo. Ela nos está *debochando!*, disseram os agentes, um ao outro, com o olhar.

— Não os importunaremos por muito tempo ainda — respondeu Corentin —; dentro de três horas, apresentaremos nossos pesares por termos perturbado a sua solidão.

Ninguém respondeu. Esse silêncio do desprezo aumentou a raiva íntima de Corentin, de quem Lourença e o padre, as duas inteligências daquele pequeno mundo, já tinham opinião formada. Gotardo e Catarina puseram a mesa para o almoço, junto ao fogo, dele participando o padre e a irmã. Nem os patrões nem os criados deram atenção alguma aos dois espiões, que passeavam no jardim, no pátio, no caminho, voltando de quando em quando ao salão.

Às duas horas e meia, voltou o tenente.

— Encontrei o brigadeiro — disse ele a Corentin — estendido no caminho que vai do pavilhão chamado de Cinq-Cygne à granja de

Bellache, sem nenhum ferimento além de uma horrível contusão na cabeça, provavelmente produzida pela queda. Segundo disse, foi arrancado da sela tão rapidamente e atirado com tanta violência para trás que não pode explicar de que modo as coisas se passaram; os pés saíram dos estribos, sem o que teria morrido, pois o cavalo, espantado, o teria arrastado pelo campo afora. Nós o confiamos a Michu e a Violette...

— Como! Michu está no pavilhão? — disse Corentin, que olhou para Lourença.

A condessa sorria com o olhar esperto, como mulher que tomava sua desforra.

— Acabo de vê-lo a terminar com Violette um negócio que iniciaram ontem à noite — respondeu o tenente.

— Violette e Michu, pareceu-me, estão meio toldados; mas não há de que admirar-se, estiveram bebendo toda a noite, e não chegaram ainda a um acordo.

— Violette lhe disse isso? — exclamou Corentin.

— Sim — disse o tenente.

— Ah! seria preciso tudo fazermos nós próprios! — exclamou Peyrade olhando para Corentin, que tanto como Peyrade desconfiava da inteligência do tenente.

O rapaz respondeu ao velho com um sinal de cabeça.

— A que horas chegou você ao pavilhão de Michu? — perguntou Corentin ao notar que a srta. de Cinq-Cygne olhara para o relógio da chaminé.

— Às duas horas pouco mais ou menos — respondeu o tenente.

Lourença cobriu com um mesmo olhar o sr. e a sra. d'Hautesserre, o padre Goujet e a irmã, que se julgaram sob um manto celestial; a alegria do triunfo cintilava nos olhos da jovem condessa, ela enrubesceu e algumas lágrimas rolaram por entre suas pálpebras. Forte ante as maiores desgraças, aquela moça não podia chorar senão de prazer. Nesse momento ela foi sublime, sobretudo para o cura, que, quase pesaroso pela virilidade do caráter de Lourença, percebeu nele então a excessiva ternura da mulher; mas essa sensibilidade, nela, jazia como um tesouro oculto a uma profundidade infinita sob um bloco de granito.

Um gendarme veio perguntar se deviam deixar entrar o filho de Michu, que vinha da casa do pai para falar com os senhores de Paris. Corentin respondeu com um sinal afirmativo. Francisco Michu, o ardiloso cãozinho que entendia de caça, estava no pátio, onde Gotardo, que tinha sido solto, pôde falar com ele um instante, sob as vistas do gendarme. O pequeno Michu desempenhou-se de uma das suas missões, deslizando qualquer coisa na mão de Gotardo sem que o gendarme percebesse. Gotardo infiltrou-se após Francisco e chegou

junto à srta. de Cinq-Cygne para entregar-lhe inocentemente a sua aliança inteira, que ela beijou com ardor, pois compreendeu que Michu lhe dizia, enviando-a assim, que os quatro gentis-homens estavam em lugar seguro.

— *Mê pai mandá piguntá onde precisa botá o bigadero, qui num tá nada bem.*

— De que se queixa ele? — perguntou Peyrade.

— *Né, da cabeça, ele levá um trambuião i caiu no chão cum toda a folça. P'a um gindarmo, que sabi muntá a cavalo, é ua farta di sorte; cum certeza deu ua topada! Tem um buraco, oh! um buraco do tamanho desta mão, por ditraiz da cabeça. Parece qui ele teve o caipurismo di caí im cima di uma mardita pedra. Pobe home! por mais gindarmo qui ele é, tá penando qui dá dó.*

O capitão de gendarmeria de Troyes entrou no pátio, apeou-se, fez um sinal a Corentin, que, reconhecendo-o, precipitou-se para a janela e abriu-a, para não perder tempo.

— Que há?

— Nos fizeram trotar como holandeses! Foram encontrados cinco cavalos mortos de cansaço, com o pelo arrepiado de suor, bem no meio da grande avenida da floresta; mandei guardá-los para saber de onde vieram e quem os forneceu. A floresta está cercada, os que nela se acham não poderão sair.

— A que horas julga que esses cavaleiros entraram na floresta?

— Meia hora depois do meio-dia.

— Que nem uma lebre saia dessa floresta sem que se veja! — disse-lhe Corentin ao ouvido. — Deixo-lhe aqui Peyrade e vou ver o pobre brigadeiro. Fica em casa do *maire*, eu te mandarei um homem esperto para te render — disse ele ao ouvido do provençal. — Temos de nos servir da gente da terra, examina todas as caras.

Virou-se para os presentes e disse num tom apavorante:

— Até breve!

Ninguém cumprimentou os agentes que saíram.

— Que dirá Fouché de uma visita domiciliária sem resultado? — exclamou Peyrade, quando ajudou Corentin a subir para o cabriolé de vime.

— Oh! não está tudo acabado — respondeu Corentin ao ouvido de Peyrade —; os gentis-homens devem estar na floresta. Mostrou Lourença, que os estava olhando através da vidraça das grandes janelas do salão.

— Já arrebentei uma que valia tanto como ela, e que me tinha feito ferver o sangue! Se ela tornar a cair nas minhas mãos, eu lhe pagarei a sua chicotada.

— A outra era uma cortesã — disse Peyrade —, ao passo que esta se acha em uma posição...

— Lá faço eu distinções? Tudo o que cai na rede é peixe! — disse Corentin, fazendo sinal ao gendarme que o conduzia para chicotear o cavalo de posta.

Dez minutos depois o castelo de Cinq-Cygne estava inteiramente, completamente evacuado.

— Como se desfizeram do brigadeiro? — perguntou Lourença a Francisco Michu, que ela fizera sentar-se e a quem estava oferecendo comida.

— Meu pai e minha mãe me disseram que se tratava de um caso de vida e de morte, e que ninguém devia entrar lá em casa. Portanto, compreendi, pelo movimento de cavalos na floresta, que tinha de tratar com esses cães de gendarmes, e quis impedi-los de entrar em nossa casa. Peguei umas cordas grossas que temos lá no sótão e amarrei-as numa das árvores que estão na saída de cada um dos caminhos. Então estiquei a corda na altura do peito de um cavaleiro e a preendi com força na árvore em frente, no caminho em que tinha ouvido o galope de um cavalo. O caminho ficava assim barrado. A coisa deu resultado. Não havia mais luar, meu brigadeiro projetou-se no chão, mas não se matou. Que quer! os gendarmes têm a vida dura! Enfim, faz-se o que se pode.

— Tu nos salvaste! — disse Lourença, abraçando Francisco Michu, a quem levou até o portão.

Lá, não vendo ninguém, ela lhe disse ao ouvido:

— Eles têm víveres?

— Acabo de levar-lhes um pão de doze libras e quatro garrafas de vinho. Durante seis dias ficaremos calados.

Ao voltar ao salão, a moça viu-se alvo das mudas perguntas do sr. e da sra. d'Hauteserre, do padre Goujet e da irmã, que a olhavam com tanta admiração quanta ansiedade.

— Mas então você tornou a vê-los? — exclamou a sra. d'Hauteserre.

A condessa pôs um dedo nos lábios, sorrindo, e subiu para os seus aposentos a fim de deitar-se; porquanto, uma vez obtido o triunfo, ficou vencida pelo cansaço.

O caminho mais curto para ir de Cinq-Cygne ao pavilhão de Michu era o que ia daquela aldeia à herdade de Bellache, e terminava na rotunda onde, na véspera, os espiões tinham surgido aos olhos de Michu. Por isso o gendarme que conduzia Corentin seguiu aquela estrada, a mesma que tomara o brigadeiro de Arcis. Enquanto seguiam, o agente procurava os meios pelos quais um brigadeiro podia ser arrancado da sela. Censurava-se a si próprio por não ter mandado senão um homem a um ponto tão importante, e tirava daquele erro um axioma para um código de polícia que preparava para seu uso.

“Se se desvencilharam do brigadeiro”, pensava, “ter-se-ão também livrado de Violette. Os cinco cavalos mortos evidentemente trouxeram dos arredores de Paris à floresta os quatro conspiradores e Michu.”

— Michu tem um cavalo? — perguntou ele ao gendarme, que era da brigada de Arcis.

— Ah! é um cavalo famoso — respondeu o gendarme —, um cavalo de caça que vem das cocheiras do *ci-devant* marquês de Simeuse. Embora tenha quinze anos, está cada vez melhor; Michu o faz percorrer vinte léguas e o animal fica com o pelo tão seco como o meu chapéu. Oh! ele o cuida muito; recusou muito dinheiro por ele.

— Como é esse cavalo?

— Castanho quase preto, manchas brancas acima dos cascos, magro, só nervos, como um cavalo árabe.

— Já viste cavalos árabes?

— Voltei do Egito faz um ano, e montei cavalos de mamelucos. A gente tem onze anos de serviço na cavalaria; fui ao Reno com o general Steingel, dali à Itália, e segui o primeiro-cônsul ao Egito. Por isso vou ser promovido a brigadeiro.

— Quando eu estiver no pavilhão de Michu, vai à estrebaria, e, se de fato há onze anos que vives no meio de cavalos, deves saber reconhecer quando um cavalo correu.

— Olhe, foi ali que o nosso brigadeiro foi atirado ao chão — disse o gendarme, mostrando o lugar onde o caminho desembocava na rotunda.

— Dirás ao capitão que venha buscar-me nesse pavilhão, iremos juntos para Troyes.

Corentin desceu do cabriolé e ficou alguns instantes observando o terreno. Examinou os dois olmos que se achavam defronte, um encostado ao muro do parque, o outro sobre o barranco da rotunda que cortava o caminho vicinal; viu depois o que ninguém soubera ver, um botão de uniforme na poeira do caminho, e o apanhou. Ao entrar no pavilhão, viu Violette e Michu, abancados à mesa da cozinha, e sempre discutindo. Violette levantou-se, saudou Corentin e ofereceu-lhe

bebida.

— Obrigado... Quisera ver o brigadeiro — disse o rapaz, que com um só olhar adivinhou que Violette estava bêbado fazia mais de doze horas.

— Minha mulher o está assistindo lá em cima — disse Michu.

— E então, brigadeiro, como está? — disse Corentin, que se precipitara pela escada, encontrando o gendarme com a cabeça envolta numa compressa e deitado na cama da sra. Michu.

O chapéu, o sabre e o resto do equipamento estavam numa cadeira. Marta, fiel aos sentimentos de mulher e, ademais, ignorando a proeza do filho, cuidava do brigadeiro, em companhia da mãe.

— Estamos esperando o sr. Varlet, o médico de Arcis — disse a sra. Michu —; Gaucher foi buscá-lo.

— Deixe-nos por um momento — disse Corentin bastante surpreendido daquele espetáculo, em que se evidenciava a inocência das duas mulheres. — Como foi atingido? — perguntou olhando para o uniforme.

— No peito — respondeu o brigadeiro.

— Vejamos o seu correame — disse Corentin.

Sobre a correia amarela orlada de uma lista branca, que uma lei recente dera à guarda chamada *nacional*, estipulando-lhe os menores detalhes do uniforme, via-se uma placa bastante parecida com a dos guardas campestres e na qual a lei mandava gravar estas palavras singulares: *Respeito às pessoas e às propriedades!* A corda forçosamente atingira o correame e o tinha vigorosamente arranhado. Corentin pegou o casaco e olhou o lugar onde faltava o botão achado no caminho.

— A que horas o levantaram? — perguntou Corentin.

— Ao clarear do dia.

— Trouxeram-no imediatamente para aqui? — indagou Corentin, notando o estado da cama que não estava desfeita.

— Sim.

— Quem o subiu?

— As mulheres e o pequeno Michu, que me achou desfalecido.

“Bom! não se deitaram”, pensou Corentin. “O brigadeiro não foi atingido nem por um tiro nem por uma paulada, porquanto, para alcançá-lo, seu adversário teria precisado colocar-se de nível com ele, estando portanto a cavalo; só pode ter sido derrubado por um obstáculo à sua passagem. Um pau? não é possível. Uma corrente de ferro? teria deixado sinais.”

— Que sentiu você? — disse em voz alta o brigadeiro, indo examiná-lo.

— Fui derrubado tão bruscamente...

— Está com a pele esfolada embaixo do queixo.

— Parece-me — disse o brigadeiro — que me passou uma corda pelo rosto...

— Já sei — disse Corentin. — Estenderam uma corda entre duas árvores para barrar a passagem...

— É bem possível — disse o brigadeiro.

Corentin desceu e entrou na sala.

— Pois bem, velho tratante, acabemos de uma vez! — dizia Michu, dirigindo-se a Violette e olhando o espião. — Cento e vinte mil francos ao todo, e é você o dono das minhas terras. Viverei das rendas.

— Não tenho, tão certo como haver um só Deus, mais do que sessenta mil.

— Mas se eu lhe ofereço prazo para o resto! Estamos aqui desde ontem sem poder concluir este negócio... Terras de primeira qualidade.

— As terras são boas — respondeu Violette.

— Vinho, mulher! — exclamou Michu.

— Já não beberam bastante? — exclamou a mãe de Marta. — São catorze garrafas desde ontem às nove horas...

— Estão aí desde as nove horas desta manhã? — perguntou Corentin a Violette.

— Não, faça o favor de desculpar. Desde ontem à noite, não arredei pé daqui, e nada ganhei; quanto mais ele me faz beber, mais me encarece os seus bens.

— Nos negócios, quem levanta o cotovelo faz subir os preços — disse Corentin.

Uma dúzia de garrafas vazias, enfileiradas na ponta da mesa, confirmavam os dizeres da velha. Naquele momento o gendarme fez sinal do lado de fora a Corentin e disse-lhe ao ouvido, na soleira da porta:

— Não há nenhum cavalo na estrebaria.

— O senhor mandou o pequeno à cidade, no seu cavalo — disse Corentin —, ele não deve demorar.

— Não, senhor — disse Marta —, ele está a pé.

— Mas, então, que fez do seu cavalo?

— Emprestei-o — respondeu Michu secamente.

— Venha cá, bom apóstolo — disse Corentin, dirigindo-se ao administrador —, tenho duas palavras para depositar no cano de seu ouvido.

Corentin e Michu saíram.

— A carabina que estava carregada, ontem, às quatro horas, devia servir-lhe para matar o conselheiro de Estado; o tabelião Grévin viu-o; mas não se pode prendê-lo por isso: havia muita intenção e poucas testemunhas. Você, não sei como, adormeceu Violette, e você, sua mulher e seu garoto passaram a noite fora para prevenir a srta. de Cinq-Cygne da nossa chegada e fazer fugir os primos dela, que trouxe para cá, ainda não sei para onde. Seu filho ou sua mulher atirou o brigadeiro no chão, e de modo bastante engenhoso. Enfim, derrotou-nos. Você é um

finório de marca. Mas tudo não foi dito ainda, nós não ficaremos por baixo. Quer transigir? seus patrões só terão a lucrar.

— Venha por aqui, conversaremos sem que nos possam ouvir — disse Michu levando o espião pelo parque até a lagoa.

Quando Corentin viu a água, olhou fixamente para Michu, que contava, sem dúvida, com sua força para atirar aquele homem em sete pés de lodo que havia sob três pés de água. Michu respondeu com um olhar não menos fixo. Foi absolutamente como se uma jiboia flácida e fria tivesse desafiado um desses fulvos e ferozes jaguares do Brasil.

— Não tenho sede — respondeu o *muscadin*, que se conservou na orla do prado e pôs a mão no bolso do lado para pegar o punhal.

— Não nos podemos entender — disse Michu friamente.

— Ande direito, meu caro, a Justiça o terá de olho.

— Se ela não vir mais claro do que o senhor, haverá perigo para todos — disse o administrador.

— Recusa? — disse Corentin em tom expressivo.

— Preferiria que me cortassem cem vezes o pescoço, se fosse possível cortar cem vezes o pescoço de um homem, a ter entendimentos com um patife como tu!

Corentin subiu vivamente para o carro depois de medir de alto a baixo, com o olhar, Michu, o pavilhão e Couraut, que ladrava atrás dele.

Ao passar por Troyes, deu algumas ordens e voltou para Paris. Todas as brigadas de gendarmaria tiveram uma palavra de ordem e instruções secretas.

Durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, as pesquisas foram ativas e incessantes, em todas as aldeias, por menores que fossem. Em todas as tabernas havia gente escutando. Corentin soube três coisas importantes: um cavalo parecido com o de Michu foi encontrado morto nos arredores de Lagny; os cinco cavalos enterrados na floresta de Nodessme tinham sido vendidos a quinhentos francos cada um, por granjeiros ou moleiros, a um homem que de acordo com os sinais fornecidos devia ser Michu.

Quando a lei sobre os receptadores e cúmplices de Georges foi decretada, Corentin restringiu sua vigilância à floresta de Nodessme. Depois, quando Moreau, os realistas e Pichegru foram detidos, não se viram mais pessoas estranhas na região.

Michu perdeu então seu emprego. O tabelião de Arcis trouxe-lhe a carta pela qual o conselheiro de Estado, tornado senador, pedia a Grévin que ajustasse contas com Michu e o despedisse. Em três dias, Michu se fez dar uma quitação em boa forma e ficou livre. Com grande espanto da terra, ele foi viver em Cinq-Cygne, onde Lourença o empregou como granjeiro de todas as reservas do castelo. O dia de sua instalação coincidiu fatalmente com a execução do duque d'Enghien. Soube-se em quase toda a França, ao mesmo tempo, da prisão, do

juízo, da condenação e da morte do príncipe, represálias terríveis que precederam o processo de Polignac, de Rivière e de Moreau.

Enquanto esperava que a herdade que lhe era destinada fosse construída, alojou-se Michu nas dependências de serviço, por sobre as cavalariças, do lado da famosa brecha. Adquiriu dois cavalos, um para ele e um para o filho, porque ambos se juntaram a Gotardo para acompanhar a srta. de Cinq-Cygne em todos os seus passeios que, como se deve imaginar, tinham por fim alimentar os quatro gentis-homens e cuidar de que nada lhes faltasse. Francisco e Gotardo, ajudados por Couraut e pelo cão da condessa, exploravam os arredores do esconderijo e se asseguravam de que não havia ninguém nas cercanias.

Lourença e Michu traziam os víveres que Marta, sua mãe e Catarina preparavam, sem conhecimento da criadagem, a fim de concentrar o segredo, porquanto nenhum deles punha em dúvida que houvesse espiões na aldeia. Devido a isso, por prudência, essas expedições nunca se faziam mais de duas vezes por semana e sempre em horas diferentes, ora de dia, ora de noite. Essas precauções duraram tanto como o processo Rivière, Polignac e Moreau.

Quando o *senatus consultum* que elevava ao Império a família Bonaparte e nomeava Napoleão imperador foi submetido à aceitação do povo francês, o sr. d'Hauteserre assinou no registro que lhe foi apresentado por Goulard. Enfim, soube-se que o papa viria sagrar Napoleão. A srta. de Cinq-Cygne não se opôs mais desde então a que fosse dirigido um pedido pelos dois jovens D'Hauteserre e por seus primos, a fim de que fossem riscados da lista dos emigrados e readquirissem seus direitos de cidadão. O velho correu logo a Paris e foi ver o *ci-devant* marquês de Chargebœuf, que conhecia o sr. de Talleyrand.

Esse ministro, então válido, fez chegar a petição às mãos de Josefina, e Josefina entregou-a ao marido, a quem chamavam imperador, majestade, sire, antes de conhecer-se o resultado do escrutínio popular. O sr. de Chargebœuf, o sr. d'Hauteserre e o padre Goujet, que também foi a Paris, obtiveram uma audiência de Talleyrand, e esse ministro prometeu-lhes seu apoio.

Já Napoleão concedera o perdão aos principais atores da grande conspiração realista dirigida contra ele; mas, conquanto os quatro gentis-homens não fossem senão suspeitos, ao sair de uma sessão do Conselho de Estado, o imperador chamou ao seu gabinete o senador Malin, Fouché, Talleyrand, Cambacérès,⁵³ Lebrun⁵⁴ e Dubois,⁵⁵ chefe de polícia.

— Senhores — disse o futuro imperador, que conservava ainda seu traje de primeiro-cônsul —, recebemos um pedido dos srs. de Simeuse e d'Hauteserre, oficiais do exército do príncipe de Condé, para serem autorizados a voltar à França.

— Eles estão na França — disse Fouché.
— Como outros mil que eu encontro em Paris — atalhou Talleyrand.
— Creio — replicou Malin — que esses o senhor não encontrou porque estão ocultos na floresta de Noddesme, onde se julgam em suas casas.

Absteve-se de dizer ao primeiro-cônsul e a Fouché as palavras a quem devera a vida; mas, escudando-se nos relatórios feitos por Corentin, convenceu o Conselho da participação dos quatro gentis-homens no conluio dos srs. de Rivière e de Polignac, dando-lhes Michu como cúmplice. O chefe de polícia confirmou as afirmações do senador.

— Mas como esse administrador pôde saber que a conspiração estava descoberta no momento em que o imperador, o seu Conselho e eu éramos os únicos a conhecer esse segredo? — perguntou o chefe de polícia.

Ninguém deu atenção à observação de Dubois.

— Se estão ocultos numa floresta e, em sete meses, os senhores não os tenham achado — disse o imperador a Fouché —, já expiaram bastante as suas faltas!

— Basta que sejam meus inimigos — disse Malin, assustado com a perspicácia do chefe de polícia — para que eu imite o procedimento de vossa majestade: peço pois a exclusão deles e me constituo advogado dos quatro gentis-homens.

— Eles vos serão menos perigosos reintegrados do que emigrados, porque terão prestado juramento à constituição do Império e às leis — disse Fouché, que olhou fixamente para Malin.

— Em que ameaçam eles o senhor senador? — perguntou Napoleão.

Talleyrand falou durante alguns instantes em voz baixa com o imperador. A exclusão e reintegração dos srs. de Simeuse e d'Hauterres pareceu então concedida.

— Sire — disse Fouché —, podereis ainda ouvir falar dessa gente.

Talleyrand, por solicitação do duque de Grandlieu,⁵⁶ acabava de empenhar, em nome daqueles senhores, sua fé de gentis-homens, palavra que exercia grande sedução sobre Napoleão, em que eles nada emprenderiam contra o imperador e se submetiam sem segunda intenção.

— Os srs. d'Hauterres e de Simeuse não querem mais combater contra a França depois dos últimos acontecimentos. Eles têm pouca simpatia pelo governo imperial e são gente que vossa majestade terá de conquistar; mas eles se contentarão com viver em terras da França, obedecendo às leis — disse o ministro.

Mostrou depois disso ao imperador uma carta que recebera e onde esses sentimentos estavam expressos.

— O que é tão franco deve ser sincero — disse o imperador olhando para Lebrun e Cambacérès. — Tem ainda objeções a fazer? —

perguntou a Fouché.

— No interesse de vossa majestade — respondeu o futuro ministro da Polícia Geral — peço ser encarregado de transmitir a esses senhores a sua exclusão, *quando ela for definitivamente concedida* — disse ele em voz alta.

— Seja — disse Napoleão ao ver uma expressão preocupada no semblante de Fouché.

Esse pequeno conselho foi levantado sem que aquele assunto parecesse terminado; mas teve como resultado gravar, na memória de Napoleão, uma nota duvidosa a respeito dos quatro gentis-homens. O sr. d'Hauteserre, que acreditava no êxito, havia escrito uma carta em que anunciava a boa-nova. Os habitantes de Cinq-Cygne não se admiraram, pois, de ver, alguns dias depois, Goulard ir dizer à sra. d'Hauteserre e a Lourença que deviam mandar os quatro gentis-homens a Troyes, onde o prefeito lhes entregaria a decisão que os reintegrava em todos os seus direitos, depois que prestassem o juramento e sua adesão às leis do Império. Lourença respondeu ao *maire* que mandaria prevenir os primos e os srs. d'Hauteserre.

— Mas então eles não estão aqui? — disse Goulard.

A sra. d'Hauteserre olhava com ansiedade para a moça, que saiu deixando o *maire* para ir consultar Michu. Este não viu nenhum inconveniente em libertar imediatamente os emigrados. Lourença, Michu, o filho deste e Gotardo partiram, pois, a cavalo para a floresta, levando mais um cavalo, pois a condessa devia acompanhar os quatro gentis-homens a Troyes e voltar com eles. Todas as pessoas que souberam dessa boa notícia agruparam-se no relvado para ver partir a alegre cavalgada.

Os quatro rapazes saíram de seu esconderijo, montaram a cavalo sem serem vistos e enveredaram pela estrada de Troyes, acompanhados pela srta. de Cinq-Cygne. Michu, auxiliado pelo filho e Gotardo, tornou a fechar a entrada da cova e os três voltaram a pé. No caminho, Michu lembrou-se de ter deixado os talheres e o copo de prata de que seus senhores se serviam e voltou sozinho. Ao chegar à beira do charco, ouviu vozes na cova e foi diretamente para a entrada através das moitas.

— Com certeza vem buscar sua prataria? — disse-lhe Peyrade sorrindo e mostrando-lhe seu narigão vermelho através da folhagem.

Sem saber por quê, pois, afinal, os rapazes estavam salvos, Michu sentiu uma dor em todas as suas articulações, de tão viva que foi nele aquela espécie de apreensão vaga, indefinível, que uma desgraça por chegar nos causa; não obstante, adiantou-se e encontrou Corentin na escada, com uma vela de cera na mão.

— Nós não somos maus — disse ele a Michu —, teríamos podido segurar seus *ci-devant* faz uma semana, mas sabíamos que eles estavam excluídos... Você é um tipo às direitas! e nos deu demasiado trabalho

para não satisfazermos ao menos a nossa curiosidade.

— Eu daria de bom gosto alguma coisa — exclamou Michu — para saber como e por quem fomos vendidos.

— Se isso o intriga muito, meu velho — disse Peyrade sorrindo —, olhe para as ferraduras dos seus cavalos e verá que vocês mesmos se traíram.

— Façamos as pazes — disse Corentin, fazendo sinal ao capitão de gendarmaria, para que chegasse com os cavalos.

— Aquele miserável operário parisiense que tão bem ferrava os cavalos à inglesa e que se foi de Cinq-Cygne era um dos de vocês! — exclamou Michu —; bastou-lhes fazer explorar e seguir no terreno, quando está úmido, por um dos seus, disfarçado em lenhador, em caçador furtivo, o passo dos nossos cavalos ferrados com alguns grampos. Estamos quites.

Michu consolou-se em breve, pensando que a descoberta daquele esconderijo não oferecia agora nenhum perigo, pois que os gentis-homens voltavam a ser franceses e tinham recuperado a liberdade. Entretanto, ele tinha razão em todos os seus pressentimentos. A polícia e os jesuítas têm a virtude de nunca abandonar os seus amigos nem os seus inimigos.

XII — UM DUPLO E MESMO AMOR

O velho D’Hauteserre voltou de Paris e ficou muito admirado por não ter sido o primeiro em dar a boa notícia. Durieu estava preparando o mais suculento dos jantares. A criadagem vestia-se, e estavam esperando com impaciência os proscritos, que, cerca das quatro horas, chegaram alegres e humilhados ao mesmo tempo, pois iam ficar dois anos sob a vigilância da alta Polícia, obrigados a se apresentarem todos os meses à Prefeitura e com a prescrição de permanecer durante esses dois anos na comuna de Cinq-Cygne.

— Mandar-lhes-ei o registro para assinarem — dissera-lhes o prefeito. — Depois, dentro de alguns meses, os senhores pedirão a supressão dessas condições, impostas, aliás, a todos os cúmplices de Pichegru. Eu apoiarei o pedido.

Essas restrições, bastante merecidas, entristeceram um pouco os rapazes. Lourença pôs-se a rir.

— O imperador dos franceses — disse ela — é um homem bastante mal-educado, que ainda não tem o hábito de agraciar.

Os gentis-homens encontraram no portão de entrada todos os habitantes do castelo, e no caminho boa parte da população da aldeia, que tinha vindo para ver aqueles rapazes, cujas aventuras os tinham tornado famosos no departamento. A sra. d’Hauteserre manteve os filhos abraçados por muito tempo e mostrou um rosto coberto de

lágrimas; não pôde falar e ficou impressionada, mas feliz, durante parte da noite. Assim que os dois Simeuse apareceram e desceram do cavalo, houve um grito geral de surpresa, causado pela sua espantosa aparência: o mesmo olhar, a mesma voz, os mesmos modos. Um e outro fizeram exatamente o mesmo gesto ao se erguerem da sela, passando a perna por sobre a garupa do cavalo a fim de desmontar e atirando as rédeas com movimento idêntico. O traje, absolutamente igual, contribuía ainda mais para que os tomassem por verdadeiros menecmas. Calçavam botas à Suvarof adamascadas no peito do pé, calças justas de pele branca, casacos de caça verdes com botões de metal, pingalins pretos e luvas de pele de gamo.

Esses dois rapazes, então com trinta e um anos de idade, eram, segundo uma expressão da época, dois encantadores cavalheiros. De estatura mediana, mas bem-feitos de corpo, tinham os olhos vivos, sombreados por longos cílios e nadando num fluido, como os das crianças, cabelos negros, belas frentes e a tez de um branco azeitonado. Seu modo de falar, meigo como o das mulheres, fluía graciosamente de seus belos lábios vermelhos. Suas maneiras, mais elegantes e mais polidas do que as dos gentis-homens de província, indicavam que o conhecimento dos homens e das coisas lhes havia dado aquela segunda educação, mais preciosa ainda do que a primeira, e que torna os homens completos. Graças a Michu, nunca lhes tendo faltado dinheiro durante a emigração, tinham podido viajar e foram bem acolhidos nas Cortes estrangeiras. O velho gentil-homem e o padre acharam-lhes um pouco de soberba, mas na situação em que se achavam seria isso talvez o resultado de um belo caráter. Possuíam as eminentes pequenas coisas de uma educação cuidada e mostravam uma destreza superior em todos os exercícios do corpo. A única dessemelhança que permitia distingui-los estava nas suas ideias. O mais moço seduzia tanto por seu temperamento alegre quanto o primogênito por sua melancolia; esse contraste, porém, puramente moral, não se podia perceber senão depois de longa intimidade.

— Ah! minha filha — disse Michu ao ouvido de Marta —, como não se devotar a gente a esses dois rapazes?

Marta, que admirava os gêmeos quer como mulher, quer como mãe, fez com a cabeça um bonito gesto para o marido, apertando-lhe a mão. Os criados tiveram permissão para abraçar os seus novos senhores.

Durante os sete meses de reclusão a que os rapazes se haviam condenado, cometeram, várias vezes, a imprudência bastante necessária de alguns passeios, sob a vigilância, aliás, de Michu, do filho deste e de Gotardo. Durante esses passeios, iluminados por belas noites, Lourença, ligando ao presente o passado da vida em comum, sentira a impossibilidade de uma escolha entre os dois irmãos. Dividia-lhe o coração um amor igual e puro pelos dois gêmeos. Parecia-lhe ter

dois corações. Por seu lado, os dois Paulos não se tinham animado a falar um ao outro de sua iminente rivalidade. Possivelmente os três já se haviam confiado ao acaso. A situação de espírito em que se achava agiu, sem dúvida, sobre ela, porque, após um momento de hesitação visível, deu o braço aos dois irmãos para entrar no salão, sendo seguida pelo sr. e pela sra. d'Hauteserre, que seguravam e interrogavam os filhos. Nesse momento toda a criadagem bradou:

— Vivam os Cinq-Cygne e os Simeuse!

Lourença voltou-se, sempre entre os dois irmãos, e fez um gesto encantador, para agradecer.

Quando aquelas nove pessoas começaram a se observar, porque, em toda reunião, mesmo no seio da família, chega sempre um momento em que, após longas ausências, todos se observam, ao primeiro olhar que Adriano d'Hauteserre dirigiu a Lourença, e que foi surpreendido por sua mãe e pelo padre Goujet, pareceu-lhes, a ambos, que o rapaz amava a condessa. Adriano, o mais moço dos D'Hauteserre, tinha uma alma terna e meiga. Nele o coração permanecera adolescente, apesar das catástrofes que acabavam de pôr à prova o homem. Semelhante nisso a muitos militares, nos quais a continuidade dos perigos conserva a alma virgem, ele se sentia oprimido pela bela timidez da juventude. Por esse motivo diferia completamente do irmão, homem de aspecto brutal, grande caçador, militar intrépido, resoluto, porém material e sem agilidade intelectual, como também sem delicadeza nas coisas do coração.

Um era todo alma, o outro todo ação; entretanto, um e outro possuíam no mesmo grau a honra, o que basta para a vida de um gentil-homem. Moreno, baixo, magro e seco, Adriano d'Hauteserre tinha, não obstante, uma grande aparência de força, ao passo que o irmão, de elevada estatura, pálido e louro, parecia fraco. Adriano, de temperamento nervoso, era forte pela alma; Roberto, embora linfático, comprazia-se em provar a sua força puramente corporal.

Oferecem as famílias singularidades dessas, cujas causas poderiam interessar; a elas, porém, não devemos aludir aqui, senão para explicar como Adriano não devia encontrar um rival em seu irmão. Roberto sentiu por Lourença a afeição de um parente e o respeito de um nobre por qualquer moça de sua própria casta. Sob o ponto de vista sentimental, o primogênito dos D'Hauteserre pertencia àquela categoria de homens que consideram a mulher como dependente do homem, restringindo ao físico o seu direito de maternidade, exigindo-lhe muitas perfeições, sem por isso as levar em consideração. Segundo eles, admitir a mulher na sociedade, na política, na família é um transtorno social.

Tão longe estamos hoje dessa velha opinião dos povos primitivos que quase todas as mulheres, mesmo as que não querem a funesta

liberdade oferecida pelas novas seitas, poderão ofender-se com tal modo de ver; Roberto d'Hauterierre, porém, tinha a desgraça de pensar assim. Roberto era o homem da Idade Média, o mais moço era um homem de hoje. Essas diferenças, ao invés de impedir a afeição, tinham-na, ao contrário, estreitado entre os dois irmãos. Desde o primeiro serão, essas nuances foram percebidas e apreciadas pelo padre, pela srta. Goujet e pela sra. d'Hauterierre, que, embora jogando seu bóston, anteviram desde então dificuldades futuras.

Com vinte e três anos, após as reflexões da solidão e as angústias de uma vasta empresa fracassada, Lourença, que voltara às suas condições de mulher, sentia uma grande necessidade de afeição; ela desdobrou todas as graças de seu espírito e foi encantadora. Revelou as seduçções de sua ternura com a ingenuidade de uma menina de quinze anos. Fora mulher, durante os últimos treze anos, só pelo sofrimento e queria desforrar-se; mostrou-se pois tão afetiva e *coquette* quanto, até então, fora forte e grande. Por isso os quatro velhos, que ficaram por último no salão, sentiram-se bastante inquietos com a nova atitude da encantadora moça.

Que força deveria ter a paixão numa jovem daquele caráter e daquela nobreza! Os dois irmãos amavam igualmente a mesma mulher e com cega ternura; a qual dos dois Lourença escolheria? Preferir um não era matar o outro? Condessa por direito pessoal, ela levava para o marido um título e belos privilégios, uma longa ilustração; ao pensar nessas vantagens, talvez se sacrificasse o marquês de Simeuse para fazer seu irmão desposar Lourença, pois este último, por força das velhas leis, era pobre e sem título. Mas consentiria o caçula em privar o irmão de tão grande felicidade como essa de ter Lourença como esposa?

De longe, esse combate de amor tivera poucos inconvenientes; e, de resto, enquanto os dois irmãos correram perigos, o acaso dos combates podia resolver essa dificuldade; mas que iria resultar da reunião dos três? Quando Maria Paulo e Paulo Maria, chegados ambos à idade em que atormentam as paixões com toda a sua força, partilhassem os olhares, as expressões, os cuidados, as palavras da prima, não surgiria entre eles um ciúme, cujas consequências podiam ser horríveis? Que seria feito da bela existência uniforme e simultânea dos gêmeos?

A essas suposições, expressas uma a uma pelos parceiros na última partida de bóston, a sra. d'Hauterierre respondeu que não acreditava desposasse Lourença um dos seus primos. A velha senhora experimentara durante o serão um desses pressentimentos inexplicáveis que são segredo entre as mães e Deus. Lourença, no seu foro íntimo, não estava menos amedrontada de ver-se em presença de seus primos. Ao drama animado da conspiração, aos perigos que correram os dois irmãos, às desventuras da sua emigração sucedia um

drama em que ela jamais pensara. Aquela nobre moça não podia recorrer ao meio violento de não desposar nem um nem outro dos gêmeos, pois era demasiado honesta para casar-se, guardando uma paixão irresistível no íntimo do seu coração. Permanecer solteira, cansar os dois primos pela sua indecisão e aceitar por marido aquele que lhe fosse fiel apesar dos seus caprichos foi uma decisão menos buscada do que entrevista. Ao adormecer pensou consigo mesma que o mais acertado era confiar-se ao acaso. O acaso é, no amor, a providência das mulheres.

No dia seguinte pela manhã, Michu partiu para Paris, de onde voltou alguns dias depois com quatro belos cavalos para seus novos senhores. Dentro de seis semanas devia iniciar-se a caça, e a jovem condessa atiladamente pensara que as violentas distrações desse exercício seriam um derivativo para as dificuldades dos tercetos no castelo. Sobreveio, inicialmente, um efeito imprevisto que surpreendeu as testemunhas desses estranhos amores, excitando-lhes a admiração.

Sem nenhuma convenção meditada, os dois irmãos rivalizaram, junto à prima, em atenções e ternura, encontrando nisso um prazer espiritual que pareceu bastar-lhes. Entre eles e Lourença a vida foi tão fraternal como entre ambos. Nada mais natural. Após uma tão longa ausência, sentiam a necessidade de estudar a prima, de conhecê-la bem e de se darem, ambos, a conhecer por ela, deixando-lhe o direito de escolher, amparados, um e outro, nessa provação pela mútua afeição que fazia da sua dupla vida uma única vida.

O amor, da mesma forma que a maternidade, não sabia distinguir entre os dois irmãos. Lourença foi obrigada, para reconhecê-los e não se enganar, a dar-lhes gravatas diferentes, uma branca ao mais velho, uma negra para o mais moço. Sem aquela perfeita semelhança, sem aquela identidade de vida que a todos enganava, semelhante situação pareceria justamente impossível. Não é mesmo explicável senão pelo fato em si, que é um desses em que não se acredita, a não ser depois de vê-los; e, quando vistos, fica o espírito mais embaraçado para explicá-los, do que, antes, para crer neles.

Se Lourença falava, sua voz repercutia do mesmo modo em dois corações igualmente amantes e fiéis. Se ela exprimia uma engenhosa ideia, cheia de graça ou de beleza, o seu olhar encontrava o prazer expresso por dois olhares que a seguiam em todos os movimentos, interpretavam seus menores desejos e lhe sorriam sempre com novas expressões, alegres num, ternamente melancólicas no outro. Quando se tratava de sua adorada, os dois irmãos tinham desses impulsos juvenis da alma em harmonia com a ação que, segundo o padre Goujet, alcançavam o sublime.

Assim, muitas vezes, se era preciso ir buscar alguma coisa, se se tratava de uma dessas pequenas atenções que os homens tanto gostam

de dispensar à mulher amada, o mais velho deixava ao caçula o gozo da realização, pousando na prima um olhar ao mesmo tempo comovedor e altivo. O mais moço empenhava seu orgulho em pagar essa espécie de dívida. Essa luta de nobreza, num sentimento em que o homem chega até a ciumenta ferocidade do animal, provocava confusão nas ideias das pessoas velhas que a contemplavam.

Esses pequenos detalhes atraíam muitas vezes lágrimas aos olhos da condessa. Uma única sensação, mas que é talvez imensa em certas organizações privilegiadas, pode dar uma ideia das emoções de Lourença; poder-se-á compreendê-la pela lembrança do acordo perfeito de duas belas vozes, como a da Sontag⁵⁷ e da Malibran,⁵⁸ em qualquer dueto harmonioso; pela unissonância completa de dois instrumentos nas mãos de executantes de gênio, e cujos sons melodiosos entram na alma como os suspiros de um único ser apaixonado.

Algumas vezes, ao ver o marquês de Simeuse, mergulhado numa poltrona, dirigir um olhar profundo e melancólico para o irmão, que conversava e ria com Lourença, o cura o julgava capaz de um imenso sacrifício; mas em seguida surpreendia-lhe nos olhos o fulgor da paixão invencível. Todas as vezes que um dos gêmeos se encontrava sozinho com Lourença, podia crer-se exclusivamente amado.

— Parece-me, nesses momentos, que eles não são mais do que um — dizia a condessa ao padre Goujet, que a interrogava sobre o estado de seu coração.

O padre verificou então, nela, uma ausência completa de coquetismo. Lourença, realmente, não se julgava amada por dois homens.

— Mas, querida filhinha — disse-lhe uma tarde a sra. d'Hauteserre, cujo filho morria silenciosamente de amor por Lourença —, será preciso, entretanto, escolher!

— Deixe-nos ser felizes — respondeu. — Deus nos salvará de nós mesmos!

Adriano d'Hauteserre ocultava no fundo do coração um ciúme que o devorava, e guardava o segredo de suas torturas, compreendendo quão poucas esperanças podia ter. Contentava-se com a felicidade de ver aquela sedutora criatura que, durante os poucos meses que durou aquela luta, fulgiu em todo o seu esplendor.

Efetivamente, Lourença, que se tornara faceira, teve então todos os cuidados que as mulheres amadas tomam consigo mesmas. Acompanhava as modas, e foi mais de uma vez a Paris a fim de parecer mais bela com os seus enfeites ou alguma novidade. Enfim, para dar aos primos todos os gozos da vida caseira, dos quais por tão longo tempo haviam sido privados, fez do seu castelo, não obstante os protestos do tutor, a mais confortável habitação de toda a Champanha.

Roberto d'Hauteserre nada entendia daquele drama surdo. Não

percebia o amor do irmão por Lourença. Quanto à moça, ele gostava de zombar do seu coquetismo, porquanto confundia esse detestável defeito com o desejo de agradar, enganando-se assim em todas as coisas do sentimento, do gosto ou da elevada instrução. De modo que, quando o homem da Idade Média aparecia em cena, Lourença, mesmo inconscientemente, fazia dele o *bobo* do drama; divertia os primos discutindo com Roberto e levando-o, insensivelmente, bem para o centro dos pantanaís onde se afundam a burrice e a ignorância. Era habilíssima nessas mistificações espirituosas, que para serem perfeitas devem deixar a vítima feliz.

Entretanto, por mais grosseira que fosse a sua natureza, Roberto, durante aquele belo tempo, o único feliz que deviam conhecer aquelas três criaturas encantadoras, jamais interveio entre os Simeuse e Lourença por uma palavra viril que teria talvez resolvido a questão. Impressionou-o a sinceridade dos dois irmãos. Roberto com certeza adivinhou quanto uma mulher podia reear conceder a um deles provas de ternura que o outro não recebesse, ou que o entristecessem; quanto um dos irmãos era feliz com o que de bom acontecia ao outro, e quanto por esse motivo poderia sofrer no íntimo. Esse respeito de Roberto explica admiravelmente a situação, que teria certamente obtido privilégios nos tempos de fé, em que o soberano pontífice tinha o poder de intervir para cortar o nó górdio desses raros fenômenos, vizinhos dos mais impenetráveis mistérios.

A Revolução retemperara aqueles corações na fé católica; a religião tornava assim aquela crise mais terrível ainda porque a grandeza dos caracteres aumenta a grandeza das situações. Por isso nem o sr. nem a sra. d'Hauteserre nem o cura nem a irmã esperavam coisa alguma de vulgar dos dois irmãos ou de Lourença.

Esse drama, que se manteve misteriosamente encerrado nos limites da família, onde cada um o observava em silêncio, teve ao mesmo tempo um curso tão rápido e tão lento, encerrava tantos gozos inesperados, tantos pequenos combates, preferências decepcionadas, esperanças desfeitas, tantas esperas cruéis, transferências de explicações para o dia seguinte, tantas declarações mudas que aos habitantes de Cinq-Cygne passou despercebida a coroação do imperador Napoleão. De resto, essas paixões estabeleciam uma trégua, buscando uma distração violenta nos prazeres da caça, que, cansando excessivamente o corpo, tiram à alma as oportunidades de viajar nas tão perigosas estepes do devaneio. Nem Lourença nem seus primos pensavam nos negócios públicos, porque cada dia apresentava um interesse palpitante.

— Realmente — disse uma noite a srta. Goujet —, não sei, de todos esses amantes, qual o que mais ama.

Adriano, que estava sozinho no salão com os quatro jogadores de

bóston, ergueu os olhos para eles e empalideceu. Fazia alguns dias que nada mais o prendia à vida senão o prazer de ver Lourença e de ouvi-la falar.

— Creio — disse o cura — que a condessa, na sua qualidade de mulher, ama com muito mais dedicação.

Lourença, os dois irmãos e Roberto voltaram poucos instantes depois. Tinham chegado, naquele momento, os jornais. Vendo a ineficácia das conspirações tentadas no interior, a Inglaterra estava armando a Europa contra a França. O desastre de Trafalgar⁵⁹ fizera ruir um dos mais extraordinários planos concebidos pelo gênio humano, e pelo qual o imperador teria pago a sua eleição à França com as ruínas do poder inglês. Naquele momento, haviam levantado o campo de Bolonha. Napoleão, cujos soldados eram inferiores em número como sempre, ia oferecer combate à Europa, em campos onde ainda não se havia apresentado. O mundo inteiro se preocupava com o desenlace daquela campanha.

— Oh! desta vez ele sucumbirá — disse Roberto ao terminar a leitura do jornal.

— Vai se ver a braços com todas as forças da Áustria e da Rússia — disse Maria Paulo.

— Ele nunca manobrou na Alemanha — acrescentou Paulo Maria.

— De quem estão falando? — perguntou Lourença.

— Do imperador — responderam os três gentis-homens.

Lourença dirigiu aos seus dois apaixonados um olhar desdenhoso que os humilhou, mas que encantou Adriano. O desdenhado fez um gesto de admiração e teve um olhar de orgulho no qual dizia bem que não pensava, ele!, senão em Lourença.

— Estão vendo? o amor fez-lhe esquecer o ódio — disse o padre Goujet em voz baixa.

Foi a primeira, a última, a única censura em que incorreram os dois irmãos; mas naquele momento acharam-se inferiores em amor à sua prima, a qual, daí a dois meses, só veio a saber da admirável vitória de Austerlitz⁶⁰ pela discussão havida entre o velho D'Hauterres e seus dois filhos. Fiel a seu plano, o ancião queria que seus filhos pedissem para ser incorporados ao Exército; seriam sem dúvida aproveitados nos seus postos e poderiam fazer ainda uma bela carreira militar. O partido realista puro tornara-se o mais forte em Cinq-Cygne. Os quatro gentis-homens e Lourença zombaram do prudente ancião, que parecia farejar as desgraças no futuro.

A prudência é talvez menos uma virtude do que o exercício de um *sentido* do espírito, se é possível juntar esses dois termos; mas chegará com certeza o dia em que os fisiologistas e os filósofos admitirão que os sentidos são, de algum modo, a bainha de uma ação viva e penetrante que procede do espírito.

Depois da conclusão da paz entre a França e a Áustria, em fins de fevereiro de 1806, um parente, que por ocasião do pedido de exclusão se empenhara pelos srs. de Simeuse e devia mais tarde dar-lhes grandes provas de dedicação, o *ci-devant* marquês de Chargebœuf, cujas propriedades vão do Seine-et-Marne ao Aube, chegou de sua fazenda a Cinq-Cygne numa espécie de caleça que naquele tempo chamavam por troça de traquitana. Quando aquele carro esquisito enveredou pela estreita calçada, os habitantes do castelo, que estavam almoçando, sofreram um ataque de riso; ao reconhecerem, porém, a cabeça calva do ancião, que saiu de entre as cortinas de couro da berlinda, o sr. d’Hauteserre disse-lhe o nome, e todos se ergueram da cadeira para ir ao encontro do chefe da casa de Chargebœuf.

— Fizemos mal em nos termos deixado antecipar — disse o marquês de Simeuse ao irmão e aos dois D’Hauteserre —, devíamos ter ido agradecer-lhe.

Um criado, trajado de camponês, que vinha como cocheiro em cima de um assento pegado à caixa do carro, fincou num canudo de couro grosseiro um látigo de carreteiro e veio ajudar o marquês a descer; mas Adriano e o mais moço dos Simeuse se lhe adiantaram, abriram a portinhola presa em botões de cobre e fizeram o velho sair apesar das suas reclamações. O marquês tinha o desplante de afirmar que sua traquitana amarela, de portinhola de couro, era um carro excelente e cômodo. O criado, com o auxílio de Gotardo, já estava desatrelando os dois bons cavalos gordos de garupa lustrosa, e que sem dúvida serviam tanto para o carro como para trabalhos agrícolas.

— Apesar do frio? mas o senhor é um dos valentes dos antigos tempos! — disse Lourença ao velho parente, tomando-lhe o braço e levando-o para o salão.

— Não é a você que compete vir ver um velhote como eu — disse ele com finura dirigindo assim uma censura aos seus jovens parentes.

“Por que virá ele?”, a si mesmo perguntava o sr. d’Hauteserre.

O sr. de Chargebœuf, bonito velho de sessenta e sete anos, vestindo calções claros, com pernas finas calçadas de meias multicores, trazia na cabeça um solidéu, usava pó de arroz e “asas de pombo”. Sua roupa de caça, de pano verde, com botões de ouro, era enfeitada com alamares de ouro. O colete branco deslumbrava pelos enormes bordados a ouro. Esse aparato ainda na moda entre os velhos assentava com o seu rosto muito parecido com o de Frederico, o Grande. Nunca punha seu tricórnio a fim de não destruir o efeito da meia-lua desenhada em seu crânio por uma camada de pó. Apoiava a mão direita numa bengala de bico de corvo, segurando ao mesmo tempo a bengala e o chapéu, com um gesto digno de Luís XIV. Esse respeitável ancião desembaraçou-se

de uma capa de seda e mergulhou numa poltrona, conservando a bengala e o tricórnio entre as pernas, numa pose cujo segredo jamais pertenceu a outros que não os libertinos da Corte de Luís xv e que permitia conservar as mãos livres para brincar com a caixa do rapé, preciosa joia sempre. Por isso o marquês tirou do bolso do colete, que se cerrava por uma orla bordada com arabescos de ouro, uma fina caixa de rapé. Enquanto preparava sua pitada e oferecia rapé aos presentes com outro gesto sedutor, acompanhado de olhares afetuosos, notou o prazer que sua visita causava. Pareceu então compreender o motivo por que os jovens emigrados haviam faltado a seu dever para com ele. Ficou com ar de quem dissesse a si mesmo: “Quando se ama, não se fazem visitas”.

— Nós o teremos aqui durante alguns dias, não? — disse Lourença.

— É impossível — respondeu ele. — Se não estivéssemos separados pelos acontecimentos, pois vocês já transpuseram maiores distâncias do que as que nos afastam uns dos outros, saberia você, querida amiguinha, que eu tenho filhas, noras, netas, netinhos. Toda essa gente ficaria inquieta se não me visse logo à noite, e tenho dezoito léguas a fazer!

— O senhor tem cavalos magníficos — disse o marquês de Simeuse.

— Oh! venho de Troyes, aonde fui ontem a negócios.

Depois das perguntas de praxe a respeito da família, da marquesa de Chargebœuf e sobre essas coisas realmente indiferentes em que a polidez quer que todos se interessem vivamente, pareceu ao sr. d’Hauteserre que o sr. de Chargebœuf vinha aconselhar seus jovens parentes a que não cometessem nenhuma imprudência. Segundo o velho marquês, os tempos estavam muito mudados e ninguém podia mais saber o que viria a ser o imperador.

— Oh! — disse Lourença — ele virá a ser deus.

O bom velho falou de concessões a fazer. Ao ouvir expressar a necessidade de submeter-se, com muito mais autoridade e segurança do que ele em todas as suas doutrinas, o sr. d’Hauteserre olhou para os filhos com expressão quase suplicante.

— O senhor serviria a esse homem? — perguntou o marquês de Simeuse.

— Sim, se fosse necessário no interesse de minha família.

Enfim o ancião fez entrever, mas vagamente, perigos longínquos; quando Lourença exigiu que se explicasse, ele aconselhou aos quatro rapazes que não caçassem mais e ficassem quietos em casa.

— Vocês olham sempre os domínios de Gondreville como seus — disse ele aos srs. de Simeuse —; desse modo vocês reavivam um ódio terrível. Vejo, pelo seu espanto, que ignoram existir má vontade contra vocês, em Troyes, onde há quem se lembre da coragem de ambos. Ninguém faz cerimônias para contar como escaparam vocês às

pesquisas da Polícia Geral do Império, alguns louvando-os, outros considerando-os como inimigos do imperador. Alguns sectários admiram-se da clemência de Napoleão para com vocês. Isso não é nada. Vocês ludibriaram gente que se julgava mais esperta do que vocês, e a gente de baixa esfera não perdoa nunca. Cedo ou tarde, a Justiça, que no seu departamento está às ordens do seu inimigo senador Malin, porque ele pôs por toda parte criaturas suas, até mesmo os oficiais ministeriais, a Justiça dele, pois, ficará muito contente se os encontrar metidos num mau negócio. Um camponês armará luta com vocês, quando estiverem no campo dele: estarão vocês de armas carregadas, são vivos, em tais situações acontece rapidamente uma desgraça. Na posição em que se acham é preciso ter cem vezes razão para não ter culpa. Não lhes falo deste modo sem motivos; a polícia continua vigiando a circunscrição em que vocês residem e mantém um comissário neste buraco que é Arcis, expressamente para proteger o senador do Império contra as violências que vocês poderiam tentar. Ele tem medo de vocês e o confessa.

— Mas ele nos calunia! — exclamou o mais moço dos Simeuse.

— Ele os calunia! eu o creio, eu! Mas e o público nisso crê também? Eis o que importa. Michu teve o senador na mira de sua espingarda, e este não esqueceu o fato. Desde que vocês voltaram, a condessa trouxe Michu para a sua casa. Para muita gente, e para a maior parte do público, Malin tem, pois, razão. Vocês ignoram o quanto é delicada a posição dos emigrados frente aos que estão de posse dos seus bens. O prefeito, homem de espírito, disse-me duas palavras, ontem, a respeito de vocês, que me deixaram inquieto. Enfim, eu não quisera vê-los aqui...

Essa resposta foi acolhida com profunda estupefação. Maria Paulo tocou vivamente a sineta.

— Gotardo — disse ele ao garoto, que correu —, vá buscar Michu.

O antigo administrador de Gondreville não se fez esperar.

— Michu, meu amigo — disse o marquês de Simeuse —, é verdade que quiseste matar Malin?

— Sim, senhor marquês; e, quando ele voltar, eu estarei alerta...

— Não sabes que suspeitam termos nós te encarregado disso, que nossa prima, por trazer-te como granjeiro, está sendo acusada de participação em teu intento?

— Deus do céu! — exclamou Michu —, estarei amaldiçoado? Então nunca os poderei livrar, tranquilamente, de Malin?

— Não, meu rapaz, não — replicou Paulo Maria. — Mas vai ser preciso que abandones a região e deixes o nosso serviço; cuidaremos de ti e te poremos em situação de aumentar a tua fortuna. Vende tudo que possuis aqui, realiza teus haveres, nós te mandaremos a Trieste, à casa de um amigo nosso que tem vastas relações e que te empregará utilmente até que esteja tudo aqui melhor para nós todos.

Os olhos de Michu encheram-se de lágrimas, e ficou pregado na tábua do parquete em que estava.

— Havia testemunhas, quando te emboscaste para atirar em Malin? — perguntou o marquês de Chargebœuf.

— O tabelião Grévin estava conversando com ele, e foi o que me impediu de matá-lo, e por felicidade! A senhora condessa sabe por quê — disse Michu olhando para sua patroa.

— Esse Grévin não é o único a saber disso, não? — disse o marquês de Chargebœuf, que parecia contrariado com aquele interrogatório, embora feito em família.

— O espião que, naquele tempo, veio para enredar meus senhores também sabia — respondeu Michu.

O sr. de Chargebœuf ergueu-se como para olhar os jardins e disse:

— Mas vocês souberam tirar partido de Cinq-Cygne, não?...

Depois saiu, acompanhado pelos dois irmãos e por Lourença, que adivinharam o sentido daquela interrogação.

— Vocês são francos e generosos, mas sempre imprudentes — disse-lhes o ancião. — Que eu os previna de um murmúrio público *que deve ser uma calúnia* é coisa natural; mas eis que disso fazem vocês uma verdade para pessoas fracas, como o sr. e a sra d’Hauteserre, e para seus filhos... Oh! rapazes! rapazes!... Vocês deviam deixar Michu aqui e se irem, vocês! Mas em todo caso, se ficam por aqui, escrevam algumas palavras ao senador, a respeito de Michu, e digam-lhe que acabam de saber por mim dos murmúrios que correm a respeito do granjeiro, e que o despediram.

— Nós! — exclamaram os dois irmãos — escrevermos a Malin, ao assassino de nosso pai e de nossa mãe, ao espoliador descarado de nossa fortuna!

— Tudo isso é verdade; ele, porém, é uma das maiores personagens da Corte imperial e rei do Aube.

— Ele que votou a morte de Luís XVI no caso de o exército de Condé entrar na França, ou senão a reclusão perpétua! — disse a condessa de Cinq-Cygne.

— Ele que talvez tenha aconselhado a morte do duque d’Enghien — exclamou Paulo Maria.

— Ora! se vocês querem recapitular os títulos de nobreza desse homem — exclamou o marquês —, ele que puxou Robespierre pela aba do casaco para fazê-lo cair, quando viu erguer-se a maioria para derrubá-lo; ele que teria feito fuzilar Bonaparte se o 18 de brumário tivesse falhado, ele que traria os Bourbon se Napoleão cambaleasse, ele a quem o mais forte achará a seu lado para lhe dar a espada ou a pistola com que se ultime um adversário que inspire temor!... Mas isso são razões a mais!

— Caímos muito baixo! — disse Lourença.

— Crianças! — disse o marquês de Chargebœuf tomando-os aos três pela mão, e levando-os à parte, para um dos gramados então cobertos de uma leve camada de neve —, vocês vão exaltar-se ao ouvir os conselhos de um homem prudente, mas eu lhos devo; e eis pois o que eu faria: escolheria como mediador um bom homem, de idade, a mim por exemplo, e o encarregaria de pedir um milhão a Malin, em troca de uma ratificação da venda de Gondreville... Oh! ele consentiria, mantendo o negócio secreto. Aos juroz atuais, vocês teriam cem mil francos de renda, e iriam comprar alguma boa terra num outro canto da França; deixariam a gerência de Cinq-Cygne ao sr. d'Hauteserre e tirariam a sorte para saber qual dos dois seria o marido desta bela herdeira. Mas as palavras de um velho, no ouvido de gente moça, nada mais são do que as palavras dos moços no ouvido dos velhos, isto é, um sussurro cujo sentido escapa.

O velho marquês fez sinal aos seus três parentes de que não queria resposta e voltou para o salão, a que, durante aquela conversação, tinham chegado o padre Goujet e a irmã.

A proposta de tirarem à sorte a mão da prima revoltara os dois Simeuse, e Lourença estava como em náuseas pelo amargor do remédio indicado por seu parente. Por esse motivo, os três se mostraram menos amáveis para com o velho, sem, no entanto, deixarem de ser polidos. A afeição tinha sido amarrotada. O sr. de Chargebœuf, que percebeu aquela frieza, por várias vezes dirigiu às três encantadoras criaturas olhares cheios de compaixão. Embora a conversação se generalizasse, insistiu ele sobre a necessidade de se submeterem aos acontecimentos, louvando o sr. d'Hauteserre por sua persistência em querer que seus filhos servissem no Exército.

— Bonaparte — disse ele — faz duques. Criou feudos no Império, fará condes. Malin desejará ser conde de Gondreville. É uma ideia que pode — acrescentou ele, olhando para os srs. de Simeuse — ser-lhes proveitosa.

— Ou funesta — disse Lourença.

Assim que os cavalos estiveram postos, o marquês saiu, sendo acompanhado por todos. Depois que entrou no carro, fez um sinal a Lourença chamando-a, e ela pulou no estribo do carro com ligeireza de passarinho.

— Você não é uma mulher vulgar, e deveria compreender-me — disse-lhe ao ouvido. — Malin tem demasiados remorsos para deixá-los em paz, e lhes vai preparar alguma armadilha. Ao menos, tomem cuidado com todos os seus atos, mesmo os mais insignificantes! Enfim, transijam, eis minha última palavra.

Os dois irmãos ficaram de pé junto da prima, no meio do gramado, olhando em profunda imobilidade a traquitana que atravessava o portão e disparava pela estrada em direção a Troyes, pois que Lourença

lhes repetira as últimas palavras do velho. A experiência andará sempre errada em apresentar-se numa traquitana, de meias multicores e com um solidéu na nuca. Nenhum daqueles jovens corações podia conceber as transformações que se operavam na França; a indignação lhes sacudia os nervos e lhes fervia a honra em todas as veias, com seu nobre sangue.

— O chefe dos Chargebœuf! — disse o marquês de Simeuse — um homem que tem por divisa: *Que venha um mais forte! (Adsit fortior!)*, um dos mais belos gritos de guerra...

— Ele se tornou o Boi⁶¹ — disse Lourença, sorrindo com amargura.

— Não estamos mais no tempo de são Luís! — disse o mais moço dos Simeuse.

— *Morrer cantando* — exclamou a condessa. — O grito das cinco moças que criaram nossa casa será o meu.

— O nosso não é: *Aqui morre?* Assim, pois, nada de quartel! — disse o primogênito dos Simeuse —, porque, refletindo, acharíamos que nosso parente o Boi ruminou bem prudentemente o que nos veio dizer. Gondreville tornar-se o nome de um Malin!

— A residência! — exclamou o caçula.

— Mansart desenhou-a para a nobreza, e lá vai ter o povo as suas crias! — disse o primogênito.

— Se isso devesse acontecer, eu preferiria ver Gondreville incendiada! — disse a srta. de Cinq-Cygne.

Um homem da aldeia, que viera examinar um bezerro a lhe ser vendido pelo velho D’Hauteserre, ouviu essa frase ao sair do estábulo.

— Entremos — disse Lourença sorrindo —; quase cometemos uma imprudência, dando razão ao Boi, a propósito de um bezerro. Meu pobre Michu — disse ela ao entrar no salão —, eu me tinha esquecido da tua travessura, mas, como não estamos em cheiro de santidade aqui pela terra, trata de não comprometer-nos. Não tens nenhum outro pecadilho a te acusar?

— Lamento não ter matado o assassino de meus velhos senhores, antes de vir em socorro destes.

— Michu! — exclamou o cura.

— Mas não sairei aqui da terra — continuou ele sem dar atenção à exclamação do padre — enquanto não souber que estão em segurança. Vejo rondar por aqui gente que não me agrada. Da última vez que caçamos na floresta, veio ter comigo essa espécie de coureiro que me substituiu em Gondreville, e me perguntou se estávamos ali, na nossa casa. “Oh! meu rapaz”, disse-lhe eu, “é difícil desabituar-se em dois meses de coisas que se fazem há dois séculos!”

— Fizeste mal, Michu — disse o marquês de Simeuse, sorrindo de prazer.

— Que respondeu ele? — perguntou o sr. d’Hauteserre.

— Ele disse — respondeu Michu — que ia informar o senador das nossas pretensões.

— Conde de Gondreville! — exclamou o mais velho dos D’Hauteserre. — Ah! que linda mascarada! Aliás, dão *sua majestade* a Bonaparte...

— E sua alteza a monsenhor grão-duque de Berg — disse o padre.

— Quem é esse? — indagou o sr. de Simeuse.

— Murat, o cunhado de Napoleão — respondeu o velho D’Hauteserre.

— Bom! — interveio a srta. de Cinq-Cygne. — E dizem *sua majestade* para a viúva do marquês de Beauharnais?⁶²

— Sim, senhorita — disse o cura.

— Deveríamos ir a Paris, para ver tudo isso! — exclamou Lourença.

— Infelizmente, senhorita — disse Michu —, eu fui até lá para pôr Francisco no liceu, e posso jurar-lhe que não se deve brincar com o que chamam a Guarda imperial. Se todo o Exército é daquele padrão, a coisa pode durar mais do que nós.

— Citam-se famílias nobres que passaram a servir o regime — disse o sr. d’Hauteserre.

— E, segundo as leis atuais, seus filhos — disse o cura — serão obrigados a servir. A lei não conhece mais nem categorias nem nomes.

— Maior mal nos faz esse homem com a sua Corte do que a Revolução com o seu gládio! — exclamou Lourença.

— A Igreja reza por ele — disse o cura.

Essas palavras, marteladas uma após outra, eram outros tantos comentários aos avisados conselhos do velho marquês de Chargebœuf; mas aqueles moços tinham demasiada fé e demasiada honra para aceitarem uma transação. Diziam também uns aos outros o que em todos os tempos disseram partidos vencidos: que a prosperidade do partido vencedor terminaria, que o imperador era sustentado só pelo Exército, que as coisas cedo ou tarde se submeteriam ao direito etc. Apesar daqueles avisos, caíram eles na fossa cavada à sua frente, e que pessoas dóceis e prudentes como o velho D’Hauteserre teriam evitado.

Se os homens quisessem ser francos, confessariam, talvez, que nunca a desgraça caiu sobre eles sem que antes tivessem recebido algum aviso patente ou oculto. Muitos não perceberam o sentido profundo desse aviso misterioso ou visível, senão depois do desastre.

— De qualquer modo, sabe a senhora condessa que não posso deixar a terra sem ter prestado as minhas contas — disse Michu em voz baixa à srta. de Cinq-Cygne.

Como única resposta, fez-lhe ela um sinal de inteligência, e o granjeiro retirou-se.

Michu, que vendeu logo suas terras a Beauvisage, o granjeiro de Bellache, não pôde ser pago antes de uns vinte dias. Um mês portanto, depois da visita do marquês, Lourença, que informara os dois primos da existência da fortuna deles, propôs-lhes marcarem a *mi-carême*⁶³ para retirar o milhão enterrado na floresta. A grande quantidade de neve que havia caído até então impedira Michu de ir buscar aquele tesouro; ele preferia porém fazer aquela operação com seus senhores. Michu queria absolutamente abandonar aquela terra, pois tinha medo de si mesmo.

— Malin acaba de chegar bruscamente a Gondreville, sem que se saiba o motivo — disse ele à sua patroa —, e eu não resistirei a fazer com que Gondreville seja posta à venda por morte do proprietário. Julgo-me culpado de não obedecer às minhas inspirações.

— Por que motivo terá ele deixado Paris no meio do inverno?

— Todo Arcis fala nisso — respondeu Michu —, ele deixou a família em Paris e veio somente com o seu criado de quarto. O sr. Grévin, tabelião de Arcis, a srta. Marion, mulher do recebedor-geral do Aube e cunhada do Marion que emprestou o nome a Malin, fazem-lhe companhia.

Lourença considerou a *mi-carême* um dia excelente, porque permitia afastar a criadagem. As mascaradas atraíam os camponeses para a cidade, e não havia ninguém nos campos. Mas a escolha do dia serviu precisamente à fatalidade, que se encontra em muitos casos criminais. O acaso fez seus cálculos com tanta habilidade quanta a srta. de Cinq-Cygne pusera nos seus. A inquietação do sr. e da sra. d'Hauterierre devia ser tão grande ao saber que iam guardar um milhão e cem mil francos, em ouro, num castelo situado à beira da floresta que os jovens D'Hauterierre, consultados, foram de opinião que nada se lhes dissesse.

O segredo daquela expedição foi concentrado entre Gotardo, Michu, os quatro gentis-homens e Lourença. Depois de muitos cálculos, pareceu possível pôr quarenta e oito mil francos num saco comprido na garupa de cada cavalo.

Bastariam três viagens. Por prudência, combinaram, pois, mandar todos os criados, cuja curiosidade podia ser perigosa, a Troyes, para ver os folguedos do carnaval. Catarina, Marta e Durieu, com quem podiam contar, guardariam o castelo. A criadagem aceitou de bom grado a liberdade que lhes davam e partiu antes do amanhecer. Gotardo, auxiliado por Michu, racionou e selou os cavalos de madrugada. A caravana enveredou pelos jardins de Cinq-Cygne, e daí senhores e criados embrenharam-se na floresta. No momento em que montaram a cavalo, porque o portão do parque era tão baixo que todos o atravessaram a pé puxando o cavalo pela rédea, o velho Beauvisage, granjeiro de Bellache, passou por ali.

— Vejam! — exclamou Gotardo — vem vindo alguém...

— Oh! sou eu — disse o honrado granjeiro surgindo. — Saudações, meus senhores. Vão caçar, apesar das posturas municipais? Não farei queixa, mas tomem cuidado! Se os senhores têm amigos têm também muitos inimigos...

— Oh! — replicou sorrindo o volumoso D’Hauteserre — queira Deus que nossa caçada seja feliz, e tornarás a encontrar teus senhores.

Essas palavras, às quais os acontecimentos deram sentido bem diferente, valeram a Roberto um olhar severo de Lourença. O primogênito dos Simeuse acreditava que Malin restituiria as terras de Gondreville mediante uma indenização. Aquelas crianças queriam fazer o contrário do que lhes havia aconselhado o marquês de Chargebœuf. Roberto, que lhes partilhava as esperanças, pensava nisso ao dizer aquelas fatais palavras.

— Em todo o caso, silêncio, meu velho! — disse Michu a Beauvisage, e saiu por último, levando a chave do parque.

Era um desses belos dias do fim de março em que o ar é seco, a terra limpa, o tempo é puro, e cuja temperatura forma uma espécie de contrassenso com as árvores sem folhas. Estava tão suave o tempo que em certos lugares viam-se manchas de verdura no campo.

— Vamos buscar um tesouro, ao passo que você, minha prima, é o verdadeiro tesouro de nossa casa — disse rindo o marquês de Simeuse.

Lourença caminhava à frente, com um dos primos a cada lado de seu cavalo. Os dois D’Hauteserre seguiam-na, sendo estes seguidos por Michu. Gotardo ia na frente para explorar a estrada.

— Uma vez que, ao menos em parte, nos vai ser restituída a nossa fortuna, case com meu irmão — disse o caçula em voz baixa. — Ele adora-a, vocês serão tão ricos como devem ser os nobres de hoje.

— Não, deixe-lhe toda a sua fortuna, e eu casarei com você, pois minha fortuna é suficiente para dois — respondeu ela.

— Que assim seja! — exclamou o marquês de Simeuse. — Eu a deixarei para ir procurar uma mulher digna de ser sua irmã.

— Ama-me então menos do que eu julgava — replicou Lourença, olhando-o com expressão de ciúme.

— Não, amo-os mais a ambos do que me amam vocês a mim! — respondeu o marquês.

— Assim pois você se sacrificaria? — perguntou Lourença ao primogênito dos Simeuse, dirigindo-lhe um olhar carregado de momentânea preferência.

O marquês conservou-se calado.

— Pois bem, eu só pensaria então em você, e seria insuportável isso a meu marido — disse Lourença, a quem aquele silêncio arrancou um gesto de impaciência.

— Como viveria eu sem ti? — exclamou o caçula olhando para o irmão.

— Mas, afinal, a você não é possível desposar nós ambos — disse o marquês. — E — acrescentou com o tom brusco de um homem ferido no coração — é tempo de tomar uma decisão.

Fez avançar o cavalo para que os dois D’Hauteserre nada pudessem ouvir. O cavalo do irmão e o de Lourença imitaram esse movimento. Depois que puseram uma distância razoável entre eles e os outros três, Lourença quis falar, mas as lágrimas foram a princípio sua única linguagem.

— Irei para um convento — disse por fim.

— E deixaria os Cinq-Cygne extinguirem-se? — disse o mais moço dos Simeuse — e em vez de um único infeliz que consente em sê-lo, faria dois! Não, há de resignar-se aquele de nós dois que for somente seu irmão! Ao saber que não éramos tão pobres como pensávamos, nós nos explicamos — disse ele, olhando para o marquês. — Se eu sou o preferido, toda a nossa fortuna é de meu irmão. Se o infeliz sou eu, ele ma cede, bem como os títulos de Simeuse, pois se tornará Cinq-Cygne! De qualquer forma, aquele que não for feliz terá probabilidades para se arrumar na vida. Finalmente, se sentir que morre de pesar, irá fazer-se matar no Exército, para não afligir o casal.

— Somos corretos cavaleiros da Idade Média, somos dignos de nossos pais! — exclamou o primogênito. — Fale, Lourença.

— Não queremos ficar assim — disse o caçula.

— Não creia, Lourença, que o devotamento não tenha suas voluptuosidades — disse o mais velho.

— Meus queridos — disse ela —, sou incapaz de pronunciar-me. Amo-os, ambos, como se fossem um único ser, e como sua mãe os amava! Deus nos há de ajudar. Eu não escolherei. Entregar-nos-emos ao acaso, e imponho uma condição.

— Qual?

— Aquele de vocês que se tornar meu irmão ficará junto a mim até que eu permita que me deixe. Quero ser o único juiz da oportunidade da partida.

— Sim — disseram os dois irmãos, sem se explicarem o pensamento da prima.

— O primeiro de vocês dois a quem a sra. d’Hauteserre dirigir a palavra hoje à noite, à mesa, depois do *Benedicite*, será meu marido. Mas nenhum dos dois usará de manhas e não a colocará em situação de interrogar.

— Jogaremos jogo franco — disse o mais moço.

Cada um dos dois irmãos beijou a mão de Lourença. A certeza de um desenlace, que qualquer um deles podia crer lhe seria favorável, deixou os dois gêmeos extremamente alegres.

— De qualquer maneira, querida Lourença, tu farás um conde de Cinq-Cygne — disse o mais velho.

— E nós jogamos para ver quem não será Simeuse — disse o caçula.

— Creio desta vez que a senhorita não ficará muito tempo solteira — disse Michu por trás dos D’Hauteserre. — Meus patrões estão muito alegres. Se minha patroa fizer sua escolha, não partirei, pois quero ver essa boda.

Nenhum dos dois D’Hauteserre respondeu. Uma pega voou bruscamente entre os D’Hauteserre e Michu, e este, supersticioso como a gente primitiva, julgou que ouvia soarem sinos de um ofício mortuário. O dia começou, pois, alegremente para os amantes, que raramente veem pegas quando estão juntos no mato. Michu, armado com o seu plano, reconheceu os lugares; cada gentil-homem se munira de um alvião: encontraram as quantias. A parte da floresta em que tinham sido escondidas era deserta, longe de qualquer passagem ou habitação, assim a caravana carregada de ouro não encontrou ninguém. Foi uma infelicidade. Ao vir de Cinq-Cygne para buscar os últimos duzentos mil francos, a caravana, encorajada pelo êxito, tomou por um caminho mais direto do que o percorrido nas viagens precedentes. Esse caminho passava por um ponto culminante de onde se avistava o parque de Gondreville.

— O fogo! — disse Lourença ao ver uma coluna de luz azulada.

— É algum fogo de artifício — respondeu Michu.

Lourença, que conhecia os menores caminhos da floresta, deixou a caravana e esporeou o cavalo até o pavilhão de Cinq-Cygne, a antiga casa de Michu. Conquanto o pavilhão estivesse deserto e fechado, o porão estava aberto, e o vestígio da passagem de vários cavalos chamou a atenção de Lourença. A coluna de fumaça erguia-se de um relvado do parque inglês, onde ela presumiu que estivessem queimando feno.

— Ah! também faz parte, senhorita — exclamou Violette, que saiu do parque na sua pileca a todo o galope, e se deteve diante de Lourença. — Mas é uma pilhéria de carnaval, não é? Não vão matá-lo.

— A quem?

— Seus primos não querem a morte dele?

— A morte de quem?

— Do senador.

— Estás louco, Violette!

— Mas então que está a senhora fazendo por aqui? — perguntou ele.

À ideia do perigo que os primos estavam correndo, a intrépida amazona partiu a toda a brida e chegou no terreno ao momento em que carregavam os sacos.

— Alerta! não sei o que se está passando, mas voltemos para Cinq-Cygne.

Enquanto os gentis-homens se ocupavam em transportar a fortuna salva pelo velho marquês, passava-se uma cena estranha no castelo de Gondreville.

Às duas horas da tarde, o senador e seu primo Grévin estavam jogando uma partida de xadrez em frente à lareira, no salão grande do rés do chão. As sras. Grévin e Marion conversavam no canto da chaminé, sentadas num canapé. Todo o pessoal do castelo fora ver uma interessante mascarada anunciada havia muito na circunscrição de Arcis. A família do guarda que substituíra Michu no pavilhão de Cinq-Cygne também tinha ido. O criado de quarto do senador e Violette estavam, então, sós no castelo. O porteiro, dois jardineiros e suas mulheres estavam em seu posto; mas seu pavilhão estava situado à entrada das alamedas, no fim da avenida de Arcis, e a distância que existe entre essa dependência e o castelo não permite que se ouça um tiro de espingarda. De resto essa gente se achava na soleira da porta, e olhava na direção de Arcis, que fica a meia légua, à espera de ver chegar a mascarada. Violette estava aguardando numa enorme antecâmara o momento de ser recebido pelo senador e Grévin, para tratar do negócio relativo à prorrogação do seu arrendamento. Naquele momento, cinco homens mascarados e enluvados, que pela estatura, modos e movimentos, se pareciam com os srs. D'Hautesserre, de Simeuse e com Michu, atiraram-se contra o criado de quarto e Violette, aos quais amordaçaram com um lenço e amarraram em cadeiras, na copa. Apesar da rapidez da agressão, a operação não se fez sem que o criado de quarto e Violette soltassem cada um deles um grito. Esse grito foi ouvido no salão. As duas mulheres quiseram ver nele um grito de alarma.

— Ouçam! — disse a sra. Grévin — são ladrões...

— Qual! é um grito de carnaval! — disse Grévin —, vamos ter mascaradas no castelo.

Essa discussão deu tempo aos cinco desconhecidos para fecharem as portas do lado do pátio de honra e encerrarem o criado de quarto e Violette. A sra. Grévin, mulher bastante teimosa, quis absolutamente verificar a causa do barulho: ergueu-se e esbarrou com os cinco mascarados, que a trataram como tinham feito com Violette e o criado de quarto; depois entraram com violência no salão, onde os dois mais fortes se apoderaram do conde de Gondreville, amordaçaram-no e levaram-no para o parque, ao passo que os outros três amarravam e amordaçavam igualmente a sra. Marion e o tabelião, cada um na sua poltrona. A execução desse atentado não levou mais de meia hora.

Os três desconhecidos, aos quais logo se juntaram os que tinham levado o senador, revistaram o castelo, da adega ao sótão. Abriram todos os armários sem usar gazuas; sondaram as paredes, foram, enfim, senhores do castelo até as cinco horas da tarde.

Nesse momento, o criado de quarto acabou despedaçando com os dentes as cordas que atavam as mãos de Violette. Este, livre de sua mordaça, pôs-se a gritar por socorro. Ao ouvir esses gritos, os cinco

desconhecidos voltaram aos jardins, montaram em cavalos parecidos com os de Cinq-Cygne e fugiram, mas não com suficiente presteza para impedir que Violette os visse. Depois de desamarrar o criado de quarto, que libertou as mulheres e o tabelião, Violette cavalgou sua pileca e correu atrás dos malfeitores. Ao chegar ao pavilhão, ficou tão estupefato ao ver abertos os dois batentes do portão como ao ver a srta. de Cinq-Cygne de atalaia.

Depois que a jovem condessa desapareceu, Violette foi alcançado por Grévin, a cavalo, e acompanhado pelo couteiro da comuna de Gondreville, ao qual o porteiro dera um cavalo das estrebarias do castelo. A mulher do porteiro fora prevenir a gendarmeria de Arcis.

XV — A JUSTIÇA SOB O CÓDIGO DE BRUMÁRIO DO ANO IV

Violette contou imediatamente a Grévin seu encontro com Lourença e a fuga daquela audaciosa moça, cujo caráter profundo e decidido lhes era conhecido.

— Ela estava de atalaia — disse Violette.

— Será possível que fossem os nobres de Cinq-Cygne que tivessem dado o golpe? — exclamou Grévin.

— Como! — respondeu Violette — o senhor não reconheceu o gordo Michu? Foi ele que se atirou contra mim! Bem que eu lhe senti o pulso. De resto, os cinco cavalos eram bem os de Cinq-Cygne.

Ao ver a marca da ferradura dos cavalos na areia da rotunda e no parque, o tabelião deixou o couteiro de observação na grade para vigiar pela conservação daquelas preciosas pegadas e mandou Violette buscar o juiz de paz de Arcis para verificá-las. Voltou depois prontamente ao salão do castelo de Gondreville, onde o tenente e o subtenente da gendarmeria imperial acabavam de chegar, acompanhados por quatro homens e um brigadeiro. Esse tenente era, como bem se pode imaginar, o brigadeiro a quem, dois anos antes, Francisco furara a cabeça e a quem Corentin fez então conhecer seu malicioso adversário. Esse homem, chamado Giguet, cujo irmão servia no Exército e veio a ser um dos melhores coronéis de artilharia, recomendava-se por sua capacidade como oficial de gendarmeria. Mais tarde, comandou o esquadrão do Aube. O subtenente, chamado Welff, conduzira outrora Corentin de Cinq-Cygne ao pavilhão, e do pavilhão a Troyes. A caminho, o parisiense industriara bem o egípcio sobre o que ele denominou velhacarias de Lourença e de Michu. Esses dois oficiais deviam pois mostrar e mostraram grande ardor contra os moradores de Cinq-Cygne. Malin e Grévin tinham, um por conta do outro, trabalhado ambos no Código dito de brumário do ano iv, a obra judicial da Convenção chamada nacional, promulgada pelo Diretório. Por isso, Grévin, que conhecia a fundo aquela legislação, pôde operar nesse caso com terrível

celeridade, mas sob uma presunção que chegara ao estado de certeza, relativamente à criminalidade de Michu, dos srs. d'Hauteserre e Simeuse.

Ninguém, hoje, a não ser alguns velhos magistrados, lembra a organização dessa justiça, que Napoleão derrubava precisamente, então, pela promulgação de seus Códigos e pela instituição de sua magistratura, que agora rege a França.

O Código de brumário do ano IV reservava ao diretor do júri do departamento o processamento imediato do delito cometido em Gondreville. Note-se, de passagem, que a Convenção riscara da linguagem judiciária o termo *crime*. Ela não admitia senão delitos contra a lei, delitos acarretando multas, prisão, penas infamantes ou afluivas. A morte era uma pena afluiva. Não obstante, a pena afluiva da morte devia ser suprimida na paz e substituída por vinte e quatro anos de trabalhos forçados. Assim a Convenção equiparava vinte e quatro anos de trabalhos forçados à pena de morte. Que dizer do Código que inflige trabalhos forçados perpétuos?

A organização preparada naquele tempo pelo Conselho de Estado de Napoleão suprimia a magistratura dos diretores do júri, que acumulava, efetivamente, poderes enormes. Relativamente à repressão dos delitos e à pronúncia, o diretor do júri era, por assim dizer, ao mesmo tempo agente da Polícia Judiciária, procurador do rei, juiz de instrução e corte real. Unicamente seu processo e ato de acusação eram submetidos ao visto de um comissário do Poder Executivo e ao veredicto de oito jurados, a quem ele expunha os fatos de sua investigação, e que ouviam as testemunhas, os acusados, e proferiam um primeiro veredicto, chamado de acusação. O diretor devia exercer sobre os jurados, reunidos no seu gabinete, uma tal influência que eles não poderiam ser mais do que seus colaboradores. Esses jurados constituíam o júri de acusação. Existiam outros jurados para compor o júri junto ao tribunal criminal encarregado de julgar os acusados. Por oposição aos jurados de acusação, chamavam-se aqueles jurados de julgamento.

O tribunal criminal, a que Napoleão acabava de dar o nome de Corte Criminal, compunha-se de um presidente, de quatro juizes, do acusador público e de um comissário do governo. Não obstante, de 1799 a 1806 existiram cortes chamadas especiais, julgando, sem jurados em alguns departamentos, certos atentados e compostas de juizes tirados do tribunal civil, que se constituíam em corte especial. Esse conflito da Justiça especial e da Justiça criminal determinava questões de competência que o tribunal de cassação julgava. Se o departamento do Aube tivesse tido sua corte especial, o julgamento de um atentado cometido contra um senador do Império lhe teria sido sem dúvida atribuído; mas aquele tranquilo departamento estava isento

daquela jurisdição excepcional. Grévin dirigiu pois o subtenente ao diretor do júri de Troyes. O egípcio correu para lá a toda a brida e voltou a Gondreville trazendo no carro da posta aquele magistrado quase soberano.

O diretor do júri de Troyes era um antigo tenente do bailiado, antigo secretário delegado de um dos comitês da Convenção, amigo de Malin e colocado por ele. Esse magistrado, de nome Lechesneau, verdadeiro prático da velha Justiça criminal, tinha, como Grévin, auxiliado muito Malin nos seus trabalhos judiciários na Convenção. Por isso Malin o recomendou a Cambacérès, que o nomeou procurador-geral na Itália. Infelizmente para a sua carreira, Lechesneau teve ligações com uma grande dama de Turim, e Napoleão foi obrigado a destituí-lo a fim de arrancá-lo a um processo correccional intentado pelo marido, a propósito do rapto de um filho adúltero.

Lechesneau, devendo tudo a Malin, e percebendo a importância de semelhante atentado, trouxera o capitão da gendarmeria e um piquete de doze homens.

Antes de partir, pusera-se, naturalmente, em entendimento com o prefeito, o qual, surpreendido pela noite, não pôde fazer uso do telégrafo. Despacharam para Paris um mensageiro, a fim de prevenir o ministro da Polícia Geral, o grande juiz e o imperador daquele crime inaudito. Lechesneau encontrou no salão de Gondreville as sras. Marion e Grévin, Violette, o criado de quarto do senador e o juiz de paz assistido pelo escrivão. Já se haviam feito perquisições no castelo. O juiz de paz, auxiliado por Grévin, recolhia cuidadosamente os primeiros elementos da investigação. O magistrado ficou, de início, impressionado pelas profundas combinações reveladas tanto pela escolha do dia como pela da hora. A hora impedia que imediatamente se procurassem indícios e provas.

Naquela estação do ano, às cinco e meia, momento em que Violette pudera perseguir os delinquentes, era quase noite, e, para os malfetores, a noite é muitas vezes a impunidade. Escolher um dia de festejos, no qual iriam todos ver a mascarada de Arcis, e no qual o senador devia estar sozinho em casa, não era isso evitar as testemunhas?

— Façamos justiça à perspicácia dos agentes da Chefatura de Polícia — disse Lechesneau. — Nunca deixaram de nos pôr de sobreaviso contra os nobres de Cinq-Cygne, e nos disseram que, cedo ou tarde, eles fariam alguma coisa má.

Confiado na atividade do prefeito de Aube, que mandou mensageiros a todas as prefeituras ao redor de Troyes para procurar vestígios dos cinco homens mascarados e do senador, Lechesneau começou por estabelecer as bases de sua investigação. Esse trabalho fez-se rapidamente com duas cabeças judiciárias tão fortes como as de

Grévin e do juiz de paz. Este, chamado Pigoult, antigo primeiro ajudante do escritório em que Malin e Grévin tinham estudado a chicana em Paris, foi nomeado, três meses depois, presidente do tribunal de Arcis. No que dizia respeito a Michu, Lechesneau conhecia as ameaças anteriormente feitas por esse homem ao sr. Marion e a emboscada a que o senador escapara no parque.

Esses dois fatos, de que um era consequência do outro, deviam ser as premissas do atual atentado, e indicavam tanto mais o antigo guarda como chefe dos malfeitores que Grévin, sua esposa, Violette e a sra. Marion declaravam ter reconhecido nos cinco indivíduos mascarados um homem inteiramente semelhante a Michu. A cor dos cabelos, a das suíças, o tipo atarracado do indivíduo tornavam seu disfarce pouco mais ou menos inútil. Que outro, a não ser Michu, teria, de resto, podido abrir a grade de Cinq-Cygne com uma chave? O guarda e sua mulher, de volta de Arcis e interrogados, depuseram ter fechado as duas grades a chave. As grades examinadas pelo juiz de paz, assistido pelo couteiro e pelo escrivão, não apresentavam vestígios de arrombamento.

— Quando o despedimos, ele com certeza guardou as duplicatas das chaves do castelo — disse Grévin. — Deve, porém, ter meditado algum ato desesperado, porque vendeu seus bens em vinte dias e recebeu o preço da venda anteontem, no meu cartório.

— Eles tudo lhe terão lançado aos ombros! — exclamou Lechesneau, impressionado com essa circunstância. — Ele tem se mostrado a alma danada da família.

Quem, melhor do que os srs. de Simeuse e d'Hauteserre, podia conhecer os habitantes do castelo? Nenhum dos assaltantes se enganara nas suas buscas, tinham ido por toda parte com uma certeza que provava saber perfeitamente o grupo o que queria e, sobretudo, sabia onde ir buscá-lo. Nenhum dos armários que ficaram abertos tinha sido forçado: de modo que os delinquentes tinham as chaves; e, coisa estranha!, não se haviam permitido o menor roubo. Portanto, não se tratava de um roubo. Finalmente, Violette, depois de ter reconhecido os cavalos de Cinq-Cygne, encontrara a condessa emboscada em frente ao pavilhão do guarda. Desse conjunto de fatos e depoimentos, resultavam, para a Justiça menos prevenida, presunções de culpabilidade relativamente aos srs. de Simeuse e d'Hauteserre e a Michu, que degeneravam em certeza para um diretor de júri. Agora, que queriam eles fazer do futuro conde de Gondreville? Forçá-lo a uma retrocessão de sua terra, para cuja aquisição o administrador declarava, desde 1799, ter os capitais necessários? Aqui, tudo mudava de aspecto.

O sábio criminalista a si mesmo perguntava qual podia ser o fim das ativas buscas feitas no castelo. Se se tratasse de uma vingança, os delinquentes teriam podido matar Malin. Talvez o senador estivesse morto e enterrado. O rapto denunciava, não obstante, um sequestro.

Por que o sequestro depois das buscas feitas no castelo? Evidentemente, seria loucura crer que o rapto de um dignitário do Império permanecesse por longo tempo secreto! A rápida publicidade que devia ter esse atentado anulava-lhe os benefícios.

A essas objeções, Pigoult respondeu que nunca a Justiça podia adivinhar todos os motivos dos celerados. Em todos os processos criminais existiam, do juiz para o criminoso e deste para aquele, partes obscuras; a consciência tinha abismos em que não penetrava a luz humana senão pela confissão dos culpados.

Grévin e Lechesneau fizeram um movimento de cabeça em sinal de assentimento, sem por isso deixar de ter os olhos naquelas trevas que faziam questão de dissipar.

— O imperador, entretanto, os perdoou — disse Pigoult a Grévin e à sra. Marion — e os excluiu da lista, embora tivessem tomado parte na última conspiração contra ele!

Lechesneau, sem mais tardar, mandou toda a sua gendarmeria para a floresta e vale de Cinq-Cygne, fazendo acompanhar Giguet pelo juiz de paz, que se tornou, nos termos do Código, seu oficial de polícia judiciária auxiliar; encarregou-o de recolher na comuna de Cinq-Cygne os elementos da investigação, de proceder se necessário a todos os interrogatórios, e, para maior urgência, ditou rapidamente e assinou o mandado de prisão de Michu, sobre quem as acusações pareciam evidentes. Depois da partida dos gendarmes e do juiz de paz, Lechesneau retomou o importante trabalho dos mandados de prisão a ditar contra os Simeuse e os D’Hauteserre. Segundo o Código esses atos deviam conter todas as provas de culpabilidade que pesavam sobre os delinquentes. Giguet e o juiz de paz dirigiram-se com tanta rapidez a Cinq-Cygne que encontraram a criadagem do castelo a chegar de Troyes. Detidos e levados à casa do *maire*, onde foram interrogados, cada um deles, ignorando a importância da resposta, disse ingenuamente ter recebido na véspera licença para ir por todo o dia a Troyes. A uma interpelação do juiz de paz, cada um deles respondeu que a senhorita lhes oferecera aquela distração, na qual não pensavam.

Esses depoimentos pareceram tão graves ao juiz de paz que ele mandou o egípcio a Gondreville pedir ao sr. Lechesneau que viesse ele mesmo proceder à prisão dos gentis-homens de Cinq-Cygne, a fim de operar simultaneamente, porque ele ia à herdade de Michu para surpreender o pretenso chefe dos malfeitores. Esses novos elementos pareceram tão decisivos que Lechesneau seguiu logo para Cinq-Cygne, recomendando a Grévin que fizesse guardar cuidadosamente as marcas deixadas pelos pés dos cavalos no parque. O diretor do júri sabia o prazer que causaria em Troyes sua atuação contra antigos nobres, inimigos do povo, tornados inimigos do imperador. Em semelhantes disposições, um magistrado toma facilmente simples presunções por

provas evidentes.

Não obstante, enquanto ia de Gondreville a Cinq-Cygne, no próprio carro do senador, Lechesneau, que teria sido certamente um grande magistrado, não fosse a paixão à qual deveu seu desvalimento, porque o imperador se tornou austero, achou a audácia dos rapazes e de Michu bem aloucada e pouco em harmonia com o espírito da srta. de Cinq-Cygne. No seu íntimo, acreditou ele em outras intenções que não a de arrancar ao senador uma retrocessão de Gondreville.

Em todas as coisas, mesmo na magistratura, existe o que se deve chamar a consciência do ofício. As perplexidades de Lechesneau resultavam dessa consciência que todo homem põe no desempenho dos deveres que lhe agradam, e que levam consigo os sábios na ciência, os artistas na arte e os juizes na Justiça. Por isso, é bem possível que os juizes ofereçam aos acusados mais garantias do que os jurados. O magistrado não se fia senão nas leis da razão, ao passo que o jurado se deixa impelir pelas vagas do sentimento. O diretor do júri fez a si próprio umas quantas perguntas, propondo-se procurar-lhes soluções satisfatórias na própria prisão dos delinquentes.

Embora a notícia do rapto de Malin já estivesse agitando a cidade de Troyes, ainda era ignorada em Arcis às oito horas, porque todos estavam ceando quando foram buscar a gendarmaria e o juiz de paz; enfim, ninguém sabia do fato em Cinq-Cygne, cujo vale e cujo castelo pela segunda vez eram cercados, mas pela Justiça, desta vez, e não pela polícia: as transações, possíveis com uma, são muitas vezes impossíveis com a outra.

XVI — AS PRISÕES

Lourença não precisara mais do que dizer a Marta, a Catarina e aos Durieu que ficassem no castelo, sem dele sair nem olhar para fora, para ser por todos estritamente obedecida. A cada viagem, os cavalos estacionavam no caminho escavado, em frente à brecha, e dali Roberto e Michu, os mais robustos do grupo, tinham transportado secretamente os sacos pela brecha a uma adega situada embaixo da escada da torre denominada da Senhorita. Ao chegar ao castelo, cerca das cinco horas e meia, os quatro gentis-homens e Michu puseram-se logo a enterrar o ouro. Lourença e os D’Hauteserre julgaram conveniente murar a cova. Michu encarregou-se dessa operação, fazendo-se ajudar por Gotardo, que correu à granja para buscar alguns sacos de cal que sobraram quando da construção, e Marta voltou para a casa dela a fim de dar os sacos secretamente a Gotardo. A herdade construída por Michu estava na eminência de onde outrora ele avistara os gendarmes, e ia-se para lá pelo caminho escavado. Michu, muito esfomeado, apressou-se tanto que cerca das sete horas e meia tinha terminado o trabalho. Voltava

com passos lépidos, a fim de impedir que Gotardo levasse um último saco da cal que ele julgara precisaria. Sua granja estava já cercada pelo couteiro de Cinq-Cygne, pelo juiz de paz, seu escrivão e três gendarmes, que se ocultaram e o deixaram entrar quando viram que ele ia chegando. Michu encontrou Gotardo com um saco no ombro e gritou-lhe de longe:

— Acabou-se, garoto, dá volta com ele e janta conosco.

Michu com a testa suando, a roupa salpicada da cal e de fragmentos de pedra molar lamacenta, proveniente da terra da brecha, entrou muito alegre na cozinha de sua granja, onde a mãe de Marta e Marta serviam a sopa enquanto o esperavam.

No momento em que Michu abria a torneira da bica para lavar as mãos, apresentou-se o juiz de paz acompanhado pelo escrivão e pelo couteiro.

— Que quer conosco, sr. Pigoult? — perguntou Michu.

— Em nome do imperador e da lei, está preso! — disse o juiz de paz.

Nesse momento apareceram os três gendarmes, trazendo Gotardo. Ao verem os bonés debruados, Marta e sua mãe trocaram um olhar de terror.

— Ora essa! E por quê? — perguntou Michu, sentando-se à mesa e dizendo à esposa: — Serve-me, que estou morto de fome.

— Você o sabe tão bem como nós — disse o juiz de paz, fazendo sinal ao escrivão para começar o auto, depois de ter exibido o mandado de prisão ao granjeiro.

— Mas, então, Gotardo! estás espantado! Queres jantar, sim ou não? — disse Michu. — Deixa que escrevam eles suas asneiras.

— Você reconhece o estado em que está sua roupa? — disse o juiz de paz. — Não nega também as palavras que disse a Gotardo no pátio?

Michu, servido pela esposa estupefata do seu sangue-frio, comia com a avidez que a fome proporciona, e não respondia; estava com a boca cheia e o coração inocente. O apetite de Gotardo foi suspenso por um temor horrível.

— Vejamos — disse o couteiro ao ouvido de Michu —, que fizeram vocês do senador? Trata-se para você, segundo diz a gente da Justiça, da pena de morte.

— Ah! meu Deus! — gritou Marta, que ouvira as últimas palavras e caiu como fulminada.

— Violette deve ter-nos pregado alguma peça! — exclamou Michu, lembrando-se das palavras de Lourença.

— Ah! então sabe que Violette os viu? — disse o juiz de paz.

Michu mordeu os lábios e resolveu calar. Gotardo imitou aquela reserva. Ao ver a inutilidade de seus esforços para fazê-lo falar, e conhecendo, de resto, o que na localidade se chamava a perversidade de Michu, o juiz de paz deu ordem para que lhe atassem as mãos, bem

como a Gotardo, e que os levassem ao castelo de Cinq-Cygne, para onde se dirigiu a fim de encontrar-se com o diretor do júri.

Os gentis-homens e Lourença estavam com demasiado apetite, e o jantar lhes oferecia um interesse demasiado violento para que o retardassem com a *toilette*. Foram, ela de amazona e eles em calções de couro branco, botas de montar e nos seus casacos de pano verde, reunir-se no salão com o sr. e a sra. d'Hautesserre, que estavam bastante inquietos. O velho notara as idas e vindas e sobretudo a desconfiança de que havia sido alvo, porque Lourença não os pudera submeter às ordens que dera aos criados. Portanto, no momento em que um dos seus filhos evitara responder-lhe, fugindo, viera dizer à esposa:

— Receio que Lourença nos meta ainda em algum embrulho.

— Que espécie de caça fizeram vocês hoje? — perguntou a sra. d'Hautesserre a Lourença.

— Ah! qualquer dia destes saberá da estrepolia em que seus filhos tomaram parte — respondeu ela rindo.

Embora ditas gracejando, essas palavras fizeram a velha senhora estremecer. Catarina veio avisar que o jantar estava servido. Lourença deu o braço ao sr. d'Hautesserre e sorriu da malícia que fizera aos primos, forçando um deles a oferecer o braço à velha dama, transformada em oráculo pela convenção feita.

O marquês de Simeuse conduziu a sra. d'Hautesserre à mesa. A situação tornou-se então de tal forma solene que, terminado o *Benedicite*, Lourença e os dois primos sentiram no coração violentas palpitações. A sra. d'Hautesserre, que estava servindo, ficou abismada com a ansiedade impressa na fisionomia dos dois Simeuse e da alteração que apresentava o acarneirado rosto de Lourença.

— Mas passou-se alguma coisa extraordinária? — exclamou ela, olhando-os a todos.

— A quem se dirige a senhora? — perguntou Lourença.

— A vocês todos — respondeu a velha dama.

— Quanto a mim, mãe — disse Roberto —, estou com uma fome de lobo.

A sra. d'Hautesserre, sempre perturbada, ofereceu ao marquês de Simeuse um prato que destinava ao mais moço.

— Sou como sua mãe, sempre me engano, mesmo apesar das gravatas. Pensei servir ao seu irmão — disse-lhe ela.

— A senhora o serve melhor do que pensa — disse o cadete empalidecendo. — Ei-lo conde de Cinq-Cygne.

Aquele pobre rapaz, tão alegre, ficou para sempre triste; mas achou forças para olhar Lourença sorrindo e recalcar seus pesares mortais. Num momento o amante abismou-se no irmão.

— Como! a condessa teria feito a sua escolha? — exclamou a velha dama.

— Não — disse Lourença —, deixamos ao alvitre da sorte, e a senhora foi seu instrumento.

Contou a convenção estipulada pela manhã. O mais velho dos Simeuse, que via aumentar a palidez do rosto do irmão, sentia a todo momento desejo de bradar: “Desposa-a, eu irei morrer, eu!”.

No momento em que se servia a sobremesa, os habitantes de Cinq-Cygne ouviram bater na janela da sala de jantar, do lado do jardim. O mais velho dos D’Hautesserre, que foi abrir, deu passagem ao padre, cujo calção se tinha rasgado na cerca de arame ao escalar os muros do parque.

— Fugam... vêm prendê-los!

— Por quê?

— Não sei ainda, mas os estão processando.

Essas palavras foram acolhidas com riso universal.

— Somos inocentes! — exclamaram os gentis-homens.

— Inocentes ou culpados — disse o cura —, montem a cavalo e alcancem a fronteira. Lá ficarão em condições de provar a sua inocência. Pode-se reformar uma sentença por reincidência, não se reforma uma condenação contraditória, obtida pelas paixões populares e preparada pelos preconceitos. Lembrem-se do dito do presidente de Harlay:⁶⁴ “Se me acusassem de ter roubado as torres de Notre-Dame, eu começaria por fugir”.

— Mas fugir não é confessar-se culpado? — disse o marquês de Simeuse.

— Não fujam!... — disse Lourença.

— Sempre asneiras sublimes — disse o cura desesperado. — Se eu tivesse o poder de Deus, eu os raptaria. Mas se me acharem aqui, neste estado, eles farão voltar-se contra vocês e contra mim esta singular visita: fujo pelo mesmo caminho. Reflitam! Ainda têm tempo. A gente da Justiça não se lembrou ainda do muro na divisa do presbitério, e vocês estão cercados por todos os lados.

A repercussão dos passos de uma multidão e o ruído dos sabres da gendarmeria encheram o pátio e chegaram à sala de jantar, poucos instantes depois da partida do pobre padre, que não teve melhor êxito nos seus conselhos do que o marquês de Chargebœuf nos que dera antes.

— Nossa existência comum — disse melancolicamente o mais novo dos Simeuse a Lourença — é uma monstruosidade, e nós sentimos um amor monstruoso. Essa monstruosidade invadiu seu coração. É talvez porque as leis da natureza estão neles transtornadas, que os gêmeos cuja história se conserva, todos, foram infelizes. Quanto a nós, veja com que persistência a sorte nos persegue! Eis sua decisão fatalmente retardada!

Lourença estava estonteada; foi como num burburinho que ela

ouviu as palavras, sinistras para ela, proferidas pelo diretor do júri:

— Em nome do imperador e da lei, prendo os srs. Paulo Maria e Maria Paulo de Simeuse, Adriano e Roberto d’Hautesserre. Estes senhores — acrescentou mostrando aos que o acompanhavam vestígios de lama na roupa dos indigitados — não negarão ter passado uma parte do dia de hoje a cavalo.

— De que os acusam? — perguntou altivamente a srta. de Cinq-Cygne.

— O senhor não prende a senhorita? — disse Giguet.

— Deixo-a em liberdade, sob fiança, até mais amplo exame das culpas que pesam sobre ela.

Goulard ofereceu a sua fiança, pedindo simplesmente à condessa a sua palavra de honra de que não fugiria. Lourença fulminou o antigo picador da casa de Simeuse com um olhar cheio de soberba, que lhe fez desse homem um inimigo mortal, e uma lágrima caiu de seus olhos, uma dessas lágrimas de raiva que revelam um inferno de dores. Os quatro gentis-homens trocaram entre si um olhar terrível e ficaram imóveis. O sr. e a sra. d’Hautesserre, receando terem sido enganados pelos quatro rapazes e Lourença, estavam tomados por estupor indizível. Pregados nas suas poltronas, aqueles pais, vendo seus filhos presos, depois de tanto ter temido por eles e de os ter reconquistado, olhavam sem ver e escutavam sem ouvir.

— Será preciso pedir-lhe para ser meu fiador, sr. d’Hautesserre? — gritou Lourença ao seu antigo tutor, que despertou com esse grito, cujo som claro e despedaçador era para ele como a trombeta do juízo final.

O ancião enxugou as lágrimas que lhe vieram aos olhos, compreendeu tudo, e disse à sua parenta com voz fraca:

— Perdão, condessa... sabe que lhe pertenco de corpo e alma!

Lechesneau, impressionado a princípio com a tranquilidade daqueles culpados que estavam jantando, voltou aos seus primeiros sentimentos quanto à culpabilidade deles quando viu o assombro dos parentes e o ar pensativo de Lourença, que procurava adivinhar a armadilha que lhes tinham preparado.

— Senhores — disse ele cortesmente —, são demasiado bem-educados para tentar uma resistência inútil: sigam-me os quatro às cavalariças, onde é necessário tirar na presença dos senhores as ferraduras dos seus cavalos, que se vão tornar peças importantes no processo e demonstrarão talvez a sua inocência ou a sua culpabilidade. Venha também, senhorita...

O ferrador de cavalos de Cinq-Cygne e seu ajudante tinham sido requeridos por Lechesneau para servir em qualidade de peritos. Durante a operação que se fazia nas cocheiras, o juiz de paz trouxe Gotardo e Michu. A operação de retirar as ferraduras de cada cavalo e juntá-las designando as de cada animal, a fim de proceder-se ao

confronto com as marcas deixadas no parque pelas montarias dos autores do atentado, levou algum tempo. Não obstante, Lechesneau, avisado da chegada de Pigoult, deixou os acusados com os gendarmes, foi à sala de jantar para ditar o auto, e o juiz de paz mostrou-lhe o estado da roupa de Michu, contando as circunstâncias da prisão.

— Eles devem ter assassinado o senador e o terão enterrado em alguma muralha — disse Pigoult a Lechesneau, ao terminar.

— Agora, tenho os meus receios — respondeu o magistrado. — Para onde levaste a cal? — perguntou a Gotardo.

Gotardo pôs-se a chorar.

— A Justiça causa-lhe medo — disse Michu, cujos olhos despediam chammas como os do leão caído numa rede.

Toda a criadagem do castelo retida em casa do *maire* chegou nesse momento; encheu a antecâmara onde Catarina e os Durieu choravam, e pelos quais os demais souberam da importância das respostas que tinham dado. A todas as perguntas do diretor do júri e do juiz de paz, Gotardo respondeu com soluços; de tanto chorar, acabou por ter uma espécie de ataque convulsivo que os assustou, e o deixaram só. O tratantezinho, vendo que não era mais observado, olhou para Michu sorrindo, e Michu aprovou-o com o olhar. Lechesneau deixou o juiz de paz para ir informar-se com os peritos.

— Senhor — disse por fim a sra. d’Hauteserre, dirigindo-se a Pigoult —, pode explicar-nos a causa destas prisões?

— Esses senhores são acusados de ter raptado o senador à mão armada e de o ter sequestrado, porque não supomos que o tenham matado, apesar das aparências.

— E qual a pena em que incorreriam os autores desse crime? — perguntou o velho.

— Pois, como as leis que não foram revogadas pelo Código atual continuam em vigor, há a pena de morte — respondeu o juiz de paz.

— Pena de morte! — exclamou a sra. d’Hauteserre, desmaiando.

O cura apresentou-se nesse momento com a irmã, que chamou Catarina e a Durieu.

— Mas se nós nem sequer o vimos, esse maldito senador! — exclamou Michu.

— As sras. Marion e Grévin, o sr. Grévin, o criado de quarto do senador e Violette não podem dizer outro tanto de você — respondeu Pigoult com o sorriso azedo do magistrado convencido.

— Não posso compreender isso! — disse Michu, a quem aquela resposta encheu de assombro, e que desde então começou a crer que fora enredado com seus patrões em alguma trama tecida contra eles.

Nesse momento voltaram todos das estrebarias. Lourença correu para a sra. d’Hauteserre, que recobrou os sentidos para dizer-lhe:

— Há pena de morte!

— Pena de morte! — repetiu Lourença olhando para os quatro gentis-homens. Aquelas palavras espalharam um pavor do qual se aproveitou Giguët, como homem industriado por Corentin:

— Tudo pode arranjar-se ainda — disse ele, levando o marquês de Simeuse para um canto da sala de jantar —; trata-se talvez de uma pilhéria? Que diabo! Os senhores foram militares. Entre soldados é possível entender-se. Que fizeram do senador? Se o mataram, nada há a fazer; mas, se o sequestraram, restituam-no! Bem, estão vendo que o golpe falhou. Estou certo de que o diretor do júri, de acordo com o senador, abafará o inquérito.

— Nada percebemos das suas perguntas — disse o marquês.

— Querida prima — disse o marquês de Simeuse a Lourença —, vamos para a prisão; mas não esteja inquieta, voltaremos dentro de poucas horas. Há neste assunto mal-entendidos que se vão explicar.

— Assim o desejo pelos senhores — disse o magistrado, fazendo sinal a Giguët para levar os quatro gentis-homens, Gotardo e Michu. — Não os leve a Troyes — disse ao tenente —, guarde-os no seu posto de Arcis; devem estar presentes amanhã, de dia, por ocasião do confronto das ferraduras dos cavalos deles com as marcas deixadas no parque.

Lechesneau e Pigoult só se retiraram depois de ter interrogado Catarina, o sr. e a sra. d’Hauteserre e Lourença. Os Durieu, Catarina e Marta declararam só ter visto seus senhores na hora do almoço; o sr. d’Hauteserre declarou tê-los visto às três horas. Quando, à meia-noite, Lourença viu-se entre o sr. e a sra. d’Hauteserre, diante do padre Goujet e sua irmã, sem os quatro rapazes que, havia dezoito meses, eram a vida daquele castelo, seu amor e sua alegria, permaneceu durante longo tempo num silêncio que ninguém se atreveu a interromper. Nunca uma aflição foi mais profunda, nem mais completa. Finalmente, ouviu-se um suspiro e todos olharam.

Marta, esquecida num canto, ergueu-se dizendo:

— A morte! Senhora... Vão matá-los, apesar da sua inocência!

— Que fizeram vocês? — perguntou o cura.

Lourença saiu sem responder. Necessitava de solidão para recuperar suas forças em meio àquele desastre imprevisto.

XVII — DÚVIDAS DOS DEFENSORES OFICIAIS

A trinta e quatro anos de distância, durante os quais se fizeram três grandes revoluções, somente os velhos podem lembrar-se, hoje, do barulho inaudito produzido na Europa pelo rapto de um senador do Império francês. Nenhum processo, a não ser os de Trumeau, o merceiro da Place Saint-Michel,⁶⁵ e o da viúva Morin,⁶⁶ durante o Império; os de Fualdès⁶⁷ e de Castaing,⁶⁸ durante a Restauração; os da sra. Lafarge⁶⁹ e de Fieschi,⁷⁰ no governo atual, igualou em interesse e em

curiosidade o dos rapazes acusados do rapto de Malin. Semelhante atentado contra um membro do seu Senado excitou a cólera do imperador, a quem comunicaram quase ao mesmo tempo a detenção dos delinquentes, a perpetração do delito e o resultado negativo das pesquisas. A floresta esquadrinhada nas suas profundezas, o Aube e os departamentos circunvizinhos percorridos em toda a sua extensão não trouxeram o menor indício da passagem ou do sequestro do conde de Gondreville. O grande juiz, enviado por Napoleão, foi, após ter tomado informações junto ao ministro da Polícia, e explicou ao imperador a posição de Malin ante os Simeuse. O imperador, ocupado então com assuntos graves, achou a solução do caso nos fatos anteriores.

— Esses rapazes estão loucos — disse ele. — Um jurisconsulto como Malin tem de recusar-se a manter atos arrancados pela violência. Vigie esses nobres para saber como eles se arrumarão para soltar o conde de Gondreville.

Determinou que desenvolvessem a maior celeridade no assunto, em que via um atentado contra as suas instituições, um exemplo fatal de resistência aos efeitos da Revolução, um golpe na grande questão dos bens nacionais e um obstáculo àquela fusão dos partidos que foi a constante preocupação de sua política interior. Enfim, via-se ludibriado por aqueles rapazes que lhe haviam prometido viver tranquilamente.

— Realizou-se a predição de Fouché! — exclamou ele, lembrando-se da frase que dois anos antes havia escapado a seu ministro atual da Polícia, o qual a dissera apenas sob a impressão do relatório feito por Corentin sobre Lourença.

Não se pode imaginar, num governo constitucional, no qual ninguém se interessa por uma Coisa Pública cega e muda, ingrata e fria, o zelo que uma palavra do imperador imprimia à sua máquina política ou administrativa. Aquela poderosa vontade parecia comunicar-se às coisas, tanto quanto aos homens. Uma vez dada a sua ordem, o imperador, surpreendido pela coalizão de 1806, esqueceu o assunto. Pensava em novas batalhas a ferir, e ocupava-se em combinar os seus regimentos para dar um grande golpe no coração da monarquia prussiana. Mas seu desejo de ver feita rápida justiça encontrou um veículo poderoso na incerteza que afetava a posição de todos os magistrados do Império. Naquele momento, Cambacérès, na sua qualidade de arquichanceler, e o grande juiz Régnier⁷¹ preparavam a instituição dos tribunais de primeira instância, das cortes imperiais e da corte de cassação; agitavam a questão dos costumes pela qual Napoleão tanto se interessava e com tanta razão; revisavam o pessoal e procuravam os remanescentes dos parlamentos abolidos. Naturalmente, pensaram os magistrados do Aube que dar provas de zelo no caso do rapto de Malin seria uma excelente recomendação. As suposições do imperador tornaram-se então certezas para os cortesãos

e para as massas.

A paz reinava ainda no continente e a admiração pelo imperador era unânime na França; ele aflagava os interesses, as vaidades, as pessoas, as coisas, tudo enfim, até as recordações. Aquela empresa afigurou-se pois a todos como um ataque ao bem público. Assim é que os nobres gentis-homens inocentes foram envolvidos num opróbrio geral. Em reduzido número e confinados em suas terras, os nobres deploravam aquele assunto entre si, mas nenhum se atrevia a abrir a boca. Como, efetivamente, resistir ao desencadear-se da opinião pública? Em todo o departamento exumavam-se os cadáveres das onze pessoas mortas em 1792, através das persianas do palácio de Cinq-Cygne, e lançava-se a culpa disso aos acusados. Temiam que os emigrados se encorajassem a exercer, todos eles, violências sobre os compradores dos seus bens, para preparar assim a sua restituição, protestando por essa forma contra um despojamento injusto. Aquela nobre gente foi portanto chamada de bandidos, ladrões, assassinos, e, mais do que o resto, a cumplicidade de Michu tornou-se-lhes fatal. Esse homem que havia decepado, ele ou seu sogro, todas as cabeças caídas no departamento durante o Terror era objeto das mais ridículas fábulas. A exasperação foi tanto mais viva por ter sido Malin quem colocara quase todos os funcionários do Aube. Nenhuma voz generosa se ergueu para contradizer a voz pública. Enfim, os desgraçados não tinham meio algum legal para combater as prevenções; porque, submetendo-se a jurados tanto os elementos da acusação como o julgamento, o Código de brumário do ano IV não pudera dar aos acusados a imensa garantia do recurso em cassação por motivo de suspeição legítima.

Dois dias depois da prisão, os senhores e a criadagem do castelo de Cinq-Cygne foram intimados a comparecer perante o júri de acusação. Deixaram Cinq-Cygne sob a guarda do granjeiro, sob a inspeção do padre Goujet e de sua irmã, que ali se instalaram. A srta. de Cinq-Cygne, o sr. e a sra. d'Hauteserre foram ocupar a pequena casa que Durieu possuía num daqueles longos e largos arrabaldes que se estendem em torno da cidade de Troyes. Lourença sentiu um aperto no coração quando verificou o furor das massas, a malignidade da burguesia e a hostilidade da administração, por vários desses pequenos acontecimentos que sempre sucedem aos parentes das pessoas implicadas em uma questão criminal, nas cidades de província onde elas são julgadas. São, em vez de palavras animadoras e cheias de compaixão, conversações ouvidas nas quais explodem atrozes desejos de vingança; demonstrações de ódio em lugar dos atos da estrita polidez, ou da reserva imposta pela decência, mas sobretudo um isolamento com o qual se magoam os homens comuns, e tanto mais rapidamente sentido quanto a desgraça excite a desconfiança. Lourença, que recuperara toda a sua força, contava com a clareza da

inocência e desprezava demasiado a multidão para atemorizar-se daquele desaprovador silêncio com que era acolhida. Ela mantinha a coragem do sr. e da sra. d'Hautesserre, embora pensasse na batalha judiciária que, de acordo com a rapidez do processo, devia em breve ferir-se perante a corte criminal. Ia porém receber um golpe que não esperava e que diminuiu sua coragem.

Em meio àquele desastre e pelo desencadeamento geral, no momento em que aquela família aflita se via como num deserto, repentinamente engrandeceu-se um homem aos olhos de Lourença e mostrou toda a beleza de seu caráter. No dia seguinte àquele em que a acusação, aprovada pela fórmula *Sim, há motivo*, que o chefe do júri escrevia sob a ata, foi reenviada ao acusador público e que o mandado de prisão expedido contra os acusados foi convertido numa ordem de efetivação do encarceramento, o marquês de Chargebœuf veio corajosamente na sua velha caleça em auxílio de sua jovem parenta. Prevendo a celeridade da Justiça, o chefe daquela grande família se apressara em ir a Paris, de onde trazia um dos mais astutos e honestos procuradores dos velhos tempos, Bordin,⁷² o qual se tornara, na capital, o procurador da nobreza, durante dez anos, e cujo sucessor foi o célebre Derville.⁷³ Esse digno procurador escolheu logo para advogado o neto de um antigo presidente do Parlamento da Normandia, que se destinava à magistratura e cujos estudos se tinham feito sob sua tutela. Esse jovem advogado, para usar uma denominação abolida que o imperador ia fazer reviver, foi com efeito nomeado substituto do procurador-geral em Paris, depois do processo atual, e tornou-se um dos nossos mais célebres magistrados. O sr. de Grandville⁷⁴ aceitou a defesa como uma oportunidade para estrear-se com brilho. Naquela época, os advogados eram substituídos por defensores officiosos. Desse modo, o direito de defesa não era restringido, podendo todos os cidadãos pleitear a causa da inocência, o que não impedia que os acusados tomassem para defendê-los advogados antigos. O velho marquês, assustado com a alteração produzida pela dor em Lourença, foi admirável de bom gosto e de decoro. Não se referiu aos conselhos dados em pura perda; apresentou Bordin, como um oráculo cujas opiniões deviam ser seguidas à risca, e o jovem De Grandville como um defensor no qual se podia ter inteira confiança.

Lourença estendeu a mão ao velho marquês e apertou a dele na sua com uma vivacidade que o encantou.

— O senhor tinha razão — disse ela.

— Quer agora ouvir os meus conselhos? — perguntou ele.

A condessa, bem como os velhos D'Hautesserre, fez sinal de assentimento.

— Pois bem, venham para a minha casa, ela está no centro da cidade, perto do tribunal; vocês e seus advogados lá ficarão melhor do

que aqui, onde estão amontoados e demasiado longe do campo de batalha. Aqui, teriam de atravessar todos os dias a cidade.

Lourença aceitou; o ancião levou-a com a sra. d'Hauterierre para a sua casa, que foi a dos defensores e dos habitantes de Cinq-Cygne enquanto durou o processo. Depois do jantar, fechadas as portas, Bordin fez com que Lourença lhe contasse exatamente as circunstâncias do caso, pedindo-lhe que não omitisse nenhum detalhe, embora alguns dos sucessos anteriores já lhes tivesse comunicado o marquês, a ele, Bordin, e ao jovem defensor, durante a viagem de Paris a Troyes. Bordin escutou, com os pés na lareira, sem se dar a menor importância. O jovem advogado, esse, não se pôde impedir de flutuar entre a sua admiração pela srta. de Cinq-Cygne e a atenção que devia aos elementos da causa.

— É efetivamente tudo? — perguntou Bordin, quando Lourença acabou de contar os acontecimentos do drama tais como esta narrativa os apresentou até agora.

— Sim — respondeu ela.

Durante alguns instantes, reinou o mais profundo silêncio no salão do palácio de Chargebœuf, onde se passava esta cena, uma das mais graves que podem ocorrer durante a vida, e uma das mais raras também. Todo processo é julgado pelos advogados antes dos juizes, do mesmo modo que a morte do doente é pressentida pelos médicos, antes da luta que uns sustentarão contra a natureza e os outros contra a Justiça. Lourença, o sr. e a sra. d'Hauterierre e o marquês tinham os olhos fitos no avelhantado rosto escuro e profundamente marcado pela varíola daquele velho procurador que ia pronunciar palavras de vida ou de morte. O sr. d'Hauterierre enxugou as gotas de suor da fronte. Lourença olhou para o jovem advogado, e achou-lhe o semblante entristecido.

— E então, meu caro Bordin? — disse o marquês, oferecendo-lhe a caixa de rapé, de onde, com ar distraído, o procurador tirou uma pitada.

Bordin coçou a barriga da perna calçada com grossas meias de filosela preta, pois trajava calções de fazenda preta, e vestia uma casaca semelhante por sua forma às casacas denominadas à francesa; dirigiu aos clientes seu olhar malicioso, dando-lhe uma expressão receosa, que os gelou.

— É preciso que eu dissequisse isso e lhes fale francamente? — disse ele.

— Por favor, senhor! — disse Lourença.

— Tudo o que fizeram de bem vira-se contra vocês — disse-lhe então o velho práctico. — Não se poderão salvar os seus parentes; no melhor dos casos, poder-se-á diminuir a pena. A venda, por vocês ordenada a Michu, dos bens que ele tinha será tomada como a prova mais evidente das intenções criminosas contra o senador. Vocês mandaram

expressamente a criadagem a Troyes para estarem sós, e isso será tanto mais plausível por ser a verdade. O mais velho dos D'Hauteserre disse a Beauvisage uma frase terrível que os perde a todos. Disse a senhora outras palavras, no pátio, que provavam com larga antecipação a malquerença contra Gondreville. Por outro lado, estava no portão a observar, no momento do golpe; se não a perseguem, é para não introduzir um elemento de interesse na questão.

— A causa não é sustentável — disse o sr. de Grandville.

— Ela o é tanto menos — apoiou Bordin —, porque não se pode dizer a verdade. Michu, os srs. de Simeuse e os d'Hauteserre devem limitar-se unicamente a afirmar que em sua companhia estiveram eles na floresta durante uma parte do dia e que foram almoçar em Cinq-Cygne. Mas se pudermos estabelecer que vocês lá estavam às três horas, enquanto se efetuava o atentado, quais serão as nossas testemunhas? Marta, mulher de um dos acusados; os Durieu e Catarina, empregados seus; o sr. e a sra. d'Hauteserre, pais de dois acusados! Essas testemunhas são sem valor, a lei não as admite, se contra vocês, a seu favor as repele o bom senso. Se, por desgraça, dissessem ter ido buscar um milhão e cem mil francos em ouro na floresta, mandariam os acusados todos para as galés, como ladrões. O acusador público, os jurados, os juízes, a assistência e a França acreditariam que vocês tinham tirado esse ouro de Gondreville, e que sequestraram o senador para dar o golpe. Admitindo-se a acusação tal qual está neste momento, o assunto não é claro; mas, na sua verdade pura, tornar-se-ia límpido; os jurados explicariam pelo roubo todas as partes obscuras, porque realista hoje quer dizer bandido. O caso atual apresenta uma vingança admissível na situação política. Os acusados arriscam-se à pena de morte, mas esta não é desonrante aos olhos de todos; ao passo que, unindo-se ao caso a subtração de dinheiro que jamais parecerá legítima, vocês perdem as vantagens do interesse que cerca os condenados à morte, quando parece desculpável o seu crime. No primeiro momento, quando vocês podiam mostrar os seus esconderijos, o plano da floresta, os tubos de folha, o ouro, para justificar o emprego do dia, teria sido possível sair-se bem da questão, em presença de magistrados imparciais; mas, no estado em que estão as coisas, é preciso calar-se. Deus queira que nenhum dos seis acusados tenha comprometido a causa, mas veremos como tirar partido de seus interrogatórios.

Lourença torceu as mãos de desespero e ergueu os olhos para o céu, com olhar desolado, pois então percebeu em toda a sua profundidade o precipício em que os primos tinham caído. O marquês e o jovem defensor concordavam com a terrível exposição de Bordin.

— Por que não ter ouvido o padre Goujet, que queria levá-los à fuga? — disse a sra. d'Hauteserre exasperada.

— Ah! — exclamou o antigo procurador —, se teve a possibilidade de os fazer fugir e não o fez, a senhora mesmo os terá matado! A contumácia dá tempo. Com o tempo, os inocentes esclarecem os casos. Este parece-me o mais tenebroso que vi na minha vida, durante a qual, entretanto, elucidei muitos outros.

— É inexplicável para todos, e mesmo para nós — disse o sr. de Grandville. — Se os acusados são inocentes, o golpe foi dado por outros. Cinco pessoas não vêm a uma localidade como por encanto, não conseguem cavalos ferrados como os dos acusados, não procuram parecer-se com eles e não põem Malin numa cova, expressamente para perder Michu, os srs. d'Hautesserre e de Simeuse. Os desconhecidos, os verdadeiros culpados tinham um interesse qualquer em se meter na pele desses cinco inocentes; para tornar a encontrá-los, para buscar-lhes a pista, ser-nos-ia preciso, como ao governo, tantos agentes e tantos olhos quantas comunas existem num raio de vinte léguas...

— Isso é coisa impossível — disse Bordin. — Nem vale a pena pensar em tal. Desde que as sociedades inventaram a Justiça, nunca descobriram o meio de dar à inocência acusada um poder igual àquele de que dispõe o magistrado contra o crime. A Justiça não é bilateral. A defesa, que não tem nem espiões nem polícia, não dispõe em favor dos seus clientes da potência social. A inocência nada mais tem por si do que o raciocínio; e o raciocínio que pode impressionar os juizes é muitas vezes impotente sobre o espírito prevenido dos jurados. O país inteiro está contra vocês. Os oito jurados que sancionaram o ato de acusação eram proprietários de bens nacionais. Nós teremos entre os nossos jurados de julgamento pessoas que serão, como os primeiros, compradores, vendedores de bens nacionais ou empregados. Enfim, teremos um júri Malin. Por isso, é preciso um sistema completo de defesa; dele não saiam, e pereçam na sua inocência. Serão condenados. Iremos ao tribunal de cassação e procuraremos lá ficar muito tempo. Se, nesse meio-tempo, eu consigo obter provas favoráveis, haverá o recurso do perdão. Eis a anatomia do caso e a minha opinião. Se triunfamos, porque tudo é possível em matéria de Justiça, será um milagre; mas o seu advogado é, entre todos os que eu conheço, o mais capaz de operar esse milagre, e eu o ajudarei.

— O senador deve ter a chave deste enigma — disse então o sr. de Grandville —, pois sempre se sabe quem nos quer mal e por que nos querem mal. Eu o vejo saindo de Paris no fim do inverno, vindo a Gondreville, sozinho, sem acompanhantes, aí encerrando-se com seu tabelião, e entregando-se, por assim dizer, a cinco homens que o agarram.

— Certamente — disse Bordin — o proceder de Malin é pelo menos tão extraordinário quanto o nosso; mas como, diante de um país revoltado contra nós, tornar-nos acusadores, de acusados que éramos?

Precisaríamos da benevolência, do auxílio do governo, e mil vezes mais provas do que numa situação ordinária. Vejo aí premeditação, e da mais refinada, nos nossos adversários desconhecidos, os quais conheciam a situação de Michu e dos srs. de Simeuse em relação a Malin. Não falar! Não roubar! Há prudência aí. Vejo sob essas máscaras coisa muito diferente de malfeitores. Mas vamos lá dizer essas coisas aos jurados que nos darão!

Essa perspicácia nos negócios privados que torna certos advogados e certos magistrados tão grandes admirava e confundia Lourença; ela sentiu o coração oprimido por aquela espantosa lógica.

— Sobre cem casos criminais — disse Bordin — não há dez que a Justiça desenvolva em toda sua extensão, e há, talvez, um bom terço cujo segredo lhe é desconhecido. O de vocês é do número daqueles que são indecifráveis para os acusados e para os acusadores, para a Justiça e para o público. Quanto ao soberano, ele tem mais com que se divertir do que socorrer os srs. de Simeuse, mesmo quando eles não o tivessem querido derrubar. Mas quem diabo quer mal a Malin? e que é que lhe queriam?

Bordin e o sr. de Grandville olharam-se, e pareciam duvidar da veracidade de Lourença. Esse gesto foi para a moça uma das mais pungentes das mil dores daquele caso; por isso dirigiu ela aos dois defensores um olhar que neles matou qualquer suspeita.

No dia seguinte, os autos foram entregues aos defensores, que se puderam avistar com os acusados. Bordin informou à família que, como gente de bem, os seis acusados *se haviam portado bem*, para empregar uma expressão profissional.

— O sr. de Grandville defenderá Michu — disse Bordin.

— Michu?... — exclamou o sr. de Chargebœuf, admirado daquela mudança.

— Ele é o eixo do assunto, e aí está o perigo — replicou o velho procurador.

— Se ele é o mais exposto, a coisa me parece justa! — exclamou Lourença.

— Nós entrevemos possibilidades — disse o sr. de Grandville — e vamos estudá-las bem. Se os pudermos salvar, será por ter o sr. d'Hauteserre dado ordem a Michu para consertar um dos postes da barreira do caminho escavado, e por ter sido visto um lobo na floresta: porque tudo depende dos debates ante uma corte criminal, e os debates se desenvolvem em torno de pequenas coisas que os senhores verão tornar-se imensas.

Lourença caiu no abatimento interior que deve mortificar a alma de todas as pessoas de ação e de pensamento, quando a inutilidade da ação e do pensamento lhes é demonstrada. Não se tratava mais agora de derrubar um homem ou o poder, com auxílio de gente devotada, de

simpatias fanáticas envoltas nas sombras do mistério; ela via a sociedade inteira armada contra ela e seus primos. Ninguém, sozinho, toma de assalto uma prisão, não se libertam prisioneiros no meio de uma população hostil e sob os olhos de uma polícia alerta pela pretensa audácia dos acusados. Por isso, quando, assustado pelo estupor daquela nobre e generosa moça, que sua fisionomia tornava mais estúpida ainda, o jovem defensor tentou reanimar a sua coragem, ela respondeu-lhe:

— Calo-me, soffro e espero...

O acento, o gesto e o olhar fizeram dessa resposta uma dessas coisas sublimes, às quais falta mais amplo teatro para se tornarem célebres. Alguns instantes depois, o velho D’Hauteserre dizia ao marquês de Chargebœuf:

— Quanto trabalho me dei por meus dois filhos! Já refiz para eles cerca de oito mil francos de renda sobre o Estado. Se eles tivessem querido servir no Exército, teriam alcançado postos superiores e poderiam hoje casar vantajosamente. Lá se vão águas abaixo todos os meus planos!

— Como — disse-lhe a esposa — pode você pensar nos interesses deles, quando se trata da honra de ambos e das suas cabeças?

— O sr. d’Hauteserre pensa em tudo — disse o marquês.

XVIII — MARTA COMPROMETIDA

Enquanto os habitantes de Cinq-Cygne esperavam a abertura dos debates na corte criminal e solicitavam a permissão de ver os prisioneiros sem poder obtê-la, passava-se no castelo, no mais profundo segredo, um acontecimento da mais alta gravidade. Marta voltara a Cinq-Cygne logo após o seu depoimento perante o júri de acusação, o qual foi de tal forma insignificante que ela não chegou a ser intimada pelo acusador público a comparecer ante a corte criminal. Como todas as pessoas de extrema sensibilidade, a pobre mulher ficava sentada no salão onde fazia companhia à srta. Goujet, num estado de prostração que dava piedade. Para ela, como, aliás, para o cura e para todos os que não sabiam como os acusados tinham empregado o dia, a inocência deles parecia duvidosa. Por vezes, Marta acreditava que Michu, seus senhores e Lourença tinham exercido uma vingança qualquer sobre o senador. A infeliz mulher conhecia bastante o devotamento de Michu para compreender que ele era, de todos os acusados, o que corria mais perigo, já pelos seus antecedentes, já pela parte que houvesse tido na execução. O padre Goujet, sua irmã e Marta perdiam-se entre as conjeturas a que aquela opinião dava lugar; mas, à força de meditar, deixavam eles seu espírito fixar-se num sentido qualquer. A dúvida absoluta que exige Descartes não é mais possível conseguir-se no

cérebro humano do que o vácuo na natureza, e a operação espiritual para aquele fim seria, como o efeito da máquina pneumática, uma situação excepcional e monstruosa. Seja qual for o assunto, crê-se em alguma coisa. Ora, Marta sentia tal medo da culpabilidade dos acusados que o seu temor equivalia a uma crença; e essa situação de espírito lhe foi fatal. Cinco dias após a detenção dos gentis-homens, no momento em que se ia deitar, cerca das dez horas da noite, foi chamada ao pátio por sua mãe, que chegava a pé da granja.

— Um obreiro de Troyes quer falar-te a mandado de Michu, e espera-te no caminho escavado — disse ela a Marta.

Passaram ambas pela brecha para seguir o caminho mais curto. Na obscuridade da noite e do caminho, foi-lhe impossível, a Marta, distinguir outra coisa mais do que o vulto de uma pessoa que se destacava nas trevas.

— Fale, senhora, para que eu saiba se a senhora é efetivamente a sra. Michu — disse aquela pessoa, com voz bastante inquieta.

— Certamente que sou — disse Marta. — Que quer comigo?

— Bem — disse o desconhecido. — Dê-me sua mão, não tenha medo de mim. Venho — acrescentou ele, inclinando-se ao ouvido de Marta — da parte de Michu entregar-lhe um bilhete. Sou um dos empregados da prisão e, se meus superiores notassem a minha ausência, estaríamos todos perdidos. Confie em mim. Em tempos passados, seu honrado pai colocou-me naquele posto. Por isso Michu contou comigo.

Pôs uma carta na mão de Marta e desapareceu na direção da floresta, sem esperar resposta. Marta teve um arrepio ao pensar que ia seguramente conhecer o segredo do caso. Correu à granja com a mãe e encerrou-se para ler a seguinte carta:

Minha querida Marta:

Podes contar com a discrição do portador desta, ele não sabe ler nem escrever, é um dos mais sólidos republicanos da conspiração de Babœuf; teu pai serviu-se dele muitas vezes, e ele considera Malin um traidor. Ora, minha querida mulher, o senador foi encerrado por nós na cova onde já ocultamos uma vez nossos patrões. O miserável só tem viveres para cinco dias, e como é de nosso interesse que ele viva, assim que leres este bilhete leva-lhe comida para cinco dias pelo menos. A floresta deve estar vigiada, toma as mesmas precauções que nós tomávamos para nossos jovens senhores. Não digas uma palavra a Malin, não lhe fales, e põe uma das nossas máscaras que encontrarás num dos degraus da cova. Se não quiseses comprometer as nossas cabeças, guardarás o mais completo silêncio sobre o segredo que sou forçado a confiar-te. Nem uma palavra à srta. de Cinq-Cygne, que poderia *dar à língua*. Nada temas por mim. Estamos certos do feliz desenlace deste negócio, e, quando for preciso, Malin será nosso salvador. Enfim, assim que tiveres lido esta carta, nem preciso dizer-te que a queimes, pois me custaria a cabeça se uma única linha fosse vista. Beijo-te muito e mais ainda.

A existência da cova sob a eminência, no meio da floresta, só era conhecida por Marta, Michu, seu filho, os quatro gentis-homens e Lourença: pelo menos tal devia crer Marta, a quem o marido nada dissera sobre o encontro com Peyrade e Corentin. Assim, pois, a carta que, de resto, lhe pareceu escrita e assinada por Michu não podia vir senão dele. Certamente, se Marta tivesse imediatamente consultado sua senhora e seus dois conselheiros, que conheciam a inocência dos acusados, o astuto procurador teria obtido algumas luzes sobre as pérfidas combinações em que estavam envoltos seus clientes; Marta, porém, inteiramente entregue ao seu primeiro impulso, como a maioria das mulheres, e convencida por aquelas considerações que lhe entravam pelos olhos, atirou a carta no fogo da chaminé. Entretanto, movida por singular clarão de prudência, retirou do fogo o lado da carta que não estava escrito, conservou as cinco primeiras linhas, cujo sentido não podia comprometer ninguém, e coseu-as na bainha do seu vestido. Bastante amedrontada por saber que o paciente jejuava fazia vinte e quatro horas, quis levar-lhe vinho, pão e carne, aquela mesma noite. Sua curiosidade e seus sentimentos humanos não lhe consentiam que o deixasse para o dia seguinte. Aqueceu o forno e, auxiliada pela mãe, preparou um pastel de lebre e de pato, um bolo de arroz, assou dois frangos, juntou três garrafas de vinho, fez ela mesma dois pães redondos. Cerca das duas horas e meia da madrugada, pôs-se a caminho, rumo à floresta, levando tudo num cesto, em companhia de Couraut, que, em todas essas expedições, servia de explorador com admirável inteligência. Farejava os estranhos a distâncias enormes, e quando lhes percebia a presença voltava para junto da dona rosnando baixinho, olhando-a e virando o focinho para o lado perigoso.

Marta chegou às três horas da madrugada junto ao charco, onde deixou Couraut de sentinela. Depois de meia hora de trabalho para desentulhar a entrada, foi com uma lanterna fraca à porta da cova, com o rosto coberto por uma das máscaras que, efetivamente, achara num degrau. A detenção do senador parecia ter sido premeditada com longa antecedência. Um buraco de um pé quadrado, que Marta não vira anteriormente, fora grosseiramente aberto no alto da porta de ferro que fechava a cova; mas, para que Malin não pudesse, com o tempo e a paciência de que dispõem todos os presos, fazer mover-se a tranca de ferro que barrava a porta, tinham-na sujeitado com um cadeado. O senador, que se erguera da sua cama de musgo, deu um suspiro ao entrever um rosto mascarado e compreendeu que não se tratava ainda de sua libertação. Observou Marta, tanto quanto lhe permitia o clarão indeciso de uma lanterna surda, e reconheceu-a pelo seu vestuário, por sua corpulência e por seus movimentos; quando ela lhe passou o pastel pela pequena abertura na porta, ele deixou cair o pastel para agarrar-lhe as mãos e, com presteza extrema, tentou tirar-lhe dois anéis do dedo, a

sua aliança e um pequeno anel que lhe fora dado pela srta. de Cinq-Cygne.

— Não negará que é a senhora, minha cara sra. Michu? — disse ele.

Marta fechou a mão assim que sentiu os dedos do senador e deu-lhe um forte soco no peito. Depois, sem dizer uma palavra, foi cortar uma vara bastante forte, por cuja extremidade fez chegar às mãos do senador o resto das provisões.

— Que querem de mim? — perguntou ele.

Marta escapou-se sem responder. Ao voltar para casa, achou-se, pelas cinco horas, na orla da floresta, e foi prevenida por Couraut da presença de um importuno. Deu volta e dirigiu-se para o pavilhão que habitara durante tão longo tempo; mas, quando penetrou na avenida, foi vista pelo couteiro de Gondreville; tomou então o partido de ir direto a ele.

— É muito madrugadora, sra. Michu! — disse-lhe ele, abordando-a.

— Somos tão desgraçados — respondeu ela — que sou forçada a fazer o trabalho de uma criada; vou a Bellache buscar grãos.

— Não tem cereais então em Cinq-Cygne? — disse o guarda.

Marta não respondeu. Seguiu seu caminho e, tendo chegado à granja de Bellache, pediu a Beauvisage que lhe desse alguns grãos para semente, dizendo-lhe que o sr. d'Hauteserre lhe recomendara que os trouxesse da granja para renovar as espécies. Quando Marta se retirou, o guarda de Gondreville foi à granja para saber o que Marta fora lá buscar. Seis dias depois, Marta, que se tornara prudente, foi cedo, à meia-noite, levar as provisões a fim de não ser surpreendida pelos guardas, que vigiavam, evidentemente, a floresta. Depois de ter, pela terceira vez, levado víveres para o senador, ela foi tomada de terror ao ouvir a leitura feita pelo padre do interrogatório público dos acusados, pois que já então se haviam iniciado os debates. Chamou à parte o padre Goujet, e depois de fazê-lo jurar que guardaria segredo sobre o que lhe ia dizer, como se fosse uma confissão, mostrou-lhe os fragmentos da carta de Michu, dizendo-lhe todo o conteúdo, e iniciou-o no segredo daquele esconderijo em que se achava o senador. O cura perguntou-lhe imediatamente se ela tinha cartas do marido, a fim de comparar a letra. Marta foi à casa, na granja, onde encontrou uma intimação para comparecer como testemunha ante a corte. Quando voltou ao castelo, o padre Goujet e a irmã tinham recebido igual intimação, a requerimento dos acusados. Foram pois obrigados a ir imediatamente a Troyes. Assim, todas as personagens deste drama, e mesmo os que eram de algum modo apenas comparsas, acharam-se reunidos no cenário em que estava então em jogo o destino de duas famílias.

Poucas localidades há, na França, onde a Justiça tire das coisas o prestígio que sempre a deveria acompanhar. Depois da religião e da realeza, não é ela a maior máquina das sociedades? Por toda parte, e mesmo em Paris, a mesquinhez do local, a má disposição dos lugares e a falta de decorações, na mais vaidosa e mais teatral das nações que hoje existam em matéria de monumentos, diminuem a ação desse enorme poder. O arranjo é o mesmo em quase todas as cidades. No fundo de alguma grande sala quadrada vê-se uma mesa coberta de sarja verde, erguida sobre um estrado, por trás da qual se sentam os juízes em poltronas vulgares. A esquerda, o lugar do acusador público, e do seu lado, ao longo da parede, uma longa tribuna guarnecida de cadeiras para os jurados. Em frente aos jurados, estende-se outra tribuna onde há um banco para os acusados e para os gendarmes que os guardam. O escrivão coloca-se abaixo do estrado, junto à mesa onde se dispõem as peças acusadoras. Antes da instituição da Justiça imperial, o comissário do governo e o diretor do júri tinham cada qual sua cadeira e sua mesa, um à direita e outro à esquerda da corte. Dois oficiais de justiça caminham no espaço que se reserva em frente à corte para o comparecimento das testemunhas. Os defensores permanecem abaixo da tribuna dos acusados. Uma balaustrada de madeira liga as duas tribunas, no outro lado da sala, formando um recinto onde se põem bancos para as testemunhas ouvidas e para os curiosos privilegiados. Depois, em frente à mesa do tribunal, acima da porta de entrada, existe sempre uma tribuna ordinária reservada para as autoridades e para as damas do departamento, escolhidas pelo presidente, ao qual incumbe o policiamento da audiência. O público não privilegiado fica de pé no espaço que sobra entre a porta da sala e a balaustrada. Esse aspecto normal dos tribunais franceses e das cortes criminais de hoje era o da corte criminal de Troyes.

Em abril de 1806, nem os quatro juízes e o presidente que compunham a corte, nem o acusador público, nem o diretor do júri, nem o comissário do governo, nem os oficiais de justiça, nem os defensores, ninguém, salvo os gendarmes, trazia vestes ou qualquer distintivo que realçasse a nudez das coisas e o aspecto bastante chinfrim das personagens. Faltava o crucifixo, que não dava o seu exemplo nem à justiça nem aos acusados. Tudo era triste e vulgar. A pompa, tão necessária ao interesse social, é talvez um consolo para o criminoso. A sofreguidão do público foi o que tem sido e o que será em todas as ocasiões desse gênero, enquanto a França não reconhecer que a admissão do público na audiência leva em si a publicidade, que a publicidade aos debates constitui uma pena de tal forma exorbitante que, se o legislador tivesse podido suspeitá-la, não a teria infligido. Os costumes são muitas vezes mais cruéis do que as leis. Os costumes são os homens, mas a lei é a razão de um país. Os costumes, que não têm

razão muitas vezes, ultrapassam a lei. Houve atropelos em torno do palácio da Justiça. O presidente, como em todos os processos célebres, foi obrigado a mandar guarnecer as portas de piquetes de soldados. O auditório, que permanecia de pé, por trás da balaustrada, estava tão apertado que as pessoas ficavam sufocadas. O sr. de Grandville, que defendia Michu; Bordin, o defensor dos srs. de Simeuse, e um advogado de Troyes que advogava a causa dos srs. d'Hautesserre e de Gotardo, os menos comprometidos dos seis acusados, ocuparam seus postos antes da abertura da sessão, e seus semblantes respiravam confiança. Assim como das suas apreensões nada faz ver o médico ao seu doente, assim também mostra sempre o advogado uma fisionomia cheia de esperança ao seu cliente. É um dos raros casos em que a mentira se torna virtude. Quando os acusados entraram, ergueram-se murmúrios favoráveis ante o aspecto dos quatro rapazes, que, após vinte dias de prisão passados em aflições, tinham empalidecido um pouco. A perfeita semelhança dos gêmeos provocou o mais forte interesse. É possível que muitos pensassem que a natureza devia exercer uma proteção especial sobre uma das suas mais curiosas raridades, e todos estavam tentados a reparar o esquecimento do destino para com eles: a nobre e simples atitude que apresentavam, sem o menor sinal de confusão, mas também sem arrogância, bastante sensibilizou as mulheres. Os quatro gentis-homens e Gotardo apresentavam-se nos trajes que vestiam quando foram presos; mas Michu, cuja roupa fazia parte das provas, tinha envergado suas melhores vestes, uma sobrecasaca azul, um colete de veludo pardo, à Robespierre, e uma gravata branca. O pobre homem sofreu as consequências do seu mau aspecto. Quando ele dirigiu o seu olhar amarelo, claro e profundo sobre a assembleia, um murmúrio de horror lhe respondeu. A assistência quis ver o dedo de Deus no seu comparecimento no banco dos acusados onde seu sogro fizera tantas vítimas sentarem. Aquele homem, verdadeiramente grande, olhou para os seus senhores reprimindo um sorriso de ironia. Tinha o ar de quem dissesse: “Eu os estou prejudicando!”. Os cinco acusados trocaram saudações afetuosas com os seus defensores. Gotardo continuava a fingir-se idiota.

Depois das recusas feitas com sagacidade pelos patronos, informados sobre esse particular pelo marquês de Chargebœuf, corajosamente sentado junto a Bordin e ao sr. de Grandville, quando o júri ficou constituído, lido o auto de acusação, separaram os acusados para proceder ao seu interrogatório. Todos responderam com notável coordenação. Depois de terem ido pela manhã passear a cavalo na floresta, voltaram à uma hora para almoçar em Cinq-Cygne; depois da refeição, das três horas às cinco e meia, andaram de novo pela floresta. Foi esse o fundo comum das declarações dos acusados, decorrendo as variantes da posição especial de cada um deles. Quando o presidente

pediu aos srs. de Simeuse que expusessem os motivos que os fizeram sair tão cedo, um e outro declararam que, desde seu regresso, pensavam readquirir Gondreville por compra; tencionando tratar com Malin, que chegara na véspera, tinham saído com a prima e Michu, a fim de examinar a floresta, para basear a sua oferta. Durante esse tempo, os srs. d'Hauteserre, sua prima e Gotardo haviam caçado um lobo que os camponeses tinham entrevisto. Se o diretor do júri tivesse recolhido as pegadas dos cavalos deles na floresta com o mesmo cuidado com que recolhera as dos cavalos que atravessaram o parque de Gondreville, ter-se-ia a prova de sua presença em lugares bem afastados do castelo.

O interrogatório dos srs. d'Hauteserre confirmou o dos srs. de Simeuse, e estava em harmonia com o que disseram nas investigações policiais. A necessidade de justificar seu passeio sugerira a cada acusado a ideia de atribuí-lo à caça. Alguns camponeses tinham assinalado, poucos dias antes, a presença de um lobo na floresta, e cada um deles adotou isso como pretexto.

Entretanto o acusador público chamou a atenção para algumas contradições com os primeiros interrogatórios, nos quais os srs. d'Hauteserre diziam ter caçado todos juntos, e o sistema agora adotado na audiência, que dava os srs. d'Hauteserre e Lourença caçando, ao passo que os srs. de Simeuse estariam avaliando a floresta.

O sr. de Grandville fez observar que tendo sido o crime praticado somente das duas às cinco horas e meia, devia-se crer nos acusados quando explicavam a maneira como empregaram a manhã.

O acusador respondeu que os acusados tinham interesse em ocultar os preparativos para o sequestro do senador.

A habilidade da defesa evidenciou-se então a todos os olhos. Os juízes, os jurados, a assistência compreenderam logo que a vitória ia ser ardentemente disputada. Bordin e o sr. de Grandville pareciam ter tudo previsto. A inocência deve conta clara e plausível das suas ações. O dever da defesa é pois opor um romance provável ao romance improvável da acusação. Para o defensor que considera sem culpa a seu cliente, a acusação torna-se uma fábula. O interrogatório público dos quatro gentis-homens explicava em seu favor suficientemente as coisas. Até ali, tudo ia bem. Mas o interrogatório de Michu foi mais grave, e iniciou o combate. Todos compreenderam então por que o sr. de Grandville preferira a defesa do servidor à dos senhores.

Michu confessou as suas ameaças a Marion, mas desmentiu a violência que lhes atribuíam. Quanto à emboscada contra Malin, disse que estava muito simplesmente passeando pelo parque; o senador e o sr. de Grévin podiam ter tido medo ao ver a boca do cano de sua espingarda e supor-lhe uma posição hostil quando de fato era inofensiva. Fez observar que, à noite, um homem que não tem o hábito da caça pode julgar-se alvo de uma espingarda, quando na verdade ela

esteja ao ombro, em descanso. Para justificar o estado de sua roupa no momento da prisão, disse que caíra na brecha ao voltar para casa.

— Não vendo mais claro para subi-la, eu, de algum modo, me grudei com as pedras, e elas vinham caindo sobre mim quando eu procurava agarrar-me para subir ao caminho escavado.

Quanto ao gesso que Gotardo lhe trazia, respondeu Michu, como em todos os seus interrogatórios, que tinha servido para firmar um dos postes da barreira do caminho escavado.

O acusador público e o presidente pediram-lhe que explicasse como estava ele na brecha do castelo e ao mesmo tempo em cima do caminho escavado a fixar um poste da barreira, sobretudo quando o juiz de paz, os gendarmes e o coureiro declaravam tê-lo visto vir de baixo. Michu respondeu que o sr. d'Hautesserre o censurara por não ter executado a pequena reparação, pela qual muito se interessava o ancião, por causa das dificuldades que aquele caminho podia suscitar com a comuna; tinha ido, pois, comunicar-lhe o restabelecimento da barreira.

O sr. d'Hautesserre tinha efetivamente feito colocar uma barreira no alto do caminho escavado para impedir que a comuna se apoderasse dele. Ao ver a importância que tomavam sua roupa e a cal cujo emprego não podia negar, Michu inventara aquele subterfúgio. Se, em matéria de justiça, a verdade se assemelha muitas vezes a uma fábula, a fábula também se assemelha muito à verdade. O defensor e o acusador atribuíram, ambos, grande valor a essa circunstância, que se tornou capital tanto pelos esforços do defensor como pelas suspeitas do acusador.

Na audiência, Gotardo, sem dúvida industriado pelo sr. de Grandville, declarou que Michu lhe pedira para levar uns sacos de cal, porque até então sempre se pusera a chorar quando o interrogavam.

— Por que nem o senhor nem Gotardo levaram imediatamente o juiz de paz e o coureiro a essa barreira? — perguntou o acusador público.

— Nunca pensei que se pudesse tratar de uma acusação capital contra nós — disse Michu.

Fizeram sair todos os acusados, menos Gotardo. Quando este ficou só, o presidente o adjurou a que dissesse a verdade, no seu interesse, fazendo-lhe observar que seu suposto idiotismo tinha acabado. Nenhum dos jurados o julgava imbecil. Calando-se perante a corte, ele podia incorrer em penas graves, ao passo que, dizendo a verdade, muito provavelmente seria excluído do processo. Gotardo chorou, cambaleou, depois acabou dizendo que Michu pedira que lhe levasse vários sacos de cal, mas que de cada vez o encontrara diante da granja. Perguntaram-lhe quantos sacos lhe tinha levado.

— Três — respondeu Gotardo.

Estabeleceu-se uma discussão entre Gotardo e Michu para saber se

eram três contando o que levava aquele no momento da prisão, o que reduzia os sacos a dois, ou três, além do último. O debate terminou a favor de Michu. Para os jurados houve somente dois sacos empregados; mas pareciam já ter uma convicção sobre esse ponto; Bordin e o sr. de Grandville julgaram necessário fartá-los de cal e cansá-los de tal modo que nada mais entendessem. O sr. de Grandville apresentou conclusões tendentes a que fossem nomeados peritos para examinar o estado da barreira.

— O diretor do júri — disse ele — contentou-se em ir visitar o lugar, menos para fazer uma severa perícia do que para ver nisso um subterfúgio de Michu; mas, a nosso ver, não cumpriu ele o seu dever, e a sua falta deve ser-nos proveitosa.

Efetivamente a corte empregou peritos para saber se um dos postes da barreira tinha sido recentemente fixado. Por sua vez, o acusador público quis ter ganho de causa nessa circunstância antes da perícia.

— O senhor — disse ele a Michu — teria escolhido então a hora em que já não há mais claridade, das cinco horas e meia às seis e meia, para fixar sozinho a barreira?

— O sr. d'Hautesserre tinha-me repreendido!

— Mas — disse o acusador público —, se empregou cal na barreira, deve ter-se servido de um cocho e de uma trolha. Ora, se foi tão depressa participar ao sr. d'Hautesserre que tinha cumprido as suas ordens, é-lhe impossível explicar como Gotardo ainda levava cal. Deve ter passado diante de sua granja, e então deve ter guardado seus apetrechos e prevenido Gotardo.

Esses argumentos fulminantes produziram um silêncio horrível no auditório.

— Vamos, confesse — continuou o acusador —, não foi um poste que o senhor enterrou...

— Julga então que fosse o senador? — disse Michu com ar profundamente irônico.

O sr. de Grandville pediu formalmente ao acusador público que se explicasse sobre aquele ponto. Michu era acusado de rapto, de sequestração, e não de assassinio. Nada mais grave do que essa interpelação. O Código de brumário do ano iv proibia ao acusador público introduzir qualquer nova articulação nos debates: devia, sob pena de nulidade, ater-se aos termos do ato de acusação.

O acusador público respondeu que Michu, principal autor do atentado, e que, no interesse de seus senhores, aceitara toda a responsabilidade sobre sua cabeça, podia ter tido necessidade de condenar a entrada do lugar desconhecido ainda onde gemia o senador.

Acabrunhado com perguntas, apertado diante de Gotardo, levado a contradizer-se, Michu deu um grande soco no rebordo da tribuna dos acusados e disse:

— Nada tenho que ver com o rapto do senador; quero crer que seus inimigos simplesmente o encerraram; mas, se ele reaparecer, verão que a cal nisso não serviu para nada.

— Bem! — disse o advogado dirigindo-se ao acusador público — o senhor fez mais pela defesa do meu constituinte do que tudo o que eu pudesse dizer.

A primeira audiência foi suspensa depois dessa audaciosa alegação, que surpreendeu os jurados e deu vantagens à defesa. Por isso, os advogados da cidade e Bordin felicitaram com entusiasmo o jovem defensor. O acusador público, inquieto com aquela afirmação, receou ter caído em armadilha, e de fato ele tinha posto a cabeça num laço muito habilmente armado pelos defensores e no qual acabava Gotardo de fazer admiravelmente o seu papel. Os graciosos da cidade disseram que se tinha rebocado o caso, que o acusador público tinha caído a verdade e que os Simeuse estavam ficando alvos como a cal. Na França, tudo cai no domínio da pilhéria, ela é rainha: graceja-se no cadafalso, no Berezina,⁷⁵ nas barricadas, e há de sem dúvida gracejar algum francês nas grandes audiências do juízo final.

No dia seguinte, foram ouvidas as testemunhas de acusação: a sra. Marion, a sra. Grévin, Grévin, o criado de quarto do senador e Violette, cujos depoimentos podem ser facilmente imaginados, de acordo com os acontecimentos. Todos reconheceram os cinco acusados, com mais ou menos hesitação relativamente aos quatro gentis-homens, mas com certeza quanto a Michu. Beauvisage repetiu o dito que escapara a Roberto d'Hauteserre. O camponês que fora comprar o bezerro reproduziu a frase da sra. de Cinq-Cygne. Os peritos, ouvidos, confirmaram seus relatórios sobre o confronto do sinal das ferraduras com os dos cavalos do castelo, os quais, segundo a acusação, eram absolutamente semelhantes. Essa circunstância foi naturalmente objeto de um violento debate entre o sr. de Grandville e o acusador público. O defensor encaprichou-se com o ferrador de Cinq-Cygne, e conseguiu ficasse consignado nos debates que ferraduras semelhantes tinham sido vendidas poucos dias antes a indivíduos estranhos ao lugar. O ferrador declarou, ademais, que não ferrava unicamente daquele modo os cavalos do castelo de Cinq-Cygne, mas muitos outros no cantão. Finalmente, que o cavalo de que Michu habitualmente se servia, por exceção, tinha sido ferrado em Troyes, e a impressão dessa ferradura não se achava entre as verificadas no parque.

— O sósia de Michu ignorava essa circunstância — disse o sr. de Grandville olhando para os jurados —, e a acusação não estabeleceu que nos tivéssemos servido de um dos cavalos do castelo.

Fulminou, de resto, o depoimento de Violette, no que se referia à semelhança dos cavalos vistos de longe e por trás! Não obstante os incríveis esforços do defensor, a massa dos testemunhos positivos

esmagou Michu. O acusador, o auditório, a corte e os jurados sentiam todos, como o pressentira a defesa, que a culpabilidade do servidor arrastava a dos seus senhores. Bordin adivinhara bem o nó do processo dando ao sr. de Grandville a defesa de Michu; mas a defesa confessava assim os seus segredos. Por isso, tudo o que concernia ao antigo administrador de Gondreville tinha um interesse palpitante. A atitude de Michu foi, aliás, soberba. Desenvolveu nesses debates toda a sagacidade com que o dotara a natureza; e, à força de vê-lo, o público reconheceu a sua superioridade, mas, coisa a admirar-se!, com mais certeza aquele homem pareceu por isso o autor do atentado. As testemunhas da defesa, de menor valor que as da acusação, aos olhos da lei e dos jurados, pareceram cumprir o seu dever e foram ouvidas como por descarga de consciência. Primeiro, nem Marta nem o sr. e a sra. d'Hauteserre prestaram juramento; depois, Catarina e os Durieu, na sua qualidade de criados, viram-se no mesmo caso. O sr. d'Hauteserre disse que efetivamente dera ordem a Michu para colocar novamente o poste derrubado. A declaração dos peritos, que nesse momento leram seu relatório, confirmou o depoimento do velho gentleman, mas deu também ganho de causa ao diretor do júri, declarando ser-lhes impossível determinar a época na qual aquele trabalho fora feito: tanto era possível que desde então tivessem decorrido vinte dias como várias semanas. O aparecimento da srta. de Cinq-Cygne provocou a mais viva curiosidade, mas ao rever seus primos, no banco dos réus, depois de vinte e três dias de separação, ela teve tão violentas emoções que mostrou ares de culpada. Sentiu um temível desejo de ver-se ao lado dos gêmeos e foi obrigada, disse ela mais tarde, a lançar mão de todas as suas forças para reprimir o furor que a impelia a matar o acusador público, a fim de ser, aos olhos do mundo, criminosa como eles. Contou ingenuamente que ao voltar para Cinq-Cygne, e vendo fumaça no parque, supusera um incêndio. Durante muito tempo pensara que aquela fumaça provinha de ervas más.

— Entretanto — disse ela —, mais tarde lembrei-me de uma particularidade que entrego à atenção da Justiça. Encontrei nos alamares de minha amazona e nas dobras de minha gola fragmentos semelhantes aos de papéis queimados conduzidos pelo vento.

— Era considerável a fumaça? — perguntou Bordin.

— Sim — disse a srta. de Cinq-Cygne —, como a de um incêndio.

— Isto pode mudar a face do processo — disse Bordin. — Requeiro à corte que ordene uma investigação imediata no lugar em que se produziu o incêndio.

O presidente ordenou a investigação.

Grévin, chamado novamente, a pedido dos defensores, e interrogado sobre essa circunstância, declarou nada saber a respeito.

Mas entre Bordin e Grévin houve uma troca de olhares que os esclareceu mutuamente.

“O processo está aí!”, disse a si mesmo o velho procurador.

“Deram com a coisa!”, pensou o tabelião.

Mas tanto um como o outro, compreenderam os dois matreiros que a investigação era inútil. Bordin sabia que Grévin seria discreto como uma porta, e Grévin felicitou-se a si mesmo por ter feito desaparecerem os vestígios de incêndio. Para elucidar esse ponto, acessório nos debates, e que parece pueril, mas capital na justificação que a história deve àqueles moços, os peritos e Pigoult, incumbidos da visita ao parque, declararam não ter notado lugar algum em que houvesse indícios de incêndio. Bordin fez intimar dois trabalhadores que declararam ter lavrado, por ordem do guarda, um pedaço de terreno cuja erva estava queimada; mas disseram não ter observado de que substância provinham as cinzas. O guarda, interrogado novamente a pedido dos defensores, disse ter-lhe dado o senador, no momento em que passara pelo castelo para ir ver a mascarada de Arcis, ordem de lavrar aquela parte do campo, que o senador examinara pela manhã, quando passeava.

— Tinham queimado ali ervas ou papéis?

— Nada vi que pudesse fazer crer tenham queimado papéis — disse o guarda.

— Mas, afinal — disseram os defensores —, se lá queimaram ervas, alguém as deve ter levado e lhes posto fogo.

O depoimento do padre de Cinq-Cygne e o da srta. Goujet produziram impressão favorável. Ao sair das vésperas, passeando para os lados da floresta, tinham visto os gentis-homens e Michu a cavalo, os quais saíam do castelo e se dirigiam para a floresta. A moralidade e a posição do cura davam peso às suas palavras.

O requisitório do acusador público, que estava certo de obter uma condenação, foi o que são tais discursos. Os acusados eram incorrigíveis inimigos da França, das instituições e das leis. Estavam sequiosos de perturbação da ordem. Embora estivessem comprometidos em conluíus contra a vida do imperador e fizessem parte do exército de Condé, o magnânimo soberano os havia excluído da lista de emigrados. Eis como eles pagavam a sua clemência! Enfim, todas as declamações oratórias que se repetiram em nome dos Bourbon contra os bonapartistas, e que se repetem hoje contra os republicanos e os legitimistas, em nome do ramo mais moço.

Esses lugares-comuns, que teriam sentido num governo fixo, parecerão pelo menos cômicos, quando a história os encontrar semelhantes em todas as épocas, na boca do ministério público. Deles se pode dizer esta frase fornecida por mais antigas perturbações: “O rótulo está mudado, mas o vinho é sempre o mesmo!”. O acusador

público, que aliás foi um dos mais distintos procuradores-gerais do Império, atribuiu o delito à intenção tomada pelos emigrados em regresso de protestar contra a ocupação de seus bens. Fez estremecer o auditório quanto à situação do senador. Depois, acumulou as provas, as semiprovas, as probabilidades, com um talento a que estimulava a certeza da recompensa por seu zelo, e sentou-se, tranquilamente, à espera do fogo dos defensores.

O sr. de Grandville nunca advogou outra causa criminal a não ser essa, mas essa deu-lhe nome. Primeiro usou para a defesa aquela eloquência entusiasta que admiramos hoje em Berryer.⁷⁶ Ademais, tinha a convicção da inocência dos acusados, o que é um dos mais poderosos estimulantes da palavra. Eis aqui os pontos principais da sua defesa, publicada na íntegra pelos jornais da época: primeiro, restabeleceu na sua verdadeira significação a vida de Michu. Foi uma bela narrativa na qual ressoaram os mais elevados sentimentos, e que despertou muitas simpatias. Ao ver-se reabilitado por uma voz eloquente, houve um momento em que brotaram lágrimas dos olhos amarelos de Michu, e deslizaram por seu terrível rosto. Ele surgiu então como realmente era: um homem simples e ardiloso como uma criança, mas um homem cuja vida só tivera um pensamento. Ele foi de súbito explicado, sobretudo por suas lágrimas, que um grande efeito produziram sobre o júri. O hábil defensor aproveitou esse movimento de interesse para entrar na discussão das acusações.

— Onde está o corpo de delito? Onde está o senador? — perguntou. — Acusam-nos de o termos enclausurado, fechado mesmo a pedra e cal! Mas, então, só nós sabemos onde ele está, e como nos mantendes no cárcere há vinte e três dias, por falta de alimentos, ele já morreu. Somos assassinos e não nos acusastes de assassinio... Mas, se ele vive, temos cúmplices; se cúmplices tivéssemos, e se vivo está o senador, não o faríamos nós aparecer? As intenções que nos supondes, uma vez malogradas, agravariamos nós inutilmente a nossa posição? Por nosso arrependimento alcançaríamos o perdão de uma vingança fracassada; e insistiríamos nós em conservar prisioneiro um homem de quem nada podemos obter? Não é isso absurdo? Tornai a levar a vossa cal, pois seu efeito falhou — disse ele ao acusador público —, porque ou somos criminosos imbecis, o que não acreditais, ou inocentes vítimas de circunstâncias inexplicáveis para todos nós! Deveis antes buscar saber da massa de papéis que foi queimada na habitação do senador, o que revela interesses mais violentos do que os nossos, e isso vos daria as razões do seu rapto.

Entrou por essas hipóteses com maravilhosa habilidade. Insistiu sobre a moralidade dos testemunhos da defesa, cuja fé religiosa era viva, que acreditavam num futuro, em castigos eternos. Foi sublime nesse ponto e soube emocionar profundamente.

— Como! — exclamou — tranquilamente jantam esses criminosos ao saber, pela prima, do rapto do senador. Quando o oficial da gendarmeria lhes sugere o meio de pôr fim ao caso, recusam-se eles a devolver o senador, não sabem o que deles se pretende.

Fez pressentir então um caso misterioso, cuja chave estava nas mãos do tempo, que desvendaria aquela injusta acusação. Uma vez nesse terreno, teve a habilidade audaz e engenhosa de supor-se jurado, relatou a sua deliberação com os colegas, apresentou-se de tal modo infeliz se, tendo sido causa de condenações cruéis, viesse mais tarde o erro a ser reconhecido, tão bem pintou seus remorsos e repisou com tal força as dúvidas que a defesa lhe daria que deixou os jurados numa terrível ansiedade.

Os jurados não estavam ainda calejados sobre essa espécie de alocações, que tiveram naquele momento a sedução das coisas novas, e o júri ficou abalado. Depois da ardorosa defesa de Grandville, os jurados tiveram de ouvir o esperto e sofisticado procurador, que multiplicou as considerações, pôs em relevo todas as partes tenebrosas do processo e o tornou inexplicável. Agiu, no caso, de modo a impressionar o espírito e a razão, como o sr. de Grandville atingira os sentimentos e a imaginação. Finalmente, soube enredar os jurados com tão firme convicção que o acusador público viu a sua argumentação feita em pedaços. Ficou isso tão claro que o advogado do sr. d'Hauteserre e de Gotardo limitou-se a confiar na prudência dos jurados, achando estar por terra a acusação a respeito desses acusados. O acusador pediu adiamento do processo para o dia seguinte, a fim de apresentar a sua réplica. Debalde Bordin, que via uma absolvição nos olhos dos jurados, se deliberrassem sob a influência das defesas, se opôs, por motivos de direito e de fato, a que mais uma noite lançasse ansiedade no coração de seus clientes sem culpa; a corte deliberou.

— O interesse da sociedade parece-me igual ao dos acusados — disse o presidente. — A corte faltaria a todas as noções de equidade se recusasse um semelhante pedido à defesa, deve pois concedê-lo à acusação.

— É questão de sorte ou de falta de sorte — disse Bordin, olhando para os seus clientes. — Absolvidos agora, podem ser condenados amanhã.

— Em todo caso — disse o primogênito dos Simeuse —, não podemos deixar de admirar os defensores.

A srta. de Cinq-Cygne estava com os olhos rasos de lágrimas. Após as dúvidas expressas pelos defensores, não acreditava ela em semelhante êxito. Felicitavam-na, e vieram todos afirmar-lhe a absolvição dos primos. Esse caso, porém, ia ter a mais sensacional das mutações, a mais sinistra e imprevista que jamais tenha mudado o aspecto de um processo criminal!

Às cinco horas da manhã, no dia seguinte ao da defesa do sr. de Grandville, o senador foi encontrado no caminho de Troyes, liberto das suas cadeias, durante o sono, por libertadores desconhecidos, em marcha para Troyes, ignorando o processo, não sabendo da repercussão de seu nome na Europa e feliz por respirar o ar livre. O homem que servia de base àquele drama ficou tão estupefato com o que lhe contaram como, por vê-lo, os que o encontraram. Deram-lhe o carro de um granjeiro, e ele chegou rapidamente a Troyes, à casa do prefeito. Este em seguida preveniu o diretor do júri, o comissário do governo e o acusador público, os quais, de acordo com o que lhes narrou o conde de Grandville, mandaram buscar Marta, que estava pernoitando em casa dos Durieu, enquanto o diretor do júri arrazoava e expedia um mandado de prisão contra ela. A srta. de Cinq-Cygne, que estava em liberdade somente sob caução, foi igualmente arrancada a um dos raros momentos de sono que obtinha entre suas constantes angústias e retida na prefeitura para lá ser interrogada. A ordem para manter os acusados absolutamente incomunicáveis, mesmo com os advogados, foi mandada ao diretor da prisão. Às dez horas, a multidão reunida soube que a audiência fora transferida, devendo iniciar-se à uma hora da tarde.

Essa mudança, em coincidência com a notícia da libertação do senador, da prisão de Marta e da srta. de Cinq-Cygne, e a proibição de falar com os acusados levaram o terror ao palácio de Chargebœuf. Toda a cidade e os curiosos vindos de Troyes para assistir ao processo, os taquígrafos dos jornais, o próprio povo, ficaram num estado de emoção fácil de compreender. O padre Goujet foi, cerca das dez horas, ver o sr. e a sra. d'Hauteserre e os defensores. Estavam almoçando naquele momento, como se pode almoçar em semelhantes circunstâncias. O padre chamou Bordin e o sr. de Grandville à parte, comunicou-lhes a confidência de Marta e o fragmento da carta que ela recebera. Os dois defensores trocaram um olhar, depois do qual Bordin disse ao cura:

— Nem uma palavra a respeito! parece-nos que tudo está perdido; mostremos atitude altiva, ao menos.

Marta não era de força a resistir ao diretor do júri e ao acusador público reunidos. De resto, as provas contra ela abundavam. Por indicação do senador, Lechesneau mandara buscar a crosta da parte inferior do pão levado por Marta, e que ele deixara na cova, bem como as garrafas vazias e vários objetos.

Durante as longas horas de seu cativeiro, Malin fizera conjecturas sobre a sua situação e procurara os indícios que o podiam pôr na pista dos seus inimigos; comunicou, naturalmente, as suas observações ao magistrado. A granja de Michu, recentemente construída, devia ter um

forno novo; as telhas e os tijolos sobre os quais repousava o pão ofereciam um desenho qualquer de junturas, podia-se ter a prova da confecção naquele forno, dos pães que recebera, tomando o decalque da superfície cujas fendas se encontravam naquela crosta. Ademais, as garrafas, fechadas com lacre verde, eram idênticas, sem dúvida, às que se encontravam na adega de Michu.

Essas sutis observações, referidas ao juiz de paz, que foi fazer as perquisições em presença de Marta, deram os resultados previstos pelo senador. Vítima da bonomia aparente com que Lechesneau, o acusador público e o comissário do governo lhe fizeram crer que só uma confissão completa podia salvar a vida a seu marido, no momento em que ela foi esmagada por aquelas provas evidentes, Marta confessou que o esconderijo em que fora sequestrado o senador era conhecido somente por Michu, os srs. de Simeuse e d'Hautesserre, e que ela tinha levado víveres ao senador, por três vezes, durante a noite. Lourença, interrogada sobre as condições do esconderijo, foi forçada a confessar que Michu o descobrira, e lho mostrara antes do presente caso, para subtrair os gentis-homens às pesquisas da polícia.

Logo que terminaram os interrogatórios, o júri e os advogados foram avisados de que ia recommençar a audiência. Às três horas o presidente abriu a sessão declarando que os debates iam recommençar sobre novos elementos. O presidente mostrou a Michu três garrafas de vinho e perguntou-lhe se reconhecia serem suas, mostrando-lhe a identidade do lacre das duas garrafas vazias com o de uma cheia, tirada pela manhã, da granja, pelo juiz de paz em presença de Marta; Michu não as quis reconhecer por suas, mas essas novas peças de convicção foram apreciadas pelos jurados, aos quais o presidente explicou que as garrafas vazias acabavam de ser achadas no lugar em que fora retido o senador. Cada acusado foi interrogado relativamente à cova situada sob as ruínas do mosteiro. Ficou estabelecido nos debates, após um novo depoimento de todas as testemunhas da acusação e da defesa, que aquele esconderijo, descoberto por Michu, só era conhecido por ele, por Lourença e pelos quatro gentis-homens. Pode-se julgar do efeito produzido na audiência e nos jurados, quando o acusador público declarou que aquela cova, conhecida unicamente pelos acusados e por duas testemunhas, servira de prisão ao senador. Marta foi introduzida. Seu aparecimento causou a mais viva ansiedade no auditório e nos acusados. O sr. de Grandville ergueu-se para protestar contra a inquirição da esposa depondo contra o marido. O acusador público fez observar que, segundo suas próprias declarações, Marta era cúmplice do delito: ela não tinha nem de prestar juramento nem de dar testemunho; devia ser ouvida unicamente no interesse da verdade.

— De resto, basta-nos proceder à leitura de seu interrogatório perante o diretor do júri — disse o presidente, que mandou o escrivão

ler as declarações feitas pela manhã.

— Confirma essas declarações? — perguntou o presidente.

Michu olhou para a esposa, e Marta, que compreendeu a sua falta, caiu completamente desmaiada. Pode-se dizer, sem exagero, que um raio caíra no banco dos acusados e sobre os seus defensores.

— Eu nunca escrevi à minha mulher, da prisão, e lá não conheço nenhum dos funcionários — disse Michu.

Bordin passou-lhe às mãos o fragmento da carta, Michu lançou-lhe apenas um rápido olhar.

— Imitaram minha letra! — exclamou ele.

— A negação é seu último recurso — disse o acusador público.

Introduziram, então, o senador com as cerimônias prescritas para sua recepção. Sua entrada foi uma cena teatral. Malin, a quem os magistrados chamaram de conde de Gondreville, sem piedade para os antigos proprietários daquela bela mansão, olhou, a convite do presidente, para os acusados com a maior atenção e durante muito tempo. Reconheceu que o vestuário dos raptos era exatamente o dos gentis-homens; declarou, porém, que sua perturbação no momento do rapto o impedia de poder afirmar que os acusados fossem os culpados.

— Digo mais — acrescentou —, estou convencido de que esses quatro senhores nada têm a ver com o caso. As mãos que me vendaram os olhos na floresta eram grosseiras. Por isso — disse Malin, olhando para Michu —, acreditaria, antes, que meu antigo administrador se tenha encarregado desse trabalho; mas peço aos senhores jurados que pesem bem o meu depoimento. Minhas suspeitas a respeito são muito leves, e não tenho a mínima certeza. Eis por quê: os dois homens que se apoderaram de mim puseram-me a cavalo, na garupa do que me vendara os olhos, e cujos cabelos eram ruivos como os do acusado Michu. Por mais estranha que pareça a minha observação, devo falar nela, porquanto é a base de uma convicção favorável ao acusado, a quem peço não se chocar com as minhas palavras. Preso às costas de um desconhecido, tive, apesar da rapidez da carreira, de sentir-me afetado por seu cheiro. Ora, não reconheci o que é peculiar a Michu. Quanto à pessoa que, por três vezes, me trouxe víveres, tenho certeza de que é Marta, a esposa de Michu. Reconheci-a, da primeira vez, por um anel que lhe deu a srta. de Cinq-Cygne, e que ela não se lembrara de tirar. A Justiça e os senhores jurados apreciarão as contradições que se encontram nesses fatos, e que ainda não me posso explicar.

Murmúrios favoráveis e de aprovação unânime acolheram o depoimento de Malin. Bordin solicitou à corte autorização para fazer algumas perguntas àquela preciosa testemunha.

— O senhor senador crê, pois, que a sua sequestração derive de outras causas que não os interesses atribuídos aos acusados pela acusação?

— Certamente! — disse o senador — ignoro, porém, esses motivos, porquanto eu declaro que, durante os meus vinte dias de cativo, não vi ninguém.

— Acredita o senhor — disse o acusador público — pudesse o seu castelo de Gondreville conter informações, títulos ou valores que justificassem uma perquisição dos srs. de Simeuse?

— Creio que não — disse Malin. — Julgo esses senhores incapazes, nesse caso, de uma apropriação pela violência. Bastar-lhes-ia que de mim os reclamassem para obtê-los.

— O senhor senador não fez queimar papéis no seu parque? — disse bruscamente o sr. de Grandville.

O senador olhou para Grévin. Após uma rápida troca de olhares sutis com o tabelião, que foi percebida por Bordin, respondeu não ter queimado papéis. Tendo-lhe o acusador público pedido esclarecimento sobre a emboscada no parque, da qual quase fora vítima, e se não se havia enganado sobre a posição da espingarda, o senador disse que Michu estava então de atalaia em cima de uma árvore. Essa resposta, de acordo com o depoimento de Grévin, causou uma viva impressão. Os gentis-homens permaneceram impassíveis durante o depoimento de seu inimigo, que os acabrunhava com sua generosidade. Sofria Lourença a mais horrível das agonias, e, a todo momento, o marquês de Chargebœuf retinha-a pelo braço. O conde de Gondreville retirou-se cumprimentando os quatro gentis-homens, que não retribuíram a sua saudação. Essa pequena coisa indignou os jurados.

— Estão perdidos! — disse Bordin ao ouvido do marquês.

— Infelizmente, sim! Sempre pela altivez de seus sentimentos — respondeu o sr. de Chargebœuf.

— Nossa tarefa tornou-se demasiado fácil, senhores — disse o acusador público, erguendo-se e dirigindo-se aos jurados.

Explicou o emprego dos dois sacos de cal pela fixação do anel de ferro necessário para prender o cadeado que mantinha a barra com a qual a porta da cova era fechada, e cuja descrição constava das pesquisas feitas de manhã por Pigoult. Provou facilmente que só os acusados conheciam a existência da cova. Pôs em evidência as mentiras da defesa, pulverizou-lhe os argumentos, sob as novas provas tão milagrosamente chegadas. Em 1806, ainda se estava demasiado próximo ao Ser Supremo de 1793⁷⁷ para falar em justiça divina: poupou, pois, aos jurados a intervenção do Céu. Enfim, disse que a Justiça vigiaria os cúmplices ignorados que tinham libertado o senador, e sentou-se esperando com confiança o veredicto.

Os jurados acreditaram na existência de um mistério; mas todos estavam persuadidos de que esse mistério provinha dos acusados, que se calavam por um interesse privado da mais alta importância.

O sr. de Grandville, para quem uma qualquer maquinação se

tornava evidente, ergueu-se; mas pareceu acabrunhado, conquanto o estivesse menos pelos novos depoimentos sobrevividos do que pela manifesta convicção dos jurados. Sobrepujou, talvez, sua defesa da véspera. Este segundo discurso foi, talvez, mais lógico e mais convincente do que o primeiro. Sentiu, no entanto, seu ardor repellido pela frieza do júri: falava inutilmente, ele o via! Situação horrível e glacial. Fez notar quanto a libertação do senador, operada como por magia, e evidentemente sem a intervenção de nenhum dos acusados, nem de Marta, corroborava os seus primeiros argumentos. Seguramente que, na véspera, os acusados podiam crer na sua absolvição, e, se fossem, como o supunha a acusação, senhores de deter ou libertar o senador, não o teriam soltado senão depois do julgamento. Tentou fazer compreender que inimigos ocultos na sombra eram os únicos capazes de vibrar esse golpe.

Coisa estranha! O sr. de Grandville não conseguiu perturbar senão a consciência do acusador público e a dos magistrados, porque os jurados ouviam-no apenas por dever. A própria assistência, sempre tão favorável aos acusados, estava convencida de que eram culpados. Há uma atmosfera de ideias. Numa corte de justiça, as ideias da multidão pesam sobre os juízes, sobre os jurados e reciprocamente. Ao ver aquela disposição dos espíritos, que se reconhece ou se sente, o defensor chegou nas suas últimas palavras a uma espécie de exaltação febril causada por sua convicção.

— Em nome dos acusados, eu lhes perdoo de antemão o erro fatal que nada dissipará! — exclamou. — Somos todos joguetes de uma potência desconhecida e maquiavélica. Marta Michu é vítima de uma odiosa perfídia, e isso há de perceber a sociedade, quando irreparáveis forem as desgraças.

Bordin armou-se com o depoimento do senador para pedir a absolvição dos gentis-homens.

O presidente resumiu os debates com tanto maior imparcialidade, por estarem os jurados visivelmente convencidos. Fez mesmo pender a balança em favor dos acusados, amparando-se no depoimento do senador. Essa graciosidade não comprometia o sucesso da acusação. Às onze horas da noite, depois das diferentes respostas do chefe do júri, a corte condenou Michu à pena de morte, os srs. de Simeuse a vinte e quatro anos e os dois D’Hauteserre a dez anos de trabalhos forçados; Gotardo foi absolvido. Toda a sala quis ver a atitude dos cinco culpados no momento supremo em que, conduzidos, livres ante a corte, eles ouviram a sua condenação. Os quatro gentis-homens olharam para Lourença, que lhes dirigiu, de olhos secos, o olhar inflamado dos mártires.

— Ela choraria se estivéssemos absolvidos! — disse o mais novo dos Simeuse ao irmão.

Jamais acusados opuseram frentes mais serenas nem mais digna atitude a uma condenação injusta do que aquelas cinco vítimas de uma horrível trama.

— Já lhes perdoou o nosso defensor — disse o mais velho dos Simeuse dirigindo-se à corte.

A sra. d'Hauteserre adoeceu e ficou três meses de cama, no palácio de Chargebœuf. O velho d'Hauteserre voltou pacificamente para Cinq-Cygne; mas, corroído por uma dessas dores da velhice que não tem nenhuma das distrações da mocidade, teve muitas vezes momentos de esquecimento que provavam ao cura que aquele pobre pai estava sempre no dia seguinte ao da fatal sentença. Não tiveram de julgar a bela Marta, pois na prisão, vinte dias após a condenação do marido, expirou ela nos braços de Lourença, a esta recomendando o filho. Uma vez conhecido o julgamento, acontecimentos políticos da mais alta importância abafaram a lembrança desse processo, em que não mais se falou. A sociedade é como o oceano, após um desastre retoma o seu nível e seu ritmo e apaga os vestígios pelo movimento de seus devoradores interesses.

Sem sua firmeza de alma e sua convicção da inocência dos primos, Lourença teria sucumbido; mas deu novas provas da grandeza de seu caráter, assombrou o sr. de Grandville e Bordin pela aparente serenidade que as desgraças extremas imprimem nas belas almas. Ela vigiava e atendia a sra. d'Hauteserre, e passava todos os dias duas horas na prisão. Disse que desposaria um dos seus primos quando estivessem na cadeia cumprindo a pena.

— Na cadeia! — exclamou Bordin. — Mas, senhorita, não pensamos senão em pedir para eles o perdão ao imperador.

— Seu perdão, e a um Bonaparte! — exclamou Lourença com horror.

Os óculos do velho e digno procurador saltaram-lhe do nariz, ele os pegou antes de caírem, olhou para a jovem criatura que agora parecia uma mulher; compreendeu aquele caráter em toda a sua extensão, tomou o braço do marquês de Chargebœuf e lhe disse:

— Senhor marquês, corramos a Paris para salvá-los, sem ela!

XXI — O BIVAQUE DO IMPERADOR

O recurso dos srs. de Simeuse, d'Hauteserre e de Michu foi o primeiro caso que teve de julgar a corte de cassação. O julgamento foi, portanto, felizmente retardado pelas cerimônias da instalação do tribunal.

Em fins de setembro, após três audiências preenchidas pela acusação e defesa e pelo procurador-geral Merlin,⁷⁸ que atuou em pessoa, o recurso foi rejeitado. A Corte imperial de Paris estava instituída, o sr. de Grandville tinha sido nomeado substituto do procurador-geral e, estando o departamento do Aube sob a jurisdição

daquela câmara, foi-lhe possível, no seio do ministério, dar alguns passos em favor dos condenados; cansou Cambacérès, seu protetor; Bordin e o sr. de Chargebœuf foram na manhã seguinte ao dia da sentença a seu palacete do Marais, onde o encontraram na lua de mel de seu casamento, pois que, no intervalo, se casara. Apesar de todos os acontecimentos sucedidos na existência de seu antigo advogado, o sr. de Chargebœuf viu perfeitamente, pela aflição do jovem substituto, que ele continuava fiel aos seus clientes. Certos advogados, os artistas da profissão, fazem das suas causas amantes. O caso é raro, não se fiem. Assim que os seus antigos clientes e ele ficaram sós no seu gabinete, o sr. de Grandville disse ao marquês:

— Não esperei a sua visita, já empreguei todo o meu crédito. Não tentem salvar Michu, pois que assim não chegam a conseguir perdão aos srs. de Simeuse. É preciso uma vítima.

— Meu Deus! — disse Bordin mostrando ao jovem magistrado os três pedidos de perdão — posso eu assumir a responsabilidade de suprimir o pedido de seu antigo cliente? Atirar este papel ao fogo é cortar-lhe a cabeça.

Apresentou a assinatura de Michu, numa folha em branco; o sr. de Grandville recebeu-a e olhou-a.

— Não podemos suprimi-lo, mas, saiba!, se pedir tudo, não obterá nada.

— Teremos tempo de consultar Michu? — disse Bordin.

— Sim. A ordem de execução compete ao departamento do procurador-geral e podemos conceder-lhe alguns dias. Matam-se os homens — acrescentou com uma espécie de amargura —, mas põem-se nisso formalidades, sobretudo em Paris.

O sr. de Chargebœuf já tivera, em casa do grande juiz, informações que davam enorme peso às tristes palavras do sr. de Grandville.

— Michu é inocente, sei-o, digo-o — replicou o magistrado —; mas que pode um só, contra todos? E lembre-se de que meu papel, hoje, é calar-me. Devo mandar erguer o cadafalso em que será decapitado o meu antigo cliente.

Conhecia o marquês suficientemente Lourença para saber que ela não consentiria em salvar os primos à custa de Michu. O sr. de Chargebœuf fez pois uma última tentativa. Solicitara uma audiência ao ministro das Relações Exteriores, para saber se na alta diplomacia se poderia encontrar um meio de salvação. Levou consigo Bordin, que conhecia o ministro e já lhe prestara alguns serviços. Os dois velhos encontraram Talleyrand absorto na contemplação do fogo de sua lareira, com os pés para a frente, a cabeça apoiada na mão, o cotovelo em cima da mesa, o jornal no chão. O ministro acabava de ler a sentença da corte de cassação.

— Queira sentar-se, senhor marquês — disse o ministro. — E você,

Bordin — acrescentou, indicando-lhe um lugar diante dele, à sua mesa —, escreva:

Sire,

Quatro gentis-homens inocentes, declarados culpados pelo júri, acabam de ver a sua condenação confirmada por vossa corte de cassação.

A vossa majestade imperial nada mais resta do que agraciá-los. Esses gentis-homens não pedem essa graça de vossa augusta clemência senão para ter a oportunidade de utilizar sua morte, combatendo sob os vossos olhos, e dizem-se de vossa majestade imperial e real... com respeito, os... etc.

— Só os príncipes sabem forçar gratidões deste modo — disse o marquês de Chargebœuf tomando, das mãos de Bordin, aquela preciosa minuta, para a qual a si mesmo prometeu conseguir augustas apostilas.

— A vida de seus parentes, senhor marquês — disse o ministro —, está entregue ao azar das batalhas: procure chegar no dia seguinte ao de uma vitória, e eles serão salvos!

Tomou da pena, ele próprio escreveu uma carta confidencial ao imperador, uma de dez linhas ao marechal Duroc; depois tocou a sineta, pediu ao seu secretário um passaporte diplomático e disse tranquilamente ao velho procurador:

— Qual é, seriamente falando, a sua opinião sobre esse processo?

— Não sabe, monsenhor, quem nos enredou tão bem?

— Presumo-o, mas tenho motivos para buscar uma certeza — respondeu o príncipe. — Volte a Troyes, traga-me a condessa de Cinq-Cygne amanhã aqui, a esta mesma hora, porém secretamente; passe pela residência da sra. de Talleyrand, a quem prevenirei de sua visita. Se a srta. de Cinq-Cygne, que será colocada de modo a ver o homem que terei de pé em frente a mim, o reconhecer por ter estado em casa dela na época da conspiração dos srs. de Polignac e de Rivière, seja lá o que for que eu diga, e o que ele responda, nem um único gesto! nem uma única palavra! Não pensem de resto senão em salvar os srs. de Simeuse e d'Hauteserre; não se inquietem com o tratamento do coiteiro.

— Um homem sublime, monsenhor! — exclamou Bordin.

— Que entusiasmo! e em você, Bordin! Então esse homem é alguma coisa. Nosso soberano tem um prodigioso amor-próprio, senhor marquês — disse ele mudando de assunto —, ele vai despedir-me para poder fazer loucuras sem que o contrariem. É um grande soldado que sabe mudar as leis do tempo e do espaço; mas incapaz de mudar os homens, e seu desejo seria fundi-los para seu uso. Agora, não esqueçam que o perdão de seus parentes só pode ser obtido por uma única pessoa... pela srta. de Cinq-Cygne.

O marquês partiu sozinho para Troyes e disse a Lourença o estado em que se achavam as coisas. Lourença obteve do procurador imperial a permissão para ver Michu, e o marquês acompanhou-a até a porta da

prisão, onde ficou esperando-a. Ela saiu com os olhos banhados de lágrimas.

— O pobre homem — disse ela — tentou ajoelhar-se a meus pés para pedir-me que não mais pensasse nele, sem se lembrar de que estava acorrentado! Ah! marquês, advogarei a causa dele. Sim, irei beijar as botas do imperador dessa gente. E, se for malsucedida, pois bem! esse homem, por meus cuidados, viverá eternamente em nossa família. Apresente seu recurso de perdão a fim de ganharmos tempo; quero possuir o retrato dele... Partamos.

No dia seguinte, quando o ministro foi avisado por um sinal convencional de que Lourença estava em seu posto, tocou a campainha, veio seu contínuo e recebeu ordem para deixar entrar o sr. Corentin.

— Meu caro, o senhor é um homem hábil — disse-lhe Talleyrand —, e quero colocá-lo.

— Monsenhor...

— Ouça. Servindo Fouché, terá somente dinheiro e jamais honrarias, nem situação confessável; mas, servindo-me sempre, como acaba de o fazer em Berlim, terá consideração.

— Monsenhor é muito bondoso...

— Foi genial no seu último caso, em Gondreville...

— A que se refere, monsenhor? — disse Corentin tomando um ar entre frio e surpreso.

— Senhor — respondeu secamente o ministro —, não chegará a nada, o senhor teme...

— Quê, monsenhor?

— A morte! — disse o ministro com sua bela voz, profunda e cava. — Adeus, meu caro.

— É ele — disse o marquês de Chargebœuf entrando —; mas quase matamos a condessa, está sufocada!

— Só ele era capaz de semelhante trama — disse o ministro. — Senhor — continuou —, corre perigo de não triunfar. Sigam ostensivamente a estrada de Estrasburgo, vou mandar-lhes passaportes duplos, em branco. Tenham sócias, mudem habilmente de caminho e sobretudo de carruagem, deixem prender em seu lugar, em Estrasburgo, os seus sócias, alcancem a Prússia pela Suíça e pela Baviera. Nem uma palavra, e prudência. Têm contra si a polícia, e não sabem o que é a polícia!...

A srta. de Cinq-Cygne ofereceu a Robert Lefebvre⁷⁹ uma quantia suficiente para decidi-lo a ir a Troyes fazer o retrato de Michu, e o sr. de Grandville prometeu a esse pintor, então célebre, todas as facilidades possíveis. O sr. de Chargebœuf partiu na sua velha berlinda com Lourença e um criado que falava alemão. Mas, cerca de Nancy, alcançou Gotardo e a srta. Goujet, que os tinham precedido numa excelente caleça; ele lhes tomou a caleça e lhes deu a berlinda. O ministro tinha

razão. Em Strasburgo, o comissário-geral da Polícia recusou visar o passaporte dos viajantes, alegando ordens absolutas. Nesse momento mesmo, por Besançon, saíam da França o marquês e Lourença, com os passaportes diplomáticos. Lourença atravessou a Suíça nos primeiros dias de outubro, sem dar a menor atenção àquelas magníficas regiões. Ela estava ao fundo da caleça, no entorpecimento em que tomba o criminoso quando sabe a hora de seu suplício. Toda a natureza cobre-se então de um nevoeiro fervente, e as coisas mais vulgares adquirem feição fantástica. O pensamento “Se eu não consigo nada, eles se matam!” caía-lhe sobre a alma como, no suplício da roda, caía outrora a barra do carrasco sobre os membros do paciente. Sentia-se cada vez mais alquebrada, perdia toda a sua energia na espera do momento cruel, decisivo e rápido, em que se acharia frente a frente com o homem do qual dependia a sorte dos quatro gentis-homens. Resolvera entregar-se ao seu abatimento para não desperdiçar inutilmente a sua energia. Incapaz de compreender esse cálculo das almas fortes e que se traduz diversamente no exterior, porque em esperas supremas certos espíritos superiores abandonam-se a uma alegria surpreendente, o marquês tinha receio de não levar Lourença, viva, até aquele encontro, solene somente para eles, mas que certamente ultrapassava as proporções ordinárias da vida privada. Para Lourença, humilhar-se diante daquele homem, objeto de seu ódio e de seu desprezo, significava a morte de todos os seus sentimentos generosos.

— Depois disso — exclamou — a Lourença que sobreviver não se parecerá mais com a que vai perecer.

Entretanto, foi muito difícil aos dois viajantes não ver o imenso movimento de homens e de coisas no qual penetraram, uma vez chegados à Prússia. A campanha de Iena começara. Lourença e o marquês viam as magníficas divisões do exército francês estendendo-se e formando como nas Tuileries. Naquela ostentação do esplendor militar, que não pode ser descrito senão com as palavras e imagens da Bíblia, o homem que animava aquelas massas tomou proporções gigantescas na imaginação de Lourença. Não tardou que a palavra *vitória* reboasse a seus ouvidos. Os exércitos imperiais acabavam de conseguir duas vantagens notáveis. O príncipe da Prússia fora morto na véspera do dia em que os dois viajantes chegaram a Saalfeld, procurando alcançar Napoleão, que seguia com a rapidez do raio. Finalmente, a 13 de outubro, dia de mau agouro, a srta. de Cinq-Cygne margeava um rio no meio dos corpos do Grande Exército, só vendo confusão, recambiada de uma aldeia para outra, de divisão para divisão, apavorada por se ver só com um ancião, sacudida num oceano de cento e cinquenta mil homens que visavam outros cento e cinquenta mil. Fatigada de ver sempre aquele rio por cima das fileiras de soldados de um caminho barrento que estava seguindo por uma colina, ela

perguntou-lhe o nome, a um soldado.

— É o Saale — respondeu o homem, mostrando-lhe o exército prussiano agrupado em grandes massas do outro lado daquele curso de água.

Caía a noite, Lourença via acenderem-se fogos e brilharem as armas. O velho marquês, cuja intrepidez foi cavalheiresca, ia guiando ele próprio, ao lado de seu novo criado, dois bons cavalos comprados na véspera. O ancião sabia perfeitamente que não acharia nem postilhões nem cavalos ao chegar a um campo de batalha. Repentinamente, a audaciosa caleça, objeto da admiração de todos os soldados, foi detida por um gendarme do Exército, que veio a toda a brida sobre o marquês gritando-lhe:

— Quem é o senhor? para onde vai? que procura?

— O imperador — disse o marquês de Chargebœuf —; tenho uma importante mensagem dos ministros para o grande marechal Duroc.

— Pois bem! não podem ficar aí — disse o gendarme.

A srta. de Cinq-Cygne e o marquês foram, entretanto, forçados a permanecer ali, porque o dia estava extinguindo-se.

— Onde estamos? — perguntou a srta. de Cinq-Cygne, detendo dois oficiais que viu chegar, de uniformes encobertos por capas de pano.

— Estão para diante da vanguarda do exército francês — respondeu-lhe um dos dois oficiais. — Não podem mesmo ficar aqui, porque, se o inimigo fizesse um movimento e a artilharia entrasse em função, estariam entre dois fogos.

— Ah! — disse ela, com ar indiferente.

Ante aquele *Ah!* o outro oficial disse:

— Como se encontra aqui essa mulher?

— Estamos esperando um gendarme que foi prevenir o sr. Duroc — disse ela —, no qual teremos um protetor para podermos falar com o imperador.

— Falar com o imperador! — disse o primeiro oficial. — Pensam nisso? na véspera de uma batalha decisiva!

— Ah! tem razão — disse ela —, não lhe devo falar senão depois de amanhã, a vitória o tornará bondoso.

Os dois oficiais foram colocar-se a vinte passos de distância, montados em seus cavalos imóveis. A caleça foi então cercada por um esquadrão de generais, de marechais, de oficiais, todos extremamente brilhantes, e que respeitaram a carruagem, precisamente porque ela estava ali.

— Meu Deus! — disse o marquês à srta. de Cinq-Cygne — receio que tenhamos falado com o imperador.

— O imperador? — disse um coronel-general. — Mas ali está ele!

Lourença viu então a poucos passos para a frente, e sozinho, aquele que exclamara: “Como se encontra aí essa mulher?”. Um dos dois

oficiais, o imperador enfim, trajando sua célebre sobrecasaca, posta por cima de um uniforme verde, estava montado num cavalo branco, ricamente ajaezado. Com um óculo, examinava o exército prussiano do outro lado do Saale. Lourença compreendeu então por que permanecia ali a caleça e por que a respeitava a escolta do imperador. Invadiu-a um movimento convulsivo: tinha chegado a hora. Ouviu então o ruído surdo de várias massas de homens e de suas armas instalando-se com passo acelerado naquele planalto. As baterias pareciam ter uma linguagem, os trens de artilharia reboavam e o bronze cintilava.

— O marechal Lannes⁸⁰ tomará posição com todo o seu corpo na frente, o marechal Lefebvre e a guarda ocuparão este alto — disse o outro oficial, que era o major-general Berthier.

O imperador desmontou. Ao primeiro movimento que fez, Roustan, seu famoso mameluco, apressou-se em vir segurar-lhe o cavalo. Lourença estava bestificada de espanto: não acreditava em tanta simplicidade.

— Passarei a noite neste planalto — disse o imperador.

Nesse momento, o grande marechal Duroc, que o gendarme finalmente encontrara, chegou-se ao marquês de Chargebœuf e perguntou-lhe o motivo de sua presença; o marquês respondeu-lhe que uma carta escrita pelo ministro das Relações Exteriores lhe diria o quanto era urgente que obtivessem, a srta. de Cinq-Cygne e ele, uma audiência do imperador.

— Sua Majestade vai com certeza jantar em seu bivaque — disse Duroc, recebendo a carta —, e depois que eu vir do que se trata lhes farei saber se isso é possível. Brigadeiro — disse ele ao gendarme —, acompanhe esta carruagem e leve-a para perto da cabana que fica atrás.

O sr. de Chargebœuf acompanhou o gendarme e deteve seu carro por trás de uma miserável choupana feita de madeira e de terra, cercada de algumas árvores frutíferas e guardada por piquetes de infantaria e de cavalaria.

Pode-se dizer que a majestade da guerra ostentava-se ali em todo o seu esplendor. Daquele alto, viam-se iluminadas pela lua as linhas dos dois exércitos. Após uma hora de espera, preenchida pelo perpétuo movimento de ajudantes de campo que iam e vinham, Duroc, que viera procurar a srta. de Cinq-Cygne e o marquês de Chargebœuf, os fez entrar na choupana, cujo chão era de terra batida, como o das eiras de granja. Diante da mesa que já fora levantada, e diante de um fogo de lenha verde que fazia fumaça, estava Napoleão sentado numa cadeira rústica. Suas botas, enlameadas, atestavam as suas excursões pelos campos. Ele tirara a sua famosa sobrecasaca, e, então, o seu célebre uniforme verde, atravessado por um longo cordão vermelho, realçado pelo branco de seu calção de casimira e do seu colete, fazia admiravelmente sobressair seu pálido e terrível rosto cesariano. Estava

com a mão em cima de um mapa desdobrado, colocado sobre os joelhos. Berthier estava de pé, no seu brilhante uniforme de vice-condestável do Império. Constant, o criado de quarto, oferecia ao imperador o seu café, numa bandeja.

— Que querem? — perguntou com fingida rudeza, atravessando com o raio de seus olhos a cabeça de Lourença. — Não tem, pois, mais receio de falar-me antes da batalha?... De que se trata?

— Sire — disse ela fitando-o com um olhar não menos fixo —, sou a srta. de Cinq-Cygne.

— E então? — respondeu ele com voz colérica, julgando-se desafiado por aquele olhar.

— Não compreendeis, pois? Sou a condessa de Cinq-Cygne e venho pedir-vos graça — disse ela caindo de joelhos e estendendo-lhe a petição redigida por Talleyrand, apostilada pela imperatriz, por Cambacérès e por Malin.

O imperador reergueu graciosamente a suplicante, dirigindo-lhe um fino olhar, e lhe disse:

— Terá juízo, afinal? Compreende o que deve ser o Império francês?

— Ah! neste momento só compreendo o imperador — disse ela, vencida pela bonomia com que o homem do destino dissera aquelas palavras que faziam pressentir o perdão.

— São eles inocentes? — perguntou o imperador.

— Todos! — disse ela, com entusiasmo.

— Todos? Não, o couteiro é um homem perigoso que mataria o meu senador sem pedir a sua opinião.

— Oh! Sire — disse ela —, se possuísseis um amigo que se tivesse devotado a vossa majestade, o abandonaríeis? Não vos...

— A senhora é uma mulher — disse ele com um vislumbre de gracejo.

— E vós, um homem de ferro! — afirmou ela com uma dureza apaixonada que agradou ao imperador.

— Esse homem foi condenado pela justiça do país — replicou ele.

— Mas ele é inocente!

— Criança! — disse ele.

Abandonou seu lugar, tomou a srta. de Cinq-Cygne pela mão e levou-a ao planalto.

— Eis aqui — disse ele com sua eloquência peculiar, que transformava os covardes em valentes —, eis aqui trezentos mil homens. Eles também são inocentes! Pois bem! amanhã, trinta mil homens estarão mortos, mortos por sua pátria! Há entre os prussianos, talvez, um grande mecânico, um ideólogo, um gênio que será ceifado. De nosso lado, perderemos certamente grandes homens ignorados. Enfim, eu verei, talvez, morrer o meu melhor amigo! Acusarei Deus por isso? Não. Calar-me-ei. Saiba, senhorita, que se deve morrer pelas leis

da sua pátria, como se morre aqui por sua glória — acrescentou, trazendo-a de volta para a cabana. — Vão, voltem para a França — disse ele, olhando para o marquês —, minhas ordens os seguirão.

Lourença acreditou numa comutação de pena para Michu e, na efusão de seu reconhecimento, dobrou o joelho e beijou a mão do imperador.

— O senhor é o sr. de Chargeboeuf? — disse então Napoleão reconhecendo o marquês.

— Sim, sire.

— Tem filhos?

— Muitos.

— Por que não me daria um dos seus netos? Seria um dos meus pajens...

“Ah! eis o tenente que transparece”, pensou Lourença, “ele quer ser pago da sua graça.”

O marquês inclinou-se, sem responder; felizmente o general Rapp entrou precipitadamente na cabana.

— Sire, a cavalaria da guarda e a do grão-duque de Berg não nos poderão alcançar antes do meio-dia.

— Não importa — disse Napoleão, virando-se para Berthier —, também para nós há horas de graça; saibamos aproveitá-las.

A um gesto de sua mão, o marquês e Lourença retiraram-se e subiram para a carruagem; o brigadeiro os conduziu a seu caminho e levou-os até uma aldeia onde passaram a noite. No dia seguinte, ambos se afastaram do campo de batalha ao ruído de oitocentos canhões, que trovejaram durante dez horas, e, no caminho, souberam da admirável vitória de Iena. Oito dias depois, entravam nos arrabaldes de Troyes. Uma ordem do grande juiz, transmitida ao procurador imperial junto ao tribunal de primeira instância de Troyes, ordenava que fossem postos em liberdade, sob caução, os quatro gentis-homens, enquanto esperavam a decisão do imperador e rei; mas ao mesmo tempo a ordem para a execução de Michu foi expedida pelo tribunal. Essas ordens haviam chegado naquela manhã mesmo. Mais ou menos às duas horas, dirigiu-se então Lourença, em roupas de viagem, à prisão. Obteve licença para ficar junto de Michu, ao qual faziam a triste cerimônia denominada *toilette*. O bom padre Goujet, que pedira para acompanhá-lo até o cadafalso, acabava de dar a absolvição àquele homem, que se desolava de morrer na incerteza da sorte de seus senhores; por isso, quando Lourença apareceu, soltou ele um grito de alegria.

— Posso morrer! — disse.

— Eles foram agraciados, não sei sob que condições — disse-lhe Lourença —, mas foram; e eu tudo tentei por ti, meu amigo, apesar dos conselhos recebidos. Julgava ter-te salvado, mas o imperador iludiu-me por graciosidade de soberano.

— Estava escrito lá em cima — disse Michu — que o cão de guarda devia ser morto no mesmo lugar em que o foram seus velhos senhores!

A última hora passou-se rapidamente. Michu, no momento de partir, não se atrevia a pedir outro favor mais do que beijar a mão da srta. de Cinq-Cygne; ela, porém, ofereceu-lhe as faces e se deixou santamente beijar por aquela nobre vítima. Michu recusou subir para a carreta.

— Os inocentes devem ir a pé! — disse ele.

Não quis que o padre Goujet lhe desse o braço, caminhou com dignidade e resolutamente para o cadafalso. No momento de deitar-se sobre a tábua, disse ao executor, pedindo que lhe baixasse a gola da sobrecasaca, que lhe estava subindo até o pescoço:

— Meu traje lhe pertence, trate de não o cortar.

Os quatro gentis-homens mal tiveram tempo de ver a srta. de Cinq-Cygne; um plantão do general comandante da divisão militar trouxe-lhes patentes de segundo-tenente para o mesmo regimento de cavalaria, com ordem de se reunirem ao seu corpo imediatamente, em Bayonne. Depois de cruéis despedidas, pois todos tiveram um pressentimento do futuro, a srta. de Cinq-Cygne voltou para o seu castelo deserto.

Os dois irmãos morreram juntos, sob os olhos do imperador, em Somosierra,⁸¹ um defendendo o outro, ambos já chefes de esquadrão. Suas últimas palavras foram:

— Lourença, *si meurs!*

O mais velho dos D'Hautesserre morreu como coronel no ataque do bastião de Moscova,⁸² onde o irmão ocupou seu posto. Adriano, nomeado general de brigada na batalha de Dresde, aí foi gravemente ferido, e pôde voltar, para tratar-se em Cinq-Cygne.

Tentando salvar esse destroço dos quatro gentis-homens que vira um momento em torno de si, a condessa, então com trinta e dois anos, desposou-o; mas ofereceu-lhe um coração emurchecido que ele aceitou; as pessoas que amam não duvidam de nada, ou duvidam de tudo.

A Restauração veio achar Lourença sem entusiasmo, os Bourbon chegavam demasiado tarde para ela; não obstante, não teve de que lamentar-se; seu marido, nomeado par de França com o título de marquês de Cinq-Cygne, tornou-se tenente-general em 1816, e foi recompensado com o cordão azul, pelos eminentes serviços que então prestou.

O filho de Michu, do qual cuidou Lourença como se fosse ele seu próprio filho, formou-se em advocacia em 1816. Após ter exercido durante dois anos a profissão, foi nomeado juiz suplente no tribunal de Alençon, e daí passou para procurador no tribunal de Arcis em 1827. Lourença, que superintendera o emprego dos capitais de Michu, entregou ao rapaz uma inscrição de doze mil francos de renda no dia de

sua maioridade; mais tarde fê-lo desposar a rica srta. Girel,⁸³ de Troyes. O marquês de Cinq-Cygne morreu em 1829, nos braços de Lourença, de seu pai, de sua mãe e dos filhos, que o adoravam. Até sua morte, ninguém desvendara ainda o segredo do rapto do senador. Luís XVIII não se recusou a reparar os danos daquele caso; mas ficou mudo quanto às causas daquele desastre com a marquesa de Cinq-Cygne, que o julgou então cúmplice da catástrofe.

XXII — DISSIPADAS AS TREVAS

O falecido marquês de Cinq-Cygne empregara as suas economias, bem como as do pai e da mãe, na aquisição de um magnífico palácio situado na Rue du Faubourg-du-Roule, e incluído no considerável morgado instituído para a manutenção do seu pariato. A sórdida economia do marquês e de seus pais, que muitas vezes afligira Lourença, ficou então explicada. Por isso, após aquela aquisição, a marquesa, que vivia na sua propriedade entesourando para os filhos, passou com tanto maior prazer seus invernos em Paris, por terem sua filha Berta e seu filho Paulo alcançado a idade em que a educação de ambos exigia os recursos de Paris. A sra. de Cinq-Cygne frequentava pouco a sociedade. Seu marido não podia ignorar os pesares que moravam no coração de sua esposa, mas dispensou-lhe as mais engenhosas delicadezas e morreu sem ter amado senão a ela no mundo. Esse nobre coração, incompreendido durante algum tempo, mas a quem a generosa descendente de Cinq-Cygne tributou nos últimos anos tanto amor quanto o que dele recebia, esse marido foi por fim completamente feliz. Lourença vivia sobretudo para as alegrias da família. Mulher alguma em Paris foi mais querida, nem mais respeitada pelos amigos. Ir à sua casa é uma honra. Meiga, indulgente, espirituosa, principalmente simples, agrada às almas de escol, atraí-as, apesar de sua atitude impregnada de dor; mas todos parecem proteger aquela mulher tão forte, e esse sentimento de proteção secreta explica talvez a atração de sua amizade. Sua vida, tão dolorosa durante a juventude, é bela e serena ao entardecer. São conhecidos os seus sofrimentos. Ninguém jamais perguntou quem fosse o original do retrato pintado por Robert Lefebvre, e que, desde a morte do guarda, é o principal e fúnebre ornamento do salão. A fisionomia de Lourença tem a maturidade das frutas vindas dificilmente. Uma espécie de altivez religiosa orna agora aquela fronte maltratada. No momento em que a marquesa veio abrir os seus salões, a sua fortuna, aumentada pela lei das indenizações, atingia a duzentos mil francos de renda, sem contar os ordenados do marido. Lourença herdara do milhão e cem mil francos deixados pelos Simeuse. Desde então ela gastou cem mil francos por ano e pôs o resto de lado para constituir o dote de Berta.

Berta é o retrato vivo da mãe, mas sem audácia guerreira; é a sua mãe fina, espiritual e “mais mulher”, dizia Lourença com melancolia. A marquesa não queria casar a filha antes de ter esta vinte anos. As economias da família, prudentemente administradas pelo velho D’Hauteserre, e colocadas na dívida pública no momento em que as rendas baixaram em 1830, constituíam um dote de cerca de oitenta mil francos de renda para Berta, a qual em 1833 completou vinte anos.

Mais ou menos nessa época, a princesa de Cadignan,⁸⁴ que queria casar seu filho, o duque de Maufrigneuse, havia alguns meses fizera o rapaz estreitar relações com a marquesa de Cinq-Cygne. Jorge de Maufrigneuse jantava três vezes por semana em casa da marquesa, acompanhava mãe e filha aos Italianos,⁸⁵ caracolava a cavalo no Bois de Boulogne⁸⁶ em torno da carruagem delas, quando ambas iam a passeio. Tornou-se então evidente para a sociedade do Faubourg Saint-Germain que Jorge amava Berta. Somente ninguém podia saber se a sra. de Cinq-Cygne tinha o desejo de fazer da filha duquesa, esperando que viesse a ser princesa; ou se a princesa desejava para o filho um tão belo dote, se a célebre Diana ia em busca da nobreza da província, ou se a nobreza da província estava assustada com a celebridade da sra. de Cadignan, com os seus gostos e com sua vida dilapidada. Com o desejo de não prejudicar o filho, a princesa, que se tornara devota, fechara a sua vida íntima, e passava a bela estação em Genebra, numa vila.

Uma noite, a sra. princesa de Cadignan recebia em sua casa a marquesa d’Espard⁸⁷ e De Marsay,⁸⁸ presidente do Conselho. Viu naquela noite esse antigo amante pela última vez, pois que ele morreu no ano seguinte. De Rastignac,⁸⁹ subsecretário de Estado adido ao ministério de De Marsay, dois embaixadores, dois oradores célebres da Câmara dos Pares, os velhos duques de Lenoncourt⁹⁰ e de Navarreins,⁹¹ o conde de Vandenesse e sua jovem esposa,⁹² D’Arthez⁹³ lá estavam e formavam um grupo bastante estranho cuja composição pode ser facilmente explicada: tratava-se de obter do primeiro-ministro um salvo-conduto para o príncipe de Cadignan.⁹⁴ De Marsay, que não queria arcar com essa responsabilidade, vinha dizer à princesa que a causa estava em boas mãos. Um velho político devia trazer-lhe uma solução durante a noite. Anunciaram a marquesa e a srta. de Cinq-Cygne. Lourença, cujos princípios eram intratáveis, ficou não surpreendida, mas chocada, ao ver os mais ilustres representantes do legitimismo, nas duas Câmaras, conversando com o primeiro-ministro daquele que ela nunca chamava senão de monsenhor duque de Orléans,⁹⁵ ouvindo-o e rindo com ele. De Marsay, como as lâmpadas prestes a extinguir-se, brilhava com um último clarão. Ali esquecia de bom grado as preocupações da política. A marquesa de Cinq-Cygne aceitou De Marsay, como se diz que a Corte da Áustria aceitava então o sr. de Saint-Aulaire:⁹⁶ o homem de sociedade fez tolerar o ministro. Ergueu-se ela,

porém, como se movida por molas, quando ouviu anunciar o sr. conde de Gondreville.

— Adeus, senhora — disse ela à princesa, em tom seco.

Saiu com Berta, calculando a direção de seus passos, de modo a não encontrar aquele homem fatal.

— O senhor talvez tenha feito gorar o casamento de Jorge — disse a princesa, em voz baixa, a De Marsay.

O antigo ajudante de procurador vindo de Arcis, o antigo representante do povo, o antigo termidoriano, o antigo tribuno, o antigo conselheiro de Estado, o antigo conde do Império e senador, o antigo par de Luís XVIII, o novo par da Monarquia de Julho fez uma servil reverência à princesa de Cadignan.

— Nada receie, bela dama, nós não fazemos guerra aos príncipes — disse, ao sentar-se junto a ela.

Malin tivera a estima de Luís XVIII, para o qual sua velha experiência não foi inútil. Muito contribuíra para derrubar Decazes,⁹⁷ e aconselhara fortemente o Ministério Villèle.⁹⁸ Recebido friamente por Carlos x, ele esposara os rancores de Talleyrand. Estava agora em grande valimento, sob o décimo segundo governo, no qual tinha a vantagem de servir desde 1789, e que sem dúvida combaterá; mas, fazia quinze meses, rompera a amizade que durante trinta e seis anos o ligara ao mais célebre dos nossos diplomatas. Foi nesse serão que, aludindo ao grande diplomata, teve estas palavras:

— Sabem o motivo de sua hostilidade contra o duque de Bordeaux?...⁹⁹ o pretendente é demasiado jovem...

— O senhor dá com isso — respondeu-lhe De Rastignac — um singular conselho aos moços.

De Marsay, que ficara muito pensativo, após as palavras da princesa, não repontou àqueles gracejos; olhava disfarçadamente para Gondreville, e esperava evidentemente para falar que o ancião, que se deitava cedo, se retirasse. Todos os que ali estavam, testemunhas da saída da sra. de Cinq-Cygne, cujos motivos eram conhecidos, imitaram o silêncio de De Marsay. Gondreville, que não reconhecera a marquesa, ignorava os motivos daquela reserva geral; mas o hábito dos negócios públicos e os costumes políticos lhe haviam dado tato; de resto era homem de espírito, achou que sua presença constrangia e saiu. De Marsay, de pé junto à chaminé, contemplou, de modo a deixar adivinhar graves pensamentos, aquele velho de setenta anos que se retirava lentamente.

— Fiz mal, senhora, em não lhe ter dito o nome do meu intermediário — disse finalmente o primeiro-ministro ouvindo o rodar do carro. — Mas vou resgatar a minha falta e dar-lhe os meios de fazer as pazes com os Cinq-Cygne. Faz mais de trinta anos que a coisa aconteceu, e é tão velha quanto a morte de Henrique IV,¹⁰⁰ que

certamente, entre nós, apesar do provérbio, é bem a história menos conhecida, como muitas outras catástrofes históricas. Juro-lhe, de resto, que se este assunto não concernisse à marquesa, nem por isso estaria ela menos curiosa por conhecê-lo. Enfim, ele esclarece uma passagem famosa dos nossos anais modernos, o do monte Saint-Bernard. Os senhores embaixadores verão com isso que, sob o ponto de vista da profundidade, nossos homens políticos atuais estão muito longe dos Maquiavéis que as torrentes populares ergueram, em 1793, acima das tempestades, e dos quais alguns *acharam*, como diz a romança, *um porto*. Para ser-se hoje alguma coisa em França é preciso ter rolado nas tempestades daquele tempo.

— Mas parece-me — disse a princesa, sorrindo — que, a esse respeito, o seu estado de coisas nada deixa a desejar...

Um riso de boa sociedade bailou em todos os lábios, e o próprio De Marsay não pôde deixar de sorrir. Os embaixadores mostraram-se impacientes, De Marsay teve um acesso de tosse, e fez-se silêncio.

— Numa noite de junho de 1800 — disse o primeiro-ministro —, cerca das três horas da madrugada, no momento em que os primeiros clarões do dia faziam empalidecer as velas, dois homens, fartos de jogar o *bouillotte* ou que jogavam apenas para entreter os outros, deixaram o salão do palácio das Relações Exteriores, então situado à Rue du Bac, e foram para um gabinete. Esses dois homens, dos quais um já morreu e o outro tem *um* pé no túmulo, eram, cada qual no seu gênero, tão extraordinários um quanto o outro. Os dois tinham sido padres e os dois haviam abjurado, ambos casaram-se. Um fora simples oratoriano, o outro usara a mitra episcopal. O primeiro chamava-se Fouché, não lhes direi o nome do segundo;¹⁰¹ mas ambos eram então simples cidadãos franceses, muito pouco simples. Quando os viram caminhando para a alcova, as pessoas que ainda permaneciam ali manifestaram alguma curiosidade. Seguia-os uma terceira personagem. Quanto a esse que se julgava muito mais forte do que os dois primeiros, chamava-se Sieyès,¹⁰² e todos sabem que pertencia igualmente à Igreja, antes da Revolução. O que caminhava com dificuldade era então ministro das Relações Exteriores; Fouché era ministro da Polícia. Sieyès abdicara o consulado. Um homenzinho frio e severo deixou seu lugar e reuniu-se aos três homens dizendo em voz alta, diante de alguém de quem tenho a informação: “Tenho medo da trinca de padres”. Era o ministro da Guerra. O dito de Carnot¹⁰³ não inquietou os dois cônsules que estavam jogando no salão. Cambacérès e Lebrun estavam então à mercê dos seus ministros, infinitamente mais poderosos do que eles. Quase todos esses homens de Estado estão mortos, nada mais se lhes deve: pertencem à História, e a história dessa noite foi terrível; conto-a porque somente eu a conheço, porque Luís XVIII não a contou à pobre sra. de Cinq-Cygne, e porque é indiferente ao governo atual que ela o

saiba. Sentaram-se os quatro. O coxo teve de fechar a porta antes de dizerem a primeira palavra, dizem mesmo que ele puxou a ferrolho. Só as pessoas educadas têm dessas pequenas atenções. Estavam os três padres com os rostos lívidos e impassíveis que lhes conheceram. Somente Carnot apresentava um rosto corado. Por isso foi o militar o primeiro a falar. “De que se trata?” “Da França”, deve ter dito o príncipe, a quem admiro como um dos homens mais extraordinários de nosso tempo. “Da República”, disse com certeza Fouché. “Do Poder”, disse provavelmente Sieyès.

Todos os ouvintes se entreolharam. De Marsay, com a voz, o olhar e o gesto, pintara admiravelmente os três homens.

— Os três padres compreenderam-se às mil maravilhas — continuou —; Carnot, com certeza, olhou para os colegas e para o ex-cônsul com ar bastante digno. Creio que no íntimo estivesse assombrado. “Crê no triunfo?”, perguntou-lhe Sieyès. “De Bonaparte tudo se pode esperar”, respondeu o ministro da Guerra; “ele transpôs com felicidade os Alpes.” “Neste momento”, disse o diplomata com calculada lentidão, “ele está arriscando tudo.” “Enfim, falemos claro”, disse Fouché; “que faremos se o primeiro-cônsul for vencido? É possível um exército? Permaneceremos seus humildes servos?” “Nesse momento, não há mais república”, fez observar Sieyès; “ele é cônsul por dez anos.” “Ele tem mais poderes do que teve Cromwell”, acrescentou o bispo, “e não votou a morte do rei.” “Temos um senhor”, disse Fouché; “conservá-lo-emos se ele perde a batalha, ou voltaremos à república pura?” “A França”, replicou sentenciosamente Carnot, “não poderá resistir senão voltando à energia convencional.” “Sou da opinião de Carnot”, disse Sieyès. “Se Bonaparte volta derrotado, é preciso acabar com ele: já nos admoestou demasiado nestes sete meses.” “Ele tem o Exército!”, replicou Carnot com ar pensativo. “Nós teremos o povo!”, exclamou Fouché. “O senhor é impulsivo!”, replicou o grão-senhor com aquela voz de baixo que conservou, e que fez o oratoriano cair em si. “Sejamos francos”, disse um antigo convencional metendo a cabeça na sala, “se Bonaparte for vencedor, nós o adoraremos; se vencido, o enterraremos!” “Estava aí, Malin?”, disse o dono da casa sem se comover, “você será dos nossos.” E fez-lhe sinal para que se sentasse. Foi a essa circunstância que aquela personagem, convencional bastante obscuro, deveu o vir a ser o que acabamos de ver que ainda é, neste momento. Malin foi discreto, e os dois ministros lhe foram fiéis; mas também ele foi o eixo da máquina e a alma da maquinação. “Esse homem ainda não foi vencido!”, exclamou Carnot com um acento de convicção, “e acaba de sobrepujar Aníbal.” “Em caso de desastre, aqui está o Diretório”, disse com muita esperteza Sieyès, fazendo notar a cada um que eles eram cinco.¹⁰⁴ “E”, disse o ministro dos Negócios Exteriores, “estamos todos interessados em manter a Revolução

Francesa; os três atiramos a batina às urtigas; o general votou a morte do rei. Quanto ao senhor”, disse ele a Malin, “está na posse de bens de emigrados.” “Temos todos os mesmos interesses”, disse peremptoriamente Sieyès, “e nossos interesses estão de acordo com os da pátria.” “Coisa rara!”, observou sorrindo o diplomata. “É preciso agir”, acrescentou Fouché. “A batalha se está ferindo, e Melas¹⁰⁵ tem forças superiores. Gênova rendeu-se, e Masséna¹⁰⁶ cometeu o erro de embarcar para Antibes; não é pois garantido que ele possa juntar-se a Bonaparte, que ficará reduzido aos seus próprios recursos.” “Quem lhe deu essa notícia?”, perguntou Carnot. “É certa”, respondeu Fouché. “Receberá a correspondência na hora da Bolsa.” Aquela gente não tinha cerimônia — comentou De Marsay, sorrindo e detendo-se um instante. — “Ora, não é quando chegar a notícia do desastre”, disse ainda Fouché, “que nós poderemos organizar os clubes, despertar o patriotismo e modificar a Constituição. Nosso 18 de brumário deve estar pronto.” “Deixemos agir o ministro da Polícia”, disse o diplomata, “e desconfiemos de Luciano.” (Luciano Bonaparte¹⁰⁷ era então ministro do Interior.) “Não tenho dúvidas em prendê-lo”, disse Fouché. “Senhores”, exclamou Sieyès, “nosso Diretório não ficará mais sujeito a mutações anárquicas. Organizaremos um poder oligárquico, um Senado vitalício, uma Câmara eletiva que estará nas nossas mãos... saibamos aproveitar os erros do passado.” “Com tal sistema, eu conseguirei a paz”, disse o bispo. “Encontrem-me um homem de confiança para corresponder-me com Moreau, porque o exército da Alemanha será o nosso único recurso!”, exclamou Carnot, que permanecera mergulhado em profunda meditação. Com efeito — continuou De Marsay, após uma pausa —, aqueles homens tinham razão, senhores! Eles foram grandes naquela crise, e eu teria feito como eles. “Senhores!”, exclamou Sieyès em tom grave e solene — disse De Marsay continuando a sua narrativa. — Esta palavra *senhores!* foi perfeitamente compreendida: todos os olhares exprimiram a mesma fé, a mesma promessa, a de um silêncio absoluto, de uma completa solidariedade, no caso em que Bonaparte voltasse triunfante. “Sabemos todos nós o que temos a fazer”, acrescentou Fouché. Sieyès muito suavemente puxara o ferrolho: serviram-no muito bem seus ouvidos de padre. Luciano vinha entrando. “Boas notícias, senhores! um correio trouxe algumas palavras do primeiro-cônsul para a sra. Bonaparte: ele começou com uma vitória em Montebello.” Os três ministros se olharam. “Foi uma batalha geral?”, perguntou Carnot. “Não. Um combate em que Lannes cobriu-se de glórias. Foi um encontro sangrento. Com dez mil homens, atacado por dezoito mil, foi salvo por uma divisão mandada em seu socorro. Ott¹⁰⁸ está em fuga. Enfim, a linha de operações de Melas foi cortada.” “De quando, o combate?”, perguntou Carnot. “Do dia 8”, respondeu Luciano. “Estamos a 13”,

replicou o sábio ministro; “pois bem, segundo toda aparência, os destinos da França se estão jogando no momento em que conversamos.” Com efeito, a batalha de Marengo começou no dia 14 de junho, ao alvorecer. “Quatro dias de espera mortal!”, disse Luciano. “Mortal?”, replicou o ministro das Relações Exteriores, friamente e com ar interrogativo. “Quatro dias”, disse Fouché. Uma testemunha ocular assegurou-me — prosseguiu — que os dois cônsules não souberam desses detalhes senão no momento em que as seis personagens voltaram ao salão. Eram então quatro horas da manhã. Fouché foi o primeiro a sair. Eis o que fez, com malícia infernal e surda atividade, aquele gênio tenebroso, profundo, extraordinário, pouco conhecido, mas que certamente era um gênio igual a Filipe II, a Tibério e a Borgia. Sua conduta, por ocasião do caso de Walcheren, foi a de um militar consumado, de um grande político, de um presidente administrador. Foi o único que Napoleão teve. Sabem que, nesse momento, ele espantou Napoleão. Fouché, Masséna e o príncipe são os três mais notáveis grandes homens, as mais fortes cabeças, como diplomacia, guerra e governo, que eu conheço; se Napoleão os tivesse francamente associado à sua obra, não haveria mais Europa, e sim um vasto império francês. Fouché só se desligou de Napoleão quando o viu pôr de lado Sieyès e Talleyrand. No espaço de três dias, Fouché, conquanto escondendo a mão que revolvía as cinzas da lareira, organizou aquela angústia geral que pesou por sobre toda a França e reanimou a energia republicana de 1793. Como é preciso esclarecer esse canto obscuro de nossa história, dir-lhes-ei que essa agitação, partida dele, que segurava os fios todos da antiga Montanha, produziu as conspirações republicanas pelas quais a vida do primeiro-cônsul foi ameaçada depois da sua vitória de Marengo. Foi a consciência que tinha do mal de que era autor que lhe deu a força necessária para indicar a Bonaparte, apesar da opinião contrária deste, os republicanos como mais metidos do que os realistas naquelas empresas. Fouché conhecia admiravelmente os homens; contou com Sieyès por causa de sua ambição defraudada, com o sr. de Talleyrand por ser este um grão-senhor, com Carnot devido a sua profunda honestidade; temia, porém, ao nosso homem de hoje à noite, e eis como o enredou. Malin naquele tempo era somente Malin, o correspondente de Luís XVIII. Foi forçado pelo ministro da Polícia a redigir as proclamações do governo revolucionário, seus atos, seus decretos, a ordem de pôr fora da lei os facciosos do 18 de brumário; e, mais ainda, foi esse cúmplice contra a vontade que os fez imprimir em número necessário de exemplares e os teve prontos enfardados em sua casa. O impressor foi preso como conspirador, pois escolheram um tipógrafo revolucionário, e a polícia não o soltou senão dois meses depois. Esse homem morreu em 1816, crendo numa conspiração de montanheses. Uma das mais curiosas

cenar representadas pela polícia de Fouché foi, sem contestação, a que provocou o primeiro correio que o mais célebre banqueiro da época recebeu, e que anunciava a perda da batalha de Marengo. A sorte, se estão lembrados, só se declarou a favor de Napoleão pelas sete horas da tarde. Ao meio-dia, o agente enviado ao teatro da guerra, pelo rei das finanças de então, considerou o exército francês aniquilado e apressou-se em despachar um correio. O ministro da Polícia mandou buscar os afixadores de cartazes e os pregoeiros; e pessoa de sua confiança estava chegando com uma carreta carregada de impressos, quando o correio da tarde, que se apressara excessivamente, espalhou a notícia do triunfo, que deixou a França verdadeiramente louca. Houve perdas consideráveis na Bolsa. Mas o grupo dos afixadores e dos pregoeiros que deviam proclamar a condenação que punha Bonaparte fora da lei, a sua morte política, foi retido e esperou que se imprimisse a proclamação e o cartaz em que a vitória do primeiro-cônsul era exaltada. Malin, sobre quem toda a responsabilidade do complô podia recair, ficou tão assustado que pôs os fardos em carrinhos e os levou à noite para Gondreville, onde seguramente enterrou aqueles sinistros papéis nos subterrâneos do castelo que comprara em nome de um homem... Ele o fez nomear presidente de uma corte imperial: chamava-se... Marion! Depois voltou para Paris ainda a tempo de felicitar o primeiro-cônsul. Napoleão, como sabem, veio com espantosa celeridade da Itália à França, depois da batalha de Marengo; mas é certo, para quantos conhecem a fundo a história daquele tempo, que sua pressa teve por causa uma mensagem de Luciano. O ministro do Interior entrevira a atitude do partido montanhês e, sem saber de que lado soprava o vento, teve receios da tormenta. Incapaz de suspeitar dos três ministros, atribuiu aquele movimento aos ódios excitados pelo irmão, no 18 de brumário, e à firme crença em que esteve, na ocasião, o resto dos homens de 1793, de um desastre irreparável na Itália. As palavras “Morte ao tirano!” bradadas em Saint-Cloud,¹⁰⁹ repercutiam sempre aos ouvidos de Luciano. A batalha de Marengo reteve Napoleão nos campos da Lombardia até o dia 25 de junho, ele chegou no dia 2 de julho à França. Ora, imaginem a cara dos cinco conspiradores, felicitando nas Tuileries o primeiro-cônsul por sua vitória. Fouché, no próprio salão, disse ao tribuno, pois esse Malin a quem acabam de ver foi um pouco tribuno, que esperasse ainda, porque não estava tudo concluído. Efetivamente, não lhes parecia, ao sr. de Talleyrand e a Fouché, que Bonaparte estivesse tão casado como eles à Revolução, e por isso o amarraram a ela, para a própria segurança de ambos, com o caso do duque d'Enghien. A execução do príncipe liga-se, por meio de ramificações perceptíveis, ao que se havia tramado no palácio das Relações Exteriores, durante a campanha de Marengo. Certamente hoje, para quem conheceu pessoas bem informadas, é claro que

Bonaparte foi ludibriado como uma criança pelo sr. de Talleyrand e Fouché, que o quiseram indispor irrevogavelmente com a casa de Bourbon, cujos embaixadores faziam, naquela época, tentativas junto ao primeiro-cônsul.

— Talleyrand, jogando seu uíste em casa da sra. de Luynes — disse então uma das personagens que estavam escutando —, puxa, às três horas da madrugada, o relógio, interrompe o jogo, pergunta de repente, sem nenhuma transição, aos seus três parceiros, se o príncipe de Condé tinha outro filho além do duque d'Enghien. Uma pergunta assim tão extravagante, nos lábios do sr. de Talleyrand, causou a maior surpresa. “Por que nos pergunta o que tão bem sabe?”, disseram-lhe. “É para informá-los de que a casa de Condé se extingue neste momento.” Ora, o sr. de Talleyrand permanecia no palácio de Luynes desde o começo da noite, e sabia, sem dúvida, que Bonaparte estava impossibilitado de agradecer.

— Mas — disse De Rastignac a De Marsay — em tudo isso não vejo a sra. de Cinq-Cygne.

— Ah! era você tão moço, meu caro, que eu ia esquecendo a conclusão. Conhecem o caso do rapto do conde de Gondreville, que foi a causa da morte dos dois Simeuse e do irmão mais velho de D'Hauteserre, o qual, por seu casamento com a srta. de Cinq-Cygne, tornou-se conde e depois marquês de Cinq-Cygne...

De Marsay, a pedido de várias pessoas que não conheciam essa aventura, contou o processo, dizendo que os cinco desconhecidos eram beaguins da Polícia Geral do Império, encarregados de destruir os fardos de impressos que o conde de Gondreville viera precisamente queimar, julgando o Império firmado.

— Suspeito Fouché — disse ele — de ali ter mandado, ao mesmo tempo, procurar provas da correspondência entre Gondreville e Luís XVIII, com o qual sempre tivera ele entendimentos, mesmo durante o Terror. Mas, nesse espantoso caso, houve paixão da parte do agente principal, que ainda vive, um desses grandes homens subalternos que jamais é possível substituir, e que se fez notar por façanhas incríveis. Parece que a srta. de Cinq-Cygne o maltratara, quando fora ele para prender os Simeuse. Assim pois, senhora, conhece o segredo do caso; poderá explicá-lo à marquesa de Cinq-Cygne e fazer-lhe compreender por que Luís XVIII guardou silêncio.

Paris, janeiro de 1841

**O DEPUTADO
DE ARCIS**

ROMANÇO DE JOSÉ DE ALMEIDA

INTRODUÇÃO

A primeira parte de *O deputado de Arcis* (em francês: *Le député d'Arcis*), intitulada *A eleição*, foi publicada em folhetim do jornal *L'Union Monarchique*, de 7 de abril a 3 de maio de 1847, enquanto Balzac recebia em Paris a visita da condessa Hanska, sua noiva, que viera passar dois meses e meio com ele. Cada vez mais endividado, cada vez mais presa de sua paixão de colecionador de arte, o escritor, para receber dignamente aquela em quem, além de sua futura esposa, via também a solucionadora da sua desesperada situação material, procurara dinheiro por toda parte, vendendo a diversos jornais e editores obras ainda não acabadas. Uma delas era *O deputado de Arcis*, no qual ele trabalhava desde 1843, mas de que só terminara a primeira parte, a mesma que saiu em *L'Union Monarchique*. O resto nunca seria escrito; o romance permaneceu em estado de fragmento.

Os leitores hão de lamentar conosco o não acabamento dessa obra, que, pela amostra, seria um trabalho de valor. Sátira do sistema eleitoral, era, ao mesmo tempo, destinada a ser um desses quadros da vida provinciana em que Balzac tanto excelia. A série de figuras que retrata nessa parte introdutória do livro lembra a galeria magnífica de *O gabinete das antiguidades* ou de *Um conchego de solteirão*.

É particularmente notável o partido que, em *A eleição*, o escritor sabe tirar do processo do reaparecimento das personagens. O deputado de Arcis devia formar a continuação de *Um caso tenebroso*, mas entre a ação dos dois livros medeiam trinta e três anos. As personagens são, em sua maioria, as mesmas, mas trabalhadas, amolgadas, espremidas pelo tempo. As paixões que outrora inspiraram os figurantes do caso tenebroso apagaram-se havia muito; mas seus efeitos, às vezes os mais indiretos, perpetuam-se e estão na origem de novas fortunas, situações e alianças. O começo de *O deputado de Arcis* alarga ainda a complexa perspectiva daquele outro romance e aprofunda em nós a sensação do histórico. É em livros como este que Balzac preludia mais nitidamente a concepção proustiana do tempo perdido.

No ponto em que Balzac abandonou a obra, íamos precisamente assistir a uma viravolta da ação. Não é difícil calcular o caráter que o romance ia assumir. Não concordo, neste pormenor, com Bouteron e Longnon, que afirmam (ed. Conard, v. XXI, p. 449) que só o ambiente estava indicado e não havia indicação alguma quanto à continuação. A linha da ação lembra naturalmente outros romances semelhantes de Balzac e estes permitem formular certas conjecturas. Depois da apresentação das figuras, que nos *Estudos de costumes* quase sempre é

lenta, a narrativa ia ganhar ritmo e transformar-se num romance de intriga. O aparecimento de Máximo de Trailles, esse gênio da velhacaria, encarregado de uma missão eleitoral, ia fatalmente perturbar a modorra de Arcis e tornar renhida a contenda, que parecia resolver-se pacificamente. Pela parte existente pode-se ver muito bem que *O deputado de Arcis* ia ser uma dessas histórias de “parisienses na província”, como, por exemplo, *A musa do departamento*, na qual o autor, para movimentar um ambiente provinciano estagnado e sem dramaticidade, vai trazer de Paris uma nova personagem.

Continuando as conjecturas, é lícito admitir que Máximo seria o protagonista da segunda parte, por ser uma personagem divertida e de muitos recursos, a quem Balzac até então só aproveitara em papéis menores; vê-se, pela análise de seu caráter e pela maneira por que entra em ação, que desta vez ia dar tudo o que tinha.

O leitor pode-se divertir em imaginar a conclusão que o romancista teria dado a seu livro. Mas, por mais que se esforce, nunca chegará a adivinhar o fim que lhe foi dado pelo sublitterato Charles Rabou, a quem a viúva de Balzac encarregou de completar o romance.

O visconde Spoelberch de Lovenjoul, em *Histoire des oeuvres de Balzac*, afirma que foi o próprio escritor que, durante sua última e fatal doença, encarregara a Rabou, seu velho amigo, dessa difícil tarefa — Rabou tinha colaborado com Balzac, em 1832, numa coletânea de histórias intitulada *Contos pardos*. Henri de Longnon e Marcel Bouteron, sem confirmar essa versão, citam uma carta inédita da viúva de Balzac, a ex-condessa Hanska, escrita em 21 de abril de 1851, a Dutocq: “Voltei a folhear e a ver meus caros e preciosos manuscritos; depois de ter refletido e meditado muito, só vejo na verdade o sr. Rabou que possa acabar *O deputado de Arcis*. É o trabalho mais difícil de tudo o que resta acabar, pois a segunda parte não foi sequer esboçada e as indicações que eu posso dar estão muito incompletas, sinto-o”.

Os leitores atentos lembrar-se-ão de que a inconsolável viúva fez outro tanto com *Os pequeno-burgueses*, com a agravante de nem sequer assinalar a colaboração póstuma, mandando acrescentar cinicamente cinco volumes apócrifos aos três autênticos, sem dúvida para cobrar os direitos autorais de oito.

No caso de *O deputado de Arcis* houve a inegável atenuante de se marcar em alguma parte do livro (não consegui ter a edição em mão): *Acabado por Charles Rabou*. É verdade que essa indicação deve estar meio escondida, senão Cerfberr e Christophe, em seu catálogo de personagens de *A comédia humana*, não teriam incluído personagens completamente inventadas por Charles Rabou.

Mas houve também uma agravante. Ao original de Balzac, que daria apenas volume e meio — dos de pequeno formato usados então —, Rabou acrescentou mais dois e meio, publicando o todo sob o título de

O deputado de Arcis, em 1854. Depois, para aproveitar a popularidade, ainda quente, de Balzac, anexou-lhes, em 1855, mais cinco volumes, sob o título de *O conde de Sallenaue*, e, enquanto estava com a mão na massa, completou-os com mais quatro, no mesmo ano, intitulados *A família Beauvisage*.

Coitado de Balzac! A obra decuplicou, aquele volume e meio rendeu os honorários de treze volumes à sociedade Condessa & Rabou.

Um escritor de gênio não inferior a Balzac e que lhe conhecesse profundamente a obra poderia talvez completar-lhe os livros inacabados. Proust mostrou-o no seu admirável pasticho do *Caso Lemoine* “contado por Balzac”. Mas esse Rabou, decididamente, era um imbecil e meteu Balzac morto nas piores trapalhadas.

Longnon e Bouteron, que, no fim de *Os pequeno-burgueses*, ainda resumem a “conclusão” em cinco volumes apensa pelo sr. Rabou, recusam-se, com nojo, a fazer outro tanto com os onze e meio volumes “rabouanos” de *O deputado de Arcis*, pois “Balzac certamente não lhes perdoaria tal indignidade”. Nojo perfeitamente justificado, pois Rabou relega ao segundo plano todas as personagens do romance, e para o primeiro empurra uma nova figura inventada por ele, o escultor Dorlange, para quem inventa uma complicadíssima vida pregressa, tornando-o neto de Danton (!) e filho de Jacques Collin, aliás Vautrin (!), transformando-o em conde de um dia para outro, pondo-o em contatos complicados com Maria Gastão e a sra. de l'Estorade (personagens pálidas de *Memórias de duas jovens casadas*, que Balzac tivera o bom gosto de não exumar), com os Lanty de *Sarrasine* etc., e elegendo-o, sem que se saiba por quê, deputado de Arcis. Com tais cambalhotas, a vigorosa narrativa de Balzac degenera imediatamente em grotesco romance de cordel.

Discute-se muito sobre o papel da condessa Hanska na vida de Balzac; uns acham-na o anjo tutelar e estimulador, outros o gênio mau que o esgotou e lhe atrapalhou a existência. O que é certo, à vista da colaboração póstuma que ela impunha ao marido morto, é que não lhe suspeitava a grandeza, nem sobretudo era capaz de compreender-lhe a obra. Entregar a sucessão de Balzac, ávido de perfeição e que via dez a vinte provas de cada obra, a um Rabou não demonstra outra coisa.

O DEPUTADO DE ARCIS

PRIMEIRA PARTE

A ELEIÇÃO

I — TODA ELEIÇÃO COMEÇA POR UMA LIMPEZA GERAL

No fim do mês de abril de 1839, cerca das dez horas da manhã, o salão da sra. Marion, viúva de um antigo recebedor-geral do departamento do Aube, apresentava um aspecto estranho. De toda a mobília, nada mais restava senão as cortinas nas janelas, os enfeites da chaminé, o lustre e a mesa de chá. O tapete de Aubusson, despregado quinze dias antes do tempo, obstruía os degraus da escada de entrada, e o parquet acabava de ser esfregado com pertinácia, sem que por isso ficasse mais claro. Era uma espécie de presságio doméstico concernente ao futuro das eleições que se preparavam em toda a superfície da França. Amiúde as coisas são tão espirituais quanto os homens. É isto um argumento em favor das Ciências Ocultas.

O velho criado do coronel Giguet, irmão da sra. Marion,¹ acabava de varrer a poeira que se insinuara no parquet durante o inverno. A criada de quarto e a cozinheira, com uma presteza que indicava um entusiasmo igual à sua dedicação, carregavam as cadeiras de todos os quartos da casa e as amontoavam no jardim.

Apressemos-nos a dizer que as árvores já ostentavam largas folhas, através das quais se via um céu sem nuvens. O ar da primavera e o sol de maio permitiam conservar abertas, quer a porta envidraçada, quer as duas janelas daquele salão, o qual formava um grande quadrado.

Indicando às duas mulheres o fundo do salão, a velha senhora deu-lhes ordem para que dispusessem as cadeiras em quatro filas, deixando entre cada uma delas uma passagem de cerca de três pés de largura. Cada fila ficou logo constituída por dez cadeiras de várias qualidades.

Uma ordem de cadeiras estendeu-se ao longo das janelas e da porta envidraçada. Na outra extremidade do salão, em frente às quarenta cadeiras, a sra. Marion colocou três poltronas por trás da mesa de chá, que foi coberta com um pano verde, e em cima da qual ela pôs uma campainha.

O velho coronel Giguet chegou àquele campo de batalha no momento em que a irmã cogitava de preencher os espaços vazios de cada lado da chaminé, mandando levar para ali as duas banquetas de sua antecâmara, não obstante a calvície do veludo, que já contava vinte e quatro anos de serviço.

— Temos assento para setenta pessoas — disse ela triunfalmente ao

irmão.

— Deus queira que tenhamos setenta amigos! — respondeu o coronel.

— Não faltava mais nada se, depois de termos recebido todas as noites, durante vinte e quatro anos, a sociedade de Arcis-sur-Aube, nos viesse a faltar nesta circunstância um único dos nossos frequentadores!... — disse a velha dama com ar ameaçador.

— Ora — respondeu o coronel, dando de ombros e interrompendo a irmã —, vou citar-te dez pessoas que não podem e não devem vir. Em primeiro lugar — disse ele contando nos dedos —, Antonino Goulard,² o subprefeito, um! O procurador do rei, Frederico Marest,³ dois! Sr. Olivério Vinet,⁴ seu substituto, três! Sr. Martener,⁵ o juiz de instrução, quatro! O juiz de paz...

— Naturalmente que não sou tão tola — disse a velha senhora, interrompendo, por sua vez, o irmão — para querer que gente que está colocada assista a uma reunião cuja finalidade é dar mais um deputado à oposição... Entretanto, Antonino Goulard, companheiro de infância e de colégio de Simão, ficará bem contente de o ver deputado, porque...

— Olha, irmã, deixa que nós, homens, façamos o nosso trabalho... Onde está Simão?

— Está vestindo-se — respondeu ela. — Ele fez bem em não almoçar, porque está muito nervoso, e embora nosso jovem advogado tenha o hábito de falar no tribunal, teme esta sessão como se nela devesse encontrar inimigos.

— Pois olhe! tive muitas vezes de suportar o fogo das baterias inimigas, e, no entanto, minha alma, não digo meu corpo, jamais tremeu; mas se fosse preciso pôr-me aqui — disse o velho militar sentando-se à mesa do chá —, olhar os quarenta burgueses que estarão sentados em frente, de boca aberta, com os olhos cravados nos meus, à espera de períodos altissonantes e corretos... eu ficaria com a camisa molhada antes de achar uma palavra para dizer.

— E entretanto, querido pai, vai ser preciso que faça esse esforço por mim — disse Simão Giguet entrando pelo pequeno salão —, pois, se existe no departamento do Aube um homem cuja palavra seja influente, esse homem é o senhor. Em 1815...

— Em 1815 — disse aquele velhinho admiravelmente conservado — eu não tive de falar; redigi, muito simplesmente, uma pequena proclamação que fez erguerem-se dois mil homens em vinte e quatro horas... E é coisa bem diferente pôr o nome embaixo de uma página que será lida por um departamento, ou falar a uma assembleia. Nesse ofício o próprio Napoleão naufragou. Por ocasião do 18 de brumário, ele só disse asneiras aos Quinhentos.⁶

— Mas afinal, meu pai — disse Simão —, trata-se de toda a minha vida, da minha carreira, da minha felicidade... Veja, não olhe senão para

uma pessoa e faça de conta que está falando somente para ela... e assim sairá do apuro.

— Meu Deus! — disse a sra. Marion — sou apenas uma mulher velha; mas numa circunstância como essa, e sabendo do que se trata, ora... eu seria eloquente.

— Demasiadamente eloquente, talvez! — disse o coronel. — E ir além do alvo não é atingi-lo. Mas de que se trata, afinal? — continuou ele olhando para o filho. — De há dois dias para cá, você liga a essa candidatura umas ideias... Se meu filho não for eleito, tanto pior para Arcis, e pronto!

Essas palavras, dignas de um pai, estavam em harmonia com todo o passado de quem as proferia.

O coronel Giguet, um dos mais estimados oficiais do Grande Exército, recomendava-se por um desses caracteres cujo fundo é uma excessiva probidade, unida a uma grande delicadeza. Nunca procurou impor-se; as recompensas tinham de ir procurá-lo; por isso, permaneceu durante onze anos simples capitão de artilharia na Guarda, onde foi nomeado chefe de batalhão só em 1813, e major em 1814. Sua dedicação quase fanática por Napoleão não lhe permitiu servir aos Bourbon, após a primeira abdicação. Enfim, seu devotamento em 1815 foi de tal natureza, que teria sido banido, não fosse o conde de Gondreville, que o fez riscar da lista e acabou obtendo para ele uma pensão de reforma e o posto de coronel.

A sra. Marion, Giguet em solteira, tinha outro irmão que chegou a coronel de gendarmeria em Troyes e a quem acompanhara em outros tempos. Em Troyes casou-se com o sr. Marion, recebedor-geral do Aube.

O falecido sr. Marion, recebedor-geral, tinha um irmão primeiro-presidente de um tribunal imperial. Simples advogado em Arcis, esse magistrado emprestara seu nome, durante o Terror, ao famoso Malin do Aube, representante do povo, para a aquisição da propriedade rural de Gondreville. Por isso, todo o prestígio de Malin, feito senador e conde, foi posto à disposição da família Marion. O irmão do advogado teve por isso a receita geral do Aube, numa época em que, longe de ter de escolher entre trinta solicitantes, o governo sentia-se muito feliz por encontrar alguém que quisesse aceitar postos tão escorregadios.

Marion, o recebedor-geral, herdou o espólio do irmão presidente, e a sra. Marion, o do irmão coronel de gendarmeria. Em 1814 o recebedor-geral sofreu reveses. Morreu ao mesmo tempo que o Império, mas sua viúva achou quinze mil francos de renda entre os destroços dessas diversas fortunas acumuladas. O coronel de gendarmeria Giguet deixara seus bens à irmã, ao ter conhecimento do casamento do irmão artilheiro, o qual, em 1806, desposara uma das filhas de um rico banqueiro de Hamburgo. Sabe-se qual foi o entusiasmo da Europa pelos sublimes soldados do imperador Napoleão!

Em 1814, a sra. Marion, quase arruinada, voltou a residir em Arcis, sua terra natal, onde comprou, na Grande-Place, uma das mais belas casas da cidade, cuja localização indica ser ela uma antiga dependência do castelo. Acostumada a receber muita gente em Troyes, onde o recebedor-geral reinava, seu salão abriu-se para as notabilidades do partido liberal de Arcis. Uma mulher acostumada às regalias de uma realeza de salão a elas não renuncia facilmente. De todos os hábitos, os da vaidade são os mais tenazes.

Bonapartista, depois liberal, porquanto, por uma das mais estranhas metamorfoses, os soldados de Napoleão se apaixonaram quase todos pelo sistema constitucional, o coronel Giguët foi, durante a Restauração, o presidente natural do comitê diretor de Arcis, o qual se compunha do tabelião Grévin, de seu genro Beauvisage e de Varlet filho, o primeiro médico de Arcis, cunhado de Grévin, personagens que vão todas figurar nesta história, infelizmente, para nossos costumes políticos, demasiadamente verídica.

— Se nosso querido filho não é eleito — disse a sra. Marion, depois de olhar para a antecâmara e para o jardim a fim de ver se ninguém a podia ouvir — ele não obterá a srta. Beauvisage; pois que, para ele, no triunfo de sua candidatura, há o casamento com Cecília.

— Cecília? — disse o ancião, esbugalhando os olhos e fitando a irmã com ar estupefato.

— Em todo o departamento, meu irmão, talvez você seja o único capaz de esquecer o dote e as esperanças da srta. Beauvisage!

— É a mais rica herdeira do departamento do Aube — disse Simão Giguët.

— Mas quer parecer-me que meu filho não é um homem a quem se desdenhe — replicou o velho militar —; ele é seu herdeiro, já tem a legítima da mãe, e, quanto a mim, penso deixar-lhe alguma coisa mais do que o meu nome, seco, sem mais nada.

— Tudo isso junto não alcança trinta mil francos de renda, e já houve gente que se apresentasse com essa fortuna, sem falar numa boa posição.

— E? — perguntou o coronel.

— E foram recusados!

— Mas então que querem os Beauvisage? — perguntou o coronel, olhando alternadamente para a irmã e para o filho.

Pode-se achar extraordinário que o coronel Giguët, irmão da sra. Marion, em cuja casa a sociedade de Arcis se reunia todos os dias fazia vinte e quatro anos, cujo salão era o eco de todos os murmúrios, de todas as maledicências, de todos os diz que diz ques do departamento do Aube, e onde, talvez, alguns nascessem, ignorasse acontecimentos e fatos dessa natureza; sua ignorância, porém, parecerá natural, logo que se faça observar que esse nobre destroço das velhas falanges

napoleônicas deitava-se e levantava-se com as galinhas, como fazem todos os velhos que querem viver toda a sua vida. Não assistia nunca, portanto, às conversações íntimas. Existem na província duas espécies de conversações: a que se sustenta oficialmente quando todos estão reunidos, jogando cartas ou tagarelando; depois, a que se cozinha a *fogo brando*, como uma sopa bem preparada, quando não restam mais, em frente à chaminé, senão três ou quatro amigos em cuja descrição se confia, e que não repetem nada do que se falou, a não ser na sua própria casa, quando estão com três ou quatro outros amigos, também de confiança.

Fazia nove anos, desde o triunfo das suas ideias políticas, o coronel vivia quase fora da sociedade. Levantando-se com o sol, dedicava-se à horticultura, adorava as flores, e, de entre todas, só cultivava rosas. Tinha as mãos negras do verdadeiro jardineiro, cuidava de seus canteiros. Seus canteiros! essa visão lembrava-lhe os quadros de homens multicores alinhados nos campos de batalha. Sempre conferenciando com o seu jardineiro, pouco se mesclava, sobretudo nos dois últimos anos, com a sociedade, que apenas entrevia de quando em quando. Só fazia uma refeição em família, o jantar, porque se levantava cedo demais para poder almoçar com o filho e a irmã.

Aos esforços desse coronel deve-se a famosa rosa Giguet, que todos os amadores conhecem.

Esse ancião, que chegara à condição de fetiche doméstico, era exibido, como se pode imaginar, nas grandes circunstâncias. Algumas famílias dispõem de um semideus desse gênero, e se pavoneiam com ele como outras o fazem com um título.

— Creio ter percebido que, desde a Revolução de Julho — respondeu a sra. Marion ao irmão —, a sra. Beauvisage aspira a viver em Paris. Forçada a ficar aqui enquanto o pai viver, ela transferiu sua ambição para o futuro genro, e a bela dama sonha com os esplendores da vida política.

— Amas Cecília? — perguntou o coronel ao filho.

— Sim, meu pai.

— E tu lhe agradas?

— Assim creio, pai; mas trata-se de agradar também à mãe e ao avô. Embora o velhote Grévin queira contrariar minha eleição, o êxito decidirá a sra. Beauvisage a me aceitar, porque terá esperanças de me governar a seu bel-prazer, ser ministro através de mim.

— Ah! que boa pilhéria — exclamou a sra. Marion. — Que é que ela pensa que nós somos?

— Quem foi que ela recusou? — perguntou o coronel à irmã.

— Ora, nos três últimos meses, Antonino Goulard e o procurador do rei, sr. Frederico Marest, receberam, segundo dizem, dessas respostas equívocas que serão tudo o que quiserem, menos um *sim*.

— Oh! meu Deus! — disse o ancião erguendo os braços — em que tempo vivemos! Mas se Cecília é filha de um vendedor de bonés e neta de um granjeiro... quererá a sra. Beauvisage ter como genro um conde de Cinq-Cygne?

— Meu irmão, não zombe dos Beauvisage. Cecília é rica bastante para poder escolher um marido onde ela quiser, mesmo no partido a que pertencem os Cinq-Cygne... Mas estou ouvindo a sineta que lhes anuncia os eleitores; deixo-os e lamento bastante não poder ouvir o que se vai dizer.

II — REVOLTA DE UM BURGO PODRE LIBERAL

Conquanto 1839 esteja, politicamente falando, bem distanciado de 1847, pode-se ainda hoje recordar as eleições que determinaram a coalizão, tentativa efêmera que a Câmara dos Deputados organizou para realizar a ameaça de um governo parlamentar; ameaça à Cromwell, que, sem um Cromwell, não podia terminar sob um príncipe inimigo da fraude⁷ senão no triunfo do sistema atual, em que as câmaras e os ministros se assemelham aos atores de pau que o proprietário do teatro Guignolet⁸ faz representarem, com grande satisfação dos passeantes sempre pasmados.

A circunscrição de Arcis-sur-Aube achava-se naquela época numa situação singular: julgava-se livre para escolher um deputado. Desde 1816 até 1836, tinha-se eleito ali um dos mais pesados oradores da esquerda, um dos dezessete chamados *grandes cidadãos* pelo partido liberal, enfim, o ilustre Francisco Keller,⁹ da casa Keller Irmãos, genro do conde de Gondreville.

Gondreville, uma das mais magníficas terras de França, está situada a um quarto de légua de Arcis.

Esse banqueiro, recentemente nomeado conde e par de França, esperava, sem dúvida, transmitir ao filho, então com trinta anos, sua sucessão eleitoral, a fim de torná-lo apto, um dia, para o pariato. Sendo já chefe de esquadrão no Estado-Maior, e um dos favoritos do príncipe real, Carlos Keller, feito visconde, pertencia ao partido da corte cidadã.¹⁰ Os mais brilhantes destinos pareciam reservados a um rapaz poderosamente rico, de grande coragem, assinalado por seu devotamento à nova dinastia, neto do conde de Gondreville e sobrinho da marechala de Carigliano;¹¹ essa eleição, entretanto, tão necessária ao seu futuro, apresentava grandes dificuldades a vencer.

Depois do acesso da burguesia ao poder, Arcis sentia um vago desejo de se mostrar independente. Por isso, as últimas eleições de Francisco Keller tinham sido perturbadas por alguns republicanos, cujos casquetes encarnados e cujas barbas belicosas não tinham assustado muito agente de Arcis. Explorando as tendências da localidade, o

candidato radical pôde reunir trinta ou quarenta votos. Alguns habitantes, humilhados por verem sua cidade incluída no número dos burgos podres da oposição, juntaram-se aos democratas, embora inimigos da democracia. Em França, no escrutínio das eleições, formam-se produtos político-químicos nos quais as leis das afinidades são derrubadas.

Ora, eleger o jovem comandante Keller, em 1839, depois de ter eleito o pai durante vinte anos, revelava uma verdadeira servidão eleitoral, contra a qual se revoltava o orgulho de vários burgueses enriquecidos, que julgavam valer tanto como um sr. Malin, conde de Gondreville, e como os banqueiros Keller irmãos, e os Cinq-Cygne, e até mesmo o rei dos franceses!

Assim é que os numerosos partidários do velho Gondreville, rei do departamento do Aube, esperavam dele uma nova demonstração de sua habilidade, tantas vezes posta à prova. Para não comprometer a influência de sua família na circunscrição de Arcis, aquele velho homem de Estado proporia sem dúvida para candidato um filho da terra, o qual cederia seu lugar a Carlos Keller, aceitando um cargo público; caso parlamentar que torna o eleito do povo sujeito à reeleição.

Quando Simão Giguet sondou, a respeito das eleições, o fiel amigo do conde, o antigo tabelião Grévin, esse ancião respondeu que, mesmo sem conhecer as intenções do conde de Gondreville, faria de Carlos Keller seu candidato e empregaria toda a sua influência para aquela eleição.

Apenas circulou em Arcis essa resposta do velhote Grévin, houve na cidade uma reação contra ele. Embora, durante trinta anos de tabelionato, esse Aristides¹² champanhês tivesse possuído a confiança da cidade, tivesse sido *maire* de Arcis desde 1804 até 1814 e durante os Cem Dias; embora a oposição o tivesse aceito como chefe até o triunfo de 1830, época em que ele recusou as honras da *mairie*, alegando sua idade; enfim, embora a cidade, para demonstrar-lhe sua afeição, tivesse escolhido para *maire* seu genro, o sr. Beauvisage, revoltaram-se contra ele, e alguns rapazes chegaram a tachá-lo de caduquice. Os partidários de Simão Giguet viraram-se então para Philéas Beauvisage, o *maire*, e puseram-no com tanto mais facilidade do seu lado, porque, sem estar de mal com o sogro, ele blasonava uma independência que degenerava em frieza, mas que o esperto sogro lhe consentia vendo nisso um excelente meio de ação sobre a cidade de Arcis.

O senhor *maire*, interrogado na véspera em praça pública, declarou que diplomaria o primeiro inscrito na lista dos elegíveis de Arcis, de preferência a dar seu voto a Carlos Keller, a quem, aliás, estimava infinitamente.

— Arcis não será mais um burgo podre! — disse ele — ou então emigro para Paris.

Lisonjeando as paixões do momento, pode-se ser um herói em toda parte, mesmo em Arcis-sur-Aube.

— O senhor *maire* — dizia-se — acaba de consagrar a firmeza de seu caráter.

Nada marcha tão rapidamente como uma revolta legal. Nessa noite, a sra. Marion e seus amigos organizaram para o dia seguinte uma reunião dos *eleitores independentes*, a favor de Simão Giguët, o filho do coronel. Esse dia acabava de despontar e revolucionara toda a casa para a recepção dos amigos, com cuja independência se contava.

Simão Giguët, candidato nato de uma pequena cidade desejosa de eleger um de seus filhos, tinha, como se vê, aproveitado logo essa agitação dos espíritos para tornar-se o representante das necessidades e dos interesses da Champagne Pouilleuse.¹³ Entretanto, toda a consideração e fortuna da família Giguët era obra do conde de Gondreville. Mas pode lá haver sentimentos em matéria de eleição?

Esta cena é escrita para ensinamento dos países bastante infelizes por não conhecerem os benefícios de uma representação nacional e que, por conseguinte, ignoram as guerras intestinas, o preço dos sacrifícios, à feição de Brutus, pelos quais uma cidadezinha gera um deputado! Espetáculo majestoso e natural, ao qual não se pode comparar senão o do parto: os mesmos esforços, as mesmas impurezas, os mesmos despedaçamentos, o mesmo triunfo!

Pode-se perguntar por que um filho único, cuja fortuna era satisfatória, se achava, como Simão Giguët, na situação de simples advogado na pequena cidade de Arcis, onde os advogados são mais ou menos inúteis.

Torna-se aqui necessária uma palavra sobre o candidato.

O coronel tivera, de 1806 a 1813, de sua esposa, que morrera em 1814, três filhos, dos quais o mais velho, Simão, sobreviveu aos outros, ambos mortos, um em 1818, o outro em 1825. Até ficar só, Simão foi educado como um homem para o qual o exercício de uma profissão lucrativa era necessário. Tendo ficado filho único, Simão foi vítima de um revés de fortuna. A sra. Marion muito contava para seu sobrinho com a herança do avô, o banqueiro de Hamburgo; esse alemão, porém, morreu em 1826, deixando ao seu neto Giguët somente dois mil francos de renda. Esse banqueiro, dotado de grande virtude procriadora, combatera os aborrecimentos de seu comércio com os prazeres da paternidade; portanto, favoreceu as famílias dos outros onze filhos que o cercavam e que lhe fizeram crer, com bastante verossimilhança, de resto, que Simão Giguët era rico.

O coronel fez questão que o filho se dedicasse a uma profissão independente. Eis o motivo:

Os Giguët nenhum favor podiam esperar do governo durante a Restauração. Embora Simão não fosse filho de um ardoroso

bonapartista, pertencia a uma família cujos membros tinham, todos eles, a justo título, incorrido na hostilidade da família de Cinq-Cygne, a propósito da parte tomada por Giguët, o coronel de gendarmaria, e pelos Marion, inclusive a sra. Marion, como testemunhas de acusação no famoso processo dos srs. de Simeuse, injustamente condenados em 1805 como culpados da sequestração do conde de Gondreville, então senador, e do qual estavam perfeitamente inocentes. Esse representante do povo espoliara a fortuna da casa de Simeuse; os herdeiros pareciam culpados do atentado numa época em que a venda dos bens nacionais era a arca santa da política.¹⁴

Grévin foi não somente uma das mais importantes testemunhas, mas também um dos mais ardorosos agitadores daquele caso. Esse processo criminal continuava dividindo a circunscrição de Arcis em dois partidos, um dos quais defendia a inocência dos condenados, e consequentemente a casa dos Cinq-Cygne, e outro o conde de Gondreville e seus aderentes.

Se, sob a Restauração, a condessa de Cinq-Cygne usou a influência que lhe dava a volta dos Bourbon para ordenar tudo à sua vontade no departamento do Aube, o conde de Gondreville soube contrabalançar a realza dos Cinq-Cygne pela autoridade secreta que exerceu sobre os liberais, por intermédio do tabelião Grévin, do coronel Giguët, do seu genro Keller, sempre eleito deputado de Arcis-sur-Aube, apesar dos Cinq-Cygne, e, finalmente, pelo prestígio que conservou nos conselhos da Coroa, enquanto Luís XVIII viveu. Foi somente depois da morte desse rei que a condessa de Cinq-Cygne pôde fazer nomear Michu presidente do tribunal de primeira instância de Arcis. Ela fazia questão de pôr nesse lugar o filho do administrador que pereceu no cadafalso em Troyes, vítima de seu devotamento à família Simeuse, e cujo retrato de corpo inteiro ornava seu salão, em Paris, como em Cinq-Cygne. Até 1823, o conde de Gondreville tivera poder suficiente para impedir a nomeação de Michu.

Foi a conselho do próprio conde de Gondreville que o coronel Giguët fez do filho um advogado. Simão devia brilhar tanto mais na circunscrição de Arcis, por ser ele o único advogado da região, sendo as causas pleiteadas pelos próprios procuradores, nessas pequenas localidades. Simão tivera alguns triunfos no tribunal do crime, no Aube; mas não deixava, por isso, de ser alvo de gracejos de Frederico Marest, procurador do rei, de Olivério Vinet, o juiz substituto, e do presidente Michu, as três cabeças mais brilhantes do tribunal.

Simão Giguët, como, aliás, quase todos os homens, pagava à grande potência do ridículo uma forte contribuição. Ele se ouvia falar, pedia a palavra a qualquer momento, desenrolava solenemente frases confusas e secas que passavam por eloquência na alta burguesia de Arcis. O pobre rapaz pertencia a esse gênero de cacetes que querem explicar

tudo, mesmo as coisas mais simples. Explicava a chuva; explicava as causas da Revolução de Julho; explicava também as coisas impenetráveis; explicava Luís Filipe; explicava o sr. Odilon Barrot; explicava o sr. Thiers;¹⁵ explicava os negócios do Oriente; explicava a Champanha; explicava 1789; explicava as tarifas aduaneiras e os humanitários, o magnetismo e a economia da Lista Civil.¹⁶

Esse rapaz magro, de tez biliosa, de estatura suficientemente elevada para justificar sua nulidade sonora, pois é raro que um homem de alta estatura tenha faculdades eminentes, exagerava o puritanismo dos membros da extrema esquerda, todos já de si tão afetados, à maneira das beatas que têm intrigas a esconder. Sempre trajado de preto, usava gravata branca, que deixava descer do pescoço. Seu rosto, assim, parecia sair de um cartucho de papel branco, pois conservava esse colarinho alto e engomado que a moda, muito felizmente, proscreeu. Suas calças, suas casacas pareciam sempre muito largas. Tinha o que na província se chama dignidade, isto é, mantinha-se teso e era cacete; Antonino Goulard, seu amigo, acusava-o de macaquear o sr. Dupin.¹⁷ Efetivamente, o advogado abusava um pouco de sapatos e de meias grossas de filosela preta.

Protegido pela consideração de que gozava seu velho pai e pela influência que a tia exercia numa cidade pequena, cujos principais habitantes frequentavam seu salão fazia vinte e quatro anos, Simão Giguët, já possuidor de cerca de dez mil francos de renda, sem contar os honorários produzidos por seu escritório e a fortuna da tia, que não podia deixar de lhe tocar um dia, não punha em dúvida sua eleição.

Não obstante, o primeiro somido da sineta, anunciando a chegada dos mais influentes eleitores, repercutiu no coração do ambicioso, trazendo-lhe vagos temores. Simão não escondia a si mesmo nem a habilidade, nem os imensos recursos do velho Grévin, nem o prestígio de todos os meios heroicos a que o ministro recorreria para apoiar a candidatura de um jovem e valente oficial, que naquele momento se achava na África, adido ao príncipe real, filho de um dos ex-grandes cidadãos da França e neto de uma marechala.

— Parece-me — disse ele ao pai — que estou com cólicas. Sinto abaixo da boca do estômago um calor enjoado que me dá que pensar...

— Os mais velhos soldados — respondeu o coronel — tinham uma emoção semelhante, quando o canhão começava a troar no começo da batalha.

— Que será então na Câmara? — disse o advogado.

— Dizia-nos o conde de Gondreville — respondeu o velho militar — que para mais de um orador acontecem alguns dos pequenos inconvenientes que para nós, velhos tarimbeiros, assinalavam o começo das batalhas. Tudo isso por palavras ocas... Enfim, queres ser deputado — disse o velho dando de ombros —, pois que o sejas!

— Meu pai, o triunfo é Cecília! Cecília é uma fortuna imensa! Hoje, fortuna grande é o poder.

— Ah! como os tempos estão mudados! No tempo do imperador era preciso ser valente!

— Cada época se resume numa palavra! — disse Simão ao pai, repetindo uma observação do velho conde de Gondreville, a qual retrata bem aquele ancião.

— No Império, quando se queria matar um homem, dizia-se: “É um covarde”. Hoje, diz-se: “É um escroque”.

— Pobre França! aonde te levaram! — exclamou o coronel. — Volto para as minhas rosas...

— Oh! meu pai, fique! O senhor aqui é o fecho da abóbada!

III — ONDE A OPOSIÇÃO SE ESBOÇA

O *maire*, sr. Philéas Beauvisage, foi o primeiro a chegar, acompanhado pelo sucessor de seu sogro, o mais ocupado dos tabeliães da cidade, Aquiles Pigoult, neto de um ancião que se conservara como juiz de paz de Arcis durante a Revolução, durante o Império e durante os primeiros dias da Restauração.

Aquiles Pigoult, com cerca de trinta e dois anos, fora durante dezoito anos ajudante no cartório do velho Grévin, sem nutrir a esperança de ser tabelião. Seu pai, filho do juiz de paz de Arcis, morreu de uma suposta apoplexia, depois de ter feito maus negócios.

O conde de Gondreville, com quem o velho Pigoult estava ligado pelos laços de 1793, emprestara o dinheiro da caução, facilitando assim a aquisição do cartório de Grévin ao neto do juiz de paz que procedeu à primeira instrução do processo Simeuse. Aquiles estabelecera-se na praça da igreja, numa casa pertencente ao conde de Gondreville, e que o par de França lhe alugara por tão baixo preço, que se tornava fácil perceber quanto o ardiloso político fazia questão de ter sempre na mão o primeiro tabelião de Arcis.

Esse jovem Pigoult, homenzinho seco, cujos olhos pareciam furar seus óculos verdes, que não lhe atenuavam a malícia do olhar, conhecedor de todos os interesses da terra, devendo ao hábito de tratar de negócios uma certa facilidade de elocução, passava por ser trocista, e dizia simplesmente as coisas com mais espírito do que o posto pelos nativos nas suas conversações.

Esse tabelião, solteiro ainda, esperava um casamento rico da benevolência dos seus dois protetores, Grévin e o conde de Gondreville. Por isso, o advogado Giguet não pôde conter um movimento de surpresa ao ver Aquiles ao lado do sr. Philéas Beauvisage.

Esse pequeno tabelião, cujo rosto estava picado por tantos sinais de varíola que nele havia como que uma rede de filetes brancos, formava

um perfeito contraste com a volumosa pessoa do senhor *maire*, cujo rosto se assemelhava a uma lua cheia, mas uma lua galhofeira.

Aquela tez lírial e rósea sobressaía mais em Philéas por um sorriso gracioso, que resultava muito menos de um estado de alma do que dessa disposição dos lábios para a qual se criou o termo *abonecado*.

Philéas Beauvisage era favorecido por uma tão grande satisfação de si mesmo, que vivia sorrindo para todos, em qualquer circunstância. Seus lábios abonecados teriam sorrido num enterro. A vida que abundava nos seus olhos azuis e infantis não desmentia aquele perpétuo e insuportável sorriso. Essa satisfação íntima era tanto mais tomada por benevolência e afabilidade, por ter Philéas criado uma linguagem sua, própria, notável pelo uso imoderado de fórmulas de cortesia. Tinha sempre a *honra*, acrescentava aos pedidos de informação relativas à saúde de pessoas ausentes os epítetos de *querido*, *bom*, *excelente*. Prodigalizava fraseslouvaminheiras a propósito das pequenas misérias ou das pequenas felicidades da vida humana. Ocultava assim sob um dilúvio de lugares-comuns sua incapacidade, sua absoluta falta de instrução e uma fraqueza de caráter que só pode ser expressa pelo termo um tanto envelhecido de *ventoinha*.

Tranquilizem-se! Essa ventoinha tinha como eixo a bela sra. Beauvisage, Severina Grévin, a mulher célebre da circunscrição. Por isso, quando Severina soube do que denominou a leviandade do sr. Beauvisage, a propósito da eleição, disse-lhe na mesma manhã:

— Não agiu mal ao se dar ares de independente; mas não irá à reunião dos Giguet sem se fazer acompanhar por Aquiles Pigoult, a quem avisei para vir buscá-lo!

Dar Aquiles Pigoult para mentor de Beauvisage não equivalia a fazer um espião do partido dos Gondreville assistir à assembleia dos Giguet? Assim, pois, todos podem agora imaginar a careta que contraiu o semblante puritano de Simão, forçado a bem acolher um assíduo ao salão da tia, um eleitor influente, no qual naquele momento viu um inimigo.

“Ah!”, disse ele consigo mesmo, “cometi uma asneira ao recusar-lhe a fiança, quando ele me pediu! velho Gondreville teve mais tino do que eu...”

— Bom dia, Aquiles — disse em voz alta, tomando um ar desempenado —; você vai me dar água pela barba!

— Não creio que sua reunião seja uma conspiração contra a liberdade dos nossos votos — respondeu o tabelião, sorrindo.

— Não estamos fazendo jogo franco?

— Jogo franco! — repetiu Beauvisage.

E o *maire* pôs-se a rir, com esse riso inexpressivo com que algumas pessoas sempre concluem suas frases, e que se deveria denominar o estribilho da conversação. Depois, o senhor *maire* tomou o que se deve

chamar sua *terceira atitude*, apresentando-se ereto, com o peito murchado e as mãos atrás das costas. Estava de casaca e calças pretas, adornado com um soberbo colete branco, entreaberto de modo a deixar ver botões de diamante no valor de muitos milhares de francos.

— Nós nos combateremos, mas nem por isso deixaremos de ser bons amigos — afirmou Philéas. — É essa a essência dos costumes constitucionais! Eh! eh! eh! É assim que compreendo a aliança da monarquia com a liberdade... Ah! ah! ah!

Aí, o senhor *maire* pegou a mão de Simão, dizendo-lhe:

— Como está, meu bom amigo? Sua querida tia e nosso digno coronel estão com certeza tão bem esta manhã como ontem... pelo menos é de presumir! Eh! eh! eh! — acrescentou com ar de profunda beatitude — talvez que um pouco atormentados com a cerimônia que se vai realizar... Ora, meu rapaz, vamos entrar na carreira política... Ah! ah! ah! É este o nosso primeiro passo... Nada de receio... é uma grande resolução, e prefiro que seja o senhor, e não eu, quem se atire nos vendavais e tormentas da Câmara... hi! hi!... por mais agradável que seja ver residir em si... hi! hi! hi!... o poder soberano da França, numa quadringentésima quinquagésima terceira parte!... hi! hi! hi!...

O órgão vocal de Philéas Beauvisage tinha uma amável sonoridade perfeitamente em harmonia com as curvas leguminosas de seu rosto colorido como uma abóbora amarelo-clara, com suas costas largas, seu peito profundo e estufado. Essa voz, que participava do baixo pelo volume, aveludava-se como a dos barítonos e, no riso com que Philéas acompanhava seus fins de frase, adquiria qualquer coisa de argentino. Deus, se tivesse querido pôr, no seu paraíso terrestre, para completar as espécies, um burguês da província, não faria com suas próprias mãos um tipo mais belo, mais completo, do que Philéas Beauvisage.

— Admiro a abnegação dos que são capazes de atirar-se nas tempestades da vida política. Eh! eh! eh! é preciso, para isso, nervos que eu não tenho. Quem nos diria em 1812, em 1813, que chegaríamos a esse ponto?... Quanto a mim, de mais nada duvido, numa época em que o asfalto, a borracha, as estradas de ferro e o vapor transformam o solo, as sobrecasacas e as distâncias... Eh! eh!

Essas últimas palavras foram largamente temperadas por aquele riso com que Philéas realçava os gracejos vulgares, tão do gosto dos burgueses; mas acompanhou-os com um gesto que se tornara seu: fechava o punho direito, inseria-o na palma da mão esquerda arredondada em concha e o esfregava alegremente nela. Essa gesticulação coincidia com o seu riso, nas ocasiões frequentes em que ele julgava ter soltado um dito de espírito. Será talvez supérfluo dizer que Philéas, em Arcis, passava por ser um homem amável e encantador.

— Farei empenho — respondeu Simão Giguet — de representar dignamente...

— Os carneiros da Champanha — concluiu com vivacidade Aquiles Pigoult, interrompendo o amigo.

O candidato trouxe o epigrama sem responder, por ter sido obrigado a ir ao encontro de dois novos eleitores. Um era o dono do *Mulo*, a melhor hospedaria de Arcis, que está situada na Grande-Place, na esquina da Rue de Brienne. Esse digno hospedeiro, chamado Poupart, desposara a irmã de um criado dedicado à condessa de Cinq-Cygne, o famoso Gotardo, um dos atores do processo criminal. Nessa época, Gotardo fora absolvido.

Poupart, conquanto fosse um dos habitantes de Arcis mais dedicados aos Cinq-Cygne, estava sendo sondado, fazia dois dias, pelo criado do coronel Giguet, com tanta perseverança e habilidade, que pensava pregar uma peça ao inimigo dos Cinq-Cygne consagrando sua influência à eleição de Simão Giguet, e nesse sentido acabava de conversar com um farmacêutico chamado Fromaget, o qual, não sendo fornecedor do castelo de Gondreville, não queria outra coisa senão cabalar contra os Keller.

Essas duas personalidades da pequena burguesia podiam, graças às suas relações, conseguir uma certa quantidade de votos flutuantes, porque aconselhavam uma porção de gente, para quem as opiniões políticas dos candidatos eram indiferentes. Por isso, o advogado apoderou-se de Poupart e entregou Fromaget a seu pai, que viera cumprimentar os eleitores que já tinham chegado.

O subengenheiro da circunscrição, o secretário da *mairie*, quatro oficiais de justiça, três procuradores, o escrivão do tribunal e o da justiça de paz, o recebedor dos registros e o das contribuições, dois médicos rivais de Varlet, o cunhado de Grévin, um moleiro, os dois adjuntos de Philéas, o livreiro impressor de Arcis e uma dúzia de burgueses entraram sucessivamente e passeavam pelo jardim, por grupos, à espera de que a reunião fosse suficientemente numerosa para que se pudesse abrir a sessão.

Finalmente, ao meio-dia, cerca de cinquenta pessoas, todas endomingadas, a maioria vinda pela curiosidade de ver os belos salões de que tanto se falava em toda a circunscrição, sentaram-se nas cadeiras que a sra. Marion lhes havia preparado. As janelas ficaram abertas, e logo se fez um silêncio tão profundo que se teria podido ouvir o ruído do vestido de seda da sra. Marion, a qual não pôde resistir ao prazer de descer ao jardim e colocar-se num lugar de onde podia ouvir os eleitores.

A cozinheira, a camareira e o criado ficaram na sala de jantar e partilharam das emoções de seus patrões.

— Senhores — disse Simão Giguet —, alguns dos presentes querem fazer a meu pai a honra de lhe oferecer a presidência desta reunião; o coronel Giguet, porém, encarregou-me de lhes apresentar seus

agradecimentos, exprimindo toda a gratidão que esse desejo merece, e no qual ele vê uma recompensa aos seus serviços à pátria. Estamos em casa de meu pai, ele julga dever recusar-se para essas funções e propõe para elas um honrado negociante, ao qual vossos sufrágios conferiram a primeira magistratura da cidade, o sr. Philéas Beauvisage.

— Bravo! Bravo!

— Creio que estamos todos de acordo para seguir nesta reunião essencialmente amistosa... porém completamente livre, e que em nada prejudica a grande reunião preparatória, na qual interpelareis os candidatos e avaliareis seus méritos... para seguir, repito, as formas... constitucionais da Câmara... eletiva.

— Sim! Sim! — bradaram unisonamente.

— Em consequência — continuou Simão —, tenho a honra de convidar, de acordo com o desejo da assembleia, o senhor *maire* para vir ocupar a poltrona da presidência.

Philéas ergueu-se e atravessou o salão, sentindo que estava ficando vermelho como uma cereja. Depois, quando colocado atrás da mesa, viu não cem olhos, mas cem mil candeias. E mais ainda, pareceu-lhe que o sol, naquele salão, representava um incêndio, e, segundo sua expressão, sentiu um nó na garganta.

— Agradeça! — disse-lhe Simão em voz baixa.

— Senhores...

Fez-se um tão grande silêncio, que Philéas sentiu uma cólica.

— Que devo dizer, Simão? — perguntou ele, baixinho.

— E então? — disse Aquiles Pigoult.

— Senhores — disse o candidato, assustado pela cruel interjeição do pequeno tabelião —, a honra que fazeis ao senhor *maire* pode surpreendê-lo, sem lhe causar estranheza.

— É isso — disse Beauvisage —; sou por demais sensível a esta atenção dos meus concidadãos para não me sentir extremamente lisonjeado.

— Bravos! — gritou o tabelião, sozinho.

“Que o diabo me leve”, disse consigo mesmo Beauvisage, “se me pegarem outra vez para discursar!...”

— Os srs. Fromaget e Marcelin querem aceitar as funções de escrutinadores? — disse Simão Giguet.

— Seria mais regular — disse Aquiles Pigoult, pondo-se de pé — que a assembleia nomeasse ela própria os dois membros da mesa, sempre para imitarmos a Câmara.

— Efetivamente é melhor assim — disse o enorme sr. Mollot, escrivão do tribunal —; pois que, a não ser desse modo, o que se está fazendo neste momento não passaria de uma comédia, e nós não seríamos livres. Por que então não continuar a fazer tudo segundo a vontade do sr. Simão?

Simão disse algumas palavras a Beauvisage, o qual se levantou para parir um “Senhores”... que podia passar por ser *palpitante de interesse*.

— Perdão, senhor presidente — disse Aquiles Pigoult —, mas o senhor deve presidir, e não discutir.

— Senhores, se devemos... conformar-nos... aos usos parlamentares — disse Beauvisage soprado por Simão —, eu convidaria o honrado sr. Pigoult... para vir falar... nesta mesa aqui...

Pigoult atirou-se para a mesa do chá, ficou de pé, com os dedos levemente apoiados na beira, e deu mostras de audácia, falando sem constrangimento, pouco mais ou menos como o ilustre sr. Thiers.

— Senhores, não fui eu que apresentei a proposta de imitar a Câmara, porquanto até hoje as câmaras me têm parecido verdadeiramente inimitáveis; não obstante, concebi perfeitamente que uma assembleia de sessenta e poucos champanheses notáveis devia improvisar um presidente, porque nenhum rebanho marcha sem pastor. Se tivéssemos votado em escrutínio secreto, estou certo de que o nome de nosso estimável *maire* teria obtido unanimidade; sua oposição à candidatura sustentada por sua parentela prova-nos que ele tem a coragem cívica elevada ao mais alto grau, pois sabe libertar-se dos mais fortes laços, os da família! Pôr a pátria antes da família é um tão grande esforço, que somos sempre obrigados, para consegui-lo, a dizer-nos que, do alto de seu tribunal, Brutus nos contempla há dois mil e quinhentos e tantos anos. Parece-lhe natural ao sr. doutor Giguët, que teve o mérito de adivinhar nossos sentimentos a respeito da escolha de um presidente, continuar a guiar-nos para a dos escrutinadores; mas, apoiando minha observação, os senhores acharam que com uma vez bastava, e tiveram razão! Nosso comum amigo, Simão Giguët, que deve apresentar-se como candidato, teria o ar de se apresentar como guia e poderia então perder no nosso espírito vantagens da atitude modesta tomada por seu venerável pai. Ora, que faz neste momento o nosso digno presidente aceitando o modo de presidir que lhe propôs o candidato? Priva-nos da nossa liberdade! Pergunto-lhes: é conveniente que o presidente de nossa escolha nos faça designar os dois escrutinadores por um “queiram ficar sentados os que aprovam”? Isso, senhores, já é por si uma escolha. Teremos liberdade para escolher? Podemos tê-la ao lado de um vizinho que ficou sentado? Se me indicassem, creio que todos se levantariam, por cortesia; e como todos nos poríamos de pé por cada um de nós, não há escolha onde todos seriam necessariamente designados por todos.

— Ele tem razão — disseram os sessenta assistentes.

— Portanto, que cada um de nós escreva dois nomes numa cédula, e os que forem sentar ao lado do senhor presidente poderão considerar-se como dois ornamentos da sociedade; terão autoridade para, conjuntamente com o senhor presidente, manifestar-se sobre a

maioria, quando decidirmos, pelo método “sentado ou levantado”, sobre as determinações a tomar. Estamos aqui, creio eu, para prometermos a um candidato as forças de que cada um de nós dispõe na reunião preparatória, à qual comparecerão todos os eleitores do círculo eleitoral. Este ato, declaro-o, é grave. Não se trata de um quadringentésimo de poder, como o dizia antes o senhor *maire* com o espírito oportuno que o caracteriza e que sempre apreciamos?

Durante essas explicações, o coronel Giguet cortava em tiras uma folha de papel e Simão mandou buscar penas e um tinteiro.

Suspendeu-se a sessão.

Essa discussão preliminar a respeito de fórmulas já tinha deixado Simão profundamente inquieto, e despertara a atenção dos sessenta burgueses convocados. Pouco depois começaram a encher as cédulas, e o ardiloso Pigoult conseguiu fazer eleger o sr. Mollot escrivão do tribunal, e o sr. Godivet recebedor do registro. Essas duas designações descontentaram, necessariamente, Fromaget, o farmacêutico, e Marcelin, o procurador.

— Os senhores serviram — disse-lhes Aquiles Pigoult — para manifestar nossa independência; devem orgulhar-se mais por terem sido recusados do que se tivessem sido escolhidos.

Todos puseram-se a rir.

Simão fez que se estabelecesse o silêncio pedindo a palavra ao presidente, cuja camisa já estava ensopada e que pegou toda a sua coragem a duas mãos para dizer:

— Tem a palavra o sr. Simão Giguet.

IV — UMA PRIMEIRA TORMENTA PARLAMENTAR

— Senhores — disse o advogado —, seja-me permitido agradecer ao sr. Aquiles Pigoult, o qual, embora nossa reunião seja toda amistosa...

— É a reunião preparatória da grande reunião preparatória — disse o procurador Marcelin.

— É o que eu ia explicar — replicou Simão. — Antes de mais nada agradeço ao sr. Aquiles Pigoult por ter introduzido aqui o rigor das fórmulas parlamentares. É esta a primeira vez que a circunscrição de Arcis usará livremente...

— Livrement? — disse Pigoult, interrompendo o orador.

— Livrement! — bradou a assembleia.

— Livrement — continuou Simão Giguet — de seus direitos na grande batalha da eleição geral para a Câmara dos Deputados, e, como dentro de poucos dias teremos uma reunião a que assistirão todos os eleitores, para julgar do mérito dos candidatos, devemos sentir-nos muito felizes em nos termos habituado aqui, numa sessão pouco numerosa, aos usos dessas assembleias; com isso teremos mais forças

para decidir do futuro político da cidade de Arcis, pois trata-se hoje de substituir uma cidade a uma família, o país a um homem...

Simão descreveu então a história das eleições nos últimos vinte anos. Embora aprovando a constante eleição de Francisco Keller, disse ser chegado o momento de sacudir o jugo da casa de Gondreville. Arcis não devia ser um feudo liberal, como tampouco um feudo dos Cinq-Cygne. Surgiam naquele momento, na França, opiniões avançadas, que os Keller não representavam. Carlos Keller, que fora feito visconde, pertencia à Corte; não teria nenhuma independência, porque, ao apresentá-lo aqui como candidato, pensavam muito mais em fazer dele o sucessor do pariatto do pai do que o sucessor de um deputado etc. etc. Finalmente, Simão apresentava-se aos sufrágios de seus concidadãos comprometendo-se a atuar ao lado do ilustre sr. Odilon Barrot e a jamais desertar a gloriosa bandeira do progresso.

O progresso! uma dessas palavras por trás das quais tentavam então agrupar muito mais ambições fementidas do que ideias; porque, depois de 1830, ele não podia representar senão as pretensões de alguns democratas famintos. Não obstante, essa palavra produzia ainda muito efeito em Arcis e dava consistência a quem a inscrevia em sua bandeira.

Intitular-se alguém homem de progresso era proclamar-se filósofo em tudo e puritano em política. Os progressistas declaravam-se pelas estradas de ferro, as capas de borracha, as penitenciárias, o calçamento de madeira, a independência dos negros, as caixas econômicas, os sapatos inteiriços, a iluminação a gás, as calçadas de asfalto, o voto universal, a redução da Lista Civil. Enfim, era declarar-se contra os tratados de 1815, contra o ramo primogênito, contra o colosso do Norte, a pérfida Albion, contra todos os empreendimentos bons ou maus do governo. Como se pode ver, a palavra *progresso* pode tão bem significar *não* como *sim*!... Era uma renovação do termo *liberalismo*, uma nova palavra de ordem para novas ambições.

— Se bem compreendi o que aqui viemos fazer — disse João Violette, um fabricante de meias que comprara, fazia dois anos, a casa Beauvisage —, trata-se de nos comprometermos em fazer triunfar, empregando todos os nossos recursos, o sr. Simão Giguet nas eleições para deputado, no lugar do conde Francisco Keller. Se cada um de nós pensa congregar-se assim, teremos simplesmente de dizer sim ou não a respeito.

— Isso seria ir depressa demais às do cabo! Os negócios políticos não correm assim, ou não seriam mais política! — exclamou Pigoult, cujo avô, com oitenta e seis anos, entrou na sala. — O preopinante está decidindo, de acordo com as minhas fracas luzes, o que me parece dever ser o objeto da discussão. Peço a palavra.

— Tem a palavra o sr. Aquiles Pigoult — disse Beauvisage, que pôde afinal pronunciar essa frase com a sua dignidade municipal e

constitucional.

— Senhores — disse o pequeno tabelião —, se há uma casa, em Arcis, onde não se devessem erguer contra a influência do conde de Gondreville e dos Keller, não deveria ser esta?... O digno coronel Giguet é aqui o único que não sentiu os efeitos do poder senatorial, porque, certamente, nada pediu ao conde de Gondreville, que o fez riscar da lista dos proscritos em 1815 e lhe fez obter a pensão de que goza, sem que o venerável coronel, glória de todos nós, se tenha movido...

Um murmúrio, lisonjeiro para o ancião, acolheu essa observação.

— Mas — continuou o orador — os Marion foram cobertos de favores pelo conde. Sem essa proteção, o falecido coronel Giguet jamais teria comandado a gendarmaria do Aube. O falecido sr. Marion jamais teria presidido uma corte imperial sem o apoio do conde, a quem eu, eu, serei sempre grato!... Acharão, pois, natural que nesta reunião eu seja seu advogado!... Finalmente, poucas pessoas na nossa circunscrição haverá que não tenham recebido benefícios dessa família.

Houve um rumor.

— Apresenta-se um candidato na berlinda — continuou Aquiles, fogosamente — e por isso tenho o direito de esmiuçar sua vida antes de o investir dos meus poderes. Ora, não quero ingratidão no meu mandatário, porque a ingratidão é como a desgraça: uma atrai a outra. Temos sido, dizem os senhores, degraus para os Keller; pois bem, o que acabo de ouvir faz-me temer vir a ser degrau para os Giguet. Estamos no século do positivo, não é? Pois bem, examinemos quais serão para a circunscrição de Arcis os resultados da investidura de Simão Giguet. Falam-lhes de independência? Simão, a quem maltrato como candidato, é meu amigo, como o é de todos os que me ouvem, e eu, pessoalmente, ficaria encantado por vê-lo tornar-se um orador da esquerda, por vê-lo entre Garnier-Pagès e Laffitte; mas que lucrará a circunscrição com isso? A circunscrição terá perdido o apoio do conde de Gondreville e o dos Keller... Todos necessitamos daquele e destes durante um período de cinco anos. Vai-se falar com a marechala de Carigliano para obter a reforma de um moço cujo número foi ruim. Recorre-se ao crédito dos Keller em muitos negócios que se realizam por recomendação deles. Sempre se acha o conde de Gondreville pronto para nos prestar um obséquio: basta ser de Arcis para entrar em casa dele, sem perder tempo na sala de espera. Essas três famílias conhecem todas as famílias de Arcis... Onde está a caixa da família Giguet e qual será sua influência nos ministérios?... Qual o crédito de que gozará na praça de Paris? Se for preciso fazer reconstruir com pedras nossa miserável ponte de madeira, conseguirá ela do departamento e do Estado os fundos necessários?... Elegendo Carlos Keller, continuamos um pacto de aliança e amizade que até hoje só nos tem trazido

benefícios. Elegendo meu bom, meu excelente companheiro do colégio, meu digno amigo Simão Giguet, teremos prejuízos até o dia em que ele chegue a ministro. Conheço bem sua modéstia para crer que ele não me desmentirá se ponho em dúvida sua próxima nomeação para esse posto!... — Risos. — Vim a esta reunião para me opor a um ato que considero fatal para nossa circunscrição. Carlos Keller pertence à Corte! dir-me-ão. Pois! tanto melhor! não teremos de pagar as despesas de sua aprendizagem política, ele conhece os negócios do país, conhece as necessidades parlamentares, está mais próximo a ser homem de Estado do que meu amigo Simão, que não tem a pretensão de se ter tornado Pitt ou Talleyrand na nossa pequena cidade de Arcis...

— Danton saiu daqui! — bradou o coronel Giguet, furioso por aquela improvisação cheia de bom senso.

— Bravos!

Essa palavra foi uma aclamação; sessenta pessoas bateram palmas.

— Meu pai tem espírito a valer — disse em voz baixa Simão a Beauvisage.

— Não compreendo por que, a propósito de uma eleição — disse o velho coronel, cujo sangue subia-lhe ao rosto e que se levantou de repente —, tanto nos importunam com os laços que nos unem ao conde de Gondreville. Meu filho deve a fortuna que tem à sua mãe; não pediu nada ao conde de Gondreville. Mesmo que este não existisse, Simão seria o que é: o filho de um coronel de artilharia que deve seus postos a serviços prestados, e um advogado cujas opiniões não variaram. Posso dizer em voz alta, e frente a frente, ao conde de Gondreville: “Nós elegemos seu genro durante vinte anos; hoje queremos demonstrar que ao elegê-lo agíamos voluntariamente, e para isso escolhemos um homem de Arcis a fim de mostrar que o velho espírito de 1789, a quem o senhor deve a fortuna que tem, continua vivo na pátria dos Danton, dos Malin, dos Grévin, dos Pigoult, dos Marion...”. E pronto!

E o velho sentou-se.

Houve então um grande baticum. Aquiles abriu a boca para replicar. Beauvisage, que não se julgaria presidente se não agitasse a sineta, aumentou o barulho ao exigir silêncio. Eram duas horas.

— Tomarei a liberdade de fazer observar ao honrado coronel Giguet, cujos sentimentos são fáceis de compreender, que ele tomou a palavra por deliberação própria, o que é contrário aos usos parlamentares — disse Aquiles Pigoult.

— Não me parece necessário chamar o coronel à ordem... — disse Beauvisage. — Ele é pai...

Restabeleceu-se o silêncio.

— Não viemos aqui — exclamou Fromaget — para dizer *amém* a tudo o que os srs. Giguet, pai e filho, quiserem!

— Não! não! — bradou a assembleia.

— Isto vai mal! — disse a sra. Marion à cozinheira.

— Senhores — exclamou Aquiles —, limito-me a pedir categoricamente a meu amigo Simão Giguet que diga o que pretende fazer pelos nossos interesses...

— Sim! Sim!

— Desde quando — disse Simão Giguet — bons cidadãos, como os de Arcis, pretendem fazer profissão e mercantilizar a santa missão de deputado?

Não se pode imaginar o efeito que os belos sentimentos provocam nos homens, quando reunidos. Aplaudem-se as grandes máximas, mas nem por isso se deixa de votar o aviltamento da própria pátria, como o forçado que almeja a punição de Roberto Macário,¹⁸ ao ver representar a peça, sem contudo deixar de ir assassinar um qualquer sr. Germeuil.

— Bravos! — gritaram alguns eleitores puros-sangues Giguet.

— Os senhores me mandarão à Câmara, se é que mandarem, para representar lá princípios, os princípios de 1789! para ser um dos números, se quiserem, da oposição, mas para votar com ela, para esclarecer o governo, guerrear os abusos e exigir, em tudo, o progresso...

— Que chama o senhor de progresso? Para nós o progresso seria cultivar a Champanha miserável — disse Fromaget.

— O progresso? vou explicar-lhe como o concebo! — gritou Giguet, a quem a interrupção exasperara.

— É a fronteira do Reno para a França, e rasgar os tratados de 1815! — disse o coronel.

— É vender o trigo sempre caro e manter o pão barato — bradou sarcasticamente Aquiles Pigoult, o qual, ao julgar dizer uma pilhéria, exprimia um dos contrassensos que reinam em França.

— É a felicidade de todos, obtida pelo triunfo das doutrinas humanitárias.

— Que dizia eu? — perguntou o esperto tabelião aos vizinhos.

— Chit! silêncio! ouçamos! — disseram alguns curiosos.

— Senhores — disse o volumoso Molloy, sorrindo —, o debate se acalora, prestem atenção ao orador, deixem-no explicar-se...

— Em todas as épocas de transição, senhores — começou Simão gravemente —, e estamos numa dessas épocas...

— Bééé... bééé... — fez um amigo de Aquiles Pigoult que possuía as faculdades (sublimes em matéria de eleição) de ventríloquo.

Uma risada homérica partiu daquela assembleia, que antes de mais nada era champanhesa. Simão Giguet cruzou os braços e esperou que a tempestade de risos se extinguisse.

— Se pretenderem dar-me uma lição — disse ele — e dizer-me que marchio com o rebanho dos gloriosos defensores dos direitos da humanidade, que soltam grito após grito, livro após livro, do prelado imortal que advoga pela Polônia extinta,¹⁹ do corajoso panfletário,

censor da Lista Civil,²⁰ dos filósofos que exigem sinceridade no jogo de nossas instituições, agradeço ao meu interruptor desconhecido! Para mim, o progresso é a realização de tudo que nos foi prometido na Revolução de Julho; é a reforma eleitoral, é...

— O senhor então é democrata? — interrompeu Aquiles Pigoult.

— Não! — respondeu o candidato. — É acaso ser democrata querer o desenvolvimento regular, legal, das nossas instituições? Para mim, o progresso é a fraternidade restabelecida entre os membros da grande família francesa, e não podemos negar que numerosos sofrimentos...

Às três horas Simão Giguet ainda estava explicando o progresso, e alguns assistentes faziam ouvir rancos regulares que indicavam um sono profundo. O malicioso Aquiles Pigoult convidara todos para que ouvissem religiosamente o orador, o qual se debatia nas suas frases e perífrases, sem lhes achar um fim.

V — AS ATRAPALHAÇÕES DO GOVERNO DE ARCIS

Enquanto isso, vários grupos de burgueses, eleitores ou não, estacionavam diante do castelo de Arcis, cuja grade dá para a praça, e na volta da qual se acha a porta da casa Marion.

Essa praça é um terreno ao qual vão ter várias estradas e várias ruas. Há ali um mercado coberto; depois, em frente ao castelo, do outro lado da praça, que nem é calçada nem macadamizada, e onde a chuva desenha pequenos regos, estende-se um magnífico passeio chamado Avenue des Soupirs²¹. É em honra ou em censura às mulheres da cidade? Essa anfibologia é, indiscutivelmente, uma feição do espírito da terra.

Duas belas alamedas laterais, arborizadas com velhas tílias muito copadas, vão da praça a um bulevar circular, que forma outro passeio, muito descurado como todos os passeios de província, onde se encontram mais imundícies tranquilas do que passeantes agitados como os de Paris.

No momento culminante da discussão que Aquiles Pigoult dramatizava com um sangue-frio e uma coragem dignos de um orador do verdadeiro Parlamento, quatro personagens passeavam em linha sob as tílias de uma das alamedas laterais da Avenue des Soupirs. Quando chegavam à praça, de comum acordo paravam e olhavam os habitantes de Arcis que zumbiam em frente ao castelo, como abelhas que voltassem à noite para o cortiço.

Essas quatro personagens eram todo o partido ministerial de Arcis: o subprefeito, o procurador do rei, seu substituto e o sr. Martener, o juiz de instrução. O presidente do tribunal é, como sabem, partidário do ramo primogênito e devotado servidor da casa de Cinq-Cygne.

— Não compreendo o governo! — repetiu o subprefeito, mostrando

os grupos que engrossavam. — Em tão graves conjunturas, deixam-me sem instruções!

— Nisso o senhor se parece com muita gente! — respondeu Olivério Vinet, sorrindo.

— Que tem a censurar ao governo? — perguntou o procurador do rei.

— O ministério está muito atrapalhado — disse o jovem Martener —; ele sabe que esta circunscrição pertence, de algum modo, aos Keller, e terá grande cuidado em não contrariá-los. Precisam ter atenções com o único homem comparável ao sr. de Talleyrand. Não é ao prefeito a quem o senhor devia mandar o comissário de polícia, e sim ao conde de Gondreville.

— Enquanto isso — comentou Frederico Marest — a oposição se agita, e o senhor vê a influência do coronel Giguet! Nosso *maire*, o sr. Beauvisage, preside essa reunião preparatória...

— Afinal de contas — disse Olivério Vinet maliciosamente ao subprefeito —, Simão Giguet é seu amigo e companheiro de colégio; ele será do partido do sr. Thiers, e o senhor nada arrisca em favorecer a eleição dele.

— O ministério atual, antes de cair, pode destituir-me. Se sabemos quando nos destituem, nunca sabemos quando nos tornam a nomear — disse Antonino Goulard.

— Collinet, o merceeiro!... aí está o sexagésimo sétimo eleitor que entra em casa do coronel Giguet — disse o sr. Martener, que desempenhava seu ofício de juiz de instrução, contando os eleitores.

— Se Carlos Keller é o candidato do ministério — replicou Antonino Goulard —, deveriam ter-me avisado, e não dar tempo a Simão Giguet para se apoderar dos espíritos.

Essas quatro personagens chegaram, caminhando devagar, ao ponto em que o bulevar termina e se torna praça pública.

— Aí está o sr. Groslier — disse o juiz ao ver um homem a cavalo.

Esse cavaleiro era o comissário de polícia; viu o governo de Arcis reunido na via pública e dirigiu-se para os quatro magistrados.

— E então, sr. Groslier? — disse o subprefeito, que foi conversar com o comissário a poucos passos de distância dos três outros passeantes.

— Senhor — respondeu o comissário de polícia em voz baixa —, o senhor prefeito encarregou-me de lhes comunicar uma triste notícia: o sr. visconde Carlos Keller morreu. A nova chegou anteontem a Paris, pelo telégrafo, e os dois srs. Keller, o conde de Gondreville, a marechala de Carigliano, enfim, toda a família está, desde ontem, em Gondreville. Abd-el-Kader retomou a ofensiva na África,²² e a guerra está travando-se com encarniçamento. Esse pobre rapaz foi uma das primeiras vítimas das hostilidades. O senhor receberá aqui mesmo, disse-me o senhor

prefeito, instruções confidenciais relativas às eleições...

— Por quem? — perguntou o subprefeito.

— Se eu o soubesse, já não seria confidencial — respondeu o comissário. — O próprio senhor prefeito nada sabe a respeito. Será, disse-me ele, um segredo entre o senhor e o ministro.

E seguiu seu caminho, depois de ver o feliz subprefeito pondo um dedo nos lábios para recomendar-lhe segredo.

— E então, que notícias temos da Prefeitura? — perguntou o procurador do rei, quando Antonino Goulard voltou para o grupo formado pelos três funcionários.

— Nada podia ser mais satisfatório — respondeu Antonino com ar misterioso, e caminhou lépido como se quisesse separar-se dos magistrados.

Dirigindo-se para o centro da praça silenciosamente, pois que os três magistrados ficaram espicaçados com a rapidez afetada do subprefeito, o sr. Martener viu a velha sra. Beauvisage, mãe de Philéas, cercada por quase todos os burgueses da praça, aos quais ela parecia estar fazendo uma narrativa. Um procurador, chamado Sinot, que tinha a clientela dos realistas da circunscrição de Arcis, e que se abstivera de ir à reunião Giguët, destacou-se do grupo e correu para a porta da casa Marion, tocando a sineta com força.

— Que haverá? — disse Frederico Marest, deixando cair o monóculo e informando o subprefeito e o juiz daquela circunstância.

— Há, senhores — respondeu Antonino Goulard, não vendo mais utilidade em guardar um segredo que ia ser revelado em outra parte —, que Carlos Keller foi morto na África, e que esse acontecimento dá as melhores probabilidades a Simão Giguët. Conhecem Arcis; não era possível haver aqui outro candidato ministerial que não Carlos Keller; um outro qualquer terá contra si o patriotismo de campanário...

— Um tal imbecil será eleito? — disse Olivério Vinet, rindo.

O substituto, que tinha uns vinte e três anos, filho primogênito de um dos mais famosos procuradores-gerais, cuja ascensão ao poder datava da Revolução de Julho, devera, naturalmente, à influência do pai sua entrada na magistratura criminal. Esse procurador-geral, sempre eleito deputado pela cidade de Provins, era uma das vigas mestras do centro na Câmara. Por isso, o filho, cuja mãe era uma srta. de Chargebœuf,²³ tinha uma imponência, nas suas funções e nos seus modos, que revelava o prestígio do pai. Externava suas opiniões sobre os homens e as coisas sem a menor cerimônia, pois esperava não ficar muito tempo na cidade de Arcis e ser promovido a procurador do rei em Versalhes, degrau infalível para um cargo em Paris.

O ar desempenado do pequeno Vinet e a espécie de fatuidade judiciária que a certeza de fazer carreira lhe dava incomodavam tanto mais Frederico Marest devido ao espírito cáustico que sublinhava as

atividades indisciplinadas de seu jovem subalterno. O procurador do rei, homem de quarenta anos, que, na Restauração, levara seis anos para chegar a primeiro substituto, e que a Revolução de Julho esquecia no tribunal de Arcis, embora tivesse ele dezoito mil francos de renda, via-se perpetuamente dividido entre o desejo de atrair as boas graças de um procurador-geral suscetível de vir a ser guarda do selo, como qualquer outro advogado deputado, e a necessidade de conservar sua dignidade.

Olivério Vinet, delgado e franzino, louro, de rosto frívolo, realçado por olhos verdes cheios de malícia, era um desses rapazes trocistas, amantes do prazer, que sabem tomar o ar grave, ativo e pedante de que se revestem os magistrados, quando no tribunal. O grande, volumoso, espesso e grave procurador do rei acabava de inventar, fazia alguns dias, um sistema por meio do qual se libertava dos embaraços que lhe causava o desesperador Vinet: tratava-o como um pai trata um filho animado.

— Olivério — respondeu ao seu substituto batendo-lhe no ombro —, um homem que tem a sua visão deve admitir que o advogado Giguet pode vir a ser deputado. Você tanto diria seu remoque diante de gente de Arcis como o disse diante de nós.

— Há qualquer coisa contra Giguet — disse então o sr. Martener.

Esse bom rapaz, bastante pesado, mas cheio de méritos, filho de um médico de Provins, devia seu posto ao procurador-geral Vinet, que durante muito tempo fora advogado em Provins e que protegia a gente de lá, como o conde de Gondreville protegia a de Arcis.²⁴

— O que é? — perguntou Antonino.

— O bairrismo é terrível contra um homem que é imposto aos eleitores — respondeu o juiz —; mas quando se tratar, para esta boa gente de Arcis, de sufragar um de seus pares, a inveja e o ciúme serão mais fortes do que o bairrismo.

— É muito simples — disse o procurador do rei —, mas é também verdade... Se o senhor puder reunir cinquenta votos ministeriais, será com muita probabilidade o dono das eleições aqui — acrescentou, olhando para Antonino Goulard.

— Basta opor um candidato da mesma espécie a Simão Giguet — disse Olivério Vinet.

O subprefeito deixou transparecer em seu rosto um sinal de satisfação que não podia passar despercebido a nenhum dos seus três companheiros, com os quais, aliás, ele se entendia perfeitamente bem. Solteiros, os quatro, todos bastante ricos, tinham formado, sem premeditação, uma aliança para fugir aos aborrecimentos da província. Os três funcionários já tinham, de resto, notado a espécie de inveja que Giguet inspirava a Goulard, e que um esclarecimento sobre seus antecedentes fará compreender.

Filho de um antigo picador da casa de Simeuse, enriquecido pela aquisição de bens nacionais, Antonino Goulard era, como Simão Giguet, filho de Arcis. O velho Goulard, seu pai, deixara a abadia de Valpreux (corrutela de Val-des-Preux) para morar em Arcis, depois da morte da esposa, e pôs o filho, Antonino, no liceu imperial, onde o coronel Giguet já pusera seu filho Simão. Os dois conterrâneos, depois de terem sido companheiros de colégio, fizeram juntos, em Paris, o curso de direito, e sua amizade prolongou-se lá, através dos divertimentos da mocidade. Prometeram auxiliar-se reciprocamente para triunfar, ao se acharem em carreiras diferentes; quis, porém, o destino que se tornassem rivais.

Apesar das suas vantagens positivas, apesar da cruz da Legião de Honra que o conde de Gondreville, à falta de promoção, fizera Goulard obter, e que florescia na sua lapela, a oferta de seu coração e de sua posição fora delicadamente recusada, quando, seis meses antes do dia em que começa esta história, Antonino se havia, ele próprio, apresentado secretamente à sra. Beauvisage.

Nenhuma tentativa dessa espécie é secreta na província. O procurador do rei, Frederico Marest, cuja fortuna, cuja lapela e cuja posição eram iguais às de Antonino Goulard, sofrera, três anos antes, uma recusa motivada pela diferença de idade. Por isso, o subprefeito e o procurador do rei encerravam-se nos limites de uma estrita cortesia para com os Beauvisage, e em rodas pequenas zombavam deles.

Ambos, ao passear, acabavam de perceber e de se comunicar o segredo da candidatura de Simão Giguet, pois, na véspera, tinham compreendido as esperanças da sra. Marion. Dominados um e outro pelo sentimento que anima o *cão do jardineiro*,²⁵ estavam repletos de uma secreta boa vontade para impedir o advogado de desposar a rica herdeira, cuja mão lhes fora recusada.

— Queira Deus que eu seja o senhor das eleições — disse o subprefeito — e que o conde de Gondreville me faça nomear prefeito, pois tanto como os senhores não tenho o menor desejo de ficar aqui, embora eu seja de Arcis.

— O senhor tem uma bela oportunidade para se fazer eleger deputado, meu caro chefe — disse Olivério Vinet a Marest. — Venha ver meu pai, que, com certeza, dentro de poucas horas deve chegar a Provins, e nós lhe pediremos que faça indicar o senhor como candidato ministerial.

— Fique aqui — disse Antonino —; o ministério tem projetos sobre a candidatura de Arcis...

— Ora esta! Mas há dois ministérios: o que julga fazer as eleições e o que julga aproveitar com elas — disse Vinet.

— Não compliquemos as atrapalhações de Antonino — respondeu Frederico Marest, piscando o olho para o substituto.

Os quatro magistrados, tendo ultrapassado de muito a Avenue des Soupîrs, na praça, foram até a frente da hospedaria do Mulo, ao ver chegar Poupart, que saía de casa da sra. Marion. Nesse momento, a porta de entrada da casa vomitava os sessenta e sete conspiradores.

— Você foi então àquela casa? — perguntou-lhe Antonino Goulard, mostrando-lhe os muros do jardim Marion, que limitam a estrada de Brienne, em frente às cocheiras do Mulo.

— Lá não voltarei mais, senhor subprefeito — respondeu o hospedeiro —; o filho do sr. Keller morreu, nada mais tenho a fazer. Deus encarregou-se de fazer desocupar o beco...

— E então, Pigoult? — indagou Olivério Vinet ao ver chegar toda a oposição da assembleia Marion.

— Pois — respondeu o tabelião, em cuja frente o suor que não fora secado dizia dos seus esforços — Sinot nos veio trazer uma notícia que os pôs todos de acordo. Com exceção dos cinco dissidentes: Poupart, meu avô, Mollot, Sinot e eu, todos juraram, como no Jeu de Paume,²⁶ lançar mão de todos os meios para o triunfo de Simão Giguët, de que fiz um inimigo mortal. Oh! nós nos tínhamos acalorado bastante! Consegui entretanto fazer com que os Giguët deblaterassem contra os Gondreville! Desse modo, o velho conde ficará do meu lado. No mais tardar, amanhã, ele saberá de tudo o que os pretensos patriotas de Arcis disseram dele, de sua corrupção, das suas infâmias, a fim de se subtraírem à sua proteção, ou, segundo disseram, ao seu jogo.

— Eles estão unânimes — disse Olivério Vinet, sorrindo.

— Sim, por hoje — respondeu o sr. Martener.

— Oh! o sentimento geral dos eleitores — exclamou Pigoult — é de eleger um filho da terra. Onde encontrar algum que se oponha a Simão Giguët, um homem que acaba de passar duas horas a lhes explicar a palavra *progresso*!

— Encontramos o velho Grévin! — exclamou o subprefeito.

— Ele não tem ambições — respondeu Pigoult; mas antes de mais nada é preciso consultar o conde de Gondreville. Olhe, veja com que atenções Simão reconduz aquele velho palerma dourado de Beauvisage.

E mostrava o advogado, que segurava o *maire* pelo braço e lhe falava ao ouvido. Beauvisage cumprimentava, à direita e à esquerda, todos os habitantes que o olhavam com a deferência que a gente da província tributa ao homem mais rico da sua cidade.

— Ele o cuida como pai e *maire*²⁷ — replicou Vinet.

— Oh! perde seu tempo — replicou Pigoult, que compreendeu o sentido oculto do trocadilho do substituto —, a mão de Cecília não depende nem do pai nem da mãe.

— De quem, então?

— Do meu antigo patrão. Simão pode ser eleito deputado de Arcis, nem assim tomará a cidadela.

Fosse o que fosse que o subprefeito e Frederico Marest pudessem dizer a Pigoult, este recusou explicar aquela exclamação que, com razão, lhes pareceu estar prenhe de acontecimentos e que revelava certo conhecimento dos projetos da família Beauvisage.

Toda Arcis estava agitada, não somente por causa da fatal notícia que acabava de ferir a família Gondreville como também por causa da grande resolução tomada em casa dos Giguët, onde, naquele momento, os três criados e a sra. Marion trabalhavam para repor tudo em ordem, a fim de receber à noite os frequentadores habituais, que a curiosidade devia atrair sem que um só faltasse.

VI — A CHAMPANHA DE 1814 SOB O PONTO DE VISTA DA FABRICAÇÃO DE ARTIGOS DE MALHA

A Champanha tem a aparência de uma região pobre e não é mais do que uma pobre região. Seu aspecto, de modo geral, é triste, a campanha é plana. Se se atravessam as aldeias e mesmo as cidades, não se veem senão casas ordinárias de tábuas ou de taipa; as mais luxuosas são de tijolos. A pedra só em pequena escala é usada nos estabelecimentos públicos. Por isso, o castelo, o Palácio de Justiça de Arcis e a igreja são os únicos edifícios de alvenaria.

Não obstante, a Champanha, ou se preferem, os departamentos do Aube, do Marne e do Haute-Marne, já ricamente dotados de vinhedos, cuja celebridade é universal, são ademais possuidores de numerosas indústrias florescentes. Sem falar nas manufaturas de Reims, quase toda a fabricação de artigos de malha da França, que é um comércio considerável, faz-se em torno de Troyes. A campanha, num raio de dez léguas, está coberta de artesãos cujos teares se veem através das portas abertas, quando se passa pelas aldeias. Esses artesãos correspondem a corretores, os quais vão ter a um especulador chamado fabricante. Esse fabricante entra em negócio com casas de Paris ou, muitas vezes, com simples lojistas a varejo, os quais, quer uns, quer outros, têm uma tabuleta em que se leem estes dizeres: *Fábrica de artigos de malha*. Nem um deles fabrica sequer uma meia, uma touca, uma peúga. Os artigos de malha vêm da Champanha, pelo menos em grande parte, pois existem em Paris artesãos que rivalizam com os champanheses.

Esse intermediário entre o produtor e o consumidor não é uma chaga peculiar à indústria de malha: existe na maioria dos comércios, e encarece a mercadoria por todo o lucro exigido pelo consignatário. Abater essas muralhas custosas, que prejudicam a venda dos produtos, seria uma empresa grandiosa que, por seus resultados, alcançaria as alturas de uma obra política. Efetivamente, com isso, lucraria a totalidade das indústrias, estabelecendo no interior a modicidade de preços tão necessária no exterior para sustentar vitoriosamente a guerra

industrial com o estrangeiro; batalha tão mortífera quanto a das armas. A destruição, porém, de um abuso dessa natureza não traria aos filantropos modernos a glória e as vantagens de uma polêmica sustentada pelas bolhas de sabão da negrofilia ou do sistema penitenciário; por isso, o comércio suspeito desses *banqueiros de mercadorias* continuará a pesar durante muito tempo quer sobre a produção, quer sobre o consumo. Em França, nesta nação tão espirituosa, parece que simplificar seja destruir. A Revolução de 1789 ainda lhe causa medo.

Vê-se, pela energia industrial desenvolvida por uma região para a qual a natureza foi madrastra, o progresso que teria a agricultura se o dinheiro se dispusesse a comanditar o solo, que não é na Champanha mais ingrato do que na Escócia, onde os capitais produziram maravilhas. Por isso, no dia em que a agricultura vencer as regiões não férteis desses departamentos, quando a indústria tiver semeado alguns capitais sobre a greda da Champanha, a prosperidade triplicará. De fato, a região não tem luxo, as habitações são simples; o conforto dos ingleses a invadirá, o dinheiro enveredará por essa rápida circulação que é a metade da riqueza, e que já se inicia em muitas zonas inertes da França.

Os escritores, os administradores, a Igreja do alto de seus púlpitos, a imprensa do alto de suas colunas, todos aqueles a quem o acaso dá o poder de influir sobre as massas devem dizê-lo e repeti-lo: entesourar é um crime social! A economia ininteligente da província faz parar a vida do organismo industrial e perturba a saúde da nação.

Assim é que a pequena cidade de Arcis, sem trânsito, sem passagem, condenada, na aparência, à mais completa imobilidade, é relativamente uma cidade rica e cheia de capitais lentamente acumulados na indústria dos artigos de malha.

O sr. Philéas Beauvisage era o Alexandre, ou, se preferirem, o Átila desses recantos. Eis como esse honrado industrial conquistara sua supremacia sobre o algodão.

Tendo ficado filho único dos Beauvisage, antigos granjeiros da magnífica herdade de Bellache, dependência da propriedade de Gondreville, seus pais, em 1811, fizeram um sacrifício para salvá-lo do recrutamento, comprando um substituto. Depois disso a sra. Beauvisage, que enviuvara, tinha ainda, em 1813, livrado o filho único do alistamento para a guarda de honra, graças à influência do conde de Gondreville. Em 1813, Philéas, com vinte e um anos de idade, já se tinha dedicado, fazia três anos, ao pacífico comércio dos produtos de malha.

Estando já no termo do arrendamento de Bellache, a velha granjeira recusou renová-lo. Achava ela, com efeito, que para seus velhos dias já lhe sobrava trabalho só em valorizar seus bens. A fim de que nada perturbasse sua velhice, quis realizar, no cartório do sr. Grévin, tabelião

de Arcis, a liquidação da sucessão de seu marido, embora o filho não lhe pedisse contas: daí resultou que ela lhe devia mais ou menos cento e cinquenta mil francos. A velhota não vendeu suas terras, a maior parte das quais provinha do infeliz Michu, antigo administrador da casa de Simeuse; ela entregou ao filho a importância em dinheiro, aconselhando-o a tratar da compra da casa de seu patrão, sr. Pigoult, filho do velho juiz de paz, cujos negócios se tinham tornado tão ruins, que suspeitaram, como já dissemos, ter sua morte sido voluntária.

Philéas Beauvisage, bom rapaz, cheio de respeito pela mãe, em pouco concluiu o negócio com o patrão e, como herdara dos pais a bossa que os frenologistas denominam de *instinto de aquisição*, seu ardor juvenil dirigiu-se para esse comércio, que lhe pareceu magnífico, e que ele quis ampliar pela especulação.

Esse prenome de Philéas, que pode parecer extraordinário, é uma das mil singularidades devidas à Revolução. *Adictos* à família Simeuse e, portanto, bons católicos, os Beauvisage tinham querido fazer batizar o filho. O cura de Cinq-Cygne, o padre Goujet, consultado pelos granjeiros, aconselhou-os a que dessem ao seu filho Philéas por padroeiro, um santo cujo nome grego satisfaria à municipalidade; porquanto aquele menino nasceu numa época em que as crianças eram inscritas no registro civil com os nomes estranhos do calendário republicano.

Em 1814, o negócio de malhas, comércio pouco arriscado em tempos normais, estava sujeito a todas as variações de preço do algodão. O preço deste dependia do triunfo ou da derrota do imperador Napoleão, cujos adversários, os generais ingleses, diziam na Espanha: “A cidade está tomada, façam entrar os fardos”.

Pigoult, ex-patrão do jovem Philéas, fornecia a matéria-prima aos seus operários do campo. No momento em que ele vendeu a casa de comércio ao filho dos Beauvisage, Pigoult possuía uma forte partida de algodão comprada em plena alta, ao passo que de Lisboa introduziam-se enormes quantidades no Império a seis vinténs o quilo, em virtude do famoso decreto do imperador. A reação produzida em França pela introdução desse algodão causou a morte de Pigoult, o pai de Aquiles, e iniciou a fortuna de Philéas, o qual, longe de perder a cabeça como seu patrão, conseguiu um preço médio comprando algodão barato, em quantidade dupla da comprada por seu predecessor. Essa ideia tão simples permitiu a Philéas triplicar a fabricação, apresentar-se como benfeitor dos operários, e ele pôde derramar sua mercadoria em Paris e na França inteira com lucro, no momento em que os mais felizes a vendiam pelo preço do custo.

Em começos de 1814, Philéas tinha esvaziado seus armazéns. A perspectiva de uma guerra no território nacional, e cujas desgraças deviam pesar principalmente sobre a Champanha, tornou-o prudente;

não fez fabricar nada e manteve-se pronto para o que desse e viesse com seus capitais realizados em ouro. Nessa época, a linha das aduanas estava rota. Napoleão não pudera prescindir dos seus trinta mil guardas aduaneiros para a luta no território. O algodão, introduzido pelos mil furos praticados na cerca das nossas fronteiras, insinuava-se em todos os mercados da França. Não se pode imaginar quanto o algodão foi fino e alerta nessa época, nem com que avides os ingleses se apoderaram de um país em que as meias de algodão valiam seis francos e em que as camisas de percal eram objeto de luxo!

Os fabricantes de segunda categoria, os principais artesãos, contando com o gênio de Napoleão, tinham comprado o algodão vindo da Espanha. Trabalharam com a esperança de impor, mais tarde, a lei aos negociantes de Paris. Philéas observou esses fatos. Depois, quando a guerra assolou a Champanha, ele se manteve entre o exército francês e Paris. A cada batalha perdida, ele se apresentava em casa dos operários, que tinham enterrado seus produtos em tonéis, os silos da indústria da malha; depois, com o ouro na mão, esse cossaco do tricô comprava abaixo do preço de fabricação, de aldeia em aldeia, os tonéis de mercadorias que podiam da noite para o dia tornar-se presa de um inimigo cujos pés tinham tanta necessidade de ser calçados como suas gargantas de ser umedecidas.

Philéas, nessas infelizes circunstâncias, desenvolveu uma atividade quase igual à do imperador. Esse general das malhas fez comercialmente a campanha de 1814, com uma coragem ignorada. A uma légua na retaguarda, ali onde o general avançava uma légua para a frente, ele açambarcava gorros e meias de algodão, no seu triunfo, enquanto o imperador recolhia nos seus reveses palmas imortais. De um e de outro lado o gênio foi igual, embora se exercendo em esferas diferentes e não obstante um pensar em cobrir tão numerosas cabeças quantas as que o outro fazia cair. Obrigado a improvisar meio de transporte para salvar suas toneladas de artigos de malhas, que ele armazenou num arrabalde em Paris, Philéas requisitou muitas vezes cavalos e furgões, como se se tratasse da salvação do Império. Não valia a majestade do comércio a de Napoleão? Não tinham os mercadores ingleses, depois de assalariar a Europa, dominado o colosso que lhes ameaçava as lojas?...

No momento em que o imperador abdicava em Fontainebleau, Philéas, triunfante, estava senhor do artigo. Sustentou, em consequência de suas hábeis manobras, a depreciação do algodão e duplicou sua fortuna, enquanto os mais felizes fabricantes eram os que se desfaziam de suas mercadorias com cinquenta por cento de prejuízo. Voltou para Arcis, senhor de trezentos mil francos, dos quais colocou a metade no Grande Livro²⁸ a sessenta francos, o que lhe produziu quinze mil francos de renda. Cem mil foram destinados a duplicar o capital

necessário para o seu comércio. Empregou o resto na construção, mobiliário e ornamentação de uma bela casa na Place du Pont, em Arcis.

No regresso do triunfante produtor de artigos de malha, o sr. Grévin, naturalmente, foi seu confidente. O tabelião tinha então de casar a filha única, de vinte anos de idade. O sogro de Grévin, que durante quarenta anos exercera a medicina em Arcis, não tinha morrido. Grévin, já viúvo, conhecia a fortuna da velha Beauvisage. Teve fé na energia e na capacidade de um rapaz suficientemente ousado para ter, daquele modo, feito a campanha de 1814. Severina Grévin tinha por dote a fortuna da mãe, sessenta mil francos. Que poderia deixar o velhote Varlet a Severina? no máximo igual quantia! Grévin, que então tinha cinquenta anos, temia morrer e não via mais probabilidades de, sob a Restauração, casar a filha a seu gosto; pois, para ela, ele tinha ambições. Nessas circunstâncias, teve a esperteza de fazer com que Philéas a pedisse em casamento.

Severina Grévin, moça bem-educada e bonita, passava por ser um dos bons partidos de Arcis. De resto, uma aliança com o mais íntimo amigo do senador conde de Gondreville, que fora mantido como par de França, não podia senão honrar o filho de um granjeiro de Gondreville; a viúva Beauvisage teria feito um sacrifício para consegui-lo; mas, ao ter notícia do êxito do filho, ela se dispensou de lhe dar um dote, sábia reserva que foi imitada pelo tabelião.

Consumou-se assim a união do filho dum granjeiro outrora tão fiel aos Simeuse com a filha de um dos mais cruéis inimigos daquela família. Foi, talvez, a única aplicação que se fez do dito de Luís XVIII: “União e olvido”.

Na segunda volta dos Bourbon, o velho médico, sr. Varlet, morreu com setenta e seis anos, deixando duzentos mil francos em ouro, na sua adega, além de seus bens, avaliados em igual quantia. Assim, pois, Philéas e sua esposa tiveram, desde 1816, afóra seu comércio, trinta mil francos de renda; porque Grévin quis empregar em bens imóveis a fortuna da filha e Beauvisage não se opôs a isso. As quantias recebidas por Severina Grévin na sucessão de seu avô deram somente quinze mil francos de renda, apesar das belas oportunidades de emprego que o velho Grévin procurou.

Esses dois primeiros anos bastaram para que a sra. Beauvisage e Grévin se dessem conta da profunda inépcia de Philéas. O golpe de vista da rapacidade comercial parecera ao velho tabelião o efeito de uma capacidade superior, da mesma forma por que ele tomara a mocidade por força e a sorte por gênio nos negócios. Mas, se Philéas sabia ler, escrever e contar, em compensação jamais lera coisa alguma. De uma ignorância crassa, não se podia ter com ele a mais insignificante conversação; a tudo respondia com um dilúvio de lugares-comuns ditos

de modo agradável. Unicamente, na qualidade de filho de granjeiro, não carecia de bom senso comercial. As palavras dos outros deviam exprimir proposições nítidas, claras, fáceis de apreender, mas ele não retribuía de igual modo ao adversário. Philéas, bom, e até mesmo terno, chorava por qualquer narrativa patética. Essa bondade fez, sobretudo, com que ele respeitasse a esposa, cuja superioridade lhe causou a mais profunda admiração.

Severina, mulher de ideias, sabia tudo, segundo Philéas. De resto, ela via as coisas com tanto mais exatidão por consultar o pai a propósito de tudo. Finalmente, tinha grande firmeza, o que a tornou em casa senhora absoluta. Assim que esse resultado foi conseguido, o velho tabelião teve menos pesar por ver a filha feliz, graças a um domínio que sempre satisfaz as mulheres desse caráter; restava, porém, a mulher!

VII — A CASA BEAUVISAGE

Eis o que, segundo dizem, a mulher achou.

Na reação de 1815, mandaram como subprefeito para Arcis um visconde Chargebœuf, do ramo pobre, e que foi nomeado por proteção da marquesa de Cinq-Cygne, a cuja família era aparentado. Esse rapaz permaneceu subprefeito durante cinco anos. A bela sra. Beauvisage, segundo se murmurava, não foi estranha à estada, infinitamente prolongada para sua promoção, que o visconde fez naquela subprefeitura. Não obstante, apressemo-nos em dizer que os murmúrios não foram sancionados por nenhum desses escândalos que, na província, revelam essas paixões tão difíceis de ocultar aos Argos das pequenas cidades. Se Severina amou o visconde de Chargebœuf, se foi por ele amada, tudo se passou correta e honrosamente, disseram os amigos de Grévin e de Marion. Essa dupla igreja impôs sua opinião a toda a circunscrição; os Marion, porém, e os Grévin não tinham nenhuma influência sobre os realistas, e estes classificaram o subprefeito de felizardo.

Assim que a marquesa de Cinq-Cygne soube do que se dizia de seu parente, ela o fez ir a Cinq-Cygne; e era tal seu horror por todos aqueles que de longe ou de perto tinham tido contato com os atores do drama judicial que tão fatal fora à sua família, que impôs ao visconde a mudança de residência. Obteve a nomeação do primo para a subprefeitura de Sancerre, prometendo-lhe uma prefeitura.

Alguns atilados observadores insinuaram que o visconde simulara a paixão para se tornar prefeito, porquanto ele sabia do ódio da marquesa pelo nome de Grévin. Outros notaram certas coincidências entre as idas do visconde Chargebœuf a Paris e as viagens que para lá fazia a sra. Beauvisage, sob os mais frívolos pretextos.

Um historiador imparcial sentir-se-ia muito embaraçado para ter

uma opinião sobre fatos sepultados nos mistérios da vida privada. Uma única circunstância pareceu dar ganho de causa à maledicência.

Cecília Renata Beauvisage nascera em 1820, no momento em que o sr. de Chargebœuf deixou a subprefeitura, e entre os nomes do feliz subprefeito havia o de Renato. Esse nome foi dado pelo conde de Gondreville, padrinho de Cecília. Se a mãe se tivesse oposto a que a filha recebesse esse nome, teria de algum modo confirmado as suspeitas.

Como a sociedade quer sempre ter razão, isso foi tido como uma malícia do velho par de França. A sra. Keller, filha do conde, e que se chamava Cecília, era a madrinha. Quanto à semelhança de Cecília Renata Beauvisage, esta era impressionante! Essa jovem não se parecia nem com o pai nem com a mãe; e, com o tempo, tornou-se o retrato vivo do visconde, do qual contraiu os modos aristocráticos. Essa dupla semelhança, moral e física, nunca pôde ser notada pela gente de Arcis, onde o visconde não mais voltara.

Severina, aliás, fez Philéas feliz, a seu modo. Ele gostava da boa mesa e das coisas cômodas da vida; ela proporcionou-lhe os mais deliciosos vinhos, uma mesa digna de um bispo e preparada pela melhor cozinheira do departamento, sem, contudo, ostentar nenhum luxo, porquanto manteve sua casa ao nível da vida burguesa de Arcis.

O provérbio de Arcis é que se deve jantar em casa da sra. Beauvisage e passar o serão em casa da sra. Marion.

A preponderância que a Restauração dava à casa de Cinq-Cygne, na circunscrição de Arcis, estreitara, naturalmente, os laços entre todas as famílias da região que tiveram participação no processo criminal feito a propósito do rapto de Gondreville. Os Marion, os Grévin, os Giguet uniram-se tanto mais porquanto o triunfo de suas opiniões, ditas constitucionais, nas eleições, exigia uma perfeita harmonia.

Por cálculo, Severina manteve Beauvisage preso ao comércio de artigos de malha, ao qual um outro que não ele teria podido renunciar; ela o mandava a Paris, à campanha, para seus negócios. Por isso, até 1830, Philéas, que assim podia exercer sua bossa para a aquisição, ganhou anualmente uma quantia equivalente à de suas despesas, além do juro de seus capitais, fazendo seu ofício *de chinelas*, para empregar uma expressão proverbial.

Os juros e a fortuna do sr. e da sra. Beauvisage, capitalizados durante quinze anos por cuidado do sr. Grévin, deviam orçar, pois, em quinhentos mil francos em 1830. Tal era, de fato, nessa época, o dote de Cecília, o qual o velho tabelião colocou a três por cento por cinquenta francos, o que produziu trinta mil de renda.

Assim, pois, ninguém se enganava na apreciação da fortuna dos Beauvisage, avaliada então em oitenta mil francos de renda. Depois de 1830, eles tinham vendido seu negócio de artigos de malha a João Violette, um de seus caixeiros, neto de uma das principais testemunhas

de acusação no caso Simeuse, e colocaram então seu capital avaliado em trezentos mil francos; mas o sr. e a sra. Beauvisage tinham em perspectiva as duas heranças, do velho Grévin e da velha granjeira Beauvisage, computada cada uma delas entre quinze e vinte mil francos de renda. As grandes fortunas da província são o produto do tempo multiplicado pela economia.

Trinta anos de velhice são nela sempre um capital.

Ao darem a Cecília Renata cinquenta mil francos de renda de dote, o sr. e a sra. Beauvisage guardavam para si essas duas heranças, trinta mil francos de renda e mais sua casa de Arcis.

Uma vez morta a marquesa de Cinq-Cygne, Cecília poderia certamente desposar o jovem marquês; a saúde, porém, daquela senhora, ainda forte, e quase bela aos sessenta anos, matava essa esperança, se porventura ela tivesse penetrado no coração de Grévin e da filha, como pretendiam algumas pessoas, admiradas com as recusas sofridas por homens tão apreciáveis como o subprefeito e o procurador do rei.

A casa Beauvisage, uma das mais belas de Arcis, estava situada na Place du Pont, ao correr da Rue Vide-Bourse, na esquina da Rue du Pont que sobe até a Place de l'Église. Embora sem pátio nem jardim, como muitas casas da província, ela produzia certo efeito, apesar da ornamentação de mau gosto. A porta, comum, porém de dois batentes, abria para a praça. As janelas do rés do chão tinham sobre a rua a vista da hospedaria da Posta, e, sobre a praça, a da paisagem bastante pitoresca do Aube, cuja navegação começa abaixo da ponte.

Para além desta há uma outra praça pequena, na qual reside o sr. Grévin e onde começa a estrada de Sézanne.

Tanto na rua como na praça, a casa Beauvisage, cuidadosamente pintada de branco, tinha o ar de ter sido construída de pedra. A altura das venezianas, as molduras exteriores das janelas, tudo contribuía para dar a essa casa um certo tom, realçado pelo aspecto geralmente miserável das casas de Arcis, quase todas construídas de madeira e recobertas de um reboco por meio do qual se simula a solidez da pedra.

Entretanto, não lhes faltava a essas casas certa simplicidade, por isso mesmo que cada arquiteto ou cada burguês se esforçava em resolver o problema que apresenta esse modo de edificar. Vê-se, em cada uma das praças de um e de outro lado da ponte, um modelo desses edifícios da Champanha.

No meio da série de casas situadas na praça, à esquerda da residência Beauvisage, via-se, pintada de cor borra de vinho e a madeira pintada de verde, a exígua loja de João Violette, neto do famoso granjeiro de Grouage, uma das principais testemunhas no caso do rapto do senador, ao qual, em 1830, Beauvisage cedera seu negócio, suas relações, e a quem ele, dizem, emprestava dinheiro.

A ponte de Arcis é de madeira. A cem metros dessa ponte, subindo o Aube, o rio é atravessado por outra ponte, na qual se erguem as altas edificações de madeira de um moinho de várias rodas. Esse espaço entre a ponte pública e essa ponte particular forma uma grande bacia, em cujas margens existem grandes casas. Por uma aberta e por sobre os telhados, vê-se a eminência sobre a qual estão situados o castelo de Arcis, seus jardins, seu parque, seus muros limitantes, suas árvores, que dominam o curso superior do Aube, e as pouco férteis várzeas da margem esquerda.

O barulho do Aube que se escapa para além do aterro dos moinhos, por cima da barragem, a música das rodas contra as quais a água fustigada torna a cair na bacia, nela produzindo cascatas, animam a Rue du Pont e contrastam com a tranquilidade do rio que corre para baixo, entre o jardim do sr. Grévin, cuja casa se acha na esquina da ponte, na margem esquerda, e o porto onde, na margem direita, os barcos descarregam suas mercadorias, em frente a uma série de casas bastante pobres, porém pitorescas.

O Aube serpenteia ao longe entre árvores esparsas ou achegadas, grandes ou pequenas, de folhagens diversas, conforme o gosto dos ribeirinhos. A fisionomia das casas é tão variada, que um viajante ali acharia um espécime das casas de todos os países. No norte, por exemplo, à margem da bacia, em cujas águas se divertem patos, há uma casa quase meridional, cujo telhado verga sob as telhas caneladas usadas na Itália; é ladeada por um jardimzinho sustentado por um canto do cais, no qual se erguem vinhas, uma latada e duas ou três árvores. Lembra alguns recantos de Roma, onde certas casas, nas margens do Tibre, oferecem aspectos semelhantes.

Em frente, na outra margem, há uma grande casa de telhado em beiral, com galerias que lembram uma casa suíça. Para completar a ilusão, entre essa construção e o desaguadouro, vê-se um vasto prado, ornado com os seus choupos e atravessado por uma pequena estrada arenosa; finalmente, as construções do castelo, o qual parece, cercado por casas tão frágeis, tanto mais imponente, representam o esplendor da aristocracia francesa.

Conquanto as duas praças da ponte sejam cortadas pela estrada de Sézanne, uma horrível calçada em mau estado, e sejam o lugar mais animado da cidade, por estarem o juizado de paz e a *mairie* de Arcis situados na Rue Vide-Bourse, um parisiense acharia esse lugar prodigiosamente campestre e solitário.

Tem tanta singeleza essa paisagem que, na Place du Pont, em frente à hospedaria da Posta, se vê uma bomba rústica. É verdade que, durante meio século, se podia admirar uma mais ou menos semelhante no esplêndido pátio do Louvre.

Nada explica melhor a vida de província do que o profundo silêncio

no qual está mergulhada essa pequena cidade, e que reina no seu ponto mais animado. Deve-se facilmente imaginar como a presença de um forasteiro, embora passasse ele ali apenas a metade de um dia, é inquietante, com que atenção os rostos assomam em todas as janelas para observá-lo e em que estado de espionagem vivem os habitantes uns para com os outros! A vida torna-se ali tão conventual que, com exceção dos domingos e dias de festa, um forasteiro não encontra ninguém nos bulevares, nem na Avenue des Soupîrs, em parte alguma, nem mesmo nas ruas.

Todos podem compreender agora o motivo por que o rés do chão da casa Beauvisage estava no mesmo nível que a rua e a praça. A praça servia-lhe de pátio. Pondo-se à janela, o antigo vendedor de artigos de malha podia abarcar de enfiada a Place de l'Église, as duas praças da ponte e a estrada de Sézanne. Via chegarem as diligências e os viajantes à hospedaria da Posta. Entrevia, enfim, nos dias de audiência, o movimento do juizado de paz e da *mairie*. Por isso, Beauvisage não trocava sua casa pelo castelo, apesar de seu ar senhorial, suas pedras de alvenaria e sua situação soberba.

VIII — ONDE APARECE O DOTE, UM DOS HERÓIS DESTA HISTÓRIA

Quem entrava em casa de Beauvisage via diante de si um peristilo, em cujo fundo se desenrolava uma escada. À direita abria-se um vasto salão, cujas duas janelas davam para a praça, e à esquerda uma bela sala de jantar cujas janelas olhavam para a rua. O primeiro andar servia de dormitório.

Apesar da fortuna dos Beauvisage, a criadagem da casa compunha-se apenas da cozinheira e de uma camareira, espécie de camponesa que ensaboava, passava a ferro, esfregava com mais frequência do que vestia a dona da casa e sua filha, acostumadas a se servirem uma à outra para encher o tempo. Desde a venda do negócio dos artigos de malha, o cavalo e o cabriolé de Philéas, guardados na hospedaria da Posta, tinham sido suprimidos e vendidos.

No momento em que Philéas entrou em casa, sua mulher, que tivera conhecimento da resolução da assembleia Giguët, calçara as botinas e pusera o xale, a fim de ir à casa do pai, pois adivinhava que à noite a sra. Marion a sondaria relativamente a Cecília para Simão.

Depois de ter informado a esposa da morte de Carlos Keller, ele, ingenuamente, pediu-lhe sua opinião por um “Que dizes a isto, mulher?”, o qual evidenciava seu hábito de respeitar em todas as coisas a opinião de Severina. Depois, sentou-se numa poltrona e esperou uma resposta.

Em 1839, a sra. Beauvisage, então com quarenta e quatro anos de idade, estava tão bem conservada, que poderia substituir a srta. Mars.²⁹

Quem se recordar da mais sedutora Célimène que já teve o teatro francês poderá fazer uma ideia exata da fisionomia de Severina Grévin. Era a mesma riqueza de formas, a mesma beleza de rosto, a mesma nitidez de contornos; mas a mulher do fabricante tinha um busto pequeno que lhe tirava aquela graça nobre, aquela coqueteria à Sévigné,³⁰ pelas quais a grande atriz se impunha à recordação dos homens que viram o Império e a Restauração.

A vida de província e o vestuário um tanto descuidado a que Severina se deixara arrastar, fazia dez anos, davam um não sei quê de comum àquele belo perfil, àquelas lindas feições, e a gordura destruíra aquele corpo, tão magnífico durante os primeiros doze anos de matrimônio. Severina, porém, compensava essas imperfeições por um olhar soberano, soberbo, imperioso, e por certa atitude de cabeça cheia de altivez. Seus cabelos ainda negros, longos e bastos, trançados no alto da cabeça, davam-lhe um ar jovem. Tinha o peito e os ombros de neve, tudo isso, porém, saliente, cheio, de modo a constranger o movimento do pescoço, que se tornara muito curto. Na extremidade de seus fortes braços roliços, pendia uma bonita mãozinha bastante gorda. Nela a vida e a saúde abundavam de tal forma, que, por cima dos sapatos, a carne, embora contida, formava uma ligeira saliência. Dois brincos, do valor de mil escudos cada um, ornavam-lhe as orelhas. Usava uma coifa de renda, com laços cor-de-rosa, um *costume-tailleur* de musselina de lã com listras alternadamente róseas e cinzento-linho, orlado de um galão verde, o qual se abria embaixo a fim de deixar ver uma saia guarnecida de renda valenciana, e um xale de casimira verde, com palmas, cujas pontas arrastavam o chão. Seus pés não pareciam estar à vontade nos seus borzequins de pelica bronzeada.

— Não deve estar com tanta fome que não possa esperar uma meia hora mais — disse ela, pousando o olhar em Beauvisage. — Meu pai acabou de jantar, e eu não posso jantar sossegada sem saber o que ele pensa e se devemos ir a Gondreville.

— Vai, vai, querida, eu te esperarei — disse o negociante.

— Deus meu! não conseguirei nunca fazer com que perca o hábito de me tutear? — disse ela fazendo um movimento de ombros bastante significativo.

— Isso nunca me aconteceu diante de gente, desde 1817 — replicou Philéas.

— Isso lhe acontece constantemente diante dos criados e de sua filha.

— Como quiser, Severina — respondeu Beauvisage tristemente.

— Sobretudo, nenhuma palavra a Cecília a respeito dessa resolução dos eleitores — acrescentou a sra. Beauvisage, que se estava mirando no espelho para arrumar o xale.

— Queres que eu vá contigo à casa de teu pai? — perguntou Philéas.

— Não, fique com Cecília. De resto, João Violette não lhe deve pagar hoje o resto do seu débito? Ele vai trazer-lhe os vinte mil francos. Já por três vezes ele adia o pagamento, em três meses; não lhe dê mais prazos, e se ele não estiver em condições, leve sua letra a Courtet, o oficial de justiça; ponhamo-nos em regra, proteste a letra. Aquiles Pigoult lhe dirá o que deve fazer para recebermos nosso dinheiro. Esse Violette é bem o digno neto do avô! julgo-o capaz de se enriquecer com uma falência; não tem nem fé nem lei.

— Ele é bem inteligente — disse Philéas.

— O senhor deu-lhe por trinta mil francos uma clientela e um estabelecimento que a olhos fechados valia cinquenta mil, e, em oito anos, ele não lhe pagou mais do que dez mil francos...

— Nunca executei ninguém — respondeu Beauvisage — e prefiro perder meu dinheiro a atormentar um pobre homem...

— Um homem que zomba do senhor!

Beauvisage ficou calado. Não achando nada para responder a essa cruel observação, olhou para as tábuas que formavam o assoalho do salão.

É possível que a abolição progressiva da inteligência e da vontade de Beauvisage possa explicar-se pelo abuso do sono. Deitando-se todas as noites às oito horas e levantando-se no dia seguinte às oito da manhã, fazia vinte anos que ele dormia suas doze horas, sem jamais ter despertado durante a noite, ou, se esse grave acontecimento sucedia, era para ele o fato mais extraordinário: não falava em outra coisa durante todo o dia. Gastava em se arrumar mais ou menos uma hora, porquanto sua mulher habituara-o a não se apresentar diante dela, ao almoço, senão barbeado, limpo e vestido. Quando ele ainda negociava, saía depois do almoço, ia aos seus quefazeres e voltava somente para jantar. Desde 1832 substituíra as saídas para negócio por uma visita ao sogro e por um passeio ou visitas na cidade.

Fizesse o tempo que fizesse, usava botas, calças de pano azul, um colete branco e uma casaca azul, vestuário exigido também pela mulher. Sua roupa branca era notável por uma alvura e uma qualidade tanto mais admiráveis por que Severina o obrigava a mudá-la todos os dias. Esses cuidados por sua aparência, tão raramente usados na província, contribuíam para que o considerassem em Arcis como se considera em Paris um homem elegante.

Exteriormente, esse digno e grave negociante de artigos de malha de algodão parecia, pois, uma personagem; porquanto sua mulher tinha bastante espírito para nunca ter dito uma palavra que pusesse o público de Arcis no segredo do seu desapontamento e da nulidade do marido, o qual, graças aos seus sorrisos, às suas frases obsequiosas e à sua apresentação de homem rico, era tido por uma das mais consideráveis personalidades. Diziam que Severina tinha tanto ciúme dele, que não o

deixava ir a saraus, enquanto Philéas esmagava as rosas e os lírios sobre sua tez pelo peso de um sono feliz.

Beauvisage, que vivia de acordo com seus gostos, cuidado pela esposa, bem servido pelos seus dois criados, acariciado pela filha, dizia-se o homem mais feliz de Arcis, e era-o. Os sentimentos de Severina por aquele homem nulo não deixavam de ter um pouco da piedade protetora da mãe pelos filhos. Disfarçava a dureza das palavras que era obrigada a dizer-lhe, sob o manto do gracejo. Nenhum casal era mais calmo, e a aversão que Philéas tinha pela sociedade onde dormia, onde não podia jogar, por não conhecer nenhum jogo de cartas, tornara Severina senhora absoluta de suas noites.

A chegada de Cecília pôs fim ao embaraço de Philéas, o qual exclamou:

— Como estás bonita!

A sra. Beauvisage virou-se bruscamente e dirigiu à filha um olhar penetrante que a fez corar.

— Ah! Cecília, quem lhe mandou trajar-se dessa maneira? — perguntou a mãe.

— Não vamos logo de noite à casa da sra. Marion? Vesti-me para ver como me sentava o vestido novo.

— Cecília! Cecília! — disse Severina — para que quer enganar sua mãe? Não está direito, não estou satisfeita com você; quer esconder-me alguma coisa...

— Mas que fez ela? — perguntou Beauvisage, encantado por ver tão pimpante a filha.

— O que ela fez? eu lho direi! — disse a sra. Beauvisage ameaçando com o dedo a filha única.

Cecília atirou-se nos braços da mãe, beijou-a, fez-lhe festas, o que, para as filhas únicas, é um modo de ter razão.

Cecília Beauvisage, jovem de dezenove anos, pusera um vestido de seda gris de linho, enfeitado com alamares de um cinzento mais carregado e que pela frente imitava uma sobrecasaca. A blusa, sem mangas, enfeitada com botões, acabava em ponta na frente, e se atava nas costas como um espartilho. Esse falso espartilho desenhava perfeitamente, por essa forma, as costas, os quadris e o busto. A saia, guarnecida de três ordens de franjas, formava pregas encantadoras, e revelava pelo seu corte e modelo a ciência de uma costureira de Paris. Uma bonita gola, guarnecida de renda, caía sobre o corpete. A herdeira trazia à roda do pescoço uma pequena manta rosada muito elegantemente atada, e na cabeça um chapéu de palha enfeitado com uma rosa-de-cem-folhas. Suas mãos estavam enluvadas com mitenes de filó preto. Estava calçada com sapatos de pelica bronzeada; enfim, salvo seu arzinho endomingado, aquele porte de figurino, desenhado nos jornais de moda, devia encantar os pais de Cecília.

Cecília, aliás, era bem-feita de corpo, de estatura mediana e perfeitamente proporcionada. Trançara seus cabelos castanhos, de acordo com a moda de 1839, em duas grossas tranças que lhe cercavam o rosto e se prendiam por trás da cabeça. Seu rosto, muito saudável, de um oval distinto, chamava a atenção por aquele ar aristocrático que não tirara nem do pai nem da mãe. Seus olhos, de um castanho-claro, eram completamente desprovidos dessa expressão doce, calma e quase melancólica, tão natural nas moças. Vivaz, animada, com boa saúde, Cecília estragava, por um certo cunho burguês, e pela liberdade de maneiras que as crianças amimadas adquirem, tudo o que a sua fisionomia tinha de romanesco. Entretanto, um marido capaz de refazer-lhe a educação e apagar-lhe os vestígios da vida de província poderia extrair ainda, desse bloco, uma mulher encantadora. Efetivamente, o orgulho que Severina tinha da filha contrabalançara os efeitos de sua ternura. A sra. Beauvisage tivera a coragem de bem educar a filha; habituara-se com ela a uma falsa severidade que lhe permitiu fazer-se obedecer e reprimir o pouco mal que havia naquela alma.

Mãe e filha jamais se haviam separado; por isso, Cecília tinha, o que nas moças é mais raro do que se pensa, uma pureza de pensamento, uma frescura de coração, uma ingenuidade reais, inteiras e perfeitas.

— Seu vestuário me dá que pensar — disse a sra. Beauvisage —; Simão Giguet ter-lhe-á dito ontem alguma coisa que você me ocultou?

— Ora essa — disse Philéas —, um homem que vai receber o mandato de seus concidadãos...

— Mãezinha querida — disse Cecília ao ouvido de sua mãe —, ele me aborrece; mas além dele não vejo outro para mim em Arcis.

— Julgaste-o bem, mas espera que teu avô se manifeste — disse a sra. Beauvisage beijando a filha, cuja resposta revelava um grande bom senso, ao mesmo tempo que mostrava uma brecha feita na sua inocência pela ideia do casamento.

IX — HISTÓRIA DE MALIN E DE MALINO

A casa de Grévin, situada na margem direita do Aube, e que forma a esquina da pequena praça de além da ponte, é uma das mais antigas de Arcis. É de madeira, e os intervalos dessas tão débeis paredes são enchidos de pedras; contudo, a casa é revestida por uma camada de reboco alisado com a trolha e pintada de cinzento. Apesar dessa pintura coquete, nem por isso deixa de parecer uma casa de cartas.

O jardim, situado ao longo do Aube, é protegido por um muro de terraço, coroadado com vasos de flores. Essa humilde casa, cujas janelas têm postigos sólidos pintados de gris como as paredes, está mobiliada em harmonia com a simplicidade do exterior.

Ao entrar, viam-se num pequeno pátio empedrado os tramados

verdes que serviam de cerca ao jardim. No rés do chão, o antigo cartório, transformado em salão, e cujas janelas dão para o rio e para a praça, estava mobiliado com móveis antigos de veludo de Utrecht verde, excessivamente desbotado. O antigo gabinete tornou-se a sala de jantar do tabelião aposentado.

Ali, tudo indicava um ancião profundamente filósofo, uma dessas vidas que se escoaram como correm as águas dos ribeiros campestres, e que os arlequins da vida política acabam por invejar quando ficam desiludidos das grandezas sociais, ou fatigados das lutas insensatas contra a corrente da humanidade.

Enquanto Severina atravessava a ponte olhando para ver se o pai acabara de jantar, não é inútil dar uma olhada para a pessoa, para a vida e para as opiniões daquele velho, a quem a amizade do conde Malin de Gondreville valia o respeito de toda a região.

Eis a simples e ingênua história desse tabelião, durante muito tempo, por assim dizer, o único tabelião de Arcis.

Em 1787, dois rapazes de Arcis foram para Paris, recomendados a um advogado do Conselho chamado Danton. Esse ilustre patriota era de Arcis. Vê-se ainda na cidade sua casa, e sua família lá existe ainda. Isso poderia explicar a influência que a Revolução exerceu nesse recanto da Champanha.

Danton colocou seus conterrâneos com o procurador do Châtelet, tão famoso por seu processo com o conde Moreton de Chabillant,³¹ a propósito de seu camarote na primeira representação de *O casamento de Fígaro*, e pelo qual o Parlamento tomou as dores, considerando-se ultrajado na pessoa de seu procurador.

Um dos dois rapazes chamava-se Malin e o outro Grévin, ambos filhos únicos. O pai de Malin era o proprietário da casa onde atualmente reside Grévin. Os dois sentiram um pelo outro uma mútua e sólida afeição. Malin, rapaz astuto, de espírito profundo, ambicioso, possuía o dom da palavra. Grévin, honesto, trabalhador, teve como vocação admirar Malin. Voltaram para sua terra quando da Revolução, um para ser advogado em Troyes e o outro para ser tabelião em Arcis. Grévin, humilde servidor de Malin, fez com que o elegessem deputado à Convenção. Malin fez com que Grévin fosse nomeado procurador-síndico de Arcis.

Malin foi um convencional obscuro até o 9 de termidor,³² formando sempre ao lado do mais poderoso e esmagando o fraco; Tallien,³³ porém, fez-lhe compreender a necessidade de abater Robespierre. Malin distinguiu-se nessa terrível batalha parlamentar; teve coragem oportuna. A partir desse momento começou o papel político desse homem, um dos heróis da esfera inferior: abandonou o partido dos termidorianos pelo dos clichianos,³⁴ e foi então nomeado membro do Conselho dos Anciãos. Fazendo-se amigo de Talleyrand e de Fouché,

conspirando com eles contra Bonaparte, tornou-se, como eles, um dos mais ardorosos partidários de Bonaparte após a vitória de Marengo. Nomeado tribuno, foi um dos primeiros a entrarem no Conselho de Estado, foi um dos redatores do Código e um dos primeiros a serem promovidos à dignidade de senador, com o nome de conde de Gondreville.

Este é o lado político dessa vida; consideremos, agora, seu lado financeiro.

Grévin foi, na circunscrição de Arcis, o mais ativo e mais hábil instrumento da fortuna do conde de Gondreville. A terra de Gondreville pertencia aos Simeuse, uma das boas velhas nobres famílias da província, dizimada pelo cadafalso, e cujos herdeiros, dois rapazes, serviam no exército de Condé. Essa terra, vendida como bem nacional, foi adquirida por Malin sob o nome de sr. Marion e por intermédio de Grévin. Este fez com que o amigo adquirisse a melhor parte dos bens eclesiásticos vendidos pela República no departamento do Aube. Malin mandava a Grévin as quantias necessárias para essas aquisições, e, aliás, não esquecia seu homem de negócios.

Quando sobreveio o Diretório, época em que Malin reinava nos conselhos da República, as vendas foram realizadas no nome de Malin. Grévin foi tabelião e Malin conselheiro de Estado. Grévin foi *maire* de Arcis, Malin foi senador e conde de Gondreville. Malin desposou a filha de um fornecedor milionário, Grévin casou-se com a filha única do velhote Varlet, o primeiro médico de Arcis.

O conde de Gondreville teve trezentos mil francos de renda, um palácio em Paris, o magnífico castelo de Gondreville; casou uma das filhas com um dos Keller, banqueiro em Paris, e a outra com o marechal duque de Carigliano.

Grévin, este, rico com quinze mil francos de renda, possui a casa onde termina sua pacífica vida, economizando; e geriu os negócios do amigo, o qual lhe vendeu essa casa por seis mil francos.

O conde de Gondreville tem oitenta anos, e Grévin, setenta e seis. O par de França passeia em seu jardim; o antigo tabelião, no jardim de Malin: os dois envoltos em baetilha, juntando escudo sobre escudo. Nenhuma nuvem ensombreceu essa amizade de sessenta anos. O tabelião obedeceu sempre ao convencional, ao conselheiro de Estado, ao senador, ao par de França.

Após a Revolução de Julho, ao passar por Arcis, Malin disse a Grévin:

— Queres a cruz?

— Para fazer o quê? — respondeu Grévin.

Jamais um faltou ao outro; ambos sempre se haviam esclarecido, aconselhado, um sem inveja e o outro sem soberba nem pretensão ofensiva. Malin fora sempre obrigado a reservar o quinhão de Grévin, porque todo o orgulho de Grévin era o conde de Gondreville. Grévin era

tão conde de Gondreville quanto o próprio conde de Gondreville.

Entretanto, depois da Revolução de Julho, momento em que Grévin deixara de gerir os bens do conde, e em que este, enfraquecido pela idade e por sua participação nas tempestades políticas, pensava em viver tranquilo, os dois velhos, seguros de si mesmos mas não tendo mais tanta necessidade um do outro, pouco se viam. Ao ir à sua propriedade, ou ao voltar para Paris, o conde ia ver Grévin, o qual fazia somente uma ou duas visitas ao conde durante sua estada em Gondreville.

Entre os filhos dos dois não existia nenhum laço. Nunca a sra. Keller ou a duquesa de Carigliano tiveram a menor relação com a srta. Grévin, nem antes nem depois de seu casamento com o fabricante de artigos de malha, Beauvisage. Esse desdém, involuntário ou real, muito surpreendia Severina.

Grévin, *maire* de Arcis, no Império, serviçal para todos, tinha, durante o exercício de seu ministério, conciliado e prevenido muitas dificuldades.

Sua franqueza, sua bonomia e sua probidade tinham-lhe granjeado a estima e a afeição de toda a circunscrição; todos, de resto, respeitavam nele o homem que dispunha da amizade, do poder e da influência do conde de Gondreville. Entretanto, depois que a atividade do tabelião e sua ingerência nos negócios públicos e particulares cessaram, fazia oito anos, sua lembrança quase se apagara na cidade de Arcis, onde todos esperavam cada dia vê-lo morrer. Grévin, a exemplo de seu amigo Malin, mais parecia vegetar do que viver; pouco aparecia, cultivava seu jardim, podava suas árvores, ia examinar seus legumes, seus brotos; e, como todos os velhos, ensaiava-se no seu papel de cadáver.

A vida desse septuagenário era de uma perfeita regularidade. Do mesmo modo que seu amigo, o coronel Giguët, levantando-se com o dia, deitando-se antes das nove horas, tinha a frugalidade dos avaros, bebia pouco vinho, mas esse vinho era delicioso. Tomava café, mas nunca licores, e seu único exercício era o exigido pela jardinagem. Usava em qualquer tempo o mesmo vestuário: sapatos grossos engraxados, meias forradas, calças de baetilha gris de boca larga, sem suspensórios, um colete grande de fazenda leve azul-celeste, com botões de chifre, e uma sobrecasaca de baetilha gris, semelhante à das calças; na cabeça tinha um pequeno casquete redondo de pele de lontra, o qual conservava mesmo em casa. No verão, substituíra esse casquete por uma espécie de solidéu de veludo preto, e a sobrecasaca de baetilha por outra de fazenda gris de aço. Tinha cinco pés e quatro polegadas de estatura e a gordura do velho de boa saúde, o que tornava pesada sua marcha, já lenta, como a de todos os trabalhadores de gabinete.

Desde o amanhecer, esse velhote vestia-se com os mais minuciosos

cuidados; ele mesmo se barbeava, depois dava uma volta pelo jardim, olhava o tempo, ia consultar seu barômetro, abrindo ele mesmo as janelas de seu salão. Finalmente, binava, eslagartava, mondava, sempre tinha alguma coisa a fazer antes do almoço. Depois deste, ficava sentado, digerindo, até as duas horas, pensando não se sabe em quê. Sua neta vinha quase sempre, trazida por uma criada, algumas vezes acompanhada pela mãe, vê-lo entre as duas e as cinco horas.

Certo dia, essa vida mecânica era interrompida: tinha de receber os arrendamentos e as contribuições em gêneros, que logo vendia. Essa pequena perturbação, porém, só ocorria nos dias de feira, e uma vez por mês. Que fim dava ao dinheiro? Ninguém sabia, nem mesmo Severina e Cecília; Grévin, nesse assunto, era de uma discrição eclesiástica. Entretanto, todos os sentimentos desse ancião tinham acabado por se concentrar na filha e na neta, às quais amava mais do que ao seu dinheiro.

Esse septuagenário asseadinho, de rosto bem redondo, de fronte calva, olhos azuis e cabelos brancos, tinha algo de absoluto no caráter, como todos aqueles a quem nem os homens nem as coisas resistiram. Seu único defeito, aliás extremamente oculto, porque jamais tivera ocasião de manifestá-lo, era um rancor persistente, terrível, uma suscetibilidade que Malin jamais havia provocado. Se Grévin sempre servira o conde de Gondreville, sempre o encontrara reconhecido; nunca Malin humilhara ou melindrara o amigo, a quem conhecia a fundo. Os dois amigos conservavam ainda o tratamento de tu da mocidade e o mesmo afetuoso aperto de mão. Jamais o senador fizera Grévin sentir a diferença de situação de ambos; antecipava-se sempre aos desejos do amigo de infância, oferecendo-lhe sempre tudo, sabendo que ele se contentaria com pouco.

Grévin, apaixonado pela literatura clássica, jurista, bom administrador, possuía sérios e vastos conhecimentos em legislação; fizera para Malin trabalhos que no Conselho de Estado firmaram a glória do redator dos Códigos.

Severina queria muito ao pai; ela e a filha não confiavam a ninguém o trabalho de fazer-lhe a roupa branca: tricotavam no inverno meias para ele, tinham em sua intenção todas as preocupações, e Grévin sabia que na afeição delas não entrava nenhum pensamento interesseiro; o provável milhão da sucessão paterna não lhes secaria as lágrimas. Os velhos são sensíveis à ternura desinteressada. Antes de sair de casa do velhote, a sra. Beauvisage e Cecília preocupavam-se todos os dias com o jantar do pai para o dia seguinte, e mandavam-lhe as novidades do mercado.

A sra. Beauvisage desejara sempre que o pai a apresentasse no castelo de Gondreville e a fizesse ter relações com as filhas do conde; mas o sensato velho explicara-lhe inúmeras vezes a dificuldade que

havia para manter relações continuadas com a duquesa de Carigliano, que residia em Paris e raramente vinha a Gondreville, ou com a brilhante sra. Keller, quando se tinha uma loja de artigos de malha em Arcis.

— Tua vida está terminada — dizia Grévin à filha —; põe toda a tua esperança em Cecília, que certamente será rica bastante para dar-te, quando deixares o comércio, a existência grande e larga a que tens direito. Escolhe um genro que seja ambicioso e tenha meios, e assim poderás um dia ir a Paris e deixar aqui esse palerma de Beauvisage. Se vivo bastante para ver um genro teu, eu os guiarei no mar dos interesses políticos como guiei Malin, e vocês chegarão a uma situação igual à dos Keller...

Essas poucas palavras, proferidas antes da Revolução de 1830, um ano depois da retirada do velho tabelião para aquela casa, explica sua vida vegetativa. Grévin queria viver, queria pôr a filha, a neta e os bisnetos no caminho das grandezas. Grévin tinha ambição até a terceira geração.

Quando assim falava, o velho sonhava em casar Cecília com Carlos Keller; por isso, nesse momento, chorava ele suas esperanças derruídas, não sabendo mais o que decidir. Sem relações na sociedade parisiense, não vendo mais no departamento do Aube outro marido para Cecília que não o jovem marquês de Cinq-Cygne, a si mesmo perguntava se poderia vencer, à força de dinheiro, as dificuldades que a Revolução de Julho suscitava entre os realistas fiéis aos seus princípios e seus vencedores. A felicidade da neta parecia-lhe tão comprometida entregando-a à orgulhosa marquesa de Cinq-Cygne que decidiu confiar-se ao amigo dos velhos, o Tempo. Tinha esperança que sua inimiga figadal, a marquesa de Cinq-Cygne, morresse, e acreditava poder seduzir o filho, servindo-se do avô do marquês, o velho d'Hauteserre, que então vivia em Cinq-Cygne, e a quem sabia acessível às solicitações da avareza.

Quando a corrente dos acontecimentos tiver levado o drama ao castelo de Cinq-Cygne, explicar-se-á como o avô do jovem marquês usava o nome diferente de seu neto.³⁵

Se esse plano falhasse, quando Cecília Beauvisage fizesse vinte e dois anos, em desespero de causa, Grévin pretendia consultar seu amigo Gondreville, que lhe escolheria, em Paris, um marido de acordo com seu coração e sua ambição, entre os duques do Império.

X — O DESCONHECIDO

Severina encontrou o pai sentado num banco de pau, no fim do seu terraço, sob os lilases em flor, e tomando seu café, pois eram cinco horas e meia. Viu bem, pela dor gravada no rosto do pai, que ele sabia

da notícia. De fato, o velho par de França acabava de mandar um criado ao amigo, pedindo-lhe que o fosse ver.

Até então, o velho Grévin não tinha querido encorajar a ambição da filha; nesse momento, porém, por entre as reflexões contraditórias que se chocavam na sua triste meditação, ele deixou escapar seu segredo.

— Minha querida filha — disse ele —, eu tinha formado para o teu futuro os mais belos e mais orgulhosos projetos. A morte acaba de derrubá-los. Cecília viria a ser viscondessa Keller, porque Carlos, graças aos meus cuidados, teria sido eleito deputado de Arcis e teria sucedido ao pai, um dia, no pariato. Nem Gondreville nem a filha, sra. Keller, teriam recusado os sessenta mil francos de renda que Cecília tem como dote, sobretudo com perspectiva de outros cem mil que vocês um dia terão. Terias morado em Paris com tua filha, e lá representado teu papel de sogra nas altas esferas do poder.

A sra. Beauvisage fez um gesto de satisfação.

— Mas somos atingidos aqui pelo golpe que feriu esse encantador rapaz, que já conquistara a amizade do príncipe real... Agora, esse Simão Giguet, que faz força para entrar na cena política, é um tolo da pior espécie, pois se julga uma águia... Vocês estão bastante ligadas com os Giguet e com a casa Marion, o que as obriga a uma porção de contemplação para atenuar a recusa, e é preciso recusar...

— Como sempre, pai, somos da mesma opinião.

— Tudo isso me obriga a ir ver meu velho Malin, primeiro para consolá-lo, e depois para consultá-lo. Tu e Cecília seriam infelizes com uma velha família do Faubourg Saint-Germain, onde lhes fariam sentir, por mil modos, a origem de vocês; devemos, portanto, procurar algum duque, confecção de Bonaparte, que esteja arruinado: ficaremos assim em condições de obter para Cecília um belo título, e a casaremos com separação de bens. Podes dizer que eu já dispus da mão de Cecília, e assim cortaremos definitivamente todos os pedidos extravagantes, como o de Antonino Goulard. O jovem Vinet seguramente se oferecerá; ele seria preferível a todos os candidatos que virão farejar o dote... Ele tem talento, sabe mexer-se, e pertence pelo lado materno aos Chargebœuf; tem, entretanto, demasiado caráter para não dominar a mulher, e é bastante moço para se fazer amar: entre esses dois sentimentos tu perecerias, porque, minha filha, eu te conheço como a palma da minha mão!

— Vou ver-me bem embaraçada esta noite, lá nos Marion — disse Severina.

— Pois bem! minha filha, manda-me a sra. Marion, que lhe falarei!

— Eu bem sabia, meu pai, que o senhor se preocupava com o nosso futuro, mas não esperava que ele fosse tão brilhante — disse a sra. Beauvisage pegando as mãos do pai e beijando-as.

— Preocupe-me tanto com ele — replicou Grévin — que, em 1831,

comprei um palácio que conheces, o palácio Beauséant.³⁶

A sra. Beauvisage fez um gesto de surpresa ao ter conhecimento desse segredo tão bem guardado, mas não interrompeu o pai.

— Será o meu presente de núpcias — disse ele. — Em 1832 aluguei-o por sete anos a um inglês, à razão de vinte e quatro mil francos; um bom negócio, porquanto ele me custou apenas trezentos e vinte e cinco mil francos, e dessa forma já temos cerca de duzentos mil recuperados. O contrato termina a 15 de julho deste ano.

Severina beijou o pai na testa e nas faces. Esta última revelação engrandecia de tal forma seu futuro que ela teve como que um deslumbramento.

“Meu pai, a conselho meu, só dará a sua propriedade dessa herança aos seus netos”, disse ela consigo mesma, ao atravessar a ponte; “eu ficarei com o usufruto; não quero que minha filha e o genro me corram da casa deles; eles é que estarão em minha casa!”

À sobremesa, quando as duas criadas se abancaram à mesa da cozinha, e quando a sra. Beauvisage teve certeza de não ser ouvida, julgou necessário fazer uma pequena preleção a Cecília.

— Minha filha — disse-lhe —, porte-se esta noite como uma pessoa bem-educada; e, a partir de hoje, tome um ar importante, não converse frivolamente, não passeie sozinha com o sr. Giguët, nem com o sr. Vinet, nem com o subprefeito, nem com o sr. Martener, enfim, com ninguém, nem mesmo com Aquiles Pigoult. Você não se casará com nenhum dos rapazes de Arcis, nem do departamento. Você está destinada a brilhar em Paris. Assim, pois, todos os dias, você usará trajes encantadores, para se acostumar à elegância. Trataremos de subornar uma camareira da jovem duquesa de Maufrigneuse; assim, saberemos onde fazem as suas compras a princesa de Cadignan e a marquesa de Cinq-Cygne. Oh! não quero que tenhamos nem sombras de ar provinciano. Você estudará piano três horas por dia; todos os dias farei o sr. Moisés vir de Troyes, até que me informem qual o professor que posso fazer vir de Paris. É preciso aperfeiçoar todos os seus dons, pois não tem mais do que um ano para ficar solteira. Portanto, está prevenida; eu verei como se porta esta noite. Trata-se de manter Simão a uma grande distância, sem divertir-se à custa dele.

— Fique descansada, senhora; vou pôr-me a adorar o *desconhecido*.

Esse termo, que fez a sra. Beauvisage sorrir, exige uma explicação.

— Ah! ainda não o vi — disse Philéas —, mas todos falam dele. Quando eu quiser saber quem é, mandarei o brigadeiro ou o sr. Groslier pedir-lhe o passaporte.

Não há cidade pequena na França na qual, num momento dado, não se represente o drama ou a comédia do *forasteiro*. Muitas vezes este é um aventureiro que faz vítimas e se vai, levando a reputação de uma mulher ou o dinheiro de uma família. Com mais frequência, o *forasteiro*

é um estranho verdadeiro, cuja vida permanece bastante tempo misteriosa para que a cidadezinha se preocupe com seus feitos e gestos.

Ora, o provável advento de Simão Giguët ao poder não era o único acontecimento grave. Fazia dois dias que a atenção da cidade de Arcis tinha por alvo uma personagem chegada havia três dias, que acontecia ser o *primeiro desconhecido* da atual geração. Mas também o *desconhecido* era o assunto obrigado das palestras em todas as casas. Era a viga caída do céu na cidade das rãs.³⁷

A situação de Arcis-sur-Aube explica o efeito que lá devia causar a chegada de um estranho. Seis léguas antes de Troyes, na estrada real de Paris, diante de uma granja chamada Bela-Estrela, inicia-se um caminho departamental que leva à cidade de Arcis, atravessando vastas planícies onde o Sena cava um vale estreito, sombreado por choupos, o qual contrasta com a brancura das terras gredosas da Champanha.

A estrada que liga Arcis a Troyes tem seis léguas de comprimento e forma a corda de um arco cujas extremidades são aquelas duas cidades, de modo que o caminho mais curto para ir de Paris a Arcis é essa estrada departamental na qual se entra em Bela-Estrela. O Aube, como foi dito, só é navegável desde Arcis até sua desembocadura. Por isso, essa cidade, situada a seis léguas da estrada real, separada de Troyes por planícies monótonas, está perdida no meio do campo, sem comércio nem trânsito, seja por água, seja por terra. Efetivamente, Sézanne, situada a poucas léguas de Arcis, do outro lado do Aube, é atravessada por uma estrada real que economiza oito paradas de muda na antiga estrada da Alemanha por Troyes.

Arcis é, pois, uma cidade completamente isolada por onde não passa um só carro, e que não se liga a Troyes e à estação da Bela-Estrela a não ser por meio de recoveiros. Todos os habitantes se conhecem, conhecem mesmo os caixeiros-viajantes que vêm a negócios para as casas parisienses; de modo que, como em todas as cidadezinhas de província que se acham em situação análoga, um estranho deve movimentar nela todas as línguas e agitar todas as imaginações, quando se demora mais de dois dias, sem que se saiba seu nome e o que ele vem fazer.

Ora, como Arcis estava ainda sossegada, três dias antes da manhã em que, pela vontade do criador de tantas histórias, começa esta, todos tinham visto chegar, pela estrada da Bela-Estrela, um forasteiro guiando um bonito tálburi atrelado com um cavalo de valor, acompanhado por um criadinho do tamanho de uma mão, montado num cavalo de sela. O recoveiro, em combinação com as diligências de Troyes, trouxera à Bela-Estrela três malas, vindas de Paris, sem endereço, e pertencentes a esse desconhecido, que se hospedou no Mulo.

Todos, em Arcis, imaginaram, à noite, que essa personagem tinha a intenção de comprar terras de Arcis, e muito se falou dele nas casas de

família como sendo o futuro comprador do castelo. O tálburi, o viajante, seus cavalos, seu criado, tudo parecia pertencer a um homem vindo das mais altas esferas sociais.

O desconhecido, certamente cansado, não se deixou ver; talvez passasse parte do tempo a instalar-se nos quartos que escolheu, avisando que se demoraria algum tempo. Quis ver o lugar que seus cavalos iriam ocupar na estrebaria, e mostrou-se muito exigente; quis que os separassem dos do hoteleiro e de outros que pudessem chegar.

À vista de tantas pretensões singulares, o dono do hotel do Mulo considerou seu hóspede um inglês.

Desde a noite do primeiro dia algumas tentativas foram feitas por curiosos, no Mulo; mas não obtiveram nenhum esclarecimento do pequeno *groom*, o qual recusou dar qualquer explicação relativa a seu patrão, não por negativas ou pelo silêncio, mas por zombarias que pareciam estar acima de sua idade e indicar grande corrupção.

Depois de ter feito cuidadosa *toilette*, de ter jantado, cerca das seis horas, o desconhecido saiu a cavalo, seguido de seu *groom*, desapareceu pela estrada de Brienne e só voltou muito tarde.

O hoteleiro, sua esposa e camareiras não conseguiram, pelo exame das malas e das coisas do desconhecido, nada que os pudesse esclarecer quanto à classe social, nome, condição ou projetos do hóspede misterioso. Isso foi de um efeito incalculável. Fizeram-se mil comentários, encarou-se a necessidade de uma intervenção do procurador do rei.

Na sua volta, o desconhecido deixou que a dona da casa subisse ao seu quarto e lhe apresentasse o livro no qual, segundo os regulamentos da polícia, ele devia assinar o nome, registrar sua qualidade, o fim de sua viagem e sua procedência.

— Não escreverei nada — disse ele à dona do hotel. — Se a incomodarem a esse respeito, diga que me recusei a fazê-lo, e mande-me o subprefeito, pois não tenho passaporte. Far-lhe-ão muitas perguntas a meu respeito, minha senhora; responda, porém, como quiser; quero que nada saiba de mim, mesmo que venha a descobrir qualquer coisa. Se me aborrecer, irei para o hotel da Posta, na Place de la Pont, e note que pretendo ficar aqui pelo menos quinze dias. Isso muito me contrariaria, porque sei que a senhora é irmã de Gotardo, um dos heróis do caso Simeuse.

— Basta, senhor! — respondeu a irmã de Gotardo, o intendente dos Cinq-Cygne.

Depois de semelhantes palavras o desconhecido pôde reter junto a si, durante cerca de duas horas, a dona do hotel, e fez com que ela lhe dissesse tudo o que sabia sobre Arcis, sobre todas as fortunas, sobre todos os interesses e sobre os funcionários.

No dia seguinte, desapareceu a cavalo, seguido por seu *groom*, e só

voltou à meia-noite.

Pode-se agora compreender o gracejo que fizera Cecília, e que a sra. Beauvisage julgou sem importância.

Beauvisage e Cecília, surpreendidos com a ordem do dia formulada por Severina, ficaram encantados com ela. Enquanto a mulher enfiava um vestido para ir à casa da sra. Marion, o pai ouviu a filha formular as hipóteses que tão naturalmente as pessoas moças formulam em tais condições. Depois, cansado do dia decorrido, foi deitar-se, quando mãe e filha saíram.

XI — UMA VISTA DO SALÃO MARION

Como o devem presumir os que conhecem a França ou a Champanha, o que não é a mesma coisa, e, se quiserem, as pequenas cidades, havia gente a mais não poder em casa da sra. Marion, na noite daquele dia. O triunfo de Giguet filho foi considerado como uma vitória alcançada sobre o conde de Gondreville, e a independência de Arcis em matéria de eleições pareceu definitivamente assegurada. A notícia da morte do pobre Carlos Keller foi considerada como uma sentença do céu e impôs silêncio a todas as rivalidades.

Antonino Goulard, Frederico Marest, Olivério Vinet, o sr. Martener, enfim, as autoridades que até então haviam frequentado aquele salão cujas opiniões não lhes pareciam dever ser contrárias ao governo criado pela vontade popular em julho de 1830, compareceram, segundo seu hábito, mas dominados todos pela curiosidade de ver qual a atitude da família Beauvisage.

O salão, restaurado na sua forma, não apresentava o menor vestígio da sessão que parecia ter decidido o destino de Simão Giguet.

Às oito horas, funcionavam quatro mesas de jogo, ocupadas cada uma por quatro jogadores. O pequeno salão e a sala de jantar regurgitavam de gente. Nunca, salvo nas grandes ocasiões de bailes ou de dias de festa, a sra. Marion vira, assim, grupos na entrada do salão e como que formando a cauda de um cometa.

— É a aurora do valimento — disse-lhe Olivério, mostrando-lhe aquele espetáculo tão deleitável para uma dona de casa que gosta de receber.

— Não se sabe até onde pode ir Simão — respondeu a sra. Marion.
— Estamos numa época em que as pessoas perseverantes e de boa conduta podem pretender tudo.

Essa resposta fora muito menos dirigida a Vinet do que à sra. Beauvisage, que vinha entrando então com a filha e veio felicitar a amiga. A fim de evitar qualquer pedido indireto, e para impedir qualquer interpretação de palavras ditas no ar, a mãe de Cecília tomou posição numa mesa de uíste e abismou-se numa concentração de

espírito de quem quisesse ganhar cem fichas.

Cem fichas correspondiam a dois francos e meio!... Quando um jogador perde essa quantia, fala-se a respeito, em Arcis, durante dois dias.

Cecília foi conversar com a srta. Mollot, uma de suas boas amiguinhas, e pareceu empolgada por um recrudescimento de afeto por ela. A srta. Mollot era a beleza de Arcis, assim como Cecília era a herdeira da cidade.

O sr. Mollot, escrivão do tribunal de Arcis, morava na Grande-Place, numa casa situada nas mesmas condições que a dos Beauvisage na Place du Pont.

A sra. Mollot, permanentemente sentada à janela de seu salão, no pavimento térreo, estava atacada, em consequência dessa situação, de um caso de curiosidade aguda, crônica, que se tornara doença consecutiva e inveterada. A sra. Mollot dedicava-se à espionagem, como uma mulher nervosa fala de seus males imaginários, com coquetismo e paixão. Assim que um camponês surgia na praça vindo pela estrada de Brienne, ela o olhava e procurava adivinhar o que ele teria vindo fazer em Arcis; não ficava com o espírito tranquilo enquanto seu camponês não era explicado. Passava a vida a julgar os acontecimentos, os homens, as coisas e os casos domésticos de Arcis. Essa mulher, grande e seca, filha de um juiz de Troyes, trouxera de dote para o sr. Mollot, antigo primeiro ajudante de Grévin, uma quantia bastante considerável para ele poder comprar o cargo de escrivão. Sabe-se que um escrivão de tribunal tem a categoria de juiz, como, nas cortes reais, o escrivão-chefe tem a de conselheiro. A posição do sr. Mollot era devida ao conde de Gondreville, que, com uma palavra, arranjara o assunto do primeiro ajudante de Grévin na chancelaria.

Toda a ambição da casa Mollot, do pai, da mãe e da filha, era casar Ernestina Mollot, aliás filha única, com Antonino Goulard. Por isso, a recusa com que os Beauvisage acolheram a tentativa do subprefeito estreitara mais ainda os laços de amizade dos Mollot com a família Beauvisage.

— Ali está um bem impaciente! — disse Ernestina a Cecília, mostrando-lhe Simão Giguet. — Oh! bem que ele desejaria vir conversar conosco; mas cada um que entra se julga obrigado a felicitá-lo e a falar-lhe. Faz mais de cinquenta vezes que o ouço dizer: “Creio que foi menos a mim do que a meu pai que se dirigiram os votos de meus concidadãos; mas, em todo caso, podem crer que me devotarei não somente aos nossos interesses gerais como também aos seus particulares”. Olha, adivinho a frase pelo movimento dos lábios, e, de cada vez, ele te olha fazendo uns olhos de mártir...

— Ernestina — pediu Cecília —, não me deixes durante toda a noite, porque não quero ter de ouvir suas propostas ocultas sob frases cheias

de *ahs!* entremeadas de suspiros...

— Tu não queres então ser a esposa de um guarda dos selos?

— Ah! eles só chegaram até aí? — disse Cecília, rindo.

— Afirmo-te — replicou Ernestina — que, há pouco, antes de tu chegares, o sr. Miley, o recebedor do registro, no seu entusiasmo, assegurava que em menos de três anos Simão seria guarda dos selos.

— Contam para isso com a proteção do conde de Gondreville? — perguntou o subprefeito, que veio sentar-se ao lado das duas moças, suspeitando estarem elas zombando de seu amigo Giguet.

— Ah! sr. Antonino — disse a bela Ernestina Mollot —, o senhor, que prometeu à minha mãe descobrir quem era o belo desconhecido, que sabe de novo a respeito dele?

— Os acontecimentos de hoje, senhorita, são de muito maior importância! — disse Antonino sentando-se perto de Cecília, como um diplomata encantado por escapar à atenção geral, refugiando-se numa conversação de moças. — Toda a minha vida de subprefeito ou de prefeito está em causa.

— Como! não deixará que seu amigo Simão seja eleito por unanimidade?

— Simão é meu amigo, mas o governo é meu senhor, e espero fazer tudo para impedir que Simão triunfe. E aí está a sra. Mollot, que me deverá auxiliar como esposa de um homem cujas funções o ligam ao governo.

— Não queremos outra coisa, senão estar com o senhor — replicou a escritã. — Mollot — disse ela em voz baixa — contou-me o que se passou aqui esta manhã... Foi lamentável! Um único homem mostrou talento: Aquiles Pigoult. Todos estão de acordo em dizer que seria um orador que brilharia na Câmara; por isso, embora ele nada possuía e minha filha seja filha única, embora ela haja de ter, para começar, seu dote de sessenta mil francos, depois nossa herança, da qual não falo, e finalmente as do tio de Mollot, o moleiro, e de minha tia Lambert, de Troyes; pois bem, declaro-lhe que se o sr. Aquiles Pigoult nos quisesse dar a honra de pensar nela e a pedisse em casamento, eu lha daria, sim senhor, se ele fosse do agrado de Ernestina; mas a tolinha não se quer casar senão à sua fantasia... É a srta. Beauvisage quem lhe mete essas ideias na cabeça...

O subprefeito recebeu essa dupla descarga como homem que sabe que tem trinta mil francos de renda e espera uma prefeitura.

— A senhorita tem razão — respondeu ele olhando para Cecília —; ela é bastante rica para fazer um casamento sem amor...

— Não falemos em casamento — disse Ernestina. — O senhor deixa minha querida Cecília triste; não faz muito ela me confessava que, para não ser desposada por causa da sua fortuna, e sim por causa dela própria, desejaria uma aventura com um desconhecido que nada

soubesse de Arcis, nem das heranças que devem fazer dela uma lady Creso, e quisesa viver um romance em cujo desenlace ela fosse desposada e amada por causa dela mesma...

— Isso é muito bonito. Eu já sabia que ela tinha tanto espírito quanto dinheiro! — exclamou Olivério Vinet, juntando-se ao grupo das moças, por ódio aos aduladores de Simão, o ídolo do dia.

— E foi assim, sr. Goulard — disse Cecília, sorrindo —, que nós, pulando de um assunto para outro, falamos do desconhecido...

— E — disse Ernestina — ela o tomou para herói desse romance que lhe esbocei.

— Oh! — disse a sra. Mollot — um homem de cinquenta anos!... Credo!

— E como sabe a senhora que ele tem cinquenta anos? — perguntou Olivério Vinet, sorrindo.

— Ora essa! — disse a sra. Mollot — hoje de manhã eu estava tão curiosa, que peguei meu binóculo!

— Bravo! — disse o engenheiro das obras públicas, o qual cortejava a mãe visando a filha.

— Portanto — continuou a sra. Mollot —, pude ver o desconhecido fazendo ele mesmo a barba com navalhas de uma elegância!... Tem cabo de ouro ou então prata dourada.

— De ouro!... de ouro!... — disse Vinet. — Quando as coisas são desconhecidas, devemos imaginá-las da mais bela qualidade. Por isso lhe declaro que, não tendo visto este senhor, tenho a certeza de que é pelo menos um conde.³⁸

A palavra, interpretada como um trocadilho, causou hilaridade. Aquele grupinho onde se ria provocou a inveja do grupo das matronas e a atenção do rebanho de homens de casaca preta que cercavam Simão Giguet. Quanto ao advogado, esse estava desesperado por não poder colocar sua fortuna, seu futuro, aos pés da rica Cecília.

“Oh, meu pai”, pensou o substituto, ao se ver felicitado por aquele trocadilho involuntário, “em que tribunal me fizeste estrear!”

— É um conde e não um conto, senhoras e senhoritas! — disse ele. — Um homem tão distinto por seu nascimento como por suas maneiras, por sua fortuna e por suas equipagens, um leão, um elegante, um *luvas amarelas*!

— Sr. Olivério — disse Ernestina —, ele tem o mais lindo tílburí do mundo.

— Como! Antonino, não me tinhas dito, hoje de manhã, que ele possuía um tílburí, quando falamos desse conspirador! Mas o tílburí é uma circunstância atenuante; não pode mais ser um republicano.

— Senhoritas, não há nada que eu não faça no interesse dos seus prazeres — disse Antonino Goulard. — Vamos saber se é um *conde* mesmo, a fim de a senhorita poder continuar seu *conto*.

— O qual talvez venha a tornar-se uma história — disse o engenheiro da circunscrição.

— Para uso dos subprefeitos — disse Olivério Vinet.

— E como vai fazer? — perguntou a sra. Mollot.

— Oh! — replicou o subprefeito — pergunte à srta. Beauvisage quem ela aceitaria para marido, se fosse condenada a escolher entre as pessoas aqui presentes, e jamais ela lhe responderia!... Deixe ao poder sua faceirice. Fiquem descansadas, senhoritas, dentro de dez minutos saberão se o desconhecido é um conde ou um caixeiro-viajante.

XII — DESCRIÇÃO DE UMA PARTE DO DESCONHECIDO

Antonino Goulard deixou o pequeno grupo das senhoritas, pois ali estavam, além da srta. Berton, filha do recebedor das contribuições, jovem insignificante que fazia o papel de satélite junto a Cecília e Ernestina, a srta. Herbelot, irmã do segundo tabelião de Arcis, solteirona de trinta anos, azeda, afetada e vestida como todas as solteironas: por sobre um vestido de alepina verde, ela trazia uma faixa bordada, cujas pontas, unidas na cintura pela frente, estavam atadas segundo a moda que reinava durante o Terror.

— Juliano — disse o subprefeito na antecâmara ao seu criado —, tu, que serviste durante seis meses junto a Gondreville, sabes como é uma coroa de conde?

— Tem pérolas em nove pontas.

— Pois bem, vai dar um pontapé no Mulo e uma olhada no tílburí do senhor que está hospedado lá: depois, vem dizer-me o que vires pintado nele. Enfim, desempenha-te bem da tua missão, recolhe todos os diz que diz ques... Se vires o criadinho, pergunta-lhe a que horas o senhor conde pode receber amanhã o subprefeito, isso no caso de veres as nove pontas com pérolas. Não bebas, não converses, volta depressa e, quando voltares, avisa-me, aparecendo na porta do salão.

— Sim, senhor subprefeito...

O hotel do Mulo, como já foi dito, ocupa, na praça, a esquina oposta ao ângulo do muro dos jardins da casa Marion, do outro lado da entrada de Brienne. Por isso, a solução do problema devia ser imediata. Antonino Goulard voltou para ocupar seu lugar ao lado da srta. Beauvisage.

— Ontem falamos tanto, aqui, do desconhecido — estava então dizendo a sra. Mollot — que sonhei com ele toda a noite.

— Ah! Ah! — disse Vinet — então a senhora ainda sonha com desconhecidos, bela dama?

— O senhor é um impertinente; se eu quisesse, faria com que o senhor sonhasse comigo — replicou ela. — Esta manhã, pois, ao levantar-me...

Não é inútil fazer observar que a sra. Mollot passa, em Arcis, por ser uma mulher de espírito, isto é, que se exprime com tanta facilidade, que abusa das suas vantagens. Um parisiense transviado nessas paragens, como o estava o desconhecido, tê-la-ia talvez achado excessivamente tagarela.

— ... estava, como é natural, fazendo minha *toilette*, e olhei maquinalmente para a frente!...

— Pela janela... — disse Antonino Goulard.

— Claro, meu quarto de vestir dá para a praça. Ora, sabem que Poupart pôs o desconhecido num dos quartos cujas janelas estão em frente às minhas...

— Um quarto, mamãe! — disse Ernestina. — O conde ocupa três quartos! O criadinho, vestido todo de preto, está no primeiro; do segundo fizeram uma espécie de salão, e o desconhecido dorme no terceiro.

— Ele está então com a metade dos quartos do Mulo? — disse a srta. Herbelot.

— Enfim, meninas, que tem isso que ver com a pessoa dele? — disse azedamente a sra. Mollot, zangada por ser interrompida pelas moças. — Trata-se de sua pessoa.

— Não interrompam o orador — disse Olivério Vinet.

— Como eu estivesse abaixada...

— Sentada — disse Antonino Goulard.

— Ela estava como devia estar — replicou Vinet —; estava se vestindo e olhava o Mulo.

Na província essas pilhérias são apreciadas, porquanto faz muito que todos já se disseram tudo, para que não recorram às tolices com que nossos pais se divertiam antes da introdução da hipocrisia inglesa, uma das mercadorias contra as quais as alfândegas são impotentes.

— Não interrompa o orador — disse a srta. Beauvisage sorrindo para Vinet, com quem trocou esse sorriso.

— ... meus olhos dirigiram-se involuntariamente para a janela do quarto, onde, na véspera, se deitara o desconhecido, a que horas, isso não sei, pois adormeci só muito tempo depois da meia-noite... Tenho a desgraça de estar ligada a um homem que ronca a ponto de fazer tremer o assoalho e as paredes... Se sou a primeira a adormecer, oh! tenho um sono tão pesado que nada ouço; mas, se é Mollot que larga primeiro, fico com a noite estragada...

— Há o caso em que os dois largam juntos! — disse Aquiles Pigoult, que veio juntar-se ao alegre grupo. — Vejo que se trata de seu sono...

— Cale-se, seu inconveniente! — replicou graciosamente a sra. Mollot.

— Compreendes? — disse Cecília ao ouvido de Ernestina.

— Pois, à uma hora depois da meia-noite, ele ainda não tinha

voltado! — disse a sra. Mollot.

— Ele fraudou-a! Voltar sem que a senhora o soubesse! — disse Aquiles Pigoult. — Ah! esse homem é muito esperto; ele nos levará todos no embrulho e nos venderá na praça do Mercado!

— A quem? — perguntou Vinet.

— A um negócio! a uma ideia! a um sistema! — respondeu o tabelião, para quem o substituto sorriu com ar finório.

— Imaginem a minha surpresa — continuou a sra. Mollot — ao ver uma fazenda de uma magnificência, de uma beleza, de um brilho!... Disse comigo mesma: “Com certeza ele tem um roupão dessa fazenda de vidro que fomos ver na exposição dos produtos da indústria”. Fui então buscar o meu binóculo e examinei... Mas Deus meu! que vejo! Acima do roupão, no lugar em que devia estar a cabeça, enxergo uma massa enorme, uma coisa assim como um joelho... Não, não lhes posso dizer a que ponto chegou a minha curiosidade!

— Imagino — disse Antonino.

— Não, o senhor não pode imaginar — disse a sra. Mollot —, porque esse joelho...

— Ah! compreendo — disse Olivério Vinet, rindo às gargalhadas —, o desconhecido estava também fazendo sua *toilette* e a senhora viu-lhe os dois joelhos...

— Nada disso! — exclamou a sra. Mollot — o senhor me faz dizer inconseqüências. O desconhecido estava de pé, segurando uma esponja acima de uma bacia enorme, e seus gracejos de mau gosto não pegam, sr. Olivério... Eu teria reconhecido perfeitamente o que o senhor pensa...

— Oh! reconhecido? a senhora se está comprometendo! — disse Antonino Goulard.

— Deixe-me acabar — pediu a sra. Mollot. — Era a cabeça dele! estava lavando a cabeça, não tem um fio de cabelo...

— Que imprudente! — disse Antonino Goulard. — Não vem aqui, na certa, com ideias de casamento. Aqui, para casar, é preciso ter cabelos... É artigo muito procurado.

— Portanto, tenho razão em dizer que nosso desconhecido tem cinquenta anos. Só nessa idade é que se usa peruca. E, efetivamente, de longe, o desconhecido, terminada a *toilette*, abriu a janela; tornei a vê-lo munido de uma soberba cabeleira preta, e ele me olhou, quando me fui para a sacada. Assim, pois, minha cara Cecília, não poderá tomar esse senhor para herói de seu romance.

— Por que não? As pessoas de cinquenta anos não são de desdenhar, quando são condes — replicou Ernestina.

— Ele terá cabelos, talvez — disse maliciosamente Olivério Vinet —, e nesse caso seria perfeitamente casável. A questão seria saber se ele mostrou a cabeça pelada à sra. Mollot, ou...

— Cale-se! — disse a dama.

Antonino Goulard apressou-se em mandar o criado da sra. Marion ao Mulo com uma ordem para Juliano.

— Meu Deus! que importa a idade de um marido? — disse a srta. Herbelot.

— Contanto que se tenha um — acrescentou o substituto, que se fazia temer por sua maldade fria e seus sarcasmos.

— Mas — replicou a solteirona ao sentir o epigrama — eu preferiria um homem de cinquenta anos, indulgente e bom, atencioso com a mulher, a um jovem de vinte e poucos anos sem coração, de espírito mordaz para toda a gente, mesmo para a esposa.

— Isso é bom de dizer — objetou Olivério Vinet —, porque, para preferir um quinquagenário a um adulto, é preciso tê-los para escolher.

— Oh! — disse a sra. Molloy, para acabar aquela luta entre a solteirona e o jovem Vinet, que sempre ia longe demais — quando uma mulher tem experiência da vida, sabe que um marido de cinquenta ou de vinte e cinco anos é absolutamente a mesma coisa, quando ele é somente estimado... O que importa no casamento são as conveniências que nele se procuram. Se a srta. Beauvisage quer ir a Paris, figurar lá, e no seu lugar eu pensaria assim, não procuraria com certeza meu marido em Arcis... Se eu tivesse a fortuna que ela terá, eu de bom grado concederia minha mão a um conde, a um homem que me colocasse numa alta posição social, e não pediria para ver sua certidão de idade.

— Bastar-lhe-ia vê-lo na sua *toilette* — disse baixinho Vinet à sra. Molloy.

— Mas o rei faz condes, senhora! — veio dizer a sra. Marion, a qual fazia um momento vigiava a roda das moças.

— Ah! minha senhora — replicou Vinet —, há moças que gostam dos condes já feitos.

— E então, sr. Antonino — disse nesse momento Cecília, rindo do sarcasmo de Olivério Vinet —, nossos dez minutos já passaram e não sabemos se o desconhecido é conde.

— O governo deve ser infalível! — disse Olivério Vinet olhando para Antonino.

— Vou cumprir minha promessa — replicou o subprefeito, ao ver aparecer na porta do salão a cabeça de seu criado.

E deixou novamente seu lugar ao lado de Cecília.

— Estão falando do desconhecido? — disse a sra. Marion. — Sabem alguma coisa a seu respeito?

— Não, senhora — disse Aquiles Pigoult —; mas, sem o saber, ele é, como um atleta no circo, o alvo dos olhares de dois mil habitantes. Eu, sim, sei alguma coisa — acrescentou o pequeno tabelião.

— Ah! diga, sr. Aquiles! — pediu Ernestina vivamente.

— O criado dele chama-se Paraíso!...

— Paraíso! — repetiram todos os que formavam a roda.

— Pode alguém chamar-se Paraíso? — perguntou a sra. Herbelot, vindo tomar lugar junto à sua cunhada.

— Isso tende a provar — replicou o pequeno tabelião — que o amo dele é um anjo, porque, quando o criado o acompanha... compreendem...

— É o caminho do Paraíso! Esse é muito bonito — disse a sra. Marion, que queria interessar Aquiles Pigoult nos negócios do sobrinho.

XIII — ONDE O ESTRANHO CUMPRE TUDO O QUE O DESCONHECIDO PROMETIA

— Senhor — dizia o criado ao seu patrão Antonino, na sala de jantar —, o tálburi é armoriado...

— Armoriado!...

— É, senhor, fique certo de que as armas são bem esquisitas! há em cima uma coroa com nove pontas e pérolas...

— É um conde!

— Elas têm um monstro alado que corre para esmigalhar tudo, exatamente como um postilhão que tivesse perdido alguma coisa. E aqui tem o que está escrito no galhardete — disse ele, tirando um papel do bolso. — A srta. Anicette, camareira da princesa de Cadignan,³⁹ que acabava de trazer, de carro, bem entendido (a carruagem de Cinq-Cygne está em frente ao Mulo), uma carta para aquele senhor, copiou-me a coisa...

— Dá cá!

O subprefeito leu:

*Quo me trahit fortuna.*⁴⁰

Se não era bastante forte em matéria de brasões franceses para saber a que casa pertencia aquele lema, Antonino, entretanto, pensou que os Cinq-Cygne não dariam a carruagem e a princesa de Cadignan não mandaria um expresso, senão para uma personagem da mais alta nobreza.

— Ah! conheces a camareira da princesa de Cadignan? És um homem feliz — disse Antonino ao criado.

Juliano, rapaz da terra, após ter servido seis meses em Gondreville, entrara para o serviço do subprefeito, o qual queria ter um criado bem ensinado.

— Mas, senhor, Anicette é afilhada de meu pai. Papai, que gostava muito dessa pequena, cujo pai morreu, mandou-a para Paris a fim de se tornar costureira, porque minha mãe não a suportava.

— Ela é bonita?

— Bastante, senhor subprefeito. Tanto é assim que em Paris ela teve

suas desgraças; mas, enfim, como ela tem méritos, sabe fazer vestidos, pentear, entrou para o serviço da princesa por proteção do sr. Marin, primeiro criado de quarto do sr. duque de Maufrigneuse.⁴¹

— Que te disse ela de Cinq-Cygne? Há lá muita gente?

— Muita, senhor. Estão lá a princesa e o sr. d'Arthez...⁴² o duque de Maufrigneuse e a duquesa, o jovem marquês... Enfim, o castelo está cheio... Estão esperando esta tarde monsenhor o bispo de Troyes...

— Monsenhor Troubert?...⁴³ Ah! bem quisera eu saber se ele demorará alguns dias...

— Anicette pensa que sim, e supõe que monsenhor veio por causa do conde que está hospedado no Mulo. Ainda estão esperando mais gente. Diz o cocheiro que lá se falava muito em eleições. O sr. presidente Michu deve ir lá passar alguns dias...

— Vê se consegues que essa camareira venha à cidade, sob um pretexto qualquer... Tens intenções com respeito a ela?

— Se ela tivesse alguma coisa de seu, não digo que não!... Ela é uma finória.

— Dize-lhe que te venha visitar na subprefeitura.

— Sim, senhor, vou já.

— Não lhe fales em mim! ela assim não viria; propõe-lhe um posto vantajoso...

— Ah! senhor... estive empregado em Gondreville.

— Não sabes o motivo dessa mensagem de Cinq-Cygne, a estas horas? Pois são nove horas e meia...

— Parece que é algo de muita pressa, porque o conde, que voltava de Gondreville...

— O estranho foi a Gondreville?

— Jantou lá, senhor! E o senhor vai ver, é de a gente rir! O criadinho está, com perdão da palavra, borracho como uma cabra. Bebeu tanta champanha na copa que nem pode se aguentar de pé; com certeza, deram-lhe de beber por troca.

— Bem! e o conde?

— O conde, que já estava deitado, quando leu a carta, levantou-se; agora está se vestindo. Estavam atrelando o tálburi. O conde vai passar a noite em Cinq-Cygne.

— É então uma grande personagem?

— Oh! sim, senhor; porque Gotardo, o intendente de Cinq-Cygne, veio esta manhã ver seu cunhado Poupart, e recomendou-lhe a maior discrição em tudo o que dissesse respeito àquele senhor, e que o servisse como se fosse um rei.

“Teria Vinet razão?”, disse consigo mesmo o subprefeito. “Haverá alguma conspiração?...”

— Foi o duque Jorge de Maufrigneuse que mandou Gotardo ao Mulo. Se Poupart hoje de manhã veio aqui à reunião, foi porque o conde

quís que ele viesse. Se esse senhor dissesse a Poupart que fosse a Paris, ele partiria... Gotardo disse ao cunhado que enredasse tudo para aquele senhor, e que zombasse dos curiosos...

— Se conseguires Anicette, não deixes de me prevenir! — disse Antonino.

— Mas eu posso perfeitamente ir vê-la em Cinq-Cygne, se o senhor quer mandar-me à sua propriedade de Valpreux.

— É uma ideia. Aproveitarás o carro para ir... Mas que tens a dizer do criadinho?

— É um demônio, esse rapazinho, senhor subprefeito! Imagine que, borracho como está, acaba de seguir no magnífico cavalo inglês do patrão, um cavalo de raça que faz sete léguas por hora, a fim de levar uma carta a Troyes, para que ela chegue amanhã a Paris... E aquilo não tem mais que nove anos e meio! Que não será aos vinte anos, então?

O subprefeito ouviu maquinalmente esse último falatório administrativo. E então Juliano tagarelou durante alguns minutos. Antonino Goulard ouvia Juliano enquanto pensava no desconhecido.

— Espera — disse o subprefeito ao criado.

“Que embrulho!”, pensou, ao voltar, a passos lentos. “Um homem que janta com o conde de Gondreville e que passa a noite em Cinq-Cygne!... Quanto mistério!”

— E então? — bradou-lhe a roda da srta. Beauvisage, quando ele chegou.

— E então? é um conde e dos quatro costados, garanto-lhes.

— Oh! Como quisera vê-lo! — exclamou Cecília.

— Senhorita — disse Antonino, sorrindo e olhando maliciosamente para a sra. Mollot —, ele é alto, bem-feito de corpo e não usa peruca!... Seu criadinho estava toldado como os vinte e dois cantões; saturaram-no de champanha na copa de Gondreville, e esse garoto de nove anos respondeu a Juliano com a altivez de um velho laçaio quando aquele lhe falou na peruca do patrão: “Meu patrão, uma peruca? eu o abandonaria! Ele pinta os cabelos, e é o quanto basta!”

— Seu binóculo aumenta muito as coisas — disse Aquiles Pigoult à sra. Mollot, que se pôs a rir.

— Finalmente, o *groom* do belo conde, bêbado como está, corre neste momento para Troyes a fim de levar uma carta, e vai, apesar de ser noite, em cinco quartos de hora.

— Eu quisera ver o *groom* — disse Vinet.

— Se ele jantou em Gondreville — disse Cecília —, saberemos quem é esse conde, porque meu avô vai lá amanhã de manhã.

— O que lhes vai parecer estranho — disse Antonino Goulard — é que acabam de enviar ao desconhecido, de Cinq-Cygne, a srta. Anicette, camareira da princesa de Cadignan, e que ele vai passar o serão lá...

— Ora essa! — disse Olivério Vinet — isso não é um homem, é um

diabo, uma fênix. Ele seria amigo dos dois castelos, ele pocularia...⁴⁴

— Ah! que horror! — disse a sra. Mollot — o senhor tem cada termo...

— Ele pocularia é da mais alta latinidade, senhora — replicou com gravidade o substituto —; ele pocularia portanto com o rei Luís Filipe pela manhã e banquetearia à noite em Holy-Rood com Carlos x.⁴⁵ Não há senão um motivo que permita a um cristão ir aos dois campos, em casa dos Montecchi e em casa dos Capuletti!...⁴⁶ Ah!... sei quem é esse desconhecido; é...

— É? — perguntaram de todos os lados.

— O diretor das estradas de ferro de Paris a Lyon, ou de Paris a Dijon, ou de Montereau a Troyes.

— É verdade! — disse Antonino. — Acertou. Somente a finança, a indústria ou os negócios podem ser bem acolhidos em toda parte.

— Sim, nesse momento, os grandes nomes, as grandes famílias, o velho e o novo pariato, vão de marcha batida para as comanditas! — disse Aquiles Pigoult.

— Os francos atraem os Francos — soltou Olivério Vinet, sem rir.

— O senhor não é nada o ramo de oliveira da paz — disse a sra. Mollot, sorrindo.

— Mas não é uma coisa que desmoraliza ver os nomes dos Verneuil, dos Maufrigneuse e dos D'Hérouville⁴⁷ encostados nos dos Du Tillet⁴⁸ e dos Nucingen⁴⁹ em especulações cotizadas na Bolsa?

— Nosso desconhecido deve ser, decididamente, uma estrada de ferro de pouca idade — disse Olivério Vinet.

— Pois bem, amanhã toda Arcis vai estar de pernas para o ar — disse Aquiles Pigoult. — Vou procurar esse senhor para ser o tabelião da coisa! Vai haver dois mil contratos a lavar.

— Nosso romance transforma-se numa locomotiva — disse tristemente Ernestina a Cecília.

— Um conde forrado com uma estrada de ferro — replicou Aquiles Pigoult — torna-se mais conjugal ainda; mas ele é solteiro?

— Ora, amanhã saberei isso por vovô — disse Cecília com um entusiasmo afetado.

— Oh! que boa pilhéria! — exclamou a sra. Marion, com um riso forçado. — Como, Cecília, você pensa no desconhecido, minha gatinha?...

— Mas o marido é sempre o desconhecido — disse vivamente Olivério Vinet, fazendo à srta. Beauvisage um sinal que ela compreendeu às mil maravilhas.

— Por que motivo não pensaria eu nele? — perguntou Cecília — isso não compromete. Ademais, segundo dizem esses senhores, ou é um grande especulador ou um grão-senhor... Com franqueza! quer um, quer outro me agradaria. Gosto de Paris! Quero ter carruagem, palácio,

camarote nos Italianos etc.

— É isso! — disse Olivério Vinet — quando a gente sonha, não se deve recusar nada. De resto, eu, se tivesse a felicidade de ser seu irmão, eu a casaria com o jovem marquês de Cinq-Cygne, que me parece um rapazinho disposto a fazer dançar os escudos e a zombar da repugnância da mãe pelos atores do grande drama no qual o pai de nosso presidente pereceu tão desgraçadamente.

— Ser-lhe-ia mais fácil vir a ser primeiro-ministro! — disse a sra. Marion — jamais haverá ligação entre a neta dos Grévin e os Cinq-Cygne!...

— Romeu esteve por pouco para desposar Julieta! — disse Aquiles Pigoult — e a senhorita aqui é mais bela que...

— Oh! se o senhor nos cita a ópera! — disse ingenuamente o tabelião Herbelot, que acabava de terminar a partida de uíste.

— Meu colega não é lá muito forte em história da Idade Média — disse Aquiles Pigoult.

— Vamos, Malvina! — disse o tabelião, sem nada responder ao seu jovem colega.

— Diga-me, sr. Antonino — pediu Cecília ao subprefeito —, o senhor falou de Anicette, a criada de quarto da princesa de Cadignan... conhece-a?

— Não, mas Julianio a conhece: é afilhada do pai dele, e eles têm muito boas relações.

— Oh! empenhe-se, por intermédio de Julianio, em consegui-la para nós; mamãe não discutiria ordenado...

— Senhorita! ouvir é obedecer! dizem aos déspotas na Ásia — replicou o subprefeito. — Para servi-la, vai ver como procedo!

Saiu para ordenar a Julianio que alcançasse o carro que voltava para Cinq-Cygne e seduzisse Anicette, custasse o que custasse.

XIV — ONDE O CANDIDATO PERDE UM VOTO

Naquele momento, Simão Giguët, que acabava de terminar suas measuras verbais a todas as pessoas influentes de Arcis, e que já se considerava seguro de sua eleição, foi juntar-se à roda que cercava Cecília e a sra. Mollot. A noite já ia alta. Davam dez horas. Depois de um enorme consumo de bolos, de copos de orchata, de ponche, de limonada e de vários xaropes, os que naquela noite tinham ido à casa da sra. Marion somente por motivos políticos e que não estavam habituados àquele palco, aristocrático para eles, retiraram-se com tanto mais pressa por não se deitarem nunca tão tarde. O serão ia pois assumir um caráter de intimidade. Simão Giguët teve esperança de poder trocar algumas palavras com Cecília, e olhava-a com olhar conquistador. Esse olhar feriu Cecília.

— Meu caro — disse Antonino a Simão, ao ver brilhar no rosto do amigo a auréola do sucesso —, vens num momento em que a gente de Arcis está por baixo...

— Muito por baixo — disse Ernestina, a quem Cecília tocou no cotovelo. — Cecília e eu estamos louquinhas pelo desconhecido; estamos disputando-o.

— Para começar, já não é mais um desconhecido — disse Cecília —, é um conde!

— Algum farsante — replicou Simão Giguet, com ar de desprezo.

— Diria isso, sr. Simão — respondeu Cecília picada —, diante de um homem a quem a princesa de Cadignan acaba de enviar seus criados, que jantou em Gondreville hoje e vai passar esta noite em casa da marquesa de Cinq-Cygne?

Isso foi dito com tanta vivacidade e em tom tão duro que Simão ficou desconcertado.

— Ah! senhorita — disse Olivério Vinet —, se nós disséssemos pela frente o que nós dizemos uns dos outros pelas costas, não haveria sociedade possível. Os prazeres da sociedade, principalmente na província, consistem em falarmos mal uns dos outros...

— O sr. Simão está enciumado do teu entusiasmo pelo conde desconhecido — disse Ernestina.

— Parece-me — disse Cecília — que o sr. Simão não tem direito de ter ciúme de nenhuma das minhas afeições.

Ao dizer essas palavras, acentuadas de modo a fulminar Simão, Cecília ergueu-se; todos deixaram-lhe a passagem livre e ela foi reunir-se à mãe, que estava terminando suas contas no uíste.

— Minha querida! — exclamou a sra. Marion, correndo atrás da herdeira — parece-me que você é muito dura com meu pobre Simão!

— Que foi que esta gatinha fez? — perguntou a sra. Beauvisage.

— Mamãe, o sr. Simão esbofeteou o meu desconhecido com a palavra *farsante*.

Simão seguiu a tia e chegou ao terreno da mesa de jogo. As quatro personagens cujos interesses eram tão graves ficaram então reunidas no meio do salão, Cecília e sua mãe num dos lados da mesa, a sra. Marion e o sobrinho do outro lado.

— Francamente, senhora — disse Simão Giguet —, confesse que é preciso ter muita vontade de atribuir culpas a alguém, para se zangar com o que acabo de dizer de um senhor do qual falam todos em Arcis e que está hospedado no Mulo...

— Acha o senhor que ele lhe está fazendo concorrência? — disse a sra. Beauvisage, gracejando.

— Se ele fosse causa de um desentendimento qualquer entre mim e a srta. Cecília, certamente que lhe teria rancor — disse o candidato olhando para a moça com ar suplicante.

— O senhor teve um tom peremptório ao lançar sua sentença, o que prova que o senhor será muito despótico, e tem razão; se quer ser ministro, é preciso ser muito peremptório.

Nesse momento, a sra. Marion pegou a sra. Beauvisage pelo braço e levou-a para um canapé. Cecília, ao ver-se só, voltou para a roda onde estivera sentada, a fim de não ouvir a resposta que Simão poderia dar, e o candidato ficou muito tolamente diante da mesa, onde maquinalmente se pôs a brincar com as fichas.

— Há fichas de consolação — disse Olivério Vinet, que observava aquela pequena cena.

Esse dito, que ele proferira em voz baixa, foi ouvido por Cecília, a qual não pôde deixar de rir.

— Minha querida amiga — dizia a sra. Marion, baixinho, à sra. Beauvisage —, como vê, nada pode agora impedir a eleição de meu sobrinho.

— Fico encantada com isso, pela senhora e pela Câmara dos Deputados — disse Severina.

— Meu sobrinho, querida, irá longe... Eis o motivo: a fortuna dele, a que o pai lhe deixará e a minha lhe darão trinta mil francos de renda. Quando se é deputado e se tem essa fortuna, pode-se aspirar a tudo.

— Senhora, ele terá nossa admiração, e nossos votos o acompanharão na sua carreira política; mas...

— Não lhe peço resposta! — disse vivamente a sra. Marion, interrompendo a amiga. — Peço-lhe somente que reflita sobre esta proposta. Nossos filhos se convêm? poderemos casá-los? Residiremos em Paris durante todo o tempo das sessões, e quem sabe se o deputado de Arcis lá não se fixará com um bom posto na magistratura?... Veja o caminho que o sr. Vinet, de Provins, fez! Censuravam a srta. de Chargebœuf por tê-lo desposado, ei-la em breve esposa de um guarda dos selos; e o sr. Vinet será par de França, quando quiser.

— Senhora, não tenho o poder de casar minha filha à minha vontade. Primeiro que tudo, o pai dela e eu deixamos-lhe inteira liberdade de escolha. Se ela quisesse desposar o *desconhecido*, nós lhe daríamos nosso consentimento, contanto que fosse um homem correto. Depois, Cecília depende inteiramente do avô, que lhe dará no contrato do casamento um palácio em Paris, o palácio Beauséant, que, faz dez anos, ele comprou para nós e que hoje vale oitocentos mil francos. É um dos mais belos do Faubourg Saint-Germain. Além disso, ele tem duzentos mil francos em reserva para as despesas de instalação. Um avô que assim procede e que determinará minha sogra a fazer também alguns sacrifícios para sua neta, tendo em vista um casamento conveniente, tem voz no Conselho...

— Certamente! — disse a sra. Marion, estupefata com essa confidência, que tornava o casamento do sobrinho com Cecília ainda

mais difícil.

— Embora Cecília nada tivesse a esperar do avô, mesmo assim não se casaria sem consultá-lo — continuou a sra. Beauvisage. — O genro que meu pai tinha escolhido acaba de morrer; ignoro suas novas intenções. Se a senhora tem alguma proposta a fazer, procure entender-se com meu pai.

— Pois bem! irei — disse a sra. Marion.

A sra. Beauvisage fez um sinal a Cecília e as duas se retiraram do salão.

No dia seguinte, Antonino e Frederico Marest encontraram-se, como era seu hábito, depois do jantar, com o sr. Martener e Olivério sob as tílias da Avenue des Soupirs, fumando charuto e passeando. Esse passeio é um dos pequenos prazeres das autoridades na província, quando se dão bem entre si.

Quando os passeantes já tinham dado algumas voltas, Simão Giguet foi ter com eles e com ar misterioso segredou a Antonino:

— Deves permanecer fiel a um velho camarada que te quer conseguir a roseta de oficial e uma prefeitura!

— Já comesas tua carreira política — disse Antonino rindo —; queres corromper-me, puritano endiabrado?

— Queres secundar-me?

— Meu caro, bem sabes que Bar-sur-Aube vem votar aqui. Quem pode garantir uma maioria nessas condições? Meu colega de Bar-sur-Aube se queixaria de mim se eu não fizesse os mesmos esforços que ele em favor do governo, e tua promessa é condicional, ao passo que minha destituição seria certa.

— Mas se eu não tenho concorrente!...

— É o que pensas — disse Antonino —, mas...

“Algun se apresentará, disso podes estar certo.”⁵⁰

— E minha tia, que sabe que estou sobre brasas e não vem! — exclamou Giguet. — Oh! aqui estão três horas que valem por três anos...

E seu segredo se lhe escapou! Confessou ao amigo que a sra. Marion tinha ido propô-lo ao velho Grévin como pretendente de Cecília.

Os dois amigos tinham-se adiantado até a altura da estrada de Brienne, em frente ao hotel do Mulo. Enquanto o advogado olhava a rua em descida pela qual a tia devia voltar da ponte, o subprefeito examinava os regos que a chuva cavara na praça.

Arcis não é pavimentada, nem com terra batida nem com pedras, porque as planícies da Champanha não fornecem nenhuma espécie de material próprio para construir, e menos ainda pedras suficientemente grandes para uma pavimentação com macadame. Uma ou duas ruas e alguns lugares têm calçamento, mas as demais são imperfeitamente macadamizadas, e isso basta para fazer ver em que estado ficam em tempo de chuva. O subprefeito tomava atitudes de quem se engolfa em

meditações sobre esse assunto importante, mas não perdia um só dos sofrimentos que se desenhavam no semblante alterado de seu companheiro.

Nesse momento, o desconhecido voltava do castelo de Cinq-Cygne, onde aparentemente passara a noite. Goulard resolveu esclarecer por si mesmo o mistério em que se envolvia aquele homem, o qual fisicamente estava envolto nessa pequena sobrecasaca de pano encorpado chamada paletó, então na moda. Um manto, atirado aos pés do desconhecido, como uma coberta, impedia que se lhe visse o corpo. Enfim, uma enorme manta de cachemira encarnada subia-lhe até os olhos. O chapéu, arrogantemente posto de lado, nada tinha, entretanto, de ridículo. Jamais um mistério fora tão misteriosamente empacotado ou enrolado.

— Atenção! — gritou o *groom*, que precedia a cavalo o tílbur. — Abra, tio Poupart! — gritou-lhe com voz de falsete.

Os três criados do Mulo se amontoaram e o tílbur passou sem que ninguém pudesse ver um único traço das feições do desconhecido. O subprefeito acompanhou o tílbur e veio até a soleira da porta do hotel.

— Mamãe Poupart — disse Antonino —, quer perguntar ao senhor... senhor...

— Não sei o nome dele — disse a irmã de Gotardo.

— Faz mal! os regulamentos da polícia são formais, e o sr. Groslier não é sopa, como todos os delegados de polícia que não têm nada que fazer.

— Os hoteleiros nunca têm culpas em época de eleição — disse o *groom* ao descer do cavalo.

“Vou repetir esse dito a Vinet”, pensou o subprefeito. — Vai perguntar ao teu senhor se ele pode receber o subprefeito de Arcis.

E Antonino Goulard juntou-se aos três passeantes, que se haviam detido no fim da avenida ao ver o subprefeito de conversa com o *groom*, já ilustre em Arcis por seu nome e suas respostas.

— Meu amo pede ao senhor subprefeito para subir; ele ficará encantado em recebê-lo — veio dizer Paraíso ao subprefeito, poucos momentos depois.

— Garoto — disse-lhe Olivério —, quanto dá teu patrão a um rapaz de teu pelo e de teu espírito?

— Dar, senhor! por quem me toma?... O senhor conde se deixa esfolar... e eu não quero outra vida.

— Esse garoto está em boa escola — disse Frederico Marest.

— A alta escola, senhor procurador do rei! — replicou Paraíso, deixando os cinco amigos espantados com o seu topete.

— Que Fígaro! — exclamou Vinet.

— Nada de nos rebaixar — replicou o menino. — Meu senhor me chama de pequeno Roberto Macário. Depois que aprendemos a ter

rendimentos, somos Fígaro, mais o cofre das economias.

— Mas, então, quanto ganhas?

— Há corridas em que ganho mil escudos... sem trair meu patrão, senhor...

— Garoto sublime! — disse Vinet — ele conhece o turfe.

— E todos os *gentlemen riders* — disse o pequeno, espichando a língua para Vinet.

— O caminho do Paraíso vai longe — disse Frederico Marest.

XV — INTERROGATÓRIO A QUE FOI SUBMETIDO O DESCONHECIDO

Introduzido pelo hoteleiro do Mulo, Antonino Goulard encontrou o desconhecido na peça da qual fizera um salão, e viu-se na mira de um monóculo usado do modo mais impertinente.

— Senhor — disse Antonino Goulard com certa soberba —, acabo de saber, pela mulher do hoteleiro, que se recusou a conformar-se com os regulamentos da polícia, e como não tenho dúvida de que é uma pessoa distinta, vim eu mesmo...

— O senhor chama-se Goulard? — perguntou o desconhecido, com voz de cabeça.

— Sou subprefeito, senhor — respondeu Antonino Goulard.

— Seu pai não pertencia aos Simeuse?

— E eu, senhor, pertenço ao governo; é a diferença de épocas.

— O senhor tem um criado chamado Juliano, que quer raptar a camareira da princesa de Cadignan?

— Senhor, a ninguém permito que me fale dessa forma — disse Goulard —; o senhor se engana com o meu caráter...

— E o senhor quer saber o meu! — replicou o desconhecido. — Vou fazer-me, pois, conhecer... Pode-se pôr no livro do hoteleiro: “Impertinente, vindo de Paris, perguntador, idade duvidosa, viajando por prazer”. Seria uma inovação muito apreciada em França, essa de imitar a Inglaterra no seu método de deixar as pessoas irem e virem, como lhes apraz, sem caceteá-las, sem lhes pedir a toda hora *seus papéis*... Não tenho passaporte; que me vai fazer?

— O senhor procurador do rei está ali, sob as tílias... — disse o subprefeito.

— O sr. Marest?... Apresente-lhe os meus votos de bom dia.

— Mas quem é o senhor?

— O que quiser que eu seja, meu caro sr. Goulard — disse o desconhecido —, pois é o senhor quem decidirá o que eu serei nesta circunscrição. Dê-me um conselho bom sobre minha atitude. Tome, leia.

E o desconhecido entregou ao subprefeito uma carta assim concebida:

Senhor Subprefeito,

O senhor se entenderá com o portador da presente para a eleição de Arcis, e se conformará com tudo o que ele lhe possa pedir.

Exorto-o a guardar a mais completa discrição e a tratá-lo com as atenções devidas à sua categoria.

Essa carta estava escrita e assinada pelo prefeito.

— O senhor fez prosa sem saber!⁵¹ — disse o desconhecido, retomando a carta.

Antonino Goulard, já impressionado com o ar fidalgo e as maneiras daquela personagem, tornou-se respeitoso.

— E como, senhor? — perguntou.

— Querendo desviar Anicette... Ela nos veio contar as tentativas de corrupção de Juliano, ao qual poderia chamar de Juliano, o Apóstata, porque foi vencido pelo jovem Paraíso, meu *groom*, e acabou confessando que o senhor desejava fazer Anicette entrar para o serviço da casa mais rica de Arcis. Ora, como a casa mais rica de Arcis é a dos Beauvisage, não tenho dúvidas de que seja a srta. Cecília quem quer gozar daquele tesouro...

— Sim, senhor...

— Pois bem. Anicette entrará esta manhã para o serviço dos Beauvisage.

Deu um assobio. Paraíso apresentou-se tão rapidamente que o desconhecido lhe disse:

— Estavas ouvindo!

— Contra a minha vontade, senhor conde; as divisões são de papel... Se o senhor quer, irei para um quarto lá em cima.

— Não, podes ouvir, estás no teu direito. Compete a mim falar mais baixo, quando não quiser que saibas dos meus negócios... Vais voltar a Cinq-Cygne e entregarás de minha parte esta moeda de vinte francos à pequena Anicette... Juliano ficará como tendo-a seduzido por conta do senhor. Esta moeda de ouro significa que ela pode acompanhar Juliano — disse o desconhecido voltando-se para Goulard. — Anicette poderá muito bem não ser inútil para o triunfo do nosso candidato.

— Anicette?...

— Faz trinta e dois anos, senhor subprefeito, que as camareiras me servem... Tive a minha primeira aventura aos treze anos, exatamente como o Regente,⁵² trisavô do nosso rei... Conhece a fortuna dessa srta. Beauvisage?

— Impossível conhecê-la, senhor; porque ontem, em casa da sra. Marion, a sra. Severina disse que o sr. Grévin, avô de Cecília, daria à sua neta o palácio de Beauséant e duzentos mil francos como presente de núpcias.

Os olhos do desconhecido não manifestaram nenhuma surpresa;

ele pareceu achar essa fortuna muito medíocre.

— Conhece bem Arcis? — perguntou ele a Goulard.

— Sou o subprefeito e nasci na região.

— Pois bem! como é possível frustrar a curiosidade aqui?

— Mas satisfazendo-a. Por exemplo, o senhor conde tem seu nome de batismo; ponha-o no registro com o seu título.

— Bem, o conde Máximo...

— E, se o senhor quer revestir-se da qualidade de administrador da estrada de ferro, Arcis ficará contente; pode-se entretê-la durante quinze dias com esse boato.

— Não, prefiro a condição de irrigador, que é menos comum... Venho para valorizar as terras de Champanha. Será, meu caro sr. Goulard, um motivo para convidar-me a jantar em sua casa com os Beauvisage, amanhã... Preciso vê-los, estudá-los.

— Sinto-me muitíssimo feliz por recebê-lo — disse o subprefeito —, mas peço-lhe indulgência para as misérias da minha casa...

— Se eu triunfar nas eleições de Arcis, de acordo com os desejos dos que me enviaram, o senhor será prefeito, meu caro amigo — disse o desconhecido. — Olhe, leia — disse ele passando duas outras cartas a Antonino.

— Está bem, senhor conde — disse Goulard, restituindo as cartas.

— Faça o cômputo de todos os votos de que o ministério pode dispor; e, sobretudo, não mostremos que nos entendemos. Sou um especulador a quem pouco se lhe dá o assunto eleições!...

— Vou mandar-lhe o delegado de polícia para obrigá-lo a se inscrever no livro de Poupart.

— Muito bem... Adeus, senhor. Que terra, esta! — disse o conde em voz alta. — Não se pode dar um passo sem que todos, até mesmo o subprefeito, nos caíam em cima!

— O senhor terá de se haver com o delegado de polícia — disse Antonino.

Vinte minutos depois, falou-se em casa da sra. Mollot numa alteração sobrevinda entre o subprefeito e o desconhecido.

— E daí? de que madeira é a viga que caiu em nosso pântano? — perguntou Olivério Vinet a Goulard, ao vê-lo voltar do Mulo.

— Um conde Máximo que vem estudar o sistema geológico da Champanha na intenção de aqui achar fontes minerais — respondeu o subprefeito com ar alheado.

— Diga antes fontes de renda — respondeu Olivério.

— Espera ele conseguir capitais aqui na terra? — disse o sr. Martener.

— Tenho minhas dúvidas de que os nossos realistas metam a cabeça nessas arapucas — disse Olivério Vinet, sorrindo.

— Que presumem os senhores, segundo o ar e os gestos da sra.

Marion? — disse o subprefeito, que mudou de assunto, apontando para Simão e a tia, que conferenciavam.

Simão fora ao encontro da tia e conversava com ela na praça.

— Mas, se ele tivesse sido aceito, creio que uma palavra bastaria para lhe dar a boa-nova — replicou o substituto.

— E então? — disseram ao mesmo tempo os dois funcionários a Simão, que vinha para eles, sob as tílias.

— Pois minha tia tem fundadas esperanças. A sra. Beauvisage e o velho Grévin, que seguia para Gondreville, não se surpreenderam com o nosso pedido; falou-se nas respectivas fortunas, e querem deixar completa liberdade de escolha a Cecília. Enfim, a sra. Beauvisage disse que, quanto a ela, não via objeções contra uma união com a qual se sentia muito honrada, mas que, entretanto, subordinaria sua resposta à minha eleição e talvez à minha estreia na Câmara, e o velho Grévin falou em consultar o conde de Gondreville, sem cuja opinião ele nunca tomava uma decisão importante.

— Assim, pois, meu velho — disse Goulard com nitidez —, tu nunca desposarás Cecília.

— E por que não? — exclamou Giguet, ironicamente.

— Meu caro, a sra. Beauvisage passa com o marido e a filha quatro serões por semana no salão de tua tia; tua tia é a mulher mais distinta de Arcis; é, embora haja vinte anos de diferença entre ela e a sra. Beauvisage, objeto de sua inveja, e pensas que não devem cercar uma recusa com panos quentes...

— Não dizer nem sim nem não — disse Vinet — é dizer não, dadas as relações íntimas das duas famílias. Se a sra. Beauvisage é a maior fortuna de Arcis, a sra. Marion é a que goza de maior consideração; porque, excetuando a mulher do nosso presidente, que não procura ninguém, ela é a única que sabe dirigir um salão; é a rainha de Arcis. A sra. Beauvisage, tudo o que quer é cercar a sua recusa de polidez, eis a coisa.

— Parece-me que o velho Grévin zombou de sua tia, meu caro — disse Frederico Marest.

— Você ontem atacou o conde de Gondreville, feriu-o, ofendeu-o gravemente, porque Aquiles Pigoult o defendeu valentemente... e querem consultá-lo a respeito de seu casamento com Cecília!

— É impossível ser mais trocista do que o velho Grévin — disse Vinet.

— A sra. Beauvisage é ambiciosa — disse Goulard — e sabe perfeitamente que a filha terá dois milhões; quer ser sogra de um ministro ou de um embaixador, para ter um trono em Paris.

— Pois bem, e por que não? — disse Simão Giguet.

— Faça votos para que o sejas! — respondeu o subprefeito olhando para o substituto, com o qual se pôs a rir quando se distanciaram

alguns passos. — Ele nem sequer será deputado! — disse a Olivério —; o ministério tem seus projetos. Você achará em sua casa uma carta de seu pai, que o aconselha a assegurar-se das pessoas que estão sob sua alçada e cujos votos pertencem ao ministério; depende daí sua promoção e ele lhe recomenda a mais absoluta discrição.

— E em quem deverão votar nossos oficiais de justiça, procuradores, juízes de paz e tabeliães? — perguntou o substituto.

— No candidato que eu lhe indicarei...

— Mas como sabe que meu pai me escreveu, e o que ele escreveu?

— Pelo desconhecido...

— O homem das fontes!

— Meu caro Vinet, não devemos conhecê-lo, e sim tratá-lo como estranho... Ele esteve com seu pai ao passar por Provins. Faz pouco, essa personagem cumprimentou-me por meio de um bilhete do prefeito que me manda seguir, para as eleições de Arcis, todas as instruções que o conde Máximo me der. Não era possível que eu não tivesse de travar uma batalha, disso sabia eu! Vamos jantar juntos e montar nossas baterias: trata-se para você de tornar-se procurador do rei em Mantes, para mim de ser prefeito, e não devemos mostrar que nos ocupamos de eleições, pois estamos metidos entre a bigorna e o martelo. Simão é candidato de um partido que quer derrubar o ministério atual e pode consegui-lo; mas, para pessoas tão inteligentes como nós, não há mais que um partido a tomar...

— Qual?

— Servir aos que fazem e desfazem ministérios... E a carta que me mostraram é de uma das personagens que são parceiras do pensamento imutável.

Antes de irmos mais adiante, é necessário explicar quem era aquele mineiro, e o que ele vinha extrair da Champanha.

XVI — EM CASA DA SRA. D'ESPART

Cerca de dois meses antes do triunfo de Simão Giguet como candidato, às onze horas, num palácio do Faubourg Saint-Honoré, no momento em que se servia o chá em casa da marquesa d'Espard, o cavaleiro d'Espard,⁵³ seu cunhado, disse, colocando a xícara sobre a mesa e olhando o círculo formado em torno da chaminé:

— Máximo estava bem triste, esta tarde... não acharam?

— Mas a tristeza dele é perfeitamente explicável — disse De Rastignac⁵⁴ —; ele tem quarenta e oito anos; nessa idade não se fazem mais amigos, e, quando enterramos De Marsay,⁵⁵ Máximo perdeu o único homem capaz de o compreender, de o servir, e de servir-se dele...

— Com certeza ele tem algumas dívidas prementes; não poderia o senhor colocá-lo em situação de pagá-las? — disse a marquesa a De

Rastignac.

Nessa ocasião, De Rastignac era ministro pela segunda vez; acabava de ser feito conde quase contra a sua vontade; seu sogro, o barão de Nucingen, fora nomeado par de França; seu irmão era bispo; o conde de la Roche-Hugon, seu cunhado, era embaixador; e ele passava por ser indispensável nas combinações ministeriais por vir.

— Esquece sempre, querida marquesa — respondeu De Rastignac —, que nosso governo não troca seu dinheiro a não ser por ouro; ele nada entende de homens.

— Máximo será homem capaz de estourar os miolos? — perguntou o banqueiro Du Tillet.

— Ah! isso era o que tu querias, ficaríamos quites! — respondeu ao banqueiro o conde Máximo de Trailles, que todos julgavam ter ido embora.

E o conde ergueu-se como uma aparição das profundezas de uma poltrona colocada por trás da do cavaleiro d'Espard. Todos puseram-se a rir.

— Quer uma xícara de chá? — perguntou-lhe a jovem condessa de Rastignac, a quem a marquesa pedira fizesse as honras da casa em seu lugar.

— De bom grado, aceito — respondeu o conde vindo pôr-se diante da chaminé.

Esse homem, príncipe dos libertinos de Paris, sustentara-se até então na posição superior que os dândis, na época chamados *luvas amarelas* e mais tarde *leões*, ocupavam. É inútil contar a história de sua mocidade, cheia de aventuras galantes e assinalada por dramas horríveis nos quais ele sempre soubera salvar as aparências. Para esse homem as mulheres nunca foram mais do que meios; não acreditava mais nas suas dores do que nos seus prazeres; considerava-as, como o falecido De Marsay, crianças más.

Depois de ter dissipado a própria fortuna, engolira a de uma rapariga célebre, denominada Bela Holandesa, mãe da famosa Ester Gobseck.⁵⁶ Depois causara as desgraças da sra. de Restaud,⁵⁷ irmã da sra. Delfina de Nucingen, mãe da jovem condessa de Rastignac.

A sociedade de Paris apresenta singularidades incríveis. A baronesa de Nucingen achava-se naquele momento no salão da sra. d'Espard, diante do autor de todas as desgraças da irmã, diante de um assassino que matara apenas a felicidade de uma mulher. Eis, sem dúvida, o motivo pelo qual ele estava ali. A sra. de Nucingen jantara em casa da marquesa com a filha, casada, fazia um ano, com o conde de Rastignac, o qual iniciara sua carreira política ocupando um lugar de subsecretário de Estado no célebre ministério do falecido De Marsay, o único grande homem de Estado que a Revolução de Julho produziu.

O conde Máximo de Trailles era o único a saber quantos desastres

havia causado; mas sempre se pusera ao abrigo das censuras obedecendo às leis do código masculino. Embora em sua vida ele tivesse dissipado mais dinheiro do que aquele que os presos das quatro colônias penitenciárias da França roubaram no mesmo espaço de tempo, a Justiça respeitava-o. Jamais faltava aos deveres de honra e pagava escrupulosamente suas dívidas de jogo. Jogador admirável, era parceiro dos mais altos grão-senhores e dos embaixadores. Jantava em casa de todos os membros do corpo diplomático. Batia-se em duelo; matara dois ou três homens em sua vida, tinha-os pouco mais ou menos assassinado, pois era de uma destreza e de um sangue-frio incomparáveis. Nenhum rapaz o igualava no trajar nem na distinção das maneiras, na elegância do falar, na desenvoltura, que outrora se denominava *ter grande ar*. Na sua qualidade de pajem do imperador, formado, desde os doze anos, nos exercícios da equitação, passava por ser um dos mais hábeis cavaleiros. Tendo tido sempre cinco cavalos nas suas estrebarias, levava-os às corridas, e impunha sempre a moda. Enfim, ninguém se saía melhor do que ele numa ceia de rapazes, bebia melhor do que o mais aguerrido dentre eles e retirava-se lampeiro, pronto para recomeçar, como se a devassidão fosse o seu elemento. Máximo, um desses homens desprezados que sabem reprimir o desprezo que inspiraram pela insolência da atitude e pelo medo que causam, jamais se fazia ilusões sobre sua situação. Daí vinha sua força. As pessoas fortes são sempre seus próprios críticos.

Durante a Restauração ele explorara bastante sua condição de pajem do imperador; atribuía às suas pretensas opiniões bonapartistas a repulsa com que defrontara nos diversos ministérios, quando pedia para servir os Bourbon; porque, não obstante suas ligações, seu nascimento e perigosas aptidões, nada pôde obter; entrou, então, na surda conspiração sob a qual sucumbiram os Bourbon do ramo primogênito. Fez parte de uma associação começada com intuito de prazer⁵⁸ e que naturalmente se tornou política cinco anos antes da Revolução de Julho.

Quando o ramo mais moço, precedido pelo povo de Paris, esmagou o ramo primogênito e se sentou no trono, Máximo tornou a explorar seu devotamento a Napoleão, do qual se importava tanto como do seu primeiro namoro. Prestou então grandes serviços, que se viram extremamente embaraçosos em reconhecer, pois queria, com demasiada frequência, ser pago por gente que sabia contar. À primeira recusa, Máximo assumiu atitude de hostilidade, ameaçando revelar certos detalhes pouco agradáveis, porque as dinastias que se iniciam têm, como as crianças, fraldas maculadas.

Durante seu ministério, De Marsay reparou as faltas dos que tinham menosprezado a utilidade dessa personagem; confiou-lhe algumas dessas missões secretas que exigem consciências amolgadas pelo

martelo da necessidade, uma habilidade que não recua diante de nenhuma medida, impudência e, sobretudo, esse sangue-frio, essa ousadia, esse golpe de vista que caracterizam os *bravi*:⁵⁹ do pensamento e da alta política. Tais instrumentos são, ao mesmo tempo, raros e necessários.

Por cálculo, De Marsay firmou Máximo de Trailles na mais alta sociedade; pintou-o como um homem amadurecido pelas paixões, instruído pela experiência, que conhecia as coisas e os homens, ao qual as viagens e certa faculdade de observação tinham fornecido conhecimento dos interesses europeus, dos gabinetes estrangeiros e das alianças de todas as famílias continentais. De Marsay convenceu Máximo da necessidade de se fazer uma honra sua; apontou-lhe a discrição mais como uma especulação do que como uma virtude; demonstrou-lhe que o poder jamais abandonava um instrumento sólido e seguro, elegante e cortês.

— Em política, não se faz chantagem mais do que uma vez! — disse-lhe, censurando-o por ter feito uma ameaça.

Máximo era homem para sondar a profundidade desse conceito.

Morto De Marsay, o conde Máximo de Trailles tornara a cair na sua vida anterior. Ia todos os anos jogar nas estações de águas e voltava para Paris, onde passava o inverno; mas, se recebia alguma quantia importante, vinda das profundidades de certos cofres extremamente avaros, esse meio soldo devido ao homem intrépido que de um momento para outro poderia ser empregado, e que estava no segredo de muitos mistérios da contradiplomacia, era insuficiente para as dissipações de uma vida esplêndida como a do rei dos dândis, do tirano de quatro ou cinco clubes parisienses. Por isso, o conde Máximo tinha frequentes preocupações sobre a questão financeira. Não tendo propriedades, jamais pudera consolidar sua posição fazendo-se eleger deputado; depois, sem funções ostensivas, era-lhe impossível pôr a faca na garganta de algum ministério para se fazer nomear par de França. Ora, ele via que o tempo se lhe encurtara, porque suas profusões tinham usado sua pessoa tanto como suas múltiplas fortunas. Apesar de sua bela aparência, ele se conhecia e não se podia enganar sobre si mesmo; pensava em fundear, em casar.

Homem de espírito, não se iludia sobre a consideração que lhe dispensavam; sabia perfeitamente que era enganosa. Não devia, pois, haver esposa para ele, nem na alta sociedade de Paris nem na burguesia; necessitava prodigiosamente de maldade, de bonomia aparente e de serviços prestados para se fazer suportar, porquanto todos desejavam sua queda, e um momento de má sorte podia perdê-lo. Uma vez mandado para Clichy⁶⁰ ou para o estrangeiro por algumas letras de câmbio falsificadas, ele cairia no precipício onde se podem ver tantas carcaças políticas que não se consolam entre si.

Naquele momento mesmo, ele temia o desabamento de algumas porções dessa abóbada ameaçadora que as dívidas erguem por cima de mais de uma cabeça parisiense. Deixara que as preocupações transparecessem na sua frente, acabava de recusar-se a jogar em casa da sra. d'Espard, conversara com as senhoras dando provas de distração e terminara ficando calado e absorto na poltrona da qual naquele momento se erguera como o espectro de Banquo.⁶¹

O conde Máximo de Trailles viu-se alvo de todos os olhares, diretos e indiretos, visto achar-se no centro da chaminé, iluminado pelas luzes cruzadas de dois candelabros. As poucas palavras ditas a seu respeito obrigavam-no de algum modo a tomar uma atitude altiva, e se mantinha como homem de espírito, sem arrogância, mas com a intenção de mostrar que estava acima das suspeitas.

Um pintor jamais poderia encontrar um momento melhor para apanhar o retrato daquele homem indiscutivelmente extraordinário. Não é acaso indispensável possuir faculdades raras para representar semelhante papel, para ter sempre seduzido as mulheres durante trinta anos, para se conformar em não empregar seus dotes senão numa esfera oculta, incitando um povo à revolta, surpreendendo os segredos de uma política astuciosa, não triunfando senão nas alcovas ou nos gabinetes?

Não há não sei quê de grande em se erguer aos mais altos cálculos da política e em cair depois, friamente, no vácuo de uma vida frívola? Que homem de ferro o que resiste às alternativas do jogo, às rápidas viagens da política, ao pé de guerra da elegância e da alta sociedade, às dissipações das galanterias necessárias, o que faz de sua memória uma biblioteca de ardis e de mentiras, o que envolve tantos pensamentos diversos, tanta astúcia sob uma impenetrável elegância de maneiras! Se a aura da boa sorte tivesse enfunado sempre as suas velas abertas, se o favor das circunstâncias tivesse servido Máximo, ele teria sido Mazarino, o marechal de Richelieu, Potemkin,⁶² ou talvez mais exatamente Lauzun, sem Pignerol.⁶³

XVII — RETRATO COM LEGENDA

O conde, embora de estatura bastante elevada e de constituição franzina, vira seu ventre crescer um pouco, mas o continha no majestoso, segundo a expressão de Brillat-Savarin.⁶⁴ Suas roupas eram sempre tão bem-feitas que ele conservava, em toda a sua pessoa, um ar de mocidade, alguma coisa de desembaraçado, de airoso, devido com certeza aos seus exercícios continuados, ao hábito da esgrima, da equitação e da caça. Máximo possuía todas as graças e todas as nobrezas físicas da aristocracia, realçadas ainda mais por sua elegância superior. Seu rosto, comprido e bourboniano, era enquadrado por

suiças, por uma barba em collar cuidadosamente frisada, elegantemente aparada e negra como azeviche.

Essa cor, semelhante à de sua cabeleira abundante, obtinha-se por meio de um cosmético indiano muito caro, usado na Pérsia, e do qual Máximo guardara segredo. Enganava assim os mais exercitados olhares quanto ao branco que, de há muito, invadira seus cabelos. O peculiar a essa tintura de que se utilizam os persas para as suas barbas é não deixar as feições duras; pode matizar-se por uma maior ou menor quantidade de anil, e se harmoniza então com a cor da pele. Fora sem dúvida essa operação que a sra. Mollot vira fazer; mas continuavam ainda em certos serões o gracejo de indagar o que a sra. Mollot teria visto.

Máximo tinha uma belíssima fronte, olhos azuis, um nariz grego, uma boca agradável e um mento bem desenhado; mas a orla de seus olhos era cercada por numerosas linhas finas como se tivessem sido traçadas com uma navalha, a ponto de não serem mais vistas a certa distância. Suas têmporas apresentavam traços semelhantes. O rosto era também passavelmente riscado. Os olhos, como os dos jogadores que passaram muitas noites em claro, eram recobertos como por um verniz; mas, conquanto enfraquecido, o olhar por isso mesmo era mais terrível, apavorava: sentia-se que por baixo havia um calor abafado, uma lava de paixão mal extinta.

Essa boca, outrora tão fresca e tão rubra, tinha igualmente tonalidades frias; não era mais reta, curvava-se para a direita. Essa sinuosidade parecia indicar a mentira. O vício torcera aqueles lábios, mas os dentes ainda eram belos e brancos.

Essa perda de viço desaparecia no conjunto da fisionomia e da pessoa. As formas continuavam sendo tão sedutoras que nenhum rapaz podia lutar no Bois de Boulogne com Máximo, a cavalo, onde ele se mostrava mais jovem, mais gracioso do que o mais jovem e gracioso de entre eles. Esse privilégio de juventude eterna foi possuído por alguns homens desse tempo.

O conde era tanto mais perigoso porque parecia flexível, indolente, e não deixava ver a espantosa decisão que tinha a respeito de tudo. Essa temerosa indiferença, que lhe permitia secundar uma sedição popular com tanta habilidade quanta a que podia pôr numa intriga palaciana, visando fortalecer a autoridade de um príncipe, tinha certa graciosidade. Nunca se desconfia da calma, da uniformidade, sobretudo em França, onde estamos habituados a muito movimento pelas menores coisas.

Vestido segundo a moda de 1839, o conde estava de casaca preta, colete de cachemira azul-escuro, bordado com pequenas flores de um azul-claro, calças pretas, meias de seda gris e sapatos de verniz. Seu relógio, num dos bolsos do colete, prendia-se por uma elegante corrente a uma das botoeiras.

— De Rastignac — disse ele, aceitando uma xícara de chá que a linda sra. de Rastignac lhe oferecia —, quer ir comigo à embaixada da Áustria?

— Meu caro, faz muito pouco tempo que sou casado, para não voltar para casa com minha mulher!

— Quer isso dizer que mais tarde?... — disse a jovem condessa, virando-se e olhando para o marido.

— Mais tarde, é o fim do mundo — respondeu Máximo. — Mas não é ganhar meu processo ter a senhora por juiz?

O conde, com um gesto gracioso, atraíu a linda condessa para perto de si; ela ouviu algumas palavras, olhou para a mãe e disse a De Rastignac:

— Se quer ir com o sr. de Trailles à embaixada, minha mãe me levará.

Poucos momentos depois, a baronesa de Nucingen e a condessa de Rastignac saíram juntas. Máximo e De Rastignac desceram em seguida, e quando se sentaram os dois na carruagem do conde:

— Que me quer, Máximo? — disse o recém-casado. — Que há de tanta pressa, para me pegar assim pelo gasnete? Que disse a minha mulher?

— Que precisava falar com você — respondeu De Trailles. — Você é um homem feliz! Acaba de desposar a única herdeira dos milhões de Nucingen, e foi bem merecido... vinte anos de trabalhos forçados!⁶⁵

— Máximo!

— Mas eu, eis-me posto na berlinda por todos — disse ele, continuando, e levando em conta a interrupção. — Um miserável, um Du Tillet, pergunta se eu tenho coragem para me matar! Já é tempo de sentar minha vida. Querem ou não desfazer-se de mim? Você pode sabê-lo... você o saberá — disse Máximo, fazendo um gesto para impor silêncio a De Rastignac. — Aqui está meu plano, ouça-o. Você deve ajudar-me; eu já o ajudei e posso ajudá-lo ainda. A vida que levo aborrece-me e quero aposentar-me. Procure secundar-me para a conclusão de um casamento que me dê um meio milhão; uma vez casado, nomeie-me ministro junto a qualquer república da América. Permanecerei nesse posto tanto tempo quanto seja preciso para legitimar minha nomeação a um posto da mesma natureza na Alemanha. Se valho alguma coisa, tirar-me-ão de lá; se não valho nada, me agradecerão. Terei talvez um filho, serei severo com ele; a mãe será rica, farei dele um diplomata, poderá vir a ser embaixador.

— Eis minha resposta — disse De Rastignac. — Há um combate, mais violento do que o vulgo pensa, entre uma potência em cueiros e uma potência na infância. A potência em cueiros é a Câmara dos Deputados, a qual, não sendo contida por uma Câmara hereditária...

— Ah! Ah! — disse Máximo — você é par de França.

— Não o serei agora em qualquer regime? — disse o novo par. — Mas não me interrompa, trata-se de você nesta mixórdia. A Câmara dos Deputados tornar-se-á fatalmente todo o governo, como nos dizia De Marsay, o único homem por quem a França pôde ser salva, porque os povos não morrem, são escravos ou livres, eis tudo. O poder menino é a Monarquia coroada em agosto de 1830. O ministério atual está vencido, ele dissolveu a Câmara e quer fazer eleições para que o ministério que vier não as faça; mas não acredita na vitória. Se fosse vitorioso nas eleições, a dinastia ficaria em perigo; ao passo que, se o ministério for vencido, o partido dinástico poderá lutar com vantagem durante muito tempo. Os erros da Câmara aproveitarão a uma vontade que, infelizmente, é tudo em política. Quando se é tudo, como Napoleão foi, chega um momento em que é preciso fazer-se substituir, e, como os homens superiores foram afastados, o grande todo não encontra substituto. O substituto é o que se denomina gabinete, e, em França, não há gabinete, há apenas uma vontade vitalícia. Em França, só os governos cometem erros, a oposição não os pode cometer; pode perder tantas batalhas quantas as que ferir, basta-lhe, como os aliados de 1814, vencer uma única vez. Finalmente, com *três dias gloriosos*,⁶⁶ ela destrói tudo. Por isso, não governar e esperar é preparar-se para herdeiro do poder. Por minhas opiniões pessoais pertenço à aristocracia e, por minhas opiniões públicas, à Monarquia de Julho. A casa de Orléans serviu-me para reerguer a fortuna da minha, e fico-lhe dedicado para sempre.

— O sempre do sr. de Talleyrand, já se vê! — disse Máximo.

— Portanto, neste momento nada posso fazer por você — continuou De Rastignac —; dentro de seis meses não teremos o poder. Sim, estes seis meses vão ser uma agonia, já sabia; sabíamos da nossa sorte quando nos constituímos, somos um ministério de emergência. Mas se você distinguir-se no meio da batalha eleitoral que se vai ferir, se você trazer uma voz, um deputado fiel à causa dinástica, seu desejo será satisfeito. Posso falar de sua boa vontade, posso meter o nariz nos documentos secretos, nos relatórios confidenciais, e descobrir para você algum árduo trabalho. Se você triunfar, posso insistir sobre seus méritos, sobre seu devotamento, e reclamar a recompensa. Seu casamento, meu caro, só poderá ser feito em alguma família de industriais ambiciosos, e na província. Em Paris, você é conhecido de sobra. Trata-se de achar um milionário, um filho da fortuna que tenha uma filha e que seja dominado pelo desejo de pavonear-se no castelo das Tuileries.

— Faça seu sogro emprestar-me vinte e cinco mil francos para esperar até então; ele se interessará em que não me paguem unicamente com água benta da Corte depois do triunfo, e se esforçará pelo casamento.

— Você é fino, Máximo, e desconfia de mim; mas gosto das pessoas de espírito; arranjaréi seu assunto.

Tinham chegado. O conde de Rastignac viu no salão o ministro do Interior e foi para um canto conversar com ele.

O conde Máximo de Trailles estava, aparentemente, ocupado com a velha condessa de Listomère, mas, na realidade, acompanhava o curso da conversação dos dois pares de França: observava-lhes os gestos, interpretava-lhes os olhares, e acabou por interceptar uma mirada favorável do ministro para ele.

Máximo e De Rastignac saíram juntos à uma hora da madrugada e, antes de cada um deles subir para seu carro, De Rastignac disse a De Trailles, nos degraus da escada:

— Vá procurar-me nas vésperas da eleição. Daqui até lá eu saberei em que localidade as probabilidades da oposição são as piores e que recursos aí poderão achar dois espíritos como os nossos.

— Os vinte e cinco mil francos são urgentes! — respondeu-lhe De Trailles.

— Pois, então, oculte-se...

Cinquenta dias depois, uma manhã, antes do clarear do dia, o conde de Trailles foi à Rue de Varennes, misteriosamente, num cabriolé de aluguel. Na porta do palácio do ministro das Obras Públicas, ele despediu o cabriolé, olhou para ver se não era seguido, depois esperou num pequeno salão do primeiro andar que De Rastignac se levantasse. Alguns instantes depois, o criado de quarto que levava o cartão de Máximo introduziu-o no quarto de dormir, onde o homem de Estado estava terminando a *toilette* da manhã.

— Meu caro — disse o ministro —, posso revelar-lhe um segredo que dentro de dois dias será divulgado pelos jornais, e do qual você poderá tirar proveito. Aquele pobre Carlos Keller, que dançava tão bem a mazurca, foi morto na África, e era nosso candidato na circunscrição de Arcis. Essa morte deixa um vácuo. Eis a cópia de dois relatórios, um do subprefeito e outro do comissário de polícia, os quais preveniam o ministério de que a eleição de nosso pobre amigo ia encontrar dificuldades. No do comissário de polícia existem informações sobre o estado da cidade, que bastarão para um homem de sua habilidade, pois que a ambição do concorrente do pobre finado Carlos Keller vem do seu desejo de desposar uma herdeira. A um entendedor como você, esta palavra basta. Os Cinq-Cygne, a princesa de Cadignan e Jorge de Maufrigneuse estão a dois passos de Arcis; você saberá obter, em caso de necessidade, os votos legitimistas... Assim, pois...

— Não gastes tua língua — disse Máximo. — O comissário de polícia ainda está lá?

— Sim.

— Manda fornecer-me um bilhete para ele.

— Meu caro — disse De Rastignac, entregando a Máximo um completo cartapácio —, você aí encontrará duas cartas que lhe são dirigidas para Gondreville. Você foi pajem, ele foi senador, os dois se entenderão. A sra. Francisco Keller é devota; aqui está uma carta da marechala de Carigliano para ela. A marechala tornou-se dinástica, ela o recomenda calorosamente e de resto irá encontrar-se com você. Só lhe direi mais uma palavra: desconfie do subprefeito, a quem julgo capaz de estar preparando para si, por meio desse Simão Giguët, um apoio junto ao ex-presidente do Conselho. Se necessitar de cartas, poderes ou recomendações, escreva-me.

— E os vinte e cinco mil francos? — perguntou De Trailles.

— Assine esta promissória em favor de Du Tillet; eis aqui a quantia.

— Triunfarei — disse o conde —, e pode prometer às pessoas do castelo que o deputado de Arcis lhes pertencerá de corpo e alma. Se fracasso, podem abandonar-me.

Uma hora depois, Máximo de Trailles, de tálburi, seguia pela estrada de Troyes.

Z. MARCAS

CONSEJO DE FOMENTO DE LA INDUSTRIA

INTRODUÇÃO

Acerca da novela *Z. Marcas* encontra-se um depoimento curioso no *Balzac de chinelos*, de Léon Gozlan, livro bem mais precioso do que o título o permite supor, cheio de reminiscências pitorescas de um amigo íntimo do romancista.

Conta Gozlan que em junho de 1840, durante um passeio pelas ruas de Paris, Balzac lhe falou numa novela que acabara de escrever para o primeiro número da *Revue Parisienne* e cujo assunto era “a vida de um homem de gênio explorado por homens que só têm o gênio da ambição e da intriga; depois de ter alojado um deles num palácio, ele volta para definhar de fome e miséria no fundo de sua água-furtada, onde, após várias agonias, acaba por morrer, acabrunhado ainda mais pelo peso da decepção do que pela miséria e pela fome”.

Gozlan achou, de si para si, que a figura dessa personagem era um pouco forte demais para uma novela ou um conto; mas julgou que o amigo provavelmente a aproveitaria depois dentro da área mais espaçosa de um romance. Exposto o plano, Balzac confessou a Gozlan que não conseguira encontrar para a personagem um nome conveniente. “Para um homem desses, um homem tão extraordinário, preciso de um nome proporcionado a seu destino, um nome que o explique, que o pinte, que o anuncie assim como o canhão se anuncia de longe e diz ‘chamo-me canhão’, um nome moldado para ele só e que não se possa aplicar à máscara de qualquer outro.” Diante da atitude cética de Gozlan, que não achava nenhuma conexão íntima entre as pessoas e os seus nomes, Balzac lhe explicou a sua estranha teoria dos nomes. “A gente obtém nome no céu antes de obtê-lo na terra.”

Pois o que faltava ao homem extraordinário da novela era um desses nomes que assentam como uma luva; em vão Balzac procurara nos catálogos mais diversos, nada encontrara que lhe servisse. (O nome não podia ser inventado; devia ser um produto natural, já existente.) Por isso ele se lembrara de recorrer ao amigo. Gozlan propôs-lhe então que fossem ler as tabuletas das lojas; e com efeito, depois de percorrerem várias ruas, Balzac descobriu na Rue du Bouloi uma com o nome de Marcas e o adotou imediatamente com o maior entusiasmo. Era o nome de um pequeno alfaiate, e, embora este simples fato fosse suficiente para derrubar toda a grandiloquente teoria de Balzac, ele pouco se importava com isso, uma vez que encontrou o nome tão impacientemente procurado. O Z. do prenome foi acrescido depois.

O nome assim encontrado serviu como título à novela, efetivamente publicada no número 1 da *Revue Parisienne*, em 25 de julho de 1840.

Quanto à substância de *Z. Marcas*, Guyon acerta ao qualificá-la de “mistura estranha de confiança pessoal, confissão de importância e sátira violenta contra o governo burguês, egoísta e gerontocrata da Monarquia de Julho”. (Ver em *Le cathécisme social*.)

A grandeza de Marcas, tão evidente aos olhos de Balzac, não o é aos de seus leitores. Estes veem nele, antes de mais nada, um ambicioso sem escrúpulos, que se associa a outros ambiciosos para chegar a seus fins. Sua queda é mais o resultado de um cálculo errado do que uma consequência da mesquinhez da época, e não nos deixa nada contristados; parece até um castigo merecido.

Talvez os leitores se lembrem de outra personagem de Balzac por quem o escritor, geralmente tão imparcial, mostra simpatia evidente, nem sempre justificada: Alberto Savarus, protagonista da novela do mesmo nome. A parcialidade do autor, assim como em *Z. Marcas*, prejudicou a personagem, bem menos viva do que a maioria dos heróis balzaquianos. Mostrei, no prefácio de *Alberto Savarus*, que esse defeito é devido ao fato de se tratar de personagem autobiográfica, um dos fantasmas em que Balzac se extravasou. A grandeza dessas personagens era evidente a seus olhos — eram ele mesmo — e por isso contentava-se de afirmá-la em vez de mostrá-la em ação, como geralmente fazia; e o leitor, não convencido, compreendia mal a ternura do romancista para com uma criatura tão imperfeita.

Z. Marcas é o Balzac desapontado, frustrado em suas ambições políticas, não reconhecido pela crítica, hostilizado pelos jornais, malsucedido em suas aventuras comerciais, o homem que compreendeu o seu destino — o trabalho exaustivo que o mataria —, e responsabiliza a época e o regime. É por isso que Pierre Ripert, o estatuário das personagens balzaquianas, emprestou a seu *Z. Marcas* a máscara do próprio Balzac.

Pierre Abraham, que estudou de perto as personagens autobiográficas de Balzac, observa a esse respeito: “A semelhança de que Balzac as dota é um dom funesto para suas criaturas. Mal a revestem, veem-se atingidas por um rápido mal-estar, encaminhadas para o nada. Quanto mais seu aspecto se aproxima do romancista, tanto mais depressa correm para o seu fim. Para elas, para o leitor que as contempla, a semelhança com Balzac é um indício fatal, cujo efeito será rapidamente mortal”.

Z. MARCAS

A MONSENHOR CONDE GUILLAUME DE WURTEMBERG¹

Como testemunho da respeitosa gratidão do autor.

DE BALZAC

“Nunca vi ninguém, mesmo incluindo os homens notáveis da época, cujo aspecto fosse mais impressionante do que o daquele homem. O estudo de sua fisionomia despertava uma vaga sensação de piedade, e acabava por provocar uma melancolia quase dolorosa. Existia certa harmonia entre a pessoa e o nome. Aquele Z. que precedia Marcas, que se via no endereço de suas cartas, e que ele nunca esquecia na sua assinatura, essa última letra do alfabeto, oferecia ao espírito um não sei quê de fatal.

MARCAS! Repitam esse nome composto de duas sílabas, e digam se não acham nele uma sinistra ressonância? Conquanto estranho e selvagem, esse nome tem, entretanto, direito a alcançar a posteridade; é de boa composição, pronuncia-se facilmente, tem a brevidade desejada para os nomes célebres. Não é ele tão suave quanto singular? Mas lhes parece também inacabado? Não me atreveria a afirmar que os nomes não exercem nenhuma influência sobre o destino. Entre os fatos da vida e o nome dos homens, existem concordâncias secretas e inexplicáveis, ou senão desacordos visíveis que surpreendem; revelaram-se com frequência, neste particular, correlações longínquas, porém eficazes. Nosso globo é maciço, não existem soluções de continuidade, tudo nele tem ligações. É bem possível que nos voltemos qualquer dia para as ciências ocultas.

Não veem, na construção do Z, uma tendência contrariada? Não representa ele o ziguezague aleatório e caprichoso de uma vida atormentada? Que vento soprou sobre essa letra, que em qualquer língua em que é admitida, encabeça somente cinquenta palavras? Marcas chamava-se Zeferino. São Zeferino é muito venerado na Bretanha. Marcas era bretão.

Examinem ainda esse nome: Z. Marcas! Toda a vida do homem está na reunião fantástica dessas sete letras. Sete! o mais significativo dos números cabalísticos. O homem morreu aos trinta e cinco anos, de modo que sua vida se compôs de sete lustros. Marcas! Não lhes dá esse nome a ideia de qualquer coisa preciosa que se quebra numa queda, com ou sem ruído?

Em 1836, eu concluía meu curso de direito, em Paris. Morava então

na Rue Corneille, numa pensão inteiramente destinada a estudantes, uma dessas casas nas quais a escada dá volta no fundo, recebendo, a princípio, a luz da rua, depois por meio de olhos de boi e finalmente por um caixilho envidraçado. Havia quarenta quartos mobiliados, como o são os quartos para estudantes. Que mais necessita a mocidade além do que neles havia: uma cama, algumas cadeiras, uma cômoda, um espelho e uma mesa? Assim que o céu se mostra azul, o estudante abre a janela. Nessa rua, porém, não há vizinhos para namorar. Em frente, o Odéon,² fechado havia muito tempo, opunha ao olhar as suas paredes que começavam a enegrecer, as pequenas janelas dos seus camarotes e seu grande telhado de ardósias. Eu não era suficientemente rico para ter um belo quarto, nem mesmo podia ter um quarto. Justo e eu partilhávamos um, com duas camas, situado no quinto andar.

Desse lado da escada, não havia mais do que o nosso quarto e outro ocupado por Z. Marcas, nosso vizinho. Justo e eu ficamos cerca de seis meses numa ignorância completa dessa vizinhança. É verdade que uma mulher velha, a gerente do hotel, nos dissera que o pequeno quarto estava ocupado, mas acrescentou que não seríamos incomodados, pois a pessoa que o habitava era em extremo sossegada. Efetivamente, durante seis meses, não encontramos nosso vizinho e não ouvimos nenhum rumor em seu aposento, não obstante ser diminuta a espessura do tabique que nos separava, o qual era uma dessas divisões feitas de ripas recobertas de reboco, tão comuns nas casas de Paris.

Nosso quarto, com um pé-direito de dois metros e um terço, era forrado com um papel azul ordinário, semeado de ramos. O assoalho, pintado, ignorava o brilho que os lustradores dão. Em frente a nossas camas, tínhamos apenas um minguado tapete. A chaminé abria-se a pouca altura no telhado e produzia tanta fumaça que nos vimos obrigados a fazer colocar, por nossa conta, uma carapuça. Nossos leitos eram pequenas camas de madeira pintada, semelhantes às dos colégios. Sobre a chaminé nunca havia mais do que dois castiçais de cobre, com ou sem velas, nossos dois cachimbos, fumo esparramado ou num pacote; viam-se ainda os montezinhos de cinza deixados pelos visitantes ou que nós mesmos juntávamos ao fumar nossos charutos.

Duas cortinas de algodão corriam sobre varões de ferro, na janela, dos dois lados da qual se erguiam estantes de madeira de cerejeira brava, que todos aqueles que têm flanado pelo Quartier Latin³ conhecem, e onde púnhamos os poucos livros necessários a nossos estudos. A tinta no tinteiro estava sempre como a lava adensada na cratera de um vulcão. Não pode hoje um tinteiro qualquer tornar-se um Vesúvio? As penas enroscadas serviam para limpar o bojo de nossos cachimbos. Contrariamente às leis do crédito, o papel em nossa casa era mais raro ainda do que o dinheiro.

Como pretender que rapazes fiquem em casa, em semelhantes

apartamentos mobiliados? Por isso os estudantes estudam nos cafés, no teatro, nas alamedas do Luxemburgo, em casa das costureirinhas, em toda parte, até mesmo na Escola de Direito. Só não estudam em seu horrível quarto, horrível se se trata de estudar; até certo ponto agradável, entretanto, quando nele se conversa e se fuma. Ponham uma toalha sobre aquela mesa, reparem no jantar improvisado que veio do melhor restaurante do bairro, nos quatro talheres e nas duas raparigas, façam litografar essa vista de interior, e até mesmo uma devota não poderá deixar de sorrir.

Não pensávamos senão em diversões. O motivo de nosso desregramento era um motivo justificado naquilo que a política atual tem de mais sério. Justo e eu não víamos nenhum posto que pudéssemos ocupar nas duas profissões que nossos pais nos forçavam a seguir. Para cada lugar há cem advogados, há cem médicos. A multidão obstrui esses dois caminhos, que parecem levar à fortuna e são duas arenas: matam-se uns aos outros, lutam não a arma branca ou a arma de fogo, mas pela intriga e pela calúnia, por trabalhos horríveis, por campanhas no domínio da inteligência, tão mortíferas como foram as da Itália para os nossos soldados republicanos. Hoje, em que tudo é um combate de inteligência, é preciso saber permanecer muitas vezes quarenta e oito horas em uma poltrona e diante de uma mesa, como um general ficava dois dias, garbosamente, em cima do cavalo. A afluência dos postulantes obrigou a medicina a dividir-se em categorias: há o médico que escreve, o médico que professa, o médico político e o médico militante; quatro maneiras diferentes de ser médico, quatro seções já ocupadas. Quanto à quinta divisão, a dos médicos que vendem remédios, há concorrência, e luta-se a golpes de anúncios infames nos muros de Paris. Em todos os tribunais há quase tantos advogados como causas. O advogado recorreu ao jornalismo, à política e à literatura. Finalmente o Estado, assaltado pelos mais insignificantes postos de magistratura, acabou exigindo dos solicitantes certa fortuna. A cabeça piriforme do filho de um merceeiro endinheirado será preferida à fronte ampla de um rapaz de talento sem vintém. Esforçando-se, desenvolvendo toda a sua energia, um rapaz que vem do nada pode achar-se, ao cabo de dez anos, abaixo do ponto de partida. Hoje o talento precisa ter a sorte que faz triunfar a incapacidade; mais ainda, se descara das aviltantes condições que dão êxito à mediocridade rastejante, jamais triunfará.

Se conhecíamos perfeitamente a nossa época, conhecíamos-nos também a nós mesmos, e preferíamos a ociosidade dos pensadores a uma atividade sem alvo, a despreocupação e o prazer a trabalhos inúteis que acabariam cansando nossa coragem e esgotando a agudeza de nossa inteligência. Tínhamos analisado o estado social rindo, fumando, passeando. Nossas reflexões, nossos discursos, por se fazerem de tal

forma, não eram por isso menos sábios nem menos profundos.

Embora notando o hilotismo a que a mocidade está condenada, admirávamo-nos da brutal indiferença do poder por tudo que diz respeito à inteligência, ao pensamento, à poesia. Que olhares trocávamos muitas vezes, eu e Justo, ao ler os jornais, ao termos notícia dos acontecimentos políticos, ao percorrermos os debates das Câmaras, ao discutirmos o procedimento de uma corte, cuja ignorância voluntária somente pode ser comparada à vulgaridade dos cortesãos, à mediocridade dos homens que formam uma cerca em torno do novo trono, todos sem espírito nem alcance, sem glória nem ciência, sem influência nem grandeza. Que elogio da corte de Carlos x, esta corte atual, se é que isso é uma corte! Que ódio contra o país está demonstrando a naturalização de estrangeiros vulgares, sem talento, entronizados na Câmara dos Pares! Que negação de justiça! Que insulto feito às jovens ilustrações, às ambições nascidas no solo! Olhávamos todas essas coisas como a um espetáculo e gemíamos sem tomar uma resolução a nosso respeito.

Justo, a quem ninguém veio procurar, e que não teria ido procurar ninguém, era, aos vinte e cinco anos, um político profundo, um homem de uma aptidão maravilhosa para aprender as longínquas relações entre os fatos presentes e os fatos vindouros. Em 1831, pôs-me a par do que devia acontecer e do que aconteceu; os assassinios, as conspirações, o reinado dos judeus, o embaraço dos movimentos da França, a penúria de inteligências na esfera superior e a abundância de talentos nos covis, onde as mais belas energias se extinguem sob as cinzas do charuto. Que carreira seguir? A família queria que fosse médico. Ser médico não era esperar, durante vinte e cinco anos, uma clientela? Sabem o que fez? Não. Pois bem, fez-se médico. Mas deixou a França e está na Ásia. Estará talvez, neste momento, sucumbindo de fadiga, num deserto, talvez esteja morrendo sob os golpes de uma horda bárbara ou, talvez, será ele primeiro-ministro de algum príncipe indiano. Quanto a mim, minha vocação é a ação. Tendo saído aos vinte anos de um colégio, não me era permitido tornar-me militar senão como simples soldado. E, cansado da triste perspectiva que a profissão de advogado oferece, adquirei os conhecimentos necessários a um marujo. Imito Justo, deserto da França onde se gastam, para se conquistar um posto, o tempo e a energia necessárias às mais altas criações. Imitem-me, meus amigos, vou para onde se pode dirigir à vontade o próprio destino.

Essas grandes resoluções foram tomadas friamente, naquele quatinho do hotel da Rue Corneille, naquela fase em que íamos ao baile Murard,⁴ cortejando raparigas alegres, levando uma vida aloucada, despreocupada na aparência. Nossas resoluções e nossas reflexões flutuaram muito tempo. Nosso vizinho Marcos foi, de algum

modo, o guia que nos levou à beira do precipício ou da torrente, e fez com que a medíssemos. Foi quem nos mostrou de antemão qual seria o destino, se nele nos deixássemos cair. Foi ele quem nos advertiu relativamente aos compromissos que se contratam com a miséria, os quais a esperança sanciona, ao aceitar posições precárias de onde se luta, deixando-se levar pelo movimento de Paris, essa grande cortesã que nos toma e nos abandona, que nos sorri ou nos dá as costas com a mesma facilidade, que gasta as mais fortes vontades em esperas capciosas, e onde o Infortúnio é mantido pelo Acaso.

Nosso primeiro encontro com Marcas causou-nos como que um deslumbramento. Ao voltarmos de nossas escolas, antes da hora do jantar, sempre subíamos ao quarto e lá ficávamos um momento, esperando um pelo outro, a fim de saber se nada fora mudado no programa da noite. Um dia, às quatro horas, Justo viu Marcas na escada; por mim, encontrei-o na rua. Estávamos então no mês de novembro, e Marcas não tinha abrigo; calçava sapatos de sola grossa, calças de couro de lã presas nos pés, uma sobrecasaca azul abotoada até o pescoço e de gola quadrada, o que lhe dava ao busto uma aparência tanto mais militar por trazer ele uma gravata preta. Esse traje nada tem de extraordinário, mas condizia bem com a atitude do homem e com a sua fisionomia. Minha primeira impressão ante o seu aspecto não foi de surpresa, nem de admiração, nem de tristeza, nem de interesse, nem de piedade, mas de uma curiosidade que participava de todos esses sentimentos. Ele ia lentamente, com passos que revelavam uma profunda melancolia, com a cabeça inclinada para a frente, mas não baixa como os que se julgam culpados. Essa cabeça, grande e forte, que parecia conter os tesouros necessários a um ambicioso de primeira ordem, estava como que prenhe de pensamentos. Sucumbia sob o peso de uma dor moral, mas, nas suas feições, não havia o menor indício de remorso. Quanto a seu rosto, uma palavra o fará compreender. Segundo um sistema bastante popular, cada rosto humano tem semelhança com um animal. O animal de Marcas era o leão. Seus cabelos assemelhavam-se a uma juba, seu nariz era curto, achatado, largo e fendido na ponta, como o de um leão. Tinha a fronte dividida por um sulco profundo, dividida em dois lobos potentes, como a de um leão. Finalmente, as maçãs do rosto, peludas, tornadas mais salientes ainda pela magreza das bochechas, a boca enorme e as faces encovadas eram movimentadas por algumas rugas de um desenho altivo e postas em destaque por um colorido cheio de tons amarelados. Aquele semblante quase terrível parecia iluminado por duas luzes, dois olhos negros, mas de uma doçura infinita, calmos, profundos, cheios de pensamentos. Se é que nos podemos expressar de tal forma, aqueles olhos eram humilhados. Marcas tinha medo de olhar, menos por ele do que por aqueles sobre os quais ia pousar seu olhar fascinador. Possuía poder e

não queria exercê-lo, poupava os passantes, temia ser notado. Não era modéstia, e sim resignação, não a resignação cristã, a qual implica caridade, mas a resignação aconselhada pela razão que demonstrou a inutilidade momentânea dos méritos, a impossibilidade de penetrar e de viver no meio que nos é próprio!... Aquele olhar podia, em certos momentos, despedir raios. Daquela boca devia sair uma voz atroadora, pois muito se assemelhava à de Mirabeau.

— Acabo de ver na rua um homem extraordinário — disse eu a Justo, ao entrar em casa.

— Deve ser nosso vizinho — respondeu-me Justo, o qual efetivamente descreveu-me o homem que eu tinha encontrado. — Um homem que vive como um bicho-de-conta devia ser assim — disse ele ao terminar.

— Que humildade e que grandeza!

— Uma está em razão da outra.

— Quanta esperança desfeita! quantos projetos abortados!

— Sete léguas de ruínas! obeliscos, torres, palácios: as ruínas de Palmira no deserto — exclamou Justo rindo.

Denominamos o nosso vizinho de ruínas de Palmira.⁵ Quando saímos para ir jantar no triste restaurante da Rue de la Harpe, onde tínhamos pensão, perguntamos o nome do número trinta e sete e soubemos então desse prestigioso nome Z. Marcas. Como crianças que éramos, repetimos mais de cem vezes, e com os mais variados comentários, bufos ou melancólicos, aquele nome cuja pronúncia se prestava para nosso divertimento. Justo chegou, por momentos, a atirar de saída o Z. como um foguete e, depois de ter brilhantemente prolongado a primeira sílaba do nome, simulava queda pela brevidade surda com que pronunciava a última.

— Afinal! onde e como vive ele?

Dessa pergunta à inocente espionagem aconselhada pela curiosidade, mediava apenas o intervalo necessário para a execução de nosso projeto. Em vez de flunar, voltamos para casa, munidos cada qual de um romance. E lendo, de ouvido atento, ouvimos no silêncio absoluto de nossas mansardas o ruído regular e suave produzido pela respiração de um homem adormecido.

— Está dormindo — disse eu a Justo, sendo o primeiro a verificar o fato.

— Às sete horas — respondeu-me o doutor.

Era este o nome que eu dava a Justo, o qual me chamava de ministro da Justiça.

— É preciso ser bem infeliz para dormir tanto como o nosso vizinho — disse eu pulando para cima de nossa cômoda, com uma enorme faca em cujo cabo havia um saca-rolhas. Fiz no alto do tabique um pequeno orifício. Não me tinha lembrado de que não havia luz. Por isso, ao pôr o

olho no buraco, nada vi senão trevas. Quando, por volta de uma hora da manhã, tendo acabado de ler os nossos romances, nos íamos despir, ouvimos barulho no quarto de nosso vizinho: levantou-se, riscou um fósforo e acendeu a vela. Tornei a subir à cômoda. Vi então Marcos sentado à sua mesa, copiando atas. O quarto era do tamanho da metade do nosso, o leito ocupava um vão ao lado da porta, porque o espaço tomado pelo corredor que terminava no seu antro formava aquele recanto. Mas o terreno sobre o qual a casa estava construída devia ser truncado, a parede terminava em trapézio na sua mansarda. Não tinha chaminé, mas sim uma pequena estufa de porcelana branca, ondeada, com manchas verdes e cujo cano saía pelo teto. A janela aberta no trapézio tinha cortinas pardas ordinárias. Uma poltrona, uma mesa e uma miserável mesa de cabeceira compunham o mobiliário. Guardava a roupa num armário embutido. O papel que forrava as paredes era hediondo. Era evidente que, até a chegada de Marcos, ali só se haviam alojado criados.

— Que viste? — perguntou-me o doutor ao ver-me descer.

— Vai ver tu mesmo! — respondi-lhe.

No dia seguinte às nove horas da manhã, Marcos estava deitado. No café da manhã, comera um salsichão. Vimos num prato, por entre migalhas de pão, os restos desse alimento que tão bem conhecíamos. Marcos dormia. Acordou somente às onze horas. Voltou às cópias que fizera durante a noite e que estavam em cima da mesa. Ao descer, perguntamos qual era o preço do aluguel daquele quarto. Soubemos que era de quinze francos por mês. Em poucos dias estávamos perfeitamente a par do gênero de existência de Z. Marcos. Fazia despachos, a um tanto por lista, por conta de um empreiteiro de escritas, que morava no pátio da Santa Capela. Trabalhava durante metade da noite. Depois de ter dormido de seis a dez horas, levantava-se para recomeçar, e escrevia até as três horas. Saía então para ir levar as suas cópias antes do jantar e ia comer na Rue Michel-le-Comte, à casa Mizerai, à razão de nove *sous* por refeição. Voltava depois para deitar-se às seis horas. Ficou provado para nós que Marcos não proferia quinze frases por mês. Não falava a ninguém, e a si mesmo não dizia uma palavra na sua horrível mansarda.

— Decididamente, as ruínas de Palmira são terrivelmente silenciosas — exclamava Justo.

Esse silêncio, num homem cuja aparência era tão imponente, tinha qualquer coisa de profundamente significativo. Algumas vezes, ao nos encontrarmos com ele, trocávamos olhares carregados de pensamentos, quer de um lado, quer de outro, mas que não foram seguidos de nenhum protocolo. Insensivelmente aquele homem tornou-se objeto de uma íntima admiração, sem que pudéssemos explicar a causa. Seriam aqueles hábitos secretamente simples, aquela

regularidade monástica, aquela frugalidade de solitário, aquele trabalho de medíocre que permitia ao pensamento permanecer neutro ou exercer-se, e que revelava a espera de algum acontecimento feliz ou uma resolução firmada a respeito da vida? Depois de termos passeado durante muito tempo pelas ruínas de Palmira, nós as esquecemos. Éramos tão moços! Depois, veio o Carnaval, esse Carnaval parisiense que, doravante, apagará o antigo Carnaval de Veneza e que, dentro de alguns anos, atrairá a Europa a Paris, se a isso não se opuserem chefes de polícia desastrados. Deveriam tolerar o jogo durante o Carnaval. Mas os tolos moralistas, que fizeram suprimir o jogo, são calculadores imbecis que só restabelecerão essa chaga necessária quando ficar provado que a França entrega milhões à Alemanha.

Esse alegre Carnaval trouxe-nos, como a todos os estudantes, uma grande miséria. Nós nos tínhamos desfeito dos objetos de luxo. Vendêramos tudo o que tínhamos em duplicata, trajes, botas, coletes, tudo, salvo o nosso amigo. Comíamos pão com salsicharia, caminhávamos com cautela, puséramo-nos a trabalhar, devíamos dois meses de hotel e tínhamos certeza de ter cada um de nós no cubículo do porteiro uma nota contendo mais de sessenta ou oitenta linhas, cuja soma ascenderia a quarenta ou cinquenta francos. Não nos mostrávamos mais nem bruscos nem alegres, ao atravessar o patamar quadrado que se achava ao pé da escada; transpúnhamo-lo de um pulo, saltando do último degrau à rua. No dia em que faltou fumo para nossos cachimbos, percebemos que, fazia alguns dias, estávamos comendo nosso pão sem manteiga. A tristeza foi imensa.

— Não há mais fumo! — disse o doutor.

— Não há mais capa! — disse o ministro da Justiça.

— Ah! biltres, vocês se vestiram de postilhões de Longjumeau!⁶ Vocês se quiseram fantasiar de carregadores, cear de manhã e almoçar à noite, no Véry, algumas vezes no Rochedo de Cancale!...⁷ Agora, senhores, pão seco! Os senhores deveriam — disse eu engrossando a voz — deitar-se embaixo da cama, porquanto são indignos de deitar em cima dela...

— Sim! Mas não há mais tabaco, ministro! — disse Justo.

— É tempo de escrevermos para nossos tios, nossas mães, nossos irmãos, prevenindo que não temos mais roupa, que as caminhadas por Paris seriam capazes de gastar meias tecidas com arame. Resolveríamos um belo problema de química, se transformássemos a roupa em dinheiro.

— Teremos de viver até a resposta.

— Pois bem! Vou contrair um empréstimo com um de nossos amigos que não tenha esgotado seus capitais.

— E que conseguirás?

— Ora essa, dez francos! — respondi com orgulho.

Marcas ouvira tudo. Era meio-dia. Bateu a nossa porta e nos disse:

— Senhores, aqui têm fumo. Os senhores mo restituirão na primeira oportunidade.

Ficamos impressionados, não com o oferecimento, que foi aceito, mas com a riqueza, a profundidade e a plenitude daquele órgão, que não se pode comparar senão com a quarta corda do violino de Paganini. Marcas desapareceu sem esperar nossos agradecimentos. Justo e eu nos olhamos no maior silêncio. Seremos socorridos por alguém evidentemente mais pobre do que nós! Justo pôs-se a escrever a todas as pessoas de sua família e eu fui negociar o empréstimo. Consegui vinte francos com um contrabasso. Naquele desgraçado bom tempo, o jogo ainda existia, e nas suas veias, duras como as gangas do Brasil, os rapazes, arriscando pouco, podiam ter a sorte de ganhar algumas moedas de ouro. O contrabasso tinha fumo turco, trazido de Constantinopla por um marinheiro, deu-me uma quantidade equivalente à que nos fora dada por Z. Marcas. Levei o rico carregamento ao porto e fomos triunfantemente restituir ao vizinho uma voluptuosa, uma loura trança de fumo turco, em lugar do seu tabaco caporal.

— Os senhores não me quiseram dever nada — disse ele —, restituem-me ouro por cobre, são umas crianças... boas crianças...

Essas três frases, ditas com tom diferente, foram diversamente acentuadas. As palavras nada eram, mas o acento... oh! o acento nos tornava amigos de dez anos. Marcas escondera as suas cópias ao sentir que chegávamos, compreendemos que teria sido uma indiscrição falar-lhe dos seus meios de subsistência, e ficamos, então, envergonhados por ter espionado. Seu armário estava aberto e havia ali somente duas camisas, uma gravata branca e uma navalha. A navalha fez-me estremecer. Um espelho que podia valer cinco francos estava pendurado perto da janela. Os gestos simples e raros daquele homem tinham uma espécie de grandeza selvagem. O doutor e eu nos olhamos como que a perguntar-nos o que deveríamos responder. Justo, vendo-me atônito, perguntou graciosamente a Marcas:

— O senhor cultiva a literatura?

— Tive o cuidado de não o fazer! — respondeu Marcas —; eu não estaria tão rico como estou.

— Julguei — disse-lhe eu — que, nos tempos que correm, só a poesia era capaz de alojar tão mal um homem, como todos nós estamos alojados.

Minha observação fez Marcas sorrir, e esse sorriso amenizou seu rosto amarelado.

— A ambição não é menos severa para aqueles que não triunfam — disse ele. — Por isso os senhores que começam a vida sigam pelos caminhos trilhados! Não pensem em se tornar superiores. Isso os

perderia.

— Aconselha-nos a que permaneçamos o que somos? — disse o doutor sorrindo.

A mocidade tem no seu gracejar uma sedução tão comunicativa e tão infantil, que a frase de Justo fez Marcas sorrir novamente.

— Que acontecimentos podem ter-lhe dado essa horrível filosofia? — disse-lhe eu.

— Esqueci ainda uma vez que o acaso é o resultado de uma imensa equação da qual não conhecemos todas as raízes. Quando se sai do zero para chegar à unidade, as probabilidades são incalculáveis. Para os ambiciosos, Paris é uma imensa roleta, na qual todos os jovens julgam achar uma vitoriosa oportunidade de dobrar a parada.

Apresentou-nos o tabaco que eu lhe dera para nos convidar a fumar com ele. O doutor foi buscar nossos cachimbos. Marcas encheu o seu, depois veio sentar-se em nosso quarto trazendo o fumo. No seu só havia uma cadeira e a poltrona. Leve como um esquilo, Justo desceu e voltou com um garçom que trazia três garrafas de vinho Bordeaux, queijo de Brie e pão.

‘Bom’, disse eu comigo mesmo, e sem errar por um *sou*, ‘quinze francos.’

Efetivamente! Justo depositou, com toda a gravidade, cinco francos sobre a chaminé.

Existem diferenças incomensuráveis entre o homem social e o homem que vive mais perto da natureza. Uma vez aprisionado, Toussaint Louverture⁸ morreu sem proferir uma palavra. Napoleão, uma vez em seu rochedo, tagarelou como uma gralha. Quis explicar-se. Z. Marcas cometeu, mas somente em proveito nosso, o mesmo erro. O silêncio com toda a sua majestade só é encontrado entre os selvagens. Não há criminoso que, podendo deixar cair seus segredos com sua cabeça dentro da cesta rubra, não sinta a necessidade puramente social de os dizer a alguém. Engano-me. Vimos um dos iroqueses do Faubourg Saint-Marceau pondo a natureza parisiense à altura da natureza selvagem: um homem, um republicano, um conspirador, um francês, um ancião, ultrapassou tudo o que conhecíamos da constância negra e tudo o que Cooper⁹ atribuiu aos peles-vermelhas em matéria de desdém e calma no meio dos seus reveses. Morey,¹⁰ esse Guatemozin da Montanha,¹¹ manteve-se numa atitude inaudita nos anais da justiça europeia. Eis o que nos disse Marcas, durante aquela manhã, entremeando sua narrativa com fatias de pão cobertas de queijo e umedecidas com copos de vinho. Todo o fumo se foi nisso. Por vezes os fiacres que atravessavam a Place de l’Odéon, os ônibus que a lavravam, atiraram suas surdas rodadas, como que para afirmar que Paris continuava ali.

Sua família era de Vitré, seus pais viviam com mil e quinhentos

francos de renda. Fizera seus estudos gratuitamente num seminário e recusara fazer-se padre: sentira dentro de si o braseiro de uma ambição excessiva e viera para Paris a pé, com a idade de vinte anos, com uma fortuna de duzentos francos. Fizera seu curso de direito, ao mesmo tempo que trabalhava no escritório de um procurador, onde alcançaria o posto de primeiro ajudante. Era doutor em direito, sabia a antiga e a atual legislação, era capaz de dar quinaus nos mais célebres advogados. Estava a par do direito das gentes e conhecia todos os tratados europeus, os costumes internacionais. Estudara os homens e as coisas em cinco capitais: Londres, Berlim, Viena, Petersburgo e Constantinopla. Ninguém melhor do que ele conhecia os precedentes da Câmara. Durante cinco anos *fizera* as câmaras para uma folha diária. Improvisava, falava admiravelmente e podia falar muito tempo com aquela voz graciosa, profunda, que nos tinha ido à alma. Provou-nos, pela narrativa da sua vida, que era grande orador, orador conciso, grave e, não obstante, de uma eloquência penetrante: assemelhava-se a Berryer¹² pelo calor, pelos movimentos simpáticos às massas; ao sr. Thiers¹³ pela finura, pela habilidade. Mas era menos difuso, menos embaraçado para concluir. Tinha contado galgar o poder sem se haver comprometido por doutrinas, de começo necessárias a um homem da oposição, e que mais tarde atrapalham o homem de Estado.

Marcas aprendera tudo o que um verdadeiro homem de Estado deve saber. Por isso seu espanto foi extraordinário, quando teve oportunidade de verificar a profunda ignorância das pessoas que em França triunfam nos negócios públicos. Se nele a vocação lhe aconselhava o estudo, a natureza mostrara-se pródiga, dando-lhe tudo o que não se pode adquirir: uma viva perspicácia, o domínio de si mesmo, a sagacidade de espírito, a rapidez de julgamento, a decisão e, o que constitui o gênio desses homens, a fertilidade de meios.

Quando se julgou suficientemente armado, Marcos encontrou a França entregue a divisões intestinas nascidas do triunfo do ramo de Orléans¹⁴ sobre o ramo primogênito. Evidentemente o terreno das lutas políticas está mudado. A guerra civil não pode mais durar muito tempo, não mais se fará nas províncias. Em França, não haverá mais senão um combate de pouca duração, na própria sede de governo, o qual terminará a guerra moral que as inteligências de elite terão feito antes. Esse estado de coisas durará enquanto a França tiver o seu singular governo, que não tem analogia com o de nenhum outro país, porquanto não há mais paridade entre os governos inglês e francês do que entre os seus territórios. O lugar de Marcos era pois na imprensa política. Pobre e não podendo fazer-se eleger, ele se devia manifestar subitamente. Resolveu-se ao sacrifício mais penoso para um homem superior: subordinou-se a um deputado rico e ambicioso para o qual trabalhava. Novo Bonaparte, procurou o seu Barras,¹⁵ esse novo Colbert¹⁶ esperava

encontrar Mazarino. Prestou imensos serviços. Prestou-os, e com isso não se queria vangloriar, não se queria fazer de grande, não clamava contra a ingratidão, pois fizera-o na esperança de que seu protetor o colocaria em situação de ser eleito deputado: Marcas nada mais desejava do que um empréstimo necessário para a aquisição de um prédio em Paris, a fim de satisfazer as exigências da lei. Ricardo III não queria senão o seu cavalo.¹⁷

Em três anos, Marcas criou uma das cinquenta pretensas capacidades políticas, que são as raquetes com as quais duas mãos sorrateiras rebatem as pastas ministeriais, absolutamente como um diretor de fantoches faz com que o comissário e Polichinelo se esmurrem no seu teatro ao ar livre, sempre esperando sua receita. Aquele homem existe somente graças a Marcas. Mas tem precisamente suficiente espírito para apreciar o valor de seu tintureiro, para saber que, uma vez tendo triunfado, Marcas ficaria como um homem necessário, ao passo que ele seria deportado para as colônias polares do Luxemburgo.¹⁸ Resolveu, portanto, opor obstáculos invencíveis à ascensão de seu diretor, e ocultou esse pensamento sob as fórmulas de um devotamento absoluto. Como todos os homens pequenos, soube dissimular às mil maravilhas. Depois ganhou terreno na carreira da ingratidão, porquanto tinha de matar Marcas para não ser morto por ele. Esses dois homens, tão unidos na aparência, odiaram-se assim que um enganou o outro. O homem de Estado fez parte do ministério. Marcas permaneceu na oposição a fim de impedir que atacassem o seu ministro, ao qual por uma habilidade excepcional fez obter os elogios da oposição. Para se eximir de recompensar seu ajudante de ordens, o homem de Estado objetou a impossibilidade de colocar bruscamente, e sem hábeis precauções, um homem da oposição. Marcas contara com uma colocação para obter por meio de um casamento a elegibilidade tão desejada. Tinha então trinta e dois anos e previa a dissolução da Câmara. Depois de ter pilhado o ministro em flagrante delito de má-fé, ele o derrubou, ou pelo menos muito contribuiu para a sua queda, e chafurdou-o na lama.

Todo ministro caído deve, para voltar ao poder, mostrar-se temível: esse homem a quem o favor régio embriagara, que se havia julgado ministro para muito tempo, reconheceu suas culpas. Confessando-as, prestou um pequeno serviço de dinheiro a Marcas, o qual durante essa luta se endividara, sustentou o jornal onde Marcas trabalhava e fez que a este fosse dada a sua direção. Sem desmascarar ainda todas as baterias da sua superioridade, pela primeira vez Marcas avançou para as linhas da frente, e mostrou a metade do que sabia fazer. O ministério manteve-se apenas cento e oitenta dias. Foi devorado. Marcas, que fora posto em relações com alguns deputados, manejou-os como a uma massa, deixando em todos eles uma alta ideia de seus talentos. Seu

manequim fez novamente parte de um ministério e o jornal tornou-se ministerial. O ministro reuniu esse jornal com outro, unicamente para anular Marcas, o qual, naquela fusão, teve de ceder o lugar a um concorrente rico e insolente, cujo nome era conhecido e que já estava com um pé no estribo. Marcas tornou a cair numa profunda miséria. Seu altaneiro protetor bem sabia em que abismo ele o mergulhava. Para onde ir? Os jornais ministeriais, avisados às escondidas, não o queriam. Os da oposição tinham repugnância em admiti-lo nas suas redações. Marcas não podia passar nem para os republicanos nem para os legitimistas, dois partidos cujo triunfo significaria a derrubada do estado atual.

— Os ambiciosos preferem a atualidade — disse-nos a sorrir.

Viveu da renda de alguns artigos, relativos a empresas comerciais. Trabalhou numa dessas enciclopédias que a especulação e não a ciência tentou produzir. Finalmente, fundaram um jornal, que não devia viver senão dois anos, mas que solicitou a redação de Marcas. A partir desse momento, reatou relações com os inimigos do ministro, pôde entrar para o grupo que queria a queda do ministério, e, quando a sua picareta estava pronta para entrar em ação, a administração foi destruída.

O jornal de Marcas morrera fazia seis meses. Em parte alguma pudera encontrar uma colocação. Faziam-no passar por homem perigoso. A calúnia mordia-o: acabava de matar uma imensa operação financeira e industrial por meio de alguns artigos e de um panfleto. Sabiam ser ele o porta-voz de um banqueiro, o qual, diziam, pagara-o regimento, e do qual, sem dúvida, esperava algumas complacências em retribuição ao devotamento. Enojado dos homens e das coisas, cansado de uma luta de cinco anos, Marcas, considerado mais como um *condottiere* do que como um grande capitão, acabrunhado pela necessidade de ganhar a subsistência, o que o impedia de ganhar terreno, desolado pela privação da liberdade de pensamento, vítima da mais profunda miséria, retirara-se para a sua mansarda, ganhando trinta *sous* por dia, quantia estritamente indispensável às suas necessidades. A meditação estendera como que desertos a sua volta. Lia os jornais para estar a par dos acontecimentos. Assim aconteceu com Pozzo di Borgo¹⁹ durante algum tempo. Marcas meditava sem dúvida o plano de um ataque sério, acostumara-se talvez à dissimulação e castigava-se a si próprio, por suas faltas, por meio de um silêncio pitagórico. Não nos deu as razões de seu procedimento.

É impossível contar-lhes as cenas de alta comédia ocultas sob essa síntese algébrica de sua vida — as sentinelas inúteis, esboçadas ao pé da fortuna que voava, as longas caçadas realizadas nas brenhas parisienses, as excursões do procurador ofegante, as tentativas ensaiadas sobre imbecis, os projetos elevados que abortavam pela

influência de uma mulher inepta; as conferências com lojistas que aspiravam a camarotes e ao pariato, além de avultados juro; as esperanças chegadas ao cume e que caíam de golpe sobre os rochedos à flor da água; as maravilhas operadas na aproximação de interesses contrários e que se separam depois de haverem marchado bem durante uma semana; os desprazeres mil vezes repetidos ao ver um tolo condecorado com a Legião de Honra, ignorante como um caixeiro, preferido a um homem de talento. Depois, o que Marcas denominava os estratagemas da burrice: martela-se num homem — ele meneia a cabeça. Tudo vai ser conseguido. No dia seguinte essa goma elástica, um momento comprimida, retoma durante a noite a sua consistência, e até mesmo intumescce, e tudo deve recommençar. Trabalha-se novamente, até que se reconhece que não se está tratando com um homem e sim com um mástique que seca ao sol.

Essas mil decepções, essas imensas perdas de força humana desperdiçadas em pontos estéreis, a dificuldade de realizar o bem, a incrível facilidade de fazer o mal; dois grandes partidos jogados, duas vezes ganhos e duas vezes perdidos; o ódio de um homem de Estado, cabeça de pau com máscara pintada, de cabeleira falsa, mas no qual se acreditava: todas essas grandes e pequenas coisas tinham, não desanimado, mas abatido Marcas momentaneamente. Nos dias em que o dinheiro lhe chegara às mãos, elas não o haviam retido: a si mesmo dera o celeste prazer de mandar tudo para a família, às irmãs, aos irmãos, a seu velho pai. Semelhante a Napoleão caído, não precisava senão de trinta *sous* por dia, e tudo quanto é homem de energia sempre pode ganhar trinta *sous* em Paris.

Quando Marcas terminou, para nós, a história de sua vida, a qual foi entremeada de comentários, entrecortada de máximas e de observações que revelavam o grande político, bastaram algumas perguntas, algumas respostas mútuas sobre a marcha dos acontecimentos em França e na Europa, para que nos ficasse demonstrado que Marcas era um verdadeiro homem de Estado, porque os homens podem ser pronta e facilmente julgados, uma vez que consintam em chegar ao terreno das dificuldades. Há para os homens superiores *shibolets*,²⁰ e nós éramos da tribo dos levitas modernos, sem estarmos ainda no Templo. Como já lhes disse, nossa vida frívola encobria os projetos que Justo executou, no que lhe dizia respeito, e mais os que vou empreender.

Depois da nossa troca de ideias, saímos os três e fomos, enquanto esperávamos a hora do jantar, e apesar do frio, passear no jardim do Luxemburgo. Durante esse passeio, a palestra, sempre grave, abordou os pontos dolorosos da situação política. Cada um dos três contribuiu com sua frase, sua observação ou seu dito, seu gracejo ou sua máxima. Não se tratava mais com exclusividade da vida de proporções colossais que Marcas, o soldado das lutas políticas, acabava de nos pintar. Foi,

não mais o respeitado monólogo do navegante naufragado na mansarda do hotel Corneille, mas um diálogo no qual dois rapazes instruídos, tendo julgado sua época, buscavam, sob a direção de um homem de talento, fazer luz sobre seu próprio porvir.

— Por que — perguntou-lhe Justo — não esperou o senhor pacientemente a ocasião, por que não imitou o único homem que soube fazer-se valer depois da Revolução de Julho, mantendo-se acima da maré?²¹

— Já não lhe disse que não conhecemos todas as raízes do acaso? Carrel²² estava em idêntica posição à desse orador. Aquele rapaz sombrio, aquele espírito acerbo, trazia na cabeça um governo inteiro; esse do qual me fala não pensa senão em seguir afoitamente cada acontecimento; dos dois, Carrel era o homem forte; pois bem, um chega a ser ministro, Carrel permanece jornalista; o homem incompleto, porém sutil, existe. Carrel morreu. Far-lhes-ei observar que esse homem levou quinze anos para percorrer o caminho, e ainda está nele: pode ser apanhado e esmagado entre duas carretas cheias de intrigas, na grande estrada do poder. Não tem casa, não possui como Metternich o palácio do favor ou como Villèle o teto protetor de uma maioria compacta. Não creio que daqui a dez anos subsista a forma atual. Assim, pois, supondo-me numa felicidade tão triste, não chego mais a tempo, porquanto, para não ser varrido no movimento que prevejo, eu já devia ter tomado uma posição superior.

— Que movimento? — perguntou Justo.

— *Agosto de 1830* — respondeu Marcos em tom solene, estendendo a mão na direção de Paris —, *Agosto*, feito pela mocidade que atou a paveia, feito pela inteligência que amadurecera a messe, esqueceu a parte da mocidade e da inteligência. A mocidade explodirá como a caldeira de uma máquina a vapor. A mocidade, em França, não tem saída. Ela, aqui, acumula uma avalanche de capacidades menosprezadas, de ambições legítimas e inquietas, casa-se pouco, as famílias não sabem o que fazer de suas filhas; qual será o ruído que movimentará essas massas? Não sei. Sei, entretanto, que elas se precipitarão sobre o estado de coisas atual e o derrubarão. Há leis de flutuação que regem as gerações e que o império romano deixou de ver, quando os bárbaros chegaram. Os bárbaros, hoje, são inteligências. As leis do transbordamento atuam lenta e surdamente no presente, entre nós. O governo é o grande culpado por menosprezar os dois poderes aos quais tudo deve: deixou que lhe atassem as mãos pelos absurdos do contrato, está completamente preparado como uma vítima. Luís XIV, Napoleão, a Inglaterra eram e são ávidos de jovens inteligências. Em França, a mocidade está condenada pela nova legalidade, pelas más condições do princípio eletivo, pelos vícios da constituição ministerial. Examinando a composição da Câmara eletiva, não encontramos nela

deputados de trinta anos: a mocidade de Richelieu, a de Mazarino, a mocidade de Turenne e a de Colbert, a mocidade de Metternich nela não achariam lugar. Burke, Sheridan, Fox²³ não poderiam ter assento nela. Ainda que delimitassem a maioria política aos vinte e um anos, e dispensassem a elegibilidade de qualquer restrição, mesmo assim os departamentos não teriam eleito senão os deputados atuais, gente sem nenhum talento político, incapaz de falar sem estropiar a gramática, e entre a qual, em dez anos, mal se encontrou um homem de Estado. Adivinham-se os motivos de uma circunstância por vir, mas não se pode prever a própria circunstância. Neste momento, impele-se a toda a mocidade para que se torne republicana, porque ela querera ver na república a sua emancipação. Ela se recordará dos jovens representantes do povo e dos jovens generais. A imprudência do governo só é comparável à sua avareza.

Esse dia repercutiu em nossa existência. Marcas fortaleceu-nos na nossa resolução de deixar a França, onde as jovens superioridades, cheias de atividade, se veem esmagadas sob o peso das mediocridades triunfantes, invejosas e insaciáveis. Jantamos juntos na Rue de la Harpe. De nós para ele, houve, desde então, a mais respeitosa afeição, dele sobre nós, a mais ativa proteção na esfera das ideias. Esse homem sabia tudo, tudo aprofundara. Para nós ele estudou o mundo político e procurou o país onde as probabilidades fossem ao mesmo tempo mais numerosas e mais favoráveis ao êxito de nossos planos. Indicava-nos os pontos que deviam orientar nossos estudos; apressou-nos, explicando-nos o valor do tempo, fazendo-nos compreender que a emigração teria lugar, que seu efeito seria privar a França da nata de sua energia, dos seus espíritos jovens, que essas inteligências necessariamente hábeis escolheriam os melhores lugares e que se tratava de ser o primeiro a chegar. Desde então fizemos serão à luz de uma lâmpada. Esse generoso mestre escreveu-nos algumas memórias, duas para Justo e três para mim, admiráveis de ensinamentos, e dessas informações que somente a experiência pode dar, desses marcos significativos que somente o gênio sabe fincar. Há nessas páginas perfumadas de tabaco, cheias de caracteres de uma cacografia quase hieroglífica, indicações de destinos, predições seguras. Nelas se encontram conjecturas sobre certos interesses da América e da Ásia, que, depois de serem escritas e antes que Justo e eu tivéssemos partido, se realizaram.

Marcas, aliás, como nós, chegara à mais completa miséria. É verdade que ganhava para as despesas do dia, mas não tinha nem trajes, nem roupa branca, nem calçado. Não se fazia melhor do que era; sonhara com o luxo ao sonhar com o exercício do poder. Por isso não se reconhecia como o verdadeiro Marcas. Abandonava sua forma ao capricho da vida real. Vivia pelo sopro de sua ambição. Sonhava com a vingança e a si mesmo se censurava por entregar-se a um sentimento

tão vazio. O verdadeiro homem de Estado deve, sobretudo, ser indiferente às paixões vulgares, como o sábio não se deve apaixonar senão pelas coisas de sua ciência. Foi nesses dias de miséria que Marcos nos pareceu grande e terrível. Havia algo de atemorizador no seu olhar que contemplava um mundo para além daquele que impressiona os olhos dos homens comuns. Era para nós um objeto de estudo e de admiração, porque a mocidade (quem de nós não a experimentou?), a mocidade sente uma viva necessidade de admirar, gosta de dedicar-se, é levada naturalmente a subordinar-se aos homens que julga superiores, como se devota às grandes coisas. Nossa admiração era excitada principalmente pela sua indiferença em matéria de sentimento: a mulher não lhe complicara a vida. Quando lhe falamos nesse eterno assunto de conversa em França, ele nos disse simplesmente: 'Os vestidos custam muito caro!'. Viu o olhar que Justo e eu trocamos e continuou então: 'Sim, demasiado caro! A mulher a quem se compra, e é a que menos custa, quer muito dinheiro! A mulher extingue toda a atividade, toda a ambição. Napoleão reduzira-a ao que ela deve ser. Sob esse ponto de vista, ele foi grande, não caiu nas ruinosas fantasias de Luís XIV e de Luís XV. Não obstante, amou secretamente'.

Descobrimos que, semelhante a Pitt,²⁴ que se dera a Inglaterra por esposa, Marcos trazia a França no coração; era um idólatra da sua pátria; nenhum pensamento seu que não fosse para o seu país. A ânsia de ter nas mãos o remédio para o mal cuja força preocupava e a impossibilidade de poder aplicá-lo angustiavam-no incessantemente; mas essa ânsia era mais aumentada ainda pelo estado de inferioridade da França em relação à Rússia e à Inglaterra. A França em terceiro lugar! Esse brado repetia-se sempre em sua conversação. A moléstia intestina do país passara para as suas entranhas. Qualificava de implicâncias de porteiro as lutas da Corte com a Câmara, as quais revelavam tantas mudanças, tantas agitações incessantes, nocivas à prosperidade do país.

— Dão-nos a paz sacando sobre o futuro — dizia ele.

Uma noite, Justo e eu estávamos ocupados e mergulhados no mais profundo silêncio. Marcos levantara-se para trabalhar nas suas cópias; recusara nossos serviços apesar da mais viva insistência. Nós nos tínhamos oferecido para copiar, cada um por sua vez, parte de sua tarefa, a fim de que ele só tivesse de fazer a terça parte do seu insípido trabalho. Zangara-se. Não insistimos mais. Ouvimos um ruído de calçado fino no corredor e erguemos a cabeça, entreolhando-nos. Bateram à porta de Marcos, o qual sempre deixava a chave na fechadura. Ouvimos nosso grande homem dizer: 'Entre!' e depois: 'O senhor aqui?'.

— Eu mesmo — respondeu o antigo ministro.

Era o Diocleciano²⁵ daquele mártir desconhecido. Nosso vizinho e aquele homem falaram um ao outro, durante algum tempo, em voz

baixa. De repente, Marcas, cuja voz se fizera ouvir raramente, como acontece numa conferência em que o procurador começa por expor os fatos, explodiu subitamente a uma proposta que nos ficou ignorada.

— O senhor zombaria de mim — disse ele — se eu o acreditasse. Os jesuítas passaram, mas o jesuitismo é eterno. O senhor não tem boa-fé, nem no seu maquiavelismo nem na sua generosidade. O senhor sabe contar, mas não se pode saber consigo com o que se pode contar. Sua corte é composta de mochos que têm medo da luz, de anciãos que tremem diante da mocidade ou que dela não fazem caso. O governo modela-se pela Corte. Os senhores foram buscar os restos do Império, como a Restauração alistara os *voltigeurs*²⁶ de Luís XIV. Tem-se interpretado até agora os recuos do medo e da covardia como sendo manobras de habilidade. Mas os perigos virão, e a mocidade surgirá como em 1790. Foi a mocidade que executou as belas realizações daquela época. Atualmente os senhores mudam de ministros como um doente muda de lugar na cama. Essas oscilações revelam a decrepitude do seu governo. Os senhores têm um sistema de maroteiras políticas que se voltará contra os senhores, porque a França se cansará dessas burlas. A França não lhes dirá que está farta, nunca se sabe como se perece. A verdade é tarefa do historiador. Mas os senhores perecerão, com certeza, por não terem pedido à mocidade da França suas forças e suas energias, seu devotamento e seu ardor; por terem odiado as pessoas capazes; por não as terem escolhido com amor nesta bela geração; por terem optado em tudo pela mediocridade. O senhor vem pedir meu apoio, mas o senhor pertence a essa massa decrepita que o interesse torna hedionda, que treme, que se encolhe e, porque se reduz, quer reduzir a França. Minha natureza forte, minhas ideias seriam para o senhor equivalentes a um veneno. Duas vezes me ludibriou, duas vezes, o senhor o soube, eu o derrubei. Unir-mo-nos pela terceira vez teria de ser algo sério. Eu me mataria se me deixasse enganar, porque então desesperaria de mim mesmo: o culpado não seria o senhor, e sim eu.

Ouvimos então as mais humildes palavras, a mais cálida adjuração, para que não privasse o país de talentos superiores. Falou-se de pátria. Marcas soltou um ‘Uh! uh!’ significativo. Troçava de seu antigo chefe. O homem de Estado tornou-se mais explícito. Reconheceu a superioridade de seu antigo conselheiro: comprometia-se a colocá-lo em condições de permanecer na administração, de se fazer deputado. Propôs-lhe depois um cargo eminente, dizendo-lhe que daí por diante ele, o ministro, se subordinaria àquele do qual não podia ser mais do que o lugar-tenente. Estava na nova combinação ministerial e não queria voltar ao poder sem que Marcas tivesse um posto adequado a seu mérito. Insistiu sobre essa condição — Marcas era considerado como uma necessidade.

Marcas recusou.

— Nunca me vi em situação de cumprir meus compromissos. Aqui está uma oportunidade de ser fiel a minhas promessas. E deixa-a escapar?

Marcas não respondeu a esta última frase. As botas rangeram no corredor e o ruído tomou a direção da escada.

— Marcas! Marcas! — gritamos os dois precipitando-nos em seu quarto. — Por que recusou? Ele estava de boa-fé. As condições que ele propõe são honrosas. De resto, você verá os ministros.

Num abrir e fechar de olhos oferecemos cem argumentos a Marcas; o tom do futuro ministro era de veracidade; sem vê-lo, tínhamos chegado à conclusão de que ele não estava mentindo.

— Estou sem roupa — respondeu-nos Marcas.

— Conte conosco — disse-lhe Justo olhando-me.

Marcas teve a coragem de se fiar em nós. Um relâmpago fuzilou em seus olhos, passou a mão pelos cabelos, descobriu a fronte por um desses gestos que revelam crença na felicidade, e quando, por assim dizer, tirou o véu do rosto, vimos um homem que nos era perfeitamente desconhecido. Marcas sublime, Marcas no poder, o espírito no seu elemento, o pássaro restituído ao ar, o peixe voltado para a água, o cavalo galopando na sua estepe. Foi uma coisa passageira. A fronte voltou a ficar sombria. Teve como que a visão de seu destino. A Dúvida, claudicante, sucedeu à Esperança de asas brancas. Deixamos o homem entregue a si mesmo.

— Homessa! — disse eu ao doutor — prometemos, mas como havemos de fazer?

— Pensemos nisso ao adormecer — respondeu-me Justo —, e amanhã de manhã comunicaremos nossas ideias.

No dia seguinte de manhã, fomos dar uma volta pelo Luxemburgo. Tínhamos tido tempo de pensar no acontecimento da véspera e estávamos, tanto um como o outro, surpreendidos com a falta de jeito de Marcas para as pequenas misérias da vida, ele, a quem nada embaraçava na solução dos problemas mais transcendentais da política racional ou da política material. Mas é que essas naturezas elevadas são todas elas suscetíveis de esbarrar em grãos de areia, de deixar falhar as mais belas empresas, pela carência de mil francos. É a história de Napoleão que, pela falta de botas, não partiu para as Índias.

— Que foi que achaste? — perguntou-me Justo.

— Pois bem! Tenho meios para conseguir um traje completo a crédito.

— Onde?

— Na casa Humann.

— Como?

— Humann, meu caro, nunca vai à casa de seus fregueses. São estes

que vão à casa dele, de modo que não sabe se sou rico. Sabe apenas que sou elegante e que visto bem a roupa que ele me faz. Vou dizer-lhe que me caíu da província um tio, cuja indiferença em matéria de vestuário me causa um prejuízo imenso nas melhores sociedades onde procuro casar-me. Humann não seria Humann, se mandasse a conta antes de três meses.

O doutor achou essa ideia excelente num *vaudeville*,²⁷ mas execrável na realidade da vida, e duvidou do êxito. Mas, juro-lhes, Humann vestiu Marcas, e, como artista que é, soube vesti-lo como um homem político deve vestir-se.

Justo ofereceu duzentos francos, ouro, a Marcas, produto de dois relógios comprados a crédito e empenhados no monte de socorro. Nada expliquei sobre seis camisas, e tudo que era preciso em matéria de roupas brancas, e que não me custaram mais que o prazer de pedi-las à primeira caixa de uma loja com a qual eu tinha *derriçado* durante o Carnaval. Marcas aceitou tudo sem agradecer mais que devia. Indagou apenas dos meios pelos quais nós nos tínhamos apropriado daquelas riquezas, e o fizemos rir pela última vez. Contemplávamos o nosso Marcas como armadores que, tendo esgotado seu crédito e todos os seus recursos para equipar um navio, devem olhá-lo quando ele abre as velas.”

Aqui Carlos calou-se e pareceu oprimido por suas recordações.

— Então — gritaram alguns —, que foi que aconteceu?

“Vou dizer-lhe em duas palavras, porque não é um romance e sim uma história. Não vimos mais Marcas. O ministério durou três meses. Veio abaixo depois da sessão. Marcas voltou-nos sem um vintém, esgotado pelo trabalho. Sondara o caráter do poder. Vinha com um começo de febre nervosa. A doença fez rápidos progressos. Dispensamos os necessários cuidados. Justo, no começo, trouxe o médico-chefe do hospital para o qual ingressara como interno. Eu, que morava então sozinho no quarto, fui a mais atenta das enfermeiras. Mas os cuidados, mas a ciência, tudo foi inútil. No mês de janeiro de 1838, o próprio Marcas sentiu que só lhe restavam poucos dias de vida. O homem de Estado para o qual durante seis meses ele servira de alma não o veio ver, nem mesmo mandou saber notícias suas. Marcas manifestou-nos o mais profundo desprezo pelo governo. Pareceu-nos que duvidara dos destinos da França, e essa dúvida é que lhe causara a doença.

Julgou ter visto a traição no coração do poder, não uma traição palpável, apreensível, resultado dos fatos, mas uma traição produzida por um sistema, por uma sujeição dos interesses nacionais ao egoísmo. Bastara a certeza no aviltamento do país para que a doença se agravasse. Fui testemunha das propostas que lhe foram feitas por um dos chefes do sistema oposto, que ele combatera. Seu ódio por aqueles a quem

tentara servir era tão violento que, alegremente, ele teria consentido em entrar na coligação que começava a formar-se entre os ambiciosos nos quais, pelo menos, uma ideia existia: a de sacudir o jugo da Corte. Marcas, entretanto, respondeu ao negociador a frase do Hôtel de Ville:

— É demasiado tarde!²⁸

Marcas não deixou recursos para seu sepultamento. Justo e eu tivemos um trabalho insano para evitar-lhe a vergonha do carro dos indigentes, e os dois, sozinhos, acompanhamos o enterro de Z. Marcas, que foi atirado na fossa comum do cemitério de Montparnasse.”

Olhamo-nos todos tristemente ao ouvir essa narrativa, a última que nos fez Carlos Rabourdin,²⁹ na véspera do dia em que embarcou num brigue, no Havre, para as ilhas da Malásia, porque conhecíamos mais de um Marcas, mais de uma das vítimas desse devotamento político, recompensado pela traição ou pelo esquecimento.

Jardies, maio de 1840

A COMEDIA
HUMANA

12
OCTAVO
DE CORTES
DE LA
SANTA JUSTITIA

INTRODUÇÃO

O primeiro livro que trazia no frontispício o nome de Balzac era *Le dernier chouan ou La Bretagne en 1800*, publicado em março de 1829. Na segunda edição, cinco anos mais tarde, o livro se chamava *Les chouans ou La Bretagne en 1799*, título que conservou na edição definitiva. (Por ser a palavra *chouans* incompreensível aos leitores brasileiros, preferimos traduzir para o português apenas a segunda parte do título definitivo: *A Bretanha em 1799*.)

Em 1829, com trinta anos, Balzac, para todos, inclusive a própria família, era um homem liquidado: comerciante falido, industrial malogrado, escritor frustrado, gastara o dinheiro que não tinha, metera em dificuldades a família e os amigos, publicara um sem-número de livros anônimos que demonstravam lamentável falta de talento.

Havia para ele várias opções: voltar ao cartório do sr. Guyonnet-Merville para ocupar o lugar de escrevente, levemente abandonado anos antes, ou procurar um casamento rico; ir buscar fortuna nas Américas (como fez seu irmão Henn), ou simplesmente meter uma bala na cabeça.

Fez, porém, uma coisa completamente inesperada: resolveu dedicar-se à literatura séria. O romance histórico estava na moda. Os livros de Walter Scott eram todos traduzidos em francês logo após sua publicação na língua original, e devorados pelo público. Balzac decidiu tornar-se o rival francês do romancista escocês.

Henri de Latouche, escritor, jornalista, editor, homem de negócios, decorador e amigo de Balzac, conhecedor dos livros anteriores deste, aqueles romances de cordel que o próprio autor qualificava de porcarias literárias, ao ouvi-lo falar de um novo livro julgou tratar-se de um produto similar e propôs-se editá-lo de parceria com Urbain Canel. (Frédéric Ségu, *Un maître de Balzac méconnu: Henri de Latouche*, 1928.) A tiragem seria de mil exemplares; o autor receberia adiantadamente mil francos. Fechou-se o negócio, Balzac embolsou o dinheiro (ou talvez nem tivesse chegado a embolsá-lo, tão endividado estava). Só faltava entregar os originais, quase prontos. Latouche não tinha dúvidas quanto à pontualidade da entrega: sabia que o Balzac dos livros de cordel fazia um romance em poucas semanas.

Aí é que surgiram os mais variados imprevistos. Balzac demorava em entregar os originais. Depois inventou que, para se documentar (o romance referia-se aos levantes monarquistas do Oeste da França, de havia trinta anos), precisava ir passar uns dias na Bretanha. Conseguiu convite de um amigo do pai, o barão de Pommereul, general

aposentado que morava em Fougères. (L. J. Arrigon, *Les débuts littéraires d'Honoré de Balzac*. Paris, 1924.)

Embora não compreendesse tal necessidade de documentação, Latouche mostrou-se tolerante com o capricho do amigo. Mas Balzac, uma vez instalado em Fougères, não dava mais demonstrações de querer voltar. Pelas reminiscências de seus hospedeiros, a quem conquistou inteiramente, sabemos com que entusiasmo Honoré se pôs a interrogar conhecidos e desconhecidos, a percorrer os lugares, a tomar notas de tudo. Só dois meses depois é que voltava a Paris, onde Latouche o aguardava com crescente impaciência.

O romancista demorou ainda em entregar os originais, que ia polindo e melhorando, contra o seu costume; e, quando o livro estava em máquina, surgiu outro empecilho. Da casa do autor as provas voltavam cobertas não só de inúmeras correções mas também de modificações e acréscimos. Sucediavam-se as provas, e, apesar dos protestos indignados de Latouche e Canel — pois a despesa das recomposições importava em quinhentos francos —, Balzac multiplicava as emendas.

Finalmente o livro sai. Alguns jornais se manifestam, dosando elogios e censuras. A crítica mais amiga, mais favorável, é de Latouche. O êxito material é medíocre: em fins de novembro, os editores não venderam ainda a metade da edição. Apertado, Latouche apela para Balzac: pede-lhe que o ajude, cedendo-lhe outro livro para editar; pagar-lhe-ia os direitos depois da venda. Com um orgulho de autor consagrado, Balzac recusa-se a ajudar o amigo: se o primeiro livro não se vendera, a culpa era unicamente dos editores, que não tinham conseguido obter na imprensa mais três artigos assinados. Daí, arrefecimento progressivo e rompimento de relações entre os dois amigos, por culpa evidente de Balzac.

Se relato este incidente, primeiro da longa série de mal-entendidos entre Balzac e seus editores (e nos quais a culpa quase sempre cabia ao primeiro), é porque nele já repontam as características do novo Balzac: o cuidado extraordinário em corrigir o livro, em flagrante contradição com a sua maneira de agir em relação aos romances precedentes, que acabava *à la diable*, entregando capítulos inteiros à irmã e ao cunhado para os fazerem (*Honoré de Balzac, lettres à sa famille*, 1809-1850); a superioridade com que trata o editor, considerando-o um simples empregado ao serviço da sua glória literária, quando anteriormente era ele que se humilhava ao solicitar-lhe o auxílio.

Mais interessante, ainda, o aparecimento do nome de Balzac no frontispício. Os livros anteriores eram assinados com os românticos pseudônimos de Lord R'Hoone (anagrama de Honoré) e Horace de Saint-Aubin. Para este último, um amigo de Balzac, Jules Sandeau, chegou a inventar uma biografia. Também *Le dernier chouan* ia sair sob

pseudônimo, e Balzac ia, conforme ao gosto da época, pródiga em advertências de editor, prefácios, introduções, incluir uma advertência com a biografia do suposto autor, Victor Marillon, cujo rascunho foi conservado. Mas depois renuncia a este recurso tão banal e inscreve no frontispício seu nome verdadeiro, que, embora gravemente comprometido no ambiente comercial, era virgem pelo menos aos olhos dos leitores.

Tinha, pois, o autor plena consciência de se haver metamorfoseado. Sempre consideraria *Le dernier chouan* o seu primeiro livro, como vemos, aliás, na dedicatória, apensa à edição de 1846. Isto quer dizer que renegou toda a sua produção anterior, o que não o impediu de negociar, mais tarde, a reedição de suas *Obras da mocidade*, com a cláusula, tipicamente balzaquiana, de reservar-se a faculdade de renegá-las.

Em vez da pseudobiografia, o romance vinha precedido de um prefácio, reproduzido na edição Ollendorff das *Oeuvres complètes*, cujo tom anuncia também um escritor consciente do que pretende fazer. Além de protestar a sua imparcialidade e a exatidão dos fatos que servem de base a seu livro, dá uma definição inteligente do romance histórico, afirmando que “o autor tentou pôr neste livro o espírito de uma época e de um fato, preferindo a discussão à ata, a batalha ao boletim, o drama à narrativa”. Não sem um quê de solenidade, previne as objeções dos leitores e dos historiadores, procura justificar a própria maneira de interpretar a história e explicar a lição moral e cívica que o livro oferece, outras tantas coisas que nunca teriam ocorrido a Horace de Saint-Aubin, ainda menos a Lord R’Hoone.

Se em setembro de 1828, quando pedia hospitalidade do barão de Pommereul, Balzac lhe escrevia, ainda modestamente: “Espero que, na falta de um talento completamente problemático em mim, [*sic*] os costumes nacionais me deem, talvez, sorte”, já o seu tom é muito diferente seis meses depois, quando o romance já está pronto. Esta carta é dirigida à família, à qual, até então, o estreante sempre submetera suas tentativas, e cujas opiniões acatara: “Só os verei depois da publicação de *Le chouan* e previno-os de que não quero que ninguém me fale dele, bem ou mal. A família e os amigos são incapazes de julgar um escritor”.

Quinze anos depois, refazendo o livro para a terceira edição, o escritor sentia-se novamente arrebatado pelo entusiasmo que experimentara ao ver-se criador, pela primeira vez, de uma obra verdadeira. “É decididamente um magnífico poema”, escrevia à sra. Hanska. “Nunca o tinha lido. Passaram-se dez anos depois que o corriji e publiquei em segunda edição. Tive o prazer de ler afinal minha obra e de julgá-la. Há nela todo Cooper e todo Walter Scott, mais uma paixão e um espírito que não há em nenhum dos dois. A paixão é sublime, e

compreendo agora por que você vota uma espécie de culto a esse livro. O país e a guerra são pintados com uma perfeição e uma felicidade que me surpreenderam. Em suma, estou satisfeito” (carta de 20 de abril de 1843).

Em 1846, ao inserir *A Bretanha em 1799*, pela primeira vez, no conjunto de *A comédia humana*, Balzac fazia-a novamente preceder de um curto prefácio. Posto reconheça que o estilo da primeira edição fosse confuso e cheio de erros (que ele pensa ter corrigido na terceira), sempre se refere a essa primeira obra com visível ternura.

Antes de verificarmos se o próprio livro confirma a impressão certa que tinha o autor de se haver tornado, com ele, escritor de verdade, lembremos ainda que na própria *A comédia humana* existe um trecho em que Balzac nos explana o que deseja fazer em *A Bretanha em 1799*, especialmente como pretendia aproveitar a lição de seu mestre Walter Scott. Os leitores desta edição lembrar-se-ão de *Ilusões perdidas* e das vicissitudes do jovem Luciano de Rubempré — um dos alter egos de Balzac — nos meios literários, e dos conselhos que lhe dá Daniel d’Arthez depois de ouvir atentamente a leitura de seu romance histórico, *O archeiro de Carlos IX*.

“O senhor vai por um bom e belo caminho”, respondeu gravemente o moço, “mas sua obra precisa ser remodelada. Se não quer macaquear a Walter Scott, é-lhe necessário criar uma técnica diferente, e o senhor o imitou. Começa, como ele, por longas conversações para apresentar as personagens; terminada a conversa é que vêm a descrição e a ação. Esse antagonismo necessário a toda obra dramática vem por último. Inverta os termos do problema. Substitua essas conversas difusas, magníficas em Scott, porém sem colorido no seu livro, por descrições, às quais tanto se presta a nossa língua. Faça com que em seu livro o diálogo seja a consequência esperada a coroar os preparativos. Entre preliminarmente na ação. Tome o assunto ora pelo meio, ora pelo fim. Varie, enfim, os seus planos, para não ser sempre o mesmo. Será mesmo original adaptando à história da França a forma do drama dialogado do escocês. Walter Scott não tem paixão, ignora-a, ou talvez lhe fosse ela impedida pelos costumes hipócritas de seu país. Para ele, a mulher é a encarnação do dever. Com raras exceções, suas heroínas são absolutamente iguais; usou para todas elas o mesmo toque, segundo a expressão dos pintores. Procedem todas de Clarisse Harlowe. Relacionando todas com uma ideia, não podia senão tirar cópias do mesmo tipo, variando-as apenas pelo colorido mais ou menos vivo. A mulher leva a desordem à sociedade pela paixão. A paixão tem acidentes infinitos. Pinte, pois, as paixões, e terá os imensos recursos de que se privou aquele grande talento para poder ser lido por todas as famílias da puritana Inglaterra.”

A Bretanha em 1799 obedece, visivelmente, a essa concepção do

romance scottiano, tornado francês pela introdução da paixão, do amor. Balzac não se contentou em ser um imitador servil; aprende de Scott, mas o que aprendeu quis adaptá-lo às exigências do gosto e da tradição nacionais.

Como ele mesmo o confessa, Fenimore Cooper também o influenciou, sobretudo pela descrição das guerrilhas dos índios, suas manhas, seus costumes primitivos e selvagens, em *O pioneiro*. Outro romance de Cooper, *O último dos moicanos*, deve ter influído até na escolha do primeiro título, *Le dernier chouan*; e talvez fosse para apagar melhor os traços dessa influência que Balzac, depois, o substituiu.

Devem ter agido sobre o nosso romancista, embora de maneira menos intensa, os poucos romances históricos franceses já saídos nessa época, também sob o impulso de Walter Scott, entre eles *A "Jacquerie"*, de Mérimée, e *Cinq-mars*, de Vigny, cujas reedições foram impressas na sua tipografia.

Além disso, o escritor documentou-se. Antes mesmo de se entregar, em Fougères, às indagações de que falamos acima, compulsara as fontes mais importantes relativas ao movimento *chouan*: a *Coleção de memórias relativas à Revolução Francesa*, de Baudouin, e *A guerra dos vendeanos e dos chouans*, de J. J. Savary, obras que possuía na sua biblioteca.

Mostrei, em *A vida de Balzac*, como a ideia de adaptar esse método de documentação à época contemporânea e aos acontecimentos da vida privada deram origem ao romance social, a grande descoberta de Balzac. Daí *A Bretanha em 1799* ser de extraordinária importância na história de todo o gênero.

Trata-se de saber se *A Bretanha em 1799*, considerado em si, possui todas as qualidades que Balzac lhe atribuía. Sua ternura pelo livro que o transportou da sublitteratura para as altas esferas da arte é natural e compreensível. A maior parte de seus críticos e biógrafos deixa-se contaminar por esse entusiasmo.

Entretanto, como não pode deixar de ser, esse livro traz ainda muita coisa da primeira maneira do escritor: falta de gosto, inabilidades, defeitos de construção, erros de psicologia. Bem o via Brunetière, que o submeteu a uma dissecação rigorosa: "Não é, digo-o logo, um de seus bons romances; em vão o refez para adaptá-lo ao plano de *A comédia humana*, nem por isso deixa de ser um romance da sua primeira maneira, a que renegou. *A Bretanha em 1800* não é um dos bons romances de Balzac, por ser histórico à maneira dos romances de Walter Scott. Procura o autor, aí, interessar-nos pela 'ressurreição' da mesma época histórica por meio de um assunto sentimental, cujo romanesco passa os limites do inverossímil... Há nele fantasmas, subterrâneos, esconderijos cheios de ouro, seres humanos à prova das balas e até da baioneta, pelo menos na medida do necessário para levar

a intriga ao desfecho. Há também uma ‘cortesã amorosa’ — estamos em 1829 — e um ‘marquês’, cujo amor refaz a virgindade à amante. Mas nada de tudo isso impede que alguns rasgos se destaquem da confusão da intriga, e, em suma, Balzac fez bem em não renegar a sua *A Bretanha em 1799*”.

Podemos dizer, de modo geral, que na descrição da paisagem, da mentalidade e dos hábitos dos *chouans*, assim como em algumas cenas — como o almoço da Vivetière, a missa do padre Gudin, a execução do *chouan* traidor pelos seus correligionários —, se faz pressentir o futuro do grande escritor, ao passo que a tumultuosa história do amor frenético desencadeado entre o marquês de Montauran e a srta. de Verneuil lembra excessivamente Horace de Saint-Aubin. Bellessort procura defender essas duas personagens, afirmando que seu destino trágico corresponde aos fatos históricos (*Balzac et son oeuvre*); argumento fraco, pois, se a realidade pode dar-se ao luxo de atentar contra a verossimilhança psicológica, o romance não tem essa liberdade. Billy engana-se menos, ao assinalar no livro “um grande senso da complexidade da história e de tudo o que teve de inconfessável”; mas deve-se reconhecer que essa capacidade de historiador, romances ulteriores de Balzac, especialmente *Um caso tenebroso*, possuem-na em proporção muito maior.

No tocante às personagens em geral, Philippe Bertault, em *Balzac, l’homme et l’oeuvre*, fez observar, com muita agudeza, que todas elas são típicas; menos hábil do que nos seus romances da maturidade, Balzac não hesita em acentuar expressamente esse caráter por assim dizer em relação a cada personagem que apresenta. Montauran era “uma graciosa imagem da nobreza francesa”; Hulot, “uma imagem viva da República”; Gudin, “uma imagem do clero dessa região”; e assim por diante. Mas, como faltam a essas personagens os traços individuais, ficam, em parte, reduzidas a abstrações. Maurice Regard, responsável pela edição Garnier do romance (1957), explica um dos motivos pelos quais não adianta procurar modelos vivos das personagens: é que estas, nas segunda e terceira edições, sofreram muitas alterações para ser identificáveis com figuras já ativas em outras obras de *A comédia humana*. Quem leu *A prima Bete* lembrar-se-á de como o velho Hulot, embora continue o tipo do soldado republicano, ganha personalidade própria graças a alguns traços físicos e morais, essencialmente individuais, por exemplo a sua surdez e o seu apego à família do irmão.

Todos os críticos estão de acordo em elogiar a força com que o romancista conseguiu evocar as paisagens trágicas da Bretanha.

“Ele reintegra o drama na natureza, que se torna uma personagem fabulosa da qual os demais atores recebem os impulsos, com a qual comungam na efervescência de suas paixões.” Algumas ilustrações da presente edição que representam as paisagens descritas, assim como o

depoimento de Pierre Mille no ensaio que abre este volume, confirmam a exatidão das descrições.

Quanto à exatidão dos fatos históricos, parece bem menor. Embora o escritor pretenda relatar um episódio acontecido, suas personagens não puderam ser identificadas com personagens reais. Mas “Balzac encontrou a verdade fora da exatidão. A história vai atrás dele e constata que ele viu certo antes dela”.

Um ponto no qual se deve insistir é a convicção política do escritor, que transparece através do romance. Habituaados ao monarquismo conservador de Balzac, surpreender-nos-emos com sua atitude nitidamente favorável à Revolução. Em 1829 o escritor ainda não tinha as amizades aristocráticas, nem as altas ambições que o fariam adotar a posição de defensor do trono e do altar. Era decididamente republicano. Mostra a superioridade dos soldados da República, guiados por seu ideal, sobre os *chouans*, em sua maioria brutos fanatizados e inspirados por interesses. Seu chefe principal deixa-se desviar do dever por uma paixão cega; quase todos os demais aguardam recompensas; o padre Gudin é um agitador inescrupuloso. Para quem não percebesse o seu *parti pris*, o escritor timbrava em sublinhá-lo no Prefácio de 1829, acentuando que as atrocidades descritas eram todas verdadeiras e tinham como causa primeira o atraso material e espiritual da Bretanha, onde trinta anos depois daqueles acontecimentos ainda reinavam o fanatismo e a superstição.

Em 1847, Balzac ia retomar algumas das personagens sobreviventes de *A Bretanha em 1799* para fazer com elas outro livro, *A senhorita do Vissard*. Nessa obra, de que só terminou o primeiro capítulo, havia de patentear-se a evolução de sua atitude política: a sra. do Gua, que em seu primeiro romance não passa de uma cortesã (como o mostra seu apelido, “a Égua de Charette”), desempenharia no último um papel respeitável, de heroína.

Outra questão que exige reparo é a das modificações por que o romance passou nas sucessivas edições. Não eram apenas as adaptações exigidas pela sua inserção em *A comédia humana*; havia inúmeras correções estilísticas, ainda mais do que nas demais obras do autor. Mesmo assim, sobraram vestígios do mau gosto que estragava muitas páginas da edição original. A escolha dos adjetivos — um sorriso sardônico, olhares devoradores — lembra a terminologia do “romance preto”. As comparações mais de uma vez pecam pela incongruência: “Curvada no fundo do carro, ali permaneceu como um arbusto desenraizado”; outras vezes são de uma banalidade inexpressiva, tão frequente na literatura popular da época: “Merle soube adivinhar nela uma dessas flores campestres que, transportadas para as estufas parisienses, onde se encontram tantos raios desvitalizantes, nada perdem das cores puras nem da rústica franqueza”.

A permanência desses e outros defeitos semelhantes é natural. Ela diminui um pouco o nosso assombro ante a transformação por que o escritor passou, inexplicavelmente, de um dia para outro. Por maior que seja, porém, o número de vestígios que guarda do autor clandestino, *A Bretanha em 1799* já é autêntico Balzac; e, se não atinge a perfeição de suas obras maiores, também nada fica a dever, por exemplo, a *A mulher de trinta anos*, que deu tanta fama ao nosso autor.

Inspirados por Balzac, outros romancistas foram buscar assunto nos levantes dos *chouans*: Barbey d'Aurevilly, seu discípulo, consagrou-lhes *A enfeitiçada* e *O cavaleiro Destouches*; Elemir Bourges, *Debaixo do machado*.

PAULO RÓNAI

A BRETANHA EM 1799

AO SR. THEODORE DABLIN, NEGOCIANTE

Ao primeiro amigo, a primeira obra¹

DE BALZAC

PRIMEIRA PARTE

A EMBOSCADA

I

Nos primeiros dias do ano VIII, no começo de vendemiário, ou, de acordo com o calendário atual, pelo fim do mês de setembro de 1799, uma centena de camponeses e grande número de burgueses, tendo partido pela manhã de Fougères na direção de Mayenne, escalavam a montanha da Pèlerine, situada, mais ou menos, no meio do caminho de Fougères a Ernée, cidadezinha onde os viajantes têm o costume de descansar. Esse destacamento, dividido em grupos regularmente numerosos, apresentava uma coleção de trajes tão bizarros e uma reunião de indivíduos pertencentes a localidades ou a profissões tão diversas que não seria inútil descrever-lhes as diferenças características para emprestar a esta história as cores vivas a que se dá tanto preço atualmente; embora, segundo certos críticos, elas prejudiquem a pintura dos sentimentos.

Alguns dos camponeses, e constituíam eles o maior número, iam descalços, tendo por vestes uma grande pele de cabra a cobri-los do pescoço aos joelhos e uma calça de tela branca, muito grosseira, cujo fio, mal aparado, acusava a incúria industrial do país. As mechas lisas de seus longos cabelos se uniam continuamente aos pelos da pele de cabra, ocultando-lhes de maneira tão completa os rostos curvados para a terra que se podia, facilmente, tomar essa pele como sendo a deles, e confundir, à primeira vista, os infelizes com os animais cujos despojos lhes serviam de veste. Mas através daqueles cabelos viam-se logo brilhar os olhos, como gotas de orvalho numa espessa verdura, e os olhares, embora anunciando inteligência humana, causavam, decerto, mais terror do que prazer. Tinham as cabeças cobertas por uma touca suja de lã vermelha, semelhante ao boné frígio que a República adotava, então, como emblema da liberdade. Todos levavam sobre o ombro um grosso bastão de carvalho nodoso, na ponta do qual pendia um longo alforje de tela, pouco adornado. Outros traziam, por cima do boné, um grosseiro chapéu de feltro de abas largas e ornado com uma espécie de floco de lã de diversas cores que lhe contornava a copa. Estes, inteiramente trajados com o mesmo tecido de que eram feitas as calças e os alforjes dos primeiros, não apresentavam nas vestes quase nada que pertencesse à nova civilização. Os longos cabelos caíam-lhes sobre a gola de uma veste arredondada, com pequenos bolsos laterais e

quadrados, não indo além dos quadris, traje peculiar aos camponeses do Oeste. Sob essa veste aberta, distinguia-se um colete do mesmo tecido e de grossos botões. Alguns caminhavam de tamanco, enquanto, por economia, outros levavam os sapatos na mão. Tal veste, suja por um longo uso, enegrecida pelo suor e pela poeira e menos original do que a precedente, tinha por mérito histórico a circunstância de servir de transição para o traje quase suntuoso de alguns homens que, dispersos aqui e ali no meio da tropa, nela brilhavam como flores. Realmente, as calças de tela azul destes últimos, seus coletes vermelhos ou amarelos, ornados por duas fileiras de botões de cobre, paralelas e semelhantes a couraças quadradas, faziam tão vivo contraste com as vestes brancas e as peles dos companheiros, como as escovinhas e as papoulas num campo de trigo. Alguns calçavam os tamancos que os camponeses da Bretanha sabem confeccionar, mas quase todos traziam grossos sapatos ferrados e trajes de fazenda muito grosseira, talhados como os antigos vestuários franceses, cuja forma continua a ser religiosamente observada pelos nossos camponeses. A gola da camisa era presa por botões de prata, representando corações ou âncoras. Afinal, os alforjes pareciam mais bem providos do que os dos companheiros; depois, vários dentre eles reuniam ao equipamento de viagem um cantil, sem dúvida cheio de aguardente, suspenso por um cordão ao pescoço. Alguns cidadãos apareciam no meio desses homens algo selvagens, como para marcar o último limite da civilização naquelas paragens. Cobertos com chapéus redondos, de claques ou de bonés, com botas de canhão ou sapatos sustentados por polainas, apresentavam, como os camponeses, diferenças sensíveis no vestuário. Alguns traziam o traje republicano conhecido por carmanhola. Outros, ricos artesãos sem dúvida, trajavam-se da cabeça aos pés com fazenda da mesma cor. Os mais esmerados distinguiram-se por casacas ou sobrecasacas de fazenda azul ou verde, mais ou menos usadas. Verdadeiras personagens, traziam eles botas de diversas formas e brincavam com grossas bengalas como pessoas que fazem contra a sorte coração largo. Algumas cabeças cuidadosamente empoadas, as tranças bem-feitas anunciavam a espécie de requinte que nos inspira um começo de fortuna ou de educação.

Considerando esses homens, espantados de se verem reunidos e agrupados como ao acaso, dir-se-ia a população de um burgo escorraçada dos lares por um incêndio. Mas a época e os lugares davam um interesse inteiramente diverso a tal massa de homens. Um observador iniciado nos segredos das discórdias civis, que agitavam então a França, teria reconhecido facilmente o pequeno número de cidadãos com a fidelidade dos quais a República devia contar nessa tropa, quase inteiramente composta de pessoas que, quatro anos antes, haviam combatido contra ela. Um último traço, bastante saliente, não

deixava a mínima dúvida sobre as opiniões que dividiam o agrupamento. Somente os republicanos marchavam com uma espécie de alegria. Quanto aos outros indivíduos da tropa, revelavam-se diferenças sensíveis nos trajes, mostravam nos rostos e nas atitudes a expressão uniforme que dá o sofrimento. Burgueses e camponeses, todos conservavam a marca de uma melancolia profunda; guardavam um silêncio em que havia qualquer coisa de feroz e pareciam curvados sob o jugo do mesmo pensamento, terrível sem dúvida, mas zelosamente oculto, pois os rostos se mantinham impenetráveis; somente a lentidão pouco comum da marcha poderia trair-lhes os cálculos secretos. De tempo em tempo, alguns deles, notáveis pelos rosários suspensos ao pescoço, apesar do perigo que corriam em conservar esse emblema de uma religião antes suprimida do que destruída, sacudiam os cabelos e erguiam a cabeça com desconfiança. Examinavam de soslaio os bosques, os atalhos e os rochedos que marginavam a estrada, mas nesse ar com que o cão, pondo o nariz ao vento, procura farejar a caça; e, não ouvindo senão o rumor monótono dos passos dos silenciosos companheiros, curvavam de novo as cabeças, retomando a postura de desespero, semelhantes a criminosos conduzidos à prisão para ali viver e morrer.

A marcha dessa coluna sobre Mayenne, os elementos heterogêneos que a compunham e os diversos sentimentos que exprimiam explicavam-se, muito naturalmente, pela presença de uma outra tropa que formava a vanguarda do destacamento. Cento e cinquenta soldados, mais ou menos, marchavam à frente, com armas e bagagens, sob o comando de um *chefe de meia-brigada*. Não será inútil fazer observar aos que não assistiram ao drama da Revolução que essa denominação substituíra o título de coronel, proscrito pelos patriotas como muito aristocrático. Tais soldados pertenciam ao depósito de uma meia-brigada de infantaria estagiada em Mayenne. Nessa época de discórdias, os habitantes do Oeste chamavam todos os soldados da República de *Azuis*. O apelido era devido aos primeiros uniformes azuis e vermelhos, cuja lembrança está ainda bem fresca para tornar-lhes a descrição supérflua. O destacamento dos Azuis servia, pois, de escolta àquele agrupamento de homens quase todos descontentes de serem encaminhados para Mayenne, onde a disciplina militar devia dar-lhes prontamente um mesmo espírito, a mesma libré e a uniformidade de posturas que então lhes faltava completamente.

Essa coluna era o contingente penosamente obtido no distrito de Fougères e com o qual devia a cidade contribuir para o levantamento que o Diretório executivo da República francesa havia ordenado por uma lei de 10 do messidor precedente. O governo tinha pedido cem milhões e cem mil homens a fim de enviar prontos socorros aos seus exércitos, então batidos pelos austríacos na Itália, pelos prussianos na

Alemanha, e ameaçados na Suíça pelos russos, aos quais Suvarof prometia a conquista da França. Os departamentos do Oeste, conhecidos pelo nome de Vendeia, a Bretanha e uma parte da Baixa Normandia, pacificados há três anos pelos esforços do general Hoche,² depois de uma guerra de quatro anos pareciam ter-se aproveitado desse momento para recomeçar a luta. Na presença de tantas agressões, a República recuperou a primitiva energia. Havia ela primeiramente tomado providências para a defesa dos departamentos atacados, encarregando dela os habitantes patriotas por meio de um dos artigos dessa lei de messidor. Na realidade, o governo, não tendo nem tropas nem dinheiro de que pudesse dispor no interior, contornou a dificuldade, recorrendo a uma fanfarronada legislativa: não podendo nada enviar aos departamentos insurretos, dava-lhes a sua confiança. Talvez esperasse também que essa medida, armando os cidadãos uns contra os outros, abafasse a insurreição no início.

O aludido artigo, fonte de funestas represálias, estava assim concebido: “Serão organizadas companhias francas nos departamentos do Oeste”. Essa disposição impolítica fez o Oeste tomar uma atitude tão hostil que o Diretório desesperou de triunfar logo de início. Também, poucos dias depois, pedia ele às Assembleias medidas particulares relativas aos contingentes leves resultantes do artigo que autorizava as companhias francas. Logo, uma nova lei promulgada alguns dias antes do começo desta história, e divulgada no terceiro dia complementar do ano VII, ordenava a organização de legiões desses frágeis levantamentos de homens. As legiões deviam trazer o nome dos departamentos do Sarthe, do Orne, de Mayenne, de Ille-et-Vilaine, do Morbihan, do Loire Inferior e do Maine-et-Loire. “Essas legiões”, dizia a lei, “especialmente empregadas em combater os *chouans*, não poderão, sob nenhum pretexto, ser levadas às fronteiras.”

Tais detalhes fastidiosos, mas ignorados, explicam por sua vez o estado de fraqueza em que se encontrava o Diretório e a marcha desse rebanho de homens conduzidos pelos Azuis. Também, talvez, não seja supérfluo acrescentar que tão belas e patrióticas determinações diretoriais não tiveram jamais outra execução do que a respectiva inserção no Boletim das Leis. Não sendo mais sustentados pelas grandes ideias morais, pelo patriotismo e pelo terror que os tornava executórios, os decretos da República criavam milhões, e soldados, dos quais nada entrava nem no Tesouro nem no Exército. A mola da Revolução gastara-se em mãos inábeis, e as leis recebiam em sua aplicação a marca das circunstâncias, em vez de dominá-las.

Os departamentos de Mayenne e de Ille-et-Vilaine eram então comandados por um velho oficial que, julgando *in loco* da oportunidade das medidas a tomar, quis tentar arrancar da Bretanha seus contingentes, e, sobretudo, o de Fougères, um dos mais temíveis

reduzidos da *chouannerie*. Esperava assim enfraquecer as forças desses distritos ameaçadores. Militar devotado, aproveitou-se das previsões ilusórias da lei para afirmar que equiparia e armaria, imediatamente, os *requisicionários*, e tinha à disposição deles um mês de soldo prometido pelo governo às tropas de exceção. Embora a Bretanha se recusasse a toda espécie de serviço militar, a operação obteve êxito de início, ante a confiança despertada pelas promessas, e de maneira tão pronta que o oficial se alarmou. Mas era um desses velhos cães de guarda difíceis de surpreender-se. Logo que viu acorrer ao distrito uma parte dos contingentes, suspeitou de algum motivo secreto nessa pronta reunião de homens e talvez pensasse bem, acreditando que eles queriam era adquirir armas. Sem esperar os retardatários, tomou então medidas para efetuar a retirada para Alençon, a fim de aproximar-se das regiões submetidas, embora a insurreição crescente naquelas paragens tornasse o êxito do projeto muito problemático.

Esse oficial, que, segundo instruções recebidas, guardava o mais profundo segredo sobre os fracassos de nossos exércitos e as notícias pouco tranquilizadoras chegadas da Vendeia, havia, pois, tentado, na manhã em que começa esta história, chegar por uma marcha forçada a Mayenne, onde prometia a si mesmo executar a lei a seu bel-prazer, preenchendo os quadros da meia-brigada com *conscritos* bretões. A palavra *conscrito*, mais tarde tão célebre, havia substituído, pela primeira vez, nas leis, o nome de requisicionários, primitivamente dado aos recrutas republicanos. Antes de deixar Fougères, o comandante tinha feito secretamente os soldados se munirem de cartuchos e das rações de pão necessárias a todos eles, a fim de não despertar a atenção dos conscritos sobre o longo caminho a percorrer; e contava não se deter na etapa de Ernée, onde, voltando a si do espanto, os homens do contingente poderiam entender-se com os *chouans*, sem dúvida espalhados pelos campos vizinhos.

O pesado silêncio reinante na tropa dos requisicionários, surpreendidos pela manobra do velho republicano, e a lentidão de sua marcha por aquela montanha excitaram no mais alto grau a desconfiança do chefe da meia-brigada, de nome Hulot;³ os detalhes mais incisivos da descrição precedente eram para ele de um vivo interesse; também marchava silencioso no meio de cinco jovens oficiais, que respeitavam todos a preocupação do chefe. Mas, no momento em que Hulot chegou ao alto da Pèlerine, voltou, de repente, a cabeça, como por instinto, para inspecionar os rostos inquietos dos requisicionários e não tardou a romper o silêncio. Realmente, o atraso progressivo daqueles bretões já havia estabelecido entre eles e a respectiva escolta uma distância de cerca de duzentos passos. Hulot fez então uma careta que lhe era muito particular.

— Que diabo têm esses pelintras? — exclamou com voz sonora. —

Nossos conscritos fecham o compasso em lugar de abri-lo, parece-me!

A essas palavras, os oficiais que o acompanhavam voltaram-se, num movimento espontâneo, muito semelhante ao despertar sobressaltado provocado por um rumor repentino. Os sargentos, os cabos imitaram-nos e a companhia deteve-se, sem ter ouvido a palavra almejada: Alto! Se os oficiais lançaram primeiro um olhar pelo destacamento que, semelhante a uma comprida tartaruga, escalava a montanha da Pèlerine, os cinco jovens, arrancados como tantos outros a estudos superiores e nos quais a guerra não havia ainda extinto o sentimento das artes, ficaram bastante impressionados com o espetáculo que se lhes oferecia aos olhares para deixar sem resposta uma observação cuja importância lhes era ignorada.

Embora viessem de Fougères, onde o quadro que então se lhes apresentava aos olhos era igualmente visto, mas com as diferenças que a mudança de perspectiva lhe determinava, não puderam deixar de admirá-lo pela última vez, como sucede aos *dilettanti* a quem uma música produz tanto maior deleite quanto conhecem eles seus detalhes. Do alto da Pèlerine aparece aos olhos do viajante o grande vale de Couësson, do qual um dos pontos culminantes é ocupado no horizonte pela cidade de Fougères. Um castelo ali domina, do alto do rochedo onde se ergue, três ou quatro estradas importantes, posição que tornava outrora a cidade uma das chaves da Bretanha. Os oficiais descobriram, então, em toda a extensão essa bacia tão notável pela prodigiosa fertilidade do solo quanto pela variedade de aspectos. De todo lado, montanhas de xisto erguem-se em anfiteatro, disfarçam os flancos avermelhados em florestas de carvalho, ocultando em suas encostas vales cheios de frescura. Esses rochedos descrevem uma vasta área aparentemente circular, no fundo da qual se estende docemente uma imensa pradaria, desenhada como um jardim inglês. A grande quantidade de sebes que circundam numerosas herdades de traçado irregular, todas as árvores, afinal, dão a esse tapete de verdura uma fisionomia rara entre as paisagens da França, e encerra ele fecundos segredos de beleza nos seus múltiplos contrastes, cujos efeitos são bem amplos para impressionar as almas mais frias. Naquele momento, a vista da região era animada pelo brilho fugitivo com que a natureza se apraz em realçar, por vezes, suas imperecíveis criações. Enquanto o destacamento atravessava o vale, o sol nascente havia aos poucos dissipado os vapores brancos e leves que, nas manhãs de setembro, pendem sobre os prados. No instante em que os soldados se voltaram, uma mão invisível parecia erguer da paisagem o último desses véus com que a tinha envolvido: nuvens finas, semelhantes à gaze diáfana que cobre as joias preciosas e através da qual elas brilham imperfeitamente excitando a curiosidade. No vasto horizonte que os viajantes abrangiam, o céu não apresentava a mais leve nuvem, capaz de fazer

crer pela sua claridade argêntea que aquela imensa abóbada azulada fosse o firmamento. Era antes como que um dossel de seda, sustentado pelas cimas desiguais das montanhas e colocado nos ares para proteger aquele magnífico conjunto de campos, de prados, de riachos e de arvoredos.

Os oficiais não se fartavam de examinar o espaço, em que despontavam tantas belezas campestres. Uns hesitavam muito tempo, antes de deter os olhares na espantosa multiplicidade dos bosques, que as tintas severas de alguns tufos amarelados enriqueciam de cores de bronze, realçadas pelo verde-esmeralda dos prados irregularmente recortados. Outros voltavam-se para os contrastes oferecidos pelos campos avermelhados, onde o trigo colhido se erguia em feixes cônicos, semelhantes às armas ensarilhadas que os soldados reúnem nos acampamentos, e separados por outros campos dourados pelos alqueires de centeio ceifado. Ali e acolá, a ardósia escura de alguns tetos, de que se desprendiam brancas fumaças; depois o sulco vivo e prateado, produzido pelos riachos tortuosos do Couësnon, atraía o olhar, numa dessas ilusões de óptica que tornam a alma, sem que se saiba por quê, indecisa e sonhadora. A frescura balsâmica das brisas de outono e o forte aroma das florestas erguiam-se como nuvens de incenso, embriagando os admiradores daquela bela região, que contemplavam com arrebatamento as flores desconhecidas, a vegetação vigorosa, a verdura rival das ilhas da Inglaterra, de que está ela mal separada e de que traz o mesmo nome. Alguns animais movimentavam a cena já de si dramática. Os pássaros cantavam, fazendo ouvir no vale uma melodia suave e surdinada que fremia nos ares. Se a imaginação concentrada pode perceber plenamente os ricos acidentes de sombra e de luz, os horizontes vaporosos das montanhas, as fantásticas perspectivas que nascem dos lugares onde faltam árvores, onde correm as águas, onde aparecem caprichosas sinuosidades; se a lembrança consegue colorir, por assim dizer, esse desenho tão fugaz como o momento em que foi fixado, as pessoas para as quais tais quadros não são destituídos de interesse terão uma imagem imperfeita do mágico espetáculo que surpreendeu a alma ainda impressionável dos jovens oficiais.

Pensando então que aquela pobre gente abandonava sua terra, os hábitos que lhe eram caros, para ir, talvez, morrer em terras estranhas, perdoaram-lhe, involuntariamente, um atraso, decerto muito compreensível. Depois, com a generosidade natural aos soldados, disfarçaram a condescendência num desejo fingido de examinar as posições militares daquela bela região. Mas Hulot, a quem é necessário chamar de comandante, para evitar de dar-lhe o nome pouco harmonioso de chefe de meia-brigada, era um desses militares que, em perigo iminente, não são homens para se deixarem levar pelos encantos

das paisagens, ainda que fossem as do paraíso terrestre. Sacudiu a cabeça num gesto negativo e contraiu as duas grossas sobrancelhas negras que lhe davam uma expressão severa à fisionomia.

— Por que diabo não vêm eles? — perguntou pela segunda vez, com a voz enrouquecida pelas fadigas da guerra. — Encontrar-se-á na aldeia alguma boa Virgem à qual estão dando algum aperto de mão?

— Perguntas por quê? — respondeu uma voz.

Ouvindo sons que pareciam sair da trombeta com que os camponeses daqueles vales reúnem os rebanhos, o comandante voltou-se bruscamente, como se sentisse a ponta de uma espada, e viu a dois passos uma personagem ainda mais bizarra do que as que eram conduzidas a Mayenne para servir à República. O desconhecido, homem troncudo, largo de ombros, mostrava uma cabeça quase tão grande quanto a de um boi, com o qual tinha mais de uma semelhança. As narinas espessas faziam parecer o nariz ainda mais curto. Os lábios largos, rombudos, deixando ver os dentes brancos como a neve, os olhos grandes e redondos, guarnechos por sobrancelhas ameaçadoras, as orelhas pendentes, os cabelos ruivos, pertenciam menos à nossa bela raça caucásica do que à família dos herbívoros. Enfim, a ausência completa de outros caracteres de homem social tornava a cabeça descoberta mais estranha ainda. Aquele rosto, como bronzeado pelo sol e cujos angulosos contornos ofereciam uma vaga analogia com o granito de que se compõe o solo da região, era a única parte visível do corpo de um ser tão singular. Do pescoço para baixo estava ele envolvido por um gabão, espécie de blusa de tela roxa mais grosseira ainda do que a das calças dos conscritos menos afortunados. O gabão, no qual um antiquário teria reconhecido a *saye (saga)* ou o *savon* dos gauleses, ia só até o meio do corpo, ligando-se a duas bainhas de pele de cabra por meio de pedaços de madeira grosseiramente trabalhados, alguns dos quais traziam ainda a casca. As peles de cabra que lhe guarneciam as pernas e as coxas não deixavam distinguir nenhuma forma humana. Tamancos enormes ocultavam-lhe os pés. Os longos cabelos luzidios, semelhantes à penugem dessas peles de cabra, caíam de cada lado do rosto, separados em duas partes iguais, como as cabeleiras das estátuas da Idade Média que se veem ainda em algumas catedrais. Em lugar do bastão nodoso, carregado pelos conscritos nos ombros, tinha apoiado no peito, à guisa de fuzil, um grosso chicote cujo couro habilmente trançado dava a impressão de ser duas vezes mais comprido que o dos chicotes comuns. A brusca aparição dessa criatura bizarra seria, talvez, fácil de explicar. À primeira vista, alguns oficiais supuseram tratar-se de um requisicionário ou conscrito (os dois nomes usavam-se ainda indiferentemente) que contramarchava sobre a coluna ao vê-la deter-se. Não obstante, a chegada de tal homem espantou singularmente o comandante; se não se mostrou de modo algum intimidado, revelou,

entretanto, na frente, sinal de preocupação, e, depois de haver medido o estrangeiro, repetiu, maquinalmente, como ocupado por pensamentos sinistros:

— Sim, por que não vêm eles? Sabes tu?

— É que — respondeu o sombrio interlocutor, com um acento que provava grande dificuldade de falar francês —, é que — disse, estendendo a mão rude e larga para Ernée — lá fica o Maine e lá termina a Bretanha.

Depois, bateu fortemente no solo, fazendo tombar o pesado punho do chicote justamente aos pés do comandante. A impressão produzida nos espectadores por essa cena, pela arenga lacônica do desconhecido, assemelhava-se muito à que causaria um toque de tantã enérgico no meio de uma música. A palavra arenga mal dá ideia do ódio, do ressentimento e dos desejos de vingança expressos num gesto altivo, numa palavra breve e na postura bem acentuada de uma energia feroz e fria. A grosseria desse homem, talhado como a golpes de machado, sua aparência nodosa, a estúpida ignorância que se lhe estampava nos traços faziam-no uma espécie de semideus bárbaro. Guardava uma atitude profética, e ali aparecia como o próprio gênio da Bretanha a despertar de um sonho de três anos, para recomençar uma guerra, em que a vitória não se mostrava jamais sem duplos crepes.

“Eis aí um belo camarada”, disse Hulot, falando consigo mesmo. “Parece-me o embaixador de gente que se apresta para parlamentar a tiros de fuzil.”

Depois de haver engrolado essas palavras entre os dentes, passeou sucessivamente o olhar do homem para a paisagem, da paisagem para o destacamento, do destacamento para as escarpas abruptas do caminho, cujas grimpas eram ensombradas pelas altas giestas da Bretanha; depois, voltou-o repentinamente para o desconhecido, ao qual submeteu como que a um mudo interrogatório que terminou por esta pergunta brusca:

— De onde vens?

Seu olho ávido e percuciente procurava adivinhar os segredos daquele rosto impenetrável, que durante esse intervalo havia tomado a expressão ingênua de torpor característica do camponês em repouso.

— Da terra dos *gars* — respondeu o homem, sem manifestar a menor perturbação.

— Teu nome?

— Pé-de-poeira.⁴

— Por que trazes, contra a lei, um apelido *chouan*?

Pé-de-poeira, já que ele se dava esse nome, encarou o comandante com um ar de imbecilidade tão profundamente verdadeira que o militar julgou não tê-lo compreendido.

— Fazes parte da requisição de Fougères?

A tal pergunta, Pé-de-poeira respondeu por um desses *não sei*, cuja inflexão desesperadora é capaz de pôr fim a todo entendimento. Sentou-se tranquilamente à beira do caminho, tirou do gabão alguns pedaços de uma bolacha fina e escura de trigo-mourisco, repasto nacional, cujas delícias não podem ser compreendidas senão pelos bretões, e pôs-se a comê-la com uma indiferença estúpida. Dava impressão de uma ausência tão completa de inteligência que os oficiais o compararam, cada um por sua vez, naquela situação, a um dos animais soltos na gorda pastagem do vale, aos selvagens da América ou a algum natural do cabo da Boa Esperança. Iludido por aquela atitude, o próprio comandante já não escutava a sua inquietude quando, lançando um último olhar de prudência ao homem, que supunha o arauto de uma próxima carnificina, viu-lhe os cabelos, o gabão, a pele de cabra cobertos de espinhos, de pedaços de folhas, de varetas e silvas, como se o *chouan* houvesse feito uma longa caminhada através das sarças. Lançou um olhar significativo para o ajudante Gérard, perto do qual se encontrava, apertou-lhe fortemente a mão e disse em voz baixa:

— Fomos buscar lã e saímos tosquiados.

Os oficiais espantados encararam-se uns aos outros em silêncio.

II

Convém intercalar aqui uma digressão para fazer partilhar dos receios do comandante Hulot as pessoas sedentárias, habituadas a duvidar de tudo, porque nada veem, e que poderiam negar a existência de Pé-de-poeira e dos camponeses do Oeste, cuja conduta foi então sublime.

A palavra *gars*, que se pronuncia *gâ*, é um vestígio da língua céltica; passou do baixo bretão para o francês e é, em nossa língua atual, a palavra que contém mais lembranças antigas. O *gais* era a arma principal dos *gaels* ou gauleses; *gaisde* significa exército; *gais*, bravura; *gas*, força. Tais aproximações provam o parentesco da palavra *gars* com essas expressões da língua de nossos ancestrais. Ela tem analogia com a palavra latina *vir*, homem, radical de *virtus*, força, coragem. Esta dissertação encontra sua desculpa na sua nacionalidade; depois, talvez sirva ela para reabilitar, no espírito de algumas pessoas, as palavras *gars*, *garçon*, *garçonnette*, *garce*, *garcette*, geralmente proscritas da linguagem como inconvenientes, mas cuja origem é essencialmente guerreira, e aparecerão aqui e ali no decorrer desta história. “É uma famosa *garce*!”⁵ foi um elogio pouco compreendido que recolheu a sra. de Staël,⁶ num pequeno cantão do Vendômois, onde ela passou alguns dias de exílio. A Bretanha é, de toda a França, a região onde os costumes gauleses deixaram as mais fortes marcas. As partes dessa província onde, ainda em nossos dias, a vida selvagem e o espírito supersticioso de nossos rudes avós permaneceram, por assim dizer, flagrantes

denominam-se a terra dos *gars*. Quando um cantão é habitado por certo número de selvagens semelhantes ao que acaba de aparecer nesta cena, as pessoas do lugar dizem: os *gars* de tal paróquia, e esse nome clássico é como uma recompensa da fidelidade com que se esforçam para conservar as tradições da linguagem e dos costumes gaélicos; assim sua vida guarda profundos vestígios de crenças e de práticas supersticiosas dos antigos tempos. Ali, os costumes feudais são ainda respeitados. Ali, os antiquários encontram de pé os monumentos dos druidas, e o gênio da civilização moderna se apavora de penetrar em imensas florestas seculares. Uma ferocidade incrível, uma teimosia brutal, mas também a fidelidade a um juramento; a ausência completa das nossas leis, dos nossos costumes, dos nossos trajes, de nossas moedas novas, de nossa linguagem, mas também a simplicidade patriarcal e heroicas virtudes se conjugam para tornar os habitantes desses campos mais pobres de combinações intelectuais do que os moicanos e os peles-vermelhas da América, mas tão grandes, tão manhosos, tão firmes quanto eles. O lugar ocupado pela Bretanha no centro da Europa torna-a muito mais curiosa de ser observada do que o seria o Canadá. Circundada de luzes, cujo calor benfazejo não a atinge, a região assemelha-se a um carvão gelado que permanecesse obscuro e negro no seio de uma lareira crepitante. Os esforços tentados por alguns grandes espíritos para conquistar a vida social e a prosperidade dessa bela parte da França, tão rica de tesouros ignorados, tudo, mesmo as tentativas do governo, morre na imobilidade de uma população votada às práticas de uma imemorável rotina. Essa desgraça se explica suficientemente pela natureza de um solo ainda sulcado de ravinas, de torrentes, de lagos e de pântanos, erichado de sebes, espécie de bastiões em terra que fazem de cada campo uma cidadela, privado de estradas e de canais; depois, pelo espírito de uma população ignorante entregue a preconceitos, cujos perigos serão acusados pelos detalhes desta história, e que rejeita a nossa moderna agricultura. A disposição pitoresca da região, as superstições dos habitantes excluem a concentração dos indivíduos e os benefícios trazidos pelo cotejo e pela troca das ideias. Ali, nada de aldeias. Construções precárias, denominadas alojamentos, são disseminadas através dos campos. Cada família vive como num deserto. As únicas reuniões conhecidas são as assembleias efêmeras dos domingos e dos dias santos na paróquia. Tais reuniões silenciosas, dominadas pelo *Reitor*, o único senhor desses espíritos grosseiros, não duram senão algumas horas. Depois de ter ouvido a voz terrível desse padre, o camponês retorna por uma semana à sua morada insalubre; dali sai para o trabalho e regressa para dormir. Se é visitado só pode ser por esse reitor, a alma da região. Assim, foi à voz do padre que milhares de homens se precipitaram contra a República e essas partes da Bretanha forneceram, cinco anos antes da época em que começa a

nossa história, massas de soldados para a primeira *chouannerie*. Os irmãos Cottureau,⁷ ousados contrabandistas que deram o nome a esta guerra, exerciam a perigosa profissão, de Laval a Fougères. Mas as insurreições desses campos nada tiveram de nobre; pode-se pois dizer com segurança que, se a Vendeia fez do banditismo uma guerra, a Bretanha fez da guerra um banditismo. A proscrição dos príncipes, a religião destruída não foram, para os *chouans*, senão pretextos para a pilhagem, e os acontecimentos dessa luta intestina contraíram alguma coisa de selvagem aspereza dos costumes daquela região. Também, quando os defensores da Monarquia vieram recrutar soldados entre essas populações ignorantes e belicosas, tentaram dar, sob a bandeira branca, certa grandeza às empresas que haviam tornado a *chouannerie* odiosa. Seus nobres esforços foram inúteis, os *chouans* permaneceram um memorável exemplo do perigo de agitar as massas pouco civilizadas de um país. O quadro do primeiro vale oferecido pela Bretanha aos olhos do viajante, a pintura dos homens que compunham o destacamento dos requisicionários, a descrição do rapaz que surgiu no alto da Pèlerine dão, em esboço, uma fiel imagem da província e de seus habitantes. Uma imaginação bem exercitada pode, por esses detalhes, conceber o teatro e os instrumentos da guerra. Ali estavam os elementos. As sebes tão floridas dos belos vales escondiam, então, invisíveis agressores. Cada campo tornara-se uma fortaleza, cada árvore encerrava uma armadilha, cada velho tronco de salgueiro oco guardava um estratagema. O campo de batalha estava em toda parte. Os fuzis esperavam nos cantos das estradas os Azuis que as jovens atraíam, rindo sob o fogo dos canhões, sem consciência da perfídia; iam elas em peregrinação, com os pais e os irmãos, pedir astúcia e absolvição às virgens de madeira carcomida. A religião, ou antes, o fetichismo dessas criaturas ignorantes desarmava a barbaridade dos seus remorsos. Também, uma vez iniciada a luta, tudo na região se tornava perigoso: o barulho como o silêncio, a graça como o terror, o lar doméstico como a estrada real. Havia convicção nessas tradições. Eram selvagens a servir a Deus e ao rei, da maneira pela qual os moicanos fazem a guerra. Mas, para tornar exata e verdadeira em todos os pontos a pintura dessa luta, o historiador deve acrescentar que, no momento em que a paz de Hoche foi assinada, a região voltou a ser risonha e amiga. Famílias que na véspera se atassalhavam no dia seguinte cearam, sem perigo, sob o mesmo teto.

No instante em que Hulot reconheceu as perfídias secretas que traía a pele de cabra de Pé-de-poeira, convenceu-se da ruptura daquela paz feliz, devida ao gênio de Hoche e cuja manutenção lhe pareceu impossível. Assim, a guerra renascia, sem dúvida mais terrível do que outrora, depois de uma inação de três anos. A Revolução, abrandada desde o 9 de termidor, ia, talvez, retomar o caráter de terror que a

tornava odiosa às boas almas. O ouro dos ingleses tinha, pois, como sempre, auxiliado as discórdias da França. A República, abandonada pelo jovem Bonaparte,⁸ que parecia ser dela o gênio tutelar, não se mostrava em condições de resistir a tantos inimigos e o mais cruel aparentava ser o último. A guerra civil, anunciada por mil pequenos levantes parciais, revestia-se de um caráter grave, inteiramente novo, no momento em que os *chouans* concebiam o propósito de atacar uma tão forte escolta. Tais as reflexões a se sucederem no espírito de Hulot, embora de maneira muito menos sucinta, desde o momento em que julgou perceber no aparecimento de Pé-de-poeira o indício de uma emboscada, habilmente preparada, pois só ele ficou, a princípio, no segredo desse perigo.

O silêncio que se seguiu à frase profética do comandante a Gérard, e que pôs fim à cena precedente, serviu a Hulot para fazê-lo recuperar o sangue-frio. O velho soldado tinha quase cambaleado. Não pôde dissipar as nuvens que lhe cobriram a fronte quando veio a pensar que já se achava cercado pelos horrores de uma guerra cujas atrocidades seriam talvez renegadas pelos canibais. O capitão Merle e o ajudante Gérard, seus dois amigos, procuravam explicar o receio, tão estranho para eles, estampado no rosto do chefe e contemplavam Pé-de-poeira comendo a bolacha à beira do caminho, sem poder estabelecer a menor relação entre aquela espécie de animal e a inquietude do intrépido comandante. Mas o rosto de Hulot logo se iluminou. Embora deplorando as desgraças da República, regozijava-se de ter de combater por ela. Prometeu, alvoroçadamente, não se deixar ludibriar pelos *chouans* e penetrar no íntimo do homem tão tenebrosamente astucioso que os inimigos lhe davam a honra de empregar contra ele.

Antes de tomar qualquer resolução, pôs-se a examinar a posição em que os inimigos queriam surpreendê-lo. Vendo que o caminho por onde se havia enveredado passava numa espécie de garganta, pouco profunda na verdade, mas marginada de bosques, onde iam ter vários atalhos, franziu fortemente as sobrancelhas negras e disse aos dois amigos, numa voz surda e muito comovida:

— Estamos numa engraçada arapuca.

— E de que o senhor tem medo? — perguntou Gérard.

— Medo?... — retorquiu o comandante — sim, medo. Sempre tive medo de ser fuzilado, como um cão, na vereda de um bosque, sem que vos gritem: Viva quem?

— Ah! — disse Merle, rindo. — Viva quem? é também um abuso.

— Estamos, pois, verdadeiramente em perigo? — perguntou Gérard, tão espantado com o sangue-frio de Hulot quanto havia ficado com o seu passageiro terror.

— Silêncio! — disse o comandante — estamos na boca do lobo; está escuro como num forno e é preciso acender uma vela. Felizmente —

acrescentou — temos o alto desta costa.

Qualificou-a com um epíteto enérgico e acrescentou:

— Acabarei talvez por ver claro.

Chamando para perto os dois oficiais, o comandante cercou Pé-de-poeira; o *gars* fingiu acreditar que os molestava e ergueu-se prontamente.

— Fica quieto aí, malandro! — gritou-lhe Hulot, empurrando-o e fazendo-o cair sobre o talude em que estivera sentado. Desde esse momento, o chefe da meia-brigada não deixou de olhar atentamente o apático bretão.

— Meus amigos — voltou ele, falando em voz baixa para os dois oficiais —, é tempo de vos dizer que lá em Paris as coisas andam pretas. O Diretório, depois de um rebuliço nas Assembleias, deu ainda uma vassourada em nossos negócios. Esses pentarcas — ou fantoches, em melhor francês — de diretores acabam de perder uma boa espada. Bernadotte⁹ não quer mais nada com eles.

— Quem o substitui? — perguntou vivamente Gérard.

— Milet-Mureau, um velho idiota. Escolheram um tempo bem ruim para entregar o negócio a uns caducos. Os foguetes ingleses já se estão levantando ao longo das costas. Toda essa besourada de vendeanos e *chouans* está no ar e os que se acham atrás desses bonecos souberam bem aproveitar o momento em que sucumbimos.

— Como? — disse Merle.

— Nossos exércitos foram batidos em todos os pontos — retornou Hulot, abafando cada vez mais a voz. — Os *chouans* já interceptaram duas vezes os correios, não recebi meus despachos e os últimos decretos senão por meio de um enviado expresso de Bernadotte, no momento em que este deixava o ministério. Alguns amigos, felizmente, me comunicaram, confidencialmente, essa derrocada. Fouché¹⁰ descobriu que o tirano Luís XVIII foi advertido por traidores de Paris para enviar um chefe a seus patos do interior. Supõe-se que Barras¹¹ traiu a República. Logo Pitt¹² e os príncipes mandaram para aqui um *ci-devant*,¹³ homem vigoroso, cheio de talento, com o propósito de, reunindo os esforços dos vendeanos aos dos *chouans*, humilhar a República. O camarada desembarcou no Morbihan, consegui sabê-lo antes dos demais, e comuniquéi-o aos espertalhões de Paris; adotou o nome de Gars. Todos esses animais — disse, mostrando Pé-de-poeira — adotam nomes que dariam cólicas a um patriota, se os usassem. Ora, o nosso homem está aqui no distrito. A chegada daquele *chouan* — e indicou de novo Pé-de-poeira — anuncia-me que ele se encontra em nossas costas. Mas não se ensina a um velho macaco fazer careta e vocês vão me auxiliar a reconduzir os passarinhos à gaiola e o mais depressa possível. Eu seria um grande tontinho se me deixasse apanhar como uma gralha por esse cidadão vindo de Londres com o pretexto de

escovar-nos os chapéus!

Informados dessas circunstâncias secretas e críticas, os dois oficiais, sabendo que o comandante não se alarmava jamais em vão, tomaram logo a postura grave dos militares no auge do perigo, quando já são profundamente experimentados e habituados a ver um pouco longe nos negócios humanos. Gérard quis falar e perguntar todas as novidades políticas, em parte silenciadas pelo comandante, mas um sinal de Hulot lhe impôs silêncio; e todos os três se puseram a encarar Pé-de-poeira.

O *chouan* não dava o menor indício de emoção, vendo-se sob a vigilância daqueles homens tão temíveis pela inteligência quanto pela força corporal. A curiosidade dos dois oficiais, para os quais essa espécie de guerra era nova, foi vivamente excitada pelo começo de um caso que oferecia um interesse quase romanesco, e quiseram também brincar; mas, na primeira palavra que lhes escapou, Hulot os encarou gravemente, dizendo-lhes:

— Caramba! Não vamos fumar sobre tonéis de pólvora, cidadãos. É divertir-se em carregar água num cesto, ostentar coragem fora de propósito. Gérard — disse em seguida, curvando-se para o ouvido do ajudante —, aproxime-se imperceptivelmente desse bandido e, ao menor movimento suspeito, esteja pronto a passar-lhe a espada pelo corpo. Quanto a mim, vou tomar medidas para sustentar a conversa, se os nossos desconhecidos querem mesmo entabulá-la.

Gérard inclinou ligeiramente a cabeça em sinal de obediência; em seguida, pôs-se a contemplar as perspectivas do vale com as quais pudera familiarizar-se; parecia querer examiná-las com maior atenção e caminhou, por assim dizer, sobre os próprios passos, sem afetação; mas devemos pensar que a paisagem foi a última coisa que ele observou. De seu lado, Pé-de-poeira não procurava, absolutamente, saber se a manobra do oficial o punha em perigo; dada a maneira pela qual brincava com o chicote, dir-se-ia entretido em pescar com vara na fossa. Enquanto Gérard procurava assim tomar a posição diante do *chouan*, o comandante dizia baixinho para Merle:

— Dê dez homens de elite a um sargento e vá postá-los você mesmo lá em cima e no ponto de cume, onde o caminho se alarga formando um planalto e de onde perceberá um bom pedaço da estrada de Ernée. Escolha um lugar onde o caminho não seja marginado de bosques e de onde o sargento possa vigiar o campo. Chame o Chave-dos-corações,¹⁴ ele é inteligente. Não há absolutamente motivo para rir; não garanto um décimo de nossa pele se não arranjarmos algum trunfo.

Enquanto o capitão Merle executava essa ordem com uma presteza cuja importância foi compreendida, o comandante agitou a mão direita para reclamar um profundo silêncio dos soldados que o circundavam e conversavam, jogando. Ordenou-lhes, com outro gesto, que

retomassem as armas. Quando se estabeleceu a calma, levou os olhos de um lado da estrada ao outro, escutando com uma atenção inquieta, como se esperasse surpreender algum rumor abafado, alguns sons de armas ou passos prenunciadores da luta esperada. Seu olho negro e penetrante parecia querer sondar os bosques em profundezas extraordinárias; mas, não colhendo nenhum indício, estudou a areia da estrada, à maneira dos selvagens, procurando descobrir algumas pegadas dos invisíveis inimigos, cuja audácia lhe era conhecida. Desesperado de não perceber nada que fosse capaz de justificar-lhe os temores, avançou para os flancos da estrada, subiu com dificuldade as pequenas colinas e percorreu, lentamente, as alturas. Repentinamente, compreendeu como sua experiência era útil à salvação da tropa, e desceu. O rosto se lhe tornava cada vez mais sombrio, pois nesses tempos os chefes lamentavam sempre não reservar somente para eles a tarefa mais perigosa.

Os outros oficiais e soldados, tendo notado a preocupação de um chefe cujo caráter lhes agradava e cujo valor lhes era conhecido, imaginaram logo que essa extrema tensão anunciava um perigo; incapazes, no entanto, de suportar a gravidade, se se conservavam imóveis e quase retinham a respiração, assim o faziam por instinto. Semelhantes a cães, procurando adivinhar as intenções do hábil caçador cuja ordem lhes é incompreensível, mas a quem obedecem fielmente, os soldados contemplavam alternativamente o vale de Couësnon, os bosques da estrada e o rosto severo do comandante, onde cuidavam ler a sorte que lhes estava reservada. Consultavam uns aos outros, com os olhos, e mais de um sorriso se repetia de lábio em lábio.

Quando Hulot fez aquela careta, Pé-bonito,¹⁵ jovem sargento que passava por ser o mais vivo espírito da companhia, disse em voz baixa:

— Onde diabo fomos nos meter para que esse soldado velho do Hulot nos faça uma cara tão feia? Tem ele o ar de um conselho de guerra.

Hulot lançou sobre Pé-bonito um olhar severo e o silêncio exigido nos exércitos passou a reinar de um momento para outro. No meio desse silêncio solene, os passos lentos dos conscritos, sob os pés dos quais a areia ringia surdamente, produziam um som regular, acrescentando uma vaga emoção à ansiedade geral. Esse sentimento indefinível será compreendido somente por aqueles que, presas de uma espera cruel, sentiram, no silêncio das noites, as largas pancadas do coração redobradas por algum rumor, cuja repercussão monótona lhes parecia verter o terror gota a gota.

Colocando-se de novo no meio da estrada, o comandante começava a perguntar a si mesmo: “Ter-me-ei enganado?”. Já encarava com uma cólera concentrada, que lhe saía em relâmpagos dos olhos, o tranquilo e estúpido Pé-de-poeira; mas a ironia selvagem que soube distinguir no

olhar embaciado do *chouan* persuadiu-o a não interromper suas medidas salutares. Nesse momento, depois de haver cumprido as ordens de Hulot, o capitão Merle retornava para junto do chefe. Os atores mudos da cena, semelhante a mil outras que tornaram esta guerra a mais dramática de todas, esperaram então com impaciência novas impressões, curiosos de verem esclarecidos por outras manobras os pontos obscuros da sua situação militar.

— Fizemos bem, capitão — disse o comandante —, de pôr na retaguarda do destacamento o pequeno número de patriotas com que contamos entre esses conscritos. Tome ainda uma dúzia de valentões à frente dos quais o senhor colocará o subtenente Lebrun e conduza-os rapidamente para a retaguarda do destacamento; eles apoiarão os patriotas que ali se encontram e farão avançar vivamente toda a tropa daqueles pássaros, a fim de amontoá-la em dois tempos nas alturas ocupadas pelos camaradas. Ficarei à sua espera.

O capitão desapareceu no meio da tropa. O comandante observou um a um os quatro homens intrépidos, cuja presteza e agilidade lhe eram conhecidas, chamou-os silenciosamente, designando-os com o dedo e fazendo-lhes o sinal amistoso que consiste em levar o índice na direção do nariz, num movimento rápido e repetido. Aproximaram-se eles.

— Vocês serviram comigo sob o comando de Hoche — disse-lhes o chefe — quando chamamos à razão esses bandidos que se intitulam Caçadores do Rei; vocês sabem como eles se escondiam para atirar nos Azuis.

A esse elogio da sua habilidade, os quatro soldados sacudiram a cabeça, fazendo um trejeito significativo. Mostravam eles essas figuras heroicamente marciais, cuja tranquila resignação anunciava que, desde a luta começada entre a França e a Europa, suas ideias não tinham ido além da cartucheira para trás e da baioneta para a frente. Os lábios unidos como uma bolsa da qual se cerraram os cordões contemplavam o comandante com ar atento e curioso.

— Pois bem — tornou Hulot, que possuía eminentemente a arte de falar a língua pitoresca do soldado —, é preciso que uns sabidos, como nós, não se deixem tapear pelos *chouans*, e é o que há por aqui, ou eu não me chamo Hulot. Vocês quatro têm de bater os dois lados da estrada. O destacamento vai continuar a marcha. Sigam, pois, firmes, tratem de não descuidar da guarda e esclareçam este negócio já.

Depois mostrou-lhes as alturas perigosas do caminho. Todos, à guisa de agradecimento, levaram as costas das mãos aos velhos chapéus de três bicos, cujas abas altas, batidas pela chuva e amolecidas pela idade, curvavam-se sobre a copa. Um deles, chamado Larose, cabo conhecido de Hulot, disse-lhe, fazendo soar o fuzil:

— Vamos tocar-lhes uma ária de clarineta, meu comandante.

Partiram, dois para a direita, dois para a esquerda. Não foi sem emoção secreta que a companhia os viu desaparecer dos dois lados da estrada. Da ansiedade partilhou o comandante, ciente de enviá-los a uma morte certa. Teve ele, até, um estremecimento involuntário, quando já não lhes viu a ponta dos chapéus. Oficiais e soldados escutaram-lhes o rumor gradativamente enfraquecido dos passos nas folhas secas, com um sentimento tanto mais agudo quanto mais profundamente era ele oculto. Nas guerras sobrevêm cenas em que quatro homens postos em perigo causam mais pavor do que os milhares de mortos estendidos em Jemmapes.¹⁶ As fisionomias dos militares têm expressões tão múltiplas e fugitivas que seus pintores são obrigados a apelar para as lembranças dos soldados e deixar os espíritos pacíficos estudarem tais rostos tão dramáticos, pois essas tempestades ricas em detalhes não poderiam ser descritas senão demoradamente.

No momento em que as baionetas dos quatro soldados não mais brilharam, Merle retornava, depois de ter cumprido as ordens do comandante com a rapidez de um relâmpago. Hulot, em duas ou três vozes de comando, pôs então o resto da tropa em posição de batalha no meio do caminho; depois, ordenou-lhe que retornasse ao alto da Pèlerine, onde estacionava a vanguarda; mas ele marchava por último e às arrecuas, a fim de observar as mais leves transformações que sobreviessem em qualquer ponto deste cenário feito pela natureza tão encantador e tornado pelo homem tão terrível. Atingiu o ponto onde Gérard guardava Pé-de-poeira, quando este último, tendo seguido com olhar aparentemente indiferente todas as manobras do comandante, mas olhando, agora, com incrível inteligência os dois soldados em pesquisa nos bosques situados à direita da estrada, pôs-se a assobiar três ou quatro vezes de maneira a produzir o grito claro e cortante da coruja. Os três célebres contrabandistas, cujos nomes já foram citados, empregavam assim, durante a noite, certas entonações desse grito para se advertirem das emboscadas, dos perigos e de tudo o que os interessava. Daí lhes veio o apelido de *chuin*, que significa coruja¹⁷ ou mocho no dialeto da região. Essa palavra deturpada serviu para designar aqueles que na primeira guerra imitaram as maneiras e os sinais dos três irmãos. Ouvindo o silvo suspeito, o comandante quedou-se para olhar aguçadamente Pé-de-poeira. Fingiu-se iludido pela atitude ingênua do *chouan*, a fim de guardá-lo perto de si, como um barômetro que lhe indicasse os movimentos do inimigo. Deteve por isso a mão de Gérard, pronta para cair sobre o *chouan*. Depois colocou dois soldados a alguns passos do espião, ordenando-lhes, em voz alta e inteligível, a se manterem prontos para fuzilá-lo ao menor sinal que lhe escapasse. Apesar desse perigo iminente, Pé-de-poeira não deixou transparecer nenhuma emoção. O comandante, que o estudava, percebendo

tamanha insensibilidade, disse a Gérard:

— O camarada não parece dos mais espertos. Ah! Ah! Não é fácil ler no rosto de um *chouan*! Mas este se traiu pelo desejo de mostrar sua intrepidez. Veja, Gérard, se ele fingisse que estava aterrorizado, eu o tomaria por um imbecil. Os dois teríamos feito uma parelha. Eu já tinha gasto todo o meu latim. Oh! Vamos ser atacados! Mas que venham agora, estou pronto.

Depois de haver pronunciado tais palavras em voz baixa e com ar de triunfo, o velho militar esfregou as mãos e encarou Pé-de-poeira com um ar chocarreiro; depois, cruzou os braços sobre o peito, permaneceu no meio do caminho entre seus dois oficiais favoritos e esperou o resultado dessas disposições. Certo do combate, contemplou os soldados com um ar calmo.

— Oh! Vai haver barulho — disse Pé-bonito, em voz baixa —, o comandante esfregou as mãos.

III

A situação crítica na qual se encontravam o comandante Hulot e o respectivo destacamento era uma dessas em que a vida é de tal forma posta em jogo que os homens de energia fazem questão de se mostrar cheios de sangue-frio e com o espírito despreocupado. Aí se julgam os homens em última instância. Por isso o comandante, mais a par do perigo do que os dois oficiais, empenhou mais amor-próprio em parecer mais tranquilo. Os olhos fixos, ora em Pé-de-poeira, ora no caminho, ora nos bosques, não esperava sem angústia o barulho da descarga geral dos *chouans*, que julgava ocultos, como duendes em torno dele; mas seu rosto permanecia impassível. No momento em que todos os olhares dos soldados estavam presos no seu, enrugou ligeiramente as faces morenas, marcadas de varicela, dobrou fortemente o beijo, piscou os olhos, trejeito sempre acolhido como um sorriso pelos soldados; depois, bateu no ombro de Gérard, dizendo-lhe:

— Agora, eis-nos calmos; que desejava dizer-me há pouco?

— Em que nova crise nos encontramos, meu comandante?

— A coisa não é nova — retornou Hulot em voz baixa. — A Europa está toda contra nós e desta vez ela tem bons trunfos. Enquanto os diretores se batem entre si, como cavalos sem aveia numa estrebaria, e tudo cai aos pedaços no governo, deixam os exércitos sem socorro. Estamos arrasados, na Itália! Sim, meus amigos, evacuamos Mântua, depois do desastre de Trebia, e Joubert acaba de perder a batalha de Novi.¹⁸ Espero que Masséna guarde os desfiladeiros da Suíça invadida por Suvarof. Fomos obrigados a recuar sobre o Reno. O Diretório para ali mandou Moreau. Esse valente defenderá as fronteiras?... Bem o desejo; mas a coalizão acabará por esmagar-nos e, infelizmente, o único

general capaz de salvar-nos foi lá para o diabo, no Egito! Como poderá retornar, além disso? A Inglaterra é a senhora dos mares.

— A ausência de Bonaparte não me inquieta, comandante — respondeu o jovem ajudante Gérard, em quem uma boa educação havia desenvolvido um espírito superior. — Nossa revolução irá, então, parar? Ah! Não estamos apenas encarregados de defender o território da França, temos uma dupla missão. Não devemos, também, conservar a alma do país, esses princípios gerais de liberdade, de independência, essa razão humana despertada pelas nossas assembleias e que ganhará terreno, espero, cada vez mais? A França é como um viajante encarregado de conduzir uma luz; guarda-a com uma mão e com a outra se defende; se suas notícias são verdadeiras, nunca, de dez anos para cá, estivemos cercados de maior número de pessoas prontas a assoprar esse facho. Doutrina e país, tudo se acha na iminência de perecer.

— Sim, ai de nós! — disse, suspirando, o comandante Hulot. — Esses polichinelos do Diretório souberam indispor-se com todos os homens que poderiam bem conduzir a barca: Bernadotte, Carnot, todos, até o cidadão Talleyrand, nos abandonaram. Dentro em breve não nos restará mais senão um bom patriota, o amigo Fouché, que manobra tudo por meio da polícia; eis um homem. Foi ele, também, quem me mandou prevenir a tempo da insurreição. Mas eis-nos presos, estou certo, em alguma ratoeira.

— Oh! Se o Exército não se envolve um pouco com o nosso governo — disse Gérard —, os advogados nos deixarão pior do que estávamos antes da Revolução. Será que esses bobos sabem mandar?

— Sempre tive medo — voltou Hulot — de vir a saber que eles tratam com os Bourbon. Raios que os partam! Se eles se entendessem, em que situação estaríamos aqui?

— Não, não, comandante, não chegaremos a isso — disse Gérard. — O Exército, como o senhor afirma, erguerá sua voz, e, contanto que não tome suas expressões no vocabulário de Pichegru,¹⁹ espero que não nos teremos batido durante dez anos para no final fazermos brotar o linho e o vermos fiado por outros.

— Sim! — exclamou o comandante — tem-nos custado terrivelmente mudar de traje.

— Então — voltou o capitão Merle — procedamos sempre aqui como bons patriotas e tratemos de impedir os nossos *chouans* de se comunicarem com a Vendaia, pois, se eles se entendem e a Inglaterra se envolve no caso, não responderei desta vez pelo barrete da República una e indivisível.

Nisto, o grito da coruja, que se fez ouvir a uma distância muito afastada, interrompeu a conversa. O comandante, mais inquieto ainda, examinou de novo Pé-de-poeira, cujo rosto impassível não dava, por assim dizer, sinal de vida. Os conscritos, reunidos por um oficial,

estavam agrupados, como uma manada de gado, a trinta passos, mais ou menos, da companhia, em ordem de batalha. Atrás, a dez passos, se achavam os soldados e os patriotas comandados pelo tenente Lebrun. O comandante lançou os olhos sobre essa ordem de batalha e contemplou pela última vez o piquete de homens postados à frente, na estrada. Satisfeito com as disposições tomadas, voltou para ordená-lhes que marchassem, quando percebeu o laço tricolor de dois soldados que retornavam, depois de terem varejado os bosques situados à esquerda. Não vendo reaparecer os dois batedores da direita, o comandante decidiu-se a aguardar-lhes o regresso.

— Talvez seja de lá que a bomba vai partir — disse aos dois oficiais, mostrando-lhes o bosque onde os dois rapazes perdidos estavam como que sepultados.

Enquanto os dois soldados lhe faziam uma espécie de relatório, Hulot deixou de observar Pé-de-poeira. O *chouan* pôs-se, então, a assobiar vivamente, de maneira a fazer repercutir o som. Depois, antes que os vigilantes tivessem tempo de apontar-lhe a espingarda, aplicou-lhes uma chicotada que os derrubou sobre a berma. Logo em seguida, gritos, ou melhor, uivos selvagens surpreenderam os republicanos. Uma descarga terrível partiu do bosque acima da escarpa, onde o *chouan* se tinha sentado, derrubando sete ou oito soldados. Pé-de-poeira, sobre o qual cinco ou seis homens atiraram, sem conseguir atingi-lo, desapareceu no bosque, depois de haver escalado a escarpa com a rapidez de um gato selvagem; seus tamancos rolaram na fossa e foi fácil, então, ver-se-lhe nos pés os grossos sapatos ferrados, habitualmente usados pelos Caçadores do Rei.

Aos primeiros gritos do *chouan* todos os conscritos saltaram no bosque à direita, semelhantes aos bandos de pássaros que voam à aproximação de um viajante.

— Fogo sobre esses marotos! — gritou o comandante.

A companhia atirou sobre eles, mas os conscritos tinham sabido pôr-se ao abrigo da fuzilaria, agachando-se entre as árvores; e, antes que as armas fossem carregadas de novo, haviam desaparecido.

— Vá decretar pois as legiões departamentais! Hem? — disse Hulot a Gérard. — É preciso ser estúpido como um Diretório para querer contar com a requisição, numa terra como esta. O pessoal da Assembleia faria melhor se, em lugar de votar-nos tantos uniformes, tanto dinheiro e tanta munição, se limitasse a dar-nos tudo isso.

— Eis uns sapos que gostam mais de suas bolachas do que do pão de munição — disse Pé-bonito, o demônio da companhia.

Essas palavras, assuadas e gargalhadas, partindo do seio da tropa republicana, condenaram os desertores, mas o silêncio se restabeleceu de repente. Os soldados viram descer penosamente da escarpa os dois caçadores enviados pelo comandante para bater o bosque da direita. O

menos ferido de ambos sustinha o camarada que regava o chão com seu sangue. Os dois pobres soldados tinham chegado à metade do declive, quando Pé-de-poeira, mostrando a face horrenda, visou tão bem a ambos que deu cabo deles num só golpe, fazendo-os rolar pesadamente no vale. Mal lhe perceberam a enorme cabeça, trinta canos de fuzis se ergueram; mas, semelhante a uma figura fantasmagórica, já ele desaparecia por detrás dos fatais tufos de giesta. Esses acontecimentos, que exigem tantas palavras, desenrolaram-se num momento; depois, num momento também, os patriotas e os soldados da retaguarda reuniram-se ao resto da escolta.

— Para a frente! — gritou Hulot.

A companhia transportou-se rapidamente para o lugar elevado e descampado, onde se postara o piquete. Ali, o comandante a colocou em ordem de batalha, mas não percebeu nenhuma demonstração hostil da parte dos *chouans* e julgou que a libertação dos conscritos era o único objetivo da emboscada.

— Seus gritos — disse ele aos dois amigos — denunciam-me que não são numerosos. Marchemos em acelerada que alcançaremos, talvez, Ernée sem tê-los pelas costas.

Tais palavras foram ouvidas por um conscrito patriota que saiu das fileiras e se apresentou diante de Hulot.

— Meu general — disse ele —, já fiz esta guerra contra os *chouans*. Posso dirigir-lhe duas palavras?

— É um advogado; julga estar sempre em audiência — murmurou o comandante ao ouvido de Merle. — Pois não, pode advogar — respondeu ao jovem de Fougères.

— Meu comandante, os *chouans* trouxeram, sem dúvida, armas para esses homens com os quais acabam de reunir-se. Ora, se lhes tomarmos a dianteira, eles irão esperar-nos em cada canto de bosque, e nos matarão até o último soldado antes de chegarmos a Ernée. É preciso advogar, como o senhor diz, mas com cartuchos. Durante a escaramuça, que durará ainda mais tempo do que o senhor imagina, um dos meus camaradas irá chamar a Guarda Nacional e as companhias francas de Fougères. Embora sejamos apenas conscritos, verá se somos da raça dos corvos.

— Julgas os *chouans* muito numerosos?

— Julgue-o o senhor mesmo, cidadão comandante.

Levou Hulot a um trecho do planalto onde a areia tinha sido remexida como que com um ancinho; depois, após ter-lho feito notar, levou-o bastante adiante numa vereda onde viram os vestígios da passagem de grande número de homens. As folhas estavam calcadas na terra pisada.

— São os *gars* de Vitré — disse o moço de Fougères —, foram juntar-se aos da Baixa Normandia.

— Como te chamas, cidadão? — perguntou Hulot.

— Gudin, meu comandante.

— Pois bem, Gudin, eu te faço cabo dos teus burgueses. Tens o ar de um homem sólido. Encarrego-te de escolher aquele dos teus camaradas que deve ser enviado a Fougères. Permanecerás ao meu lado. Primeiro, vai com os teus conscritos tomar os fuzis, as cartucheiras e os uniformes dos nossos pobres camaradas que esses bandidos acabam de derrubar pelo caminho. Vocês não ficarão aqui a comer tiros de fuzil sem devolvê-los.

Os intrépidos rapazes de Fougères foram buscar os despojos dos mortos e a companhia inteira os protegeu com um fogo cerrado dirigido contra o bosque, de maneira que conseguiram despojar os mortos sem perder um só homem.

— Esses bretões — disse Hulot a Gérard — darão famosos soldados de infantaria, se jamais se acostumarem com a marmita.

O emissário de Gudin partiu correndo por um atalho que desviava do bosque da esquerda. Os soldados, ocupados em examinar as armas, aprestavam-se para o combate; o comandante passou-os em revista, sorriu-lhes, foi-se plantar alguns passos à frente, com seus dois oficiais favoritos, e esperou, de pé firme, o ataque dos *chouans*. O silêncio reinou de novo durante um instante, mas não teve longa duração. Trezentos *chouans*, com o traje idêntico ao dos conscritos, desembocaram do bosque da direita, vindo sem ordem, soltando verdadeiros uivos, ocupar toda a estrada à frente do fraco batalhão de Azuis. O comandante distribuiu os soldados em duas partes iguais, apresentando cada qual uma frente de dez homens. Colocou no meio dessas duas tropas seus doze requisicionários equipados às pressas e pôs-se à frente deles. Esse pequeno exército era protegido por duas alas de vinte e cinco homens cada uma, que manobram sobre os dois lados do caminho, sob as ordens de Gérard e de Merle. Os dois oficiais deviam atacar oportunamente os *chouans* de flanco, impedindo-os de dispersar-se pelo campo, onde cada camponês iria postar-se de maneira a atirar contra os Azuis sem perigo; as tropas republicanas não saberiam mais então onde atacar os inimigos.

Tais disposições, ordenadas pelo comandante, com a rapidez necessária em tais circunstâncias, infundiram confiança nos soldados e todos marcharam em silêncio contra os *chouans*. Ao cabo de alguns minutos, exigidos pela marcha dos dois corpos um na direção do outro, fizeram uma descarga à queima-roupa, espalhando a morte nas duas tropas. Nesse momento, as duas alas republicanas a que os *chouans* nada tinham conseguido opor chegaram sobre os respectivos flancos, e numa fuzilaria viva e cerrada semearam a morte e a desordem no meio do inimigo. Essa manobra quase chegou a restabelecer o equilíbrio numérico entre os dois partidos. Mas o caráter dos *chouans* comportava

uma intrepidez e uma constância a toda prova; não se mexeram, as perdas não os abalaram absolutamente; cerraram fileiras, tratando de envolver a pequena tropa negra e bem alinhada dos Azuis, que dispunha de tão pouco espaço a ponto de assemelhar-se a uma rainha de abelhas no meio de um enxame. Travou-se, então, um desses combates horríveis em que o barulho da mosquetaria, raramente ouvido, é substituído pelos estalidos das lutas de arma branca, durante as quais os inimigos se batem corpo a corpo e onde, sendo a coragem igual, o número é que decide a vitória.

Os *chouans* tê-la-iam conquistado logo, se as duas alas, comandadas por Merle e Gérard, não tivessem conseguido operar duas ou três descargas que apanharam obliquamente a retaguarda do adversário. Os Azuis dessas duas alas deviam ter-se mantido em suas posições e continuar assim a visar com destreza os terríveis adversários; mas, animados pelos perigos que corria o pequeno e heroico batalhão de soldados completamente envolvidos pelos Caçadores do Rei, lançaram-se sobre o caminho furiosos, de baioneta em riste, tornando a partida mais equilibrada por alguns instantes. As duas tropas se entregaram então a um duelo encarniçado com todo o furor e a crueldade do espírito de partido que fizeram desta guerra uma exceção. Cada soldado, atento ao perigo, tornava-se silencioso. A cena foi sombria e fria como a morte. Em meio do silêncio, não se ouviam, entre o estalido das armas e o ringir da areia sob os pés, senão as exclamações surdas e graves daqueles que, feridos mortalmente ou moribundos, caíam por terra. No seio do partido republicano, os doze conscritos defendiam com tal coragem o comandante, ocupado em dar ordens e avisos múltiplos, que, por mais de uma vez, dois ou três soldados gritaram:

— Bravo, recrutas!

Hulot, impassível, a olhar por toda parte, notou logo entre os *chouans* um homem cercado como ele de uma tropa de elite e que devia ser o chefe. Pareceu-lhe necessário conhecer bem esse oficial, mas empenhou-se várias vezes em vão esforços para distinguir-lhe os traços, sempre ocultos pelos bonés vermelhos e os chapéus de abas largas. Somente percebeu Pé-de-poeira, postado ao lado do seu general, repetindo-lhe as ordens com voz rouca e com o fuzil em constante atividade. O comandante impacientou-se com os obstáculos renascentes. Tomou da espada, animou os conscritos e carregou sobre o centro dos *chouans* com tal fúria que abriu um rombo na massa e pôde entrever-lhes o chefe, cujo rosto estava, infelizmente, todo coberto por um grande chapéu de feltro de laço branco. Mas o desconhecido, surpreendido por tão audacioso ataque, fez um movimento para trás, erguendo bruscamente o chapéu; foi, então, permitido a Hulot apreender, num relance, os sinais fisionômicos da personagem.

O jovem chefe, a quem Hulot não dava mais do que vinte e cinco

anos, vestia um traje de caça de fazenda verde; na cintura branca trazia pistolas e seus grossos sapatos estavam ferrados, como os dos *chouans*. Polainas de caçador, subindo até o joelho e se adaptando a um calção de brim muito grosseiro, completavam o traje que deixava ver uma estatura esbelta e elegante. Furioso, ao ver os Azuis se aproximarem dele, abaixou o chapéu e avançou para os soldados; mas foi prontamente cercado por Pé-de-poeira e alguns *chouans* alarmados. Através dos intervalos deixados pelas cabeças dos homens que se comprimiam em torno do jovem, Hulot julgou perceber um largo cordão vermelho sobre uma veste entreaberta. Os olhos do comandante, atraídos primeiro por essa decoração real, então completamente esquecida, voltaram-se, de repente, para um rosto que logo perdeu de vista, forçado pelos acidentes do combate a velar pela segurança e as evoluções da pequena tropa. Por isso mal conseguiu ver ele uns olhos brilhantes, cuja cor lhe escapou, e uns traços muito delicados, amorenados pelo sol. Entretanto, ficou impressionado pelo brilho de um pescoço nu, cuja brancura era realçada por uma gravata negra, frouxa, com um laço feito negligentemente. A atitude fogosa e animada do jovem chefe parecia-lhe militar, à maneira dos que procuram num combate certa poesia de convenção. A mão bem enluvada agitava no ar uma espada que reluzia ao sol. O garbo acusava, ao mesmo tempo, elegância e força. Sua exaltação conscienciosa, insuflada ainda pelos encantos da mocidade, pela distinção das maneiras, fazia daquele emigrado uma graciosa imagem da nobreza francesa; contrastava extraordinariamente com Hulot, que, a quatro passos, apresentava também uma imagem viva da enérgica República pela qual o velho soldado combatia e da qual o rosto severo, o uniforme azul com debrum vermelho já gasto, as platinas enegrecidas e pendentes por detrás dos ombros pintavam tão bem as necessidades e o caráter.

A pose graciosa e a expressão do jovem não escaparam a Hulot, que gritou, procurando alcançá-lo:

— Vamos, dançarino de ópera, avança, para eu te calcar os pés!

O chefe realista, enraivecido com a desvantagem momentânea, avançou num movimento de desespero, mas, no instante em que sua gente o viu se arriscando de tal forma, caíram todos sobre os Azuis. De um momento para outro, uma voz doce e clara dominou o rumor do combate:

— Aqui morreu santo Lescure.²⁰ Não o vingareis?

A essas palavras mágicas, o esforço dos *chouans* tornou-se terrível e os soldados da República tiveram grande dificuldade para conservar as posições, sem romper sua pequena ordem de batalha.

— Se não fosse um jovem — dizia Hulot retrocedendo passo a passo —, não teríamos sido atacados. Já viram, porventura, os *chouans* dando

combate? Mas tanto melhor, não nos matarão como cães ao longo da estrada.

Depois, erguendo a voz, de maneira a fazê-la repercutir pelo bosque:

— Andem depressa, meus valentes! Vamos nos deixar *chatear* por esses bandidos?

O verbo pelo qual substituímos aqui a expressão de que se serviu o bravo comandante não é senão um fraco equivalente; mas os veteranos saberão substituí-lo pelo verdadeiro, um termo, certamente, do mais alto gosto militar.

— Gérard, Merle — voltou o comandante —, chamai os vossos homens, formai-os em batalhão, organizai-os na retaguarda, atirai sobre esses cães e acabemos com isso.

A ordem de Hulot foi difficilmente executada, pois, ouvindo a voz do adversário, o jovem chefe exclamou:

— Por Sant'Ana de Auray, não os deixeis, dispersai-vos, meus rapazes.

Quando as duas alas, comandadas por Merle e Gérard, se separaram do grosso da refrega, cada pequeno batalhão foi então seguido pelos *chouans* obstinados e bem superiores em número. Esses velhos peles de cabra envolveram por todos os lados os soldados de Merle e Gérard, soltando de novo gritos sinistros, semelhantes a uivos.

— Calem-se, senhores. Como é que havemos de morrer com um barulho desses! — exclamou Pé-bonito.

A brincadeira reanimou a coragem dos Azuis. Em lugar de se baterem num único ponto, os republicanos se defenderam em três sítios diferentes do planalto da Pèlerine, e o barulho da fuzilaria despertava todos os ecos desses vales, há pouco tão tranquilos.

IV

A vitória poderia permanecer indecisa durante horas inteiras ou a luta terminaria por falta de combatentes. Azuis e *chouans* empenhavam-se com igual valor. A fúria ia crescente, de parte a parte, quando ao longe um tambor ressoou fracamente; e, segundo a direção do rumor, o corpo que se anunciava devia atravessar o vale do Couësnon.

— É a Guarda Nacional de Fougères — exclamou Gudin, com voz forte. — Vannier decerto a encontrou.

A esta exclamação que chegara ao ouvido do jovem chefe dos *chouans* e do seu feroz ajudante de campo, os realistas fizeram um movimento de recuo, que logo um grito bestial de Pé-de-poeira reprimiu. Ante duas ou três ordens, dadas em voz baixa pelo chefe e transmitidas por Pé-de-poeira aos *chouans* em baixo bretão, estes operaram a retirada com uma habilidade desconcertante para os republicanos e mesmo para o seu comandante. À primeira ordem, os

mais válidos dos *chouans* puseram-se em linha, constituindo uma frente respeitável, por detrás da qual os feridos e o resto da tropa se retiraram para carregar os respectivos fuzis. Depois, repentinamente, com essa agilidade cujo exemplo já foi dado por Pé-de-poeira, os feridos ganharam o cimo da eminência que flanqueava a estrada à direita, e ali foram seguidos pela metade dos *chouans* que a escalaram rapidamente para ocupar o alto, não mostrando mais aos Azuis senão suas cabeças enérgicas. Naquele sítio fizeram uma barreira de árvores e dirigiram os canos dos fuzis para o resto da escolta, posta em linha de combate, segundo as ordens reiteradas, a fim de erguer na estrada uma frente igual à dos *chouans*. Estes recuaram lentamente e defenderam o terreno, girando de maneira a se colocarem sob o fogo dos camaradas. Ao atingirem a vala que marginava a estrada, subiram por sua vez na escarpa elevada, cuja orla estava ocupada pelos companheiros, e reuniram-se a eles, enfrentando bravamente o fogo dos republicanos a visá-los com destreza suficiente para juncar de corpos a vala. Os do alto da escarpa respondiam com um fogo não menos mortífero. Nesse momento, a Guarda Nacional de Fougères chegou ao teatro da luta em passo de carga e sua presença pôs termo ao conflito. Os guardas nacionais e alguns soldados excitados já ultrapassavam a berma da estrada para penetrar nos bosques, quando o comandante lhes gritou, com voz marcial:

— Querem se fazer matar todos, lá, em cima?

Reuniram-se, então, ao batalhão da República, cujo campo de batalha não ficara sem grandes danos. Todos os velhos chapéus foram colocados na ponta das baionetas, içaram-se os fuzis e os soldados gritaram a uma voz, duas vezes:

— Viva a República!

Os próprios feridos, sentados nas rampas da estrada, participaram do entusiasmo, e Hulot apertou a mão de Gérard dizendo:

— Hem? Eis o que se pode chamar de valentes!

Merle foi encarregado de sepultar os mortos num barranco da estrada. Outros soldados se ocuparam do transporte dos feridos. As carroças e os cavalos das fazendas vizinhas foram requisitados e apressaram-se em colocar aí os companheiros machucados sobre os despojos dos mortos. Antes de partir, a Guarda Nacional de Fougères entregou a Hulot um *chouan* gravemente ferido, aprisionado embaixo da escarpa abrupta, por onde tinha escapado o inimigo e onde ele rolara, traído pelas suas forças expirantes.

— Obrigado pelo vosso auxílio, cidadãos — disse o comandante. — Raios que os partam! Sem vós, poderíamos passar um duro quarto de hora. Tomai cuidado convosco. A guerra começou. Adeus, meus bravos.

E, em seguida, voltando-se para o prisioneiro, perguntou:

— Qual o nome de teu general?

- O Gars.
- Quem? Pé-de-poeira?
- Não, o Gars.
- De onde veio o Gars?

A essa pergunta, o Caçador do Rei, cujo rosto rude e selvagem se mostrava abatido pela dor, guardou silêncio, tomou do rosário e começou a recitar preces.

— O Gars é, sem dúvida, o jovem de gravata negra. Foi enviado pelo tirano e seus aliados Pitt e Cobourg.

Ante tais palavras, o *chouan*, que não estava bem a par do negócio, ergueu altivamente a cabeça.

— Enviado por Deus e pelo rei! — pronunciou com uma energia que lhe esgotou as forças.

O comandante, vendo a dificuldade de interrogar um moribundo, cujas maneiras denunciavam todas elas um fanatismo obscuro, desviou a cabeça, engelhando o sobrolho. Dois soldados, amigos dos que Pé-de-poeira havia tão brutalmente atacado com uma chicotada na encosta da estrada e ali se achavam mortos, visaram o *chouan*, cujos olhos fixos não se abaixavam ante os canos dos fuzis, e atiraram nele à queima-roupa, deitando-o por terra. Mas, quando os soldados se aproximaram para retirar-lhe os despojos, ele gritou ainda, fortemente:

— Viva o rei!

— Sim, sim, estradeiro — disse Chave-dos-corações —, vai comer bolacha, junto da tua boa Virgem. Não nos vem aqui gritar no nariz viva o tirano, quando o julgamos frito!

— Veja, meu comandante — disse Pé-bonito —, aqui estão os papéis do bandido.

— Oh! Oh! — exclamou Chave-dos-corações — venham ver este soldado da infantaria do bom Deus, que tem o estômago pintado.

Hulot e outros soldados cercaram o corpo inteiramente nu do *chouan* e descobriram-lhe no peito uma espécie de tatuagem azulada, representando um coração inflamado. Era o sinal de ligação dos iniciados da confraria do Sagrado Coração. Por baixo da imagem Hulot pôde ler: *Maria Lambrequim*, sem dúvida o nome do *chouan*.

— Estás vendo, Chave-dos-corações? — disse Pé-bonito. — Pois bem, você ficará cem décadas sem conseguir adivinhar para que serve esse apetrecho.

— Entendo eu lá alguma coisa dos uniformes do papa? — voltou Chave-dos-corações.

— Soldado de meia-pataca, você nunca há de aprender coisa alguma? — retornou Pé-bonito. — Pois não vê que prometeram a este bobalhão que ele ressuscitaria e o homem pintou-lhe a moela para depois poder reconhecer-se?

Ante essa pilhéria, não sem fundamento, o próprio Hulot não pôde

esquivar-se de participar da hilaridade geral. Nesse momento, Merle havia acabado de sepultar os mortos, e os feridos já tinham sido acomodados em duas carroças pelos seus camaradas. Os outros soldados, formando-se por si mesmos em duas filas ao longo das ambulâncias improvisadas, desciam o outro lado da montanha que dá para o Maine e de onde se percebe o belo vale da Pèlerine, rival do Couësnon. Hulot, acompanhado pelos dois amigos, Merle e Gérard, seguiu, então, lentamente os soldados, almejando chegar sem revés a Ernée, onde os feridos deviam receber socorro. O combate, quase ignorado no meio dos grandes acontecimentos que se preparavam na França, tomou o nome do lugar onde se travou. Entretanto, despertou ele alguma atenção no Oeste, cujos habitantes, ocupados com esta segunda mobilização, notaram certa diferença na maneira pela qual os *chouans* começaram a guerra. Outrora, essa gente não teria atacado destacamentos tão consideráveis. Segundo as conjecturas de Hulot, o jovem realista que ele percebera devia ser o Gars, novo general enviado à França pelos príncipes, e, segundo o costume dos chefes realistas, escondendo o verdadeiro nome numa dessas alcunhas consideradas nomes de guerra. Tal circunstância tornava o comandante tão inquieto, depois de sua triste vitória, quanto no momento em que previra a emboscada. Voltou-se várias vezes para contemplar o planalto da Pèlerine que deixava para trás e de onde chegava ainda, com intervalos, o som abafado dos tambores da Guarda Nacional que descia ao vale do Couësnon, ao mesmo tempo que os Azuis desciam para o vale da Pèlerine.

— Algum de vocês — disse bruscamente aos dois amigos — será capaz de adivinhar o motivo do ataque dos *chouans*? Para eles os tiros de fuzil são um comércio e não vejo ainda o que ganharam com aqueles. Teriam, pelo menos, perdido cem homens, e nós — acrescentou, revirando o lábio direito e piscando os olhos para sorrir —, nós não perdemos sessenta. Raios que os partam! Não compreendo a especulação. Os pândegos poderiam bem se dispensar de nos atacar, passaríamos como cartas no correio, e não vejo para que lhes serviu abrir claros entre os nossos homens.

Mostrou com um gesto triste as carroças dos feridos.

— Teriam querido, talvez, nos dizer bom dia — acrescentou.

— Mas, meu comandante, eles ganharam nossos cento e cinquenta idiotas — respondeu Merle.

— Mesmo que os conscritos tivessem saltado como rãs no bosque, não iríamos apanhá-los, sobretudo depois de haver sofrido uma descarga — replicou Hulot. — Não, não — continuou ele —, há alguma coisa atrás disso. E voltou-se ainda uma vez para a Pèlerine.

— Olhem — exclamou —, estão vendo?

Embora os três oficiais já estivessem muito afastados do fatal

planalto, seus olhos adestrados reconheceram, facilmente, Pé-de-poeira e alguns *chouans* que ocupavam de novo o sítio.

— Vão em acelerada! — gritou Hulot para sua tropa. — Abram o passo e façam os cavalos andarem mais depressa. Terão eles as pernas geladas? Serão esses animais, também, porventura uns Pitt e Cobourg?

Essas palavras imprimiram à pequena tropa um movimento mais rápido.

— Quanto ao mistério, cuja obscuridade me parecia difícil de penetrar, Deus queira, meus amigos — disse ele aos dois oficiais —, que não se desvende por meio de tiros de fuzis em Ernée. Estou com muito receio de saber se a estrada de Mayenne ainda se acha cortada para nós pelos súditos do rei.

O problema da estratégia, que eriçava o bigode do comandante Hulot, não causava nesse momento uma inquietude menos viva às pessoas por ele percebidas no alto da Pèlerine. Logo que o rumor do tambor da Guarda Nacional de Fougères se esvaneceu e que Pé-de-poeira distinguiu os Azuis embaixo da longa rampa que tinham descido, fez ouvir, alegremente, o grito da coruja e os *chouans* reapareceram, mas menos numerosos. Vários deles se achavam, sem dúvida, ocupados em acomodar os feridos na aldeia da Pèlerine, situada do outro lado da montanha frente ao vale do Couësson. Dois ou três chefes dos Caçadores do Rei vieram para junto de Pé-de-poeira. A quatro passos deles, o jovem nobre, sentado numa rocha de granito, parecia imerso nos inúmeros pensamentos suscitados pelas dificuldades que a empresa já apresentava. Pé-de-poeira fez com a mão uma espécie de para-vento acima da testa para defender os olhos do brilho do sol e contemplou tristemente a estrada por onde seguiam os republicanos, através do vale da Pèlerine. Seus pequenos olhos, negros e penetrantes, procuravam descobrir o que se passava na outra rampa, no horizonte do vale.

— Os Azuis vão interceptar o correio — disse, com voz furiosa, o chefe, que se achava mais próximo de Pé-de-poeira.

— Por Sant'Ana de Auray! — redarguiu o outro. — Por que nos fizeste entrar em luta? Foi para salvar tua pele?

Pé-de-poeira lançou sobre o que o interrogara um olhar como que venenoso e bateu no chão com a pesada carabina.

— Sou, porventura, o chefe? — perguntou. E, depois de uma pausa: — Se vocês se tivessem batido todos como eu, nenhum daqueles Azuis teria escapado — retorquiu, mostrando os restos do destacamento de Hulot. — Talvez nesse caso o carro houvesse chegado até aqui.

— Acreditas — retrucou um terceiro — que eles pensariam em escoltá-lo ou em retê-lo, se os tivéssemos deixado passar tranquilamente? Quiseste salvar tua pele de cão, porque não acreditavas que os Azuis se achavam em caminho. Pela salvação do teu focinho —

acrescentou o orador, voltando-se para os outros — tu nos fizeste sangrar e perderemos ainda vinte mil francos de bom ouro.

— Focinho de porco és tu! — gritou Pé-de-poeira, recuando três passos e visando o agressor. — Não é aos Azuis que odeias, é ao ouro que amas. Pois olha, morrerás sem confissão, vilão danado que ainda não comungaste este ano.

O insulto irritou o *chouan* a ponto de fazê-lo empalidecer, e um surdo grunhido saiu-lhe do peito, enquanto visava Pé-de-poeira.

O jovem chefe se interpôs entre ambos e lhes derrubou as armas, batendo nas carabinas com o cano da sua; em seguida, pediu explicação da disputa, pois o diálogo se havia travado em baixo bretão, idioma que não lhe era muito familiar.

— Senhor marquês — disse Pé-de-poeira, terminando seu discurso —, fazem eles muito mal em me censurar, porquanto deixei atrás Furta-pão,²¹ que saberá, talvez, salvar o carro das garras dos ladrões.

E indicou os Azuis, que, para os fiéis servidores do Altar e do Trono, eram sempre tidos como os assassinos de Luís XVI e bandidos.

— Como? — exclamou o jovem encolerizado — é, pois, para deter um carro que vocês permanecem ainda aqui, covardes que não souberam levantar uma vitória no primeiro combate que comandei! Mas como poderemos triunfar com semelhantes intenções? Os defensores de Deus e do rei não passam de salteadores? Por Sant'Ana de Auray! Temos de fazer guerra à República e não às diligências. Os que, de ora em diante, se tornarem culpados de ataques tão vergonhosos não receberão mais a absolvição e não se aproveitarão mais dos favores reservados aos bravos servidores do rei.

Um surdo murmúrio ergueu-se no seio da tropa. Era fácil ver que a autoridade do novo chefe, tão difícil de estabelecer-se nessas hordas indisciplinadas, ia ser comprometida. O jovem, ao qual esse movimento não escapara, já procurava salvar a honra do comando, quando o trote de um cavalo repercutiu no meio do silêncio. Todas as cabeças se voltaram na direção presumida da personagem que surgia. Era uma moça sentada de banda num pequeno cavalo bretão, posto por ela a galope, para chegar prontamente junto à tropa dos *chouans* ao perceber ali o jovem.

— Que há? — perguntou ela, olhando, cada um por sua vez, os *chouans* e o chefe.

— Acredite, senhora, que eles esperam a correspondência de Mayenne a Fougères, com o propósito de saqueá-la, quando acabamos de ter, para libertar os rapazes de Fougères, uma escaramuça que nos custou muitos homens, sem que tivéssemos podido destruir os Azuis.

— Pois bem, mas onde está o mal? — perguntou a jovem dama, à qual o tato peculiar às mulheres revelou o segredo da cena. — Perderam homens, eles jamais nos faltarão. O correio traz dinheiro e este, sem

dúvida, nos há de faltar sempre! Enterraremos nossos homens que irão para o céu, e apanharemos o dinheiro que irá para os bolsos de todos esses bravos. Onde está o embaraço?

Esse discurso teve a virtude de fazer sorrir os *chouans*.

— Não há nada nisso que a faça corar? — perguntou o jovem em voz baixa. — Está, então, com tal necessidade de dinheiro que lhe seja preciso tomá-lo nas estradas?

— Sim, me faz tanta falta, marquês, que penhoraria o meu coração se não estivesse comprometido — disse ela, sorrindo com faceirice. — Mas donde vem o senhor para julgar que se servirá dos *chouans*, sem deixá-los saquear, aqui e ali, alguns Azuis? Não conhece o provérbio: *Ladrão como uma coruja*. Ora, que é um *chouan*? Aliás — disse erguendo a voz —, não será uma ação justa? Os Azuis não tomaram todos os bens da Igreja e os nossos, e não estamos necessitados de munições?

Outro murmúrio, bem diferente do resmungo pelo qual os *chouans* tinham respondido ao marquês, acolheu essas palavras. O jovem, cuja fronte se ensombrava, chamou então a moça à parte e lhe disse, com o vivo despeito de um homem bem-educado:

— Esses senhores virão à Vivetière no dia marcado?

— Sim — disse ela —, todos, o Intimado, Grande Jacques e talvez Ferdinando.

— Permita, pois, que eu volte, porque não saberia sancionar tais banditismos com a minha presença. Sim, senhora, digo banditismo. Há nobreza em ser roubado, mas...

— Está bem — disse ela, interrompendo-o —, terei a sua parte e agradeço-lhe por abandoná-la. Esse acréscimo no quinhão ser-me-á muito proveitoso. Minha mãe tem tardado tanto em enviar-me dinheiro que estou desesperada.

— Adeus — exclamou o jovem marquês.

E desapareceu, mas a moça correu vivamente atrás dele.

— Por que não fica comigo? — perguntou ela, lançando-lhe o olhar meio despótico e meio carinhoso com que as mulheres que têm direito ao respeito de um homem sabem tão bem exprimir seus desejos.

— Não vão saquear o carro?

— Saquear? — retrucou ela. — Que termo singular! Deixe-me explicar-lhe...

— Nada disso — disse ele, tomando-lhe as mãos e beijando-as com a galanteria superficial de um cortesão. — Escute-me — retornou, depois de uma pausa —, se eu permanecesse durante a captura dessa diligência, nossa gente me mataria, porque eu os...

— Não os mataria — replicou ela, vivamente —, porque eles lhe atariam as mãos, com todas as atenções devidas à sua categoria; e, depois de terem arrancado aos republicanos uma contribuição necessária para o equipamento, a subsistência, a compra de pólvora,

continuariam a obedecer-lhe cegamente.

— E quer que eu comande aqui? Se minha vida é necessária à causa que defendo, permita-me salvar a honra do meu poder. Retirando-me, posso ignorar essa covardia. Voltarei para acompanhá-la.

E afastou-se rapidamente. A moça escutou o ruído dos passos com sensível desprazer. Quando o rumorejo das folhas secas insensivelmente cessou, permaneceu ela como que espantada; depois, voltou-se muito às pressas para os *chouans*. Deixou bruscamente escapar um grito de desdém e disse a Pé-de-poeira, que a ajudava a descer do cavalo:

— Esse rapaz desejaria fazer uma guerra regular à República!... Ah! Está bem, ainda alguns dias e mudará de opinião.

“Como me tratou ele...”, disse consigo, depois de uma pausa.

Sentou-se sobre a rocha que havia servido de cadeira ao marquês, e esperou em silêncio a chegada do carro. Não era um dos menores fenômenos da época essa jovem dama nobre, lançada por violentas paixões nas lutas da Monarquia contra o espírito do século, e impelida pela vivacidade dos sentimentos a ações das quais, por assim dizer, não era cúmplice; semelhante nisso a tantas outras, arrastadas por uma exaltação frequentemente fértil em grandes ações. Como ela, muitas mulheres desempenharam papéis ou heroicos ou reprováveis nessa tormenta. A causa realista não encontrou emissários mais devotados nem mais ativos do que tais mulheres; mas nenhuma das heroínas desse partido pagou os erros do devotamento, ou o infortúnio dessas situações interditas ao sexo, por uma expiação tão terrível, como o desespero dessa dama, quando, sentada no granito da estrada, não pôde recusar sua admiração ao nobre desdém e à lealdade do jovem chefe. Insensivelmente, caiu ela numa profunda cisma. Amargas lembranças fizeram-na desejar a inocência dos primeiros anos e lamentar não ter sido uma vítima dessa revolução, cuja marcha, então vitoriosa, não podia ser detida por tão fracas mãos.

V

O carro, que desempenhava certo papel no ataque dos *chouans*, havia deixado a cidadezinha de Ernée alguns instantes antes da escaramuça dos dois partidos. Nada pinta melhor um país do que o estado de seu material social. Sob esse ponto de vista, o carro em questão merece uma menção honrosa. A própria Revolução não teve o poder de destruí-lo, ele roda ainda em nossos dias. Quando Turgot²² restituiu o privilégio que uma companhia obteve, sob Luís XIV, de transportar exclusivamente viajantes e instituiu as empresas denominadas *turgotinas*, as velhas carruagens dos srs. de Vouges, Chanteclair e da viúva Lacombe refluíram nas províncias. Um desses maus veículos estabelecia, pois, a

comunicação entre Mayenne e Fougères. Alguns teimosos a tinham, outrora, denominado a *turgotina*, para macaquear Paris e por ódio de um ministro que tentava inovações. Essa turgotina era um mau cabriolé de duas rodas muito altas, no fundo do qual duas pessoas um pouco gordas dificilmente se manteriam. A exiguidade de tão frágil máquina, não permitindo carregá-la muito, e o cofre que formava o assento sendo exclusivamente reservado para o serviço do correio, se os viajantes tinham alguma bagagem eram obrigados a levá-la entre as pernas já torturadas numa pequena caixa semelhante pela forma a um fole. Sua cor primitiva e a das rodas constituíam para os viajantes um insolúvel enigma. Duas cortinas de couro pouco manuseáveis, apesar dos muitos serviços prestados, deviam proteger os pacientes contra o frio e a chuva. O condutor, sentado num banco semelhante ao dos piores *coucous*²³ parisienses, participava forçosamente da conversa, dada a maneira pela qual ficava colocado entre suas vítimas bípedes e quadrúpedes. A equipagem apresentava fantásticas similitudes com esses velhos decrepitos que suportaram bom número de catarros e de apoplexias e que a morte parece respeitar; gemia ao rodar, gritava em dados momentos. Semelhante a um viajante assaltado por um sono pesado, curvava-se alternativamente para a frente e para trás, como se experimentasse resistir à ação violenta de dois cavaleiros bretões a arrastá-la por uma estrada mais ou menos áspera. Esse monumento de outra idade continha três viajantes que, à saída de Ernée, onde fora feita a troca de cavalos, continuaram com o condutor uma conversa iniciada antes da muda.

— Como querem que os *chouans* tenham dado as caras por aqui? — dizia o condutor. — Em Ernée acabam de me informar que o comandante Hulot ainda não deixou Fougères.

— Oh! Oh! amigo — respondeu-lhe o menos idoso dos viajantes —, o senhor arrisca apenas a sua carcaça! Se tivesse como eu trezentos escudos consigo e fosse conhecido como um bom patriota não estaria aqui tão tranquilo.

— O senhor é em todo caso muito tagarela — respondeu o condutor, sacudindo a cabeça.

— Ovelhas contadas, o lobo as devora — respondeu a segunda personagem.

Esta última, trajada de preto, parecia ter uns quarenta anos e devia ser algum reitor dos arredores. Seu queixo se apoiava num andar duplo e pela tez rosada devia pertencer à ordem eclesiástica. Embora cheio de corpo e baixo, manifestava certa agilidade, quando era preciso descer do carro e subir.

— Serão os senhores, porventura, *chouans*? — exclamou o homem dos trezentos escudos, cuja opulenta pele de cabra cobria uma calça de boa fazenda e um traje limpo que anunciava algum rico agricultor. —

Por alma de São Robespierre, juro que serão mal recebidos.

Depois passeou os olhos castanhos do condutor para o viajante, mostrando-lhes duas pistolas na cintura.

— Os bretões não têm medo disso — exclamou com desdém o reitor. — Aliás, temos porventura o ar de quem está querendo o seu dinheiro?

Cada vez que a palavra *dinheiro* era pronunciada, o condutor se tornava taciturno, e o reitor possuía bastante espírito para duvidar de que o patriota levasse escudos e acreditar que o seu guia os levava.

— Estás carregado hoje, Coupiau? — perguntou o padre.

— Oh! Sr. Gudín, quase não tenho nada — voltou o condutor.

O padre Gudín, havendo interrogado o rosto do patriota e o de Coupiau, achou-os, durante essa resposta, igualmente imperturbáveis.

— Tanto melhor para ti — replicou o patriota —, poderei então tomar minhas medidas para salvar meus haveres, em caso de desgraça.

Uma ditadura, tão despoticamente reclamada, revoltou Coupiau, que redarguiu brutalmente:

— Sou o senhor do meu carro e contanto que os conduza...

— Você é patriota ou *chouan*? — perguntou-lhe vivamente o adversário, interrompendo-o.

— Nem uma coisa nem outra — respondeu-lhe Coupiau. — Sou postilhão e bretão, o que é mais; portanto, não receio nem Azuis nem os gentis-homens.

— Queres dizer, gentes que pilham homens — voltou o patriota, com ironia.

— Não fazem eles mais do que reaver o que lhes tiraram — disse vivamente o reitor.

Os dois viajantes se encararam — se é permitido emprestar este termo à conversa — até o fundo dos olhos. Existia no interior do carro um terceiro viajante, que guardava, no meio de tais debates, o mais profundo silêncio. O condutor, o patriota e o próprio Gudín não davam a menor atenção a essa personagem muda. Era realmente um desses viajantes incômodos e pouco sociáveis que permanecem num carro como um bezerro resignado conduzido de patas amarradas para o mercado vizinho. Começam por apoderar-se de todo o lugar que, de direito, lhes pertence e acabam por dormir sem nenhum escrúpulo sobre os ombros dos vizinhos. O patriota, Gudín e o condutor haviam-no abandonado, julgando inútil falar com um homem cujo rosto petrificado anunciava uma vida passada a medir varas de tela e uma inteligência ocupada a vendê-las, sem cerimônia, mais caras do que custavam. Esse homenzinho corpulento, enrodilhado no seu canto, abria, de quando em quando, os olhinhos de um azul faiança, levando-os sucessivamente a cada interlocutor, com expressões de terror, de dúvida e de desconfiança, durante a discussão. Mas parecia recluir

apenas os companheiros de viagem e preocupar-se muito pouco com os *chouans*. Quando encarava o condutor dir-se-iam dois franco-mações. Nesse momento, a fuzilaria da *Pèlerine* começou. Coupiau, desconcertado, fez parar o veículo.

— Oh! Oh! — disse o eclesiástico, que parecia a par de tudo — é uma luta séria, há muita gente.

— O diabo, sr. Gudin, é saber quem levará a melhor — exclamou Coupiau.

Desta vez, os dois rostos mostraram-se unânimes na ansiedade.

— Levemos o carro — disse o patriota — para aquela hospedaria lá adiante, ali o esconderemos, esperando o resultado da batalha.

O alvitre pareceu tão acertado que Coupiau a ele se curvou. O patriota auxiliou o condutor a esconder o carro de todos os olhares, atrás de um monte de lenha. O pretenso reitor aproveitou uma oportunidade para dizer baixinho a Coupiau:

— Será que ele tem realmente dinheiro?

— Oh! sr. Gudin, se o que ele leva entrasse nos bolsos de vossa reverendíssima, estes não ficariam pesados.

Os republicanos, com a pressa de chegar a Ernée, passaram à frente da hospedaria sem entrar. Ao barulho de sua marcha precipitada, Gudin e o hospedeiro, estimulados pela curiosidade, avançaram para a porta do pátio, a fim de vê-los. De repente, o gordo eclesiástico correu para um soldado que permanecia na retaguarda.

— Então, Gudin — reclamou ele. — Cabeçudo, vais com os Azuis. Pensaste bem nisso, meu filho?

— Sim, sim, meu tio — respondeu o cabo —, jurei defender a França.

— Ah! infeliz, perdes tua alma! — disse o tio, procurando despertar no sobrinho os sentimentos religiosos, sempre tão vivos no coração dos bretões.

— Meu tio, se o rei se pusesse à frente de seus exércitos não digo que...

— Oh! imbecil, quem te fala do rei? Sua República dá-nos abadias? Ela pôs tudo abaixo. Aonde queres chegar? Fica conosco; nós triunfaremos um dia ou outro e serás conselheiro de algum parlamento.

— Algum parlamento? Pois sim — respondeu Gudin num tom zombeteiro.

— Não terás de mim uma pataca — exclamou o tio, colérico. — Hei de deserdar-te!

— Obrigado! — disse o republicano.

Separaram-se. Os vapores do vinho de cidra servido pelo patriota a Coupiau, durante a passagem da pequena tropa, tinham conseguido obscurecer a inteligência do condutor; mas ele despertou muito alegre quando o hospedeiro, depois de informado do resultado da luta,

anunciou que os Azuis tinham levado vantagem. Coupiau pôs, então, de novo, a caminho seu carro, que não tardou a se mostrar no fundo do vale da Pèlerine, onde era fácil percebê-lo, entre os planaltos do Maine e os da Bretanha, semelhante a um destroço de navio, flutuando sobre as vagas, depois da tempestade.

Chegando ao alto de uma das encostas que os Azuis escalavam, e de onde se avistava ainda Pèlerine ao longe, Hulot voltou-se para ver se os *chouans* ainda lá se encontravam; o sol que lhes fazia reluzir os canos dos fuzis indicava-os como pontos brilhantes. Lançando um último olhar ao vale de que se afastava para entrar no de Ernée, o comandante julgou distinguir, na estrada real, a diligência de Coupiau.

— Não é o carro de Mayenne? — perguntou aos dois amigos.

Os dois oficiais, dirigindo os olhares para a velha turgotina, reconheceram-na perfeitamente.

— Diabo! — disse Hulot. — Como não a encontramos?

Fitaram-se em silêncio.

— É mais um enigma — exclamou o comandante. — Começo, porém, a entrever a verdade.

Nesse momento, Pé-de-poeira, reconhecendo também a turgotina, assinalou-a aos camaradas, e as expansões de uma alegria geral tiraram a moça de sua cisma. A desconhecida avançou e viu o carro que se aproximava do lado de trás da Pèlerine com uma rapidez fatal. A infeliz turgotina chegou logo ao planalto. Os *chouans*, ali de novo escondidos, recaíram sobre a presa com ávida celeridade. O viajante silencioso deixou-se escorregar para o fundo do carro e curvou-se de repente como se quisesse manter a aparência de um fardo.

— Então? — exclamou Coupiau, do alto do assento, designando o camponês — vocês farejaram o patriota que ali está porque ele tem um saco cheio de ouro.

Os *chouans* acolheram essas palavras numa explosão de riso geral e gritaram: “Furta-pão!, Furta-pão!, Furta-pão!”.

No meio das risadas, às quais o próprio Furta-pão respondeu como um eco, Coupiau desceu todo envergonhado do assento. Quando o famoso Cibot, conhecido por Furta-pão, ajudou o vizinho a deixar o veículo, ergueu-se um murmúrio de respeito.

— É o padre Gudin! — gritaram vários homens.

A esse nome respeitado todas as cabeças se descobriram, os *chouans* ajoelharam-se diante do padre e lhe pediram a bênção, que o sacerdote lhes deu gravemente.

— Ele enganaria são Pedro e lhe roubaria as chaves do paraíso — disse o reitor, batendo no ombro de Furta-pão. — Não fosse ele, e os Azuis nos interceptariam.

Mas, percebendo a jovem dama, o padre Gudin foi entreter-se com ela a alguns passos dali. Pé-de-poeira, que tinha aberto lestamente o

cofre do cabriolé, mostrou, com alegria selvagem, um saco cuja forma anunciava rolos de ouro. Não demorou muito tempo a fazer a partilha. Cada *chouan* recebeu o respectivo contingente com tal exatidão que a partilha não suscitou a menor disputa. Depois, avançou Pé-de-poeira para a dama e o padre, apresentando-lhes cerca de seis mil francos.

— Posso aceitar com a consciência tranquila? — disse ela para o padre, sentindo a necessidade de uma aprovação.

— Como, senhora? A Igreja não aprovou, outrora, o confisco dos bens dos protestantes? Com mais razão aprovará o dos revolucionários que renegam a Deus, destroem as capelas e perseguem a religião.

O padre Gudín juntou o exemplo à prédica, aceitando sem escrúpulo o dízimo de nova espécie que lhe oferecia Pé-de-poeira.

— De resto — acrescentou —, posso agora consagrar tudo o que possuo à defesa de Deus e do rei. Meu sobrinho parte com os Azuis!

Coupiau lamentava-se exclamando que estava arruinado.

— Vem conosco — disse Pé-de-poeira. — Terás tua parte.

— Mas acreditarão que eu fiz de propósito para me deixar roubar, se eu voltar sem ter sofrido violência.

— Só isso?... — considerou Pé-de-poeira.

Fez um sinal e uma descarga crivou de balas a turgotina. A essa fuzilaria imprevista, o velho veículo deixou escapar um guincho tão lamentoso que os *chouans*, naturalmente supersticiosos, recuaram de espanto; mas Pé-de-poeira tinha visto recuar e tombar num canto da arca a figura pálida do viajante taciturno.

— Tens ainda uma ave no teu galinheiro — disse baixinho Pé-de-poeira a Coupiau.

Furta-pão, compreendendo a questão, piscou os olhos em sinal de inteligência.

— Sim — respondeu o condutor —, mas imponho, como condição ao meu alistamento no grupo de vocês, deixarem-me conduzir esse homem são e salvo a Fougères. Empenhei-me nisso em nome da santa de Auray.

— Quem é? — perguntou Furta-pão.

— Não posso dizer — respondeu Coupiau.

— Deixa-o, pois! — redarguiu Pé-de-poeira, puxando Furta-pão pelo cotovelo — ele jurou por Sant'Ana de Auray, precisa cumprir sua promessa.

— Mas — disse o *chouan* — não desce muito depressa a montanha, vamos te alcançar. Quero ver o focinho de teu viajante e lhe daremos um passaporte.

Nesse momento, ouviu-se o galope de um cavalo, cujo rumor se aproximava vivamente da Pèlerine. Não tardou a aparecer o jovem chefe. A dama escondeu prontamente o saco que tinha na mão.

— Pode guardar esse dinheiro sem escrúpulo — disse o jovem,

trazendo para a frente o braço da dama. — Eis aqui uma carta que encontrei para a senhora, entre os que me esperavam na Vivetière; é da senhora sua mãe.

Depois de haver contemplado, um por um, os *chouans*, que ganhavam de novo o bosque, e o carro que já descia o vale do Couësnon, acrescentou:

— Apesar de minha diligência, não cheguei a tempo. Praza ao céu que não me tenha enganado nas minhas suspeitas!

— É o dinheiro de minha pobre mãe — gritou a jovem, depois de ter aberto a carta cujas primeiras linhas lhe arrancaram esta exclamação.

Alguns risos abafados repercutiram no bosque. O próprio jovem não pôde deixar de sorrir, vendo a dama segurar o saco que continha parte do dinheiro dela, há pouco roubado. Ela mesma se pôs a rir.

— Pois bem, marquês, louvado seja Deus, desta vez me saí sem mancha — disse ao chefe.

— Há de pôr leviandade em tudo, mesmo nos seus remorsos? — observou o jovem.

Ela corou e olhou o marquês com uma contrição tão verdadeira que este se sentiu desarmado. O padre devolveu polidamente, mas com um ar equívoco, o dízimo que acabava de aceitar; depois seguiu o jovem chefe no desvio pelo qual este viera e para onde se dirigia de novo. Antes de ir juntar-se a eles, a moça fez um sinal a Pé-de-poeira, chamando-o para junto dela.

— Você irá para o lado de Mortagne — disse-lhe em voz baixa. — Sei que os Azuis devem enviar, incessantemente, a Alençon uma forte soma em dinheiro corrente, para subvencionar os preparativos da guerra. Se abandono aos seus camaradas a presa de hoje é com a condição de eles me indenizarem. Sobretudo que o Gars nada saiba desta expedição, pois é capaz de opor-se a ela; mas, em caso de fracasso, eu o amansarei.

— Senhora — disse o marquês, do cavalo no qual ela engarupara, deixando o seu para o padre —, nossos amigos de Paris escrevem para tomarmos cuidado conosco. A República quer tentar combater-nos pela astúcia e pela traição.

— Não é muito mau — respondeu ela. — Eles têm boas ideias, essa gente. Poderei tomar parte na guerra e encontrar adversários.

— Bem o creio — exclamou o marquês. — Pichegru aconselha-me a ser escrupuloso e discreto em minhas amizades. A República me faz a honra de supor-me mais perigoso do que todos os da Vendeia juntos e conta com as minhas fraquezas para capturar-me.

— Desconfiaria de mim? — disse ela, batendo-lhe no coração com a mão, com a qual se firmava nele.

— Estaria aqui a senhora? — disse ele, voltando-lhe a fronte que ela beijou.

— Assim — volveu o padre — a polícia de Fouché será mais perigosa

para nós do que os batalhões volantes e os *contrachouans*.

— Como diz, meu reverendo.

— Ah! Ah! — gritou a dama. — Fouché vai, pois, enviar mulheres contra vocês... Eu as espero — acrescentou, num tom profundo e depois de ligeira pausa.

Numa distância de três ou quatro tiros de fuzil do planalto deserto, que os chefes abandonavam, passava-se uma dessas cenas que, por algum tempo ainda, tornaram-se frequentes nas grandes estradas. Ao saírem da pequena aldeia da Pèlerine, Furta-pão e Pé-de-poeira tinham detido de novo o carro num declive do caminho. Coupiau descera do assento, depois de fraca resistência. O viajante taciturno, exumado de seu esconderijo pelos dois *chouans*, encontrava-se agachado numa giesta.

— Quem és tu? — perguntou Pé-de-poeira, com voz sinistra.

O viajante guardava silêncio, quando Furta-pão repetiu a pergunta, dando-lhe com a coronha do fuzil.

— Sou — disse ele, então, lançando um olhar para Coupiau — Jacques Pinaud, um pobre negociante de tecidos.

Coupiau fez um sinal negativo sem julgar estar infringindo suas promessas. O sinal elucidou Furta-pão, que visou o viajante, enquanto Pé-de-poeira lhe dirigia este terrível ultimato:

— És muito gordo para te preocupares com os pobres! Se nos fizeres ainda perguntar mais uma vez teu verdadeiro nome, eis aqui meu amigo Furta-pão, que com um só tiro de fuzil adquirirá a estima e o reconhecimento de teus herdeiros. Quem és tu? — acrescentou, depois de uma pausa.

— Sou D'Orgemont de Fougères.

— Ah! Ah! — gritaram os dois *chouans*.

— Não fui eu que lhes disse o nome, sr. d'Orgemont — voltou Coupiau. — A Santa Virgem é testemunha de que o defendi bem.

— Uma vez que és o sr. d'Orgemont de Fougères — voltou Pé-de-poeira, com um ar respeitosamente irônico —, vamos deixar-te seguir tranquilamente o caminho. Mas, como não és nem um bom *chouan* nem um verdadeiro Azul, embora sejas aquele que comprou os bens da abadia de Juvigny, vais pagar — acrescentou o *chouan*, com um ar de quem está computando os respectivos associados — trezentos escudos de seis francos para teu resgate. A neutralidade vale bem isso.

— Trezentos escudos de seis francos! — repetiram, ao mesmo tempo, o infeliz banqueiro, Furta-pão e Coupiau, mas com expressões diversas.

— Ai de mim, meu caro senhor! — continuou D'Orgemont — estou arruinado. O *empréstimo forçado* de cem milhões, feito por essa República do diabo, que me taxou uma soma enorme, deixou-me limpo.

— Quanto te pediu a tua República?

— Mil escudos, meu caro senhor — respondeu o banqueiro, com um ar deplorável, julgando obter um abatimento.

— Se tua República te arranca empréstimos forçados tão consideráveis, bem vêes que há tudo a ganhar conosco, nosso governo é menos careiro. Trezentos escudos será muito por tua pele?

— Onde os arranjarei?

— No teu cofre — disse Furta-pão. — E que teus escudos não estejam estragados, ou te estragaremos as unhas no fogo.

— Onde os arranjar para pagar-vos? — perguntou D'Orgemont.

— Tua casa de campo de Fougères não fica longe da granja de Gibarry, onde mora meu primo Galopa-caneca,²⁴ também conhecido como o Grande Cibot; entregarás a ele — disse Furta-pão.

— Isso não é direito — murmurou D'Orgemont.

— E que nos importa? — retrucou Pé-de-poeira. — Pensa que, se eles não forem entregues a Galopa-caneca daqui a quinze dias, nós te faremos uma visitazinha que te curará da gota, se a tens nos pés.

— Quanto a ti, Coupiau — continuou Pé-de-poeira —, teu nome de agora em diante será Leva-a-bem.²⁵

Depois dessas palavras, os dois *chouans* se afastaram. O viajante retornou ao carro, que, graças ao chicote de Coupiau, se dirigiu rapidamente para Fougères.

— Se o senhor tivesse armas — disse-lhe Coupiau —, nós nos teríamos defendido um pouco melhor.

— Imbecil, estou com dez mil francos ali — retornou D'Orgemont, mostrando os grossos sapatos. — Seria possível alguém defender-se com tão forte soma por baixo?

Leva-a-bem coçou a orelha e olhou para trás, mas seus novos camaradas tinham desaparecido completamente.

VI

Hulot e os respectivos soldados detiveram-se em Ernée para colocar os feridos no hospital da cidadezinha; depois, sem que nenhuma ocorrência desagradável interrompesse a marcha das tropas republicanas, chegaram a Mayenne. Ali, o comando pôde, no dia seguinte, resolver todas as dúvidas relativas à marcha do mensageiro; pois no dia seguinte os habitantes souberam do saque do carro.

Poucos dias depois, as autoridades encaminharam para Mayenne muitos conscritos patriotas, a fim de que Hulot ali pudesse preencher o quadro de sua meia-brigada. Daí a pouco, surgiam boatos pouco tranquilizadores sobre a insurreição. A revolta estava completa em todos os pontos em que, durante a última guerra, os *chouans* e os habitantes da Vendeia tinham estabelecido os principais focos do incêndio. Na Bretanha os realistas se haviam tornado senhores de

Pontorson, a fim de se porem em comunicação com o mar. A cidadezinha de Saint-James, situada entre Pontorson e Fougères, fora tomada por eles, e pareciam querer fazê-la, momentaneamente, sua praça de armas e o centro de seus depósitos e suas operações. Dali, podiam corresponder-se, sem perigo, com a Normandia e o Morbihan. Os chefes subalternos percorriam essas três regiões para levantar os partidários da Monarquia e dar um arremate de conjunto à empresa. Tais movimentos coincidiam com as notícias da Vendaia, onde intrigas semelhantes agitavam a região, sob a influência de quatro chefes célebres, os srs. padre Vernal, conde de Fontaine, de Châtillon e Suzannet. O cavaleiro de Valois, o marquês d'Esgrignon e os Troisville²⁶ eram, dizia-se, seus correspondentes no departamento do Orne. O chefe do vasto plano de operações que se desenvolvia lentamente, mas de maneira formidável, era, com efeito, o Gars, apelido dado pelos *chouans* ao sr. marquês de Montauran depois do desembarque deste último na França. As informações transmitidas aos ministros por Hulot eram perfeitamente exatas. A autoridade desse chefe, enviado de fora, tinha sido logo reconhecida. O marquês ganhara mesmo sobre os *chouans* uma ascendência suficiente para fazê-los conceber o verdadeiro fim da guerra e persuadi-los de que os excessos de que se tornavam culpados conspiravam a causa generosa por eles abraçada. O caráter ousado, a bravura, o sangue-frio, a capacidade desse jovem senhor despertavam as esperanças dos inimigos da República e lisonjeavam tão vivamente a sombria exaltação daquelas paragens que os menos zelosos cooperavam em preparar ali os acontecimentos decisivos para a Monarquia abatida. Hulot não recebia nenhuma resposta às perguntas e relatórios reiterados que dirigia a Paris. Esse silêncio anunciava, sem dúvida, uma nova crise revolucionária.

— Será que agora — dizia o velho chefe aos amigos —, em matéria de governo, como em matéria de dinheiro, indeferem todas as petições?

Mas o rumor do mágico regresso de Bonaparte e os acontecimentos de 18 de brumário²⁷ não tardaram a se espalhar. Os comandantes militares do Oeste compreenderam, então, o silêncio dos ministros. Não obstante, esses chefes ficaram com isso mais impacientes de se libertarem da responsabilidade que sobre eles pesava e deixaram-se dominar pela curiosidade de conhecer as medidas tomadas pelo novo governo. Sabendo que o general Bonaparte havia sido nomeado primeiro-cônsul da República, os militares experimentaram uma viva alegria; viam, pela primeira vez, um dos seus chegar ao domínio dos negócios públicos. A França, tendo feito um ídolo desse jovem general, estremecia de esperança. A energia da nação renovou-se. A capital, cansada de sua sombria atitude, entregou-se a festas e a prazeres de que já se tinha há muito tempo desacostumado. Os primeiros atos do Consulado não diminuíram nenhuma esperança e a Liberdade não se

enfureceu com isso. O primeiro-cônsul fez uma proclamação aos habitantes do Oeste. Essas eloquentes alocações, dirigidas às massas, e que Bonaparte havia, por assim dizer, inventado, produziam nesses tempos de patriotismo e de milagres efeitos prodigiosos. Sua voz repercutia no mundo como a voz de um profeta, pois nenhuma de tais proclamações tinha sido ainda desmentida pela vitória.

HABITANTES,

Uma guerra ímpia abrasa, ainda uma vez, nossos departamentos do Oeste.

Os artífices dessas perturbações são traidores, vendidos aos ingleses, ou bandidos, que não procuram nas discórdias civis senão o alimento e a impunidade de seus crimes.

A tais homens o governo não deve nem contemplação nem declarações de princípios.

Mas há cidadãos, caros à pátria, que têm sido seduzidos pelos artifícios dessa gente; a esses cidadãos são devidas as luzes e a verdade.

Leis injustas têm sido promulgadas e executadas; atos arbitrários vêm alarmando a segurança dos cidadãos e a liberdade das consciências; por toda parte inscrições temerosas sobre as listas dos emigrados têm impressionado os cidadãos; enfim, grandes princípios de ordem social foram violados.

Os cônsules declaram que estando a liberdade dos cultos garantida pela Constituição, a lei de 11 de prarial, ano III, que concede aos cidadãos o uso dos edifícios destinados aos cultos religiosos, será executada.

O governo perdoará: indultará os arrependidos, a indulgência será inteira e absoluta; mas fulminará seja quem for que após esta declaração ousar ainda resistir à soberania nacional.

— Pois bem — dizia Hulot, depois da leitura pública desse discurso consular —, é isso bastante paternal? Vocês verão, entretanto, que nem um só bandido realista mudará de opinião.

O comandante tinha razão. Essa proclamação não serviu senão para firmar cada qual no seu partido. Alguns dias depois, Hulot e os colegas receberam reforços. O novo ministro da Guerra mandou-lhes dizer que o general Brune tinha sido designado para assumir o comando das tropas no Oeste da França. Hulot, cuja experiência era conhecida, teve, provisoriamente, autoridade nos departamentos do Orne e de Mayenne. Uma atividade desconhecida animou logo todas as molas do governo. Uma circular do ministro da Guerra e do ministro da Polícia Geral anunciou que medidas vigorosas, confiadas aos chefes dos comandos militares, tinham sido tomadas para abafar a insurreição em seu princípio. Mas os *chouans* e os vendeanos já haviam aproveitado a inação da República para sublevar os campos e deles se apoderar inteiramente. Assim, uma nova proclamação consular foi lançada. Desta vez, o general falava às tropas.

SOLDADOS,

Não restam mais no Oeste senão bandidos, emigrados, estipendiados da

Inglaterra.

O Exército é composto de mais de sessenta mil bravos; que eu venha logo a saber que os chefes dos rebeldes já não vivem. A glória não se alcança senão com fadigas; se se pudesse adquiri-la mantendo o quartel-general nas grandes cidades, quem não a teria?...

Soldados, seja qual for o vosso posto no Exército, o reconhecimento da nação vos espera. Para ser digno dele é preciso enfrentar a intempérie das estações, as neves, o frio excessivo da noite, surpreender vossos inimigos ao nascer do dia e exterminar esses miseráveis, desonra do nome francês.

Fazei uma campanha curta e boa, sede inexoráveis com os bandidos, mas observai uma disciplina severa.

Guardas nacionais, juntai os esforços dos vossos braços ao das tropas de linha.

Se conheceis, entre os vossos homens, partidários dos bandidos, prendei-os! Que em parte alguma encontrem eles asilo contra o soldado que vai persegui-los; e se houver traidores que ousem recebê-los e defendê-los, que pereçam com eles!

— Que sujeito! — exclamou Hulot — é como no exército da Itália, ele toca a missa e a celebra. Isto é que é falar!

— Sim, mas fala sozinho e em seu nome — observou Gérard, que começava a alarmar-se com as consequências do 18 de brumário.

— Oh! santa guarita, que é que tem isso, pois se trata de um militar — exclamou Merle.

A alguns passos dali vários soldados se tinham agrupado ante a proclamação afixada no muro. Ora, como nenhum deles sabia ler, contemplavam-na, uns com ar inquieto, outros com curiosidade, enquanto dois ou três procuravam entre os transeuntes um cidadão com aparência de sábio.

— Veja, pois, Chave-dos-corações, o que é aquele pedaço de papel ali — disse Pé-bonito com um ar chocarreiro para o camarada.

— É bem fácil de adivinhar — respondeu Chave-dos-corações, mostrando no alto da proclamação uma grosseira vinheta, em que, desde alguns dias, um compasso substituíra o nível por baixo de 1793.

— Isso quer dizer que é preciso nós, os da tropa, marcharmos firmes! Puseram ali um compasso aberto, é um emblema.

— Meu rapaz, você não dá para bancar o sábio, aquilo se chama um problema. Já servi na artilharia — continuou Pé-bonito —, meus oficiais só comiam aquilo.

— É um emblema.

— É um problema.

— Apostemos.

— Quê?

— Teu cachimbo alemão.

— Topo.

— Sem pretender dar-lhe ordens, meu ajudante, não é verdade que é um emblema e não um problema? — perguntou Chave-dos-corações a Gérard, que, todo pensativo, seguia Hulot e Merle.

— É uma e outra coisa — respondeu ele gravemente.

— O ajudante zombou de nós — retornou Pé-bonito. — Aquele papel quer dizer que o nosso general da Itália passou a cônsul, sem dúvida, um grande posto, e que vamos ter capotes e sapatos.

SEGUNDA PARTE

UMA IDEIA DE FOUCHÉ

I

Pelos últimos dias do mês de brumário, no instante em que, pela manhã, Hulot manobrava sua meia-brigada, toda ela concentrada em Mayenne por ordens superiores, um mensageiro expresso, vindo de Alençon, entregou-lhe despachos, na leitura dos quais uma forte contrariedade se lhe estampou no semblante.

— Vamos, para a frente! — exclamou com mau humor, apertando os papéis no fundo do chapéu. — Duas companhias vão se pôr em marcha comigo e dirigir-se para Mortagne. Os *chouans* estão ali. Vocês me acompanharão — disse ele para Merle e Gérard. — Se compreendo uma palavra deste despacho, quero me tornar nobre. Não sou, talvez, mais do que uma besta. Não importa, para a frente! Não há tempo a perder.

— Meu comandante, que há, pois, de tão bárbaro nessa bolsa aí? — disse Merle, mostrando com a ponta da bota o envelope ministerial dos despachos.

— Raios os partam! Nada senão coisas para nos chatear.

Quando o comandante deixava escapar essa expressão militar, já objeto de uma reserva, anunciava ele alguma tempestade; as diversas entonações da frase formavam uma espécie de graduação que para a meia-brigada eram uma espécie de termômetro da paciência do chefe; e a franqueza do velho soldado tornava o conhecimento disso tão fácil que o pior tambor sabia logo seu Hulot de cor, observando-lhe as variações da careta com que o comandante revirava os lábios e piscava os olhos. Desta vez, o tom de cólera surda com que ele acompanhou essa palavra tornou os dois amigos silenciosos e circunspetos. As próprias marcas de varicela que lhe sulcavam o rosto de guerreiro pareceram mais fundas e a tez mais escura que de costume. Tendo sua larga cauda, orlada de tranças, caído sobre uma das dragonas, quando ele tornou a pôr o chapéu de três bicos, Hulot repeliu-a com tanto furor que estragou as tranças. Entretanto, como permanecia imóvel, os punhos fechados, os braços cruzados com força sobre o peito, o bigode ericado, Merle aventurou-se a perguntar-lhe:

— Partiremos já?

— Sim, se as cartucheiras estão providas — respondeu num resmungo.

— Estão.

— Ombro, armas! Por fila, à esquerda, ordinário, marche! — disse Merle a um gesto do chefe.

E os tambores puseram-se à frente das duas companhias designadas por Gérard. Ao toque do tambor, o comandante, mergulhado em reflexões, pareceu despertar, e saiu da cidade, acompanhado pelos dois amigos, aos quais não disse uma palavra. Merle e Gérard encararam-se silenciosamente várias vezes como a perguntar: “Irá manter-nos por muito tempo nesse rigor?”. E, marchando, lançavam, de esguelha, olhares observadores a Hulot, que continuava a dizer, entre dentes, palavras vagas. Várias vezes suas frases ressoaram como juramentos aos ouvidos dos soldados, mas nenhum deles ousou balbuciar qualquer palavra, pois na ocasião todos sabiam submeter-se à disciplina severa a que estavam acostumados os soldados outrora comandados por Bonaparte, na Itália. Na maioria, constituíam eles, como Hulot, os restos dos famosos batalhões que capitularam em Mayence,²⁸ sob a promessa de não serem mais empregados nas fronteiras, e o Exército os tinha denominado mayencenses. Era difícil encontrar soldados e chefes que se compreendessem melhor.

II

No dia seguinte à partida, Hulot e os dois amigos se achavam de madrugada na estrada de Alençon, a uma légua, mais ou menos, dessa cidade, na direção de Mortagne, na parte do caminho que contorna as pastagens regadas pelo Sarthe. Os quadros pitorescos dessas pradarias desenrolam-se sucessivamente à esquerda, enquanto à direita, flanqueada pelos bosques espessos, ligados à grande floresta de Menil-Broust, a estrada forma, se nos é permitido empregar este termo de pintura, um *repoussoir*²⁹ aos deliciosos aspectos do regato. As bermas do caminho são ladeadas por fossas, cujas terras incessantemente revolvidas sobre os campos ali produzem altas escarpas coroadas de giestas espinhentas. Esses arbustos que se erguem em moitas espessas fornecem, durante o inverno, excelente alimento para os cavalos e o gado; mas, enquanto ele não era colhido, os *chouans* se escondiam atrás de seus tufos de um verde-escuro. As escarpas e as giestas, anunciando ao viajante a aproximação da Bretanha, tornavam, então, essa parte do caminho tão perigosa quanto bela. Os perigos que deviam encontrar-se no trajeto de Mortagne a Alençon e de Alençon a Mortagne eram a causa da partida de Hulot; e, ali, o segredo de sua cólera acabou por escapar-lhe.

O comandante escoltava então uma velha mala-posta, arrastada por cavalos obrigados a caminhar lentamente, entre os soldados fatigados. As companhias Azuis, pertencentes à guarnição de Mortagne e que haviam seguido esse horrível veículo até os limites da sua etapa, onde

Hulot os viera substituir no serviço — a justo título denominado pelos soldados *uma amolação* patriótica —, regressavam a Mortagne e eram vistas ao longe, como pontos negros. Uma das duas companhias do velho republicano mantinha-se a alguns passos na retaguarda, a outra na vanguarda do veículo. Hulot, que se achava entre Merle e Gérard, no meio do caminho entre a vanguarda e o carro, disse-lhes de repente:

— Com mil raios! Acreditariam vocês que o general nos fez sair de Mayenne para acompanhar as duas lambisgoias que se acham nessa velha carroça?

— Mas, meu comandante, quando tomamos posição, há pouco, junto das cidadãs, o senhor as cumprimentou com um ar que já não era tão esquerdo assim.

— Ah! Eis a infâmia. Esses peralvilhos de Paris nos recomendam as maiores atenções para com o raio de suas fêmeas. Podem-se desonrar bons patriotas, como nós, colocando-os atrás de uma saia? Oh! eu sigo direito o meu caminho, não gosto de fazer zigzague na casa dos outros. Quando vi Danton com amantes, Barras com amantes, disse-lhes: “Cidadãos, quando a República vos requisitou para governá-la, não era para autorizar os divertimentos do antigo regime”. Vocês me dirão que as mulheres são isso e aquilo? Está certo, a gente precisa delas. Sujeitos valentes precisam de mulheres e boas mulheres. Mas basta de conversa diante do perigo. Para que nos serviu varrer os abusos dos outros tempos, se os patriotas vão recomeçá-los? Vejam o primeiro-cônsul, este é que é um homem: nada de mulheres, sempre no seu posto. Aposto o meu bigode esquerdo como ele ignora o serviço idiota que nos fazem prestar aqui.

— Palavra de honra, comandante — respondeu Merle, rindo —, percebi a ponta do nariz da moça escondida no fundo da mala-posta, e confesso que todo mundo podia, sem desonra, sentir, como estou sentindo, a comichão de ir rondar o carro para entabular com as viajantes uma conversinha.

— Toma cuidado, Merle — disse Gérard —, essas gralhas de touca são acompanhadas por um cidadão suficientemente astuto para te apanhar numa armadilha.

— Quem? Esse elegante, cujos olhinhos vão, incessantemente, de um lado para outro do caminho, como se ali estivesse vendo *chouans*; esse peralvilho de quem percebemos apenas as pernas; e que, no momento em que as de seu cavalo ficam ocultas pelo carro, tem o ar de um pato, cuja cabeça sai de uma empada! Se esse papalvo quiser me impedir de acariciar a sua linda toutinegra...

— Pato, toutinegra! Ah! Meu pobre Merle, estás metido com os voláteis. Mas não te fies no pato! Seus olhos verdes me parecem pérfidos como os de uma víbora e finos como os de uma mulher que perdoa ao marido. Desconfio menos dos *chouans* do que desses advogados cujos

rostos se assemelham a garrafas de limonada.

— É boa! — exclamou Merle, alegremente — com a permissão do comandante eu me arrisco! Aquela mulher tem olhos que são como estrelas; podemos arriscar tudo no jogo para vê-los.

— Está apaixonado o companheiro — disse Gérard para o comandante —, começa a dizer besteiras.

Hulot fez uma careta, sacudiu os ombros e respondeu:

— Antes de tomar a sopa, aconselho-o a cheirá-la.

— Bravo Merle — retornou Gérard, julgando pela lentidão da marcha do companheiro que este manobrava para se deixar gradualmente aproximar da mala-posta —, está alegre! É o único homem que pode rir da morte de um camarada, sem ser acusado de insensibilidade.

— É o verdadeiro soldado francês — disse Hulot, num tom grave.

— Oh! Ei-lo que repõe suas dragonas no ombro, para mostrar que é capitão — exclamou Gérard, rindo —, como se a patente no caso pudesse conseguir alguma coisa.

O carro para o qual bandeava o oficial abrigava realmente duas mulheres, uma das quais parecia a criada da outra.

— Essas mulheres vão sempre duas a duas — disse Hulot.

Um homenzinho raquítico caracolava, ora para a frente ora para trás do veículo; mas, embora parecesse acompanhar as duas viajantes privilegiadas, ninguém o tinha ainda visto dirigir-lhes a palavra. Esse silêncio, prova de desdém ou de respeito, as bagagens numerosas, as caixas daquela que o comandante chamava *uma princesa*, tudo, até o traje do cavaleiro às ordens, irritava ainda mais a bÍlis de Hulot. O traje do desconhecido constituía um quadro exato da moda que inspirou naqueles tempos as caricaturas dos Incríveis.³⁰ Imagine-se aquela personagem embiocada ridiculamente num casaco cujas abas de cima eram tão curtas que deixavam passar cinco a seis polegadas de colete e as de baixo muito compridas assemelhavam-se a uma cauda de bacalhau, termo então empregado para designá-las. Uma gravata enorme descrevia em torno do pescoço tão numerosos contornos que a cabecinha que saía desse labirinto de musselina quase justificava a comparação gastronômica do capitão Merle. O desconhecido trazia uma calça colada nas pernas e botas à Suvarof. Um imenso camafeu branco e azul servia-lhe de alfinete na camisa. Duas correntes de relógio escapavam paralelamente da cintura; os cabelos pendentes em saca-rolha sobre cada lado das faces cobriam-lhe quase toda a fronte. Afinal, por último enfeite, o colarinho da camisa e o do casaco subiam tão alto que a cabeça parecia envolvida como um ramalhete num canudo de papel. Acrescentai a esses delgados acessórios, que não chegavam a formar um conjunto harmonioso, a oposição burlesca das cores da calça amarela, do colete vermelho, do casaco cor de canela, e ter-se-á

uma imagem fiel do supremo bom-tom a que obedeciam os elegantes dos começos do Consulado. Esse traje, perfeitamente barroco, parecia inventado para submeter a elegância a uma prova e mostrar que não há ridículo que a moda não saiba consagrar. O cavaleiro parecia haver atingido a casa dos trinta anos, mas tinha apenas vinte e dois; talvez devesse tal aparência à devassidão ou aos perigos da época. Apesar do traje de charlatão, seu porte acusava certa elegância de maneiras, em que se reconhecia um homem bem-educado. Quando o capitão se encontrou perto do carro, o peralvilho pareceu adivinhar-lhe o desejo e favoreceu-o, retardando o passo do animal. Merle, lançando-lhe um olhar sardônico, defrontou com um desses rostos impenetráveis, acostumados pelas vicissitudes da Revolução a esconder mesmo as menores emoções.

No momento em que a ponta recurvada do velho chapéu triangular e as dragonas do capitão foram percebidas pelas damas, uma voz de angélica doçura perguntou-lhe:

— Senhor oficial, poderia ter a bondade de dizer-nos em que ponto da estrada nos encontramos?

Existe um encanto inexprimível numa pergunta feita por uma viajante desconhecida; a menor palavra parece, então, conter toda uma aventura; mas se a mulher solicita alguma proteção, apoiando-se na fraqueza ou numa certa ignorância das coisas, todo homem não se sentirá ligeiramente inclinado a criar uma fábula impossível em que ele se faz feliz? Também as palavras “senhor oficial”, a forma polida da pergunta, produziram uma perturbação desconhecida no coração militar. Procurou ele examinar a viajante e ficou desapontado, pois um véu ciumento lhe escondia os traços; mal pôde ver-lhe os olhos, brilhando, através da gaze, como dois ônix atingidos pelo sol.

— Encontra-se agora a uma légua de Alençon, minha senhora.

— Alençon, já? — E a dama desconhecida retirou-se, ou antes, recuou para o fundo do carro, sem nada mais responder.

— Alençon — repetiu a outra mulher, como se despertasse. — A senhora vai rever a terra.

Contemplou o capitão e calou-se. Merle, ludibriado na esperança de ver a bela desconhecida, pôs-se a examinar a companheira. Era uma moça de cerca de vinte e seis anos, loura, com um lindo talhe e cuja tez possuía essa frescura de pele que distingue as mulheres de Valognes, de Bayeux e das cercanias de Alençon. Os olhos azuis não prenunciavam espírito, mas uma certa firmeza, mista de ternura. Trazia um vestido de fazenda comum. Os cabelos, erguidos sob um pequeno boné, à moda de Caux e sem nenhuma pretensão, tornavam-lhe o rosto encantador de simplicidade. Sua atitude, sem possuir a nobreza convencional dos salões, não era destituída da dignidade natural de uma jovem modesta que pudesse contemplar o quadro de sua vida passada, sem ali

encontrar um só motivo de arrependimento. Num simples olhar, Merle soube adivinhar nela uma dessas flores campestres que, transportadas para as estufas parisienses, onde se concentram tantos raios desvitalizantes, nada perdera das cores puras nem da rústica franqueza. A atitude ingênua da jovem e a modéstia do seu olhar mostraram a Merle que ela não desejava ouvinte. Realmente, quando ele se afastou, as duas desconhecidas começaram, em voz baixa, uma conversa, cujo murmúrio mal lhe chegava aos ouvidos.

— A senhorita partiu tão precipitadamente — disse a jovem camponesa — que não teve nem mesmo tempo de vestir-se. Vai se ver atrapalhada! Se formos adiante de Alençon, será preciso, necessariamente, fazer uma nova *toilette*...

— Oh! Oh! Francine — exclamou a desconhecida.

— Como?

— Eis a terceira tentativa que fazes para saberes o termo e o motivo desta viagem.

— Disse, porventura, alguma coisa que pudesse valer-me essa censura?...

— Oh! Bem notei tua manobrazinha. De cândida e simples que eras adquiriste um pouco de astúcia na minha escola. Começas a ter horror às interrogações. Tens razão, minha filha. De todas as maneiras de arrancar um segredo, é essa, na minha opinião, a mais ingênua.

— Pois bem — retornou Francine —, já que nada se lhe pode esconder, convenha, Maria, sua conduta não excitaria a curiosidade de um santo? Ontem de manhã, sem recursos; hoje com as mãos cheias de ouro. Dão-lhe, em Mortagne, a mala-posta saqueada, cujo condutor foi morto; a senhorita é protegida pelas tropas do governo e seguida por um homem que eu encaro como o seu anjo mau...

— Quem? Corentin?... — perguntou a jovem desconhecida, acentuando as duas palavras com duas inflexões de voz cheias de um desprezo que transbordou, mesmo, no gesto pelo qual designou o cavaleiro. — Escuta, Francine — continuou —, lembras-te do Patriota, aquele macaco que eu tinha habituado a arremedar Danton e que nos divertia tanto?

— Sim, senhorita.

— Pois bem, tinhas medo dele?

— Ele estava acorrentado.

— Pois Corentin está açaimado, minha filha.

— Nós brincávamos com o Patriota horas inteiras — disse Francine —, bem o sei, mas ele acabava sempre por pregar-nos alguma peça.

A essas palavras Francine retirou-se vivamente para o fundo do carro, achegando-se da patroa, e tomou-lhe as mãos para acariciá-las, com maneiras ingênuas, dizendo-lhe com voz afetuosa:

— Mas a senhorita adivinhou o meu pensamento, Maria, e não me

responde. Como, depois das tristezas que me fizeram tanto mal, oh! muito mal, pôde, em vinte e quatro horas, tornar-se dominada por uma alegria doida, como quando falava de matar-se. De onde vem essa transformação? Tenho direito de lhe pedir um pouco de conta de sua alma. Ela é minha, antes de ser de quem quer que seja, pois nunca foi mais amada do que é por mim. Fale, senhorita.

— Pois bem, Francine, não vês em torno de nós o segredo de minha alegria? Olha os flocos amarelados daquelas árvores ao longe. Nenhum se parece com o outro. Ao contemplá-los, a distância, não se diria uma velha tapeçaria de castelo? Vês aquelas sebes, atrás das quais podem encontrar-se *chouans* a cada instante. Quando olho aqueles juncos, parece-me distinguir canos de fuzil. Gosto desse perigo renascente que nos envolve. Todas as vezes que a estrada toma um aspecto sombrio, suponho que vamos ouvir detonações; então, meu coração bate, uma sensação desconhecida me agita. Não são nem os tremores do medo nem as emoções do prazer; não, é melhor do que isso, é a efervescência de tudo o que se move em mim, é a vida. Como não ficaria alegre por ter animado um pouco a minha vida!

— Ah! Não me diz nada, cruel; Virgem Santa — acrescentou Francine, erguendo os olhos para o céu, numa atitude dolorosa —, a quem se confessará ela, se não se abre comigo?

— Francine — retornou a desconhecida, num tom grave —, não quero confessar-te a minha empresa. Desta vez é horrível.

— Por que fazer o mal com conhecimento de causa?

— Pois é: eu me surpreendo a pensar como se tivesse cinquenta anos e a agir como se contasse ainda quinze. Foste sempre o meu bom senso, minha pequena, mas neste negócio devo abafar a consciência. E — disse ela, depois de uma pausa, deixando escapar um suspiro — não consigo chegar a tanto. Ora, como queres que eu vá colocar ainda à minha frente um confessor rígido como tu?

E bateu-lhe levemente com a mão.

— Oh! Quando a censurei pelos seus atos? — exclamou Francine. — O mal, na senhorita, reveste-se da graça. Sim, Sant'Ana de Auray, a quem tenho pedido tanto pela sua salvação, há de absolvê-la de tudo. Afinal, não estou ao seu lado por esta estrada, sem saber aonde a senhorita vai?

E, com efusão, beijou-lhe as mãos.

— Mas — retornou Maria — podes abandonar-me, se tua consciência...

— Vamos, cale-se, senhorita — retornou Francine, fazendo com os lábios um trejeito de ressentimento. — Oh! não me dirá...

— Nada — interrompeu a jovem com voz firme. — Apenas fica sabendo bem isto! Odeio esta empresa ainda mais do que aquele cuja língua dourada ma explicou. Quero ser franca, confesso que não me renderia aos seus desejos se não entrisse nesta ignóbil farsa uma

mistura de terror e de amor que me tentou. Depois, não quis ir-me embora deste mundo sem procurar colher os louros entre os quais espero estar destinada a perecer. Mas lembra-te, para honra de minha memória, de que, se tivesse sido feliz, o aspecto desse largo cutelo, prestes a cair sobre a minha cabeça, não me faria aceitar um papel nesta tragédia, pois, fica sabendo, é uma tragédia. Agora — continuou, deixando escapar um gesto de enfado —, se ela fosse revogada, atirar-me-ia neste instante no Sarthe; e não seria absolutamente um suicídio, pois não vivi ainda.

— Oh! Santa Virgem de Auray, perdoai-lhe!

— De que te apavoras? As vicissitudes prosaicas da vida doméstica não me excitam as paixões, bem o sabes. Isso é um mal para uma mulher; mas minha alma desenvolveu uma sensibilidade mais elevada, para suportar mais fortes provas. Eu teria sido, talvez, como tu, uma doce criatura. Por que me elevei acima ou descambei abaixo do meu sexo? Ah! Como a mulher do general Bonaparte é feliz! Olha, morrerei jovem, pois já chego a não me espantar com um divertimento em que há sangue para beber, como dizia o pobre Danton. Mas esquece o que te digo. Foi a mulher de cinquenta anos que falou. Graças a Deus, a menina de quinze anos vai logo reaparecer.

A jovem camponesa estremeceu. Somente ela conhecia o caráter ardente e impetuoso da patroa. Somente ela estava iniciada nos mistérios dessa alma rica de exaltação, nos sentimentos dessa criatura que até ali tinha visto passar a vida como uma sombra imperceptível, querendo sempre apreendê-la. Depois de haver semeado a mancheias, sem nada colher, essa mulher permanecia virgem, mas irritada por uma infinidade de desejos enganados. Cansada de uma luta sem adversários, chegava, então, no seu desespero, a preferir o bem ao mal, quando ele se oferecia como um regozijo; o mal ao bem, quando ele apresentava alguma poesia; a miséria à mediocridade, como algo de maior; o futuro sombrio e desconhecido da morte a uma vida pobre de esperanças ou mesmo de sofrimento. Nunca se amontoara tanta pólvora para produzir uma faísca, nunca tantas riquezas a serem devoradas pelo amor; enfim, jamais uma filha de Eva fora feita com mais ouro na sua argila. Semelhante a um anjo terrestre, Francine velava por essa criatura, na qual adorava a perfeição, julgando cumprir uma mensagem celeste se a conservasse no coro dos serafins, de onde parecia banida como em expiação de um pecado de orgulho.

— Eis o campanário de Alençon — disse o cavaleiro, aproximando-se do carro.

— Estou vendo — respondeu secamente a jovem.

— Está bem — disse ele, afastando-se, com demonstrações de submissão servil, apesar do desapontamento.

— Vá, vá mais depressa — disse a dama ao postilhão. — Agora não

há nada a temer. Vá em trote largo, a galope, se puder. Não estamos já nas ruas de Alençon?

Passando à frente do comandante, ela exclamou com voz doce:

— Encontrar-nos-emos na hospedaria, comandante. Venha ver-me.

— É isso — replicou o comandante. — Na hospedaria! Venha ver-me! Assim se fala ao chefe de uma meia-brigada...

E mostrava o punho para o carro que rolava rapidamente pelo caminho.

— Não se lamente, comandante, ela tem seu galão de general no punho — disse rindo Corentin, que procurava pôr o cavalo a galope para reunir-se ao carro.

— Ah! Eu não vou me aborrecer por causa desses fregueses — disse Hulot aos dois amigos, num resmungo. — Preferia atirar minha farda de general numa fossa a ganhá-la num leito. Que quer, pois, esse pessoal? Compreendem alguma coisa disso, vocês?

— Sim! — disse Merle. — Sei que é a mulher mais bela que até hoje me foi dado ver! Creio que o senhor está compreendendo mal a metáfora. Será a mulher do primeiro-cônsul, talvez?

— É boa! A mulher do primeiro-cônsul é velha e esta jovem — replicou Hulot. — Aliás a ordem que recebi do ministro me informa chamar-se ela srta. de Verneuil. É uma *ci-devant*. Será que não as conheço? Antes da Revolução faziam todas esse ofício; a gente tornava-se, então, em dois tempos e em seis movimentos, chefe de meia-brigada; era o caso de se lhes dizer apenas duas ou três vezes: Meu coração!

III

Enquanto cada soldado abria o compasso, para empregarmos a expressão do comandante, o veículo horrível que serviu então de mala-posta tinha rapidamente alcançado o hotel dos Três Mouros, situado no meio da rua principal de Alençon. O ruído dos ferros produzido por essa informe viatura levou logo o hospedeiro à soleira da porta. Era uma casualidade que ninguém, em Alençon, devia prever, a descida da mala-posta na hospedaria dos Três Mouros; mas a pavorosa ocorrência de Mortagne fez com que o carro fosse seguido por tanta gente que as duas viajantes, para se esquivarem à curiosidade geral, penetraram depressa na cozinha, inevitável antecâmara das hospedarias em todo o Oeste; e o dono da casa se dispunha a acompanhá-las, quando o postilhão o deteve pelo braço.

— Atenção, cidadão Brutus — disse ele —, existe uma escolta de Azuis. Como não há nem condutor nem despachos, sou eu que te trago as cidadãs; elas pagarão, sem dúvida, como se fossem princesas, assim...

— Assim, beberemos um copo de vinho juntos daqui a pouco, meu rapaz — disse-lhe o hospedeiro.

Depois de haver lançado um olhar por aquela cozinha enegrecida pelo fumo e numa mesa ensanguentada por carnes cruas, a srta. de Verneuil esgueirou-se para a sala vizinha, com a ligeireza de um pássaro, pois temia o aspecto e o cheiro da cozinha tanto quanto a curiosidade de um cozinheiro sujo e de uma mulher gorda que já a examinavam com atenção.

— Como havemos de fazer, minha mulher? — disse o hospedeiro. — Quem diabo poderia adivinhar que teríamos tanta gente em tão pouco tempo? Antes de poder eu servir-lhe um almoço aceitável, essa mulher vai impacientar-se. Palavra, vem-me uma boa ideia: já que se trata de gente distinta, vou propor-lhe reunir-se com a pessoa que se acha lá em cima. Hem?

Quando o hospedeiro procurou a recém-chegada, não viu senão Francine, à qual disse em voz baixa, levando-a para o fundo da cozinha, do lado do quintal, para afastá-la dos que poderiam escutá-lo:

— Se essas damas desejam se fazer servir à parte, como absolutamente não duvido, tenho uma refeição muito delicada, especialmente preparada para uma senhora e seu filho. Estes hóspedes não se oporão, naturalmente, a que as senhoras partilhem do almoço — acrescentou com um ar misterioso. — É gente fina.

Mal havia acabado a última frase, e sentiu que lhe aplicavam nas costas um ligeiro golpe com cabo de chicote; voltou-se bruscamente, e viu atrás de si um homenzinho atarracado, que saíra sem ruído de um gabinete vizinho e cuja aparição gelara de terror a mulher gorda, o cozinheiro e o seu ajudante.

O hospedeiro empalideceu, voltando a cabeça. O homenzinho sacudiu os cabelos que quase lhe ocultavam a testa e os olhos, ergueu-se na ponta dos pés para alcançar o ouvido do hospedeiro e disse-lhe:

— Sabes o que vale uma imprudência, uma denúncia, e a cor da moeda com que as pagamos. Somos generosos.

Juntou às palavras um gesto que formava um terrível comentário. Embora Francine não pudesse ver a personagem, oculta pela rotundidade do hospedeiro, apreendeu algumas palavras das frases por ele surdamente pronunciadas e ficou como fulminada por um raio, ouvindo os sons roucos de uma voz bretã. No meio do terror geral, avançou ela para o homenzinho, mas este, que parecia mover-se com a agilidade de um animal selvagem, já saía por uma porta lateral, que dava para o quintal. Francine julgou ter se equivocado nas conjeturas, pois não chegou a perceber senão a pele fulva e negra de um urso de talhe médio. Através dos vidros amarelecidos pela fumaça, contemplou o desconhecido que ganhava a estrebaria em passo arrastado. Antes de ali entrar, dirigiu ele os olhos negros para o primeiro andar da

hospedaria e dali para a mala-posta, como se quisesse participar a um amigo alguma importante observação sobre o veículo. Apesar das peles de cabra e graças a esse movimento que lhe permitiu distinguir o rosto do homem, Francine reconheceu-lhe no enorme chicote e nos passos arrastados, embora ágeis na ocasião, o *chouan* apelidado Pé-de-poeira. Examinou-o, mas indistintamente, através da penumbra da estrebaria, onde o homem se deitara na palha, tomando uma posição em que podia observar tudo o que se passava na hospedaria. Pé-de-poeira estava enrodilhado de tal forma que de longe, como de perto, o espião mais astuto tê-lo-ia tomado facilmente por um desses cães de carreteiro, e que dormem com a goela entre as patas. A conduta de Pé-de-poeira provava a Francine não tê-la o *chouan* reconhecido. Ora, nas circunstâncias delicadas em que se encontrava a patroa, não sabia ela se devia regozijar-se ou contristar-se com isso. Mas a misteriosa relação entre a observação ameaçadora do *chouan* e o oferecimento do hospedeiro, muito comum entre essa espécie de gente que procura sempre numa cajadada matar dois coelhos, espicaçou-lhe a curiosidade; deixou ela a vidraça empoeirada, em que observava a massa informe e negra, que na escuridão lhe indicava o lugar ocupado por Pé-de-poeira, voltou-se para o hospedeiro e viu-o na atitude de um homem que acaba de cometer uma gafe e não sabe como se haver para voltar para trás. O gesto do *chouan* tinha petrificado o pobre homem. Ninguém no Oeste ignorava os cruéis refinamentos dos suplícios com que os Caçadores do Rei puniam as pessoas suspeitas somente de indiscrição; assim, o hospedeiro já julgava sentir-lhes o cutelo no pescoço. O cozinheiro encarava com terror a fornalha, onde eles frequentemente *aqueciam* os pés dos denunciantes. A gorda mulherzinha tinha uma faca de cozinha numa das mãos, na outra uma batata cortada pelo meio, e contemplava o marido com um olhar atordoadado. O ajudante de cozinha, por fim, perscrutava o segredo, desconhecido para ele, daquele silencioso terror. A curiosidade de Francine animou-se, naturalmente, ante a cena muda, cujo ator principal era visto por todos, embora ausente. A jovem ficou lisonjeada com o terrível poder do *chouan* e, embora não estivesse de acordo com o seu caráter humilde fazer malícias de criada de quarto, estava desta vez muito interessada em penetrar aquele mistério para não aproveitar-se das vantagens obtidas.

— Pois bem, a senhorita aceita sua proposta — disse ela gravemente ao hospedeiro, que foi como que despertado em sobressalto ante essas palavras.

— Qual? — perguntou ele, com real surpresa.

— Qual? — perguntou Corentin, entrando.

— Qual? — perguntou a srta. de Verneuil.

— Qual? — inquiriu uma terceira personagem que se achava por

detrás do último degrau da escada e saltou levemente na cozinha.

— Pois bem, a de almoçar com as suas pessoas de distinção — respondeu Francine impaciente.

— De distinção — repetiu com voz mordente e irônica a personagem que havia chegado pela escada. — Isto, meu caro, parece-me uma brincadeira de mau gosto de hospedaria; mas se é essa jovem cidadã que queres nos dar por conviva, seria preciso estar louco para recusar, meu velho — disse ele, encarando a srta. de Verneuil. — Na ausência de minha mãe, aceito — acrescentou, batendo no ombro do hospedeiro estupefato.

A graciosa estroinice da mocidade disfarçou a altivez insolente dessas palavras que atraíram, naturalmente, a atenção de todos os atores da cena para a nova personagem. O hospedeiro tomou, então, a postura de Pilatos procurando lavar as mãos no caso da morte de Jesus Cristo; recuou dois ou três passos do lado da mulher gorda e disse-lhe ao ouvido:

— És testemunha de que, se acontecer alguma desgraça, não foi minha a culpa. Mas, além disso — acrescentou ainda mais baixo —, vai prevenir de tudo o sr. Pé-de-poeira.

O viajante, jovem de estatura mediana, trazia uma roupa azul com grandes polainas escuras que lhe subiam acima do joelho, sobre um culote de fazenda igualmente azul. Esse uniforme simples e sem dragonas pertencia aos alunos da Escola Politécnica. Num único olhar, a srta. de Verneuil logrou distinguir sob o traje escuro de formas elegantes um *não sei quê*, anunciando uma nobreza nativa. Bastante comum à primeira vista, o rosto do jovem se fazia logo notar pela conformação de alguns traços, em que se revelava uma alma capaz de grandes coisas. A tez morena, os cabelos louros e cacheados, os olhos de um azul brilhante, o nariz fino, os movimentos desenvoltos: tudo revelava nele uma vida dirigida por sentimentos elevados e hábitos de mando. Mas os sinais mais característicos do seu temperamento se achavam no queixo à Bonaparte e no lábio inferior que se juntava ao superior descrevendo a curva graciosa da folha de acanto sob o capitel coríntio. A natureza tinha-lhe posto nos traços irresistíveis encantos.

“Esse jovem possui uma singular distinção para ser um republicano”, disse consigo a srta. de Verneuil.

Ver tudo isso num relance, animar-se pelo desejo de agradar, pender frouxamente a cabeça para o lado, sorrir com faceirice, lançar um desses olhares veludosos que reanimam um coração morto para o amor; velar os longos olhos negros com largas pálpebras, cujos cílios densos e recurvos desenharam uma linha escura na face; procurar os sons mais melodiosos da voz para dar um encanto penetrante a esta frase banal: “Estamos muito agradecidas, senhor”, toda essa manobra não consumiu senão o tempo necessário para descrevê-la. Em seguida,

a srta. de Verneuil, dirigindo-se ao hospedeiro, perguntou pelo seu apartamento, viu a escada e desapareceu com Francine, deixando ao estrangeiro o cuidado de adivinhar se a resposta continha uma aquiescência ou uma recusa.

— Quem é essa mulher? — perguntou, lestando, o aluno da Escola Politécnica ao hospedeiro imóvel e cada vez mais estupefato.

— É a cidadã Verneuil — respondeu asperamente Corentin medindo o jovem com ciúme. — É uma *ci-devant*; que é que tu queres com ela?

O desconhecido, que trauteava uma canção republicana, ergueu a cabeça com altivez para Corentin. Os dois jovens se encararam, então, por um momento, como dois galos prestes a se baterem, e esse olhar fez germinar o ódio em ambos para sempre. Tanto quanto os olhos azuis do militar eram francos, os olhos verdes de Corentin anunciavam a malícia e a falsidade; um possuía maneiras nobres inatas, o outro não tinha senão maneiras insinuantes; um se erguia, outro se curvava; um impunha respeito, o outro procurava obtê-lo; um devia dizer: Conquistemos!, o outro: Partilhemos!

— O cidadão do Gua Saint-Cyr está aqui? — disse um camponês, entrando.

— Que queres tu? — respondeu o jovem, avançando.

O camponês saudou largamente e entregou uma carta que o jovem aluno lançou ao fogo, depois de tê-la lido; por toda resposta inclinou a cabeça e o homem partiu.

— Vens, sem dúvida, de Paris, cidadão — disse, então, Corentin, encaminhando-se para o estrangeiro, com certo desembaraço, com um ar condescendente e untuoso, que pareciam insuportáveis ao cidadão do Gua.

— Sim — respondeu secamente.

— E foste, sem dúvida, promovido a algum posto na Artilharia?

— Não, cidadão, na Marinha.

— Ah! Vais para Brest? — perguntou Corentin, num tom despreocupado.

Mas o jovem marinheiro voltou-se rapidamente, sem querer responder, e desmentiu logo as belas esperanças que sua figura tinha despertado na srta. de Verneuil. Ocupou-se do almoço com um estouvamento infantil, interrogou o cozinheiro e a hospedeira sobre receitas de quitutes, espantou-se dos hábitos da província, como parisiense arrancado do seu casulo encantado, manifestou repugnâncias de melindroso e mostrou, afinal, tanto menos caráter quanto mais tinham anunciado o seu rosto e suas maneiras. Corentin sorriu com piedade ao vê-lo fazer caretas quando experimentou a melhor sidra da Normandia.

— Safa! — exclamou ele — como vocês podem tragar isto? Há ali

dentro para beber e comer. A República tem muita razão de desconfiar de uma província onde se vindima com varadas e se fuzilam sorrateiramente os viajantes nas estradas. Não me vão pôr na mesa uma garrafa dessa xaropada, mas um bom vinho de Bordéus, branco e tinto. Vão ver, sobretudo, se há bom fogo lá em cima. Esta gente tem um ar de estar muito atrasada em matéria de civilização. Ah! — continuou, suspirando — não há senão Paris no mundo e é uma grande lástima que não possamos conduzi-la em viagem! Como, seu barbeiro — disse ele ao chefe da cozinha —, pões vinagre neste *fricassé* de frango, quando tens limões ali... Quanto à senhora, minha hospedeira, deu-me lençóis tão grossos que não pude pregar olhos durante a noite.

Depois começou a brincar com uma grossa bengala, executando com um cuidado pueril evoluções, cujas maiores ou menores perfeição e habilidade anunciavam o grau mais ou menos honroso que um jovem ocupava na classe dos Incríveis.

— É com peralvilhos assim — disse confidencialmente Corentin ao hospedeiro, espreitando o rosto do estrangeiro — que se pretende reerguer a Marinha da República?

— Aquele homem — dizia o jovem marujo à hospedeira — é algum espião de Fouché. Tem a polícia gravada no rosto, e juraria que a mancha que ele traz no queixo é da lama de Paris. Mas a bom gato, bom...

Nesse momento, uma senhora, para a qual o marujo se dirigiu com todas as mostras de um respeito aparente, entrou na cozinha.

— Minha querida mãezinha — disse-lhe ele —, está chegando? Creio ter na sua ausência recrutado convivas.

— Convivas — respondeu ela —, que loucura!

— É a srta. de Verneuil — retornou ele em voz baixa.

— Ela morreu no cadafalso, depois do caso de Savenay; viera a Mans para salvar o irmão, o príncipe de Loudon³¹ — disse-lhe bruscamente a mãe.

— Engana-se, senhora — observou com doçura Corentin, acentuando a palavra *senhora* —, há duas senhoritas de Verneuil, as grandes casas têm sempre vários ramos.

A estrangeira, surpreendida com essa familiaridade, recuou alguns passos, como para examinar o interlocutor imprevisto; pousou nele os olhos negros, cheios da viva sagacidade tão peculiar às mulheres, e pareceu investigar com que interesse aquele homem acabava de afirmar a existência da srta. de Verneuil. Enquanto isso, Corentin, que estudava a mulher, de soslaio, destituía-a de todos os prazeres da maternidade, para conceder-lhe os do amor; recusou galantemente a felicidade de ter um filho de vinte anos a uma mulher cuja pele fascinante, os supercílios arqueados, ainda bem densos, os cílios um pouco espaçados foram-lhe objeto de admiração, e cujos cabelos abundantes, separados em dois

bandós sobre a fronte, faziam sobressair a mocidade de uma cabeça espiritual. As leves pregas da testa, longe de anunciar os anos, traíam paixões jovens. Afinal, se os olhos penetrantes eram um pouco velados, não se sabia se essa alteração vinha da fadiga da viagem ou de uma muito frequente expressão de prazer. Finalmente, Corentin notou que a desconhecida estava envolvida num manto de fazenda inglesa e que a forma do chapéu, sem dúvida estrangeira, não pertencia a nenhuma das chamadas modas gregas que ainda regiam as *toilettes* parisienses. Corentin era uma dessas criaturas levadas pelo caráter a supor sempre o mal em lugar do bem e concebeu, assim, num instante, suas dúvidas sobre o civismo dos dois viajantes. Do seu lado, a mulher, que havia feito, com igual rapidez, suas observações sobre a pessoa de Corentin, voltou-se para o filho, com um ar significativo, fielmente traduzido nestas palavras: “Quem será esse extravagante? Será da nossa classe?”. A essa interrogação mental, o jovem marujo respondeu por uma atitude, um olhar e um gesto de mão, exprimindo: “Não sei, palavra, ele me é ainda mais suspeito do que à senhora”. Depois, deixando à mãe o cuidado de adivinhar semelhante mistério, voltou-se para a hospedeira, dizendo-lhe ao ouvido:

— Trate de saber quem é esse pândego, se ele acompanha efetivamente essa senhorita e por quê.

— Assim — disse a sra. do Gua, encarando Corentin — está certo, cidadão, de que a srta. de Verneuil existe?

— Existe tão certamente em carne e osso, *senhora*, quanto o cidadão do Gua Saint-Cyr.

A resposta encerrava uma profunda ironia, cujo segredo não era conhecido senão pela mulher, e qualquer outro que não fosse ela ficaria desconcertado. Seu filho encarou, de repente, Corentin, que tirava friamente o relógio, sem parecer duvidar da perturbação produzida por aquela resposta. A mulher, inquieta e curiosa de saber se a frase encobria uma perfídia, ou era somente efeito do acaso, disse a Corentin, com o ar mais natural do mundo:

— Meu Deus! Como as estradas estão pouco seguras! Fomos atacados, adiante de Mortagne, pelos *chouans*. Meu filho por pouco não ficou no lugar, recebeu duas balas no chapéu ao defender-me.

— Como, senhora, estava no correio que os bandidos roubaram e que acaba de conduzir-nos? Deve conhecer, então, o carro! Disseram-me, quando passei em Mortagne, que os *chouans* eram em número de dois mil no ataque à mala-posta e que todo mundo tinha perecido, mesmo o viajante. Eis como se escreve a história!

O tom basbaque em que falou Corentin, seu ar ingênuo fizeram-no assemelhar-se nesse momento a um frequentador da Pequena Provença³² reconhecendo com pena a falsidade de uma notícia política.

— Ai de mim, senhora! — continuou ele —, se se assassina os

viajantes tão perto de Paris, imagine como as estradas da Bretanha vão tornar-se perigosas. Palavra, vou regressar a Paris e desistir de ir mais longe.

— A srta. de Verneuil é bela e jovem? — perguntou a mulher, movida por uma ideia súbita e dirigindo-se à hospedeira.

Nesse momento, o dono da casa interrompeu a conversa, cujo interesse tinha qualquer coisa de cruel para as três personagens, anunciando que o almoço estava na mesa. O jovem marujo ofereceu o braço à mãe, com uma falsa familiaridade que veio confirmar as suspeitas de Corentin, ao qual disse em voz alta, dirigindo-se para a escada:

— Cidadão, se acompanhás a cidadã Verneuil e se ela aceita a proposta do hospedeiro, não te molestes...

Embora as palavras fossem pronunciadas num tom ligeiro e com pouco empenho, Corentin subiu. O jovem apertou vivamente a mão da dama e, quando se encontraram separados do parisiense por sete ou oito degraus:

— Eis — disse ele em voz baixa — a que perigos sem glória nos expõem tuas imprudentes surtidas. Se formos descobertos, como poderemos escapar? E que papel me fazes representar?

Os três chegaram a um quarto muito vasto. Não era preciso ter caminhado muito, no Oeste, para reconhecer que o hospedeiro havia prodigalizado, para receber seus hóspedes, todos os seus tesouros e um luxo pouco comum. A mesa tinha sido cuidadosamente servida. O calor de uma vasta lareira suprimira a umidade do apartamento. Afinal, a toalha, os assentos, a baixela não estavam muito sujos. Corentin percebeu que o dono da casa, para recorrermos a uma expressão popular, se virara para agradar os forasteiros.

“Logo”, disse ele consigo mesmo, “essa gente não é o que quer parecer. Esse homenzinho é astuto, eu o tomava por um tolo, mas agora o julgo tão fino quanto eu o possa ser.”

O jovem marujo, sua mãe e Corentin esperaram a srta. de Verneuil, que o hoteleiro tinha ido prevenir. O aluno da Escola Politécnica supôs que ela ia pôr dificuldades, saiu trauteando *Velemos pela salvação do Império* e dirigiu-se para o aposento da senhorita, dominado por um desejo picante de vencer-lhe os escrúpulos e trazê-la consigo. Talvez quisesse ele resolver-lhe as dúvidas que a agitavam ou talvez tentar exercer sobre a desconhecida o poder que todo homem tem a pretensão de exercer sobre uma mulher jovem.

“Se ali está um republicano”, disse Corentin com seus botões, vendo-o sair, “dou meu pescoço à força. Ele tem movimentos de ombros de gente da Corte. E se esta é sua mãe”, monologou ainda, encarando a sra. do Gua, “eu sou o papa. Tenho aqui *chouans*. Certifiquemo-nos de sua qualidade.”

A porta não tardou a se abrir e o jovem marujo apareceu, trazendo pela mão a srta. de Verneuil, a quem conduziu à mesa, com uma suficiência cheia de cortesia. A hora que acabava de decorrer não tinha sido perdida para o diabo. Auxiliada por Francine, a srta. de Verneuil apresentava uma *toilette* de viagem mais formidável ainda do que um adorno de baile. Sua simplicidade tinha a atração proveniente da arte com a qual uma mulher muito bela, para dispensar ornatos, sabe reduzir a *toilette* a um enfeite secundário. Trazia ela um vestido verde, cujo lindo corte, cujo corpete ornado de alamares desenhava-lhe as formas com uma afetação pouco conveniente para uma jovem, deixando ver-lhe o talhe esbelto, o dorso elegante e os graciosos movimentos. Entrou sorrindo com a amenidade natural às mulheres que podem mostrar, numa boca cor-de-rosa, dentes bem alinhados, de uma transparência de porcelana, e nas faces duas covinhas tão frescas quanto as de uma criança. Havendo deixado a mantilha que a tinha quase subtraído aos olhares do jovem marujo, pôde ela empregar, desembaraçadamente, os mil pequenos artifícios, tão ingênuos na aparência, com os quais uma mulher faz realçar e admirar todas as belezas e graças do seu rosto. Certo acordo entre suas maneiras e a *toilette* rejuvenesciam-na tão bem que a sra. do Gua se julgou liberal dando-lhe vinte anos. A faceirice da *toilette*, evidentemente feita para agradar, devia inspirar esperança ao jovem; mas a srta. de Verneuil saudou-o com uma frouxa inclinação de cabeça, sem encará-lo, e pareceu esquecê-lo com um alheamento brincalhão que o desconcertou. Esta reserva não anunciava, aos olhos dos forasteiros, nem precaução nem faceirice, mas uma indiferença natural ou fingida. A expressão cândida que a viajante soube dar ao rosto tornou-a impenetrável. Não deixou transparecer nenhuma premeditação de triunfo e pareceu dotada desses pequenos artifícios encantadores que seduzem e já haviam iludido o amor-próprio do jovem marujo. O desconhecido retornou assim ao seu lugar com uma espécie de despeito.

A srta. de Verneuil tomou Francine pela mão e, dirigindo-se à sra. do Gua:

— Minha senhora — disse-lhe com voz cariciosa —, quer ter a bondade de permitir que esta jovem, em quem vejo antes uma amiga do que uma criada, jante conosco? Nesta época tempestuosa, o devotamento não pode ser pago senão pelo coração, e, aliás, não é ele tudo o que nos resta?

A sra. do Gua respondeu à última frase, pronunciada em voz baixa, com uma semirreverência um tanto cerimoniosa que revelava o seu desapontamento de encontrar uma mulher tão linda. Depois, curvando-

se ao ouvido do filho:

— Oh! época tempestuosa, senhora, a criada — disse ela —, isto não deve ser a srta. de Verneuil, mas uma rapariga enviada por Fouché.

Os convivas iam sentar-se, quando a srta. de Verneuil percebeu Corentin, sempre a submeter a uma severa análise os dois desconhecidos, muito inquietos com seus olhares.

— Cidadão — disse-lhe ela —, és, sem dúvida, muito bem-educado para seguir assim meus passos. Enviando meus pais ao cadafalso, a República não teve a magnanimidade de me dar um tutor. Se, por uma galanteria cavalheiresca, inaudita, me acompanhas contra a minha vontade — e nesse ponto deixou escapar um suspiro —, estou decidida a não suportar mais que os cuidados protetores de que és tão pródigo cheguem a te constranger. Estou em segurança aqui, podes deixar-me. — Deitou-lhe um olhar fixo de desprezo e foi compreendida. Corentin reprimiu um sorriso que chegou quase a franzir-lhe os cantos dos lábios astutos e saudou-a de maneira respeitosa.

— Cidadã — disse-lhe ele —, será sempre para mim uma honra obedecer-lhe. A beleza é a única rainha a quem um republicano pode, de boa vontade, servir.

Vendo-o partir, os olhos da srta. de Verneuil brilharam de uma alegria tão ingênua, e ela encarou Francine com um sorriso de inteligência tão impregnado de felicidade que a sra. do Gua, tornada prudente ao tornar-se ciumenta, se sentiu disposta a abandonar as suspeitas que a perfeita beleza da srta. de Verneuil a fizera conceber.

— É talvez a srta. de Verneuil — disse ela ao ouvido do filho.

— E a escolta? — respondeu-lhe o jovem, cauteloso no seu despeito. — Será prisioneira ou protegida, amiga ou inimiga do governo?

A sra. do Gua piscou os olhos como para dizer que saberia bem esclarecer esse mistério. Entretanto, a partida de Corentin parecia temperar a desconfiança do marujo, cujo rosto perdeu a expressão severa, lançando ele à srta. de Verneuil um olhar em que se revelava um amor imoderado das mulheres e não o respeitoso ardor de uma paixão nascente. A moça não se tornou senão mais circunspecta, reservando suas palavras afetuosas para a sra. do Gua. O jovem, aborrecendo-se, sozinho ao seu lado, tentou, no seu amargo despeito, posar também à insensibilidade. A srta. de Verneuil não pareceu dar-se conta dessa manobra e mostrou-se simples sem timidez, reservada sem afetação. Esse encontro de pessoas que não pareciam destinadas a estabelecer ligações não despertou, pois, nenhuma simpatia bem viva. Houve mesmo um embaraço vulgar, um constrangimento a destruir todo o prazer que a srta. de Verneuil e o jovem marujo tinham prometido um momento antes. Mas as mulheres têm, entre elas, tão admirável tato das conveniências, liames tão íntimos ou tão vivos desejos de emoções, que sabem sempre romper a frieza nessas ocasiões. De repente, como

se as duas belas convivas tivessem o mesmo pensamento, puseram-se a brincar inocentemente com seu único cavalheiro, rivalizando em troças, em atenções e em cuidados para com ele. Um olhar ou uma palavra que, escapando numa situação de constrangimento, tem sempre o seu valor, tornavam-se agora insignificantes. Ao cabo de meia hora, as duas mulheres, já secretamente inimigas, pareceram tornar-se as melhores amigas do mundo. O jovem marujo surpreendeu-se então a maldizer a srta. de Verneuil tanto pela sua liberdade de espírito quanto o fizera pela sua reserva. De tão contrariado, chegava a lamentar, com uma cólera surda, haver partilhado do seu almoço com ela.

— Minha senhora — disse a srta. de Verneuil à sra. do Gua —, o senhor seu filho vive sempre triste assim, como neste momento?

— Senhorita — respondeu ele —, eu perguntava a mim mesmo para que serve uma felicidade que vai dissipar-se. O segredo de minha tristeza está na vivacidade do meu prazer.

— Eis aí madrigais — replicou ela, sorrindo — que cheiram mais à Corte do que à Escola Politécnica.

— Ele não fez mais do que exprimir um pensamento muito natural, senhorita — disse a sra. do Gua, a quem assistiam razões para domar a desconhecida.

— Então ria — retornou a srta. de Verneuil, sorrindo para o jovem. — Como será o senhor quando chora, se o que lhe apraz chamar felicidade o entristece assim?

Esse sorriso, acompanhado de um olhar agressivo que destruíra a harmonia daquela máscara de candura, devolveu um pouco de esperança ao marujo. Mas, inspirada pela sua natureza, que leva sempre a mulher a fazer muito ou muito pouco, a srta. de Verneuil pareceu logo apoderar-se do jovem com um olhar em que brilhavam as fecundas promessas do amor, e logo opunha ela às suas galantes expressões uma modéstia fria e severa; manobra vulgar sob a qual as mulheres escondem as verdadeiras emoções. Num momento, num só, em que cada um julgou encontrar no outro as pálpebras descidas, se comunicaram os seus verdadeiros pensamentos; mas mostraram-se tão prontos a velar os olhares, quanto o tinham sido a confundir a luz que lhes transtornou os corações, iluminando-os. A srta. de Verneuil, ansiosa por desenganar o desconhecido, fechou-se numa fria polidez e pareceu mesmo esperar o fim do repasto com impaciência.

— Senhorita, deve ter sofrido muito na prisão? — perguntou-lhe a sra. do Gua.

— Pobre de mim! senhora, parece-me que eu nunca a deixei.

— Sua escolta é destinada a protegê-la, senhorita, ou a vigiá-la? A senhorita é preciosa ou suspeita à República?

A srta. de Verneuil compreendeu intuitivamente que inspirava pouco interesse à sra. do Gua e se assustou com essa pergunta.

— Senhora — respondeu ela —, não sei precisamente qual é, neste momento, a natureza de minhas relações com a República.

— A senhorita a fará, talvez, tremer? — disse o jovem, com um pouco de ironia.

— Por que não respeitar os segredos da senhorita? — redarguiu a sra. do Gua.

— Oh! senhora, os segredos de uma jovem criatura que não conhece ainda da vida senão pesares não são lá muito curiosos.

— Mas — respondeu a sra. do Gua, para continuar uma conversa capaz de a informar sobre o que ela queria saber — o primeiro-cônsul parece ter intenções excelentes. Não vai ele, segundo dizem, cassar as leis contra os emigrados?

— É verdade, senhora — disse ela, com muita vivacidade, talvez —, mas, então, por que sublevamos a Vendeia e a Bretanha? Por que incendiar a França?...

Esse grito generoso, com o qual ela parecia fazer uma censura a si mesma, produziu um estremecimento no marujo. Encarou ele com a maior atenção a srta. de Verneuil, mas não pôde descobrir-lhe no rosto nem ódio nem amor. Aquela pele, cujo colorido revelava finura, era impenetrável. Uma curiosidade invencível prendeu-o logo à singular criatura, para a qual já tinha sido atraído por violentos desejos.

— Mas — disse ela, continuando, depois de uma pausa — a senhora vai a Mayenne?

— Sim, senhorita — respondeu o jovem, com um ar interrogatório.

— Pois bem, senhora — prosseguiu a srta. de Verneuil —, já que seu filho serve a República... — pronunciou estas palavras com um ar indiferente na aparência, mas já lançava sobre os dois desconhecidos um desses olhares furtivos que não pertencem senão às mulheres e aos diplomatas — devem temer os *chouans*; uma escolta não será para desdenhar. Tornamo-nos quase companheiros de viagem, venham conosco até Mayenne.

O filho e a mãe hesitaram, parecendo consultar-se reciprocamente.

— Não sei, senhorita — respondeu o jovem —, se será prudente confessar-lhe que interesses de alta importância exigem nossa presença esta noite nos arredores de Fougères e que não encontramos ainda meio de transporte; mas as mulheres são tão naturalmente generosas que eu sentiria vergonha de não me confiar à senhorita. Não obstante — continuou ele —, antes de nos colocarmos em suas mãos, pelo menos deveremos saber se delas poderemos sair sãos e salvos. É rainha ou escrava de sua escolta republicana? Desculpe a franqueza de um jovem marinheiro, mas não vejo, na sua situação, nada de muito natural...

— Vivemos num tempo, senhor, em que nada do que se passa é natural. Assim, pode aceitar sem escrúpulo o convite, esteja certo. Sobretudo não tem a temer nenhuma traição num oferecimento feito

com simplicidade por uma pessoa que não esposa, absolutamente, ódios políticos.

— A viagem, mesmo dessa maneira, não será sem perigo — voltou ele, pondo no olhar uma finura que dava espírito à resposta vulgar.

— Que teme, pois, ainda? — perguntou ela, com um sorriso galhofeiro — não vejo perigos para ninguém.

“A mulher que assim fala será a mesma cujo olhar atraía os meus desejos?”, dizia para si mesmo o jovem. “Que tom! Prepara-me ela alguma armadilha.”

Nesse momento, o grito nítido e cortante de uma coruja, que parecia trepada no alto da chaminé, se fez ouvir como uma advertência sombria.

— Que é isto? — disse a srta. de Verneuil. — Nossa viagem não começará sob presságios felizes. Mas como se pode encontrar aqui coruja, cantando em pleno dia? — perguntou ela, num gesto de surpresa.

— Isso pode acontecer por vezes — disse o jovem friamente. — Senhorita — voltou ele —, nós lhe daremos, talvez, azar. Não é esse o seu pensamento? Não viajemos, pois, juntos.

Essas palavras foram ditas com uma calma e uma reserva que surpreenderam a srta. de Verneuil.

— Senhor — disse ela, num tom de impertinência perfeitamente aristocrática —, estou longe de querer constrangê-lo. Guardemos o pouco de liberdade que nos deixa a República. Se o senhor estivesse só, eu insistiria...

Os passos pesados de um militar repercutiram no corredor e o comandante Hulot mostrou logo o rosto carrancudo.

— Venha aqui, meu coronel — disse sorrindo a srta. de Verneuil, indicando-lhe com a mão uma cadeira perto dela. — Ocupemo-nos, já que é preciso, dos negócios de Estado. Mas ria. Que tem o senhor? Há *chouans* por aqui?

O comandante ficara espantado com o aspecto do jovem desconhecido, a quem contemplava com singular atenção.

— Minha mãe, quer ainda um pouco de lebre? A senhorita não come? — dizia a Francine o marujo, ocupando-se dos convivas.

Mas a surpresa de Hulot e a atenção da srta. de Verneuil tinham qualquer coisa de cruelmente sério que seria perigoso ignorar.

— Que tens, comandante, será que me conheces? — retornou bruscamente o jovem.

— Talvez — respondeu o republicano.

— Realmente, creio te haver visto na Escola.

— Nunca estive na escola — replicou bruscamente o comandante.

— E de que escola sais tu?

— Da Escola Politécnica.

— Ah! ah! sim, dessa caserna, onde querem fazer militares nos dormitórios — respondeu o comandante, cuja aversão aos oficiais saídos dessa douta pepineira era irremovível. — Mas em que corpo serves?

— Na Marinha.

— Ah! — disse Hulot, rindo com malícia. — Conheces muitos alunos dessa escola na Marinha? Dali não saem — retornou, com um acento grave — senão oficiais de artilharia e do gênio.

O jovem não se desconcertou.

— Faço exceção por causa do nome que trago — respondeu. — Temos sido todos marinheiros em nossa família.

— Ah! — volveu Hulot — qual é pois o teu nome de família, cidadão?

— Do Gua Saint-Cyr.

— Não foste assassinado em Mortagne?

— Ah! Faltou bem pouco para isso — disse vivamente a sra. do Gua —, meu filho recebeu duas balas...

— Tens documentos? — disse Hulot, sem escutar a mãe.

— Será que o senhor quer lê-los? — perguntou impertinentemente o jovem marujo, cujos olhos azuis, cheios de malícia, estudavam, alternativamente, o rosto sombrio do comandante e o da srta. de Verneuil.

— Um calouro como tu quer-me embromar? Vamos, dá-me os teus documentos, senão, a caminho!

— Olá, lá, meu bravo, não sou nenhum idiota. Tenho obrigação de responder? Quem és tu?

— O comandante do departamento — declarou Hulot.

— Oh! Então o meu caso pode tornar-se grave, serei apanhado com armas na mão.

E estendeu um copo de vinho de Bordéus para o comandante.

— Não tenho sede — respondeu Hulot. — Vamos, vejamos os teus papéis.

Nesse momento, um barulho de armas e os passos de alguns soldados repercutiram na rua. Hulot aproximou-se da janela e tomou um ar satisfeito que fez tremer a srta. de Verneuil. Esse sinal de interesse reanimou o jovem, cujo rosto se tinha tornado frio e altivo. Depois de haver vasculhado o bolso do casaco, tirou de uma elegante carteira e estendeu ao comandante documentos que Hulot se pôs a ler, lentamente, comparando os sinais do passaporte com o rosto do viajante suspeito. Durante o exame, o grito da coruja recomeçou; mas, desta vez, não foi difícil distinguir-lhe o acento e as modulações de uma voz humana. O comandante devolveu os papéis ao jovem com um ar de galhofeiro:

— Tudo isso é belo e bom — disse-lhe —, mas é preciso seguir-me ao distrito. Não gosto de música, sabe?

— Por que o leva o senhor ao distrito? — perguntou a srta. de Verneuil, com voz alterada.

— Minha damazinha — respondeu o comandante, fazendo sua careta habitual —, isso não lhe diz respeito.

Irritada com o tom e a expressão do velho militar, e mais ainda com a espécie de humilhação sofrida ante um homem a quem agradava, a srta. de Verneuil ergueu-se, desfez-se, de um momento para outro, da atitude de candura e modéstia que vinha mantendo até ali, sua tez animou-se e os olhos brilharam.

— Diga-me, esse jovem não satisfaz tudo o que exige a lei? — exclamou devagar, mas com uma espécie de tremor na voz.

— Aparentemente — respondeu-lhe, com ironia, Hulot.

— Pois bem, acho que o senhor deve deixá-lo *aparentemente* tranquilo — retornou ela. — Tem medo que ele lhe escape? Vai escotá-lo comigo até Mayenne na mala-posta, com a senhora sua mãe. Nada de observações, eu o quero. Então? Que há? — continuou, vendo Hulot, que se permitia uma caretazinha. — Julga-o ainda suspeito?

— Um bocadinho, apenas.

— Que quer, pois, fazer?

— Nada, senão refrescar-lhe a cabeça com um pouco de chumbo. É um estouvado — declarou o comandante com ironia.

— Está brincando, coronel? — exclamou a srta. de Verneuil.

— Vamos, camarada — disse o comandante, fazendo um sinal com a cabeça ao marujo. — Vamos, andemos!

A esta impertinência de Hulot a srta. de Verneuil tornou-se calma e sorriu.

— Não se mexa — disse ao jovem, protegendo-o com um gesto cheio de dignidade.

— Oh! Que linda! — disse o marujo ao ouvido da mãe, que engelhava o sobrolho.

O despeito e mil sentimentos irritados, mas reprimidos, deram, então, novos encantos no rosto da parisiense. Francine, a sra. do Gua, seu filho, tinham-se todos erguido. A srta. de Verneuil colocou-se, vivamente, entre eles e o comandante, que sorria, e desfez, lestando, dois alamares do casaco. Depois, agindo com essa cegueira de que as mulheres são dominadas, quando se lhes atinge fortemente o amor-próprio, mas lisonjeada e impaciente para exercer o poder como uma criança ao experimentar o novo brinquedo que lhe deram, apresentou, vivamente, ao comandante, uma carta aberta.

— Leia — disse-lhe ela, com um sorriso sardônico.

E voltou-se para o jovem, a quem, na embriaguez do triunfo, lançou um olhar em que a malícia se mesclava a uma expressão amorosa. Em ambos, as fronte desanuviaram, a alegria coloriu-lhes os rostos agitados e mil pensamentos contraditórios se ergueram das duas

almas. Num único olhar, a sra. do Gua julgou atribuir bem mais ao amor do que à caridade o gesto generoso da srta. de Verneuil, e certamente tinha razão. A linda viajante enrubesceu, primeiro, e abaixou modestamente as pálpebras, adivinhando tudo o que dissera aquele olhar de mulher. Ante a ameaçadora acusação, ergueu, porém, a cabeça e desafiou todos os olhares. O comandante, petrificado, devolveu a carta referendada pelos ministros e que compelia todas as autoridades a obedecerem as ordens daquela misteriosa criatura; mas tirou logo a espada da bainha e, tomando-a nas mãos, quebrou-a sobre os joelhos, atirando longe os pedaços.

— A senhorita sabe muito bem o que tem a fazer; mas um republicano tem suas ideias e seu orgulho — disse ele. — Não sei servir onde as meninas mandam; o primeiro-cônsul terá esta tarde minha demissão, e outros, que não Hulot, lhe obedecerão. Onde não compreendo, costumo parar, sobretudo quando me abstenho de compreender.

Houve um momento de silêncio; mas foi logo rompido pela jovem parisiense, a caminhar para o comandante e a estender-lhe a mão, dizendo-lhe:

— Coronel, embora sua barba seja um pouco comprida, pode beijar-me, o senhor é um homem.

— E me orgulho disso, senhorita — disse-lhe, depositando, muito desajeitadamente, um beijo na mão daquela singular mulher.

— Quanto a ti, camarada — acrescentou, ameaçando com o dedo o jovem —, acabas de sair-te de uma boa!

— Meu comandante — replicou, rindo, o desconhecido —, é tempo de acabar com a brincadeira, e se quiseres vou seguir-te até o distrito.

— E virás com teu assobiador invisível, Pé-de-poeira...

— Que Pé-de-poeira? — perguntou o marujo, com todos os indícios de uma verdadeira surpresa.

— Não assobiaram há pouco?

— Mas então — retornou o forasteiro — que há de comum entre mim e esse assobio? Julguei que os soldados que comandavas, para me prender, sem dúvida, te preveniam assim da sua chegada.

— Na verdade, julgaste isso?

— Pois sim, meu Deus! Mas bebe o teu copo de vinho de Bordéus, está delicioso.

Surpreendido com o espanto natural do marujo, a inacreditável desenvoltura de suas maneiras, a mocidade do seu rosto, tornando-lhe quase infantis os cachos dos cabelos louros, cuidadosamente frisados, o comandante hesitava entre mil suspeitas. Notando a sra. do Gua, que procurava surpreender o segredo dos olhares do filho à srta. de Verneuil, perguntou-lhe bruscamente:

— Sua idade, cidadã?

— Ai de mim, senhor oficial, as leis da nossa República se tornam muito cruéis. Tenho trinta e oito anos.

— Ainda que me tivessem de fuzilar eu não acreditava em nada disso. Pé-de-poeira está aqui, acaba de assobiar e vocês são *chouans* disfarçados. Raios o partam, vou mandar cercar toda a hospedaria e dar-lhe uma busca.

Nesse momento, um silvo irregular, muito semelhante aos que tinham sido ouvidos e partindo do pátio da hospedaria, cortou a palavra do comandante; precipitou-se ele muito oportunamente pelo corredor e não percebeu a palidez despertada por suas palavras no rosto da sra. do Gua. Hulot, vendo no autor do silvo um postilhão que atrelava os cavalos na mala-posta, deixou de lado as suspeitas, tanto lhe pareceu ridículo aventurarem-se *chouans* a virem ali, em meio da cidade de Alençon, e retornou confuso.

— Perdoo-lhe, mas mais tarde ele pagará caro o momento que nos faz passar aqui — disse gravemente a mãe ao ouvido do filho, no instante em que Hulot voltava ao aposento.

O bravo oficial traduzia no embaraço do semblante a expressão da luta que a severidade dos deveres travava no seu coração com sua bondade natural. Conservou o ar encabulado, talvez porque acreditava então ter-se enganado; mas tomou do copo de vinho de Bordéus e disse:

— Camarada, desculpa-me, mas tua Escola envia para o Exército oficiais muito jovens...

— Os bandidos não os têm mais jovens ainda? — perguntou, rindo, o pretenso marujo.

— Por quem toma o senhor o meu filho? — voltou a sra. do Gua.

— Pelo Gars, o chefe enviado aos *chouans* e aos da Vendaia pelo gabinete de Londres, e chamado, como creio, marquês de Montauran.

O comandante pesquisou ainda, atentamente, o rosto dessas duas personagens suspeitas, que se encaravam com a singular expressão de fisionomia tomada sucessivamente por dois ignorantes e que pode ser traduzida pelo seguinte diálogo:

“Conheces isso?” “Não. E tu?” “Absolutamente.” “Que é que ele nos diz?” “Está sonhando.”

Depois, o riso chocarreiro e insultante da estupidez, quando julga triunfar.

A súbita alteração de maneiras e o torpor de Maria de Verneuil, quando ouviu pronunciar o nome do general realista, não foram sentidos senão por Francine, a única pessoa pela qual eram conhecidas as imperceptíveis nuances daquele rosto jovem. Inteiramente derrotado, o comandante apanhou os dois pedaços da espada, contemplou a srta. de Verneuil, cuja expressão calorosa tinha o segredo de comover-lhe o coração, e disse-lhe:

— Quanto à senhorita, não me desdijo, e amanhã os despojos de

minha espada chegarão a Bonaparte, a menos que...

— Ah! E que me importa Bonaparte, sua República, os *chouans*, o rei, o Gars? — exclamou ela, reprimindo mal um arrebatamento de mau gosto.

Caprichos desconhecidos ou a paixão davam-lhe ao rosto cores brilhantes; e via-se que o mundo inteiro devia nada mais ser para ela, no momento em que distinguia uma criatura; mas, de repente, retornou a uma calma forçada, vendo-se, como um ator sublime, objeto dos olhares de todos os espectadores. O comandante ergueu-se bruscamente. Inquieta e agitada, a srta. de Verneuil seguiu-o, deteve-o no corredor e perguntou-lhe em tom solene:

— O senhor tem fortes razões para supor ser esse jovem o Gars?

— Raios que o partam, senhorita, o infante que a acompanha veio prevenir-me de que os viajantes e o correio tinham sido assassinados pelos *chouans*, o que eu sabia; mas o que não sabia eram os nomes dos viajantes mortos, e eles se chamavam cidadã e cidadão do Gua Saint-Cyr!

— Ah! Se há Corentin no meio dessa história, já não me espanto de mais nada — exclamou ela, com um movimento de enfado.

O comandante afastou-se, sem ousar encarar a srta. de Verneuil, cuja perigosa beleza já lhe perturbava o coração.

“Se eu ficasse ali mais dois minutos, cometeria a tolice de retomar minha espada para escoltá-la”, dizia ele, descendo a escada.

Vendo o jovem com os olhos pregados na porta por onde a srta. de Verneuil tinha desaparecido, a sra. do Gua disse-lhe ao ouvido:

— Sempre o mesmo! Não perecerás senão por uma mulher! Uma boneca te faz esquecer tudo. Por que toleraste que ela almoçasse conosco? Quem há de ser uma srta. de Verneuil, pronta a aceitar o jantar de pessoas desconhecidas, escoltada pelos Azuis e que os desarma com uma carta guardada em reserva como um bilhete de amor, no seu casaco? É uma dessas más criaturas, com o auxílio das quais Fouché quer apoderar-se de ti, e a carta por ela apresentada lhe foi dada para requisitar Azuis contra ti.

— Oh! senhora — respondeu o jovem, num tom acre que feriu o coração da mulher e a fez empalidecer. — A generosidade dela desmente a sua suposição. Lembre-se de que somente o interesse do rei nos une. Depois de haver tido Charette³³ aos seus pés, o universo não se terá tornado vazio para a senhora? Já não vive mais para vingá-lo?

A dama quedou-se pensativa e de pé, como um homem que da praia contempla o naufrágio de seus tesouros e não cobiça, senão com mais ardor, a fortuna perdida. A srta. de Verneuil retornou, o jovem marujo trocou com ela um sorriso e um olhar impregnado de doce zombaria. Por incerto que lhe parecesse o futuro, por efêmera que fosse a união de ambos, as profecias dessa esperança não eram senão mais cariciosas.

Embora rápido, aquele olhar não pôde escapar ao olho sagaz da sra. do Gua, que o compreendeu; sua fronte se contraiu logo, ligeiramente, e sua fisionomia não pôde esconder de todo os pensamentos suscitados pelo ciúme. Francine observava a mulher; viu-lhe os olhos a brilhar, as faces se animarem, e julgou perceber um espírito infernal a trabalhar aquele rosto, presa de uma revolução terrível. Mas o relâmpago não é mais vivo nem a morte mais pronta do que foi aquela expressão passageira; a sra. do Gua tomou seu ar divertido com tal aprumo que Francine julgou sonhar. Não obstante, reconhecendo naquela mulher uma violência pelo menos igual à da srta. de Verneuil, estremeceu, prevendo os terríveis choques que deviam sobrevir entre dois espíritos dessa têmpera, e sentiu um calafrio quando viu a srta. de Verneuil dirigindo-se para o jovem oficial lançando-lhe um desses olhares apaixonados que embriagam, tomando-lhe as mãos e conduzindo-o ao claro com um gesto de galanteria, cheio de malícia.

— Agora, confesse-me — disse-lhe ela, procurando ler nos seus olhos —; não é o cidadão do Gua Saint-Cyr.

— Sim, senhorita.

— Mas sua mãe e ele foram mortos anteontem.

— Estou desolado com isso — respondeu o rapaz, rindo. — Como quer que seja, não devo menos uma obrigação àquela que terá sempre o meu grande reconhecimento, e queria estar em condições de demonstrá-lo.

— Acreditei ter salvo um emigrado, mas amo-o melhor assim, republicano.

A essas palavras, escapadas dos seus lábios como por estouvamento, tornou-se ela confusa; os olhos pareceram-se avermelhar e não houve mais na sua postura senão uma deliciosa ingenuidade de sentimento; abandonou frouxamente as mãos do oficial, impelida não pela vergonha de tê-las apertado, mas por um pensamento muito pesado para trazê-lo no coração, e deixou-o tonto de esperança. De repente, pareceu zangada apenas consigo mesma por essa liberdade autorizada talvez por suas fugitivas aventuras de viagem; retomou sua atitude convencional, saudou os dois companheiros de viagem e desapareceu com Francine. Chegando ao quarto, Francine cruzou os dedos, voltou as palmas das mãos torcendo os braços e contemplou a ama, dizendo-lhe:

— Ah! Maria, quantas coisas em tão pouco tempo? Não há senão a senhorita para criar essas histórias!

A srta. de Verneuil saltou e atirou-se ao pescoço de Francine.

— Ah! Eis a vida, estou no céu!

— No inferno, talvez! — replicou Francine.

— Oh! Vá que seja o inferno! — voltou a srta. de Verneuil, com alegria. — Olha, dá-me tua mão. Repara meu coração como bate. Estou febril. O mundo inteiro é agora tão pouca coisa! Quantas vezes vi esse

homem nos meus sonhos! Oh! Como sua cabeça é bela e que olhar brilhante!

— E ele a amará? — perguntou com voz fraca e ingênua a camponesa simples, cujo rosto se impregnava de melancolia.

— Tu o perguntas? — respondeu a srta. de Verneuil. — Mas dize, então, Francine — acrescentou, mostrando-se à criada numa atitude meio séria, meio cômica —, seria difícil?

— Sim, mas ele a amará sempre? — prosseguiu Francine, sorrindo.

Encararam-se um momento, como espantadas: Francine, de revelar tanta experiência; Maria, de perceber, pela primeira vez, um futuro de felicidade na paixão; por isso permaneceu ela como curvada sobre um precipício, do qual queria sondar a profundidade, aguardando o barulho de uma pedra lançada, a princípio, com negligência.

— Ah! isto é comigo — disse ela, deixando escapar o gesto de um jogador em desespero. — Não lamentarei jamais uma mulher traída; ela não deve acusar senão a si mesma do seu abandono. Saberei bem conservar, viva ou morta, o homem cujo coração me tiver pertencido. Mas — disse com surpresa, após um momento de silêncio — de onde te vem tanta ciência, Francine?

— Senhorita — respondeu vivamente a camponesa —, ouço passos no corredor.

— Ah! — disse ela, escutando — não é *ele*! Mas — continuou — eis como tu respondes! Compreendo-te: esperar-te-ei ou adivinhar-te-ei.

Francine tinha razão. Três batidas na porta interromperam a conversa. O capitão Merle mostrou-se logo, depois de ter ouvido o convite para entrar, pronunciado pela srta. de Verneuil.

V

Fazendo uma saudação militar à senhorita, o capitão aventurou-se a lançar-lhe um olhar e, maravilhado por semelhante beleza, não encontrou outra coisa para dizer-lhe senão:

— Senhorita estou às suas ordens.

— O senhor se tornou, pois, o meu protetor pela demissão do seu chefe de meia-brigada. Seu regimento não se chama assim?

— Meu superior é o ajudante-major Gérard; é quem me envia.

— O seu comandante tem, então, muito medo de mim?

— Queira desculpar, senhorita, Hulot não tem medo; mas isso de mulheres, está vendo, não é com ele; e ficou irritado de encontrar o seu general com touca de dormir.

— Entretanto — voltou a srta. de Verneuil —, seu dever era obedecer aos superiores. Aprecio a submissão, estou prevenindo-o, e não quero que me resistam.

— Seria difícil — respondeu Merle.

— Confabulemos — retornou a srta. de Verneuil. — O senhor tem aqui tropas novas, elas me acompanharão a Mayenne, onde posso chegar esta tarde. Encontraremos ali novos soldados, para continuar a jornada sem parar? Os *chouans* ignoram nossa pequena expedição. Viajando assim, de noite, seria muita infelicidade se os encontrássemos em grande número para atacar-nos. Vamos, diga, acredita que tal seja possível?

— Sim, senhorita.

— Como é o caminho de Mayenne a Fougères?

— Rude. É preciso sempre subir e descer, um verdadeiro país para esquilos.

— Partamos, partamos — exclamou a moça —, e, como não temos perigos a recear ao sair de Alençon, pode ir na frente; nós o alcançaremos logo.

“Dir-se-ia ter ela dez anos de oficialato”, murmurou Merle, saindo. “Hulot engana-se, essa jovem não é das que fazem renda com um leito de plumas. Ah! Mil cartuchos! Se o capitão Merle quiser tornar-se ajudante-major não o aconselho a tomar são Miguel pelo diabo.”

Durante a conferência da srta. de Verneuil com o capitão, Francine saíra com a intenção de examinar, por uma janela do corredor, um ponto do pátio, para o qual uma irresistível curiosidade a arrastava desde a sua chegada àquela casa. Contemplava a palha da estrebaria com uma atenção tão profunda que se poderia julgá-la em oração ante uma virgem milagrosa. Logo percebeu ela a sra. do Gua, dirigindo-se para Pé-de-poeira com as precauções de um gato que não quer molhar as patas. Vendo a mulher, o *chouan* ergueu-se e guardou, diante dela, atitude do mais profundo respeito. Essa estranha circunstância despertou a curiosidade de Francine, que avançou pelo pátio, escorregando ao longo das paredes, de maneira a não ser vista pela sra. do Gua, e tratou de esconder-se por detrás da porta da estrebaria; caminhou nas pontas dos pés, prendeu a respiração, evitou fazer o mínimo ruído e conseguiu colocar-se perto de Pé-de-poeira, sem despertar-lhe a atenção.

— E se, depois de todas essas informações — dizia a desconhecida ao *chouan* —, não for esse o seu nome, atirará sem piedade, como numa cadela raivosa.

— Entendido — respondeu Pé-de-poeira.

A dama afastou-se. O *chouan* repôs o boné de lã vermelha na cabeça, permaneceu de pé e coçou a orelha, à maneira das pessoas embaraçadas, quando viu Francine aparecer-lhe como num golpe de magia.

— Sant’Ana de Auray! — exclamou ele.

Num instante deixou cair o chicote, juntou as mãos e permaneceu em êxtase. Um fraco rubor iluminou-lhe o rosto grosseiro e os olhos

brilharam como diamantes perdidos no lodo. — Será mesmo a moça de Cottin? — disse, com voz tão surda que só ele poderia ouvi-la. — Você está *godaine*! — retornou depois de uma pausa.

Essa palavra muito bizarra de *godain*, *godaine* é um superlativo do dialeto daquela região, servindo aos amorosos para exprimir o acordo de uma rica *toilette* e da beleza.

— Não ousaria tocá-la — acrescentou Pé-de-poeira, avançando, não obstante, a larga mão para Francine, como se desejasse assegurar-se do peso de uma grossa corrente de ouro, que, dando-lhe volta ao pescoço, descia até próximo ao regaço.

— E faria bem, Pedro — respondeu Francine, inspirada por esse instinto de mulher que a torna déspota quando não é oprimida. Recuou com altivez, depois de ter gozado a surpresa do *chouan*; mas compensou a dureza de suas palavras com um olhar cheio de doçura, aproximando-se dele. — Pedro — retornou ela —, aquela mulher te falava da jovem senhorita a quem sirvo? Não é?

Pé-de-poeira permaneceu mudo e no seu rosto lutavam, como na aurora, as trevas e a luz. Olhou, sucessivamente, Francine, o grosso chicote que havia deixado cair e a corrente de ouro, que parecia exercer sobre ele seduções tão poderosas como o rosto da bretã; depois, para pôr um termo à inquietude, ergueu o chicote e guardou silêncio.

— Oh! Não é difícil adivinhar que essa senhora te mandou matar minha ama — volveu Francine, conhecendo a discrição fiel do rapaz e querendo dissipar-lhe os escrúpulos.

Pé-de-poeira abaixou a cabeça de maneira significativa; e para a moça de Cottin isso foi uma resposta.

— Pois bem, Pedro, se lhe acontecer o menor dano, se um só cabelo de sua cabeça for arrancado, nós nos estaremos vendo aqui pela última vez e para a eternidade, porque eu irei para o paraíso, e tu para o inferno.

O possesso que a Igreja costumava, outrora, exorcizar, com grande pompa, não estaria mais agitado do que Pé-de-poeira, ante aquela predição, pronunciada com uma crença que lhe dava uma espécie de certeza. Seus olhares, a princípio impregnados de uma ternura selvagem, depois trabalhados pelos deveres de um fanatismo tão exigente quanto o do amor, tornaram-se, de repente, ferozes, quando ele percebeu o ar imperioso da inocente amante por quem outrora se apaixonara. Francine interpretou o silêncio do *chouan* à sua maneira.

— Não queres, pois, fazer nada por mim? — disse-lhe, num tom de censura.

A essas palavras, o *chouan* lançou sobre a amante um olhar tão negro quanto a asa do corvo.

— És livre? — perguntou, num grunhido que só Francine poderia perceber.

— Estaria lá?... — respondeu ela, com indignação. — Mas tu, que fazes aqui? Tu, *chouan*, ainda corres pelos caminhos, como um animal furioso, à procura de alguém para morder. Oh! Pedro, se fosses sensato, virias comigo. Essa linda senhorita, em criança amamentada entre nossa gente, soube proteger-me. Tenho hoje duzentas libras de boas rendas. Enfim, a senhorita comprou-me por quinhentos escudos o casarão de meu tio Tomás e possuo duas mil libras de economia.

Mas seus sorrisos e a enumeração desses tesouros foram inúteis ante a impenetrável expressão de Pé-de-poeira.

— Os reitores mandaram-nos guerrear — respondeu ele. — Cada Azul posto por terra vale uma indulgência!

— Mas os Azuis te matarão, talvez.

O *chouan* respondeu abanando os braços como quem lamenta a modicidade da oferta feita a Deus e ao rei.

— E que acontecerá comigo? — perguntou dolorosamente a jovem.

Pé-de-poeira olhou Francine com um ar estúpido; seus olhos pareceram crescer e deles se desprenderam duas lágrimas, que lhe rolaram paralelamente pelas faces hirsutas, indo cair na pele de cabra com que se cobria, e um surdo gemido saiu-lhe do peito.

— Sant'Ana de Auray!... Pedro, eis, pois, tudo o que me tens a dizer, depois de uma separação de sete anos. Mudaste muito.

— Continuo a amar-te como sempre — respondeu o *chouan* com voz brusca.

— Não — disse-lhe ela à orelha —, o rei passa na minha frente.

— Se me olhas assim — retornou o *chouan* —, vou-me embora.

— Pois bem, adeus — disse ela, num tom triste.

— Adeus — repetiu Pé-de-poeira.

Tomou a mão de Francine, apertou-a, beijou-a, fez um sinal da cruz e desapareceu na estrebaria, como um cão que acaba de tirar furtivamente um osso.

— Furta-pão — disse ao camarada —, não enxergo nada aqui. Tens a tua *chinchire*?

— Oh! Por Deus!... a linda corrente — respondeu Furta-pão esquadrinhando num bolso aberto por baixo de sua pele de cabra.

Estendeu a Pé-de-poeira aquele conezinho em forma de chifre de boi no qual os bretões costumam guardar o tabaco fino, que eles próprios pulverizam, durante as longas noites de inverno. O *chouan* levantou o polegar, de maneira a formar no punho esquerdo essa cavidade com que os inválidos costumam medir suas doses de tabaco, e sacudiu fortemente a *chinchire*, cuja ponta tinha sido desparafusada por Furta-pão. Uma poeira impalpável caiu, lentamente, pelo buraquinho em que terminava o cone desse utensílio bretão. Pé-de-poeira começou, sete ou oito vezes, essa manobra silenciosa, como se o pó tivesse o poder de transformar a natureza dos seus pensamentos.

De súbito, fez um gesto desesperado, atirou a *chinchoire* a Furta-pão e apanhou uma carabina oculta na palha.

— Sete ou oito pitadas, assim, em seguida, não valem coisa alguma — disse o avarento Furta-pão.

— A caminho — gritou Pé-de-poeira com voz rouca. — Temos o que fazer.

Uns trinta *chouans* que dormiam debaixo da manjedoura, na palha, ergueram a cabeça, viram Pé-de-poeira de pé e desapareceram logo por uma porta que dava para os jardins e por onde se podia ganhar o campo. Quando Francine saiu da cocheira, encontrou a mala-posta pronta para partir. A srta. de Verneuil e os dois companheiros de viagem já tinham subido. A bretã estremeceu, vendo a patroa no fundo do carro ao lado da mulher que acabava de ordenar-lhe a morte. O suspeito colocou-se na frente de Maria e, logo que Francine se acomodou, o pesado veículo partiu em boa marcha.

O sol tinha dissipado as nuvens cinzentas do outono e seus raios animavam a melancolia dos campos emprestando-lhes certo ar de festa e juventude. Muitos amantes costumam encarar essas coincidências da natureza como presságios. Francine ficou estranhamente surpreendida com o silêncio que reinou, a princípio, entre os viajantes. A srta. de Verneuil tinha retomado seu ar frio e conservava os olhos baixos, a cabeça levemente inclinada e as mãos ocultas numa espécie de manta, na qual as envolvera. Se ergueu os olhos, foi para ver as paisagens que fugiam rapidamente. Certa de ser admirada, recusava-se à admiração; mas sua aparência tranquila deixava transparecer mais coqueteria do que candura. A tocante pureza que dá tanta harmonia às diversas expressões pelas quais se revelam as almas fracas parecia não poder emprestar seu encanto a uma criatura que suas vivas impressões destinavam às tempestades do amor. Presa do prazer resultante do início de uma intriga, o desconhecido não procurava ainda explicar a discordância existente entre a coqueteria e a exaltação dessa jovem tão singular. Essa candura representada não lhe permitia contemplar à vontade um rosto embelezado pela calma, tanto quanto acabava de sê-lo pela agitação. Não costumamos denunciar a origem de nossos prazeres.

É difícil para uma moça subtrair-se, num veículo, aos olhares dos companheiros de viagem, voltados para ela como à procura de mais uma distração na monotonia do percurso. Assim, extraordinariamente feliz por poder satisfazer a avidez de sua paixão nascente, sem que a desconhecida lhe evitasse o olhar e se ofendesse com a persistência do mesmo, o jovem oficial deliciou-se em estudar as linhas puras e brilhantes desenhadas pelos contornos daquele rosto. Foi para ele como se estivesse a contemplar um quadro. Ora a luz do dia fazia ressaltar a transparência rósea das narinas e o duplo arco que unia o

nariz ao lábio superior; ora um pálido raio de sol iluminava as nuances da tez, nacaradas sob os olhos e em torno da boca, róseas sobre os lábios, embaciadas nas têmporas e no pescoço. Admirou o jogo de claro-escuro produzido pelos cabelos, cujos novelos negros lhe envolviam o rosto, imprimindo-lhe uma graça efêmera; pois tudo é fugitivo na mulher! Sua beleza de hoje já não é, frequentemente, a de amanhã, para sua felicidade, talvez! Ainda na idade em que o homem pode desfrutar desses nada que constituem todo amor, o marujo aguardava cheio de felicidade o movimento repetido das pálpebras e os movimentos sedutores produzidos pela respiração no busto. Por vezes, ao sabor dos seus pensamentos, descobria um acordo entre a expressão dos olhos e a imperceptível inflexão dos lábios. Cada gesto revelava-lhe uma alma, cada movimento uma nova face daquela jovem. Se algumas ideias vinham agitar-lhe os traços móveis; se algum súbito rubor neles se infundia; se o sorriso dela irradiava a vida, saboreava ele mil delícias, procurando adivinhar os segredos daquela mulher misteriosa. Tudo era uma armadilha para a alma, uma armadilha para os sentidos. Afinal, o silêncio, longe de erguer obstáculos ao entendimento dos corações, tornava-se um traço de união comum aos pensamentos. As várias vezes em que seus olhos se cruzaram com os da estrangeira fizeram-na saber que tal silêncio ia comprometê-la; dirigiu ela então à sra. do Gua algumas das perguntas insignificantes que preludiam as conversas, mas não conseguiu evitar uma alusão ao filho.

— Como pôde a senhora decidir-se a colocar o senhor seu filho na Marinha? Não seria condenar-se a perpétuas inquietações?

— Senhorita, o destino das mulheres, das mães, quero dizer, é sempre o de temer pelos seus mais caros tesouros.

— O cavalheiro parece-se muito com a senhora.

— Acha, senhorita?

Essa inocente *legitimação* da idade que a sra. do Gua assumira fez sorrir o jovem e inspirou na pretensa mãe um novo despeito. O ódio dessa mulher crescia a cada olhar apaixonado lançado pelo filho a Maria. O silêncio, a conversa, tudo lhe acendia uma raiva terrível, disfarçada nas maneiras mais afetuosas.

— Senhorita — disse então o desconhecido —, creia-me que está errada. Os marinheiros não se encontram mais expostos ao perigo do que os outros militares. As mulheres não deviam odiar a Marinha; não temos nós sobre as tropas de terra a imensa vantagem de permanecermos fiéis àquelas que amamos?

— Oh! Por força — respondeu rindo a srta. de Verneuil.

— É sempre fidelidade — replicou a sra. do Gua, num tom quase sombrio.

A conversa animou-se, enveredando por assuntos que não eram interessantes senão para os três viajantes; porque, em tais

circunstâncias, as pessoas de espírito dão às banalidades significações novas; mas o entretenimento, frívolo na aparência, pelo qual esses desconhecidos se puseram a interrogar-se mutuamente, escondia os desejos, as paixões e as esperanças que os agitavam. A finura e a malícia de Maria, em constante vigilância, mostraram à sra. do Gua que somente a calúnia e a traição poderiam triunfar de uma rival tão temível pelo espírito quanto pela beleza.

Os viajantes alcançaram a escolta e o carro passou a correr menos rapidamente. O jovem marinheiro, vendo que tinham de descer para a subida de uma encosta, propôs à srta. de Verneuil um passeio. A gentileza, a afetuosa polidez do jovem pareceram decidir a parisiense e o seu consentimento lisonjeou-o.

— Concorda conosco? — perguntou ela à sra. do Gua. — Quer também passear um pouco?

— Que faceira! — disse a dama, descendo do carro.

Maria e o desconhecido caminharam lado a lado, mas separados. O marujo, já preso de violentos desejos, mostrou-se cioso de vencer a reserva que lhe opunham e pela qual não se deixava embair. Imaginou a possibilidade de obter êxito, brincando com a desconhecida no tom dessa amabilidade francesa, desse espírito por vezes leve por vezes sério, sempre cavalheiresco, frequentemente zombeteiro, que distinguia os homens notáveis da aristocracia exilada. Mas a risonha parisiense replicou tão maliciosamente ao jovem republicano, soube censurar-lhe as intenções de frivolidade de maneira tão desdenhosa, voltando-se, de preferência, para as ideias fortes e a exaltação que transpareciam — embora ele procurasse impedi-lo — nas suas palavras, que adivinhou ele facilmente o segredo de agradar-lhe. A conversa mudou, assim, de tom. O estrangeiro realizou desde então as esperanças que lhe davam seu rosto expressivo. De momento a momento, experimentava novas dificuldades, querendo apreciar bem a sereia pela qual se sentia cada vez mais caído e viu-se forçado a suspender os juízos sobre uma moça que se divertia em anular todos eles. Depois de seduzido pela contemplação da beleza, via-se arrastado para essa alma desconhecida por uma curiosidade que Maria se aprazia em excitar. A palestra tomou, insensivelmente, um caráter de intimidade bastante alheio ao tom de indiferença que a srta. Verneuil se esforçou por imprimir-lhe, sem consegui-lo.

Embora a sra. do Gua tivesse seguido os dois amorosos, haviam eles caminhado mais depressa, encontrando-se logo separados por cerca de cem passos. Aqueles dois seres encantadores calcavam a areia da estrada, levados pelo encanto infantil de fundir a leve repercussão dos passos, felizes por se verem envolvidos pelo mesmo raio de luz que parecia pertencer ao sol da primavera e respirar juntos os perfumes do outono, carregados de tantos despojos vegetais que se assemelham por

isso a um alimento trazido pelo ar à melancolia do amor nascente. Ainda que não parecessem ver mais do que uma aventura comum naquela união momentânea, o céu, o sítio, a estação comunicavam-lhes aos sentimentos um matiz de gravidade que lhes dava a aparência de paixão.

Começaram a fazer o elogio do dia, da sua beleza; depois falaram daquele estranho encontro, da ruptura próxima de uma ligação tão doce e da facilidade com que costumamos expandir-nos com pessoas tão rapidamente conhecidas quanto perdidas de vista nas viagens. A esta última observação, o jovem aproveitou a permissão tácita, que parecia autorizá-lo a fazer algumas doces confidências, e procurou arriscar confissões indiscretas, como homem acostumado a tais situações.

— Observe, senhorita — disse ele —, como os sentimentos seguem muito pouco a bitola comum, nos tempos de terror em que vivemos. Em torno da gente, tudo não parece tomar um caráter de inexplicável rapidez? Hoje, amamos, amanhã odiamos, levados somente por um olhar. Unimo-nos para o resto da vida e separamo-nos com a celeridade com que se caminha para a morte. Agimos em tudo como a nação em seus tumultos. No meio dos perigos, as efusões devem ser mais vivas do que no ritmo normal da existência. Em Paris, ultimamente, cada um de nós sabe, como num campo de batalha, tudo o que pode dizer um aperto de mão.

— Sente-se a necessidade de viver depressa e muito — respondeu ela —, porque se tem agora pouco tempo para viver.

E, depois de haver lançado ao jovem companheiro um olhar que parecia mostrar-lhe o termo daquela curta viagem, acrescentou, maliciosamente:

— O senhor me parece sabido demais nas coisas da vida para um jovem que acaba de sair da Escola.

— Que pensa de mim? — perguntou ele, depois de um momento de silêncio. — Diga-me a sua opinião com toda franqueza.

— Quer adquirir assim, naturalmente, o direito de falar de mim?... — replicou ela, rindo.

— Não responde? — retornou ele, depois de uma ligeira pausa. — Tome cuidado, o silêncio é sempre uma resposta.

— Não adivinhei já tudo o que o senhor teria pretendido dizer-me? Ah! meu Deus, o senhor já falou o suficiente.

— Oh! Se nós nos entendermos —olveu ele, rindo —, terei conseguido tudo o que não ousava esperar.

Ela pôs-se a sorrir tão graciosamente que parecia aceitar a luta cortês com a qual todo homem se apraz em ameaçar uma mulher. E persuadiram-se ambos, já não por brincadeira, e sim seriamente, da impossibilidade de virem a ser, um para o outro, mais do que aquilo

que estavam sendo no momento. O jovem podia entregar-se a uma paixão que não tinha absolutamente futuro, e Maria podia rir. Depois, quando ergueram assim uma barreira imaginária entre eles, pareceram ambos empenhados a aproveitar o mais depressa possível a perigosa liberdade que acabavam de estipular.

Maria esbarrou, de súbito, numa pedra e deu um passo em falso.

— Apoie-se em meu braço — disse o desconhecido.

— Pois não, seu estouvado! O senhor ficaria muito vaidoso se eu o recusasse. Não pareceria eu temê-lo?

— Ah! senhorita — exclamou ele, apertando-lhe o braço para lhe fazer sentir as pancadas do coração —, o que está é me envaidecendo com este favor.

— Muito bem, minha facilidade lhe tirará as ilusões.

— Quer já me preservar contra o perigo das emoções que me causa?

— Deixe, peço-lhe, de me envolver nas suas ideiazinhas de alcova, nos seus logogrifos de salão. Não gosto de encontrar num homem do seu caráter o espírito que os tolos podem ter. Veja!... estamos sob um belo céu, em pleno campo; à nossa frente e sobre nós, tudo é grande. O senhor quer dizer-me que sou bela, não é? Mas seus olhos o provam, e, aliás, eu o sei; não sou, porém, uma mulher a quem os cumprimentos possam lisonjear. Quer, por acaso, falar-me dos seus *sentimentos*? — disse ela, com uma ênfase sardônica. — Atribui-me, pois, a simplicidade de acreditar em simpatias súbitas, bastante fortes para dominar uma vida inteira com a recordação de uma manhã?

— Não de uma manhã — respondeu ele —, mas de uma bela mulher que se mostrou generosa.

— Esquece-se — tornou ela, rindo — de outros atrativos bem maiores: uma mulher desconhecida, na qual tudo deve parecer bizarro; o nome, a qualidade, a situação, a liberdade de espírito e de maneiras.

— A senhorita não me é absolutamente desconhecida, eu soube adivinhá-la, e não queria ajuntar outra coisa às suas perfeições senão um pouco mais de fé no amor que me inspirou logo de início.

— Ah! minha pobre criança de dezessete anos, o senhor já está falando em amor — disse ela, sorrindo. — Pois bem, seja. É um assunto de conversa entre duas pessoas, como a chuva, o bom tempo, quando fazemos uma visita, não acha? Lancemos mão dele? O senhor não encontrará em mim nem falsa modéstia nem mesquinha. Posso escutar essa palavra sem corar; já me foi ela pronunciada tantas vezes, sem que viesse do coração, a ponto de se tornar insignificante para mim. Já a ouvi repetida no teatro, nos livros, nos salões, por toda parte; mas nunca encontrei coisa alguma que se assemelhasse a esse magnífico sentimento.

— Tem-no a senhorita procurado?

— Sim.

A palavra foi pronunciada com tanto abandono que o jovem fez um gesto de surpresa e olhou fixamente Maria, como se houvesse, de repente, mudado de opinião sobre o caráter e a verdadeira situação da sua interlocutora.

— Senhorita — disse ele, com uma emoção mal disfarçada —, é uma rapariga ou uma mulher, anjo ou demônio?

— Sou uma e outra coisa — retornou ela, rindo. — Não haverá algo de diabólico e de angélico numa jovem que nunca amou, que não ama e não amará talvez nunca?

— E sente-se feliz assim?... — disse ele tomando um tom e maneiras livres, como se tivesse concebido menor estima pela sua libertadora.

— Oh! Feliz, não! Se venho a pensar na minha condição de criatura só, dominada pelas convenções sociais que me tornam necessariamente artificiosa, invejo os privilégios dos homens. Mas se recordo todos os meios que a natureza nos deu para envolver os senhores, para enlaçá-los nos fios invisíveis de um poderio ao qual nenhum homem consegue resistir, então meu papel aqui na Terra me sorri; depois, repentinamente, parece-me ele pequeno e sinto que desprezaria um homem se fosse iludida por seduções vulgares. Afinal, ora percebo o nosso jugo e ele me agrada, para logo em seguida me parecer horrível e eu recusar-me a exercê-lo; ora sinto em mim esse desejo de devotamento que torna a mulher tão nobremente bela e experimento um anseio de domínio que me devora. Talvez seja o combate natural do bom e do mau princípio que faz viver todas as criaturas aqui embaixo. Anjo ou demônio, disse o senhor. Ah! Não é hoje que reconheço minha dupla natureza. Mas nós, mulheres, compreendemos ainda melhor do que os senhores nossa insuficiência. Não temos um instinto a fazer-nos pressentir em todas as coisas uma perfeição a qual é, sem dúvida, impossível atingir? Mas — acrescentou ela, olhando para o céu e dando um suspiro — o que nos engrandece aos vossos olhos...

— É?... — disse ele.

— Pois, sim — respondeu ela —, é que lutamos todas, mais ou menos, contra um destino incompleto.

— Senhorita, por que havemos de nos separar esta tarde?

— Ah! — exclamou ela sorrindo ao olhar apaixonado que lhe lançou o jovem — retornemos ao carro, o ar livre não nos faz bem.

Maria voltou-se bruscamente, o desconhecido seguiu-a e apertou-lhe o braço, num movimento pouco respeitoso, mas exprimindo, ao mesmo tempo, imperiosos desejos e admiração. Pôs-se ela a caminhar mais depressa; o marinheiro adivinhou-lhe o propósito de fugir a uma declaração, talvez inoportuna; não se tornando com isso senão mais ardente, arriscou tudo para arrancar uma primeira concessão dessa mulher e disse-lhe, lançando-lhe um olhar de finura:

— Quer que lhe conte um segredo?
— Oh! Fale prontamente, se ele lhe diz respeito.
— Não estou a serviço da República. Onde a senhorita for, irei também.

A esta frase, Maria tremeu violentamente, retirou o braço e cobriu o rosto com as duas mãos para disfarçar o rubor ou a palidez, talvez, que lhe alterou a fisionomia; mas, erguendo, de repente, a cabeça, disse, num tom enternecido:

— Iniciou o senhor a representação como teria acabado, enganou-me, então?

— Sim — respondeu ele.

A essa palavra, voltou ela as costas para a mala-posta, na direção da qual se dirigiam, e se pôs quase a correr.

— Mas — replicou o desconhecido — o ar não lhe fazia bem...

— Oh! Ele mudou — disse ela, com voz grave, continuando a caminhar, presa de pensamentos tempestuosos.

— A senhorita cala-se? — perguntou o estrangeiro, cujo coração se encheu dessa doce apreensão produzida pela expectativa do prazer.

— Oh! — disse ela, com um acento breve — a tragédia começou sem demora.

— De que tragédia fala?

Quedando-se, olhou o rapaz, primeiro num ar revestido pela dupla expressão do medo e da curiosidade; depois, ocultou numa calma impenetrável os sentimentos que a agitavam, mostrando, para uma jovem, possuir muita prática de vida.

— Quem é o senhor? — replicou. — Mas eu sei! Vendo-o, nunca duvidei de que o senhor fosse o chefe realista chamado Gars. O ex-bispo de Autun tem razão em mandar-nos sempre crer nos pressentimentos anunciadores de desgraças.

— Qual o seu interesse em conhecer esse rapaz?

— Qual o interesse dele em se ocultar de mim, se eu já lhe havia salvado a vida? — E, pondo-se a rir, de maneira ainda mais forçada: — Fiz bem em impedi-lo de dizer que me amava! Fique sabendo muito bem, senhor, que o detesto. Sou republicana, o senhor é realista, e o denunciaria, se não lhe tivesse empenhado minha palavra, se já não o tivesse salvado uma vez, e se...

Quedou-se neste ponto. Suas violentas mudanças de ânimo, os combates que ela já quase não se preocupava em disfarçar inquietaram o desconhecido, levando-o a observá-la, sem, contudo, obter qualquer resultado.

— Separemo-nos agora — disse ela —, assim o quero. Adeus.

Voltou-se vivamente, deu alguns passos e retrocedeu:

— Mas, não; tenho imenso interesse em saber quem é o senhor — replicou ela. — Não me esconda nada e diga a verdade. Quem é? Pois o

senhor é tão pouco um aluno da Escola, quanto tem dezessete anos.

— Sou um marujo, prestes a deixar o oceano, para segui-la por toda parte, onde sua imaginação queira levar-me. Se tenho a ventura de oferecer-lhe algum mistério, procurarei não destruí-lo. Por que envolver os graves interesses da vida real na vida do coração, em que começamos tão bem a compreender-nos?

— Nossas almas poderiam entender-se — disse ela, num tom grave. — Mas, senhor, eu não tenho o direito de exigir sua confiança. O senhor não conhecerá jamais a extensão de suas obrigações para comigo. Calar-me-ei.

Avançaram alguns passos no mais profundo silêncio.

— Como minha vida lhe interessa! — retornou o desconhecido.

— Senhor — disse ela —, por favor, o seu nome ou então cale-se. É uma criança — acrescentou, erguendo os ombros — e me desperta piedade.

A obstinação que a viajante punha em conhecer o segredo do rapaz fez com que este hesitasse entre a prudência e o desejo. O despeito de uma mulher cobiçada tem atrativos bem poderosos; sua submissão como sua cólera são imperiosas; ataca ela tantas fibras no coração do homem, penetrando-o e subjugando-o! Seria no caso da srta. de Verneuil uma coqueteria a mais? Embora apaixonado, o estrangeiro teve força para desconfiar de uma mulher que queria violentamente arrancar-lhe um segredo de vida ou morte.

— Por que — disse-lhe ele, tomando-lhe a mão, que ela deixava prender por distração —, por que a minha indiscrição, que dava um futuro a este dia, ter-lhe-á destruído o encanto?

A srta. de Verneuil, parecendo sofrer, guardou silêncio.

— Em que posso afligi-la — insistiu ele — e que posso fazer para tranquilizá-la?

— Diga-me o seu nome.

Por sua vez caminhou ele em silêncio e ambos fizeram alguns passos. De repente, a srta. de Verneuil quedou-se, como uma pessoa que acaba de tomar importante deliberação.

— Sr. marquês de Montauran — disse-lhe, com dignidade, sem poder inteiramente disfarçar uma agitação que lhe dava uma espécie de tremor nervoso à fisionomia —, embora isso possa me custar caro, sinto-me feliz em ter-lhe prestado um bom serviço. Aqui, vamo-nos separar. A escolta e a mala-posta são muito necessárias à sua segurança para que o senhor deixe de aceitar uma ou outra. Nada receie dos republicanos; todos esses soldados, veja, são homens honrados, e eu vou dar ao capitão Merle ordens, que ele executará fielmente. Quanto a mim, posso retornar a Alençon a pé, com a minha criada de quarto; alguns soldados nos acompanharão. Escute-me bem, pois trata-se de sua cabeça. Se encontrar, antes de se achar em segurança, o horrendo

peralvilho que o senhor viu na hospedaria, fuja, porque ele o entregaria logo ao inimigo. Quanto a mim... — fez ela uma pausa —, quanto a mim, entrego-me de novo, com orgulho, às misérias da vida. — E disse isso em voz baixa, retendo as lágrimas. — Adeus, senhor. Que seja feliz! Adeus.

E fez um sinal para o capitão Merle, que atingia então o alto da colina. O jovem não esperava tão brusco desfecho.

— Espere! — gritou-lhe, com uma espécie de angústia muito bem representada.

Esse capricho singular de uma jovem pela qual ele teria, no momento, sacrificado a própria vida surpreendeu de tal maneira o desconhecido que o levou a inventar uma deplorável tática para esconder o nome e, ao mesmo tempo, satisfazer a curiosidade da srta. de Verneuil.

— Quase adivinhou — disse-lhe ele —, sou emigrado, condenado à morte e chamo-me visconde de Bauvan. O amor à terra natal me trouxe de novo à França para junto de meu irmão. Espero ser excluído da lista por influência da sra. de Beauharnais, hoje esposa do primeiro-cônsul, mas, se não o conseguir, então espero morrer na minha terra, combatendo ao lado de Montauran, meu amigo. Vou, primeiramente, em segredo, com o auxílio de um passaporte que ele me fez chegar às mãos, saber se me restam ainda algumas propriedades na Bretanha.

Enquanto o jovem chefe falava, a srta. de Verneuil examinava-o com um olhar penetrante. Tentou duvidar da verdade dessas palavras, mas, crédula e confiante, retomou, lentamente, uma expressão de serenidade e exclamou:

— Senhor, o que me diz neste momento é verdade?

— Perfeitamente exato — repetiu o desconhecido, que parecia pôr um pouco de probidade nas suas relações com as mulheres. A srta. de Verneuil suspirou fortemente, como alguém que acabasse de retornar à vida.

— Ah! — exclamou ela. — Sou bem feliz!

— Odeia, então, muito o meu pobre Montauran?

— Não, o senhor não soube compreender-me. Eu não queria ver o *senhor* ameaçado pelos perigos contra os quais vou procurar defendê-lo, uma vez que ele é seu amigo.

— Quem lhe disse encontrar-se Montauran em perigo?

— Ah! senhor, se eu não viesse de Paris, onde não se fala senão na sua aventura, o comandante de Alençon já nos teria dito bastante sobre ele.

— Pergunto-lhe, então, como poderia a senhorita preservá-lo de todo perigo?

— E se eu não quisesse responder-lhe? — disse ela, com esse ar desdenhoso em que as mulheres sabem tão bem esconder suas

emoções. — Com que direito quer conhecer-me os segredos?

— Com o direito de um homem que a ama.

— Já?... — disse ela. — Não, o senhor não me ama, vê em mim o objeto de uma galanteria passageira, eis tudo. Percebi logo de quem se tratava. Uma pessoa com alguma experiência da alta sociedade poderá, pelos costumes atuais, enganar-se, ouvindo um aluno da Escola Politécnica servir-se de expressões escolhidas e disfarçar tão mal como o senhor o fez as maneiras de um fidalgo sob a pele de um republicano; mas seus cabelos mostram ainda um resto de pó, e o senhor possui um perfume de gentil-homem que uma mulher de sociedade logo sentirá. Assim, temendo pela má sorte e receando que o meu vigilante, cuja finura pode ser comparada à de uma mulher, viesse a reconhecê-lo, procurei dispensá-lo imediatamente. Senhor, um verdadeiro oficial republicano, egresso da Escola, não se sentiria perto de mim com muita sorte e não me tomaria por uma jovem intrigante. Permita-me, sr. de Bauvan, propor-lhe um leve raciocínio de mulher. É o senhor tão jovem para ignorar que, de todas as criaturas de nosso sexo, a mais difícil de ser submetida é aquela cujo valor é cifrado e se aborrece com o prazer? Essa espécie de mulher exige, disseram-me, imensas seduções, não cede senão aos seus caprichos, e pretender agradar-lhe será, da parte de um homem, a maior fatuidade. Ponhamos de parte semelhante categoria, na qual o senhor tem a gentileza de incluir-me, pois tais mulheres fazem timbre de ser belas e o senhor deve compreender que uma jovem nobre, bela, cheia de espírito, o senhor me concede essas vantagens, não se vende e não pode ser conquistada senão de uma única maneira: quando é amada. Compreende-me, não é? Se ela ama e quer cometer alguma loucura, esta deve ser justificada por algo de superior. Perdoe-me este luxo de lógica tão raro entre as pessoas do nosso sexo; mas, pela sua honra e... pela minha — disse ela, se inclinando —, eu não queria que nos enganássemos sobre o nosso mérito e o senhor julgasse a srta. de Verneuil anjo ou demônio, rapariga ou mulher, capaz de se deixar levar por galanterias banais.

— Senhorita — disse o marquês, cuja surpresa, embora dissimulada, chegou ao extremo, enquanto se tornava ele, de repente, homem de alta sociedade —, suplico-lhe que acredite: aceito-a como uma pessoa muito nobre, rica de coração e de sentimentos elevados... ou como uma boa menina, à sua escolha.

— Não lhe peço tanto, senhor — voltou ela rindo. — Deixe-me com o meu incógnito. Aliás, a minha máscara está mais bem colocada do que a sua e me apraz conservá-la, quando mais não fosse, para saber se as pessoas que me falam de amor são sinceras... Não proceda, pois, com leviandade. Senhor, escute — disse-lhe ela, apertando-lhe o braço —, se pudesse provar-me um verdadeiro amor, nenhuma força humana seria capaz de separar-nos. Sim, eu queria associar-me à grande existência de

algum homem, desposar uma vasta ambição, belos pensamentos. Os nobres corações jamais são infiéis, pois a constância é uma força; eu seria sempre amada, sempre feliz. Mas também não estaria pronta a fazer do meu corpo um degrau para elevar o homem dono de minhas afeições; a sacrificar-me por ele e tudo suportar dele, a amá-lo sempre, mesmo quando ele já não me amasse? Nunca me aventurei a confiar a outro coração os anseios do meu, nem os ímpetos apaixonados da exaltação que me devora; mas posso bem dizer-lhe alguma coisa a respeito, já que vamos separar-nos, logo que esteja o senhor em segurança.

— Separarmo-nos?... nunca — disse ele, eletrizado pelas vozes dessa alma vigorosa que parecia debater-se contra algum imenso pensamento.

— É o senhor livre? — voltou ela, lançando-lhe um olhar desdenhoso, sob o qual se sentiu ele diminuir.

— Oh! Livre... sim, salvo a condenação à morte.

Disse-lhe ela, então, com uma voz cheia de sentimentos amargos:

— Se tudo isso não fosse um sonho, que bela vida seria a sua? Mas, se eu disse tolices, pelo menos não as pratiquemos. Quando penso em tudo quanto o senhor devia ser para me apreciar no meu justo valor, passo a duvidar de tudo.

— E eu não duvidaria de nada, se a senhorita quisesse-me pertenc...

— Quietos! — exclamou ela, ouvindo essa frase, dita com um verdadeiro acento de paixão — o ar livre não nos convém, decididamente, vamos buscar as nossas damas de companhia.

VI

A mala-posta não tardou a alcançar os dois jovens, que retomaram os respectivos lugares e fizeram algumas léguas no mais profundo silêncio; se tinham, um e outro, encontrado matéria para amplas reflexões, seus olhares não receram mais cruzar-se. Ambos pareciam igualmente interessados em se observar reciprocamente e em esconder um segredo importante; mas sentiam-se arrastados um para o outro pelo mesmo desejo que, desde a palestra, contraía a amplitude da paixão; pois tinham reciprocamente reconhecido neles próprios qualidades que realçavam ainda aos olhos de cada um os prazeres antevistos nessa luta ou nessa união. Talvez ainda cada um, tendo embarcado numa vida aventureira, houvesse chegado a essa singular situação moral em que, por abandono ou por desafio à sorte, nos recusamos a reflexões sérias e nos entregamos aos caprichos do acaso, prosseguindo em determinada situação, precisamente porque ela não oferece nenhuma saída e se deseja ver nisso um desfecho inevitável. A natureza moral não possui, como a natureza física, suas voragens e seus

abismos, nos quais os caracteres fortes se comprazem em mergulhar, arriscando a vida como um jogador se compraz em arriscar a fortuna?... O gentil-homem e a srta. de Verneuil tiveram, de qualquer maneira, uma revelação dessas ideias que lhes foram comuns depois da palestra de que as mesmas eram a consequência, e deram assim, de repente, um passo imenso, porque a simpatia das almas acompanhou a dos sentidos.

Não obstante, quanto mais se sentiram atraídos um para o outro, tanto maior interesse experimentaram em se estudar reciprocamente, não fosse para aumentar, por um cálculo involuntário, a soma dos regozijos futuros. O marquês, ainda espantado com a profundidade das ideias dessa jovem singular, inquiriu, primeiramente, como podia ela aliar tantos conhecimentos adquiridos a tanto frescor e juventude. E julgou, então, descobrir um extremo desejo de parecer casta na extrema castidade que Maria procurava aparentar em suas atitudes; suspeitou-a de fingimento, acusou o seu próprio prazer em ouvi-la e não quis mais ver nessa jovem desconhecida senão uma hábil comediante. Tinha ele razão. A srta. de Verneuil, como todas as raparigas do mundo, tornando-se mais reservada, à medida que sentia maior ardor, revestia-se, naturalmente, dessa contenção de pudor afetado sob a qual as mulheres sabem tão bem velar seus excessivos desejos. Todas desejariam oferecer-se virgens ao amor; e, se isso não se dá, a dissimulação a que recorrem é sempre uma homenagem por elas prestada ao homem amado. Tais reflexões passaram rapidamente pela alma do marquês e lhe causaram prazer. Realmente, para ambos, esse exame devia constituir um progresso, e o enamorado chegou logo à fase da paixão, em que o homem encontra em todos os defeitos da mulher amada motivos para mais amá-la. A srta. de Verneuil permaneceu mais tempo cismativa do que o marquês; a imaginação fazia-lhe, possivelmente, transpor uma extensão bem maior do futuro. O jovem obedecia a alguns dos mil sentimentos que devia experimentar na sua vida de homem, enquanto Maria, visionando toda uma existência, comprazia-se em embelezá-la e em enchê-la de felicidade, de grandes e nobres sentimentos e se sentia feliz em ideia, apegada tanto a essas quimeras quanto à realidade, tanto ao futuro quanto ao presente. Depois, recuperou o controle de si mesma, para melhor estabelecer o domínio sobre aquele jovem coração. Agia nisso instintivamente, como agem todas as mulheres. Tendo convencido, intimamente, entregar-se por completo, desejava agora, por assim dizer, fazer-se disputar por partes. Desejaria retomar no passado todos os atos, as palavras, os olhares, para pô-los em harmonia com a dignidade da mulher amada. Também seus olhos exprimiam, por vezes, uma espécie de terror, quando ela pensava na palestra que acabava de ter e em que se mostrara tão agressiva. Mas dizia consigo mesma, contemplando

aquele rosto no qual transpirava a força, que um ser tão possante devia ser generoso, e regozijava-se de desfrutar um quinhão melhor do que o das outras mulheres, vindo a amar um homem de caráter, um homem condenado à morte que acabava de arriscar a própria cabeça e fazer a guerra à República. A ideia de poder ocupar, sem partilha, a alma daquele jovem emprestou logo a todas as coisas uma fisionomia diferente. Entre o momento em que, cinco horas antes, compunha o rosto e a voz para irritar o gentil-homem e o momento atual, em que podia transtorná-lo todo com um olhar, havia a diferença do universo morto para o universo vivo. Largos risos, alegres faceirices esconderam uma imensa paixão, que se apresentou como o infortúnio, sorrindo. Nas disposições de alma em que se achava a srta. de Verneuil, a vida exterior tomou, pois, para ela o caráter de uma fantasmagoria. A caleça passou por aldeias, vales e montanhas, sem que nenhuma imagem disso tudo se imprimisse na memória da moça. Chegaram a Mayenne: os soldados da escolta revezaram-se; Merle falou-lhe, ela respondeu; atravessaram toda uma cidade e o veículo tomou de novo a estrada; mas os rostos, as casas, as ruas, as paisagens, os homens passaram, arrebatados, como formas indistintas de um sonho. Veio a noite. Maria viajou sob um céu de diamantes, envolvida por uma luz suave na estrada de Fougères, sem perceber que o céu tinha mudado de aspecto, sem saber o que era Mayenne ou Fougères, sem consciência mesmo do lugar para onde ia. A ideia de deixar dentro de poucas horas o eleito de seu coração e por quem também se julgava eleita não lhe parecia uma coisa possível. O amor é a única paixão que supera o passado e o futuro. Se por vezes seu pensamento se traía, deixava ela escapar frases quase destituídas de sentido, mas que ressoavam no coração do amado com promessas de prazer. Aos olhos das duas únicas testemunhas, essa paixão nascente ganhava um ímpeto aterrorizador. Francine conhecia Maria tão bem quanto a estrangeira o marquês, e essa experiência do passado levava-a a esperar algum desfecho terrível. Realmente, não tardaram a ver o arremate do drama, que a srta. de Verneuil havia tão tristemente, e sem o saber, talvez, denominado uma tragédia.

Quando os quatro viajantes se achavam a uma légua distantes de Mayenne, ouviram o ruído de um homem a cavalo a dirigir-se para eles com extraordinária rapidez. Ao alcançar o carro, o homem curvou-se para olhar a srta. de Verneuil, que reconheceu nele Corentin; a sinistra personagem permitiu-se dirigir-lhe um sinal de entendimento — cuja familiaridade teve qualquer coisa de acabrunhante para a moça — e desapareceu, depois de deixá-la gelada por esse sinal, impregnado de baixeza. O desconhecido pareceu afetado pela circunstância, também notada, decerto, por sua pretensa mãe. Maria voltou-se, numa leve pressão, para o marquês, e pareceu refugiar-se, com um olhar, no coração do jovem, como no único asilo seguro de que pudesse dispor na

terra. A fronte do jovem iluminou-se, então, ante a emoção causada por esse gesto com que a amada lhe revelara, como por descuido, toda a amplitude do seu amor. Um medo inexplicável fez desvanecer todo coquetismo, e o amor se mostrou, por um momento, sem véu. E ambos se mantiveram imóveis para prolongar a doçura desse momento. Infelizmente, no meio deles, a sra. do Gua via tudo; e, como um avaro que dá um festim, parecia ela contar-lhes os bocados e medir-lhes a vida. Presa da felicidade, os dois amantes chegaram, sem sentir o caminho percorrido, à parte da estrada que se encontra no fundo do vale de Ernée e forma a primeira das três bacias em meio das quais se passaram os acontecimentos relatados nesta história. Ali, Francine percebeu e mostrou estranhas figuras que pareciam mover-se como sombras através das árvores e dos juncos de que os campos eram circundados. Ao chegar o carro na direção dessas sombras, uma descarga geral, cujas balas passaram sibilando por cima de todas as cabeças, mostrou aos viajantes tudo ser verdadeiro em semelhante aparição. A escolta caíra numa emboscada.

Ante a viva fuzilaria, o capitão Merle arrependeu-se profundamente de haver partilhado do erro da srta. de Verneuil, que, acreditando na segurança de uma viagem noturna e rápida, não o deixara levar mais do que uns sessenta homens. Logo o capitão, comandado por Gérard, dividiu o pequeno grupo em duas colunas, para guardarem os dois lados da estrada, e cada um dos oficiais se arremessou vivamente, em acelerada, através dos campos de giesta e de junco, procurando combater os assaltantes antes de ver quantos eram. Os Azuis puseram-se a bater, à esquerda e à direita, esses espessos buxos, com uma intrepidez cheia de imprudência, e responderam ao ataque dos *chouans* com um fogo cerrado sobre as giestas de onde partiram os tiros. O primeiro movimento da srta. de Verneuil fora saltar do carro e correr um bom pedaço para trás, a fim de se afastar do campo de batalha; mas, com vergonha do seu medo e movida pelo sentimento que nos leva a nos engrandecer aos olhos da criatura amada, permaneceu imóvel, tratando de examinar friamente o combate.

O desconhecido aproximou-se e tomou-lhe a mão, colocando-a sobre o coração...

— Tive medo — disse ela —, mas agora...

Nesse momento, a criada, apavorada, gritou-lhe:

— Maria, tome cuidado!

Mas Francine, que procurava lançar-se para fora do carro, sentiu-se paralisada por uma mão vigorosa. O peso dessa mão enorme arrancou-lhe um grito violento; voltou ela o rosto e guardou silêncio, reconhecendo a figura de Pé-de-poeira.

— Deverei, pois, aos seus terrores — dizia o estrangeiro à srta. de Verneuil —, revelação dos mais doces segredos do coração? Graças a

Francine, acabo de saber que a senhorita tem o nome gracioso de Maria. Maria, o nome que eu sempre pronunciei em todas as minhas angústias! Maria, o nome que pronunciarei de agora em diante na alegria e não direi mais agora sem fazer um sacrilégio, confundindo a religião e o amor. Mas será um crime orar e amar ao mesmo tempo?

A essas palavras, apertaram-se fortemente as mãos, fitaram-se em silêncio e a excessiva emoção em ambos tirou-lhes a força e o poder de exprimi-la.

— *Não é para vocês que há perigo!* — disse brutaemente Pé-de-poeira a Francine, dando aos sons roucos e guturais da voz uma sinistra expressão de reprimenda e martelando cada palavra, de maneira a lançar a inocente camponesa num verdadeiro estupor.

Pela primeira vez, a pobre pequena percebia a ferocidade nos olhos de Pé-de-poeira. O palor da lua parecia ser o único que convinha àquele rosto. O selvagem bretão, conservando o boné numa das mãos, a pesada carabina na outra, atarracado e encolhido como um gnomo e envolvido por aquela branca luz, cujas flutuações lhe davam às formas tão bizarros aspectos, pertencia antes ao feérico do que à realidade. A aparição e a reprimenda tiveram qualquer coisa da rapidez dos fantasmas. Voltou-se ele, bruscamente, para a sra. do Gua, com a qual se pôs a trocar vivas palavras, e Francine, que ultimamente esquecera o baixo bretão, nada pôde compreender. A dama parecia dar a Pé-de-poeira múltiplas ordens. A curta conferência terminou por um gesto imperioso da mulher designando ao *chouan* os dois namorados. Antes de obedecer, Pé-de-poeira lançou um último olhar para Francine, a quem parecia lamentar e com quem dava mostras de querer falar; mas a bretã compreendeu que o silêncio do amante lhe era imposto. A pele rude e queimada daquele homem formou uma prega na testa e as sobrancelhas se aproximaram violentamente. Resistiria ele à ordem renovada de matar a srta. de Verneuil? Aquele esgar tornou-o, sem dúvida, mais horroroso para a sra. do Gua, mas o relâmpago dos seus olhos fê-lo parecer quase doce a Francine, que, adivinhando por aquele olhar ser ela capaz de quebrar a energia de selvagem ao império de sua vontade feminina, esperou reinar ainda, depois de Deus, sobre tão grosseiro coração.

O terno colóquio de Maria e do marquês foi interrompido pela sra. do Gua, empenhada a afastar a moça dali, a fim de que um cavaleiro, logo reconhecido pela dama, pudesse falar livremente ao rapaz.

— Desconfie da moça que encontrou na hospedaria dos Três Mouros — disse baixinho ao rapaz o cavaleiro de Valois, um dos membros do comitê realista de Alençon e que acabava de sair de uma giesta, montado num pequeno animal bretão.

Depois de assim falar desapareceu. Nesse momento, o fogo de escaramuça ressoava com espantosa intensidade, mas sem que os dois

partidos entrassem em luta corpo a corpo.

— Meu ajudante, não será um falso ataque para arrebatrar os nossos viajantes e impor-lhes um resgate? — disse Chave-dos-corações.

— Tens os pés nas suas botas ou o diabo me carregue — respondeu Gérard, correndo num ímpeto na direção da estrada.

Nesse momento o fogo dos *chouans* abrandou, pois já tinham atingido o fim visado com a comunicação feita pelo cavaleiro. Merle, ao vê-los retirando-se em pequeno número, através das sebes, não julgou oportuno empenhar-se numa luta inutilmente perigosa. Com duas palavras, Gérard fez com que a escolta retomasse a posição no caminho e prosseguiu na marcha sem ter sofrido danos.

O capitão pôde oferecer a mão à srta. de Verneuil para subir de novo no carro, porque o gentil-homem se mantinha imóvel, como atingido por um raio. A parisiense, espantada, subiu, sem aceitar a gentileza do republicano; voltou o rosto para o namorado e, vendo-o imóvel, ficou estupefata com a súbita mudança que as palavras misteriosas do cavaleiro nele haviam operado. O jovem retornou lentamente, e sua atitude transpirava um profundo sentimento de repulsa.

— Não tinha eu razão? — disse ao ouvido do jovem a sra. do Gua, voltando ao veículo. — Estamos por certo nas mãos de uma criatura com a qual negociaram a sua cabeça; mas, como ela é bastante tola para se enlevar com o senhor, em lugar de fazer o que deve, não vá se conduzir como criança e finja amá-la até chegarmos à Vivetière... Uma vez ali!...

“Mas já a estaria amando?...”, disse consigo ao ver o jovem sentado no carro, na atitude de um homem adormecido.

O veículo rolou surdamente pela areia da estrada. Ao primeiro olhar que a srta. de Verneuil lançou em torno de si, tudo lhe pareceu mudado. A morte já se insinuava naquele amor. Não eram talvez mais do que nuanças; mas, aos olhos de toda mulher apaixonada, as nuanças são tão acentuadas quanto as cores vivas. Francine havia compreendido, pelo olhar de Pé-de-poeira, que o destino da srta. de Verneuil, sobre a qual ela lhe tinha mandado velar, estava em outras mãos que não as suas e mostrava um rosto pálido, sem poder reter as lágrimas, quando a ama a encarava. A dama desconhecida escondia mal, sob falsos sorrisos, a malícia de uma vingança feminina, e a súbita transformação que sua obsequiosa bondade para com a srta. de Verneuil lhe introduziu nas maneiras, na voz e na fisionomia era de natureza a inspirar receios a uma pessoa perspicaz.

Também a srta. de Verneuil estremeceu por instinto e perguntou a si mesma: “Por que estou estremecendo?... É sua mãe”. Mas tremeu novamente da cabeça aos pés, ao dizer, de repente: “Será mesmo sua mãe?”. Viu um abismo, que o último olhar lançado sobre a desconhecida acabou de iluminar. “Essa mulher ama-o!”, pensou ela.

“Mas por que me demonstra tantas atenções depois de ter-me testemunhado tanta frieza? Estarei perdida? Terá ela medo de mim?”

Quanto ao gentil-homem, empalidecia e corava alternadamente, mantendo uma atitude calma e baixando os olhos para disfarçar as estranhas emoções que o agitavam. Uma compressão violenta destruíra-lhe a graciosa curva dos lábios e a tez amarelecia sob os esforços de um tempestuoso pensamento. A srta. de Verneuil não podia mesmo adivinhar se havia ainda amor na cólera do rapaz. O caminho, cercado de bosques naquele trecho, tornou-se sombrio e impediu os atores mudos de se interrogarem com os olhos. O murmúrio do vento, o farfalhar das árvores, o ruído dos passos ritmados da escolta davam ao quadro esse caráter solene que acelera as batidas do coração. A srta. de Verneuil não podia procurar em vão a causa daquela mudança. A lembrança de Corentin passou-lhe como um relâmpago pelo cérebro, trazendo-lhe a imagem do seu verdadeiro destino. Pela primeira vez, desde a manhã, refletia ela seriamente sobre a própria situação. Até o momento, deixara-se levar pela felicidade de amar, sem pensar nem em si nem no futuro. Incapaz de suportar por muito tempo aquela angústia, buscou e esperou, com a doce paciência do amor, um dos olhares do jovem; e suplicou-o tão vivamente, sua palidez e sua fremeira tinham uma eloquência tão penetrante que o jovem fraquejou; mas isto tornou apenas a queda mais completa.

— Está incomodada, senhorita? — perguntou ele.

A voz destituída de doçura, a própria pergunta, o olhar, o gesto, tudo bastou para convencer a moça de que os acontecimentos daquele dia não haviam sido mais do que uma miragem da alma, que se dissipava como as nuvens mal formadas, desfeitas pelo vento.

— Se estou incomodada?... — respondeu ela, com um riso forçado — ia fazer-lhe a mesma pergunta.

— Julguei que os dois se entendessem — disse a sra. do Gua com falsa bonomia.

Nem o gentil-homem nem a srta. de Verneuil responderam. A jovem, duplamente ultrajada, experimentava a humilhação de ver sua poderosa beleza sem poder. Julgava-se capaz de saber, no momento em que quisesse, a causa dessa situação; mas, quase sem curiosidade de penetrá-la, talvez pela primeira vez uma mulher recuava diante de um segredo. A vida humana é fértil de situações, em que, após uma meditação muito profunda ou uma catástrofe, nossas ideias não mais se concretizam, ficam sem substância, sem ponto de partida; em que o presente não encontra mais pontos de referência para ligar-se ao passado nem ao futuro. Tal o estado da srta. de Verneuil. Curvada no fundo do carro, ali permaneceu como um arbusto desenraizado. Muda e sofredora, não olhou para mais ninguém, envolveu-se na própria dor e plantou-se, de maneira tão voluntariosa, no mundo desconhecido em

que se refugiam os infelizes, que não viu mais coisa alguma. Corvos passaram crocitando por cima do carro; mas, embora, como todas as almas fortes, tivesse um canto do coração reservado para as superstições, não lhes deu atenção. Os viajantes avançaram algum tempo em silêncio.

VII

“Já separados”, dizia a si mesma a srta. de Verneuil. “Entretanto, ninguém em torno de mim lhe falou. Seria Corentin? Não tinha interesse nisso. Mal começo a amar e já sofro o horror do abandono. Semeio o amor e colho o desprezo. Estará, pois, no meu destino ver sempre a felicidade e sempre perdê-la!”

Sentiu, então, no coração, perturbações estranhas, pois amava realmente e pela primeira vez. Entretanto, não se tinha de tal maneira abandonado que não encontrasse recursos contra a dor no orgulho natural de uma mulher jovem e bela. O segredo do seu amor, esse segredo constantemente guardado nas torturas, não lhe escapara. Ergueu o busto e, envergonhada de ter dado a medida da sua paixão por aquele silencioso sofrimento, sacudiu a cabeça num gesto de alegria, mostrou um rosto, ou antes uma máscara sorridente, e, em seguida, forçou a voz para disfarçar a alteração.

— Onde estamos? — perguntou ao capitão Merle, que se mantinha sempre a certa distância do carro.

— A três léguas e meia de Fougères, senhorita.

— Iremos, pois, chegar logo? — disse-lhe ela para encorajá-lo a travar uma conversa, em que pretendia testemunhar alguma estima ao jovem capitão.

— Essas léguas — observou Merle, muito alegre — não são longas, mas acontece que nesta terra elas resolvem nunca mais acabar. Quando a senhorita estiver no alto da encosta que subimos, avistará um vale semelhante àquele que vamos deixar, e, no horizonte, poderá ver o cume da Pèlerine. Prouvera a Deus que os *chouans* não queiram tirar uma desforra! Ora, bem compreende que, subindo e descendo dessa maneira, quase não se ganha terreno. Da Pèlerine, a senhorita descobrirá ainda...

A essa palavra, o desconhecido estremeceu pela segunda vez, mas de maneira tão leve que a srta. de Verneuil foi a única a notá-lo.

— Mas o que é essa Pèlerine? — perguntou vivamente a jovem, interrompendo o capitão todo preocupado com a sua topografia bretã.

— É — respondeu Merle — o cume de uma montanha que empresta o nome ao vale do Maine no qual vamos entrar e que separa essa província do vale do Couësson, na extremidade do qual está situada Fougères, a primeira cidade da Bretanha. Ali nos batemos no fim do

vendemiário com o Gars e seus bandidos. Levávamos conscritos que para não deixarem a terra natal quiseram matar-nos na fronteira; mas Hulot não é de brincadeira e deu-lhes...

— O senhor então viu o Gars? — perguntou a moça. — Que espécie de homem é ele?

Seus olhos penetrantes e maliciosos não deixavam o rosto do falso visconde de Bauvan.

— Oh! meu Deus! senhorita — exclamou Merle, sempre interrompido —, parece-se de tal maneira com o cidadão do Gua que, se este não trouxesse o uniforme da Escola Politécnica, apostaria serem a mesma pessoa.

A srta. de Verneuil olhou, fixamente, o jovem frio e imóvel que a desdenhava, mas nada viu nele capaz de trair um sentimento de medo; instruiu-o com um sorriso amargo sobre a descoberta, feita naquele momento, do segredo tão traiçoeiramente guardado por ele; depois, com voz galhofeira, as narinas arfando de alegria, a cabeça de lado, para examinar o gentil-homem e ver Merle ao mesmo tempo, disse ela ao republicano:

— Esse chefe, capitão, dá muita inquietação ao primeiro-cônsul. É ousado, mas acontece que se aventura em certas empresas como um estorninho, sobretudo quando se vê junto de mulheres.

— Contamos bem com isso —olveu o capitão — para saldar nossas contas com ele. Se o tivermos somente duas horas, havemos de meter-lhe um pouco de chumbo na cabeça. Se ele nos encontrasse em Coblenz,³⁴ faria o mesmo conosco, havia de encostar-nos na parede; assim, olho por olho...

— Oh! — disse o emigrado — não temos nada que temer! Seus soldados não irão até a Pèlerine, estão muito fatigados, e, se o senhor consente, poderão eles repousar a dois passos daqui. Minha mãe desce na Vivetière, cujo caminho já está a poucos tiros de fuzil. As duas senhoras poderão ali descansar, devem se achar extenuadas de terem vindo numa só etapa de Alençon até aqui. E, como a senhorita — acrescentou com uma polidez forçada, voltando-se para a moça — teve a generosidade de dar à nossa viagem tanta segurança quanto prazer, dignar-se-á, talvez, aceitar uma ceia na casa de minha mãe. Afinal, capitão — acrescentou, dirigindo-se a Merle —, os tempos não são tão maus que não se possa encontrar ainda na Vivetière um tonel de sidra a abrir para os seus homens. Vamos, o Gars não terá tomado tudo; pelo menos, minha mãe assim o crê...

— Sua mãe?... — acentuou a srta. de Verneuil, interrompendo-o com ironia e sem responder ao singular convite que lhe era feito.

— Minha idade não mais lhe parece então verossímil hoje, senhorita — respondeu a sra. do Gua. — É que infelizmente me casei muito cedo. Tive meu filho aos quinze anos.

— Não se engane, minha senhora; não seria aos trinta?

A sra. do Gua empalideceu, tragando o sarcasmo com o qual a jovem se vingava daquele que ela havia sofrido, há pouco; seu desejo teria sido estraçalhá-la e se via forçada a sorrir-lhe, pois desejava conhecer a todo preço, mesmo à custa de epigramas mais cruéis, o sentimento de que a jovem estava animada; por isso fingia não tê-la compreendido.

— Nunca os *chouans* tiveram chefe mais cruel do que aquele, se se deve dar fé aos ruídos que correm a respeito — disse ela, dirigindo-se ao mesmo tempo a Francine e à srta. de Verneuil.

— Oh! cruel, não creio — disse a moça —, mas ele sabe mentir e me parece muito crédulo: um chefe de partido não deve ser joguete de ninguém.

— A senhorita conhece-o? — perguntou friamente o jovem emigrado.

— Não — replicou ela, lançando-lhe um olhar de desprezo —; julgava conhecê-lo.

— Oh! senhorita, é decididamente um sabido — retornou o capitão sacudindo a cabeça. — Nessas velhas famílias surgem, por vezes, vigorosos brotos. Vem ele de uma terra em que os *ci-devant* não tiveram, dizem, todas as facilidades e os homens são como nêsperas, amadurecem na palha. Se esse rapaz for hábil, poderá fazer-nos correr durante muito tempo. Já soube ele opor companhias leves às nossas companhias francas e neutralizar os esforços do governo. Se queimam uma aldeia aos realistas, faz ele queimar duas dos republicanos. Desenvolve sua ação numa vasta extensão, forçando-nos a empregar um número considerável de tropas num momento em que não as temos demais! Oh! O rapaz entende do negócio.

— E assassina a sua pátria — disse Gérard, com voz forte, interrompendo o capitão.

— Mas — replicou o gentil-homem —, se sua morte libertar o país, fuzilem-no o mais depressa possível.

Depois sondou com um olhar a alma da srta. de Verneuil e passou-se entre ambos uma dessas cenas mudas, da qual a linguagem não pode reproduzir senão imperfeitamente a vivacidade dramática e a fugitiva finura. O perigo torna os seres interessantes. Quando se trata de morte, o criminoso mais vil excita sempre um pouco de piedade. Ora, embora a srta. de Verneuil estivesse certa de que o amante que a desdenhava era aquele chefe perigoso, não queria ainda persuadir-se disso pelo seu suplício; tinha outra curiosidade bem diversa a satisfazer. Preferiu, pois, duvidar ou acreditar, segundo a própria paixão, e pôs-se a brincar com o perigo. Seu olhar impregnado de uma perfídia zombeteira mostrava os soldados ao marquês com ar de triunfo; e, apresentando-lhe assim a imagem do perigo, comprazia-se em fazê-lo duramente sentir que a vida dele dependia de uma única palavra dela, e já seus lábios pareciam

mover-se para pronunciá-la. Semelhante a um selvagem da América, interrogava os nervos do rosto do inimigo preso ao poste de execução e brandia o cassetete com graça, saboreando uma vingança muito inocente e punindo como uma amante que ama ainda.

— Se eu tivesse um filho como o seu, minha senhora — disse ela à estrangeira, visivelmente aterrorizada —, trazia luto por ele no dia em que o expusesse ao perigo.

Não recebeu nenhuma resposta. Voltou vinte vezes a cabeça para os oficiais e depois, bruscamente, olhou para a sra. do Gua, sem surpreender entre a mesma e o marquês nenhum sinal secreto, capaz de confirmar a intimidade que supunha existir e da qual queria duvidar. A mulher gosta tanto de hesitar numa luta de vida e de morte, quando tem nas mãos a sentença! O jovem general sorria com o ar mais calmo do mundo, suportando, sem tremor, a tortura que a srta. de Verneuil lhe infligia; a atitude e a expressão da fisionomia anunciavam um homem indiferente aos perigos a cujos riscos se submetera e que, por vezes, parecia dizer-lhe: “Eis aqui a ocasião para vingar a sua vaidade ferida, aproveite-a! Eu ficaria desesperado de ter que retratar-me no desprezo que lhe voto”.

A srta. de Verneuil pôs-se a examinar o chefe, olhando-o de cima com uma impertinência e uma dignidade aparentes, porque no fundo do coração admirava-lhe a coragem e a tranquilidade. Satisfeita por descobrir que o homem amado tinha um velho título de nobreza, cujos privilégios agradam a todas as mulheres, experimentava algum prazer em encontrá-lo numa ocasião em que, campeão de uma causa enobrecida pela desgraça, lutava ele com todas as faculdades de uma alma forte contra uma república muitas vezes vitoriosa, e em vê-lo às voltas com o perigo, dando mostras dessa bravura que exerce tão poderosa ação sobre os corações femininos; pô-lo, então, vinte vezes à prova, obedecendo talvez ao instinto que leva a mulher a brincar com a presa, como o gato brinca com o rato.

— Em virtude de que lei condenam os senhores os *chouans* à morte? — perguntou ela a Merle.

— Ora, pela de 14 de frutidor último, que põe fora da lei os departamentos rebeldes e institui conselhos de guerra — respondeu o republicano.

— A que devo agora a honra de atrair os seus olhares? — disse ela ao jovem chefe, que a examinava atentamente.

— A um sentimento que um homem galante não saberia exprimir a qualquer mulher — respondeu o rapaz, em voz baixa, voltando-se para a moça. — Era preciso — continuou ele em voz alta — viver nestes tempos, para ver raparigas fazendo o papel do carrasco e superando-o na maneira pela qual brincam com o machado...

Ela olhou Montauran fixamente; depois, num transporte de

arrebatamento por haver sido insultada por aquele homem, no momento em que lhe tinha a vida nas mãos, disse-lhe ao ouvido, rindo com uma doce malícia:

— O senhor tem uma cabeça muito má; os carrascos não a quererão, guardo-a para mim.

Estupefato, o marquês contemplou durante um momento aquela inexplicável rapariga, na qual o amor triunfava de tudo, mesmo das injúrias mais mordentes, e que se vingava pelo perdão de uma ofensa que as mulheres não perdoam jamais. Seus olhos se tornaram menos severos, menos frios e uma certa expressão de melancolia chegou a despontar-lhe no rosto. A srta. de Verneuil, satisfeita com esse fraco penhor de uma reconciliação procurada, encarou o chefe ternamente, lançando-lhe um sorriso que se assemelhava a um beijo; depois, curvou-se para o fundo do carro e não quis mais arriscar o futuro daquele drama de felicidade, julgando haver ligado o nó com esse sorriso. Era ela tão bela! Sabia tão bem triunfar sobre os obstáculos no amor. Estava tão habituada a brincar com tudo, a caminhar ao acaso! Amava tanto o imprevisto e as tempestades da vida!

Logo, por ordem do marquês, o carro deixou a estrada real, dirigindo-se para a Vivetière através de um caminho escavado e marginado por altas escarpas em que se enfileiravam macieiras, formando antes um fosso do que uma estrada. Os viajantes deixaram os soldados ganharem lentamente, atrás deles, a habitação, cuja cumeeira cinzenta aparecia e desaparecia entre as árvores daquela estrada argilosa e onde vários permaneceram ocupados em arrancar o calçado à lama.

— Isso se parece doidamente com o caminho do céu — exclamou Pé-bonito.

Graças à experiência que o postilhão tinha daquelas estradas, a srta. de Verneuil não tardou a avistar o castelo da Vivetière. A casa, situada no cimo de uma espécie de promontório, era defendida e envolvida por dois tanques profundos que não lhe davam acesso senão por um estreito caminho. A parte dessa península em que se achavam os habitantes e os jardins era protegida a uma certa distância, detrás do castelo, por uma larga fossa, onde descarregavam a água supérflua dos tanques com os quais ela se comunicava, e formava assim, realmente, uma ilha quase inexpugnável, retiro precioso para um chefe que não podia ser surpreendido senão pela traição. Ouvindo bater os gonzos enferrujados da porta e passando pela abóbada em ogiva de um portal arruinado pela guerra precedente, a srta. de Verneuil estendeu a cabeça. As cores sinistras do quadro que se ofereciam aos olhos apagaram-lhe quase inteiramente os pensamentos de amor e coquetismo entre os quais ela se embalava. O carro entrou num grande pátio mais ou menos quadrado e fechado pelas margens abruptas dos tanques. Essas

escarpas selvagens banhadas pelas águas cobertas de grandes manchas verdes tinham por todo ornamento árvores aquáticas despojadas de folhas, cujos troncos enfezados, as comas enormes e encanecidas erguidas por cima dos caniços e das brenhas, assemelhavam-se a ridículos espantalhos. Essas tapadas desgraciosas pareceram animar-se e falar, quando as rãs as desertaram coaxando e os frangos-d'água, despertos pelo barulho do carro, voaram, chapinhando na superfície dos tanques. O pátio, circundado de relvas altas e murchas, de juncos, de arbustos nanicos ou parasitas, excluía toda ideia de ordem e de esplendor. O castelo parecia abandonado havia muito tempo. O telhado dava a impressão de curvar-se sob o peso das vegetações que ali cresciam. Os muros, embora construídos por essas pedras xistosas e sólidas abundantes no solo, apresentavam inúmeras fendas por onde a hera estendia suas garras. Dois corpos de edifício reunidos em forma de esquadro a uma alta torre e com a fachada para o tanque compunham todo o castelo, cujas portas e venezianas, pendentes e carcomidas, as balaustradas cobertas de ferrugem, as janelas dismanteladas pareciam prestes a cair ao primeiro sopro de uma tempestade. O vento zunia através dessas ruínas, às quais a lua emprestava, com a sua luz indecisa, o caráter e a fisionomia de um grande espectro. Seria preciso ter visto as cores dessas pedras graníticas escuras e azuis, combinando com os xistos negros e fulvos, para saber como é verdadeira a imagem sugerida por tamanha carcaça vazia e sombria. As pedras desajustadas, as janelas sem vidraça, a torre de ameias, as cumeeiras descobertas davam-lhe exatamente um ar de esqueleto; e as aves de rapina, que voavam gritando, acrescentavam um traço a mais nessa vaga semelhança. Alguns pinheiros altos, plantados por detrás da casa, balançavam por cima dos tetos a folhagem sombria, e alguns teixos, talhados para decorar os ângulos, enquadravam-nos de tristes festões, lembrando os veludos dum caixão fúnebre. Afinal, a forma das portas, a grosseria dos ornamentos, a pouca unidade de conjunto das construções, tudo indicava um desses solares feudais dos quais se orgulha a Bretanha, e com razão, talvez, pois eles formam nessa terra gaélica uma espécie de história monumental dos tempos nebulosos que precederam o advento da Monarquia.

A srta. de Verneuil, na imaginação da qual a palavra *castelo* despertava sempre formas de um tipo convencional, chocada pela fisionomia fúnebre daquele quadro, saltou ligeira para fora da caleça e contemplou-o, isolada, com terror, pensando no partido que devia tomar. Francine ouviu a sra. do Gua dar um suspiro de alegria por achar-se fora do alcance dos Azuis, e uma exclamação involuntária lhe escapou, quando o portão se fechou e ela se viu numa espécie de fortaleza natural.

Montauran aproximara-se vivamente da srta. de Verneuil,

adivinhandos os pensamentos que a preocupavam.

— Esse castelo — disse ele com um ligeiro acento de tristeza — foi arruinado pela guerra, como os projetos que eu formulava para a nossa felicidade o foram pela senhorita.

— Como? — perguntou ela surpreendida.

— A senhorita *é uma jovem bela, nobre e cheia de espírito?* — disse ele, num tom de ironia, repetindo-lhe as palavras que ela lhe havia, com tanto coquetismo, pronunciado na conversa mantida na estrada.

— Quem lhe disse o contrário?

— Amigos dignos de fé, interessados em minha segurança e empenhados em denunciar as traições.

— Traições! — disse ela, com um ar zombeteiro. — Alençon e Hulot já estarão tão longe? O senhor não tem memória, um defeito perigoso para um chefe de partido! Mas, já que os amigos — acrescentou ela, com rara impertinência — reinam tão poderosamente sobre o seu coração, guarde os seus amigos. Nada pode comparar-se aos prazeres da amizade. Adeus, nem eu nem os soldados da República entraremos aqui.

Dirigiu-se ela para o portão num movimento de orgulho ferido e de desdém, mas manifestou nas suas maneiras uma nobreza e um desespero tais que mudaram todas as ideias do marquês, a quem custava muito renunciar àquele desejo para que não fosse ele imprudente e crédulo. Ele também já amava. Os dois apaixonados não tinham, nem um nem outro, necessidade de discutir por muito tempo.

— Acrescente uma palavra e estarei pronto a dar-lhe crédito — disse ele, com voz suplicante.

— Uma palavra — retornou ela, ironicamente, apertando os lábios —, uma palavra? Nem um gesto.

— Pelo menos repreenda-me — pediu ele, tentando tomar-lhe a mão que ela retirou — se todavia a senhorita ousa chasquear de um chefe rebelde, agora tão desconfiado e sombrio quanto alegre e confiante era antes.

Maria encarou o marquês sem cólera. Este declarou:

— A senhorita tem o meu segredo e eu não tenho o seu.

A essas palavras a fronte de alabastro tornou-se escura. Maria lançou um olhar carregado ao chefe e respondeu:

— Meu segredo? Nunca.

Em amor, cada palavra, cada olhar tem uma eloquência própria de momento; mas ali a srta. de Verneuil não exprimiu nada de preciso e, por mais hábil que fosse Montauran, o segredo daquela exclamação permaneceu impenetrável, embora a voz da mulher traísse emoções pouco comuns, capazes de lhe picarem vivamente a curiosidade.

— A senhorita tem — tornou ele — uma divertida maneira de dissipar as suspeitas.

— E o senhor ainda as conserva? — perguntou ela, medindo-o com os olhos, como se lhe dissesse: “Tem algum direito sobre mim?”.

— Senhorita — respondeu o jovem, com um ar submisso e firme —, o poder que exerce sobre as tropas republicanas, essa escolta...

— Ah! O senhor me leva a pensar nisso. Minha escolta e eu — perguntou ela, com leve ironia —, seus protetores, afinal, estarão em segurança aqui?

— Sim, pela minha palavra de cavalheiro. Quem quer que a senhorita seja, a senhorita e os seus nada têm a temer em minha casa.

O juramento foi pronunciado num gesto tão leal e generoso que a srta. de Verneuil se viu obrigada a tranquilizar-se quanto à sorte dos republicanos. Ia ela dizer algo, quando a chegada da sra. do Gua lhe impôs silêncio. Esta última poderia ter ouvido ou adivinhado uma parte da conversa dos dois amantes e não concebia mediócras inquietações ao percebê-los numa posição que não acusava mais a menor inimizade. Vendo a recém-chegada, o marquês ofereceu a mão à srta. de Verneuil e dirigiu-se para a casa com vivacidade, como para se desfazer de uma companhia inoportuna.

“Eu o estorvo”, disse consigo a desconhecida, permanecendo imóvel no lugar. Contemplou os dois amantes reconciliados, que se afastavam lentamente na direção da escada, onde pararam logo que puseram entre si e a dama um certo espaço. “Sim, sim, eu os estorvo”, retornou ela, falando consigo mesma, “mas dentro em pouco essa criaturinha não me incomodará mais. O lago será, por Deus, o seu túmulo! Não tenho eu muito bem a tua palavra de cavalheiro? Uma vez debaixo dessa água, que teremos a temer? Não estará em segurança?”

E contemplava, com olhar fixo, o espelho calmo do pequeno lago da direita, quando, de repente, ouviu um ruído nos espinheiros do penhasco e percebeu, à claridade do luar, a figura de Pé-de-poeira, a surgir por detrás do nodoso caule de um velho salgueiro. Era preciso conhecer o *chouan* para distingui-lo no meio desse conjunto de galhos emaranhados, entre os quais ele se confundia tão facilmente. A sra. do Gua lançou primeiro, em torno, um olhar de desconfiança; viu o postilhão conduzindo os cavalos para uma estrebaria situada na ala do castelo que dava para a margem, onde Pé-de-poeira estava escondido; Francine caminhava na direção dos dois apaixonados, que, nesse momento, se esqueciam de tudo na terra; então, a desconhecida avançou, levando o dedo aos lábios para reclamar profundo silêncio, e o *chouan* mais compreendeu do que propriamente ouviu as palavras seguintes:

— Quantos são vocês aqui?

— Oitenta e sete.

— Eles não passam de sessenta e cinco, contei-os.

— Está bem — retornou o selvagem, com uma satisfação feroz.

Atento aos menores gestos de Francine, o *chouan* desapareceu atrás do salgueiro, vendo-a voltar-se para procurar com os olhos a inimiga sobre a qual velava por instinto.

VIII

Sete ou oito pessoas, atraídas pelo barulho do carro, mostraram-se no alto da escada principal e gritaram:

— É o Gars, é ele, ei-lo enfim!

A estas exclamações, outros homens acorreram e a presença dos mesmos interrompeu a conversa dos dois apaixonados. O marquês de Montauran avançou precipitadamente para os cavalheiros, fez-lhes um sinal imperativo para lhes impor silêncio e lhes indicou o alto da avenida por onde caminhavam os soldados republicanos. À vista daqueles uniformes azuis, debruados de vermelho e tão conhecidos, daquelas baionetas luzidas, os conspiradores espantados gritaram:

— Virá por acaso trair-nos?

— Não vos advertiria do perigo — respondeu o marquês, sorrindo com amargor. — Esses Azuis — retornou ele, depois de uma pausa — formam a escolta desta jovem, cuja generosidade salvou-nos, milagrosamente, de um perigo ante o qual estivemos em risco de sucumbir na hospedaria de Alençon. Eu lhes contarei a aventura. A senhorita e a escolta estão aqui sob minha palavra e devem ser recebidas como amigos.

A sra. do Gua e Francine tinham chegado até a escada, o marquês apresentou galantemente a mão à srta. de Verneuil, o grupo dos cavalheiros dividiu-se em duas alas para os deixar passar e todos tentaram observar os traços da desconhecida, porque a sra. do Gua já lhes havia tornado a curiosidade mais viva, fazendo-lhes alguns sinais de soslaio. A srta. de Verneuil viu, na primeira sala, uma grande mesa inteiramente servida e preparada para uns vinte convivas. A sala de jantar comunicava-se com um vasto salão, onde o grupo logo se reuniu. Essas duas peças estavam em harmonia com o espetáculo de destruição que oferecia a fachada do castelo. O madeiramento de nogueira pálida, mas de formas rudes e grosseiras, com saliências, mal trabalhado e desconjuntado, parecia prestes a ruir. Sua cor sombria aumentava a tristeza das salas, sem espelhos nem cortinas, onde alguns móveis seculares e em ruína harmonizavam com o conjunto dos escombros. Maria viu cartas geográficas e plantas desenroladas sobre uma grande mesa; depois, nos ângulos do aposento, armas e carabinas amontoadas. Tudo testemunhava uma conferência importante entre os chefes dos vendeanos e dos *chouans*. O marquês conduziu a srta. de Verneuil para uma imensa poltrona carcomida que se achava perto da chaminé e Francine veio postar-se por detrás da ama, apoiando-se no espaldar

desse móvel antigo.

— Permita-me que faça, por um momento, as vezes de dono da casa — disse o marquês, deixando as duas estrangeiras para reunir-se ao grupo formado pelos seus hóspedes.

Francine viu todos os chefes, ante algumas palavras de Montauran, apressando-se em esconder as armas, os mapas e tudo o que pudesse despertar suspeitas dos oficiais republicanos; alguns desfizeram-se de largos cintos de couro, contendo pistolas e facões de caça. O marquês recomendou a maior discrição e saiu, alegando a necessidade de tomar providências para a acomodação dos hóspedes desagradáveis que o acaso lhe trouxera. A srta. de Verneuil, tendo estendido os pés ao fogo, a fim de aquecê-los, deixou partir Montauran, sem voltar a cabeça, ludibriando assim a expectativa dos assistentes, curiosos por vê-la. Francine foi destarte a única testemunha da transformação produzida na assembleia pela retirada do chefe. Os cavalheiros se agruparam em torno da dama desconhecida, e durante a surda conversa que ela manteve com eles não houve um que não olhasse, várias vezes, as duas estrangeiras.

— Conhecem bem Montauran — disse-lhes a dama. — Enamorou-se ele, de um momento para outro, dessa rapariga e os senhores compreendem bem que os meus melhores conselhos lhe pareceram suspeitos. Os nossos amigos de Paris, os srs. de Valois e d'Esgrignon de Alençon, todos me preveniram do laço que lhe pretendem armar fazendo cruzar-lhe o caminho uma criatura, e ele fica logo embeijado com a primeira que encontra; com uma rapariga que, segundo informações por mim colhidas, apoderou-se de um grande nome para manchá-lo, que etc. etc.

Esta dama, na qual se pode reconhecer a mulher que decidiu sobre o ataque da turgotina, conservará, de ora em diante, na presente história, o nome que lhe serviu para escapar aos perigos da sua passagem por Alençon. A divulgação do verdadeiro nome poderia ofender uma nobre família, já profundamente aflita pelos desvios dessa jovem, cujo destino foi, aliás, assunto de uma outra cena. Bem depressa a atitude de curiosidade na assembleia tornou-se impertinente e quase hostil. Algumas exclamações muito duras chegaram ao ouvido de Francine, que depois de haver dito uma palavra à sua ama refugiou-se no vão de uma janela. Maria ergueu-se, voltou-se para o grupo insolente, lançando-lhe alguns olhares cheios de dignidade e mesmo de desprezo. Sua beleza, a elegância das maneiras, a altivez transformaram, de um momento para outro, as disposições dos seus inimigos e lhe valeram um murmúrio de lisonja que lhes escapou. Dois ou três homens, cujo exterior traía hábitos de polidez e galanteria, só adquiridos na esfera elevada das cortes, aproximaram-se de Maria com gentileza; a decência da moça impôs-lhes respeito; nenhum ousou-lhe dirigir a palavra, e,

longe de ser acusada por eles, ela é que parecia julgá-los.

Os chefes dessa guerra empreendida por Deus e pelo rei assemelhavam-se bem pouco aos retratos fantasistas que a moça havia imaginado. Essa luta verdadeiramente grande restringiu-se e tomou proporções mesquinhas, quando a hóspede viu, salvo duas ou três figuras vigorosas, aqueles fidalgos de província, todos destituídos de expressão e de vida. Depois de haver poetizado a situação, Maria caía repentinamente na realidade. Aquelas fisionomias pareciam denunciar antes um apetite de intriga do que amor à glória; era bem o interesse que punha todos eles de armas na mão; se na ação se tornavam heroicos, ali se mostravam, por assim dizer, desnudos. A perda das ilusões tornou a srta. de Verneuil injusta e impediu-a de reconhecer o devotamento verdadeiro que tornava vários daqueles homens tão notáveis. No entanto, a maior parte deles aparentava maneiras vulgares. Se algumas cabeças originais se distinguiam entre outras, eram diminuídas pelas fórmulas e pela etiqueta da aristocracia. Se Maria atribuía, de maneira geral, finura e espírito a esses homens, encontrou neles uma ausência absoluta da simplicidade e da magnitude a que os triunfos e os homens da República a tinham habituado. Aquela assembleia noturna, no meio de um velho castelo em ruínas e sob aqueles ornamentos paupérrimos, tão bem ajustados às figuras, fê-la sorrir; quis ver nela um quadro simbólico da Monarquia. Pensou logo, com delícia, que pelo menos o marquês representava o principal papel no meio dessa gente, cujo único mérito lhe parecia consistir no devotamento a uma causa perdida. E desenhou então a figura do seu amado nessa massa, rejubilou-se em destacá-la em alto relevo e não viu mais naqueles vultos magros e delgados senão instrumentos dos nobres desígnios do marquês.

Nesse momento, os passos de Montauran repercutiram na sala vizinha. Repentinamente, os conspiradores se separaram em vários grupos e os sussurros cessaram. Semelhantes a escolares que pregaram alguma peça na ausência do mestre, apressaram-se em afetar ordem e silêncio. O marquês entrou. Maria experimentou a felicidade de admirá-lo no meio daquela gente, entre a qual era ele o mais jovem, o mais belo, o primeiro. Como um rei na sua corte, passou ele de grupo em grupo, distribuindo sinais de cabeça, apertos de mão, olhares, sinais de inteligência ou de censura, desempenhando a função de chefe de partido com uma elegância e uma segurança difíceis de imaginar num jovem anteriormente acusado por ela de estouvamento. A presença do marquês pôs termo à curiosidade manifestada em torno da srta. de Verneuil, mas logo as perfídias da sra. do Gua produziam efeito. O barão du Guénic,³⁵ conhecido pelo cognome de Intimado e que, entre todos esses homens reunidos por graves interesses, parecia autorizado, pelo nome e pela categoria, a tratar familiarmente Montauran, tomou-o

pelo braço e o conduziu a um canto.

— Escuta, meu caro marquês — disse-lhe —, nós te vemos todos, com muita pena, em vias de fazer uma insigne tolice.

— Que queres dizer com essas palavras?

— Mas sabes de onde vem essa moça, quem é ela, realmente, e quais os seus desígnios sobre ti?

— Meu caro Intimado, aqui entre nós, amanhã cedo a minha fantasia já terá passado.

— De acordo, mas se essa criatura te trair antes do nascer do dia?

— Responder-te-ei, quando me disseres por que ela já não o fez — retornou Montauran, tomando, por brincadeira, um ar de fatuidade.

— Sim, mas, se lhe agradas, ela não quererá, talvez, trair-te antes que a fantasia dela também passe.

— Meu caro, olha essa moça encantadora, estuda-lhe as maneiras e ousa depois dizer se não é uma mulher de distinção. Se ela lançasse sobre ti seus olhares favoráveis, não sentirias, no fundo da alma, algum respeito por ela? Uma senhora já te preveniu contra essa pessoa; mas, depois do que dissemos um ao outro, se for uma dessas criaturas perdidas de que nos falaram nossos amigos, eu a matarei...

— Julga então — disse a sra. do Gua, intervindo — Fouché bastante tolo para enviar uma pequena apanhada em qualquer canto de rua? Ele lhe proporcionou as seduções correspondentes ao seu mérito. Mas, se o senhor está cego, seus amigos têm os olhos abertos para velar por si.

— Senhora — respondeu o Gars, dardejando-lhe olhares de cólera —, trate de nada empreender contra essa pessoa nem contra a sua escolta, pois jamais escaparia à minha vingança. Quero que a senhorita seja tratada com a maior consideração e como uma mulher que me pertence. Somos, creio, aliados dos Verneuil.

A oposição encontrada pelo marquês produziu o efeito comum que causam nos jovens semelhantes obstáculos. Embora, na aparência, tratasse com certa frivolidade a srta. de Verneuil, fazendo-lhe crer que a paixão que lhe dedicava não ia além de um capricho, acabava, por um sentimento de orgulho, de transpor um espaço imenso. Responsabilizando-se por aquela mulher, sentiu sua honra empenhada em fazer que a respeitassem; foi, então, de grupo em grupo, assegurando, como um homem a quem seria perigoso irritar, que a desconhecida era realmente a srta. de Verneuil. Logo todos os rumores cessaram. Quando Montauran estabeleceu uma espécie de harmonia no salão, satisfazendo todas as exigências, aproximou-se de sua amante com sofreguidão e disse-lhe em voz baixa:

— Essa gente me roubou um momento de felicidade.

— Estou muito contente por vê-lo ao meu lado — respondeu ela, rindo. — Previno-o de que sou muito curiosa; assim, não se fatigue com as minhas perguntas. Diga-me, primeiro, quem é esse trajado de verde?

— É o famoso major Brigaut,³⁶ um homem do Marais, companheiro do falecido Mercier, conhecido por Vendeia.

— E aquele gordo eclesiástico de face rubicunda com o qual ele conversa agora a meu respeito? — retornou a srta. de Verneuil.

— Sabe o que eles dizem?

— Se quero saber?... É uma pergunta?

— Mas não poderei informá-la sem a ofender.

— Se o senhor permite que me ofendam, sem vingar-se das injúrias que recebo em sua casa, então adeus, marquês. Não quero permanecer mais um momento aqui. E já começo a sentir remorsos de haver enganado esses pobres republicanos tão leais e confiantes.

Deu ela alguns passos e o marquês seguiu-a.

— Minha cara Maria, escute-me. Por minha honra, saiba que impus silêncio aos maus propósitos desses homens, antes de saber se eram verdadeiros ou falsos. Não obstante, na minha situação, quando os amigos que temos nos ministérios, em Paris, me advertem a desconfiar de toda espécie de mulher que se encontrar em meu caminho, anunciando-me o projeto de Fouché de empregar contra mim uma Judite das ruas, é permitido aos meus amigos pensar que você é muito bonita para ser uma mulher honesta...

Assim falando, o marquês mergulhava o olhar nos olhos da srta. de Verneuil, que enrubescou e não pôde reter algumas lágrimas.

— Mereci essas injúrias — disse ela. — Eu queria vê-lo persuadido de que sou uma criatura desprezível e saber-me amada... então não mais poderia duvidar do senhor. Quanto a mim, acreditei no senhor quando o senhor me enganava e o senhor não me acredita quando falo a verdade. Acabemos com isso, cavalheiro — disse ela, franzindo o sobrolho e empalidecendo, como uma pessoa que vai morrer. — Adeus.

E enveredou para fora da sala de jantar, num movimento de desespero.

— Maria, minha vida é sua — disse-lhe o jovem marquês.

Quedando-se, ela o encarou:

— Não, não. Serei generosa. Adeus. Eu não pensava, ao segui-lo, nem em meu passado nem em seu futuro, estava doida.

— Como? Deixa-me no momento em que lhe ofereço a vida?

— O senhor a oferece num momento de paixão, de desejo.

— Sem arrependimento e para sempre — disse ele.

Maria retornou à sala. Para esconder as emoções, o marquês continuou a conversa:

— Esse homem gordo de quem me perguntava o nome é um homem temível, o padre Gudin, um desses jesuítas bastante obstinados, devotos o bastante talvez para permanecerem na França, apesar do édito de 1763 que os baniu. É ele o cabeça da guerra nestas paragens e o propagador da associação religiosa conhecida por Sagrado Coração.

Habituação a servir-se da religião como de um instrumento, persuade os seus filiados de que eles ressuscitarão e sabe entreter-lhes o fanatismo com hábeis pregações. Você bem vê: é preciso utilizar-se dos interesses particulares de cada um para atingir-se um grande objetivo. São os segredos da política.

— E esse velho ainda conservado, todo musculoso, cujo rosto é tão repulsivo? Olha, aquele homem vestido com os farrapos de um traje de advogado.

— Advogado? Ele pretende o posto de marechal de campo. Nunca ouviu falar de Longuy?

— Será ele — disse a srta. de Verneuil, aterrorizada. — O senhor se serve desses homens?

— Pst!... ele pode ouvi-la. Veja aquele outro, em entendimento criminoso com a sra. do Gua...

— Aquele homem de preto, semelhante a um juiz?

— É um dos nossos negociadores, La Billardiére, filho de um conselheiro do Parlamento da Bretanha, cujo nome é alguma coisa como Flamet;³⁷ mas tem ele a confiança dos príncipes.

— E seu vizinho, aquele que empunha, no momento, o cachimbo de terra branca e apoia todos os dedos da mão direita na almofada como um labrego? — disse a srta. de Verneuil, rindo.

— Por Deus, você o adivinhou, é o antigo guarda-caça do defunto marido dessa mulher. Comanda uma das companhias com que eu faço frente aos batalhões móveis. Ele e Pé-de-poeira são talvez os mais conscienciosos servidores do rei aqui.

— Mas ela, quem é ela?

— Ela — retornou o marquês — foi a última amante de Charette. Possui uma grande influência sobre toda essa gente aqui.

— Manteve-se fiel a ele?

Por toda a resposta, o marquês fez um muxoxo de dúvida.

— E você a estima?

— Você é realmente muito curiosa.

— Ela é minha inimiga, porque não pode ser minha rival — disse rindo a srta. de Verneuil. — Perdoo-lhe os erros passados, que me perdoe ela os meus. E esse oficial de bigodes?

— Permita-me que não lhe diga o nome.³⁸ Quer ele eliminar o primeiro-cônsul, atacando-o à mão armada. Obtenha ou não êxito, você virá a conhecê-lo, pois se tornará célebre.

— E você veio comandar semelhante gente?... — disse ela, com horror. — Eis os defensores do rei! Onde estão, pois, os fidalgos e os grandes senhores?

— Mas — disse o marquês com impertinência — estão espalhados por toda a Europa. Quem alicia os reis, seus ministros, seus exércitos, a serviço da casa de Bourbon e os lança sobre essa República que ameaça

de morte todas as monarquias e a ordem social de uma destruição completa?...

— Ah! — respondeu ela com uma generosa emoção — seja de ora em diante a fonte pura em que colherei as ideias que devo ainda adquirir... Consentirei nisso. Mas deixe-me pensar que você é o único nobre que cumpre o seu dever atacando a França com os franceses e não com o auxílio do estrangeiro. Sou mulher e sinto que, se meu filho me batesse na sua cólera, poderia perdoá-lo; mas, se me visse, de sangue-frio, massacrada por um desconhecido, considerá-lo-ia um monstro.

— Você será sempre republicana — disse o marquês, presa de um delicioso inebriamento excitado por aqueles generosos acentos que lhe confirmavam as presunções.

— Republicana? Não, não o sou mais. Não o estimaria se você se submetesse ao primeiro-cônsul — voltou ela —, mas não quero, igualmente, vê-lo à frente de pessoas que devastam um recanto da França, em lugar de assaltar toda a República. Por quem vocês se batem? Que esperam de um rei reposto no trono por suas mãos? Uma mulher já empreendeu essa bela obra-prima, o rei liberto deixou que a queimassem viva.³⁹ Esses homens são os ungidos do Senhor e há perigo em tocar em coisas sagradas. Deixe que Deus os coloque, os descoloque e os substitua em seus tamboretos de púrpura. Se você pesou a recompensa que daí lhe pode vir, será aos meus olhos dez vezes maior do que eu imaginava; calque-me agora sob os pés, se o quiser, eu lho permito e serei feliz.

— Você é encantadora! Não procure doutrinar esses senhores, que ficarei sem soldados.

— Ah! Se você me deixasse convertê-lo, iríamos para mil léguas daqui.

— Esses homens que você parece desprezar saberão perecer na luta — replicou o marquês, com um tom mais grave —, e sua falta de razão será esquecida. Aliás, se os meus esforços forem coroados de algum êxito, os lauréis do triunfo não ocultarão tudo?

— Não há senão você aqui que eu vejo arriscar alguma coisa.

— Não sou o único — retornou ele, com verdadeira modéstia. — Veja, lá, no fundo, dois novos chefes da Vendaia. O primeiro, a quem você ouviu chamar de Grande Jacques, é o conde de Fontaine, e o outro La Billardièrre, que eu já lhe mostrei.

— E esquece Quiberon,⁴⁰ onde La Billardièrre desempenhou um papel dos mais singulares?... — respondeu ela, tocada por uma lembrança.

— La Billardièrre tomou muita coisa sobre si, acredite. Não é andar sobre rosas servir aos príncipes.

— Mas você me faz tremer! — exclamou Maria. — Marquês —

tornou ela, num tom que parecia anunciar uma reticência, cujo mistério lhe era muito particular —, basta um instante para destruir uma ilusão e desvendar segredos de que dependem a vida e a felicidade de muita gente. — Interrompeu-se, como se receasse dizer demais, e depois continuou: — Eu queria saber se os soldados da República estão em segurança.

— Serei prudente — disse ele, sorrindo, para disfarçar a emoção —, mas não me fale mais dos seus soldados, já lhe respondi por eles, sob minha palavra de fidalgo.

— E, depois de tudo, com que direito poderia tê-lo sob as minhas ordens? Entre nós, você há de ser sempre o senhor. Já não lhe disse que me desesperaria se fosse levada a reinar sobre um escravo?

— Senhor marquês — disse respeitosamente o major Brigaut, interrompendo a conversa —, os Azuis permanecerão por muito tempo aqui?

— Partirão logo que descansarem — exclamou Maria.

O marquês lançou olhares perscrutadores pela assembleia, notou-lhe a agitação, afastou-se da srta. de Verneuil e deixou que a sra. do Gua viesse substituí-lo junto dela. Esta mulher trazia uma máscara risonha e pérfida, que o sorriso amargo do jovem chefe absolutamente não desconcertou. Nesse momento, Francine soltou um grito prontamente abafado. A srta. de Verneuil, que viu, com espanto, sua fiel camponesa dirigir-se para a sala de jantar, observou a sra. do Gua e a surpresa aumentou ante a palidez do rosto da inimiga. Curiosa por penetrar o segredo daquele brusco afastamento, avançou para um canto da janela, onde a rival a seguiu, a fim de destruir-lhe as suspeitas que uma imprudência poderia ter despertado, e lhe sorriu com indefinível malícia. Depois de haverem lançado ambas um olhar pela paisagem do lago, voltaram juntas para a lareira. Maria, sem nada ter percebido capaz de justificar a fuga de Francine; a sra. do Gua, satisfeita por ter sido obedecida.

O lago, à beira do qual Pé-de-poeira tinha surgido no pátio ante a invocação dessa mulher, ia até a fossa da barreira que protegia os jardins, descrevendo vaporosas sinuosidades, ora largas, como tanques, ora apertadas, como riachos artificiais de um parque. A margem inclinada, banhada por essas águas claras, passava a algumas toesas da janela. Ocupada em contemplar sobre a superfície das águas as linhas negras que projetavam os topos de alguns velhos salgueiros, Francine observava descuidadamente a uniformidade da curva que uma leve brisa lhes imprimia aos galhos. De repente, julgou perceber uma daquelas sombras a se moverem no espelho das águas, com um desses movimentos irregulares e espontâneos que traem um ser vivente. Aquela figura, por vaga que fosse, parecia a de um homem. Francine atribuiu, primeiro, a visão às imperfeitas configurações produzidas pela

luz do luar, através das folhagens; mas logo uma segunda cabeça se mostrou; depois, outras surgiram a maior distância. Os pequenos arbustos do penhasco curvaram-se e se revelaram com violência... Francine viu, então, aquela longa sebe insensivelmente agitada como uma dessas grandes serpentes indianas de formas fabulosas... Depois, aqui e ali, nas giestas e nos altos espinheiros, vários pontos luminosos brilharam e deslocaram-se. Redobrando a atenção, a amante de Pé-de-poeira julgou reconhecer a primeira das figuras negras que se achavam no meio dessa margem movediça. Por indistintas que fossem as formas daquele homem, um baque no coração persuadiu-a de que avistara Pé-de-poeira.

Esclarecida por um gesto e impaciente por saber se aquela marcha misteriosa não escondia alguma perfídia, dirigiu-se para o pátio. Chegando ao meio daquele planalto de verdura, olhou um a um os dois corpos da construção e os dois penhascos, sem descobrir, no que dava a frente para a ala desabitada, nenhum sinal daquele surdo movimento. Ficou de ouvido atento e escutou um leve rumor semelhante ao que podem produzir os passos de uma fera no silêncio das florestas; sobressaltou-se, mas não tremeu. Embora jovem e ainda inocente, a curiosidade lhe inspirou prontamente uma artimanha. Percebendo o carro, correu e foi agachar-se nele, não erguendo a cabeça senão com a precaução da lebre aos ouvidos da qual ressoou o ruído de uma caçada distante. Viu Furta-pão que saía da estrebaria. O *chouan* era acompanhado por dois camponeses e os três traziam feixes de palha; colocaram-nos de maneira a formar uma longa liteira ante o corpo da construção desabitado, paralelo ao penhasco orlado de árvores anãs, por onde os *chouans* caminhavam num silêncio que traía os aprestos de algum horrível estratagemas.

— Pões a palha como se eles devessem realmente dormir aí. Basta, Furta-pão, basta — disse uma voz rouca que Francine reconheceu.

— Não dormirão? — redarguiu Furta-pão, deixando escapar um riso grosso e animalesco. — Mas não receias que o Gars se zangue? — acrescentou tão baixo que Francine nada ouviu.

— Pois bem, ele se zangará — respondeu a meia-voz Pé-de-poeira —, mas teremos acabado com os Azuis da mesma maneira.

— Eis aqui um carro que devemos nós dois pôr para dentro.

Furta-pão puxou o carro pela lança e Pé-de-poeira o empurrou por uma das rodas com tal presteza que Francine se achou na cocheira e em ponto de ali ficar encerrada sem ter tempo para refletir sobre a situação. Furta-pão saiu para auxiliar a conduzir o barril de vinho que o marquês ordenara fosse distribuído aos soldados da escolta. Pé-de-poeira passava ao longo da caleça para retirar-se e fechar a porta, quando se sentiu detido por uma mão que lhe apertou as longas crinas da sua pele de cabra. Reconheceu os olhos cuja doçura exercia sobre ele poderosa

força magnética e permaneceu por um momento como que *encantado*. Francine saltou vivamente para fora do carro e disse-lhe com essa voz agressiva que vai maravilhosamente bem numa mulher irritada:

— Pedro, que novidades trouxeste no caminho a essa senhora e a seu filho? Que fazes aqui? Por que te escondes? Quero saber tudo...

Estas palavras deram ao rosto do *chouan* uma expressão que Francine não lhe conhecia. O bretão conduziu sua ingênua amante à soleira da porta e, ali voltando-a para o clarão esbranquiçado da lua, respondeu-lhe, encarando-a com olhos terríveis:

— Sim, por meu demônio! Dir-te-ei, Francine, mas quando tiveres jurado sobre este rosário... — E tirou um velho rosário de baixo da pele de cabra. — Sobre essa relíquia que tu conheces — retornou ele — responde-me a verdade a uma só pergunta.

Francine enrubesceu, vendo aquele rosário, sem dúvida um penhor do afeto que os unia.

— Foi sobre isto — volveu o *chouan* — que juraste...

Não acabou a frase. A camponesa levou as mãos aos lábios do amante selvagem para lhe impor silêncio.

— Terei necessidade de jurar? — disse ela.

Ele tomou, de leve, a amante pela mão, contemplou-a durante um instante e replicou:

— A senhorita a quem serves chama-se, realmente, srta. de Verneuil?

Francine permaneceu com os braços caídos, as pálpebras cerradas, a cabeça inclinada, interdita.

— É uma cadela! — volveu Pé-de-poeira, com voz terrível.

A essa palavra, a linda mão cobriu-lhe ainda os lábios, mas desta vez ele recuou violentamente. A pequena bretã não viu mais amante, mas um animal feroz, em todo o horror de sua natureza. As sobrancelhas do *chouan* se tinham cerrado violentamente, os lábios se contraíram, e ele mostrou os dentes, como um cão que defende o dono.

— Quando te deixei eras uma flor, e me voltas como um lixo. Ah! Por que te abandonei! Vens para trair-nos, para entregar o Gars.

Estas frases foram antes rugidos do que palavras. Embora Francine se amedrontasse com a última censura, ousou contemplar aquele rosto feroz, ergueu sobre ele os olhos angélicos e respondeu com calma:

— Por minha salvação como isso é falso! São ideias de tua senhora.

Por sua vez abaixou ele a cabeça; depois, ela tomou-lhe a mão e se voltou para o amante com um movimento gracioso, dizendo-lhe:

— Pedro, por que estamos no meio de tudo isso? Escuta, não sei como podes, tu, compreender alguma coisa desta história, pois eu não entendo nada! Mas lembra-te de que essa bela e nobre senhorita é minha benfeitora e também tua. Vivemos quase como duas irmãs. Não lhe deve acontecer nada de mau, onde estivermos com ela; pelo menos

enquanto estivermos vivos. Jura-me, pois. Aqui não tenho confiança senão em ti.

— Não mando aqui — respondeu o *chouan*, com um ar teimoso.

Seu rosto tornou-se sombrio. Francine pegou-lhe nas orelhas pendentes e as torceu de leve, como se acariciasse um gato.

— Então? Promete-me — voltou, vendo-o menos severo — empregar na segurança da nossa benfeitora todo o poder que possuis.

O *chouan* moveu a cabeça como se duvidasse do êxito e o gesto fez estremecer a bretã. Nesse momento crítico a escolta chegara à calçada. O passo dos soldados e o barulho das armas despertaram os ecos do pátio e pareceram pôr um termo à indecisão de Pé-de-poeira.

— Eu a salvarei, talvez — disse ele à amante —, se conseguires com que ela permaneça nesta casa. E — acrescentou — aconteça o que acontecer, fica ao lado dela e guarda o silêncio mais profundo; sem o quê, nada feito.

— Prometo — respondeu Francine, num transe de pavor.

— Pois bem, entra, entra já e esconde o teu medo a todos, mesmo à tua ama.

— Sim.

Apertou ela a mão do *chouan*, que a encarava com ar paternal, depois correu com a ligeireza de um pássaro para a escada e deslizou pelas sebes como um ator que se esgueira pelos bastidores, no momento em que se ergue o pano trágico.

IX

— Sabes, Merle, que este lugar aqui tem o aspecto de uma verdadeira ratoeira — disse Gérard, ao chegar ao castelo.

— Estou bem vendo — respondeu o capitão, inquieto.

Os dois oficiais se apressaram em colocar sentinelas para se assegurarem da calçada e do portão; depois, lançaram olhares de desconfiança para os penhascos e os arredores da paisagem.

— Olha! — disse Merle — temos que entrar naquele barracão ali, com toda a confiança, ou então não entrar.

— Entremos — respondeu Gérard.

Os soldados, postos à vontade por uma palavra do chefe, apressaram-se a ensarilhar as armas, formando uma pequena frente de flanco diante dos feixes de palha, em meio da qual se achava a pipa de vinho. Dividiram-se em grupos, pelos quais dois camponeses começaram a distribuir manteiga e pão de centeio. O marquês veio ao encontro dos dois oficiais e conduziu-os ao salão. Quando Gérard subiu na escada e olhou as duas alas, em que as velhas árvores estendiam seus galhos negros, chamou Pé-bonito e Chave-dos-corações.

— Vocês vão, os dois, fazer um reconhecimento no jardim e dar uma

busca nas sebes, ouviram? Depois, colocarão uma sentinela ante a linha de frente.

— Podemos acender o nosso fogo, antes de entrarmos na dança? — perguntou Chave-dos-corações.

Gérard inclinou a cabeça.

— Estás bem vendo, Chave-dos-corações — disse Pé-bonito —, o ajudante faz mal de se meter nesse vespeiro. Se Hulot nos comandasse, não ia se encurralar aqui; estamos como numa marmita.

— És um idiota! — respondeu Chave-dos-corações — como tu, o rei dos velhacos, não adivinhas que essa guarita é o castelo da amável cidadã junto à qual canta o nosso alegre Merle,⁴¹ o mais consumado dos capitães; e a desposará, isso é claro como uma baioneta bem reluzente. Irá honrar a meia-brigada, uma mulher como essa.

— É verdade — retornou Pé-bonito. — Podes ainda acrescentar que temos aí boa sidra, mas eu não a bebo com prazer diante daquelas cadelas de sebes. Parece-me sempre estar vendo Larose e Chapéu-velho a se precipitarem na vala de Pèlerine. Lembrar-me-ei toda a vida da trança do pobre Larose, ia como um martelo de portão.

— Pé-bonito, meu amigo, tens muita imaginação para um soldado. Deverias fazer canções no Instituto Nacional.

— Se eu tenho muita imaginação — replicou Pé-bonito —, tu quase não tens nenhuma, e precisarás muito tempo para chegares a cônsul.

O riso da turma pôs fim à discussão, pois Chave-dos-corações não encontrou nada na cartucheira para responder ao antagonista.

— Não vens fazer a tua ronda? Vou tomar a direita — disse-lhe Pé-bonito.

— Bem? E eu tomarei a esquerda — respondeu o companheiro. — Mas espera um minuto! Quero antes tomar um copo de sidra, minha garganta está seca como o tafetá engomado que envolve o belo chapéu de Hulot.

Do lado esquerdo dos jardins que Chave-dos-corações descuidou de ir explorar imediatamente, ficava, por infelicidade, o talude perigoso, onde Francine observara um movimento de homens. Tudo é acaso na guerra. Entrando no salão e saudando a companhia, Gérard lançou um olhar penetrante pelos homens que a compunham. A suspeita voltou-lhe com mais força ao espírito, e ele se dirigiu, repentinamente, para a srta. de Verneuil e disse-lhe em voz baixa:

— Creio que a senhorita precisa retirar-se imediatamente, não estamos em segurança aqui.

— Receia alguma coisa em minha casa? — perguntou ela rindo. — O senhor está em maior segurança aqui do que estaria em Mayenne.

A mulher responde sempre com segurança pelo homem amado. Os dois oficiais tranquilizaram-se. Nesse momento, a companhia passou para a sala de jantar, apesar de algumas frases insignificantes, relativas

a um conviva muito importante que se fazia esperar. A srta. de Verneuil pôde, graças ao silêncio que reina sempre no começo das refeições, dar alguma atenção àquela reunião curiosa nas circunstâncias presentes e da qual era ela, de qualquer maneira, a causadora, em virtude da ignorância que as mulheres, acostumadas a brincar com tudo, trazem para as situações mais críticas da vida. Um fato surpreendeu-a repentinamente. Os dois oficiais republicanos dominavam aquela assembleia pelo caráter importante de suas fisionomias. Os longos cabelos puxados sobre as têmporas e reunidos numa trança enorme, por detrás do pescoço, desenhavam-lhes nas fronteiras aqueles traços que dão tanta candura e nobreza aos rostos jovens. Os uniformes azuis desbotados, com paramentos gastos, tudo, até as platinas deformadas pelas marchas, e que acusavam em todo o Exército, mesmo entre os chefes, a falta de capotes, fazia com que os dois oficiais se distinguissem dos homens no meio dos quais se encontravam.

“Oh! Ali está a nação, a liberdade!”, disse a si mesma. Depois, lançando um olhar pelos realistas: “E ali está um homem, um rei, privilégios”.

Não pôde deixar de admirar a figura de Merle, tanto esse soldado jovial correspondia plenamente às ideias que se tem dos guerreiros franceses, capazes de assobiar uma ária no meio das balas, nunca se esquecendo de dar uma piada sobre algum companheiro que cai de mau jeito. Gérard impunha-se. Grave e cheio de sangue-frio, parecia ter uma dessas almas verdadeiramente republicanas que, naquela época, se encontravam em grande número nos exércitos franceses, nos quais devotamentos nobremente obscuros imprimiam uma energia até então desconhecida.

“Eis ali um dos meus homens de vistas largas”, disse consigo a srta. de Verneuil. “Apoiados no presente que dominam, arruinam o passado, mas em proveito do futuro.”

Esse pensamento entristeceu-a, porque ele não se reportava ao seu amado, para o qual ela se voltou, a fim de vingar-se, por meio de outra admiração, da República que já lhe era odiosa. Vendo o marquês cercado por aqueles homens bastante ousados, bastante fanáticos, e enxergando longe no futuro para atacar uma república vitoriosa na esperança de reerguer uma monarquia morta, uma religião posta em interdito, príncipes errantes e privilégios caducos.

“Este”, disse ela consigo mesma, “não tem menor alcance do que o outro; pois, acorçado em escombros, quer fazer do passado o futuro.”

Seu espírito, nutrido de imagens, hesitava, então, entre as jovens e as velhas ruínas. A consciência clamava-lhe que um se batia por um homem, outro por um país; mas chegara ela, pelo sentimento ao ponto em que se chega pela razão, a reconhecer que o rei é o país.

Ouvindo ressoar na sala os passos de um homem, o marquês

ergueu-se para ir-lhe ao encontro. E reconheceu o conviva esperado, que, surpreso com a companhia, quis falar; mas o Gars escondeu dos republicanos o sinal que lhe fez para induzi-lo a calar-se e a tomar lugar na mesa do festim. À medida que os dois oficiais republicanos analisavam as fisionomias dos hospedeiros, as suspeitas concebidas a princípio renasciam. As vestes eclesiásticas do padre Gudín e a bizarria dos trajes dos *chouans* despertaram-lhes a prudência; redobram, então, a atenção e descobriram divertidos contrastes entre as maneiras dos convivas e suas conversas. Quanto mais exagerado era o republicanismo manifestado por alguns dentre eles, tanto mais as maneiras de alguns outros se revelavam aristocráticas. Certas olhadelas surpreendidas entre o marquês e seus hóspedes, certas palavras de duplo sentido imprudentemente pronunciadas, mas, sobretudo, a barba que orlava o pescoço de alguns convivas e que eles escondiam muito mal, sob as gravatas, acabaram por desvendar aos dois oficiais uma verdade que os chocou ao mesmo tempo. Revelaram um ao outro pelo mesmo olhar seus pensamentos comuns, pois a sra. do Gua os tinha habilmente separado e se achavam eles reduzidos à contingência de se comunicarem apenas pelos olhos. A situação de ambos impunha decisões acertadas e não sabiam eles se estavam senhores do castelo ou se ali haviam sido atraídos a uma emboscada, se a srta. de Verneuil tinha sido iludida ou se acumpliciado nessa inexplicável aventura; mas um acontecimento imprevisto precipitou a crise, antes que eles pudessem conhecer toda a gravidade da situação.

O novo conviva era um desses homens corpulentos e atarracados, de cores vivas na tez, que se curvam para trás quando marcham, parecendo deslocar muito ar em torno deles, dando a impressão de que é preciso a todo mundo mais de um olhar para vê-los. Apesar da nobreza, tinha ele tomado a vida como uma brincadeira da qual se deve tirar o melhor partido possível; mas, embora adorador de si mesmo, era ele bom, polido e dotado de espírito, à maneira dos gentis-homens que, depois de haverem terminado a educação na Corte, retornam às suas terras e não querem jamais supor que pudessem, ao cabo de vinte anos, enferrujar-se ali. Essa espécie de gente peca pela falta de tato com um aprumo imperturbável, diz com espírito uma tolice, desconfia do bem com muita segurança e dá um incalculável trabalho para cair numa armadilha. Quando, por um movimento de garfos que anunciava um bom gastrônomo, recuperou o tempo perdido, ergueu, então, os olhos para a companhia. E foi com redobrado espanto que viu os dois oficiais; interrogou com o olhar a sra. do Gua, que, por toda resposta, lhe indicou a srta. de Verneuil. Percebendo a sereia, cuja beleza começava a impor silêncio aos sentimentos a princípio excitados pela sra. do Gua na alma dos convivas, o rotundo desconhecido deixou escapar um daqueles sorrisos impertinentes e zombeteiros que parecem conter

toda uma história licenciada. Curvou-se ao ouvido do vizinho, ao qual disse duas ou três palavras; e essas palavras, que permaneceram secretas para os oficiais e para Maria, viajaram de ouvido em ouvido, de boca em boca, até o coração daquele que deviam ferir de morte. Os chefes dos vendeiros e dos *chouans* voltaram os olhares para o marquês de Montauran com uma curiosidade cruel. Os olhos da sra. do Gua foram do marquês para a espantada srta. de Verneuil, lançando relâmpagos de alegria. Os oficiais, inquietos, consultaram-se reciprocamente, aguardando o desfecho dessa cena bizarra. Depois, num momento, os garfos permaneceram inativos em todas as mãos, o silêncio reinou na sala e todos os olhares se concentraram no Gars. Uma raiva apavorante despontou naquele rosto rosado e sanguíneo, que tomou uma coloração de cera. O jovem chefe voltou-se para o conviva de onde o buscapé tinha partido e com uma voz que pareceu coberta de crepe:

— Por minha vida, conde, será verdade? — perguntou ele.

— Por minha honra — respondeu o conde, inclinando-se com gravidade.

O marquês abaixou os olhos por um momento e ergueu-os logo para depositá-los em Maria, que, atenta ao debate, recolheu aquele olhar impregnado de morte.

— Daria minha vida — disse ele em voz baixa — para vingar-me imediatamente.

A sra. do Gua compreendeu a frase pelo movimento dos lábios e sorria para o jovem, como se sorri para um amigo cujo desespero vai cessar. O desprezo geral pela srta. de Verneuil, pintado em todos os rostos, levou ao auge a indignação dos dois republicanos, que se ergueram bruscamente.

— Que desejais, cidadãos? — perguntou a sra. do Gua.

— Nossas espadas, *cidadã* — respondeu ironicamente Gérard.

— Não tendes necessidade delas à mesa — disse o marquês, friamente.

— Não, mas vamos jogar uma partida que o senhor conhece — respondeu Gérard. — Nós nos veremos aqui mais de perto do que na Pèlerine.

A assembleia ficou estupefata. Nesse momento, uma descarga, feita num conjunto terrível para os ouvidos dos dois oficiais, repercutiu no pátio. Os dois oficiais se lançaram na direção da escada e ali viram uma centena de *chouans* que miravam alguns soldados sobreviventes da primeira carga e atiravam sobre os mesmos, como sobre lebres. Os bretões saíam das ribas, onde Pé-de-poeira os tinha postado em risco de vida; pois, naquela evolução e em seguida aos últimos tiros de fuzis, ouviu-se, em meio dos gritos dos moribundos, o rumor de alguns *chouans* caindo nas águas, para as quais rolavam como pedras num

abismo. Furta-pão visou a Gérard, Pé-de-poeira a Merle.

— Capitão — disse friamente o marquês a Merle, repetindo as palavras que o republicano havia pronunciado a respeito dele —, *veja, os homens são como nêsporas, amadurecem na palha*. — E, num gesto com a mão, mostrou a escolta inteira dos Azuis tombada sobre a liteira ensanguentada, onde os *chouans* davam cabo dos sobreviventes, despojando os mortos com incrível celeridade. — Eu tinha muita razão para dizer-lhe que os seus soldados não iriam até a Pèlerine — acrescentou o marquês. — Creio também que a sua cabeça ficará cheia de chumbo antes da minha, que diz disso?

Montauran experimentava uma horrível necessidade de satisfazer a raiva. A ironia para com o vencido, a ferocidade, a perfídia mesmo dessa execução militar, feita sem sua ordem, e que ele aprovava então, correspondiam-lhe aos votos secretos do coração. No seu furor, teria querido aniquilar a França. Os Azuis massacrados, os dois oficiais vivos, todos inocentes do crime para o qual ele pediu vingança, estavam-lhe entre as mãos como cartas que um jogador devora no desespero.

— Gosto mais de perecer assim do que de triunfar como o senhor — disse Gérard. Depois, vendo os soldados nus e ensanguentados, gritou: — Assassiná-los covardemente, friamente!

— Como o foi Luís XVI, senhor — respondeu vivamente o marquês.

— Senhor — replicou Gérard com altivez —, existem no processo de um rei mistérios que uma pessoa nas suas condições não compreenderá jamais.

— Acusar o rei! — gritou o marquês fora de si.

— Combater a França! — respondeu Gérard, num tom de desprezo.

— Tolice — disse o marquês.

— Parricida! — retrucou o republicano.

— Regicida!

— Então? Vai você escolher o momento de morrer para discutir? — reclamou Merle.

— É verdade — disse friamente Gérard, voltando-se para o marquês. — Senhor, se a sua intenção é a de nos matar — retornou —, faça-nos pelo menos o favor de fuzilar-nos agora mesmo.

— Aí está você — redarguiu o capitão — sempre com pressa de acabar. Mas, meu amigo, quando se vai longe e não se poderá almoçar no dia seguinte, pelo menos se aproveita a ceia.

Gérard avançou, altivamente, e sem dizer palavra, para a muralha; Furta-pão visou-o, olhando o marquês imóvel, tomou o silêncio do chefe como uma ordem e o ajudante-major tombou como uma árvore. Pé-de-poeira correu, a partilhar dos novos despojos com Furta-pão. Como dois corvos esfaimados, disputaram, vituperando sobre o cadáver ainda quente.

— Se quer acabar de cear, capitão, está livre para vir comigo — disse

o marquês a Merle, a quem queria conservar com vida para fazer permuta.

O capitão retornou maquinalmente para dentro com o marquês, dizendo em voz baixa, como se dirigisse a si mesmo uma censura:

— Foi o diabo dessa perdida a causa de tudo isso! Que irá dizer Hulot?

— Essa perdida! — exclamou o marquês num tom surdo. — É ela, pois, realmente, uma perdida!

O capitão parecia haver fulminado Montauran, que o seguia pálido, desfeito, soturno, em passo trôpego. Tivera lugar na sala de jantar outra cena, que, pela ausência do marquês, tomou caráter de tal maneira sinistro que Maria, encontrando-se sem seu protetor, pôde ver uma sentença de morte escrita nos olhos da rival. Ao barulho da descarga, todos os convivas se haviam levantado, exceto a sra. do Gua.

— Fiquem sentados — disse ela —, não é nada; apenas a nossa gente que mata os Azuis.

Quando viu o marquês afastar-se para fora, ergueu-se.

— A senhorita aqui presente — exclamou, com a calma de uma raiva surda — vinha levar-nos o Gars! Acaba de tentar entregá-lo à República.

— Desde esta manhã já poderia tê-lo entregado vinte vezes e, no entanto, lhe salvei a vida — replicou a moça.

A sra. do Gua avançou para a rival com a rapidez de um relâmpago; quebrou, num ímpeto cego, os frágeis alamares do casaco da jovem, tomada de surpresa por tão súbita irrupção; violou, com mão brutal, o asilo sagrado em que a carta estava escondida; rasgou a fazenda, os bordados, o colete, a camisa; depois, aproveitou essa busca para saciar o ciúme e soube esfregar com tanta segurança e furor o colo palpitante da rival que ali deixou os sinais sangrentos das unhas, experimentando um prazer sombrio em submetê-la a tão odiosa sevícia. Na fraca resistência oposta por Maria àquela mulher furiosa, a mantilha, desfeita, caiu, os laços dos cabelos romperam-se e estes rolaram em cachos ondulantes; no rosto lampejante de pudor, duas lágrimas traçaram um caminho úmido e esbraseado ao longo das faces, tornando o fogo dos olhos mais vivo; afinal, o tremor da vergonha entregou-a fremente aos olhares dos convivas. Juízes, mesmo rígidos, ter-lhe-iam acreditado na inocência, vendo-lhe a dor. Mas o ódio calcula tão mal que a sra. do Gua não percebeu que não era escutada por ninguém, enquanto, triunfante, gritava:

— Vede, senhores, caluniei esta horrível criatura?

— Não é tão horrível assim — disse em voz baixa o gordo conviva, autor do desastre. — Eu amo prodigiosamente esses horrores.

— Eis aqui — repetiu a cruel vendeana — uma ordem com a assinatura de Laplace e contra-assinada por Dubois.

A esses nomes, algumas pessoas ergueram a cabeça.

— Eis aqui o teor — disse continuando a sra. do Gua: — “Os cidadãos comandantes militares de todos os graus, administradores de distritos, procuradores-síndicos dos departamentos insurgentes e, particularmente, os das localidades em que se encontrar o *ci-devant* marquês de Montauran, chefe de bandoleiros, vulgo Gars, deverão prestar socorro e assistência à cidadã Maria Verneuil e se conformar com as ordens que ela lhes vier a dar, cada um naquilo que lhe concerne etc.” Uma rapariga de ópera tomar um nome ilustre para sujá-lo com essa infâmia! — acrescentou.

Um movimento de surpresa manifestou-se na assembleia.

— A partida não será igual se a República empregar tão lindas mulheres contra nós — disse alegremente o barão du Guénic.

— Sobretudo, raparigas que não têm nada a perder no jogo — replicou a sra. do Gua.

— Nada? — disse Brigaut. — A senhorita tem, entretanto, uma propriedade que lhe deve dar bem polpudas rendas!

— A República deve gostar muito de rir para nos mandar marafonas em embaixada — exclamou o padre Gudin.

— Mas a senhorita procura infelizmente prazeres que matam — retornou a sra. do Gua, com uma horrível expressão de alegria que indicava o termo dessas brincadeiras.

— Como, pois, ainda vive, senhora? — disse a vítima erguendo-se, depois de haver reparado a desordem do vestuário.

Esse epigrama pungente suscitou uma espécie de respeito por uma vítima tão altiva e impôs silêncio à assembleia. A sra. do Gua viu errar pelos lábios dos chefes um sorriso, cuja ironia a pôs em furor; e, então, sem perceber o marquês nem o capitão que se aproximavam:

— Furta-pão, leve-a — disse ela ao *chouan*, designando a srta. de Verneuil —, é a minha parte nos despojos e eu ta dou, faze com isso tudo o que quiseses.

Ante a palavra *tudo*, pronunciada por aquela mulher, a assembleia inteira estremeceu, pois as cabeças horripilantes de Pé-de-poeira e Furta-pão se mostravam por detrás do marquês e o suplício surgia em todo o seu horror. Francine de pé, as mãos juntas, os olhos cheios de lágrimas, parecia fulminada pelo raio. A srta. de Verneuil, que recuperou no perigo toda a presença de espírito, lançou para a assembleia um olhar de desprezo, retomou a carta das mãos da sra. do Gua, ergueu a cabeça, os olhos secos, mas fulgurantes, e dirigiu-se para a porta, onde ficara a espada de Merle. Ali encontrou o marquês frio e imóvel como uma estátua. Nada advogava por ela naquela face, cujos traços eram firmes e fixos. Ferida no coração, a vida tornou-se-lhe odiosa. O homem que lhe havia testemunhado tanto amor tinha, pois, ouvido os remoques com que acabavam de acabrunhá-la e permanecia a testemunha indiferente da sevícia que ela sofrera, quando as belezas

que uma mulher reservava para o amor são devassadas por todos os olhares! Talvez perdoasse ela a Montauran os sentimentos de desprezo, mas se indignava de ter sido vista por ele numa infame situação. Lançou-lhe um olhar estúpido e cheio de ódio, pois sentia nascer-lhe no coração terríveis desejos de vingança. Mas, vendo a morte por detrás, uma sensação de impotência a esmagou. Ergueu a cabeça, como num turbilhão de loucura; o sangue a ferver levou-a a encarar o mundo como um incêndio; então, em lugar de se matar, tomou da espada e investiu sobre o marquês enterrando-a até o copo; mas a espada escorregou entre o braço e o flanco do Gars e este segurou a moça pelo punho e arrastou-a para fora da sala, auxiliado por Furta-pão, que se atirara contra aquela criatura furiosa, no momento em que ela tentara matar o marquês. Ante o espetáculo, Francine pôs-se a soltar gritos agudos.

— Pedro! Pedro! Pedro! — bradou ela com acentos lamentáveis.

E, assim gritando, seguiu a ama.

O marquês deixou a assembleia estupefata e saiu, fechando a porta da sala. Ao chegar à escada, tinha ainda na mão o punho daquela mulher e apertava-o num movimento convulso, enquanto os dedos nervosos de Furta-pão quase lhe quebravam os ossos do braço; mas ela não sentia senão a mão escaldante do jovem chefe para quem olhava friamente...

— Senhor, está me magoando!

Por toda a resposta, ele a contemplou durante um momento.

— Tem o senhor qualquer motivo para se vingar de maneira tão baixa, como fez aquela mulher? — disse ela.

Depois, percebendo os cadáveres estendidos na palha, gritou, estremecendo:

— A palavra de um gentil-homem! Ah! Ah! Ah!

E no final desse riso, que foi horroroso, acrescentou:

— Belo dia!

— Sim, belo — repetiu ele — e sem outro a seguir.

Abandonou a mão da srta. de Verneuil, após haver contemplado com um último e longo olhar essa criatura arrebatadora, a quem lhe era quase impossível renunciar. Nenhum daqueles dois espíritos altivos queria vergar. O marquês esperava talvez uma lágrima; mas os olhos da jovem permaneceram secos e impassíveis. Afastou-se ele então, vivamente, deixando a Furta-pão a vítima.

— Deus me ouvirá, marquês, eu pedirei para o senhor um belo dia, sem dia seguinte!

Furta-pão, embaraçado com tão bela presa, arrastou-a com uma doçura mista de respeito e ironia. O marquês soltou um suspiro, retornou à sala e mostrou aos hóspedes um rosto semelhante ao de um morto cujos olhos não se tivessem fechado.

A presença do capitão Merle era inexplicável para os atores dessa tragédia; assim, todos o contemplavam, surpresos, interrogando-o com o olhar. Merle percebeu o espanto dos *chouans* e, sem sair de suas maneiras, disse-lhes, sorrindo tristemente:

— Não creio, senhores, que recusem um copo de vinho a um homem que vai fazer sua última etapa.

No momento em que a assembleia foi acalmada por essas palavras, pronunciadas com um estouvamento francês que devia agradar aos vendeanos, Montauran reapareceu, e seu rosto pálido, o olhar fixo gelaram todos os convivas.

— Os senhores vão ver — disse o capitão — como o morto vai excitar os vivos.

— Ah! — disse o marquês deixando escapar o gesto de um homem que desperta — eis o meu caro conselho de guerra!

E estendeu ao capitão uma garrafa do vinho de Grave, como para convidá-lo a beber.

— Oh! obrigado, cidadão marquês, eu podia embriagar-me, veja.

Ante essa saída, a sra. do Gua disse aos convivas, sorrindo:

— Então, poupemos-lhe a sobremesa.

— A senhora é bem cruel na sua vingança — respondeu o capitão. — Esquece o meu amigo assassinado que me espera e eu não costumo faltar aos meus encontros.

— Capitão — disse o marquês, atirando-lhe a luva —, o senhor está livre! Olhe! Eis aí um passaporte. Os Caçadores do Rei sabem que não se deve matar toda caça.

— Quanto à vida, de acordo — respondeu Merle —, mas o senhor está errado, eu agirei com mais rigor com o senhor e não o agraciarei. O senhor pode ser muito hábil, mas não vale Gérard. Embora não possa pagar com a sua cabeça a dele, ela me é necessária e hei de tê-la.

— Ele foi muito apressado — retornou o marquês.

— Adeus! Podia beber em companhia dos meus carrascos, não ficarei com os assassinos do meu amigo — disse o capitão, desaparecendo e deixando os convivas espantados.

— Então, senhores, que dizem dos almotacéis, dos cirurgiões e dos advogados que dirigem a República? — perguntou friamente o Gars.

— Com a breca, marquês — respondeu o conde de Bauvan —, eles são, em todo caso, bem mal-educados. Este acaba de fazer-nos, creio eu, uma impertinência.

A retirada brusca do capitão tinha um motivo secreto. A criatura tão humilhada, tão desdenhada e que sucumbia, talvez, naquele momento, lhe havia oferecido na cena de há pouco a visão de belezas tão difíceis de esquecer que ele dizia, ao sair da sala: “Se é uma meretriz, não é uma

meretriz ordinária e eu faria bem dela minha mulher...”.

Contava de tal forma salvá-la das mãos daqueles selvagens que seu primeiro pensamento, ao ter a vida salva, fora o de tomar de ora diante a moça sob sua proteção. Mas, infelizmente, ao chegar à escada, o capitão encontrou o pátio deserto. Lançou o olhar em torno, escutou o silêncio e não ouviu mais do que os risos rumorosos e distantes dos *chouans* a beberem no jardim, repartindo os despojos. Aventurou-se a contornar a ala fatal, diante da qual os soldados tinham sido fuzilados, e do canto, à luz fraca de alguns cotos de vela, distinguiu os diferentes grupos formados pelos Caçadores do Rei. Nem Furta-pão nem Pé-de-poeira nem a jovem ali se encontravam; mas, nesse momento, sentiu que o puxavam levemente pela aba do uniforme, voltou-se e viu Francine de joelhos.

— Onde está ela? — perguntou ele.

— Não sei. Pedro me afastou, mandando que não me mexesse.

— Por onde foram eles?

— Por ali — respondeu a moça, mostrando a calçada.

O capitão e Francine perceberam, então, naquela direção algumas sombras projetadas sobre as águas do lago pela luz da lua e reconheceram as formas femininas, cuja delicadeza, embora indistinta, lhes fez bater o coração.

— Oh! É ela — disse a bretã.

A srta. de Verneuil parecia estar de pé e resignada, no meio de algumas figuras cujos movimentos acusavam um debate.

— São vários — exclamou o capitão. — Não tem importância, vamos!

— O senhor vai se fazer matar inutilmente — disse Francine.

— Já morri uma vez, hoje — respondeu ele em tom gaiato.

E ambos se encaminharam para o portão sombrio, atrás do qual a cena se passava. No meio do caminho, Francine deteve-o.

— Não, não irei mais adiante — exclamou em voz baixa. — Pedro me disse para não me meter nisso; conheço-o bem, vamos nos prejudicar à toa. Faça o que quiser, senhor oficial, mas afaste-se. Se Pedro o visse junto de mim, iria matá-lo por certo.

Nesse momento Furta-pão se mostrou para fora do portão, chamou o postilhão que permanecera na cocheira, avistou o capitão e exclamou, erguendo o fuzil para ele:

— Sant’Ana de Auray! O reitor de Antrain tinha muita razão em dizer que os Azuis assinam pacto com o diabo. Espera, vou te fazer ressuscitar!

— Eh! tenho a vida salva — gritou-lhe Merle, ao ver-se ameaçado. — Eis aqui a luva do teu chefe.

— Sim, são mesmo os espíritos. Não te darei a vida, eu não! *Ave Maria!*

E atirou. O projétil atingiu a cabeça do capitão, que caiu. Quando Francine se aproximou de Merle, ouviu-o pronunciar indistintamente estas palavras:

— Gosto mais de ficar com eles do que de voltar sem eles.

O *chouan* avançou para o Azul, a fim de despojá-lo, dizendo:

— Há isto de bom entre estes espectros que ressuscitam com suas roupas.

Mas, vendo na mão do capitão, que havia feito o gesto de mostrá-la, a luva do Gars, essa salvaguarda sagrada, ficou estupefato.

— Não quero estar na pele do filho de minha mãe! — exclamou.

E desapareceu com a rapidez de um pássaro.

Para compreender esse encontro tão fatal para o capitão, é necessário seguir a srta. de Verneuil, quando o marquês, presa do desespero e da raiva, deixou-a, abandonando-a a Furta-pão. Francine segurou num movimento convulsivo o braço de Pé-de-poeira e reclamou, com os olhos cheios de lágrimas, a promessa que este lhe havia feito. A alguns passos deles, Furta-pão arrastava a vítima como se puxasse para junto de si algum fardo grosseiro. Maria, os cabelos desfeitos, a cabeça curvada, voltou os olhos para o lago; mas, retida por um punho de aço, foi forçada a seguir lentamente o *chouan*, que se voltou várias vezes para encará-la e fazê-la apressar a marcha, de cada vez um pensamento jovial desenhando um espantoso sorriso naquele rosto.

— Ela é bem boa!... — exclamou ele com uma grosseira ênfase.

Ouvindo essas palavras, Francine não pôde conter-se.

— Pedro?

— Então?

— Ele vai matá-la?

— Não já — respondeu Pé-de-poeira.

— Mas ela não o deixará fazer o que quer e eu morrerei se ela morrer.

— Pois bem, gostas muito dela, não? Pois que ela morra.

— Se somos ricos e felizes é a ela que devemos a nossa felicidade; mas que importa, não me prometeste salvá-la de toda e qualquer desgraça?

— Vou tentar, mas fica aí e não te mexas.

Imediatamente, o braço de Pé-de-poeira ficou livre, e Francine, presa da mais horrível inquietude, esperou no pátio. Pé-de-poeira reuniu-se ao companheiro, no momento em que este último, depois de haver entrado na cocheira, havia constrangido a vítima a subir no carro. Furta-pão reclamou a ajuda do companheiro para tirar dali a caleça.

— Que queres fazer com tudo isso? — perguntou-lhe Pé-de-poeira.

— Bem, a chefe me deu a rapariga e tudo o que é dela é meu.

— Quanto ao carro está certo, poderás passá-lo a cobre, mas a

mulher? Ela te arranhará o rosto como um gato.

Furta-pão desferiu uma gargalhada rasgada e respondeu:

— Ora essa, eu a levo pra casa, prenderei ela.

— Está certo. Então atrelemos os cavalos — disse Pé-de-poeira.

Um momento depois, Pé-de-poeira, que havia deixado o camarada a guardar a presa, levou a caleça, fora do portão, sobre a calçada e Furta-pão subiu perto da srta. de Verneuil, sem perceber que ela tomava impulso para se atirar no tanque.

— Oh! Furta-pão! — gritou Pé-de-poeira.

— Que é?

— Compro toda a tua presa.

— Estás brincando? — perguntou o *chouan*, puxando a prisioneira pela saia, como um magarefe faria com o bezerro que lhe escapa.

— Deixe-me ver, dir-te-ei o preço.

A infeliz foi constrangida a descer e ficou entre os dois *chouans*, que a puxavam, cada um por uma mão, contemplando-a como os dois velhotes deviam olhar Susana no banho.

— Queres — disse Pé-de-poeira soltando um suspiro —, queres trinta libras de boa renda?

— Tá certo.

— Topo — disse-lhe Pé-de-poeira, estendendo-lhe a mão.

— Oh! topo, dá com que pagar umas bretãs e boas! Mas o carro de quem será? — retornou Furta-pão.

— Meu! — gritou Pé-de-poeira, num tom de voz terrível, que anunciou a espécie de superioridade que o seu caráter feroz lhe dava sobre todos os companheiros.

— Mas se houver ouro no carro?

— Não topaste?

— Sim, topei.

— Pois bem, vai buscar o postilhão que está preso na estrebaria.

— Mas se houver ouro na...

— Há? — perguntou bruscamente Pé-de-poeira a Maria, sacudindo-lhe o braço.

— Tenho uma centena de escudos — respondeu a srta. de Verneuil.

A essas palavras, os dois *chouans* entreolharam-se.

— Bem, meu amigo, não brigemos por causa de uma Azul — disse Furta-pão ao ouvido de Pé-de-poeira. — Vamos enfiá-la no tanque com uma pedra no pescoço e repartir os cem escudos.

— Dou-te os cem escudos pela minha parte nos despojos de D'Orgemont — gritou Pé-de-poeira, abafando um resmungo provocado por esse sacrifício.

Furta-pão soltou uma espécie de grito rouco, foi buscar o postilhão e sua alegria deu azar para o capitão, que se lhe deparou. Ouvindo o tiro, Pé-de-poeira lançou-se vivamente para o lugar em que Francine, ainda

aterrorizada, rezava de joelhos, de mãos juntas ao pé do pobre capitão, tanto o espetáculo de uma morte a tinha vivamente impressionado.

— Corre para junto de tua ama — disse bruscamente o *chouan* —, ela está salva.

E foi ele mesmo chamar o postilhão, voltou com a rapidez de um relâmpago, e passando de novo à frente do corpo de Merle, percebeu a luva do Gars que a mão morta apertava convulsivamente ainda.

— Oh! — gritou ele — Furta-pão fez um mau negócio! Já não poderá ter a certeza de viver de suas rendas.

E, arrancando a luva, disse à srta. de Verneuil, que já se colocara na caleça com Francine:

— Olha, toma esta luva. Se na estrada nossos homens a atacarem, grite: — Oh! O Gars! E mostre o passaporte que nada lhe acontecerá! Francine! — exclamou, voltando-se para ela e apertando-lhe fortemente a mão —, estamos quites com essa mulher, vem comigo, que o diabo a leve.

— Queres que a abandone neste momento? — respondeu Francine, com uma voz dolorosa.

Pé-de-poeira coçou a orelha e a testa; depois, ergueu a cabeça e mostrou os olhos armados de uma expressão feroz:

— É justo — disse ele. — Deixo-te com ela oito dias; se passado esse prazo não vieres ter comigo...

Não acabou a frase, mas deu um violento soco com a palma da mão na boca da carabina. Depois de fazer o gesto de visar a amante, afastou-se, sem querer esperar a resposta.

Logo que o *chouan* partiu, uma voz que parecia sair do tanque gritou surdamente:

— Senhora, senhora.

O postilhão e as duas mulheres estremeceram de horror, pois alguns cadáveres ali tinham mergulhado. Um Azul, escondido detrás de uma árvore, deixou-se ver.

— Consinta-me que suba na traseira de seu carro ou sou um homem morto. O raio do copo de vinho que Chave-dos-corações quis beber custou mais do que um litro de sangue. Se me tivesse imitado e feito a sua ronda, os pobres companheiros não estariam ali, flutuando como barcos.

Enquanto esses acontecimentos se passavam cá fora, os chefes enviados de Vendeia e os dos *chouans* deliberavam, com o copo na mão, sob a presidência do marquês de Montauran. Frequentes libações de vinho de Bordéus animaram a discussão, que se tornou importante e grave no fim do repasto. À sobremesa, no momento em que a linha comum das operações militares era decidida, os realistas fizeram uma saúde aos Bourbon. Nessa altura, o tiro de Furta-pão repercutiu como um eco da guerra desastrosa que aqueles alegres e nobres

conspiradores queriam fazer à República. A sra. do Gua estremeceu; e ao movimento que lhe causou o prazer de se saber desembaraçada da rival, os convivas se contemplaram em silêncio. O marquês ergueu-se da mesa e saiu.

— Ele a amava, entretanto — disse ironicamente a sra. do Gua. — Vá fazer-lhe companhia, sr. de Fontaine, o rapaz ficará aborrecido como as moscas se o deixam curtir a sua mágoa.

E dirigiu-se à janela que dava para o pátio, a fim de ver o cadáver de Maria. Dali pôde distinguir, aos últimos raios da lua que se encobria, a caleça subindo a avenida de macieiras, com uma celeridade incrível. O véu da srta. de Verneuil, arrastado pelo vento, tremulava para fora do carro. Ante esse quadro, a sra. do Gua, furiosa, deixou a assembleia. O marquês, apoiado na escada e mergulhado numa sombria meditação, contemplava cento e cinquenta *chouans*, mais ou menos, que, depois de terem realizado no jardim a partilha dos despojos, haviam voltado para acabar com o vinho e o pão prometido aos Azuis. Esses soldados de nova categoria, sobre os quais se fundavam as esperanças da Monarquia, bebiam em grupos, enquanto na escharpa em frente à escada sete ou oito dentre eles se divertiam em lançar nas águas os cadáveres dos Azuis, amarrando-lhes pedras. Semelhantes espetáculos, junto aos diferentes quadros que apresentavam os trajes bizarros e as expressões selvagens daqueles rapazes descuidados e bárbaros, eram tão extraordinários e tão novos para o sr. de Fontaine, a quem as tropas vendeanas tinham proporcionado a visão de alguma coisa de nobre e regular, que ele aproveitou a ocasião para dizer ao marquês de Montauran:

— Que espera o senhor poder fazer com semelhantes animais?

— Não muita coisa, não é, caro conde? — respondeu o Gars.

— Saberão eles manobrar em presença dos republicanos?

— Nunca.

— Poderão somente compreender e executar suas ordens?

— Nunca.

— Para o que, então, servirão?

— Para eu mergulhar minha espada no ventre da República — replicou o marquês, com uma voz trovejante —, para tomar Fougères em três dias e toda a Bretanha em dez! Vá, senhor — disse com voz mais doce —, parta para a Vendaia; que D'Autichamp, Suzannet, o padre Bernier⁴² marchem com a mesma rapidez que eu; que não tratem com o primeiro-cônsul, como me levam a crer — e nesse ponto apertou fortemente a mão do vendeano —; estaremos, então, dentro de vinte dias a trinta léguas de Paris.

— Mas a República envia contra nós sessenta mil homens e o general Brune.

— Sessenta mil homens! Verdade? — retornou o marquês, com um

riso zombeteiro. — E com quem fará ele a campanha da Itália? Quanto ao general Brune, este não virá; Bonaparte o enviou contra os ingleses, na Holanda, e o general Hédouville, amigo do nosso amigo Barras, o substitui aqui. Compreende-me?

Ao ouvi-lo falar assim, o sr. de Fontaine encarou o marquês de Montauran com um ar fino e penetrante que parecia censurá-lo por não ter compreendido por si mesmo as palavras misteriosas que lhe eram dirigidas. Os dois fidalgos se entenderam, então, perfeitamente, mas o jovem chefe respondeu com um sorriso indefinível aos pensamentos que se expressavam pelos olhos.

— Sr. de Fontaine, conhece as minhas armas? Minha divisa é: *Perseverar até a morte*.

O conde de Fontaine tomou a mão de Montauran e apertou-a.

— Eu fui deixado como morto nos Quatro Caminhos;⁴³ assim o senhor não duvida mais de mim; mas acredite na minha experiência, os tempos mudaram.

— Oh! Sim — disse La Billardière, aproximando-se. — O senhor é jovem, marquês. Escute: seus bens não foram todos vendidos...

— Ah! Conhece o senhor o devotamento sem sacrifício? — disse Montauran.

— Conhece bem o rei? — disse La Billardière.

— Sim.

— Admiro-o.

— O rei — respondeu o jovem chefe — é o sacerdote, e eu me bato pela Fé!

Separaram-se, o vendeano convencido da necessidade de resignar-se com os acontecimentos, guardando a fé no coração, La Billardière para voltar à Inglaterra, Montauran para combater encarniçadamente e forçar, pelos triunfos com que sonhava, os vendeanos a cooperar na sua empresa.

XI

Esses acontecimentos tinham excitado tantas emoções na alma da srta. de Verneuil que ela se curvou abatida e como morta no fundo do carro, dando ordem de tocar para Fougères. Os três viajantes ainda estavam distantes, dali, cerca de três léguas. Sentindo-se transida de frio, a srta. de Verneuil pensou no pobre soldado que se encontrava atrás do carro, e fez questão, apesar da recusa do rapaz, de ele subir para junto de Francine. A vista de Fougères tirou-a, por um momento, das reflexões. Aliás, como o posto da Porte de Saint-Léonard recusasse a entrada a desconhecidos, foi ela forçada a exibir a carta ministerial; e se viu assim ao abrigo de qualquer empreendimento hostil, ao entrar nessa praça, de que, no momento, os habitantes eram os únicos defensores. O

postilhão não encontrou outro abrigo senão a hospedaria da mala-posta.

— Senhora — disse o Azul que a moça havia salvo —, se a senhora tiver um dia necessidade de administrar uma estocada num indivíduo qualquer, minha vida pertence-lhe. Sou bom para isso. Chamo-me João Falcon, conhecido por Pé-bonito, sargento da primeira companhia dos bravos de Hulot, 72^a meia-brigada, conhecida por Mayencense. Desculpe-me a presunção e a vaidade, mas não posso oferecer-lhe senão a alma de um sargento; não tenho mais do que isso por ora, a seu serviço.

Voltou-se sobre os calcanhares e afastou-se, assobiando.

— Quanto mais baixo descemos na sociedade — disse amargamente Maria —, mais encontramos sentimentos generosos e sem ostentações. Um marquês me dá a morte pela vida, e um sargento... Enfim, deixemos isto.

Quando a bela parisiense se deitou num leito bem quente, a fiel Francine esperou em vão a palavra afetuosa com que estava acostumada; mas, vendo-a inquieta e de pé, a ama fez-lhe um sinal cheio de tristeza.

— Chama-se a isto um dia, Francine — disse ela. — Envelheci dez anos.

No dia seguinte, pela manhã, ao levantar-se, Corentin se apresentou para ver Maria, que lhe permitiu entrar no aposento.

— Francine — disse ela —, minha desgraça deve ser imensa, pois a presença de Corentin não me é muito desagradável.

Não obstante, revendo aquele homem, experimentou pela milésima vez uma repugnância instintiva, que dois anos de convívio não tinham podido atenuar.

— Então? — disse ele, sorrindo — eu acreditei no êxito. Não foi a ele que a senhora seguiu?

— Corentin — respondeu ela, com uma lenta expressão de dor —, não me fale nesse caso, senão quando eu mesma tocar nele.

O homem passeou pelo quarto, encarando obliquamente a srta. de Verneuil e tentando adivinhar os pensamentos secretos daquela singular criatura, cujo olhar tinha a força suficiente para desconcertar, por alguns instantes, os homens mais hábeis.

— Previ esse fracasso — replicou ele, depois de um momento de silêncio. — Se lhe agradasse estabelecer seu quartel-general nesta cidade, eu já tinha tomado informações. Estamos no próprio coração da *chouannerie*. Quer permanecer aqui?

Ela respondeu com um sinal de cabeça afirmativo, dando lugar a Corentin para estabelecer conjeturas, em parte verdadeiras, sobre os acontecimentos da véspera.

— Aluguei para a senhorita uma casa nacional invendável. Eles são

pouco adiantados nesta terra. Ninguém ousou comprar essa barraca, só porque ela pertence a um emigrado que passa por brutal. Está situada perto da igreja de Saint-Léonard: e, por minha palavra de honra, goza-se dali uma vista encantadora. Pode-se tirar partido desse canil, é confortável, quer vir?

— Imediatamente.

— Mas precisarei ainda algumas horas para pô-lo em ordem e limpá-lo, a fim de que a senhorita o encontre a seu gosto.

— Que importa — disse ela —, viverei num claustro, numa prisão, sem estranhar. Não obstante, faça com que esta tarde eu possa ali repousar na mais profunda solidão. Vá, deixe-me, sua presença me é intolerável. Quero permanecer sozinha com Francine, entendendo-me melhor com ela do que comigo, talvez... Adeus. Vá, vá, pois...

Essas palavras, pronunciadas com volubilidade e, ao mesmo tempo, impregnadas de coqueteria, de despotismo e de paixão, anunciaram na moça uma tranquilidade perfeita. O sono havia, sem dúvida, ordenado, lentamente, as impressões do dia anterior, e a reflexão lhe aconselhava a vingança. Se algumas expressões sombrias se lhe desenhavam ainda no rosto, pareciam elas atestar a faculdade, que possuem certas mulheres, de envolver na alma os sentimentos mais exaltados, e essa dissimulação que lhes permite sorrir com graça, calculando a perda da vítima. Permaneceu somente ocupada em inquirir como poderia trazer às suas mãos o marquês vivo. Pela primeira vez, essa mulher tinha vivido segundo os seus desejos; mas dessa vida não lhe restava senão um sentimento: o da vingança, de uma vingança infinita, completa. Era o seu único pensamento, sua única paixão. As palavras e as atenções de Francine encontraram Maria muda, parecia dormir com os olhos abertos; e aquele longo dia decorreu, sem que um gesto ou uma ação indicassem a vida exterior que dá testemunho dos nossos atos. Permaneceu ela deitada numa otomana feita com as cadeiras e os travesseiros. Somente à tarde deixou cair com negligência estas palavras olhando para Francine:

— Minha filha, compreendi ontem que se vive para amar e compreendo hoje que se possa morrer para vingar-se. Sim, para ir procurá-lo, lá onde ele estiver, para de novo encontrá-lo, seduzi-lo e tê-lo para mim, darei a vida; mas se não tiver, dentro de poucos dias, sob os meus pés, humilde e submisso esse homem que me desprezou, se não fizer dele meu criado, ficarei então abaixo de tudo, não serei mais uma mulher, não serei eu!...

A casa que Corentin tinha proposto à srta. de Verneuil oferecia-lhe recursos suficientes para satisfazer o gosto do luxo e da elegância inata daquela mulher; reuniu ele tudo quanto sabia poder agradar-lhe com o empenho de um amante para com a sua amada, ou melhor ainda, com o servilismo de um homem poderoso que procura cortejar algum

subalterno de que tem necessidade. No dia seguinte, veio propor à srta. de Verneuil instalar-se no palacete improvisado.

Embora ela não fizesse mais do que passar de sua péssima otomana para um sofá antigo que Corentin conseguira obter-lhe, a extravagante parisiense tomou posse daquela casa, como de uma coisa que lhe pertencesse. Foi uma indiferença real por tudo quanto ela via, uma simpatia súbita pelos móveis mais insignificantes, dos quais se apropriou logo, como se os conhecesse há muito; detalhes vulgares, mas que não são indiferentes na pintura desses caracteres excepcionais. Dir-se-ia que um sonho a tinha familiarizado com aquela moradia, onde ela viveu do seu ódio, como teria vivido do seu amor.

— Não consegui pelo menos — dizia a moça — excitar nele essa insultante piedade que mata, não lhe devo a vida. Meu primeiro, meu único, meu último amor, que desfecho!

Enlaçou-se, de um salto, em Francine apavorada.

— Amas tu? Sim, tu amas, eu me lembro. Ah! Sou muito feliz de ter junto de mim uma mulher que me compreende. Pois bem, minha pobre Francette, o homem não te parece uma criatura apavorante? Hein? Ele dizia me amar e não resistiu à mais leve das provas. Mas se o mundo inteiro o repelisse, para ele minha alma teria sido um asilo; se o universo o acusasse, eu o teria defendido. Outrora, eu via o mundo cheio de seres que iam e vinham e só me eram indiferentes; o mundo parecia-me triste e não horrível; mas agora que é o mundo sem ele? Ele vai viver, sem que eu esteja ao seu lado, sem que eu lhe fale e que o sinta, que o conserve e o estreite junto a mim... Ah! Preferia estrangulá-lo, eu mesma, durante o sono.

Francine, aterrorizada, contemplou-a um momento, em silêncio.

— Matar aquele que ama!

— Ah! Certamente, quando ele já não ama.

Mas, depois dessas espantosas palavras, escondeu o rosto nas mãos, sentou-se de novo e guardou silêncio.

No dia seguinte, um homem se apresentou, bruscamente, diante dela, sem ser anunciado. Tinha um rosto severo. Era Hulot. A moça ergueu os olhos e fremiu.

— Vem — disse ela — pedir-me conta dos seus amigos? Morreram.

— Já sei — respondeu ele. — E não foi a serviço da República.

— A meu serviço e por minha causa. O senhor vai me falar da pátria! A pátria devolve a vida aos que morrem por ela, vingam-se pelo menos? Pois eu os vingarei — gritou ela.

Como as imagens lúgubres da catástrofe de que fora vítima se lhe desenvolveram na imaginação, essa criatura graciosa, que punha o pudor em primeiro lugar nos artifícios da mulher, teve um movimento de loucura e caminhou com um passo brusco para o comandante estupefato.

— Por alguns soldados estrangulados, levarei ao machado dos cadafalsos republicanos uma cabeça que vale milhares de cabeças — disse ela. — As mulheres fazem raramente a guerra, mas o senhor poderá, por velho que seja, aprender na minha escola bons estratagemas. Entregarei às vossas baionetas uma família inteira: os avós e ele, seu futuro e seu passado. Tanto quanto fui boa e leal para ele, serei pérfida e falsa. Sim, comandante, quero trazê-lo ao meu leito; esse chefe sairá dele para caminhar para a morte. É isso, não terei jamais rival... ele pronunciou, por Deus!, ele próprio, sua sentença; um dia sem dia seguinte! Vossa República e eu seremos vingadas. A República! — repetiu ela com voz cujas entonações singulares aterraram Hulot — mas ele morrerá por ter voltado suas armas contra o seu país? A França roubará a minha vingança! Ah! Como uma vida é pouca coisa, uma morte não expia senão um crime! Mas, se ele só possui uma cabeça para perder, eu terei uma noite para convencê-lo de que ele perde mais do que uma vida. Sobretudo, comandante, o senhor que vai matá-lo — e deixou escapar um suspiro — faça de maneira com que nada venha a trair minha traição e que ele morra convencido da minha fidelidade. Não lhe peço senão isso. Que ele não veja senão a mim, a mim e as minhas carícias!

Neste ponto, ela calou-se; mas, através da púrpura do seu rosto, Hulot e Corentin perceberam que a cólera e o delírio não abafavam inteiramente o pudor. Maria estremeceu violentamente, dizendo as últimas palavras; escutou-as de novo, como se duvidasse de tê-las pronunciado e estremeceu ingenuamente, fazendo gestos involuntários de uma mulher da qual um véu escapa.

— Mas a senhorita o teve entre as mãos — disse Corentin.

— É provável — respondeu ela, com amargor.

— Por que me impediu de agir, quando eu o detinha? — perguntou Hulot.

— Oh! Comandante, nós não sabíamos se era *ele*.

De repente, essa mulher agitada, que passeava a passos precipitados, lançando olhares devoradores para os dois espectadores daquela tempestade, acalmou-se.

— Não me reconheço — disse ela, num tom de homem. — Para que falar, é preciso ir procurá-lo!

— Ir procurá-lo — disse Hulot —, mas, minha cara menina, tome cuidado, não somos senhores do terreno e, se a senhora ousar sair da cidade, será presa ou morta ao cabo de cem passos.

— Não há nunca perigo para os que querem vingar-se — respondeu ela, fazendo um gesto de desdém, para banir da sua presença aqueles dois homens que se envergonhava de ver.

— Que mulher! — exclamou Hulot, retirando-se com Corentin. — Que ideia teve em Paris aquela gente da política! mas ela não o

entregará jamais — acrescentou, sacudindo a cabeça.

— Oh! Entregará.

— Não vê que ela o ama? — voltou Hulot.

— Precisamente por isso. Aliás — disse Corentin, olhando o comandante, que se mostrava espantado —, estarei lá para impedi-la de fazer tolices, pois na minha opinião, camarada, não há amor que valha trezentos mil francos.

Quando esse diplomata de alcova deixava o soldado, o último o acompanhou com os olhos e, no momento em que não mais lhe ouviu o rumor dos passos, soltou um suspiro, dizendo para si mesmo: “Assim pois, às vezes, é uma felicidade a gente ser burro como eu. Raios me partam! Se eu encontrar o Gars, nos bateremos corpo a corpo, ou não me chamarei Hulot, pois se aquela raposa me levar a julgá-lo, agora que criaram conselhos de guerra, sentirei a consciência tão suja, como a camisa de um jovem soldado que entra em fogo pela primeira vez”.

A carnificina da Vivetière e o desejo de vingar os dois amigos haviam contribuído para fazer Hulot retomar o comando da sua meia-brigada, tanto mais que um novo ministro, Berthier, lhe declarou que sua demissão não era aceitável nas circunstâncias presentes. Ao despacho ministerial se juntara uma carta confidencial, em que, sem instruí-lo da missão de que se achava encarregada a srta. de Verneuil, o ministro lhe escrevia que aquele incidente, completamente fora da guerra, não devia deter as operações. A participação dos chefes militares devia — dizia ele — limitar-se, no caso, a secundar *essa distinta cidadã, se fosse possível*. Informado pelas notícias recebidas de que os movimentos dos *chouans* anunciavam uma concentração de suas forças na direção de Fougères, Hulot tinha secretamente conduzido, por uma marcha forçada, dois batalhões de sua meia-brigada para essa praça importante. A pátria em perigo, o ódio da aristocracia, cujos partidários ameaçavam considerável extensão do país, a amizade, tudo havia contribuído para devolver ao velho militar o ardor da juventude.

— Eis, pois, aqui, a vida que eu desejava — exclamou a srta. de Verneuil, ao encontrar-se sozinha com Francine —; por mais rápidas que sejam as horas, são elas para mim como séculos de pensamentos.

Tomou de repente a mão de Francine, e sua voz, como a do primeiro pintarroxo que canta, depois da tempestade, deixou escapar lentamente estas palavras:

— Por mais que eu faça, minha filha, vejo sempre aqueles dois lábios deliciosos, aqueles olhos afogueados e ouço ainda o Eia! do postilhão. Enfim, eu sonho... mas então por que tanto ódio ao despertar?

Soltou um longo suspiro e ergueu-se; depois, pela primeira vez, começou a contemplar aquela terra entregue à guerra civil por aquele cruel fidalgo que ela pretendia atacar, ela somente. Seduzida pela

paisagem, saiu para respirar mais à vontade, ao ar livre, e se seguiu o seu caminho ao acaso, foi decerto conduzida para o Passeio da cidade por esse malefício da alma que nos leva a buscar esperanças no absurdo. Os pensamentos concebidos sob o império desse encanto se realizam com frequência; mas se atribui, então, a previsão a esse poder chamado pressentimento, poder inexplicado, mas real, que as paixões encontram sempre complacente, como um bajulador que, através de suas mentiras, diz por vezes a verdade.

TERCEIRA PARTE

UM DIA SEM DIA SEGUINTE

I

Já que os últimos acontecimentos desta história dependeram da disposição dos lugares em que se passaram, é indispensável dar aqui uma pormenorizada descrição topográfica, sem a qual o desfecho seria de compreensão difícil.

A cidade de Fougères acha-se situada, em parte, sobre um rochedo de xisto que se diria precipitado das montanhas que, pelos lados do poente, fecham o grande vale do Couësson, e toma diferentes nomes, segundo as localidades. Em tal situação, a cidade fica separada dessas montanhas por uma garganta, no fundo da qual corre um ribeiro chamado Nançon. A parte do rochedo que olha para leste tem como vista a paisagem que se admira do alto da Pèlerine, e a que deita para oeste tem por única perspectiva o tortuoso vale do Nançon. Existe, porém, um ponto de que se pode abarcar ao mesmo tempo um segmento do círculo formado pelo grande vale e os lindos meandros do vale menor que nele vêm morrer. Esse lugar, escolhido pelos habitantes para seus passeios, e para onde se dirigia a srta. de Verneuil, foi, precisamente, o teatro em que deveria ter seu desenlace o drama iniciado na Vivetière. Assim, por mais pitorescos que sejam os outros trechos de Fougères, a atenção deve dirigir-se exclusivamente para os acidentes da região que se divisa do alto do Passeio.

Para dar uma ideia do aspecto que apresenta o rochedo de Fougères visto desse lado, pode-se compará-lo a uma dessas imensas torres que os arquitetos sarracenos circundavam exteriormente, de andar em andar, por largos balcões ligados entre si por escadas em espiral. Com efeito, essa roca termina por uma igreja gótica, à qual as pequenas flechas, o campanário e os botaréus dão a forma quase perfeita de pão de açúcar. Defronte à porta dessa igreja, dedicada a Saint-Léonard, encontra-se uma pracinha irregular, cujo solo é sustido por um muro elevado, à maneira de uma balaustrada, e que se comunica por meio de uma rampa com o Passeio. Semelhante a uma segunda cornija, essa esplanada se lança circularmente em redor do rochedo, algumas toesas abaixo da Place de Saint-Léonard, e oferece um amplo espaço de terreno plantado de árvores, que vem ter às fortificações da cidade. Adiante, a dez toesas das muralhas e das rochas que suportam esse terraço, formado por uma feliz disposição dos xistos e uma paciente

indústria, existe um caminho de contorno denominado Escadaria da Rainha, talhado na rocha viva, e que leva a uma ponte construída sobre o Nançon por Ana da Bretanha. Por fim, sob esse caminho, que figura uma terceira cornija, descem jardins, de terraço em terraço, até o rio, parecendo degraus cobertos de flores.

Paralelos ao Passeio, altos penhascos que tomam o nome do subúrbio da cidade onde se erguem, e que chamam de montanhas de Saint-Sulpice, estendem-se ao longo do rio e vão descendo em suave declive na direção do grande vale, onde fazem um abrupto desvio para o norte. Esses penhascos, eretos, incultos e sombrios, dão a impressão de tocar nos xistos do Passeio; em alguns sítios se acham a um tiro de distância, e defendem dos ventos do norte um estreito vale de cem toesas de profundidade, no qual o Nançon se divide em três braços que banham uma campina pontilhada de construções e deliciosamente plantada.

Para o sul, no local em que termina a cidade propriamente dita, e onde começa o subúrbio de Saint-Léonard, o rochedo de Fougères faz uma reentrância, abrandando-se, diminui de altura e desvia-se para o grande vale, seguindo o rio que, assim, aperta de encontro às montanhas de Saint-Sulpice, formando uma garganta da qual escapa em dois riachos, indo lançar-se no Couësnon. Este belo grupo de colinas rochosas tem o nome de Nid-aux-crocs,⁴⁴ o vale por elas desenhado chama-se vale de Gibarry, e seus férteis prados fornecem uma grande parte da manteiga conhecida pelos gastrônomos sob o nome de manteiga da Prévalaye.

No local em que o Passeio alcança as fortificações, eleva-se uma torre designada como a Torre do Papegaut. A partir dessa construção quadrada, sobre a qual estava edificada a casa em que morava a srta. de Verneuil, dominava aqui uma muralha, ali a rocha, quando esta oferecia uma parede a prumo; e a parte da cidade assente sobre essa alta base inexpugnável descreve uma vasta meia-lua, ao cabo da qual os rochedos se inclinam e abrem para dar passagem ao Nançon. Lá fica situada a porta que leva ao subúrbio de Saint-Sulpice, cujo nome é comum à porta e ao subúrbio. A seguir, sobre um montículo de granito que domina três vales nos quais se reúnem diversas estradas, surgem as velhas ameias e as torres feudais do castelo de Fougères, uma das mais consideráveis construções feitas pelos duques da Bretanha, muralhas altas de quinze toesas, com a espessura de quinze pés; fortificada a leste por um lago de onde sai o Nançon, que corre em seus fossos e faz girarem os moinhos entre a Porte de Saint-Sulpice e as pontes levadiças da fortaleza; defendida a oeste pelo alcantil dos blocos de granito sobre os quais repousa.

Destarte, desde o Passeio até aquele magnífico fragmento da Idade Média, envolto em seus mantos de hera, ornado com suas torres

quadradas ou cilíndricas, em cada uma das quais pode alojar-se um regimento inteiro, a cidade e seu rochedo, protegidos por muralhas a pique, ou por escarpas talhadas na vertical, formam uma vasta ferradura guarnecida de precipícios sobre os quais, com o auxílio do tempo, os bretões traçaram alguns estreitos desfiladeiros. Aqui e ali, avançam blocos como se fossem ornatos. Acolá, as águas surdem das gretas de onde brotam árvores raquíticas. Mais longe, algumas lajes de granito, menos íngremes que as outras, alimentam uma vegetação que atrai as cabras. Depois, espalhadas por toda parte, urzes, nascidas entre diversas frestas úmidas, alcatifam, com suas guirlandas cor-de-rosa, as negras anfractuosidades. Ao fundo desse imenso funil, o riozinho serpenteia numa campina sempre fresca, delicadamente estendida como um tapete.

Ao pé do castelo e entre várias massas de granito, eleva-se a igreja dedicada a Saint-Sulpice, que dá seu nome a um arrabalde situado do outro lado do Nançon. Esse arrabalde, como que lançado no fundo do abismo, e sua igreja, cujo campanário pontiagudo não chega à altura das rochas que parecem prestes a cair sobre ela e sobre as choupanas que a cercam, são pitorescamente banhados por alguns afluentes do Nançon, sombreados por árvores e enfeitados com jardins; eles cortam irregularmente a meia-lua descrita pelo Passeio, a cidade e o castelo, e produzem, por suas minúcias, ingênuos contrastes com o severo espetáculo do anfiteatro que se acha em frente. Afinal Fougères inteira, seus subúrbios e suas igrejas, a própria montanha de Saint-Sulpice, estão enquadrados pelos píncaros de Rillé, que fazem parte do conjunto do grande vale do Couësson.

Tais são os traços mais destacados dessa natureza cuja principal característica é uma selvagem aspereza, suavizada por aspectos risonhos, por uma feliz amálgama dos mais magníficos trabalhos do homem com os caprichos de um solo atormentado por inesperadas oposições, por não sei quê de imprevisto que surpreende, espanta e confunde. Em nenhuma parte da França o viajante depara contrastes tão grandiosos quanto os oferecidos pela ampla bacia do Couësson e pelos vales perdidos de Fougères e as elevações de Rillé. É uma dessas belezas inauditas, em que o acaso triunfa, e às quais não falta nenhuma das harmonias da natureza. Ali, águas claras, límpidas, correntes; montanhas cobertas pela vigorosa vegetação daquelas regiões; rochedos escuros e de feitios elegantes; fortificações erguidas pela natureza e torres de granito edificadas pelos homens; além disso, todos os artifícios da luz e da sombra, todas as oposições entre as diferentes folhagens, tão apreciadas pelos desenhistas; grupos de casas onde formiga uma população ativa, e sítios desertos onde o granito não admite nem mesmo os musgos brancos que se agarram às pedras; enfim, todas as ideias requeridas de uma paisagem; a graça e o horror,

um poema cheio de magias renovadas, quadros sublimes, deliciosas rusticidades! A Bretanha aí se mostra no seu esplendor!

A torre chamada do Papegaut, sobre a qual está construída a casa ocupada pela srta. de Verneuil, tem sua base bem no fundo do precipício, e se eleva até a esplanada assente em cornija defronte à igreja de Saint-Léonard, em cuja direção descia a srta. de Verneuil.

Maria deixou, naturalmente, de entrar na praça da igreja, abaixo da qual se encontrava, e dirigiu-se ao Passeio. Após atravessar a pequena cancela pintada de verde que se achava diante do posto então estabelecido na torre da Porte de Saint-Léonard, a magnificência do espetáculo emudeceu-lhe por um instante as paixões. Admirou a vasta proporção do grande vale do Couësson que seus olhos abarcavam desde o cume de Pèlerine até o planalto por onde passa o caminho de Vitré; depois seus olhos repousaram sobre o Nid-aux-crocs e as sinuosidades do vale de Gibarry, cujas cristas estavam banhadas pela vaporosa luz do sol poente. Quase se assustou com a profundidade do vale do Nançon, cujos álamos mais altos a custo atingiam os muros dos jardins situados sob a Escadaria da Rainha. Por fim, de surpresa em surpresa, caminhou até o ponto de onde pôde avistar o grande vale, através do de Gibarry, e a deliciosa paisagem emoldurada pela ferradura da cidade, pelos rochedos de Saint-Sulpice e pelas alturas de Rillé. Àquela hora do dia, a fumaça das casas do arrabalde e dos vales formava no espaço uma nuvem que não deixava aparecerem os objetos senão através de uma umbela azulada; os matizes demasiado vivos do dia principiavam a desvanecer-se; o firmamento adquiria um tom cinza-pérola; a lua derramava sobre esse belo abismo seus véus de luz; tudo, enfim, tendia a mergulhar a alma no devaneio e ajudá-la a evocar os entes queridos. De súbito, nem os tetos de ripas do subúrbio de Saint-Sulpice, nem sua igreja, cuja flecha audaciosa se perde na profundidade do vale, nem os seculares mantos de hera e de clematite com que se envolvem as muralhas da velha fortaleza através da qual o Nançon ferve batido pelas rodas dos moinhos, em uma palavra, nada mais naquela paisagem a interessou. Em vão o sol poente arremessou sua poeira de ouro e suas catadupas escarlates sobre as graciosas habitações semeadas pelos rochedos, ao fundo das águas e sobre os prados — ela permaneceu imóvel diante dos penhascos de Saint-Sulpice. A insensata esperança que a levava ao Passeio realizara-se miraculosamente. Através dos tojos e das giestas que crescem nos cimos fronteiros, pareceu-lhe reconhecer, apesar da pele de cabra com que estavam vestidos, vários convivas da Vivetière, entre os quais se distinguia o Gars, cujos menores movimentos se desenharam na luz amortecida do pôr do sol. Alguns passos atrás do grupo principal, viu sua temível inimiga, a sra. do Gua. Por um momento pôde a srta. de Verneuil pensar que sonhava, mas o ódio da sua rival cedo lhe provou

que nesse sonho tudo vivia. A profunda atenção que nela despertava o mínimo gesto do marquês impediu-a de notar o cuidado com que a sra. do Gua lhe apontava uma longa espingarda. Em breve um tiro acordou os ecos das montanhas, e a bala que assobiou junto a Maria lhe revelou a perícia de sua rival.

“Envia-me o seu cartão de visita!”, disse de si para si, a sorrir.

No mesmo instante numerosos *Quem vem lá?* reboaram de sentinela em sentinela, desde o castelo até a Porte de Saint-Léonard, e traíram aos *chouans* a prudência dos habitantes de Fougères, visto que a parte menos vulnerável de seus baluartes se achava tão bem guardada.

“É ela, e é ele!”, disse Maria consigo mesma.

Ir à procura do marquês, segui-lo, surpreendê-lo, foi uma ideia concebida com a rapidez do relâmpago.

— Estou sem armas! — exclamou.

Refletiu que no momento de sua partida de Paris atirara numa de suas caixas um elegante punhal, outrora usado por uma sultana e com o qual se quis munir quando se dirigiu para o teatro da guerra, como esses tipos ridículos que se munem de álbuns para as ideias que terão em viagem; naquela ocasião, porém, sentiu-se menos seduzida pela perspectiva de ter de derramar sangue do que pelo prazer de usar um bonito *kandjar* ornado de pedrarias e brincar com essa lâmina, pura como um olhar. Três dias antes deplorara muito vivamente ter deixado essa arma em sua bagagem, quando, para subtrair-se ao odioso suplício que lhe reservava a rival, desejara matar-se. Num instante voltou à casa, encontrou o punhal, colocou-o à cintura, envolveu os ombros e a cinta com um grande xale, cobriu os cabelos com uma renda preta, tapou a cabeça com um desses chapéus de abas largas que os *chouans* usavam, e que pertencia a um criado de sua casa, e, com aquela presença de espírito que às vezes as paixões nos emprestam, apanhou a luva do marquês dada por Pé-de-poeira como um passaporte; em seguida, após responder a Francine alarmada “Que quer você! eu iria procurá-lo até no inferno!” voltou para o Passeio.

O Gars ainda estava no mesmo lugar, porém sozinho. Pela direção de seu óculo de alcance, parecia examinar, com a escrupulosa atenção de um militar, as diferentes passagens do Nançon, a Escadaria da Rainha e o caminho que, da Porte de Saint-Sulpice, dobra essa igreja e vai ter às estradas reais, a pouca distância do castelo.

A srta. de Verneuil precipitou-se pelos atalhos traçados pelas cabras e seus pastores na vertente do Passeio, alcançou a Escadaria da Rainha, chegou ao fundo do precipício, passou o Nançon, atravessou o subúrbio. Como o pássaro no deserto, adivinhou seu caminho no meio das perigosas escarpas das rochas de Saint-Sulpice, não tardou a atingir uma estrada escorregadia, feita sobre blocos de granito, e, apesar das giestas, dos tojos espinhosos, dos calhaus que a cobriam, pôs-se a subi-

la, com aquele grau de energia quicá desconhecido do homem, mas que a mulher arrastada pela paixão possui momentaneamente.

A noite surpreendeu Maria no instante em que, atingido o pináculo, tentava, auxiliada pelos pálidos raios da lua, reconhecer o caminho que o marquês deveria ter tomado; uma pesquisa obstinada, feita sem nenhum resultado, e o silêncio reinante nos campos participaram-lhe a retirada dos *chouans* e de seu chefe. Aquele esforço apaixonado cedeu de repente, com a esperança que o inspirara. Achando-se sozinha, durante a noite, no meio de uma região desconhecida, presa da guerra, pôs-se a refletir, e as recomendações de Hulot, o tiro da sra. do Gua, fizeram-na estremecer de medo. A calma da noite, tão profunda nas montanhas, permitiu-lhe ouvir a menor folha em movimento, até a grandes distâncias, e esses ligeiros ruídos vibravam no espaço como para dar uma triste medida da solidão ou do silêncio. O vento agia nas alturas e levava as nuvens com violência, produzindo alternativas de sombra e luz, cujos efeitos aumentavam seu terror, dando aparências fantásticas e terríveis aos objetos mais inofensivos. Ela voltou os olhos para as casas de Fougères, cujas luzes domésticas brilhavam como outras tantas estrelas terrestres, e de repente viu distintamente a Torre do Papegaut. Precisava percorrer apenas uma curta distância para voltar ao lar, mas essa distância era um precipício. Recordava-se bastante dos abismos que ladeavam a estreita vereda por onde viera, para saber que corria mais riscos desejando voltar a Fougères do que prosseguindo em sua empresa. Pensou que a luva do marquês afastaria todos os perigos de seu passeio noturno, caso os *chouans* estivessem a postos. Somente a sra. do Gua poderia ser para reear. A essa ideia, Maria apertou seu punhal, e esforçou-se por dirigir-se para uma casa cujo teto entrevira ao chegar aos rochedos de Saint-Sulpice. Caminhava, porém, lentamente, porque até então ignorara a sombria majestade que pesa sobre um ser solitário durante a noite, no meio de um sítio selvagem onde de toda parte altas montanhas vergam a cabeça como gigantes reunidos numa assembleia.

O roçar de seu vestido, preso nos tojos, fê-la estremecer mais de uma vez, e mais de uma vez estugou o passo, para de novo o diminuir, julgando ter chegado a sua última hora. As circunstâncias não tardaram a tomar um caráter a que os homens mais intrépidos talvez não tivessem resistido, e mergulharam a srta. de Verneuil num desses terrores que comprimem de tal modo as molas da vida que então tudo é exagerado nos indivíduos, quer a força, quer a fraqueza. Os seres mais débeis praticam então atos de uma força inaudita, e os mais fortes enlouquecem de medo. Maria ouviu estranhos rumores a pequena distância; distintos e vagos ao mesmo tempo, assim como a noite se mostra alternadamente sombria e luminosa, anunciavam a confusão, o tumulto, e o ouvido fatigava-se de ouvi-los; saíam do seio da terra, que

parecia sacudida sob os pés de uma imensa multidão de homens em marcha. Um momento de claridade permitiu à srta. de Verneuil distinguir a alguns passos uma longa fila de medonhas figuras que se agitavam como espigas num campo e deslizavam à maneira de fantasmas; ela, porém, mal os viu, pois logo a escuridão tornou a cair como uma cortina negra e lhe ocultou aquele quadro pavoroso, povoado de olhos amarelos e brilhantes. Ela recuou precipitadamente e correu para o alto de um talude, a fim de escapar a três dessas horríveis figuras que vinham em sua direção.

— Você o viu? — perguntou um.

— Senti um vento frio quando ele passou perto de mim — respondeu uma voz rouca.

— E eu respirei o ar úmido e o cheiro de cemitério — disse o terceiro.

— Ele é branco? — prosseguiu o primeiro.

— Por que, de todos os que morreram na Pèlerine, só ele *voltou*? — indagou o segundo.

— Ah! por quê! — retrucou o terceiro. — Por que se dá preferência aos que são do Sagrado Coração? Além disso, prefiro morrer sem confissão a errar, como ele, sem beber nem comer, sem ter nem sangue nas veias nem carne sobre os ossos.

— Ah!...

Esta exclamação, ou melhor, este grito terrível partiu do grupo quando um dos três *chouans* apontou com o dedo as formas esbeltas e o rosto pálido da srta. de Verneuil, que fugia com espantosa rapidez, sem que eles ouvissem o mínimo ruído.

— Lá está. — Ei-lo! — Onde está? — Ali. — Aqui. — Partiu! — Não. — Sim. — Você o vê?

Essas frases soaram como o murmúrio monótono das vagas sobre a praia.

A srta. de Verneuil caminhou corajosamente na direção da casa, e viu as figuras indistintas de uma turbamulta que fugia à sua aproximação, dando mostras de um terror pânico. Ela estava como que arrebatada por uma potência desconhecida cuja influência a dominasse; a leveza de seu corpo, que lhe parecia inexplicável, tornava-se novo motivo de assombro para ela própria. Aquelas figuras que se levantavam em massas à sua aproximação, e como que vindas de debaixo da terra onde pareciam estar deitadas, deixavam escapar gemidos que nada tinham de humano. Enfim, não sem dificuldade chegou a um jardim devastado, cujas sebes e cancelas estavam quebradas. Detida por uma sentinela, mostrou-lhe a luva. Tendo a lua iluminado seu rosto, a espingarda escapuliu das mãos do *chouan*, que já apontava para Maria, mas que, a seu aspecto, soltou o grito rouco que reboou nos campos. A jovem deparou importantes edifícios onde

algumas luzes indicavam peças habitadas, e chegou até a parede sem encontrar obstáculos. Através da primeira janela para a qual se dirigiu, viu a sra. do Gua com os chefes convocados à Vivetière. Atordoada, tanto por essa visão quanto pelo senso do perigo em que se achava, lançou-se violentamente para uma exígua aberta defendida por grossas barras de ferro, e divisou, numa vasta sala abobadada, o marquês, só e triste, a dois passos de distância. Os reflexos do fogo, diante do qual ele ocupava uma cadeira grosseira, iluminavam-lhe o rosto com tons avermelhados e vacilantes que imprimiam a essa cena o caráter de uma visão; imóvel e trêmula, a pobre moça agarrou-se às grades e, pelo profundo silêncio reinante, esperou ouvi-lo caso ele falasse. Vendo-o abatido, desanimado, pálido, envaideceu-se de ser uma das causas de sua tristeza; depois a cólera se transformou em comiseração, essa comiseração em ternura, e ela sentiu de súbito que não fora levada até ali apenas pela vingança.

O marquês levantou-se, virou a cabeça e ficou estupefato ao ver, como numa nuvem, a figura da srta. de Verneuil; não pôde impedir um gesto de impaciência e desdém, exclamando:

— Com que então vejo por toda parte essa diabinha, mesmo quando estou acordado!

Este profundo desprezo concebido por ela arrancou à infeliz mulher um riso desvairado que fez estremecer o jovem chefe, e ele precipitou-se para a vidraça. A srta. de Verneuil fugiu. Ouviu junto de si os passos de um homem que julgou ser Montauran; e, para lhe escapar, não conheceu mais obstáculos — atravessaria os muros e voaria pelos ares, teria encontrado o caminho do inferno para evitar ler de novo, em caracteres de fogo, estas palavras: *Ele te despreza!* escritas na testa desse homem, e que uma voz interior lhe gritava então com o estrondo de uma trombeta.

Depois de caminhar sem saber por onde passava, deteve-se ao sentir-se envolta por um ar úmido. Assustada pelo rumor de passos de diversas pessoas e impelida pelo medo, desceu uma escada que a conduziu ao fundo de uma adega. Chegando ao último degrau, apurou o ouvido para tentar reconhecer a direção que tomavam aqueles que a perseguiam; mas, apesar dos ruídos externos bastante vivos, ouviu os lúgubres gemidos de uma voz humana, que ainda aumentaram seu horror. Um feixe de luz vindo do alto da escada fê-la recear que seu esconderijo fosse conhecido de seus perseguidores; e, para escapar a eles, encontrou novas forças. Foi-lhe muito difícil explicar a si mesma, alguns instantes mais tarde, quando se recolheu, por que meios pôde trepar sobre o pequeno muro onde se escondera. A princípio não deu pelo incômodo que a posição de seu corpo lhe fez padecer; mas esse constrangimento acabou por se tornar intolerável, pois, sob o arco de uma abóbada, assemelhava-se à Vênus agachada que um amador

houvesse colocado num nicho demasiado estreito. Esse muro, muito largo e construído de granito, formava uma separação entre a passagem de uma escada e um porão de onde partiram os gemidos. Em breve viu um desconhecido coberto de peles de cabra descer ainda mais abaixo do ponto em que ela se achava e, sob a abóbada, mudar de direção sem fazer o menor movimento que denunciasses uma busca diligente. Tomada de impaciência por saber se alguma probabilidade de salvação se lhe apresentava, a srta. de Verneuil aguardou com ansiedade que a luz carregada pelo desconhecido clareasse a adega, onde distinguia no chão uma massa informe, porém animada, que tentava alcançar certa parte da muralha, fazendo para isso movimentos violentos e repetidos, parecidos com as desabridas contorções de uma carpa que se põe na margem.

II

Sem demora, uma pequenina tocha de resina lançou seu clarão azulado e incerto no interior da adega. Apesar da sombria poesia que a imaginação da srta. de Verneuil espalhava sob aquelas abóbadas, que repercutiam os sons de uma prece dolorosa, foi ela obrigada a reconhecer que se encontrava numa cozinha subterrânea, no abandono havia muito tempo. Iluminada, a massa informe tornou-se um homenzinho muito gordo, cujos membros haviam sido todos amarrados com precaução, mas que parecia ter sido deixado sobre as lajes úmidas, sem nenhum cuidado, por aqueles que dele se haviam apoderado. À vista do estranho, segurando numa das mãos a tocha e na outra um feixe de lenha, o cativo soltou um profundo gemido que feriu tão vivamente a sensibilidade da srta. de Verneuil que ela olvidou seu próprio terror, seu desespero, o mal-estar horrível de todos os seus membros encolhidos, que se entorpeciam; esforçou-se por ficar imóvel. O *chouan* atirou seu feixe na lareira, depois de se certificar da solidez de uma velha cremalheira pendurada ao longo de uma alta chapa de ferro fundido, e com seu facho ateou fogo à lenha. Não foi sem pavor que a srta. de Verneuil reconheceu, então, aquele ardiloso Furta-pão, ao qual sua rival a tinha entregue; e cujo rosto, iluminado pelas chamas, se parecia com os daqueles homúnculos de buxo grotescamente esculpidos na Alemanha. A queixa que seu prisioneiro deixou escapar produziu um riso descomunal naquela cara vincada de rugas e queimada pelo sol.

— Bem vês — disse ele ao paciente — que nós, cristãos, não faltamos, como tu, à nossa palavra. Este foguinho vai desentorpecer-te as pernas, a língua e as mãos... Mau! Mau! Não vejo uma pingadeira para colocar embaixo de teus pés; eles são tão gorduchos que a banha poderia apagar o fogo! Com que então tua casa está tão mal montada

que nela nem se encontra com que fornecer ao dono todas as comodidades quando ele se aquece?

A vítima soltou um grito agudo, como se esperasse fazer-se ouvir além daquelas abóbadas e atrair quem a libertasse.

— Oh! pode cantar à vontade, sr. d'Orgemont! estão todos deitados lá em cima, e Pé-de-poeira me acompanha, e vai fechar a porta da adega.

Enquanto falava, Furta-pão sondava com a coronha de sua carabina o pano da lareira, as lajes que pavimentavam a cozinha, as paredes e os fornos, tentando descobrir o esconderijo onde o avarento metera seu ouro. Essa pesquisa fazia-se com tal habilidade que D'Orgemont ficou silencioso, como se temesse ter sido traído por algum servidor apavorado; e isso porque, embora não se tivesse confiado a ninguém, seus hábitos poderiam ter dado lugar a deduções acertadas. Por vezes Furta-pão virava-se subitamente, fitando sua vítima como naquele brinquedo em que as crianças tentam adivinhar, pela expressão ingênua do que escondeu um objeto combinado, se se aproximam ou distanciam do mesmo. D'Orgemont simulou algum terror ao ver o *chouan* bater nos fornos, que produziram um som cavo, e pareceu desejar divertir assim, por algum tempo, a ávida credulidade de Furta-pão. Nesse momento, três outros *chouans*, que se precipitaram pela escada, entraram de chofre na cozinha. À vista de Pé-de-poeira, Furta-pão interrompeu sua busca, depois de ter lançado sobre D'Orgemont um olhar impregnado de toda a ferocidade despertada por sua avareza burlada.

— Maria Lambrequim ressuscitou! — disse Pé-de-poeira conservando uma atitude anunciadora de que qualquer outro interesse empalidecia diante de tão grave notícia.

— Isso não me espanta — respondeu Furta-pão —, ele comungava tão amiúde! parecia que Deus era só para ele!

— Ah! ah! — observou Leva-a-bem — isso lhe serviu como os sapatos servem ao morto. Pois não é que deixou de receber absolvição antes do caso de Pèlerine! ele fez mal à filha de Goguelu, e caiu em pecado mortal. Portanto, o padre Gudin diz então que ele vai ficar dois meses como um espírito antes de voltar de novo à vida! Nós todos o vimos passar à nossa frente: está pálido, frio, leve, cheira a cemitério.

— E sua reverência bem disse que, se o espírito podia apoderar-se de alguém, faria dele seu companheiro — acrescentou um quarto *chouan*.

A figura grotesca deste último interlocutor tirou Pé-de-poeira do religioso devaneio em que o mergulhara a realização de mil milagres que, segundo o padre Gudin, o fervor poderia renovar em qualquer dos piedosos defensores da religião e do rei.

— Vês tu, Galopa-caneca — disse ele ao neófito com certa gravidade —, a que nos levam as mais ligeiras omissões dos deveres impostos por nossa santa religião. É um aviso que nos dá Sant'Ana de Auray; sermos

inexoráveis entre nós pelas mínimas faltas. Teu primo Furta-pão pediu pra ti a *vigilância* de Fougères, o Gars consente em que ela te seja confiada, e serás bem pago; mas sabes de que farinha amassamos o pão dos traidores?

— Sim, sr. Pé-de-poeira.

— Sabes por que te digo isto? Afirmam alguns que gostas da sidra e dos cobres; mas aqui não se trata de ser avaro, é preciso ser só dos nossos.

— Falando com todo o respeito, sr. Pé-de-poeira, a sidra e o dinheiro são duas boas coisas que não impedem absolutamente a salvação.

— Se o primo fizer alguma tolice — afirmou Furta-pão —, será por ignorância.

— De qualquer maneira que aconteça uma desgraça — exclamou Pé-de-poeira num tom de voz que fez tremer a abóbada — ele não me escapará. Você fica responsável — acrescentou voltando-se para Furta-pão —, porque se ele cair em falta, quem se vai haver comigo é aquele que está dentro de sua pele de cabra.

— Mas não lhe faltando ao respeito, sr. Pé-de-poeira — retrucou Galopa-caneca —, não lhe terá acontecido muitas vezes acreditar que os *contrachouans* eram *chouans*?

— Meu amigo — replicou Pé-de-poeira em tom seco —, que isto não lhe aconteça mais, ou eu o cortarei em dois como um nabo. Quanto aos enviados do Gars, terão sua luva. Desde a história da Vivetière, porém, a Grande Garce lhe pespegou uma fita verde.

Furta-pão empurrou com força o cotovelo de seu camarada, mostrando-lhe D'Orgemont, que fingia dormir; Pé-de-poeira e Furta-pão, entretanto, sabiam por experiência que ninguém ainda dormitava junto a seu fogo; e, embora as derradeiras palavras ditas a Galopa-caneca houvessem sido ditas em voz baixa, como podiam ter sido compreendidas pelo paciente, os quatro *chouans* o contemplaram por um momento e pensaram sem dúvida que o medo lhe tirara os sentidos. De repente, a um ligeiro sinal de Pé-de-poeira, Furta-pão tirou os sapatos e as meias de D'Orgemont; Leva-a-bem e Galopa-caneca o agarraram pela cintura e o levaram para perto do fogo; a seguir, Pé-de-poeira apanhou um dos cordéis do feixe e amarrou os pés do avaro à cremalheira. O conjunto desses movimentos e sua incrível celeridade fizeram a vítima soltar gritos que se tornaram lancinantes quando Furta-pão amontoou os carvões debaixo das pernas.

— Amigos, meus bons amigos — exclamou D'Orgemont —, vocês vão fazer-me mal! eu sou cristão como vocês!...

— Mentas pela gorja — respondeu-lhe Pé-de-poeira. — Teu irmão renegou a Deus. Quanto a ti, compraste a abadia de Juvigny. O padre Gudín diz que se podem, sem escrúpulos, assar os apóstatas.

— Mas, meus irmãos em Deus, eu não me recuso a pagar-lhes.

— Nós te havíamos dado quinze dias; passaram-se dois meses, e aí está Galopa-caneca que nada recebeu.

— Então você nada recebeu, Galopa-caneca? — perguntou o avaro com desespero.

— Nada, sr. d'Orgemont! — respondeu Galopa-caneca assustado.

Os gritos, que se tinham convertido num grunhido contínuo, como os estertores de um moribundo, recomeçaram com uma inaudita violência. Tão habituados a esse espetáculo quanto a ver seus cães andarem sem tamancos, os quatro *chouans* contemplavam tão friamente D'Orgemont, que se retorcia e berrava, que pareciam viajantes esperando diante do fogão de um albergue que o assado estivesse em ponto de ser comido.

— Vou morrer! vou morrer! — bradou a vítima — e vocês não obterão o meu dinheiro.

Apesar da violência desses gritos, Furta-pão percebeu que o fogo ainda não mordida a pele; ataçaram, portanto, os carvões, com muita habilidade, de maneira que o fogo chamejasse ligeiramente; D'Orgemont disse então com voz sumida:

— Meus amigos, soltem-me... Que desejam? cem escudos, mil escudos, dez mil escudos, cem mil escudos? Ofereço-lhes duzentos escudos.

Essa voz era tão lamentável que a srta. de Verneuil esqueceu o seu próprio perigo e deixou escapar uma exclamação.

— Quem falou? — indagou Pé-de-poeira.

Os *chouans* lançaram à sua volta olhares aterrados. Aqueles homens, tão bravos diante da boca mortífera dos canhões, não se aguentavam na presença de um *espírito*. Apenas Furta-pão escutava, sem distrações, a confissão que as dores crescentes arrancavam à sua vítima.

— Quinhentos escudos... sim, eu lhos darei — afirmava o avaro.

— Ora! Onde estão eles? — replicou Furta-pão tranquilamente.

— Hem? estão debaixo da primeira macieira... Virgem Santa! no fundo do jardim, à esquerda... Vocês são uns bandidos... ladrões... Ah! estou morrendo... Há dez mil francos.

— Não quero saber de francos — declarou Pé-de-poeira —, precisamos de libras. Os escudos de tua República são dotados de figuras pagãs que nunca terão curso.

— São em libras, em bons luíses de ouro. Mas soltem-me, soltem-me... Vocês sabem onde está a minha vida... o meu tesouro!

Os quatro *chouans* entreolharam-se procurando em qual poderiam fiar-se para mandá-lo desenterrar a quantia. Naquele momento, essa crueldade de canibais produziu tamanho horror na srta. de Verneuil que, sem saber se o papel que lhe era designado por seu rosto pálido ainda a preservava de todos os perigos, exclamou corajosamente, num tom de voz grave:

— Não receiam a cólera de Deus? Desamarrem-no, bárbaros!

Os *chouans* ergueram a cabeça, viram no espaço uns olhos que brilhavam como duas estrelas, e fugiram apavorados. A srta. de Verneuil pulou para a cozinha, correu em direção a D'Orgemont, puxou-o tão violentamente do fogo que os cordéis dos feixes cederam; depois, com o gume do punhal, cortou as cordas com as quais o infeliz fora ligado. Quando o avarento se viu livre e de pé, a primeira expressão de sua fisionomia foi um sorriso doloroso, mas sardônico.

— Vão, vão para a macieira, bandidos!... — disse ele — Oh! oh! já duas vezes que os logro, e uma terceira, com certeza, não me pegam!

Nesse momento uma voz feminina ressoou no lado de fora.

— Um *espírito*! Um *espírito*! — gritava a sra. do Gua — imbecis, é *ela*! Mil escudos a quem me trouxer a cabeça daquela prostituta!

A srta. de Verneuil empalideceu; mas o avaro segurou-lhe a mão, puxou-a para baixo do pano da lareira, impediu-a de deixar todo e qualquer traço de sua passagem, conduzindo-a de forma que não alterasse a disposição da lenha, que ocupava espaço muito reduzido; fez funcionar uma mola, e a placa de ferro fundido levantou-se. Quando seus inimigos comuns entraram de novo no subterrâneo, a pesada porta do esconderijo já tornara a cair sem ruído. A parisiense compreendeu então o alvo dos movimentos de carpa que vira o desgraçado banqueiro fazer.

— Vê a senhora — exclamou Pé-de-poeira — que o espírito tomou o Azul por companheiro...

O terror deve ter sido grande, porque essas palavras foram seguidas de um silêncio tão profundo que D'Orgemont e sua companheira ouviram os *chouans* pronunciando em voz baixa:

— *Ave, sancta Anna Auriaca gratia plena, Dominus tecum etc.*

— Estão rezando, os imbecis! — bradou D'Orgemont.

— Não tem medo — perguntou a srta. de Verneuil, interrompendo seu companheiro — de fazer com que descubram nosso...

Uma risada do velho avarento dissipou os temores da jovem parisiense.

— A placa está numa lápide de granito que tem dez polegadas de profundidade. Nós os ouvimos, e eles não nos ouvem.

A seguir, delicadamente, tomou a mão de sua libertadora, colocou-a na direção de uma fresta de onde saíam baforadas de ar fresco, e ela adivinhou que essa abertura era feita no tubo da chaminé.

— Ah! ah! — prosseguiu D'Orgemont. — Diabos! as pernas me doem um pouco! essa Égua de Charette, como a denominam em Nantes, não é tão tola que vá contradizer seus fiéis; ela bem sabe que, se eles não fossem tão ignorantes, não se bateriam contra os próprios interesses. Ei-la também a rezar. Deve ser divertido vê-la dizer sua *Ave-Maria* a Sant'Anna de Auray! Melhor faria se assaltasse alguma diligência para

reembolsar-me dos quatro mil francos que me deve! Com os juros, as despesas, isso atinge bem uns quatro mil setecentos e oitenta francos e alguns cêntimos...

Terminada a prece, os *chouans* se levantaram e partiram. O velho D'Orgemont apertou a mão da srta. de Verneuil, como para prevenir de que o perigo ainda assim continuava a existir.

— Não, não, minha senhora — exclamou Furta-pão após alguns minutos de silêncio —, ainda que permanecesse aqui dez anos, eles não voltariam.

— Mas ela não saiu, deve estar aqui! — afirmou obstinadamente a Égua de Charette.

— Não, senhora, eles escapuliram através das paredes. O diabo já não carregou da nossa presença um sacerdote que prestara o juramento?

— Como é que tu, Furta-pão, avaro como D'Orgemont, não adivinhas que o velho sovina bem pode ter despendido vários milhares de libras para construir nos alicerces deste subterrâneo um reduto cuja entrada seja oculta por um segredo?

O proprietário e a moça ouviram um riso forte que Furta-pão deixou escapar.

— É mesmo! — concordou ele.

— Fica aqui — ordenou a sra. do Gua. — Espera-os à saída. Por um único tiro de espingarda eu te darei tudo quanto encontrares no tesouro do nosso usurário. Se queres que te perdoe por teres vendido essa mulher quando eu te disse que a matasses, obedece-me.

— Usurário! — repetiu o velho D'Orgemont — e, contudo, emprestei-lhe apenas a nove por cento. É verdade que possuo uma caução hipotecária! Mas, afinal, veja como ela é reconhecida! Ora, senhorita, se Deus nos castiga pelo mal, o diabo aí está para nos castigar pelo bem; e o homem colocado entre esses dois termos, sem nada saber do futuro, sempre me fez o efeito de uma regra de três cujo *x* não se possa encontrar jamais.

Soltou um suspiro vazio, que lhe era peculiar, porque, passando-lhe pela laringe, o ar parecia encontrar e atacar duas velhas cordas estendidas. O rumor que Furta-pão e a sra. do Gua fizeram enquanto sondavam de novo as paredes, as abóbadas e as lajes pareceu tranquilizar D'Orgemont, que pegou na mão de sua libertadora para auxiliá-la a subir uma estreita escada de caracol aberta na espessura de uma das muralhas de granito. Após subir uns vinte degraus, a claridade de uma lâmpada iluminou-lhes debilmente as cabeças. O avaro deteve-se, virou-se para sua companheira, examinou-lhe o rosto como se olhasse, manuseasse, apalpassee uma letra de câmbio de desconto duvidoso, e soltou seu terrível suspiro.

— Trazendo-a para aqui — disse ele após um momento de silêncio

—, reembolsei-a integralmente pelo serviço que me prestou; portanto, não vejo por que lhe daria...

— Deixe-me aqui, senhor, nada lhe peço — declarou ela.

Estas derradeiras palavras, e talvez também o desdém que aquele belo rosto exprimiu, sossegaram o velhote, pois respondeu com um novo suspiro:

— Ah! conduzindo-a até aqui, fiz demasiado para deixar de prosseguir...

Polidamente, ajudou Maria a subir alguns degraus, dispostos de maneira muito singular, e introduziu-a, em parte de boa vontade, em parte a contragosto, num pequeno gabinete de quatro pés quadrados, iluminado por uma lâmpada suspensa da abóbada. Era fácil de ver que o avaro havia tomado todas as suas precauções a fim de passar mais de um dia naquele retiro, caso os acontecimentos da guerra civil o obrigassem a lá ficar por algum tempo.

— Não se aproxime da parede, poderia sujar-se de branco! — disse D'Orgemont de repente.

E, com muita precaução, meteu a mão entre o xale da jovem e a muralha, que parecia caiada de fresco. O gesto do velho avaro produziu um efeito absolutamente contrário ao que ele esperava. A srta. de Verneuil olhou de súbito para a frente, e viu a um canto uma espécie de construção cuja forma lhe arrancou um grito de terror, porque ela adivinhou que uma criatura humana fora emboçada em argamassa e ali colocada, de pé. D'Orgemont fez-lhe um sinal amedrontador para convidá-la a calar, e seus olhinhos de um azul de faiança demonstraram tanto pavor quanto os de sua companheira.

— Tola! acredita que eu o tenha assassinado?... É meu irmão — disse ele, variando seu sorriso de maneira lúgubre. — Foi o primeiro reitor que prestou juramento. Aí está o único asilo em que ficou em segurança contra o furor dos *chouans* e dos outros padres. Perseguir um digno homem que tinha tanta ordem! Era mais velho que eu, só ele teve paciência para me ensinar cálculo decimal. Oh! era um bom sacerdote! Fazia economia e sabia juntar. Morreu há quatro anos, ignoro de que doença; mas, como sabe, esses padres têm o hábito de se ajoelhar de tempos em tempos para rezar, e talvez ele não se tenha acostumado a ficar em pé, como eu... Coloquei-o aqui; noutro lugar *eles* o teriam desenterrado. Um dia poderei inumá-lo em terra sagrada, como dizia este pobre homem que só prestou o juramento por medo.

Uma lágrima rolou dos olhos secos do velhote, cuja cabeleira ruiva pareceu então menos feia à moça, que desviou os olhos por um secreto respeito por aquela dor; mas, apesar de seu enternecimento, D'Orgemont ainda lhe disse:

— Não se aproxime do muro...

E seus olhos não se afastaram dos da srta. de Verneuil, esperando,

assim, impedi-la de examinar mais atentamente as paredes daquele gabinete, onde o ar, muito rarefeito, não era suficiente ao funcionamento dos pulmões. Maria, entretanto, conseguiu subtrair um olhar à vigilância de seu Argos, e, pelas estranhas proeminências das paredes, supôs que o avaro as tivesse construído com sacos de prata e de ouro. Havia um momento, D'Orgemont estava mergulhado num grotesco transporte. A dor que a queimadura lhe fazia sofrer nas pernas e seu terror ao ver um ser humano em meio de seus tesouros liam-se em cada uma de suas rugas; mas, ao mesmo tempo, os olhos áridos exprimiam, por um brilho desacostumado, a generosa comoção que nele excitava a perigosa vizinhança de sua libertadora, cujas faces róseas e alvas atraíam o beijo, cujo olhar negro e aveludado lhe levava ao coração ondas de sangue, tão quentes que ele não sabia mais se era um sinal de vida ou de morte.

— É casada? — perguntou-lhe com voz trêmula.

— Não — respondeu ela a sorrir.

— Posso alguma coisa — prosseguiu ele exalando um suspiro —, embora não seja tão rico quanto dizem todos. Uma jovem como você deve gostar dos diamantes, das joias, das carruagens, do ouro — acrescentou olhando assustado à volta de si. — Tenho tudo isto para lhe dar, depois de minha morte. E se você quisesse...

Os olhos do velho demonstravam tanto cálculo, até mesmo nesse amor efêmero, que mexendo a cabeça num movimento negativo a srta. de Verneuil não pôde deixar de pensar que o miserável só pensava em desposá-la para enterrar seu segredo no coração de outro ele próprio.

— O dinheiro! — disse ela dardejando contra D'Orgemont um olhar cheio de ironia que, ao mesmo tempo, o tornou feliz e irritado — o dinheiro nada vale para mim. Ainda que você fosse três vezes mais rico do que é, e se todo ouro que eu recusei estivesse aqui...

— Não se aproxime do m...

— E se não me pedissem mais do que um olhar — acrescentou ela com incrível altivez.

— Fez mal, era uma excelente especulação. Mas pense só...

— Pense — interrompeu a srta. de Verneuil — que acabo de ouvir ecoar uma voz da qual uma única inflexão tem mais valor para mim do que todas as suas riquezas.

— Você não as conhece...

Antes que o avaro pudesse impedi-la, Maria fez mover-se, tocando-a com o dedo, uma pequena gravura iluminada que representava Luís xv a cavalo, e viu de súbito, num plano inferior, o marquês ocupado em carregar um bacamarte. A abertura, oculta pelo pequeno painel sobre o qual a estampa se achava colada, parecia corresponder a qualquer ornato no teto do quarto vizinho, onde, sem dúvida, o general realista dormia. D'Orgemont, com a maior precaução,

repôs em seu lugar a velha estampa, e fitou a moça com ar severo.

— Não diga uma única palavra, se ama a vida!

Depois de uma pausa, disse-lhe ao ouvido:

— Não foi a uma embarcação modesta que você lançou o seu arpéu... Sabe que o marquês de Montauran possui cerca de cem mil libras de renda em terras arrendadas, que ainda não foram vendidas? Ora, um decreto dos cônsules, que li em *Le Primidi de l'Ille-et-Vilaine*, acaba de suspender os sequestros. Ah! ah! você agora acha esse rapaz mais atraente que dantes, não? Seus olhos brilham como dois luíses de ouro novinhos.

Os olhares da srta. de Verneuil muito se animaram ao ouvir ressoar de novo uma voz tão conhecida. Desde que ali estava, de pé, como que sepultada numa mina de prata, a mola de sua alma, vergada sob esses acontecimentos, aprumara-se de novo. Ela parecia ter tomado uma resolução sinistra e entrever os meios de pô-la em execução.

“Tal desprezo não pode ser esquecido”, dizia consigo mesma, “e se ele não mais deve amar-me, desejo matá-lo... Mulher nenhuma o terá.”

— Não, padre, não! — bradava o jovem chefe cuja voz se fez ouvir — é necessário que assim seja.

— Senhor marquês — objetou o padre Gudin com altivez —, o senhor scandalizará toda a Bretanha se der esse baile em Saint-James. Os pregadores, e não os dançarinos, é que agitarão as nossas aldeias... Tenha espingardas e não violinos.

— O senhor padre possui espírito bastante para saber que somente numa assembleia geral de todos os nossos partidários eu verei o que posso empreender com eles. Um jantar parece-me mais favorável para examinar-lhes as fisionomias e conhecer-lhes as intenções do que todas as espionagens possíveis, das quais, além de tudo, tenho horror; faremos com que eles palestrem com o copo na mão.

Ao ouvir essas palavras, Maria estremeceu, porque concebeu o projeto de ir a esse baile e lá se vingar.

— Toma-me por um idiota, com o seu sermão sobre a dança! — retrucou Montauran. — Não figurariam os senhores de bom grado numa chacona para se verem restaurados sob seu novo nome de Padres da Fé?... Ignoram que os bretões saem da missa para ir dançar? Ignoram também que os srs. Hyde de Neuville e D'Andigné⁴⁵ tiveram, há cinco dias, uma conferência com o primeiro-cônsul sobre a questão de restabelecer sua majestade Luís XVIII? Se me preparo neste instante para ir arriscar um lance tão temerário, é unicamente para adicionar a essas negociações o peso de nossos sapatos ferrados. Ignora que todos os chefes da Venda e até mesmo Fontaine falam em se submeter? Ah, senhor, evidentemente enganaram os príncipes sobre o estado da França. As dedicações de que lhes falam são dedicações de posição. Se meto os pés no sangue, senhor padre, não quero meter-me nele até a

cintura a não ser com total conhecimento de causa. Dediquei-me ao rei e não a quatro cabeças esquentadas, a homens perdidos de dívidas como Rifoël, a esquentadores,⁴⁶ a...

— Diga logo, senhor, a padres que percebem contribuições na estrada real para sustentar a guerra! — interrompeu o padre Gudín.

— Por que não o haveria de dizer? — respondeu acremente o marquês. — Direi também que os tempos heroicos da Vendaia já passaram.

— Saberemos fazer milagres sem o senhor marquês.

— Sim, como o de Maria Lambrequim — replicou o fidalgo a rir. — Vamos, padre, não guarde rancor! Sei que não poupa sua pessoa, e atira sobre um Azul tão bem quanto reza um *oremus*. Com o auxílio de Deus, espero fazê-lo assistir, de mitra na cabeça, à sagração do rei.

Esta última frase, sem dúvida, teve um poder mágico sobre o padre, pois se ouviu o ruído de uma carabina, e ele exclamou:

— Tenho cinquenta cartuchos em meus bolsos, senhor marquês, e minha vida pertence ao rei!

— Eis aí mais um dos meus devedores — declarou o avaro à srta. de Verneuil. — Não falo de quinhentos ou seiscentos miseráveis escudos que ele me pediu emprestados, mas de uma dívida de sangue, que, espero, será saldada. A este satânico jesuíta jamais acontecerá tanto mal quanto eu lhe desejo; ele jurara a morte de meu irmão, e agitava os povoados contra ele. Por quê? porque o pobre homem tivera medo das novas leis!...

Depois de aplicar o ouvido a certo ponto de seu esconderijo, prosseguiu:

— Lá estão todos aqueles bandidos a levantar acampamento — disse ele. — Vão fazer ainda algum milagre! Contanto que não tentem dizer-me adeus ateando fogo à casa, como da última vez!

Depois de cerca de meia hora, durante a qual a srta. de Verneuil e D'Orgemont se fitaram como se cada qual olhasse para um quadro, a voz rude e grosseira de Galopa-caneca repercutiu suavemente:

— Não há mais perigo, sr. d'Orgemont. Mas desta vez mereci bem os meus trinta escudos!

— Minha filha — disse o avaro —, jure-me que fechará os olhos.

A srta. de Verneuil colocou uma das mãos sobre as pálpebras, mas, para maior segurança, o velho soprou a lâmpada, tomou sua libertadora pela mão, ajudou-a a dar sete ou oito passos por um corredor difícil e ao cabo de alguns minutos lhe puxou delicadamente a mão e ela se viu no quarto que o marquês de Montauran acabava de deixar e que era o do avaro.

— Minha querida filha — disse-lhe o velho —, pode partir. Não olhe assim ao redor de si. Naturalmente não tem dinheiro, não é? Olhe, aqui tem dez escudos; alguns estão gastos mas ainda passarão. Ao sair do

jardim você encontrará um atalho que conduz à cidade, ou, como dizem agora, ao distrito. Os *chouans*, porém, estão em Fougères, e não é de supor que você tão cedo lá possa entrar; assim, poderá ter necessidade de um asilo seguro. Guarde bem o que vou dizer-lhe, e não se aproveite disso a não ser num extremo perigo. No caminho que leva ao Nid-aux-crocs através do vale de Gibarry, verá uma herdade em que mora o grande Cibot, chamado Galopa-caneca; entre lá, dizendo à mulher: “Bom dia, Bécanière!” e Barbette a esconderá. Se Galopa-caneca a descobrir, ou a tomará por um espírito, se for à noite, ou dez escudos o abrandação, se for de dia. Adeus! nossas contas acham-se liquidadas... Se você quisesse — acrescentou mostrando com um gesto os campos que rodeavam a casa —, tudo isto seria seu!

A srta. de Verneuil lançou um olhar de agradecimento àquele ser singular, e conseguiu arrancar-lhe um suspiro cujos tons foram muito variados.

— É claro que você me devolverá os meus dez escudos, note bem que não falo em juro; entregue-os, a meu crédito, em casa de mestre Patrat, o tabelião de Fougères, que, se você quisesse, faria o nosso contrato, lindo tesouro... Adeus.

— Adeus — disse ela sorrindo e saudando-o com a mão.

— Se precisar de dinheiro — gritou-lhe o argenteiro — eu lhe emprestarei a cinco por cento! Sim, a cinco apenas... Foi cinco que eu disse?

Ela havia partido. “Dá-me a impressão de ser uma boa moça”, disse consigo D’Orgemont, “entretanto, substituirei o segredo de minha lareira.” A seguir apanhou um pão de doze libras, um presunto, e voltou para o seu esconderijo.

Quando a srta. de Verneuil caminhou pelo campo, teve a impressão de que renascia; a frescura da manhã reanimou-lhe o rosto, que, havia algumas horas, lhe parecia açoitado por uma atmosfera escaldante. Ela tentou encontrar o atalho indicado pelo avaro, mas, desde que a lua desaparecera, a escuridão se tornara tão grande que foi forçada a caminhar ao acaso. Em breve o receio de cair nos precipícios invadiu-lhe o coração e salvou-lhe a vida, porque se deteve de chofre, pressentindo que se desse mais um passo o solo lhe faltaria. Um vento mais forte, que lhe acariciava os cabelos, o murmúrio das águas, o instinto, tudo serviu para lhe indicar que se achava na extremidade dos rochedos de Saint-Sulpice. Passou os braços em torno de uma árvore e esperou a aurora, presa de viva ansiedade, porque ouvia um rumor de armas, de cavalos e de vozes humanas. E rendeu graças à noite que a preservava do perigo de tombar entre as mãos dos *chouans*, se, conforme dissera o avaro, estes cercavam Fougères.

Semelhantes a fogos acesos à noite como um sinal de liberdade, alguns clarões, levemente purpurinos, passaram sobre as montanhas, cujas bases conservaram matizes azulados que contrastaram com as nuvens de orvalho que flutuavam sobre os vales. Não tardou a elevar-se lentamente no horizonte um disco de rubi, que os céus reconheceram; os acidentes da paisagem, o campanário de Saint-Léonard, as rochas, os prados mergulhados na sombra, reapareceram insensivelmente, e as árvores situadas nos cumes desenharam-se à luz de seus fogos nascentes. O sol, por um gracioso impulso, desvencilhou-se de suas fitas de fogo, de ocre e de safira. Sua luz viva harmonizou-se em linhas iguais, de colina em colina, transbordou de vale em vale. As trevas dissiparam-se, o dia esmagou a natureza. Uma brisa picante palpitou no ar, os pássaros cantaram, a vida despertou por toda parte. Mas a jovem apenas tivera tempo de descer o olhar sobre as massas daquela paisagem tão curiosa, e, por um fenômeno bastante frequente naquelas frescas regiões, já os vapores se estenderam em lençóis, encheram os vales, subiram até as mais altas colinas, envolveram aquela rica bacia num manto de neve. Em breve a srta. de Verneuil julgou rever um daqueles mares de gelo que se estendem pelos Alpes. Em seguida aquela nebulosa atmosfera formou vagas como o oceano, produziu ondas impenetráveis que se balouçaram com languidez, flutuaram, turbilhonaram violentamente, contraíram aos raios do sol matizes de um rosa vivo, oferecendo aqui e ali as transparências de um lago de argento fluido.

De súbito, o vento norte soprou sobre essa fantasmagoria e dissipou as névoas, que depositaram um rocio cheio de óxido sobre as relvas. A srta. de Verneuil pôde então distinguir uma imensa massa escura colocada sobre os rochedos de Fougères. Setecentos a oitocentos *chouans* armados agitavam-se no subúrbio de Saint-Sulpice como formigas num formigueiro. Os arredores do castelo, ocupados por três mil homens chegados como por magia, foram atacados com furor. Aquela cidade adormecida, apesar de seus baluartes verdejantes e suas velhas torres cinzentas, teria sucumbido se Hulot não estivesse de vigilância. Uma bateria, oculta numa eminência que se encontra ao fundo do saco formado pelas muralhas, respondeu ao primeiro fogo dos *chouans* apanhando-os de flanco, no caminho que leva ao castelo. A metralha limpou a estrada e varreu-a. Depois, uma companhia saiu da Porte de Saint-Sulpice, aproveitou-se do espanto dos *chouans*, colocou-se em posição de combate ao longo do caminho e iniciou sobre eles um fogo mortífero. Os *chouans* não tentaram resistir, vendo as muralhas do castelo cobrirem-se de soldados, como se a arte do maquinista ali houvesse disposto linhas azuis, e o fogo da fortaleza proteger o dos atiradores republicanos. Entretanto, outros *chouans*, senhores do pequeno vale do Nançon, escalaram as galerias do rochedo e chegaram

ao Passeio, para onde saltaram, e ele ficou coberto de peles de cabra que lhe deram a aparência de um telhado de colmo escurecido pelo tempo. No mesmo instante, violentas detonações fizeram-se ouvir na parte da cidade que olhava para o vale do Couësnon. Evidentemente, Fougères, atacada por todos os pontos, estava inteiramente cercada. O fogo que se manifestou na vertente oriental do rochedo serviu até para provar que os *chouans* incendiavam os subúrbios. Contudo, as labaredas que se erguiam dos telhados de giesta ou de ripas depressa se apagaram, e algumas colunas de fumaça negra indicaram que o incêndio estava a extinguir-se.

Nuvens brancas e escuras ainda uma vez ocultaram essa cena à srta. de Verneuil, mas o vento logo dissipou aquela bruma de pólvora. O comandante republicano já fizera mudar a direção de sua bateria, de maneira que pudesse alcançar, sucessivamente, em fila, o vale do Nançon, a Escadaria da Rainha e o rochedo, quando, do alto do Passeio, viu suas primeiras ordens admiravelmente bem executadas. Duas peças colocadas no posto da Porte de Saint-Léonard derrubaram o formigueiro de *chouans* que se haviam apoderado daquela posição, ao passo que os guardas nacionais de Fougères, que acorreram precipites à praça da igreja, acabavam de expulsar o inimigo. Esse combate não durou meia hora e não custou cem homens dos Azuis. Batidos e esmagados, já os *chouans* se retiravam em todas as direções, de acordo com as reiteradas ordens do Gars, cuja afoita e surpreendente investida falhava, sem que ele o soubesse, em consequência dos acontecimentos da Vivetière, que tão em segredo trouxeram Hulot de volta a Fougères. A artilharia só chegara durante aquela noite, pois apenas a notícia de um transporte de munições seria suficiente para fazer com que Montauran abandonasse aquele empreendimento, que, divulgado, não poderia deixar de ter mau resultado. Com efeito, tanto Hulot desejava dar uma severa lição ao Gars, quanto poderia o Gars almejar sair-se bem em sua escaramuça a fim de influenciar as determinações do primeiro-cônsul.

Ao primeiro tiro de canhão, logo compreendeu o marquês que seria loucura prosseguir, por amor-próprio, uma surpresa falha. Destarte, para não fazer matar inutilmente seus *chouans*, apressou-se a enviar sete ou oito mensageiros com instruções no sentido de operarem prontamente a retirada em todos os pontos. Tendo o comandante avistado seu adversário cercado de um numeroso conselho, no meio do qual se achava a sra. do Gua, tentou enviar-lhes uma descarga, dirigida contra os rochedos de Saint-Sulpice. O local, porém, fora escolhido com demasiada cautela para que ali o jovem chefe não se achasse em segurança. De súbito, Hulot mudou de papel e de atacado tornou-se agressor. Aos primeiros movimentos indicadores das intenções do marquês, a companhia postada sob os muros do castelo incumbiu-se de cortar a retirada dos *chouans*, apoderando-se das saídas superiores do

vale de Nançon.

Apesar de seu ódio, a srta. de Verneuil esposou a causa dos homens comandados por seu amado, e voltou-se apressadamente para a outra saída, a fim de verificar se estava livre, mas avistou os Azuis; vencedores, sem dúvida, do outro lado de Fougères, que voltavam do vale do Couësnon através do de Gibarry para tomar o Nid-aux-crocs e a parte dos rochedos de Saint-Sulpice onde se encontravam as saídas inferiores do vale do Nançon. Assim, os *chouans*, fechados na estreita campina daquela garganta, pareciam fadados a perecer até o último, tão justas foram as previsões do velho comandante republicano e tão habilmente tomadas as suas medidas. Sobre aqueles dois pontos, entretanto, os canhões, que tão bem tinham servido Hulot, mostraram-se impotentes, lá se travaram lutas encarniçadas, e, uma vez preservada a cidade de Fougères, o combate tomou o aspecto de um reconto a que os *chouans* estavam habituados.

A srta. de Verneuil compreendeu então a presença das massas de homens que avistara no campo, a reunião dos chefes em casa de D'Orgemont e todos os acontecimentos daquela noite, sem saber como pudera escapar a tantos perigos. Essa empresa, ditada pelo desespero, interessou-a tão vivamente que permaneceu imóvel, contemplando os quadros animados que se ofereciam a seus olhares.

O combate que se travava no sopé das montanhas de Saint-Sulpice teve para ela mais um interesse. Vendo os Azuis quase dominando os *chouans*, o marquês e seus amigos lançaram-se no vale do Nançon a fim de lhes levar auxílio. A base das rochas ficou toda coberta por uma multidão de grupos furiosos, onde se decidiram questões de vida e de morte, num terreno e com armas que mais favoreciam aos peles de cabra. Insensivelmente, essa arena movediça se estendeu no espaço. Os *chouans*, animando-se, invadiram os rochedos com a ajuda dos arbustos que cresciam aqui e ali.

A srta. de Verneuil teve um momento de terror ao ver, um pouco tarde, seus inimigos trepados nos cumes, de onde defendiam com furor os atalhos perigosos pelos quais se chegava até lá. Estando ocupadas pelos dois partidos todas as saídas daquelas montanhas, ela sentiu medo de se encontrar no meio deles, abandonou a grande árvore atrás da qual se mantivera e pôs-se a fugir, pensando em aproveitar-se das recomendações do velho avarento.

Após ter corrido durante muito tempo pela vertente das montanhas de Saint-Sulpice que dá para o grande vale do Couësnon, deparou ao longe um estábulo e julgou que pertencesse à casa de Galopa-caneca, que deveria ter deixado a mulher inteiramente só durante o combate. Animada por essas suposições, a srta. de Verneuil esperou ser bem recebida naquela habitação, e poder ali passar algumas horas, até que lhe fosse possível voltar a Fougères sem perigo. Segundo todas as

aparências, Hulot iria triunfar. Os *chouans* fugiam tão rapidamente que ela ouvia tiros por toda parte, à volta de si, e o receio de ser atingida por alguma bala fê-la dirigir-se prontamente para a cabana cuja chaminé lhe servia de baliza.

A vereda que ela seguira dava numa espécie de barracão cujo teto, coberto de giestas, era sustentado por quatro grossas árvores ainda guarnecidas de suas cascas. Um paredão de taipa formava o fundo desse barracão, sob o qual se encontravam um lagar de cidra, uma eira para se bater o trigo-sarraceno e alguns utensílios de lavoura. A jovem deteve-se junto a um daqueles barrotes, sem se decidir a atravessar o pântano lamacento que servia de pátio àquela casa que, de longe, como autêntica parisiense, tomara por um estábulo.

À cabana, abrigada dos ventos do Norte por uma eminência que se elevava acima do teto, e à qual se apoiava, não faltava poesia, visto como galhos de olmos, de urzes e as flores do rochedo a coroavam com suas guirlandas. Uma escadaria rústica, entre o barracão e a casa, permitia aos moradores irem tomar um pouco de ar puro no alto da rocha. À esquerda da choupana, o cômodo descia repentinamente, e deixava ver uma série de campos, o primeiro dos quais pertencia sem dúvida àquela granja. Esses campos desenhavam graciosos bosques separados por valados de terra plantada de árvores, o primeiro dos quais delimitava o recinto do pátio.

O caminho que conduzia a esses campos era fechado por um grosso tronco de árvore meio apodrecido, sistema bretão de impedir a passagem, e cujo nome fornecerá mais tarde uma digressão que acabará de caracterizar essa região.

Entre a escadaria cavada nos xistos e a senda barrada por aquela grossa árvore, em frente ao charco e sob aquela rocha pendente, algumas pedras de granito grosseiramente talhadas, superpostas umas às outras, formavam os quatro ângulos daquela cabana, e sustentavam o mau piso, as tábuas e os calhaus de que eram construídas as paredes. Uma das metades do teto, coberta de giestas à guisa de palha, e a outra de ripas, de madeira de certa espécie, talhada em forma de ardósia, anunciavam duas divisões; e, com efeito, uma, separada por uma sebe malfeita, servia de estábulo, e os proprietários habitavam a outra. Embora essa cabana devesse à vizinhança da cidade vários melhoramentos absolutamente impossíveis de se encontrar duas milhas adiante, ela bem explicava a instabilidade da vida a que as guerras e os usos do feudalismo tão fortemente subordinaram os costumes dos servos que hoje, naquelas paragens, muitos camponeses ainda chamam de *moradia* o castelo habitado por seus senhores. Por fim, examinando aqueles sítios com um espanto muito fácil de se conceber, a srta. de Verneuil observou aqui e ali, na lama do pátio, fragmentos de granito dispostos de maneira que traçassem, em direção

à casa, um caminho que apresentava mais de um perigo; ouvindo, porém, o ruído da mosquetaria que se aproximava sensivelmente, ela pulou de pedra em pedra, como se atravessasse um ribeiro, a fim de pedir asilo.

A casa estava fechada por uma dessas portas compostas de duas partes separadas, sendo a inferior de madeira, inteiriça e maciça, e a superior defendida por um postigo que serve de janela. Em diversas lojas de certas cidadezinhas da França vemos esse tipo de porta, muito mais ornamentado, porém, e dotado de uma campainha de alarma na parte inferior; esta se abria por meio de uma aldrava de madeira digna da idade do ouro, e a parte de cima só se fechava durante a noite, pois a luz não podia penetrar no quarto senão por essa abertura. É verdade que existia uma vidraça grosseira, mas seus vidros assemelhavam-se a fundos de garrafa e as espessas lâminas de chumbo que os seguravam tomavam tanto espaço que mais pareciam destinadas a interceptar do que a deixar passar a claridade.

Quando a srta. de Verneuil fez a porta mover-se nos gonzos rangedores, sentiu medonhos vapores alcalinos saírem às baforadas desse pardieiro, e viu que os quadrúpedes haviam arruinado com coices o muro interno que os separava do quarto. Assim, o interior da granja, pois que era uma granja, não desmentia o seu exterior.

A srta. de Verneuil indagava a si mesma se era possível que entes humanos vivessem naquela abjeção organizada, quando um garotinho em farrapos, e que parecia contar oito ou nove anos, lhe apresentou de repente o rosto fresco, branco e rosado, faces rechonchudas, olhos vivos, dentes de marfim e uma cabeleira loura, que lhe tombava emaranhada sobre os ombros seminus; os membros eram vigorosos, e sua atitude tinha aquela graça produzida pelo espanto, aquela ingenuidade selvagem que aumenta os olhos das crianças.

Esse pequerrucho era sublime de beleza.

— Onde está tua mãe? — perguntou Maria com voz doce, abaixando-se para beijar-lhe os olhos.

Depois de receber o beijo, o menino escapuliu como uma enguia e desapareceu por trás de um monte de esterco que se achava entre o atalho e a casa, no píncaro da eminência. Efetivamente, como grande número de cultivadores bretões, Galopa-caneca, por um sistema de agricultura que lhes é particular, colocava seu estrume em pontos elevados, de sorte que, quando dele se servia, as águas pluviais já o tinham despojado de todas as suas propriedades.

Senhora da casa por alguns instantes, Maria fez rapidamente o seu inventário. O quarto onde esperava Barbette formava toda a casa. O objeto mais aparente e mais pomposo era uma lareira imensa cuja *coberta* constava de uma pedra de granito azul. A etimologia desta palavra era provada por um trapo de sarja verde, bordada com fita verde-

pálido, cortada em forma redonda, e que pendia ao longo de uma prateleira no meio da qual se erguia uma bondosa Virgem de gesso colorido. No pedestal da estátua a srta. de Verneuil leu dois versos de uma poesia religiosa muito espalhada pela região:

Sou a Mãe de Deus,
protetora deste lugar.⁴⁷

Por trás da Virgem, uma pavorosa imagem manchada de vermelho e azul, a pretexto de pintura, representava são Labre. Um leito de sarja verde, chamado “túmulo”, uma informe caminha de criança, uma roca, diversas cadeiras toscas, uma arca esculpida, guarnecida de vários utensílios, completavam, com pouco mais, o mobiliário de Galopacanca. Defronte à vidraça encontrava-se uma comprida mesa de castanheiro, acompanhada de dois bancos também dessa madeira, aos quais a luz dos vidros dava os sombrios matizes do mogno velho, bem como uma enorme pipa de sidra, sob o batoque da qual a srta. de Verneuil notou uma lama amarelada cuja umidade estragava o soalho, embora fosse este formado por pedaços de granito reunidos por uma argila ruiva, e que provava não ter o dono da casa roubado a sua alcunha de chouan.

A srta. de Verneuil ergueu os olhos como para fugir àquele espetáculo, e então lhe pareceu ver todos os morcegos da terra, tão numerosas eram as teias de aranha que pendiam do teto. Cheios de sidra, encontravam-se sobre a comprida mesa dois enormes pichéis. Estes objetos são uma espécie de cântaro de barro escuro, cujo modelo existe em diversas regiões da França, e dos quais um parisiense pode fazer ideia imaginando, nos potes em que os gastrônomos servem manteiga da Bretanha, um ventre mais bojudo, envernizado de maneira desigual e matizado de nódoas fulvas como as de certas conchas. Essa bilha termina por uma espécie de boca muito semelhante à cabeça de rã que toma ar fora d'água. A atenção de Maria foi atraída finalmente por esses dois pichéis, mas o rumor do combate, que de súbito se tornou mais distinto, forçou-a a procurar um sítio próprio para se esconder, sem esperar por Barbette, quando essa mulher entrou de chofre.

— Bom dia, Bécanière — disse-lhe ela retendo um sorriso involuntário à vista de um rosto que se parecia bastante com as cabeças que os arquitetos empregam como ornamento na parte superior das janelas.

— Ah! ah! vem mandada por D'Orgemont — respondeu Barbette com ar pouco solícito.

— Onde vai meter-me? os *chouans* aí estão...

— Lá!... — disse Barbette, tão estupefata pela beleza quanto pelo vestuário de uma criatura que não podia conceber entre as de seu sexo.

— Lá! no esconderijo do padre.

Conduziu a moça à cabeceira do leito, fê-la entrar no espaço entre este e a parede, mas ficaram ambas inteiramente atônitas julgando ouvir um desconhecido que saltou para dentro do charco. Barbette mal teve tempo de soltar uma das cortinas da cama e com ela embrulhar Maria, e encontrou-se cara a cara com um *chouan* fugitivo.

— Onde posso esconder-me por aqui, minha velha? Sou o conde de Bauvan.

A srta. de Verneuil estremeceu ao reconhecer a voz do conviva que, com algumas palavras, mantidas em segredo para ela, causara a catástrofe da Vivetière.

— Ai! Monsenhor, bem vê que por aqui não há nada! O que posso fazer de melhor é sair; vou ficar de vigia. Se os Azuis vierem, avisarei. Se eu ficasse cá e se eles me achassem com o senhor, queimariam minha casa.

E Barbette saiu porque não tinha inteligência suficiente para conciliar os interesses de dois inimigos com igual direito ao esconderijo, em virtude do duplo papel que seu marido desempenhava.

— Restam-me dois tiros — resmungou o conde desesperado —, mas eles já me ultrapassaram. Ora, será muito má sorte a minha se, de regresso, lhes passar pela imaginação olhar debaixo da cama.

De leve, colocou a espingarda de encontro à coluna em que Maria se achava de pé, envolta na sarja verde, e abaixou-se para certificar-se de que poderia meter-se sob o leito. Infalivelmente, iria ver os pés da refugiada que, nesse momento desesperado, agarrou a carabina, pulou depressa para o meio da choupana e ameaçou o fidalgo. Este, porém, reconhecendo-a, desatou numa gargalhada, porque, para esconder-se, Maria tirara seu vasto chapéu de *chouan*, e os cabelos saíam em grandes madeixas, sob uma espécie de rede de rendas.

— Não se ria, conde, é meu prisioneiro. Se fizer um gesto, saberá de que é capaz uma mulher ofendida.

No momento em que o conde e Maria se fitavam com muito diversas emoções, duas vozes confusas gritavam nos rochedos:

— Salvem o *Gars*! Dispersem-se! Salvem o *Gars*! Dispersem-se!...

A voz de Barbette dominou o tumulto externo e foi ouvida no tugúrio pelos dois inimigos, mas produzindo em cada um sensação muito diferente, pois ela falava menos ao filho do que a eles.

— Não vêes aí os Azuis? — exclamou Barbette com azedume. — Vem cá, pequeno danado, senão eu vou te buscar! Queres levar uns tiros de fuzil?... Então foge depressa.

Enquanto se passavam todos estes pequenos fatos, que se desenrolaram rapidamente, um Azul pulou para o brejo.

— Pé-bonito! — gritou-lhe a srta. de Verneuil.

Pé-bonito acorreu àquela voz, e apontou para o conde um pouco

melhor do que sua libertadora fazia.

— Aristocrata — disse o malicioso soldado —, não te mexas, do contrário eu te arraso como a Bastilha, em dois tempos.

— Sr. Pé-bonito — prosseguiu a srta. de Verneuil, em voz cariciosa —, o senhor me responde por este prisioneiro. Faça como quiser, mas terá de entregá-lo são e salvo em Fougères.

— Basta, senhora.

— A estrada até Fougères acha-se agora livre?

— Oferece toda segurança, a menos que os *chouans* ressuscitem.

A srta. de Verneuil armou-se despreocupadamente com a leve espingarda de caça, sorriu com ironia, dizendo a seu prisioneiro:

— Adeus, senhor conde, até a vista! — e tomou o atalho depois de ter apanhado seu chapéu desabado.

— Aprendo um pouco tarde — disse o conde de Bauvan amargamente — que nunca se deve agradecer com a honra daquelas que não a possuem.

— Aristocrata — exclamou Pé-bonito com dureza —, se não queres que te envie para o teu ex-paraíso, nada digas contra essa bela dama!

A srta. de Verneuil voltou a Fougères através das veredas que ligam as rochas de Saint-Sulpice ao Nid-aux-crocs. Ao atingir esta última eminência, e após ter corrido ao longo do caminho tortuoso aberto nas asperezas do granito, ela admirou aquele lindo valezinho do Nançon, dantes tão turbulento, agora absolutamente tranquilo. Visto dali, o vale parecia uma rua de verdura.

A srta. de Verneuil entrou pela Porte de Saint-Léonard, à qual ia dar aquele pequeno atalho. Os habitantes, ainda inquietos por causa do combate que, pelos tiros ouvidos ao longe, dava a impressão de que duraria o dia inteiro, ali aguardavam a volta da Guarda Nacional a fim de conhecer a extensão de suas perdas. Vendo aquela moça, com seu estranho vestuário, os cabelos em desordem, uma espingarda na mão, com o xale e o vestido esfregados de encontro às paredes, sujos de lama e molhados de orvalho, a curiosidade dos habitantes de Fougères excitou-se tanto mais quanto o poder, a beleza, a singularidade daquela parisiense já entretinham todas as conversas.

IV

Presa de horrível inquietação, Francine esperara sua patroa durante a noite inteira; e quando a tornou a ver quis falar, mas um gesto amistoso lhe impôs silêncio.

— Não estou morta, minha filha — disse Maria. — Ah! quando saí de Paris eu queria ter sensações... tive-as! — acrescentou depois de uma pausa.

Francine ia sair para encomendar uma refeição, fazendo observar a

sua patroa que ela deveria ter grande necessidade disso.

— Oh! — exclamou a srta. de Verneuil — um banho, um banho!... a *toilette* antes de tudo.

Não foi pequena a surpresa de Francine ao ouvir a ama pedir-lhe as modas mais elegantes dentre as que ela pusera nas malas.

Depois de almoçar, Maria vestiu-se e preparou-se com os requintes e os minuciosos cuidados que uma mulher emprega nessa obra capital quando deve mostrar-se aos olhos de uma pessoa querida, durante um baile. Francine não podia explicar a si mesma a zombeteira satisfação de sua patroa. Não era a alegria do amor, mulher nenhuma se engana com essa expressão, era uma malícia concentrada, de muito mau agouro.

Maria ajeitou pessoalmente as cortinas da janela de onde os olhos mergulhavam num soberbo panorama; depois se aproximou do canapé da lareira, colocou-o numa posição favorável à sua figura, e disse a Francine que fosse buscar flores para dar a seu quarto um ar de festa. Quando Francine trouxe as flores, Maria dirigiu a sua arrumação de maneira mais pitoresca. Lançando um último olhar de satisfação a seu apartamento, ordenou a Francine que mandasse alguém à presença do comandante reclamar o seu prisioneiro.

Deitou-se voluptuosamente no canapé, tanto para repousar quanto para tomar uma atitude de graça e fraqueza, cujo poderio é irresistível em certas mulheres. Uma quase mórbida languidez, a posição provocante dos pés, cuja ponta mal aparecia sob as pregas do vestido, o abandono do corpo, a curva do pescoço, tudo, até a inclinação dos afilados dedos da mão, que pendiam de uma almofada como as flores de um tufo de jasmims, tudo se punha de acordo com o seu olhar para excitar a sedução. A fim de espalhar no ar as doces emanações que tão poderosamente atacam as fibras do homem, e muitas vezes preparam os triunfos que as mulheres querem obter sem solicitar, ela queimou perfumes.

Poucos instantes mais tarde, os passos pesados do velho militar ressoaram no salão que precedia o quarto.

— E então, comandante, onde está o meu capturado?

— Acabo de encomendar um pelotão de doze homens para fuzilá-lo como apanhado de armas na mão.

— Dispôs do meu prisioneiro! — disse ela. — Escute, comandante: a julgar por sua fisionomia, a morte de um homem após o combate não deve ser qualquer coisa de muito satisfatório para o senhor. Pois bem, devolva-me o meu *chouan*, e conceda à sua execução um *sursis*, que tomo sob minha responsabilidade. Declaro-lhe que esse aristocrata se tornou muito essencial e vai cooperar no bom êxito dos nossos projetos. Ademais, fuzilar este amator de *chouannerie* seria cometer um ato tão absurdo quanto dar um tiro num balão quando bastaria uma alfinetada

para esvaziá-lo. Pelo amor de Deus, deixe as crueldades para a aristocracia; as repúblicas devem ser generosas. O senhor não teria perdoado às vítimas de Quiberon, e a tantas outras?...⁴⁸ Vamos, envie seus doze homens para fazer uma ronda e venha jantar em minha casa, com o meu prisioneiro. Só resta uma hora do dia e, — acrescentou a sorrir —, como vê, se demorar, a minha *toilette* deixaria totalmente de produzir seu efeito...

— Mas, senhorita... — balbuciou o comandante surpreso.

— Que é? Entendo-o. Vá, o conde absolutamente não lhe escapará. Mais cedo ou mais tarde a grande borboleta virá queimar-se ao fogo de seu pelotão.

O comandante deu levemente de ombros, como homem forçado a obedecer, apesar de tudo, aos desejos de uma linda mulher, e voltou cerca de meia hora mais tarde, seguido pelo conde de Bauvan.

A srta. de Verneuil fingiu ficar surpreendida por seus dois convivas, e pareceu confusa por ser vista pelo fidalgo, deitada tão negligentemente; mas, depois de ler nos olhos do gentil-homem que o primeiro efeito fora produzido, levantou-se e ocupou-se deles com uma graça, uma polidez perfeita. Nada de estudado nem de forçado nas atitudes, no sorriso, no modo de andar, na voz, nada traía sua premeditação ou seus intentos. Tudo estava em harmonia, e nenhum traço demasiado saliente levava a pensar que afetasse as maneiras de uma sociedade onde não tinha vivido. Quando o realista e o republicano sentaram, ela olhou para o conde com ar severo. O nobre conhecia bastante as mulheres para saber que a ofensa cometida contra esta lhe valeria uma sentença de morte. Apesar dessa suspeita, e sem estar alegre nem triste, tomou a aparência de um homem que não contava com desfechos violentos. Em breve lhe pareceu ridículo ter medo da morte diante de uma bela mulher. Por fim, o ar severo de Maria lhe inspirou *ideias*.

“Hum! quem sabe”, pensou ele, “se uma coroa de conde em perspectiva não lhe agrada mais do que uma coroa de marquês perdida?... Montauran é seco, áspero como o diabo, e eu...”

Mirou-se com ar satisfeito.

“Ora, o menos que me pode acontecer é salvar a cabeça.”

Tais reflexões diplomáticas foram inúteis. O desejo que o conde prometia a si mesmo simular em relação à srta. de Verneuil tornou-se um violento capricho que aquela perigosa criatura se aprouve em entreter.

— Senhor conde — disse ela —, o senhor é meu prisioneiro, e tenho o direito de dispor de sua pessoa. Só com o meu consentimento se realizará a sua execução... ora, estou demasiado curiosa para deixá-lo fuzilar agora.

— E se eu me obstinar em guardar silêncio? — respondeu ele alegremente.

— Com uma mulher honesta talvez, mas com uma prostituta! qual, senhor conde, é impossível.

Estas palavras, repassadas de uma ironia amarga, foram sibiladas, como diz Sully ao falar da duquesa de Beaufort, com um bico tão afiado que o fidalgo, espantado, se contentou em olhar para sua cruel antagonista.

— Escute — prosseguiu ela com ar de mofa —, para não o desmentir, vou ser como aquelas criaturas: uma *boa rapariga*. Primeiro, aqui tem seu fuzil.

E apresentou-lhe a sua arma, num gesto docemente zombeteiro.

— À fé de um fidalgo, senhorita, age como...

— Ah! — disse a jovem interrompendo-o — já estou farta da fé dos fidalgos! Foi acreditando nessa palavra que entrei na Vivetière. Seu chefe jurara-me que eu e os meus lá estaríamos em segurança...

— Que infâmia! — bradou Hulot franzindo o sobrolho.

— A culpa cabe ao senhor conde — continuou Maria mostrando o gentil-homem a Hulot. — Certo é que o Gars tinha muita vontade de manter sua palavra, mas este cavalheiro espalhou não sei que calúnia a meu respeito que confirmou todas aquelas que aprovou à Égua de Charette supor...

— Senhorita — disse o conde perturbado —, estivesse eu com a cabeça sob o machado, e afirmaria que não disse senão a verdade...

— Dizendo que...

— Que a senhorita foi...

— Pronuncie a palavra, a amante...

— Do marquês de Lenoncourt,⁴⁹ hoje duque, um de meus amigos — respondeu o conde.

— Eu agora poderia deixá-lo caminhar para o suplício — declarou Maria sem parecer comovida pela conscienciosa acusação de Bauvan, que ficou estupefato pela despreocupação, aparente ou fingida, que ela demonstrava por aquela censura. — Mas — prosseguiu ela a rir — afaste para sempre a sinistra imagem daqueles pedacinhos de chumbo, porque não me ofendeu, assim também como não me ofendeu esse amigo de quem pretende que eu tenha sido..., nada disso!... Escute, senhor conde: não estive em casa de meu pai, o duque de Verneuil? Pois bem...

Julgando sem dúvida que Hulot era demais para uma confiança tão importante quanto a que tinha para fazer, a srta. de Verneuil, com um gesto, chamou o conde para junto de si e disse-lhe algumas palavras ao ouvido. O sr. de Bauvan deixou escapar uma surda exclamação de surpresa e, com um ar aparvalhado, fitou Maria, que, de repente, completou a reminiscência que acabava de evocar, apoiando-se à lareira na atitude de inocência e ingenuidade de uma criança. O conde dobrou o joelho.

— Senhorita — exclamou —, suplico-lhe que me conceda o perdão, por indigno que eu dele seja.

— Nada tenho que lhe perdoar — afirmou a jovem. — O senhor não tem mais razão agora para se arrepender do que tinha em sua insolente suposição na Vivetière. Estes mistérios, porém, estão acima de sua inteligência. Saiba tão somente, senhor conde — acrescentou gravemente —, que a filha do duque de Verneuil tem demasiada elevação de alma para deixar de se interessar vivamente pelo senhor.

— Até mesmo após um insulto? — perguntou o conde com certo pesar.

— Não se acham determinadas pessoas colocadas alto demais para que um insulto as atinja? Faça parte desse número, senhor conde.

Pronunciando tais palavras, a moça tomou uma atitude de nobreza e orgulho que se impôs ao prisioneiro e tornou toda aquela intriga muito menos clara para Hulot. O comandante levou a mão ao bigode, como para o retorcer, e com ar inquieto olhou para a srta. Verneuil, que lhe fez um sinal como para o advertir de que não se afastava de seu plano.

— Agora — continuou depois de uma pausa — conversemos. Francine, traga-nos luzes, minha filha.

Muito habilmente, conduziu a palestra para o tempo que, em tão poucos anos, se tornara *o antigo regime*. Pela vivacidade de suas observações e de seus quadros, tão bem soube transportar o conde àquela época, ofereceu ao fidalgo tantas ocasiões de ter espírito, pela complacente finura com que lhe dava as réplicas, que o conde acabou por achar que nunca fora tão amável, e, tendo-o rejuvenescido esta ideia, tentou fazer aquela sedutora criatura compartilhar da boa opinião que tinha de si próprio.

A maliciosa rapariga divertiu-se em experimentar à custa do fidalgo todos os recursos de sua coqueteria, e tanto mais fácil lhe foi porquanto isso não passava de uma brincadeira para ela. Destarte, agora deixava acreditar em rápidos progressos, agora, como que assustada pela vivacidade do sentimento que a dominava, manifestava uma frieza que encantava o conde e servia para aumentar insensivelmente aquela paixão improvisada. Ela parecia exatamente um pescador que de tempos a tempos levanta a linha para verificar se o peixe está mordendo a isca. O pobre conde deixou-se iludir pela maneira inocente com que sua libertadora aceitara dois ou três cumprimentos muito bem torneados. A emigração, a República, a Bretanha e os *chouans* encontraram-se então a mil léguas de distância do seu pensamento. Hulot mantinha-se ereto, imóvel e taciturno como o deus Termo.⁵⁰ Sua falta de instrução tornava-o completamente inábil para aquele gênero de conversação, mas desconfiava fortemente de que os dois interlocutores deveriam ser muito espirituosos; todos os esforços de

sua inteligência, porém, tendiam apenas a compreendê-los, a fim de saber se não estariam conspirando contra a República por meio de palavras encobertas.

— Montauran, senhorita — dizia o conde —, tem nascimento, é bem-educado, belo rapaz; mas não conhece tudo a respeito de galantaria. É demasiado jovem para ter visto Versalhes. Sua educação foi falha, e, em lugar de fazer perfídias, dará facadas. Pode amar com violência, mas nunca possuirá aquele requinte de maneiras que distinguia Lauzun, Ademar, Coigny⁵¹ e tantos outros!... Não dispõe da arte amável de dizer às mulheres esses pequeninos nada que, afinal, melhor lhes convêm do que esses ímpetos de paixão com os quais em breve as fatigam. Sim, embora seja um homem conquistador, não tem a despreocupação nem a graça dos autênticos.

— Bem que o notei — respondeu Maria.

“Ah!”, disse o conde de si para si, “ela teve uma inflexão de voz e um olhar que provam que eu não tardarei a estar nos melhores termos com ela; e, não há dúvida, para pertencer-lhe acreditarei em tudo quanto quiser que eu acredite.”

Ofereceu-lhe a mão, o jantar estava servido. A srta. de Verneuil fez as honras da refeição com uma polidez e um tato que não poderiam ter sido adquiridos senão pela educação e na vida requintada da Corte.

— Vá-se embora — disse ela a Hulot ao saírem da mesa —, o senhor lhe meteria medo, ao passo que, se eu estiver sozinha com ele, em breve saberei tudo quanto necessito saber; ele está num ponto em que o homem me diz tudo quanto pensa e só vê através de meus olhos.

— E depois? — indagou o comandante com ar de quem reclama o prisioneiro.

— Oh! livre — replicou a jovem —, ficará livre como o ar.

— Todavia foi apanhado de armas na mão...

— Não — afirmou ela num desses gracejos sofisticos que tanto agradam às mulheres opor a uma razão peremptória —, eu o tinha desarmado. Conde — disse ao fidalgo quando tornou a entrar —, acabo de obter a sua liberdade, mas toma lá, dá cá — acrescentou sorrindo, inclinando a cabeça como para o interrogar.

— Peça tudo, até o meu nome e a minha honra! — exclamou ele em sua ebriedade — coloco-me a seus pés.

E avançou para segurar-lhe a mão, tentando fazê-la tomar o seu desejo como se fosse reconhecimento; mas a srta. de Verneuil não era moça que se enganasse com isso. Assim, sempre a sorrir de maneira que desse alguma esperança a esse novo apaixonado, indagou, recuando alguns passos:

— Fará com que me arrependa de minha confiança?

— A imaginação de uma jovem caminha mais rápido que a de uma mulher — respondeu ele rindo.

— Uma jovem tem mais que perder do que a mulher.

— É verdade, e deve-se ser desconfiado quando se carrega um tesouro.

— Abandonemos esta linguagem — atalhou Maria — e falemos a sério. O senhor vai dar um baile em Saint-James. Ouvi dizer que lá estabeleceu seus depósitos, seus arsenais e a sede de seu governo... Quando será o baile?

— Amanhã à noite.

— O senhor não se admirará de que uma mulher caluniada queira, com a obstinação feminina, obter uma estrondosa reparação das injúrias que sofreu, na presença daqueles que foram testemunhas da mesma. Portanto, irei a seu baile. Peço-lhe que me conceda sua proteção, desde o momento em que eu lá aparecer até o momento em que sair... Não quero saber de sua palavra — declarou ainda quando o viu levar a mão ao coração. — Detesto os juramentos, parecem-se demasiado com uma precaução. Diga-me simplesmente que se compromete a garantir a minha pessoa contra qualquer tentativa criminosa ou desonrante. Prometa-me reparar sua injustiça proclamando que sou mesmo a filha do duque de Verneuil, mas silenciando todas as desgraças que devi à falta de proteção paterna, e estaremos quites. Então! duas horas de proteção concedida a uma mulher num baile será um resgate demasiado caro?... Vamos, o senhor não vale um real a mais...

E com um sorriso tirou toda a acrimônia de suas palavras.

— Que me pedirá pela minha espingarda? — perguntou o conde a rir.

— Oh! mais do que pelo senhor.

— Que é?

— O segredo. Acredite-me, Bauvan, a mulher só pode ser adivinhada pela mulher. Estou certa de que, se disser uma palavra, poderei perecer em caminho. Ontem, algumas balas me advertiram dos perigos que terei de enfrentar na estrada. Oh! aquela dama é tão hábil na caça quanto expedita na *toilette*. Nunca uma criada de quarto me despiu tão rapidamente... Ah! por favor, faça de forma que eu não tenha de recluir nada de semelhante no baile...

— Lá estará sob a minha proteção — respondeu o conde orgulhosamente. — Mas então vai a Saint-James por causa de Montauran? — perguntou com ar triste.

— O senhor deseja saber mais do que eu mesma sei — retrucou ela a rir. — Agora, saia — acrescentou depois de uma pausa. — Eu própria o conduzirei para fora da cidade, pois vocês fazem aqui uma guerra de canibais.

— Neste caso, interessa-se um pouco por mim? — exclamou o conde. — Ah! senhorita, permita-me esperar que não será insensível à

minha amizade; porque é forçoso contentar-se com esse sentimento, não? — acrescentou com fatuidade.

— Bravos, adivinho! — disse ela com aquela expressão satisfeita que a mulher toma para fazer uma confissão que não compromete sua dignidade nem o seu segredo.

A seguir pôs uma peliça e acompanhou o conde até o Nid-aux-crocs. Chegando ao extremo do atalho disse ao fidalgo:

— Seja de absoluta discrição, senhor, mesmo com o marquês.

E colocou-lhe um dedo sobre os lábios.

Animado pelos modos amáveis da srta. de Verneuil, o conde segurou-lhe a mão; ela o deixou fazer, como se fosse um grande favor, e ele a beijou ternamente.

— Oh! senhorita, conte comigo para a vida e para a morte! — exclamou ao ver-se fora de qualquer perigo. — Embora lhe deva um reconhecimento quase igual ao que devo a minha mãe, ser-me-á difícil dedicar-lhe apenas respeito...

E precipitou-se pelo atalho adentro. Depois de o ver galgar os rochedos de Saint-Sulpice, Maria abanou a cabeça em sinal de satisfação e falou consigo mesma, em voz baixa:

“Em troca de sua vida esse menino grande me entregou mais do que a própria vida! Com muito pouco dispêndio, farei dele uma criatura minha! Uma criatura ou um criador, eis aí, pois, toda a diferença que existe entre um homem e outro!”

Não terminou, lançou ao céu um olhar de desespero e voltou lentamente para a Porte de Saint-Léonard, onde Hulot e Corentin a esperavam.

— Mais dois dias — exclamou — e...

Vendo que não estavam sós, deteve-se.

— E ele tombará diante de suas carabinas — disse ao ouvido de Hulot.

O comandante recuou um passo e, com ar chocarreiro, difícil de descrever, fitou aquela rapariga cuja atitude e fisionomia não acusavam nenhum remorso. O que há de admirável nas mulheres é que nunca raciocinam sobre suas mais censuráveis ações, o sentimento arrebatava-as; até na sua dissimulação há naturalidade, e só nelas se encontra o crime sem baixeza; na maioria das vezes, não sabem como aquilo aconteceu.

— Vou a Saint-James, ao baile dado pelos *chouans*, e...

— Mas — disse Corentin interrompendo-a — são cinco léguas; deseja que eu a acompanhe?

— Você se ocupa demais — respondeu a jovem — com uma coisa em que eu não penso nunca... você.

O desprezo que Maria testemunhava a Corentin agradou singularmente a Hulot, que fez a sua careta vendo-a afastar-se para as

bandas de Saint-Léonard; Corentin seguiu-a com os olhos, deixando transparecer no rosto uma surda consciência da fatal superioridade que julgava poder exercer sobre aquela encantadora criatura, governando-lhe as paixões, com as quais contava para um dia tê-la para si.

De regresso à sua casa, a srta. de Verneuil apressou-se a resolver sobre a escolha de seus trajes de baile. Francine, habituada a obedecer sem jamais compreender os fins de sua patroa, remexeu as caixas e propôs um vestuário grego. Naquela época tudo sofria a influência grega. O conjunto preferido por Maria coube numa das caixinhas, fácil de carregar.

— Francine, minha filha, vou dar um passeio; vê se queres ficar aqui ou me acompanhar.

— Ficar aqui?! — exclamou Francine — e quem a vestiria?

— Onde puseste a luva que te devolvi esta manhã?

— Está aqui.

— Cose nela uma fita verde; e, o mais importante, apanha algum dinheiro.

Percebendo que Francine tinha nas mãos moedas recém-cunhadas, exclamou:

— Não faltava mais nada para fazer com que nos assassinassem! Manda Jeremias acordar Corentin... Não, o miserável nos seguiria! É melhor enviar alguém ao comandante, pedir-lhe de minha parte escudos de seis francos.

Com aquela sagacidade feminina que abarca os mínimos pormenores, Maria pensava em tudo. Enquanto Francine terminava os preparativos para sua inconcebível partida, ela se pôs a tentar arremedar o grito da coruja, e conseguiu imitar o sinal de Pé-de-poeira de um modo que produzia ilusão.

À meia-noite saiu pela Porte de Saint-Léonard, alcançou o pequeno atalho do Nid-aux-crocs e, seguida por Francine, aventurou-se através do vale de Gibarry, caminhando com passo firme, pois estava animada por aquela vontade forte que dá ao andar e ao corpo não sei que característica de vigor. Sair de um baile de forma que evite um resfriado é, para as mulheres, um assunto importante; mas se tiverem uma paixão no coração, seus corpos se tornam de bronze. Na alma de um homem audacioso, tal empreendimento flutuaria por muito tempo sem que ele pudesse decidir-se, ao passo que, mal sorriu à srta. de Verneuil, os perigos tornaram-se para ela outros tantos atrativos.

— Vai partir sem se recomendar a Deus — observou Francine, que se voltara para contemplar o campanário de Saint-Léonard.

A piedosa bretã parou, juntou as mãos e rezou uma ave-maria a Sant'Ana de Auray, suplicando-lhe que concedesse uma viagem feliz, e enquanto isso a sua patroa se mantinha pensativa, contemplando alternadamente a ingênua posição de sua criada de quarto, que orava

com fervor, e os efeitos da nebulosa claridade da lua, que filtrando-se através do rendilhado da igreja dava ao granito a leveza de uma obra de filigrana.

V

Rapidamente chegaram as duas viajantes à cabana de Galopa-caneca. Por leve que fosse o rumor de seus passos, despertou um desses grandes cães a cuja fidelidade os bretões confiam a guarda da simples taramela de madeira que fecha suas portas. O cachorro correu para as duas viajantes, e seus latidos tornaram-se tão ameaçadores que elas se viram forçadas a chamar por socorro, retrocedendo alguns passos. Mas nada se moveu. A srta. de Verneuil assobiou imitando o grito da coruja, e logo os gonzos enferrujados da porta da habitação emitiram um som agudo e Galopa-caneca, que se levantou a toda a pressa, mostrou sua fisionomia tenebrosa.

— É necessário — declarou Maria apresentando ao vigia de Fougères a luva do marquês de Montauran — que eu vá ter prontamente a Saint-James. O sr. conde de Bauvan disse-me que seria você que me iria conduzir e me serviria de defensor. Assim, meu caro Galopa-caneca, obtenha-nos dois burros para montarmos e prepare-se para acompanhar-nos. O tempo é precioso, porque se não chegarmos a Saint-James antes da noite de amanhã, não veremos nem o Gars nem o baile.

Inteiramente atônito, Galopa-caneca apanhou a luva, virou-a e revirou-a, e acendeu uma vela de resina, de grossura de um dedo mínimo e da cor do pão de mel. Esta mercadoria, importada, pela Bretanha, do Norte da Europa, acusa, como tudo quanto se apresenta à vista naquela singular província, uma ignorância de todos os princípios comerciais, até dos mais vulgares.

Depois de ter visto a fita verde, e olhado para a srta. de Verneuil, de coçar a orelha e beber um pichel de sidra, oferecendo um copo à bela dama, Galopa-caneca deixou-a defronte à mesa, no banco de castanheiro polido, e foi buscar dois burros.

A luz violeta derramada pela vela exótica não era bastante forte para dominar os jogos caprichosos da luz, que matizavam de pontos luminosos os tons negros do soalho e dos móveis da choupana enfumaçada. O garoto erguera a linda cabeça espantada, e acima de seus bonitos cabelos, duas vacas mostravam, através dos buracos da parede do estábulo, os focinhos róseos e os grandes olhos brilhantes. O canzarrão, cuja fisionomia não era a menos inteligente da família, parecia examinar as duas estranhas com tanta curiosidade quanto a demonstrada pela criança. Um pintor teria admirado por muito tempo os efeitos noturnos desse quadro; mas pouco interessada em entrar em

palestra com Barbette, que se sentava como um espectro e principiava a arregalar os olhos ao reconhecê-la, Maria saiu para evitar o ar empestado daquele antro e as perguntas que a Bécanière ia fazer-lhe. Celeremente, subiu a escada do rochedo que abrigava a cabana de Galopa-caneca, e de lá admirou as inúmeras minudências daquela paisagem cujas perspectivas sofriam tantas alterações quantos fossem os passos que se dessem, para a frente ou para trás, para o alto dos cimos ou as profundezas dos vales. O luar envolvia então, como uma bruma luminosa, o vale do Couësnon. Sem dúvida, uma mulher que trazia no coração um amor infeliz deveria apreciar a melancolia que essa doce claridade faz nascer dentro d'alma, pelas aparências fantásticas infundidas nas massas e pelas cores com que matiza as águas. Naquele momento o silêncio foi perturbado pelo zurrar dos asnos; Maria tornou a descer rapidamente ao casebre do *chouan*, e partiram logo.

Armado de uma espingarda de caça, de dois tiros, Galopa-caneca vestia uma comprida pele de cabra que lhe dava o aspecto de Robinson Crusoe. Seu rosto, cheio de borbulhas e rugas, mal se via sob o vasto chapéu que os camponeses ainda conservam como uma tradição dos tempos de antanho, orgulhosos de terem conquistado por sua servidão o antigo ornamento das cabeças senhoriais.

Protegida por aquele guia cujo vestuário, atitude e aparência tinham qualquer coisa de patriarcal, a caravana noturna parecia-se com aquela cena da Fuga para o Egito, devida aos sombrios pincéis de Rembrandt. Galopa-caneca evitou cuidadosamente a estrada real, e conduziu as duas estranhas através do imenso dédalo dos caminhos que cruzam a Bretanha.

A srta. de Verneuil compreendeu então a guerra dos *chouans*. Percorrendo essas estradas, pôde apreciar melhor o estado daqueles campos que, vistos de um ponto elevado, lhe pareceram tão deslumbradores, mas nos quais precisamos de nos internar para conceber os seus perigos e as suas inextricáveis dificuldades. Desde tempos imemoriais, à volta de cada um desses campos os seus habitantes ergueram um muro de terra, da altura de seis pés, de forma prismática, sobre cuja crista crescem castanheiros, carvalhos ou faias. Esse muro, assim plantado, chama-se uma sebe (a sebe normanda), e os longos ramos das árvores que o coroam, quase sempre tombados para o caminho, descrevem sobre ele um imenso arco. Os caminhos, tristemente emparedados por esses muros feitos do solo argiloso, assemelham-se aos fossos das praças fortes, e quando o granito, que nessas redondezas chega quase à flor da terra, não forma uma espécie de calçamento grosseiro e desigual, tornam-se então de tal modo intransitáveis que a menor carroça não pode rodar por aí senão com a ajuda de dois pares de bois e de dois cavalos pequenos, mas em geral

vigorosos. É tão habitual apresentarem-se pantanosos esses caminhos que o uso, forçosamente, estabeleceu para os pedestres, no campo e ao longo da sebe, um atalho denominado *rote*, que começa e acaba com cada lote de terra. Para se passar de um campo a outro, portanto, é preciso trepar pela sebe, por meio de vários degraus que a chuva torna amiúde resvaladiços.

As viajantes tinham ainda muitos outros obstáculos para vencer naquelas estradas tortuosas. Assim fortificado, cada pedaço de terra possui a sua entrada, que, larga de dez pés aproximadamente, é fechada pelo que no Oeste se denomina *échalier* (tapume), constituído por um tronco ou um forte galho de árvore, uma das pontas do qual, perfurada de lado a lado, articula-se com outra peça de madeira informe que nela se engasta como um eixo. A extremidade do tapume prolonga-se um pouco além desse eixo, de maneira que receba uma carga bastante pesada para formar um contrapeso e permitir a uma criança manobrar essa singular fechadura campestre, cuja outra extremidade repousa num orifício feito na parte interna da sebe. Às vezes os camponeses economizam a pedra do contrapeso, deixando sobrar a ponta maior do tronco da árvore ou do galho. Esse aparelho varia de acordo com o gênio de cada proprietário. Com frequência, o tapume consiste num só galho de árvore cujas duas extremidades se acham soldadas à sebe por meio de terra. Muitas vezes tem a aparência de uma porta quadrada, composta de vários galhos de árvores miúdos, colocados de distância em distância, como os degraus de uma escada de mão, deitada de lado. Essa porta roda então como um tapume, e rola para a outra ponta, sobre uma rodinha inteiriça. Essas sebes e esses tapumes dão ao solo a fisionomia de um imenso tabuleiro de xadrez, do qual cada campo forma uma casa absolutamente isolada das demais, fechada como uma fortaleza, e como esta protegida por baluartes. A porta, fácil de ser defendida, oferece aos assaltantes a mais perigosa de todas as conquistas. Com efeito, o camponês bretão julga adubar a terra em pousio estimulando o aparecimento de imensas giestas, arbustos tão bem tratados naquelas regiões que em pouco tempo atingem a altura de um homem. Tal preconceito, digno das pessoas que colocam seus montes de estrume na parte mais elevada de seus pátios, mantém no solo, e numa proporção de um campo em quatro, florestas de giestas no meio das quais se podem armar mil esparrelas. Por fim, talvez não exista campo onde não se encontrem algumas velhas cidreiras que sobre ele desçam seus galhos baixos e por conseguinte mortais às produções do solo que cobrem: ora, se pensarmos na pequena extensão dos campos cujas sebes suportam imensas árvores de raízes gulosas, que tomam a quarta parte do terreno, teremos uma ideia da cultura e da fisionomia da região que a srta. de Verneuil então percorria.

Não se sabe se, mais do que o uso tão favorável à preguiça de

prender o gado sem o guardar, a necessidade de evitar disputas aconselhou construir esses colossais valados, cujos obstáculos permanentes tornam aquele extenso território impenetrável e a guerra das massas impossível. Depois de se ter, passo a passo, analisado essa disposição do terreno, então se revela o malogro necessário de uma luta entre tropas regulares e guerrilheiros; porque quinhentos homens podem desafiar as forças de um reino. Aí residia todo o segredo da guerra dos *chouans*. A srta. de Verneuil compreendeu então a necessidade em que se achava a República de sufocar a discórdia mais por meios de política e diplomacia do que pelo inútil emprego da força militar. De fato, que fazer contra pessoas bastante hábeis para desprezar a posse das cidades e assegurar-se a dos campos dotados de fortificações indestrutíveis? Como deixar de negociar, quando todo o poderio desses camponeses cegos consistia num chefe capaz e empreendedor? Ela admirou o gênio do ministro que adivinhava, do fundo de um gabinete, o segredo da paz. Julgou entrever as considerações que influem sobre os homens bastante poderosos para com um olhar abarcarem um império inteiro, e cujas ações, criminosas aos olhos da multidão, não passam de combinações de um pensamento imenso. Nessas almas terríveis há não se sabe que partilha entre o poder da fatalidade e o do destino, não se sabe que presciência cujos sinais de súbito se acusam; a turba procura-os um instante em seu seio, ergue os olhos e os vê pairando no ar.

Tais pensamentos pareciam justificar e até nobilitar os desejos de vingança formados pela srta. de Verneuil; além disso, esse trabalho de sua alma e suas esperanças lhe comunicavam a energia suficiente para fazê-la suportar as estranhas fadigas de sua viagem. Ao cabo de cada herdade, Galopa-caneca era obrigado a fazer apearem as duas viajantes para ajudá-las a subir as passagens difíceis, e, quando as estradas se interrompiam, elas eram forçadas a retomar suas alimárias e aventurarem-se por aqueles caminhos lamacentos que se ressentiam da aproximação do inverno.

A combinação dessas grandes árvores, dos caminhos cavados e dos anteparos mantinha, nos pontos mais baixos, uma umidade que muitas vezes envolvia os três viandantes num manto de gelo. Depois de penosas fadigas, alcançaram o bosque de Marignay ao nascer do sol. A viagem tornou-se então menos difícil na larga trilha da floresta. A abóbada formada pelos ramos, a espessura das árvores, puseram os viajantes ao abrigo das inclemências do céu, e as multiplicadas dificuldades que haviam tido de vencer a princípio não mais se apresentaram.

Apenas tinham percorrido cerca de uma légua através desse bosque, ouviram ao longe um murmúrio confuso de vozes e o ruído de uma campanha cujos sons argentinos não possuíam aquela monotonia que

lhe imprime a marcha dos animais. Sem parar de caminhar, Galopacaneca escutou aquela melodia com muita atenção, e em breve uma lufada de vento lhe trouxe algumas palavras salmodiadas cuja harmonia pareceu agir fortemente sobre ele, pois dirigiu as cavalgadas cansadas por uma vereda que deveria afastar os viajantes do caminho de Saint-James e fez ouvidos de mercador às reclamações da srta. de Verneuil, cujas apreensões aumentaram por causa da sombria disposição dos lugares. À direita e à esquerda, enormes rochedos de granito, uns superpostos aos outros, ofereciam estranhas configurações. Através desses blocos, imensas raízes, semelhantes a grossas serpentes, esgueiravam-se para ir procurar a distância os sucos alimentícios de algumas faias seculares. Os dois lados da estrada assemelhavam-se a essas grutas subterrâneas célebres por suas estalactites. Enormes festões de pedra, onde o verde-escuro dos azevinhos e das samambaias se aliava às manchas esverdeadas ou esbranquiçadas dos musgos, escondiam precipícios e entradas de algumas profundas cavernas. Depois que os três viajantes deram poucos passos por uma estreita senda, o mais assombroso dos espetáculos veio de súbito se oferecer aos olhares da srta. de Verneuil e fê-la compreender a obstinação de Galopacaneca.

Uma bacia semicircular, composta inteiramente de blocos de granito, formava um anfiteatro em cujos degraus informes altos pinheiros negros e castanheiros amarelados trepavam uns sobre os outros, apresentando o aspecto de um grande circo, onde o sol de inverno mais parecia derramar pálidas cores do que difundir sua luz, e onde o outono estendera o tapete fulvo de suas folhas secas. Ao centro daquela sala, que parecia ter tido o dilúvio como arquiteto, elevavam-se três enormes pedras druídicas, vasto altar sobre o qual estava fixado um antigo estandarte de igreja. Uma centena de homens ajoelhados e de cabeça descoberta rezavam com fervor naquele recinto onde um padre, assistido por dois outros eclesiásticos, celebrava a missa. A pobreza das vestes sacerdotais, a debilidade da voz do clérigo, que repercutia como um murmúrio no espaço, aqueles homens cheios de convicção, unidos por um mesmo sentimento e prostrados diante de um altar sem pompa, a nudez da cruz, a agreste energia do templo, a hora, o local, tudo emprestava àquela cena o caráter de ingenuidade que distinguia as primeiras épocas do cristianismo.

A srta. de Verneuil ficou tomada de admiração. Aquela missa, dita nas profundezas dos bosques, aquele culto devolvido às suas fontes pela perseguição, a poesia dos tempos antigos ousadamente lançada no meio de uma natureza caprichosa e estranha; aqueles *chouans* armados e desarmados, cruéis e a rezar, homens e crianças ao mesmo tempo, nada daquilo se assemelhava a qualquer coisa que ela já houvesse visto ou imaginado. Recordava-se bem de ter admirado em sua infância as

pompas dessa Igreja romana, tão agradáveis aos sentidos; mas ainda não conhecia Deus sozinho, com sua cruz e o altar sobre a terra; em lugar das folhagens cortadas que nas catedrais coroa os arcos góticos, as árvores outonais sustentando a cúpula do céu; em vez das mil cores projetadas pelos vitrais, o sol mal projetando seus raios avermelhados e seus reflexos sombrios no altar, sobre o padre e sobre os assistentes. Ali, os homens não eram mais do que um fato e não um sistema, uma prece e não uma religião. Mas as paixões humanas, cuja momentânea compressão deixava àquele quadro todas as suas harmonias, cedo apareceram naquela cena misteriosa e a animaram poderosamente.

À chegada da srta. de Verneuil, terminava o Evangelho. Não sem algum terror, reconheceu ela no oficiante o padre Gudín, e furtou-se precipitadamente a seus olhares, aproveitando-se de um imenso fragmento de granito que lhe formou um esconderijo, para onde puxou rapidamente Francine, mas em vão tentou arrancar Galopa-caneca do lugar que ele escolhera para participar dos benefícios dessa cerimônia. A jovem esperou poder escapar ao perigo que a ameaçava quando notou que a natureza do terreno lhe permitia retirar-se antes de todos os assistentes. Favorecida por uma larga fresta no rochedo, viu o padre Gudín subindo sobre um bloco de granito que lhe serviu de púlpito, e de lá iniciando o seu sermão nestes termos: *In nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti...*

A essas palavras, todos os assistentes fizeram piedosamente o sinal da cruz.

— Meus prezados irmãos — prosseguiu o padre com voz forte —, primeiro rezaremos pelos finados: João Cohegrue, Nicolau Laferté, José Brouet, Francisco Parquoi, Sulpício Coupiau, todos desta paróquia e mortos em consequência dos ferimentos que receberam no combate da Pèlerine e no sítio de Fougères... *De profundis* etc.

Este salmo foi recitado, de acordo com o costume, pelos assistentes e pelos sacerdotes, que alternativamente diziam um versículo, com um fervor de bom augúrio para o êxito da prédica. Terminado o salmo dos mortos, o padre Gudín continuou numa voz cuja violência foi sempre crescendo, pois o antigo jesuíta não ignorava que a veemência da elocução constituía o mais poderoso dos argumentos para persuadir seus selvagens ouvintes.

— Esses defensores de Deus, cristãos, vos deram o exemplo do dever — disse ele. — Não sentis vergonha do que poderão dizer de vós no Paraíso? Sem esses bem-aventurados que lá devem ter sido recebidos de braços abertos por todos os santos, Nosso Senhor poderia crer que vossa paróquia é habitada por *maometiches!*... Sabeis, meus rapazes, o que falam de vós na Bretanha e no palácio do rei?... Não o sabeis, não é verdade? Eu vos contarei: “Como! os Azuis derrubaram os altares, mataram os reitores, assassinaram o rei e a rainha, querem apanhar

todos os paroquianos da Bretanha para destes fazer Azuis como eles próprios e enviá-los para combaterem fora de suas paróquias, num lugar muito afastado, onde correm o risco de morrer sem confissão e, assim, ir para o inferno por toda a eternidade; e os jovens de Marignay, aos quais queimaram a sua igreja, permaneceram de braços cruzados? Oh! oh! Esta República de réprobos vendeu em leilão os bens de Deus e os dos senhores, e dividiu seu preço entre os Azuis; depois, para alimentar-se de dinheiro como se alimenta de sangue, acaba de decretar que dos escudos de seis francos se tirem três libras, assim como deseja carregar três homens em seis; e os mancebos de Marignay não tomaram suas carabinas para expulsar os Azuis da Bretanha? Ah! ah!... O Paraíso lhes será recusado, e eles jamais poderão obter a salvação!”. Eis o que dizem de vós. É portanto de vossa salvação, cristãos, que se trata. É vossa alma que salvareis combatendo pela religião e pelo rei. A própria Sant’Ana de Auray me apareceu anteontem, às duas horas e meia. E falou-me conforme vos repito: “És um padre de Marignay?”. “Sim, senhora, a vosso serviço.” “Pois bem, eu sou Sant’Ana de Auray, tia de Deus, à moda da Bretanha. Continuo sempre em Auray e agora aqui, porque vim para que digas aos rapazes de Marignay que não poderão esperar salvação se não se armarem. Assim sendo, tu lhes recusarás a absolvição de seus pecados, a menos que sirvam a Deus! Abençoarás as suas carabinas, e os jovens que estiverem sem pecado não errarão a pontaria contra os Azuis, porque suas carabinas estarão bentas!...” Ela desapareceu, deixando sob o carvalho da Pata de Ganso um cheiro de incenso. Marquei o local. Uma bela Virgem de madeira aí foi colocada pelo senhor reitor de Saint-James. Ora, tendo lá ido rezar à noite a mãe de Pedro Leroi, conhecido por Pé-de-poeira, ficou curada de suas dores, por causa das boas obras de seu filho. Aí está ela no meio de vós e com vossos próprios olhos a vereis caminhando sozinha. É um milagre produzido, como a ressurreição do bem-aventurado Maria Lambrequim, para provar-vos que Deus nunca abandonará a causa dos bretões quando eles combaterem por Seus servidores e pelo rei. Destarte, meus queridos irmãos, se desejais alcançar a vossa salvação e mostrar-vos defensores do rei, nosso senhor, devei obedecer a tudo quanto vos ordenar aquele que o rei enviou e a quem denominamos o Gars. Então, não mais sereis como os *maometiches*, e encontrar-vos-eis com todos os rapazes de toda a Bretanha sob a bandeira de Deus. Podereis reaver dos bolsos dos Azuis todo o dinheiro que eles vos roubaram, pois, se durante o tempo em que fizerdes a guerra vossos campos não forem semeados, o Senhor e o rei vos entregarão os despojos de vossos inimigos. Quereis, cristãos, que se diga que os homens de Marignay ficam atrás dos de Morbihan, dos de Saint-Georges, de Vitré, de Antrain, que estão todos aos serviços de Deus e do rei? Deixá-los-eis tomarem tudo? Ficareis como heréticos, de braços

cruzados, quando tantos bretões ganham sua salvação e salvam o seu rei? “Abandonareis tudo por mim!”, disse o Evangelho. E nós, padres, já não abandonamos os dízimos? Abandonai tudo, portanto, para fazerdes esta guerra santa! Sereis como os macabeus. Tudo, enfim, vos será perdoado. Encontrareis no meio de vós os vossos reitores e seus curas, e triunfareis! Prestai atenção a isto, cristãos! — disse para terminar — por hoje somente, temos o poder de abençoar os vossos fuzis. Os que não se aproveitarem deste favor não tornarão a encontrar a santa de Auray tão misericordiosa, e ela não os escutará mais como fez na guerra precedente.

Esta prédica, sustentada pelo brilho de um órgão enfático e por gestos multiplicados que puseram o orador banhado de suor, produziu, na aparência, pouco efeito. Os camponeses, imóveis e de pé com os olhos presos no orador, assemelhavam-se a estátuas, mas a srta. de Verneuill não tardou a observar que essa atitude geral era o resultado de um encantamento lançado pelo padre sobre aquela multidão. À moda dos grandes atores, manejava todo o seu público tal como se fosse um único homem, falando aos interesses e às paixões. Não absolvera antecipadamente os excessos e não desatara os únicos laços que poderiam reter aqueles homens grosseiros na observação dos preceitos religiosos e sociais? Prostituíra o sacerdócio aos interesses políticos; mas, naqueles tempos de revolução, cada qual fazia uma arma daquilo que possuía, e a cruz pacífica de Jesus tornava-se um instrumento de guerra tanto quanto a relha nutriz das charruas. Não deparando nenhum ser com o qual pudesse entender-se, a srta. de Verneuill voltou-se para olhar Francine, e não ficou mediocrementemente surpresa ao vê-la compartilhar daquele entusiasmo, pois rezava devotamente seu rosário, servindo-se do de Galopa-caneca, que, sem dúvida, lhe entregara o seu durante a pregação.

— Francine — falou-lhe em voz baixa —, então você tem medo de ser uma *maometiche*?

— Oh! senhorita — replicou a bretã —, olhe só lá ao longe a mãe de Pedro a caminhar...

A atitude de Francine denunciava uma convicção tão profunda que Maria compreendeu então todo o segredo daquele sermão, a influência do clero sobre as zonas campestres e os prodigiosos efeitos da cena que se iniciou. Os camponeses mais próximos do altar avançaram um a um e ajoelharam-se, oferecendo as carabinas ao predicante, que as depositava sobre o altar. Galopa-caneca apressou-se em ir entregar sua velha espingarda de caça aos patos. Os três padres cantaram o hino do *Veni Creator*, enquanto o celebrante envolvia esses instrumentos de morte numa nuvem de fumaça azulada, descrevendo desenhos que pareciam entrelaçar-se. Quando a brisa dissipou o vapor do incenso, as espingardas foram distribuídas pela ordem. Cada homem recebeu a sua

de joelhos, da mão dos sacerdotes, que recitavam uma prece latina enquanto devolviam as armas. Ao voltarem a seus lugares os homens armados, o profundo entusiasmo da assistência, até aí muda, explodiu de maneira formidável porém enternecedora:

— *Domine, salvum fac regem!*⁵²

Esta foi a oração que o pregador entoou com voz retumbante e que por duas vezes cantaram violentamente. Esses gritos foram qualquer coisa de selvagem e belicoso. As duas notas da palavra *regem*, facilmente traduzida por aqueles camponeses, foram atacadas com tanta energia que a srta. de Verneuil não pôde deixar de carinhosamente dirigir seus pensamentos à família dos Bourbon exilados. Tais lembranças despertaram as de sua vida passada. Sua memória reproduziu-lhe as festas daquela corte agora dispersa, no seio das quais ela brilhara. A figura do marquês introduziu-se nesse devaneio. Com a mobilidade natural ao espírito de uma mulher, olvidou o quadro que se oferecia a seus olhos e voltou então a seus projetos de vingança, onde arriscava a vida, mas que poderiam malograr-se diante de um olhar. Pensando em apresentar-se bela, no momento mais decisivo de sua existência, recordou-se de que não dispunha de ornatos para enfeitar a cabeça no baile, e sentiu-se seduzida pela ideia de adornar-se com um ramo de azevinho cujas folhas crispadas e bagos rubros lhe atraíam a atenção naquele instante.

— Oh! oh! minha espingarda poderá falhar se atiro sobre os passarinhos, mas sobre os Azuis... nunca! — disse Galopa-caneca balançando a cabeça em sinal de satisfação.

Maria examinou mais atentamente o rosto de seu guia e nele encontrou o mesmo tipo de todos aqueles que acabava de ver. Esse velho *chouan* não deixava por certo transparecer maior número de ideias do que uma criança poderia ter. Uma ingênua alegria vincava-lhe as faces e a testa quando olhava para a carabina, mas uma convicção religiosa infundia então nessa expressão da sua alegria uma tonalidade de fanatismo que, por um momento, deixava patentes naquele rosto selvagem os vícios da civilização.

Em breve atingiram uma aldeia, isto é, um aglomerado de quatro ou cinco habitações semelhantes à de Galopa-caneca, e aonde os *chouans* recém-recrutados chegaram enquanto a srta. de Verneuil terminava uma refeição composta exclusivamente de pão, manteiga e outros laticínios. Essa tropa irregular era conduzida pelo reitor, que trazia na mão uma grosseira cruz transformada em bandeira, e que vinha seguido por um rapaz muito orgulhoso de carregar o estandarte da paróquia. A srta. de Verneuil achou-se forçosamente reunida a esse destacamento que também se dirigia a Saint-James, e que naturalmente a protegeu contra toda sorte de perigos, de vez que Galopa-caneca cometeu a feliz indiscrição de contar ao chefe daquela tropa que a bela

rapariga a quem servia de guia era a namorada do Gars.

VI

Lá pelo pôr do sol, os três viajantes chegaram a Saint-James, cidadezinha que deve o nome aos ingleses, por quem foi fundada no século XIV, durante o domínio deles na Bretanha. Antes de ali entrar, a srta. de Verneuil foi testemunha de uma estranha cena de guerra à qual não deu muita atenção: recebeu ser reconhecida por alguns de seus inimigos, e esse medo fez-lhe estugar o passo. Cinco ou seis mil campônios estavam acantonados numa campina. Seus trajes, muito semelhantes aos dos conscritos da Pèlerine, excluía toda ideia de guerra. Essa tumultuosa reunião de homens parecia-se com a de uma grande feira. Era necessária mesmo alguma atenção para descobrir que esses bretões estavam armados, porque as suas peles de cabra, tão diversamente talhadas, quase escondiam as carabinas, e a arma que mais se via era a foice pela qual alguns substituíam os fuzis que deveriam distribuir-lhes. Estes bebiam e comiam, aqueles brigavam ou discutiam em voz alta, mas a maioria dormia deitada por terra. Não havia nenhuma aparência de ordem ou disciplina. Um oficial que envergava uniforme vermelho atraiu a atenção da srta. de Verneuil, que o supôs a serviço da Inglaterra. Adiante, dois outros oficiais pareciam querer ensinar vários *chouans*, mais inteligentes que os outros, a manobrar duas peças de canhão que, na aparência, formavam toda a artilharia do futuro exército realista.

Urros acolheram a chegada dos rapazes de Marignay, que foram reconhecidos por sua bandeira. Favorecida pela agitação que essa tropa e os reitores produziram no acampamento, a srta. de Verneuil pôde atravessá-lo sem perigo e introduzir-se na cidade. Alcançou uma hospedaria de aspecto pobre e que não se encontrava muito afastada da casa onde se realizaria o baile. A cidade estava invadida por tanta gente que, depois de todos os trabalhos imagináveis, ela só conseguiu um quarto exíguo e ruim. Depois de ali instalada, e de Galopa-caneca ter entregue a Francine a caixa que continha o traje de sua patroa, permaneceu ele de pé, numa atitude de expectativa e irresolução indescritível. Em qualquer outra ocasião, a srta. de Verneuil se distrairia por ver o que é um camponês bretão saído de sua paróquia, mas rompeu o encantamento ao tirar da bolsa quatro escudos de seis francos que lhe apresentou.

— Tome lá! — disse ela a Galopa-caneca — e, se me quer ser agradável, volte imediatamente a Fougères, sem passar pelo acampamento e sem provar sidra.

O *chouan*, espantado com tamanha liberalidade, olhava alternativamente para os quatro escudos que apanhara e para a srta. de

Verneuil, que, no entanto, lhe fez um gesto com a mão e ele desapareceu.

— Como pode mandá-lo embora? — perguntou Francine. — Não viu como a cidade se acha cercada? de que maneira a deixaremos, e quem nos protegerá aqui?...

— Você não tem o seu protetor? — indagou a srta. de Verneuil, assobiando surdamente, à moda de Pé-de-poeira, de quem tentou zombeteiramente arremedar a atitude.

Francine corou e sorriu tristemente pela alegria de sua patroa.

— Mas o seu onde está? — perguntou.

A srta. de Verneuil tirou arrebatadamente o punhal e mostrou-o à bretã apavorada, que se deixou cair sobre uma cadeira, de mãos postas.

— Afinal, que veio procurar aqui, Maria? — exclamou com voz súplice, que não requeria nenhuma resposta...

A srta. de Verneuil estava ocupada a enrolar os ramos de azevinho que colhera, e dizia:

— Não sei se este azevinho ficará muito bonito nos cabelos. Só um rosto assim tão deslumbrante quanto o meu pode suportar um toucado tão sombrio; que diz a isto, Francine?

Diversas frases semelhantes denunciaram a máxima despreocupação por parte daquela jovem singular enquanto se ataviava. Quem a escutasse dificilmente acreditaria na gravidade do momento em que ela jogava a vida.

Um vestido de musselina da Índia, muito curto e que parecia de fazenda molhada, revelou os contornos delicados de suas formas; por cima pôs uma capa vermelha cujas numerosas pregas, que gradativamente se iam alongando à medida que tombavam sobre os lados, desenharam o gracioso cimbreiro das túnicas gregas. Esse voluptuoso vestuário das sacerdotisas pagãs tornou menos indecente aquele traje, que a moda da época permitia às mulheres usarem. A fim de atenuar o impudor da moda, Maria cobriu com uma gaze suas brancas espáduas, que a túnica deixava nuas até muito embaixo. Enrolou as compridas madeixas de seus cabelos de maneira que formassem na parte posterior da cabeça um cone imperfeito e achatado que dá tanta graça à figura de algumas estátuas antigas, produzindo um fictício prolongamento da cabeça, e vários anéis dispostos sobre a testa caíram de cada lado do rosto, em longos e brilhantes rolos. Assim vestida, assim penteada, ofereceu uma semelhança perfeita com as mais ilustres obras-primas do cinzel grego. Depois que, por intermédio de um sorriso, deu sua aprovação a esse penteado cujos mínimos arranjos faziam ressaltar-lhe as belezas do rosto, colocou sobre ele a coroa de azevinho que preparara e da qual os numerosos bagos rubros repetiram harmoniosamente em seus cabelos a cor da túnica. Enquanto retorcia algumas folhas para produzir caprichosas oposições entre o

verso e o anverso, a srta. de Verneuil contemplou num espelho o conjunto de sua *toilette* para aquilatar-lhe o efeito.

— Esta noite estou horrível! — disse ela, como se estivesse rodeada de adúladores. — Tenho o aspecto de uma estátua da Liberdade...

Cuidadosamente, colocou o punhal ao centro do corpete, deixando aparecer os rubis que lhe ornavam o cabo e cujos reflexos avermelhados deveriam atrair os olhos sobre aqueles tesouros que sua rival tão indignamente prostituía.

Francine não pôde resolver-se a separar-se da patroa. Quando a viu prestes a partir, soube achar, para acompanhá-la, pretextos em todos os obstáculos que as mulheres têm de superar ao comparecer a uma festa numa cidadezinha da baixa Bretanha. Não seria preciso que ela desembaraçasse a srta. de Verneuil de sua capa, do duplo calçado que fora obrigada a usar por causa da lama e do esterco da rua, embora esta houvesse sido coberta de areia, e ainda também do véu de gaze sob o qual escondia a cabeça aos olhares dos *chouans* que a curiosidade atraía ao redor da casa onde se realizava a festa?

A multidão era tão numerosa que ambas caminharam entre duas fileiras de *chouans*. Francine não tentou mais reter sua patroa, mas, depois de lhe prestar os últimos serviços exigidos por uma *toilette* cujo mérito consistia na extrema frescura, permaneceu no pátio para não abandonar aos acasos de seu destino sem estar em condições de voar em seu socorro, pois a pobre bretã só previa desgraças.

Uma cena muito estranha ocorreu no apartamento de Montauran no instante em que Maria de Verneuil se dirigia à festa. O jovem marquês acabava de vestir-se e punha a larga fita vermelha que deveria servir para fazê-lo reconhecer como a primeira personagem daquela assembleia, quando o padre Gudin entrou com ar inquieto.

— Senhor marquês, venha depressa — disse-lhe ele. — Só o senhor poderá serenar a tempestade que, não sei a que propósito, se ergueu entre os chefes. Estão falando em deixar o serviço do rei. Creio que esse diabo de Rifoël é a causa de todo o tumulto. Tais disputas são sempre ocasionadas por uma ninharia. A sra. do Gua censurou-lhe, afirmaram-me, por ter chegado ao baile muito malposto.

— É preciso que essa mulher esteja louca — exclamou o marquês — para querer...

— O cavaleiro do Vissard — continuou o padre interrompendo o chefe — replicou que, se o senhor lhe tivesse dado o dinheiro prometido em nome do rei...

— Basta, basta, senhor padre! Agora compreendo tudo! Esta cena foi combinada, não é verdade? e o senhor é o embaixador...

— Eu, senhor marquês! — atalhou o padre interrompendo de novo —, eu vou apoiá-lo vigorosamente, e o senhor, espero, me fará a justiça de acreditar que o restabelecimento de nossos altares na França, o do

rei sobre o trono de seus pais são, para meus humildes serviços, atrativos muito mais poderosos do que esse arcebispado de Rennes que o senhor...

O padre não ousou prosseguir porque, a essas palavras, o marquês se pusera a sorrir com amargor. O jovem chefe, porém, logo reprimiu a tristeza das reflexões que fazia, seu rosto tomou uma expressão severa, e ele seguiu o padre Gudin para uma sala onde ressoavam violentos clamores.

— Aqui não reconheço a autoridade de ninguém! — bradava Rifoël lançando olhares inflamados a todos aqueles que o cercavam e levando a mão ao punho da sua espada.

— Reconhece a do bom senso? — perguntou-lhe friamente o marquês.

O jovem cavaleiro do Vissard, mais conhecido sob seu nome patronímico de Rifoël, guardou silêncio perante o general dos exércitos católicos.

— Então que há, senhores? — indagou o jovem chefe examinando todas as fisionomias.

— O que há, senhor marquês — respondeu um célebre contrabandista, embaraçado como um homem do povo que a princípio cai sob o jugo do preconceito diante de um fidalgo, mas que não conhece mais limites logo que tenha atravessado a barreira que os separa, porque então não vê nele senão um igual —, o que há é que o senhor chega muito a propósito. Não sei dizer palavras bonitas, e assim me explicarei francamente. Comandei quinhentos homens durante todo o tempo da última guerra. Desde que tomamos de novo as armas, soube encontrar, para o serviço do rei, três mil cabeças tão duras quanto a minha. Faz agora sete anos que arrisco a vida pela boa causa, eu não o censuro ao senhor, mas todo trabalho merece salário. Ora, para começar, quero que me chamem sr. de Cottureau; quero que me seja reconhecido o posto de coronel, do contrário tratarei com o primeiro-cônsul de minha submissão. Veja, senhor marquês, meus homens e eu temos um credor diabolicamente importuno e ao qual sempre temos de satisfazer!... Ei-lo! — acrescentou batendo no ventre.

— Os violinos chegaram? — perguntou o marquês à sra. do Gua, num tom zombeteiro.

O contrabandista, porém, tratara brutalmente um assunto demasiado importante, e esses espíritos, tão calculistas quanto ambiciosos, estavam havia muito tempo suspensos sobre o que poderiam esperar do rei para que o desdém do jovem chefe pudesse pôr termo àquela cena. O moço e ardente cavaleiro do Vissard colocou-se arrebatadamente defronte a Montauran e segurou-lhe a mão para obrigá-lo a permanecer ali.

— Tome cuidado, senhor marquês — disse-lhe ele —; trata com

excessiva ligeireza homens que têm certo direito ao reconhecimento daquele a quem o senhor representa aqui. Nós sabemos que sua majestade lhe deu todo o poder para atestar nossos serviços, que devem obter sua recompensa neste mundo ou no outro, porque todos os dias o cadafalso se ergue para nós. Sei, quanto a mim, que o posto de marechal de campo...

— Quer dizer coronel?

— Não, senhor marquês, Charette nomeou-me coronel. Não me podendo ser contestado o posto de que falo, neste momento não pleiteio para mim, e sim para todos os meus intrépidos irmãos de armas cujos serviços têm necessidade de ser comprovados. Hoje lhes bastarão a sua assinatura e as suas promessas; e — disse em voz muito baixa — confesso que se contentam com pouca coisa. Mas — prosseguia elevando a voz —, quando o sol se erguer no palácio de Versalhes para iluminar os dias venturosos da Monarquia, aí então os fiéis que tiverem ajudado o rei a conquistar a França, na França, poderão facilmente obter as graças para suas famílias, pensões para as viúvas e a restituição dos bens que tão fora de propósito lhes confiscaram? Ponho-o em dúvida. Portanto, senhor marquês, as provas dos serviços prestados não serão então inúteis. Jamais desconfiarei do rei, mas sim de seus abutres de ministros e de cortesãos que lhe azucrinarão os ouvidos fazendo considerações sobre o bem público, a honra da França, os interesses da coroa e mil outras baboseiras. Depois troçarão de um leal filho da Vendeia ou de um bravo *chouan*, porque esteja velho ou porque o espadagão que desembainhou pela boa causa lhe esbarre nas pernas emagrecidas pelos sofrimentos... Acha que não temos razão?

— Falou admiravelmente bem, sr. do Vissard, mas algo cedo demais — respondeu o marquês.

— Escute aqui, marquês — disse-lhe o conde de Bauvan em voz baixa —, Rifoël, na verdade, falou coisas muito aproveitáveis. O senhor, por sua parte, pode ter certeza de que sempre disporá da boa vontade do rei, mas nós só iremos ver o soberano de longe em longe; e confesso-lhe que se não me desse a sua palavra de gentil-homem de que me faria obter oportunamente o cargo de administrador-geral das águas e florestas da França, não seria eu quem arriscaria o pescoço. Conquistar a Normandia para o rei não é tarefa pequena, e assim espero bem receber a Ordem. Mas — acrescentou enrubescendo — temos tempo para pensar nisso. Deus me livre de imitar esses pobres coitados e de o importunar. O senhor falará com o rei a meu respeito, e estará tudo arrumado.

Cada um dos chefes encontrou meio de transmitir ao marquês, de maneira mais ou menos engenhosa, o preço exagerado que esperava pelos seus serviços. Um pedia modestamente o governo da Bretanha,

outro um baronato, este um posto, aquele um comando; todos queriam pensões.

— E o barão — perguntou o marquês ao sr. du Guénic —, então não deseja nada?

— De fato, marquês, estes cavalheiros só me deixam a coroa de França, mas eu bem que poderei acomodar-me com ela...

— Ó senhores! — disse o padre Gudin, com voz retumbante — reflitam que se estão assim tão apressados, estragarão tudo no dia da vitória. Não será obrigado o rei a fazer concessões aos revolucionários?

— Aos jacobinos! — exclamou o contrabandista. — Ah! Deixe-me agir sua majestade, e comprometo-me a empregar meus mil homens em sua caça e dentro em breve deles estaremos desembaraçados...

— Sr. de Cottereau — disse o marquês —, vejo entrarem várias pessoas que foram convidadas. Devemos rivalizar de zelo e de atenções para decidi-las a cooperarem com o nosso santo empreendimento, e o senhor há de compreender que não é este o momento de nos ocuparmos de suas exigências, embora fossem elas justas.

Assim falando, o marquês se adiantava em direção à porta, como para ir ao encontro de diversos fidalgos das regiões vizinhas a quem entrevira; o ousado contrabandista, porém, barrou-lhe a passagem, com ar submisso e respeitoso.

— Não, não, senhor marquês; desculpe-me, mas os jacobinos, em 1793, nos ensinaram muitíssimo bem que o bom-bocado não é para quem o faz. Assine-me este pedaço de papel, e amanhã eu lhe trarei mil e quinhentos rapazes; do contrário, entrarei em entendimentos com o primeiro-cônsul.

Após ter altivamente lançado um olhar em torno de si, o marquês verificou que o atrevimento do velho guerrilheiro e seu ar resolutivo não desagradavam a nenhum dos espectadores daquele debate. Um único homem, sentado a um canto, parecia não tomar parte na cena, e ocupava-se em encher de tabaco um cachimbo de barro branco. O ar de desprezo que testemunhava pelos oradores, sua atitude modesta e a expressão de comiseração que o marquês encontrou em seus olhares fizeram-no examinar esse generoso servidor, no qual reconheceu o major Brigaut. O chefe dirigiu-se para ele precipitadamente.

— E você, que pede? — indagou.

— Oh! senhor marquês, se o rei voltar, sentir-me-ei satisfeito.

— Mas você?

— Oh! eu... Monsenhor deseja rir-se...

O marquês apertou a mão calejada do bretão e disse à sra. do Gua, de quem se aproximara:

— Minha senhora, poderei perecer em minha empresa antes de ter tido tempo de fazer chegar ao rei um relato fiel sobre os exércitos católicos da Bretanha. Se a senhora chegar a ver a Restauração, não se

esqueça deste honrado homem, nem do barão du Guénic. Neles existe mais dedicação do que em todas estas pessoas.

E designou os chefes, que aguardavam com certa impaciência que o jovem marquês acedesse a seus pedidos. Todos traziam na mão papéis abertos, nos quais seus serviços tinham, sem dúvida, sido atestados pelos generais realistas das guerras precedentes, e todos começavam a murmurar. No meio deles, o padre Gudín, o conde de Bauvan e o barão du Guénic se consultavam a fim de auxiliar o marquês a rejeitar pretensões tão exageradas, pois julgavam a posição do jovem chefe muito delicada.

De súbito, o marquês passeou os olhos azuis, brilhantes de ironia, sobre aquela assembleia e disse com voz clara:

— Senhores, não sei se os poderes que o rei se dignou confiar-me são bastante latos para que eu possa satisfazer a seus pedidos. Ele talvez não haja previsto tamanho zelo, nem tanto devotamento. Os senhores mesmos irão julgar sobre os meus deveres, e, quiçá, eu possa cumprilos.

Desapareceu então e voltou rapidamente, trazendo na mão uma carta desdobrada, revestida do selo e da assinatura real.

— Eis aqui as cartas patentes em virtude das quais os senhores devem obedecer-me — declarou. — Elas me autorizam a governar as províncias da Bretanha, da Normandia, do Maine e do Anjou, em nome do rei, e a reconhecer os serviços dos oficiais que se tiverem distinguido em seus exércitos.

Um movimento de satisfação explodiu na assembleia. Os *chouans* avançaram para o marquês, descrevendo em volta dele um círculo respeitoso. Todos os olhos estavam pregados na assinatura do rei. O jovem chefe, que se mantinha de pé, em frente à lareira, lançou a carta ao fogo, onde ela se consumiu num abrir e fechar de olhos.

— Não quero mais comandar — exclamou o rapaz — senão aqueles que virem um rei no rei, e não uma presa para ser devorada. Os senhores têm liberdade para me abandonar...

A sra. do Gua, o padre Gudín, o major Brigaut, o cavaleiro do Vissard, o barão du Guénic, o conde de Bauvan, entusiasmados, fizeram ouvir o grito de “Viva o rei!”. Se a princípio os outros chefes hesitaram por um instante em repetir esse brado, logo depois, arrastados pelo nobre ato do marquês, pediram-lhe que esquecesse o que se acabava de passar, assegurando-lhe que, sem cartas patentes, sempre seria o seu chefe.

— Vamos dançar — exclamou o conde de Bauvan —, e aconteça o que tiver de acontecer! Afinal de contas, meus amigos — acrescentou alegremente —, mais vale nos dirigirmos a Deus do que a santos. Primeiro combatamos, e depois vejamos.

— Ah! lá isso é verdade. Não lhe faltando ao respeito, senhor barão

— disse Brigaut em voz baixa dirigindo-se ao leal Du Guénic —, nunca vi reclamarem pela manhã a paga do dia.

A assembleia dispersou-se pelos salões, onde algumas pessoas já se achavam reunidas. O marquês em vão tentou abandonar o ar sombrio que lhe alterava a fisionomia, e os chefes perceberam facilmente as impressões desfavoráveis que aquela cena produzira num homem cuja dedicação ainda vinha acompanhada pelas belas ilusões da juventude, e sentiram-se envergonhados por tal.

Uma inebriante alegria brilhava naquela reunião composta dos membros mais exaltados do partido realista, que, não tendo nunca podido julgar, do fundo de uma província insubmissa, os acontecimentos da Revolução, deviam tomar pela realidade as mais hipotéticas esperanças.

As temerárias operações iniciadas por Montauran, seu nome, seus bens, sua capacidade, tudo isso reanimava a coragem de todos e causava certa embriaguez política, a mais perigosa de todas, por não aplacar senão com torrentes de sangue, quase sempre derramadas inutilmente. Para a totalidade das pessoas presentes, a Revolução não era mais do que uma passageira desordem no reino de França, onde, para elas, nada parecia alterado. Aqueles campos pertenciam sempre à casa de Bourbon. Os realistas ali reinavam tão absolutamente que, quatro anos antes, Hoche lá obteve, menos do que a paz, um armistício. Os nobres, portanto, tratavam muito levemente os revolucionários: para eles, Bonaparte era um Marceau⁵³ mais feliz que seu antecessor. Assim sendo, as mulheres predispunham-se muito alegremente a dançar. Apenas alguns dos chefes que se tinham batido com os Azuis conheciam a gravidade da crise atual, e, sabendo que se falassem do primeiro-cônsul e de seu poderio a seus compatriotas retardatários não seriam por eles compreendidos, conversavam todos entre si enquanto olhavam para as mulheres com uma despreocupação de que elas se vingavam criticando-se entre si. A sra. do Gua, que parecia fazer as honras do baile, procurava enganar a impaciência das que desejavam dançar, dirigindo a cada uma delas, sucessivamente, as lisonjas de costume. Já se ouviam os sons estridentes dos instrumentos que afinavam, quando a sra. do Gua avistou o marquês, cujo rosto conservava ainda uma expressão de tristeza, e dirigiu-se para ele resolutamente.

— Ouso esperar que não seja a cena muito comum que teve com aqueles labregos que possa abatê-lo assim — disse ela.

Não obteve resposta; o marquês, absorto em seu devaneio, julgava ouvir algumas das razões que, em voz profética, Maria lhe dera, no meio daqueles mesmos chefes, na Vivetière, para decidi-lo a abandonar a luta dos reis contra os povos. Mas aquele jovem possuía demasiada elevação na alma, demasiado orgulho, demasiada convicção, talvez, para

desertar a obra iniciada, e nesse momento resolveu dar-lhe corajosamente prosseguimento, apesar dos obstáculos. Ergueu de novo a cabeça com altivez e compreendeu então o que lhe dizia a sra. do Gua.

— Sem dúvida, o senhor se encontra em Fougères! — dizia ela com uma amargura que revelava a inutilidade dos esforços tentados para distrair o marquês. — Ah! senhor, eu daria o meu sangue para pô-la em seus braços e vê-lo feliz com ela.

— Então, por que atirou sobre ela com tanta habilidade?

— Porque eu a queria morta ou em seus braços. Sim, eu pude amar o marquês de Montauran no dia em que julguei ver nele um herói. Agora, não lhe dedico mais do que uma dolorosa amizade, vejo-o separado da glória pelo coração nômade de uma rapariga da Ópera.

— Quanto ao amor — retrucou o marquês em tom de ironia —, julga-me muito mal! Se eu amasse essa rapariga, desejá-la-ia menos..., e, sem a senhora, talvez já nem mais pensasse nela.

— Ei-la! — disse de chofre a sra. do Gua.

A precipitação do marquês em volver a cabeça causou um mal atroz àquela pobre mulher, mas como a luz viva das velas lhe permitia perceber bem as mais leves alterações que se produziam nos traços daquele homem tão violentamente amado, pensou vislumbrar aí algumas esperanças de uma reciprocidade de sentimentos, quando ele se voltou em sua direção, sorrindo daquele ardil feminino.

— De que se ri? — perguntou o conde de Bauvan.

— De uma bolha de sabão que se evapora! — respondeu a sra. do Gua, satisfeita. — O marquês, se é que devemos acreditá-lo, espanta-se hoje por ter sentido o coração bater um instante por aquela rameira que dizia ser a srta. de Verneuil. Sabe quem é, não?

— Aquela rameira?... — repetiu o conde em tom de censura — ao causador do mal cabe repará-lo, minha senhora, e eu lhe dou a minha palavra de honra de que ela é realmente filha do duque de Verneuil.

— Senhor conde — disse o marquês, com voz profundamente alterada —, em qual de suas duas palavras acreditar, na da Vivetièrre ou na de Saint-James?

Uma voz retumbante anunciou a srta. de Verneuil. O conde precipitou-se para a porta, com demonstrações do mais profundo respeito ofereceu a mão à bela desconhecida e, apresentando-a através da multidão curiosa ao marquês e à sra. do Gua, respondeu ao jovem chefe estupefato:

— Só acredite na de hoje.

A sra. do Gua empalideceu ao ver aquela mulher de má sorte, que permaneceu de pé um momento, lançando olhares orgulhosos sobre aquela assembleia, onde procurou os convivas da Vivetièrre. Aguardava a saudação forçada de sua rival e, sem olhar para o marquês, deixou-se conduzir pelo conde a um lugar de honra, e Bauvan fê-la sentar-se perto

da sra. do Gua, a quem esboçou um cumprimento protetor, mas por um instinto de mulher aquela não se zangou com isso e logo tomou um ar risonho e amistoso.

A maneira fora do comum de trajar-se e a beleza da srta. de Verneuil excitaram por um instante os murmúrios da assembleia.

Quando o marquês e a sra. do Gua voltaram os olhares sobre os convivas da Vivetière, encontraram-nos numa atitude de respeito que não dava a impressão de ser simulada, e cada qual parecia procurar meio de reaver as graças da jovem parisiense que fora tomada por outra. Os inimigos, portanto, achavam-se a postos.

VII

— Mas é um passe de mágica! Não há mais ninguém no mundo senão a senhorita para surpreender assim as pessoas. Como, vir inteiramente só? — dizia a sra. do Gua.

— Inteiramente só — replicou a srta. de Verneuil —, por conseguinte, a senhora, esta noite, não terá mais ninguém para matar.

— Seja indulgente — redarguiu a sra. do Gua. — Não posso exprimir-lhe quanto prazer sinto por tornar a vê-la. Realmente, eu estava acabrunhada pela lembrança de minhas injustiças a seu respeito, e procurava uma ocasião que me permitisse repará-las.

— Quanto às suas injustiças, minha senhora, perdoo-lhe de boa mente as que cometeu contra mim, mas pesa-me no coração a morte dos Azuis que a senhora assassinou. Talvez ainda pudesse queixar-me da dureza de sua correspondência... Pois bem, desculpo tudo, graças ao serviço que me prestou.

A sra. do Gua perdeu o domínio de si ao sentir a mão apertada por sua bela rival, que lhe sorria com uma graça insultante. O marquês ficara imóvel, mas naquele momento agarrou com força o braço do conde.

— O senhor tratou-me indignamente — disse-lhe — e comprometeu até a minha honra; eu não sou um Geronte⁵⁴ de comédia, e exijo a sua vida, ou que o senhor tire a minha.

— Marquês — respondeu o conde com altivez — estou pronto a dar-lhe todas as explicações que desejar.

E dirigiram-se ambos para o aposento vizinho. As pessoas menos iniciadas no segredo daquela cena começavam a compreender o seu interesse, de sorte que, quando os violinos deram o sinal para a dança, ninguém se moveu.

— Que serviço tão importante, senhorita, tive a honra de lhe prestar para merecer?... — indagou a sra. do Gua mordendo os lábios com uma espécie de raiva.

— A senhora não me esclareceu sobre o verdadeiro caráter do

marquês de Montauran? Com que impassibilidade esse homem apavorante me deixava morrer!... De muito bom grado eu o deixo para a senhora.

— Então que vem buscar aqui? — disse a sra. do Gua com vivacidade.

— A estima e a consideração que me tirou na Vivetière, senhora. Quanto ao resto, fique bem tranquila. Se o marquês voltasse para mim, a senhora bem deve saber que uma volta não é nunca o amor.

A sra. do Gua segurou então a mão da srta. de Verneuil com essa afetuosa amabilidade de gestos que as mulheres prazerosamente ostentam entre si, sobretudo na presença dos homens.

— Pois bem, minha pobrezinha, sinto-me encantada por vê-la tão cordata. Se o serviço que lhe prestei foi de início algo rude — disse apertando a mão que segurava, embora sentisse desejo de despedaçá-la quando seus dedos lhe revelaram a sua macia finura — será, pelo menos, completo. Escute, conheço o caráter do Gars — afirmou com um sorriso pérfido —; pois bem, ele a ludibriou, ele não quer nem pode casar-se com ninguém.

— Ah!...

— Sim, senhorita; ele só aceitou sua perigosa missão para merecer a mão da srta. d'Uxelles,⁵⁵ aliança para a qual sua majestade lhe prometeu todo o seu apoio.

— Ah! ah!...

A srta. de Verneuil não acrescentou uma palavra a esta zombeteira exclamação. O jovem e guapo cavaleiro do Vissard, impaciente por se fazer perdoar a brincadeira que dera o sinal para as injúrias na Vivetière, adiantou-se para a moça, convidando-a respeitosamente para dançar; ela lhe estendeu a mão e avançou para tomar lugar na quadrilha onde figurava a sra. do Gua. A maneira de trajar daquelas damas, cujas roupagens lembravam as modas da corte exilada, e que estavam todas empoadas ou tinham os cabelos frisados, pareceu ridícula assim que foi possível compará-la ao vestido elegante, rico e severo a um só tempo, que a moda autorizava a srta. de Verneuil a usar, o qual foi proscrito em voz alta, mas, no íntimo, invejado pelas mulheres. Os homens não se cansavam de admirar a formosura de uma cabeleira natural e os pormenores de um conjunto cuja graça residia inteiramente na das proporções que revelava.

Nesse momento, o marquês e o conde entraram de novo na sala de baile e postaram-se atrás da srta. de Verneuil, que não se voltou. Se um espelho colocado em frente a ela não lhe houvesse revelado a presença do marquês, tê-la-ia adivinhado pela atitude da sra. do Gua, que, sob uma aparência indiferente, mal escondia a impaciência com que aguardava a luta que, mais cedo ou mais tarde, deveria declarar-se entre os dois amantes. Se bem que o marquês palestrassem com o conde e mais

duas pessoas, pôde, contudo, ouvir as palavras dos cavaleiros e de seus pares que, aos caprichos da contradança, vinham ocupar momentaneamente o lugar da srta. de Verneuil e de seus vizinhos.

— Oh! Deus meu, é verdade, senhora, ela veio sozinha — dizia um deles.

— É preciso ser muito corajosa — respondeu-lhe o seu par.

— Mas se eu estivesse vestida assim, sentir-me-ia nua — declarou outra dama.

— Oh! não é um traje decente — replicou o cavalheiro —, mas ela é tão bonita, e ele lhe vai tão bem!

— Olhe só, tenho vergonha por ela da perfeição de sua dança. Não acha que tem exatamente o aspecto de uma bailarina da Ópera? — replicou a dama ciumenta.

— Julga que ela venha cá para tratar em nome do primeiro-cônsul? — perguntou uma terceira dama.

— Que brincadeira! — respondeu o cavalheiro.

— Ela não trará absolutamente a inocência como dote — comentou a rir a senhora que dançava.

O Gars voltou-se rapidamente para ver a mulher que se permitia tal epigrama, e então a sra. do Gua o fitou com ar de quem, evidentemente, dizia: “Vê o que pensam dela?”.

— Minha senhora — disse o conde, rindo, à inimiga de Maria —, por enquanto foram apenas as damas que lha tiraram...

Intimamente, o marquês perdoou ao conde todos os seus agravos. Quando se aventurou a lançar um olhar à amante, cujos encantos, como os de quase todas as mulheres, eram ressaltados pela luz das velas, Maria lhe deu as costas, voltando para seu lugar, e conversou com o seu par, deixando chegar aos ouvidos do marquês os sons mais acariciantes de sua voz.

— O primeiro-cônsul envia-nos embaixadores muito perigosos! — dizia-lhe o seu interlocutor.

— Cavalheiro — replicou ela —, já disseram isto na Vivetière.

— Mas a senhorita tem tanta memória quanto o rei! — retorquiu o gentil-homem, desgostoso com a sua falta de tato.

— Para perdoar as injúrias é forçoso recordá-las — atalhou a parisiense, tirando-o do embaraço por meio de um sorriso.

— Estamos todos nós compreendidos nessa anistia? — perguntou-lhe o marquês.

Ela, porém, com um entusiasmo infantil, atirou-se à dança, deixando-o atônito e sem resposta; ele contemplou-a com uma fria melancolia, que Maria notou, e então ela inclinou a cabeça por uma dessas atitudes galantes que a graciosa proporção de seu pescoço lhe permitia, e naturalmente não se esqueceu de nenhum dos movimentos que podiam atestar a rara perfeição de seu corpo. Maria atraía como a

esperança e fugia como uma reminiscência. Vê-la assim era querer possuí-la a todo custo. Ela o sabia, e a consciência que teve então de sua beleza espalhou por sua fisionomia um inexprimível encanto. O marquês sentiu invadir-lhe o coração um turbilhão de amor, de ódio e de loucura; apertou violentamente a mão do conde e afastou-se.

— Muito bem, com que então ele partiu? — indagou a srta. de Verneuil retornando a seu lugar.

O conde precipitou-se para a sala contígua e fez à sua protegida um sinal de entendimento, levando-lhe de volta o Gars.

“Ele me pertence”, disse ela consigo, examinando pelo espelho o marquês, cujo rosto levemente excitado estava radiante de esperança.

Ela acolheu o jovem chefe amuada e sem uma palavra, mas deixou-o a sorrir; via-o tão superior que se sentiu orgulhosa de poder tiranizá-lo, e quis fazê-lo comprar caro algumas palavras doces para ensinar-lhe todo o seu valor, de acordo com um instinto de mulher ao qual todas mais ou menos obedecem. Terminada a contradança, todos os gentishomens da Vivetière foram cercar Maria, e cada um deles, por intermédio de lisonjas mais ou menos bem torneadas, lhe implorou o perdão de seu erro; mas aquele a quem quisera ver a seus pés não se aproximou do grupo onde ela reinava.

“Ele ainda se julga amado”, disse consigo mesma, “e não deseja ser confundido com os indiferentes.”

Recusou-se a dançar, e a seguir, como se a festa fosse dada para ela, foi de quadrilha em quadrilha, apoiada ao braço do conde de Bauvan, ao qual lhe aprouve testemunhar certa familiaridade. A aventura da Vivetière era então conhecida por toda a assembleia, e seus mínimos pormenores, graças aos cuidados da sra. do Gua, que, pondo assim em evidência as relações da srta. de Verneuil com o marquês, esperava erguer mais um obstáculo à sua nova união; desta forma, os dois amantes desavindos tinham-se tornado objeto da atenção geral. Montauran não ousava aproximar-se de sua apaixonada, porque o sentimento de suas faltas e a violência de seus desejos reacesos tornavam-na quase terrível para ele, e por seu lado a jovem, enquanto parecia contemplar o baile, examinava-lhe a fisionomia fingidamente calma.

— Aqui faz um calor horrível — disse ela a seu cavalheiro. — Vejo a testa do sr. de Montauran completamente umedecida. Conduza-me para o outro lado, onde eu possa respirar... estou sufocando.

E, com um movimento de cabeça, designou ao conde o salão vizinho, onde se achavam alguns jogadores. O marquês para lá se dirigiu seguindo a amante, cujas palavras foram adivinhadas apenas pelos movimentos dos lábios. Ele ousou esperar que ela só se afastasse da multidão para tornar a vê-lo, e esse favor suposto infundiu em sua paixão uma violência desconhecida, pois seu amor crescera em

consequência de todas as resistências que ele julgava dever opor-lhe havia alguns dias. A srta. de Verneuil divertiu-se em atormentar o jovem chefe; seu olhar, tão doce, tão aveludado para o conde, tornava-se seco e sombrio quando por acaso encontrava os olhos do marquês. Montauran pareceu fazer um esforço penoso e disse em voz surda:

— Então não me perdoa?

— O amor — respondeu-lhe ela com frieza — nada perdoa, ou perdoa tudo. Mas — acrescentou ao vê-lo esboçar um gesto de alegria — é necessário amar...

De novo, tomara o braço do conde e dirigira-se a uma espécie de antecâmara contígua à sala de jogo. O marquês seguiu Maria até lá.

— Terá de escutar-me! — exclamou ele.

— O senhor faria pensarem que vim aqui por sua causa e não pelo respeito por mim mesma — foi a resposta. — Se não cessar esta odiosa perseguição, eu me retiro.

— Pois bem — disse o rapaz lembrando-se de uma das mais loucas ações do último duque de Lorena —, deixe-me falar-lhe apenas durante o tempo em que poderei segurar na mão este carvão.

Abaixou-se junto à lareira, apanhou um pedaço de tição e apertou-o com violência. A srta. de Verneuil corou, desprendeu rapidamente seu braço do braço do conde e fitou o marquês com espanto. Bauvan afastou-se calmamente e deixou a sós os dois amantes. Um ato assim tão arrebatado comovera o coração de Maria porque, no amor, nada existe de mais persuasivo do que uma corajosa tolice.

— Com isto o senhor me prova — disse ela tentando fazê-lo atirar fora o carvão — que me entregaria ao mais cruel de todos os suplícios. Em tudo o senhor chega aos extremos. Baseado na palavra de um néscio e nas calúnias de uma mulher, supôs capaz de vendê-lo aquela que acabava de salvar-lhe a vida!

— Sim — concordou ele sorrindo —, fui cruel para com a senhora, mas esqueça-o para sempre, eu nunca o esquecerei. Escute-me... Fui indignamente enganado, mas nesse dia fatal tantas circunstâncias se reuniram contra a senhora...

— E essas circunstâncias bastavam para extinguir o seu amor?

Ele hesitou em responder, ela fez um gesto de desdém e levantou-se.

— Oh! Maria, agora não quero mais acreditar senão em você...

— Mas jogue fora esse fogo! Você é doido! Abra a mão, eu quero.

Aprouve-lhe opor uma débil resistência aos doces esforços da amante, a fim de prolongar o vivo prazer que sentia em ser apertado com força por seus dedos mimosos e acariciantes; ela, porém, conseguiu afinal abrir-lhe a mão que gostaria de poder beijar. O sangue apagara o carvão...

— E então, de que lhe serviu isto?... — perguntou a moça.

Com o seu lenço fez uma atadura com que cobriu uma ferida pouco

profunda, que o marquês logo escondeu com a luva. A sra. do Gua chegou ao salão de jogo nas pontas dos pés e lançou olhares furtivos sobre os dois enamorados, aos olhos dos quais se esquivou com habilidade, inclinando-se para trás a seus menores movimentos; contudo, era-lhe difícil deduzir o sentido de suas palavras pelo que eles faziam.

— Se tudo quanto lhe disseram de mim fosse verdade, confesso que neste momento eu estaria bem vingada! — disse Maria com uma expressão de maldade que fez o marquês empalidecer.

— E por que sentimento, então, foi você atraída aqui?

— Mas, querida criança, você é mesmo um grandíssimo presunçoso! Julga, de fato, que pode impunemente desprezar uma mulher como eu? Vim por você e por mim — prosseguiu ela após uma pausa, colocando a mão sobre o punhado de rubis que se encontrava no centro de seu colo e mostrando-lhe a lâmina do punhal.

“Que significa tudo isto?”, pensou a sra. do Gua.

— Todavia — continuou Maria —, você ainda me ama... Pelo menos não cessou de me desejar, e a tolice que acaba de fazer disso me deu a prova — aduziu, segurando-lhe a mão. — Voltei a ser o que eu queria ser, e parto feliz. Quem nos ama é sempre absolvido. Quanto a mim, sou amada, reconquistei a estima do homem que representa a meus olhos o mundo inteiro: posso morrer.

— Então ainda me ama? — perguntou o marquês.

— Eu amarei tal coisa? — respondeu ela com ar zombeteiro, acompanhando com satisfação os progressos da medonha tortura que, desde a sua chegada, principiara a fazer o marquês padecer. — Não devo ter feito sacrifícios para vir aqui? Salvei o sr. de Bauvan da morte, e, mais agradecido, ele me ofereceu, em troca de minha proteção, sua fortuna e seu nome. Você nunca teve essa ideia.

Acreditando-se escarnecido pelo conde, o marquês, atônito por estas últimas palavras, reprimiu a mais violenta cólera que já o invadira, e não respondeu.

— Ah! reflete? — indagou ela com um sorriso amargo.

— Senhorita — replicou o rapaz —, sua dúvida justifica a minha.

— Saíamos daqui, senhor! — exclamou a srta. de Verneuil avistando uma ponta do vestido da sra. do Gua.

Levantou-se, mas o desejo de desesperar sua rival fê-la hesitar em partir.

— Pretende, pois, mergulhar-me no inferno? — perguntou o marquês tomando-lhe a mão e apertando-a com força.

— Não foi aí que você me lançou há cinco dias? Neste mesmo instante não me está deixando na mais cruel das incertezas a respeito da sinceridade de seu amor?

— Mas saberei eu se você não leva a sua vingança ao ponto de se

apossar de toda a minha vida para manchá-la, em vez de querer a minha morte!...

— Ah! você não me ama! pensa em si, e não em mim! — disse ela com ódio, derramando algumas lágrimas. A coqueta bem conhecia o poder de seus olhos quando estavam rasos d'água.

— Pois bem — disse o fidalgo fora de si —, leve-me a vida mas enxugue essas lágrimas!

— Ó meu amor — exclamou a jovem com voz abafada —, eis as palavras, o tom e o olhar que eu esperava para preferir sua felicidade à minha! Mas — prosseguiu — peço-lhe uma derradeira prova de sua afeição, que você diz ser grande. Não quero permanecer aqui senão o tempo necessário para fazer com que saibam que você me pertence. Não tomarei sequer um copo d'água na casa em que mora essa mulher que, duas ou três vezes, tentou matar-me, que talvez ainda trame alguma traição contra nós, e que, neste momento, nos escuta — acrescentou, mostrando com o dedo ao marquês as pregas fofas do vestido da sra. do Gua.

Em seguida enxugou as lágrimas, inclinou-se até o ouvido do jovem chefe, que estremeceu ao sentir-se acariciado pela doce umidade de seu hálito.

— Prepare tudo para a nossa partida — disse ela —; você me conduzirá de volta até Fougères, e somente lá saberá de fato se eu o amo! Pela segunda vez, confio-me a você. Vai confiar-se uma segunda vez a mim?

— Ah! Maria, você me levou a ponto de não saber mais o que faço! Acho-me inebriado por suas palavras, por seus olhares, por sua pessoa, enfim, e estou pronto a satisfazê-la.

— Pois bem, torne-me, por um instante, muito feliz! Faça-me gozar o único triunfo que desejei. Quero respirar ao ar livre, na vida com que sonhei, e faltar-me de minhas ilusões antes que elas se dissipem. Vamos, acompanhe-me e dance comigo.

Juntos voltaram os dois para a sala de baile e, embora a srta. de Verneuil, em seu coração e em sua vaidade, estivesse tão completamente lisonjeada quanto seria possível a uma mulher, a impenetrável doçura de seus olhos, o fino sorriso de seus lábios, a rapidez dos movimentos de uma dança animada guardaram o segredo de seus pensamentos, tal como o mar guarda o do criminoso que lhe confia um pesado cadáver. A assembleia, todavia, deixou escapar um murmúrio de admiração quando ela se entregou aos braços do amante para valsar e, ambos, voluptuosamente enlaçados, de olhos lânguidos, cabeça pesada, rodopiaram apertando-se um ao outro, numa espécie de frenesi, e revelando assim todos os prazeres que esperavam de uma união mais íntima.

— Conde — disse a sra. do Gua ao sr. de Bauvan —, indague se

Furta-pão está no acampamento; traga-mo, e fique certo de que obterá de mim, por este ligeiro serviço, tudo quanto quiser, até mesmo a minha mão. “Custar-me-á caro a minha vingança”, disse ela ao vê-lo afastar-se; “mas, desta vez, não falhará.”

Alguns momentos após esta cena, a srta. de Verneuil e o marquês se achavam afundados numa berlinda atrelada a quatro vigorosos cavalos. Surpresa de ver aqueles dois pretensos inimigos de mãos entrelaçadas e de encontrá-los de tão perfeito acordo, Francine emudeceu, sem ousar interrogar a si própria se em sua patroa aquilo era perfídia ou amor. Graças ao silêncio e à escuridão da noite, o marquês não pôde observar a agitação da srta. de Verneuil à medida que se aproximava de Fougères. As débeis tintas do crepúsculo permitiram distinguir ao longe o campanário de Saint-Léonard. Nesse momento Maria disse de si consigo: “Vou morrer!”.

Chegados à primeira montanha, os dois amantes tiveram o mesmo pensamento: apearam-se da carruagem e subiram a pé a colina, como em lembrança de seu primeiro encontro. Depois de tomar o braço do marquês e dar alguns passos, Maria, com um sorriso, agradeceu ao rapaz por haver respeitado o seu silêncio; a seguir, chegando ao cimo do planalto, de onde se avistava Fougères, saiu completamente de seu devaneio.

— Não vá mais adiante — disse ela —, meu poderio hoje não mais o salvaria dos Azuis.

Montauran demonstrou-lhe certa surpresa; ela sorriu tristemente, apontou-lhe com o dedo um bloco de pedra, como para lhe ordenar que se sentasse, e ficou em pé, numa atitude de melancolia. As dilacerantes emoções de sua alma não mais lhe permitiam empregar aqueles artifícios que prodigalizara. Nessa ocasião ela se teria ajoelhado sobre carvões em brasa sentindo-os tanto quanto o marquês sentira o tição que segurara para atestar a violência de sua paixão. Foi depois de contemplar o amante com um olhar impregnado da mais profunda dor que ela pronunciou estas horríveis palavras:

— Tudo quanto você supôs de mim é verdade!

Sem querer, o marquês esboçou um gesto.

— Ah! por favor — disse ela juntando as mãos —, escute-me sem me interromper. Sou, realmente — prosseguiu com voz comovida —, filha do duque de Verneuil, mas filha natural. Minha mãe, uma srta. de Casteran,⁵⁶ que se tornou religiosa para fugir às torturas que a família lhe preparava, expiou sua culpa durante quinze anos de lágrimas, e morreu em Sééz. Só em seu leito de morte implorou por mim ao homem que a tinha abandonado, pois me sabia sem amigos, sem haveres, sem futuro... Esse homem, sempre presente sob o teto da mãe de Francine, aos cuidados de quem fui confiada, esquecera a filha. Contudo, o duque me acolheu com prazer e reconheceu-me, porque eu

era bela e, quiçá, por se rever jovem em mim. Era um desses senhores que, no reinado anterior, consideravam uma glória demonstrar como podiam fazer-se perdoar um crime praticando-o com graça. Nada mais acrescentarei; ele era meu pai! Deixe-me, no entanto, explicar-lhe de que modo a minha permanência em Paris deve ter-me pervertido a alma. A roda do duque de Verneuil e aquela onde ele me introduziu estavam arrebatadas por essa escarninha filosofia que entusiasmava a França, porque nela era professada por toda parte, com espírito. As brilhantes conversações que deleitaram meus ouvidos se recomendavam pela finura dos julgamentos ou por um desprezo espiritualmente formulado pelo que havia de religioso e verdadeiro. Os homens, mofando dos sentimentos, pintavam-nos com tanto maior facilidade porquanto não os experimentavam; e seduziam tanto por suas expressões epigramáticas quanto pela bonomia com que sabiam resumir numa palavra uma aventura completa; amiúde, porém, pecavam por excesso de espírito e fatigavam as mulheres fazendo do amor uma arte em lugar de um caso de coração. Resisti debilmente a essa torrente. Minha alma, todavia... perdoe-me este orgulho... era bastante apaixonada para sentir que o espírito estiolara todos os corações; mas a vida que levei então teve como resultado estabelecer uma luta perpétua entre meus sentimentos naturais e os hábitos corrompidos que nela contraí. A algumas pessoas superiores aprouve desenvolver em mim essa liberdade de pensamento, esse desprezo pela opinião pública que roubam à mulher certa modéstia da alma sem a qual ela perde algo de seu encanto. Ai de mim! a desgraça não teve o poder de destruir os defeitos produzidos pela opulência!

Depois de soltar um suspiro, ela continuou:

— Meu pai, o duque de Verneuil, morreu após me ter reconhecido e favorecido com um testamento que diminuía consideravelmente os bens de meu irmão, seu filho legítimo. Uma bela manhã encontrei-me sem asilo e sem protetor. Meu irmão impugnava o testamento que me tornava rica. Três anos passados em companhia de uma família opulenta incrementaram minha vaidade. Satisfazendo a todas as minhas fantasias, meu pai criara para mim a necessidade do luxo, hábitos dos quais minh'alma ainda jovem e ingênua não compreendia o perigo e a tirania. Um amigo de meu pai, o marechal duque de Lenoncourt, de setenta anos de idade, ofereceu-se para servir-me de tutor. Aceitei; poucos dias depois do início daquele odioso processo, vi-me numa casa faustosa onde gozava de todas as vantagens que a crueldade de um irmão me recusava na presença do catafalco de nosso pai. Todas as noites o velho marechal ia passar a meu lado algumas horas, durante as quais o ancião só me fazia ouvir palavras ternas e consoladoras. Seus cabelos brancos e todas as comoventes provas que me dava de um afeto paternal convidavam-me a atribuir a seu coração

os sentimentos do meu, e senti-me satisfeita considerando-me como sua filha. Aceitava os adereços que ele me oferecia, e não lhe ocultava nenhum dos meus caprichos, vendo-o tão feliz por satisfazê-los. Uma noite soube que Paris inteira me julgava amante daquele pobre velho. Provaram-me que estava além de minhas forças reconquistar uma inocência da qual todos me despojavam gratuitamente. O homem que abusara de minha inexperiência não podia ser um amante e não queria ser meu marido. Na semana em que fiz essa horrível descoberta, na véspera do dia fixado para minha união com aquele a quem eu soube exigir o nome, única reparação que me pôde oferecer, ele partiu para Coblenz.⁵⁷ Fui vergonhosamente expulsa da modesta casa onde o marechal me alojara e que não lhe pertencia. Até o presente, disse-lhe a verdade como se estivesse perante Deus; agora, porém, não peça a uma infeliz contas do sofrimento sepultado em sua memória. Certo dia dei por mim casada com Danton. Alguns dias mais tarde o furacão derrubava o imenso carvalho à volta do qual eu passara os braços. Vendo-me de novo mergulhada na mais profunda miséria, resolvi dessa vez morrer. Não sei se o amor à vida, se a esperança de esfaltar a desgraça ou de achar no fundo daquele abismo sem fim uma ventura que fugia de mim foram os meus conselheiros sem que eu desse por isso, ou se fui seduzida pelos argumentos de um rapaz de Vendôme que, havia dois anos, se agarrara a mim como uma serpente a uma árvore, acreditando, sem dúvida, que um infortúnio extremo poderia oferecer-me a ele; afinal, ignoro como aceitei a odiosa missão de ir, por trezentos mil francos, fazer-me amar por um desconhecido a quem deveria entregar. Eu o vi e logo o reconheci por um desses pressentimentos que nunca nos enganam; todavia, sentia prazer em pôr em dúvida, porque quanto mais o amava tanto mais terrível me era a certeza. Salvando-o das mãos do comandante Hulot, abjurei por conseguinte o meu papel, e resolvi enganar os carrascos em lugar de enganar a sua vítima. Fiz mal em zombar assim dos homens, de sua vida, de sua política e de mim mesma, com a despreocupação de uma jovem que não vê no mundo senão os sentimentos. Acreditei-me amada, e deixei-me levar pela esperança de recomeçar a minha vida, mas tudo, e até talvez eu própria, traiu meus passados desregramentos, pois você deve ter desconfiado de uma mulher tão apaixonada quanto eu o sou. Ai de mim! quem não perdoaria tanto o meu amor quanto a minha dissimulação! Sim, marquês, pareceu-me que eu tivera um sono penoso e que ao despertar encontrava-me de novo aos dezesseis anos. Não era em Alençon, onde a minha infância me apresentava as suas castas e puras recordações? Tive a louca simplicidade de crer que o amor me daria um batismo de inocência. Por um momento, pensei que ainda era virgem, já que ainda não amara. Mas ontem à noite a sua paixão me pareceu verdadeira, e uma voz gritou-me: “Por que o enganar?”. Saiba, portanto, marquês —

prosseguiu ela com voz gutural, que com altivez solicitava uma reprovação —, fique sabendo bem que não passo de uma criatura desonrada, indigna de você. Deste momento em diante, retomo o meu papel de mulher perdida, fatigada como estou de representar o de uma mulher a quem você devolveu a todas as santidades do coração. A virtude pesa-me. Eu o desprezaria se você tivesse a fraqueza de me desposar. Isto é uma tolice que um conde de Bauvan pode fazer; mas seja você digno de seu futuro, e abandone-me sem remorsos. A cortês, bem o vê, seria demasiado exigente; ela o amaria de modo inteiramente diverso do que a criança, simples e ingênua, que por um momento sentiu no coração a deliciosa esperança de poder ser sua companheira, de fazê-lo sempre feliz, de ser digna de você, de tornar-se uma nobre, uma excelente esposa, e que neste sentimento hauriu a coragem de reanimar sua natureza de vício e de infâmia, a fim de colocar entre ela e você uma eterna barreira. Sacrifico-lhe honra e fortuna. O orgulho que sinto por esse sacrifício me sustentará na minha miséria, e o destino pode dispor de minha sorte a seu bel-prazer. Jamais o entregarei. Volto a Paris. Lá, o seu nome será para mim como outro eu, e o magnífico valor que você saberá infundir-lhe consolar-me-á de todas as minhas penas. Quanto a você, é homem, esquecer-me-á... Adeus.

Precipitou-se em direção aos vales de Saint-Sulpice e desapareceu antes que o marquês se tivesse erguido para retê-la; mas ela voltou atrás, aproveitou as cavidades de uma rocha para esconder-se, levantou a cabeça, examinou o marquês com uma curiosidade misturada à dúvida e viu-o caminhar sem saber aonde ia, como um homem acabrunhado.

“Será então uma cabeça fraca?...”, perguntou a si mesma, quando ele desapareceu, e sentiu-se separada do amante. “Compreender-me-á?”

Estremeceu. Depois, subitamente, dirigiu-se sozinha para Fougères, a passos largos, como se temesse ser seguida pelo marquês até aquela cidade, onde ele teria encontrado a morte.

— E então, Francine, que lhe disse ele?... — perguntou à sua fiel bretã quando se acharam outra vez juntas.

— Ai! Maria, ele me causou piedade. Vocês, damas da nobreza, apunhalam um homem com palavras afiadas.

— Mas como estava ele quando foi ter com você?

— Será que me viu?... Ó Maria, ele a ama!

— Oh! ele me ama ou não me ama! — respondeu a jovem — duas frases que para mim significam o paraíso ou o inferno. Entre esses dois extremos, não encontro um lugar onde possa pousar o pé.

Depois de haver assim cumprido seu terrível destino, pôde Maria abandonar-se toda à sua dor, e seu rosto, até aí fortalecido por tantos sentimentos diversos, alterou-se tão rapidamente que, ao fim de um dia

durante o qual ela flutuou sem cessar entre um pressentimento de ventura e de desespero, perdeu o esplendor de sua beleza e aquela frescura cuja causa reside na ausência de toda paixão ou na embriaguez da felicidade. Curiosos de conhecer o resultado de seu louco empreendimento, Hulot e Corentin tinham ido ver Maria pouco tempo depois de sua chegada, e ela os recebeu com ar risonho.

— Pois bem — disse ao comandante, cuja fisionomia apreensiva tinha uma expressão muito interrogativa —, a raposa volta ao alcance de suas carabinas, e breve vocês obterão uma vitória muito gloriosa.

— Então, que aconteceu? — perguntou negligentemente Corentin, lançando à srta. de Verneuil um desses olhares oblíquos pelos quais essas espécies de diplomatas espionam o pensamento.

— Ah! — respondeu ela — o Gars está mais que nunca apaixonado por mim, e obriguei-o a acompanhar-nos até as portas de Fougères.

— Parece que seu poder aí cessou — disse Corentin —, e que o medo do ex-fidalgo é ainda maior que o amor que a senhorita lhe inspira.

Maria dardejou sobre Corentin um olhar de desprezo.

— Você o julga por si — replicou.

— Neste caso — atalhou ele sem se perturbar —, por que não o trouxe até nós?

— Se ele me amasse de verdade, comandante — perguntou ela a Hulot, dirigindo-lhe um olhar cheio de malícia —, o senhor ficaria com muita raiva de mim se eu o salvasse, levando-o para fora da França?

O velho soldado avançou precipitadamente para ela e tomou-lhe a mão para beijá-la, com uma espécie de entusiasmo; a seguir a fitou demoradamente e disse-lhe com ar sombrio:

— A senhorita se esquece de meus dois amigos e dos meus sessenta e três homens!

— Ah! comandante — disse ela com toda a ingenuidade da paixão —, ele não tem culpa, foi enganado por uma perversa mulher, a amante de Charette, que, penso eu, beberia o sangue dos Azuis...

— Vamos, Maria — atalhou Corentin —, não caçoe do comandante, ele ainda não está a par de suas pilhérias.

— Cale-se — retrucou a moça — e fique sabendo que o dia em que me desgostar demasiado será para você um dia sem amanhã.

— Vejo, senhorita — declarou Hulot sem rancor —, que devo preparar-me para o combate.

— Você não está em condições, meu caro coronel. Vi com ele mais de seis mil homens em Saint-James; tropas regulares, de artilharia e também oficiais ingleses. Mas que seria feito de toda essa gente sem ele? Penso, como Fouché, que sua cabeça é tudo.

— Pois bem, e nós o pegaremos? — indagou Corentin impaciente.

— Não sei — respondeu ela com despreocupação.

— Ingleses! — gritou Hulot encolerizado — não lhe faltava senão

isso para ser um completo salteador! Ah! Eu vou dar-te ingleses!... Parece, cidadão diplomata, que você se deixa periodicamente desarvorar por esta rapariga — disse Hulot a Corentin quando se encontraram a alguns passos da casa.

— É mais que natural, cidadão comandante — replicou Corentin —, que, de tudo quanto ela nos disse, você nada tenha percebido. Vocês, gente da tropa, não sabem que existem diversas maneiras de guerrear. Empregar habilmente as paixões dos homens ou das mulheres, como se fossem molas que se fizessem movimentar em proveito do Estado, pôr em seus lugares todas as rodas desta grande máquina a quem chamamos de governo e sentir prazer em aí encerrar os mais indomáveis sentimentos, como gatilhos cuja vigilância nos divertisse, não é criar e, como Deus, colocarmo-nos ao centro do universo?...

— Há de permitir-me preferir meu ofício ao seu — retrucou secamente o militar. — Destarte, faça tudo quanto quiser com suas rodas, mas eu não conheço outro superior além do ministro da Guerra; recebi minhas ordens, vou para a guerra com bravos que não discutem e atacar de frente um inimigo que você quer pegar pelas costas.

— Oh! você pode preparar-se para marchar — redarguiu Corentin. — Pelo que essa moça me deixou adivinhar, por impenetrável que ela lhe pareça, você terá de fazer escaramuças, e dentro em breve eu lhe darei o prazer de um colóquio com o chefe desses bandidos.

— Como assim? — perguntou Hulot recuando a fim de olhar melhor para aquela estranha personagem.

— A srta. de Verneuil ama o Gars — respondeu Corentin em voz surda — e talvez seja amada por ele! Um marquês, um dignitário, jovem e espirituoso, quem sabe até se não é ainda rico, quantas tentações! Seria ela muitíssimo tola se não agisse por conta própria, tentando desposá-lo em lugar de no-lo entregar! Ela procura distrair-nos. Mas li nos olhos dessa rapariga alguma incerteza. Provavelmente, os dois amantes terão um encontro, que talvez já esteja combinado. Pois bem, amanhã agarrarei o homem pelas duas orelhas. Até o presente ele era apenas inimigo da República, mas desde alguns instantes tornou-se também o meu; ora, todos quantos se atreveram a colocar-se entre mim e essa mulher morreram no cadafalso.

Acabando de pronunciar estas palavras, recaiu Corentin em reflexões que não lhe permitiram ver o profundo desgosto que se pintou no rosto do leal militar no momento em que descobriu a profundidade daquela intriga e o mecanismo das molas empregadas por Fouché. Assim, resolveu Hulot contrariar Corentin em tudo quanto não prejudicasse essencialmente os sucessos e os desejos do governo, e deixar ao inimigo da República os meios de perecer com honra, de armas na mão, antes de ser presa do carrasco de quem aquele esbirro da alta polícia confessava ser o fornecedor.

“Se o primeiro-cônsul me escutasse”, disse ele voltando as costas para Corentin, “deixaria essas raposas combaterem os aristocratas, pois são dignos uns dos outros, e empregaria os soldados em coisa muito diversa.”

Corentin fitou friamente o militar, cujo pensamento lhe iluminara a fisionomia, e então seus olhos adquiriram uma expressão sardônica, que revelou a superioridade do Maquiavel⁵⁸ subalterno.

“Deem três varas de pano azul a esses animais e ponham-lhe ao lado um pedaço de ferro”, disse com seus botões, “e eles imaginarão que em política não se deve matar os homens senão de uma forma...”

Em seguida passeou devagar durante alguns minutos, e de inopino disse a si próprio:

“Sim, chegou o momento; esta mulher será minha! Há cinco anos o círculo que tracei em torno dela se vem apertando insensivelmente; hoje a tenho, e com ela chegarei no governo tão alto quanto Fouché... Sim, se ela perder o único homem a quem amou, a dor ma entregará de corpo e alma. Agora se trata apenas de vigiar noite e dia para surpreender-lhe o segredo.”

Um momento mais tarde, um observador distinguiria o rosto pálido daquele homem através da janela de uma casa de onde poderia divisar tudo quanto entrasse na viela formada pela fileira de casas paralela a Saint-Léonard. Com a paciência do gato que espreita o camundongo, Corentin, no dia seguinte pela manhã, ainda estava atento ao menor ruído, e ocupava-se em submeter cada transeunte ao mais severo exame. O dia que começava era dia de mercado. Embora naqueles tempos calamitosos os camponeses dificilmente se aventurassem a ir à cidade, viu Corentin um homem de aspecto tenebroso, coberto por uma pele de cabra, e que levava no braço um cestinho redondo, meio amassado, e que se dirigia à casa da srta. de Verneuil, após lançar à volta de si olhares despreocupados. Desceu Corentin com a intenção de esperar o camponês à saída, mas, de súbito, percebeu que, se pudesse chegar de improviso à casa da srta. de Verneuil, talvez surpreendesse com um único olhar os segredos ocultos no cesto daquele mensageiro. A fama, aliás, lhe ensinara que era quase impossível lutar com bom êxito contra as impenetráveis respostas dos bretões e normandos.

— Galopa-caneca! — exclamou a srta. de Verneuil quando Francine introduziu o *chouan*. “Serei amada mesmo?”, disse de si para si em voz baixa.

Uma instintiva esperança difundiu as mais brilhantes cores em sua tez e a alegria em seu coração. Galopa-caneca olhou alternativamente para a dona da casa e para Francine, pousando sobre esta olhos cheios de desconfiança, mas um sinal da srta. de Verneuil tranquilizou-o.

— Minha senhora — disse o campônio —, por volta das duas horas *ele* estará em minha casa à sua espera.

A comoção não permitiu à srta. de Verneuil dar outra resposta além de uma inclinação de cabeça, mas um samoiado teria compreendido todo o seu alcance. Nesse momento os passos de Corentin ressoaram no salão. Galopa-caneca não se perturbou absolutamente quando o olhar, tanto quanto o estremecimento da srta. de Verneuil, lhe indicou um perigo, e, logo que o espia mostrou a face astuta, o *chouan* elevou a voz de maneira atordoadora.

— Ah! ah! — dizia ele a Francine — há manteiga da Bretanha e manteiga da Bretanha. Você quer *gibarry* e me dá apenas onze soldos por libra? não devia ter mandado chamar-me! Isto aqui é manteiga boa — afirmou ele descobrindo sua cesta para mostrar dois pacotinhos de manteiga preparados por Barquette. — Precisamos ser justos, minha boa senhora, vamos, ponha mais um soldo.

Sua voz cavernosa não traiu nenhuma comoção, e seus olhos verdes, sombreados por espessas sobranceiras grisalhas, sustentaram sem fraquejar o olhar perscrutador de Corentin.

— Vamos, cala-te, camarada, não vieste aqui vender manteiga, pois trataas com uma senhora que nunca regateou coisa nenhuma em sua vida. O ofício que praticas, meu velho, um destes dias fará com que fiques uma cabeça mais baixo.

E Corentin, batendo-lhe amistosamente no ombro, acrescentou:

— Não se pode ser por muito tempo homem dos *chouans* e homem dos Azuis.

Teve Galopa-caneca necessidade de toda a sua presença de espírito para devorar sua raiva e não revidar a essa acusação, que sua avareza tornava justa. Contentou-se de responder:

— O senhor quer zombar de mim...

Corentin virara as costas ao *chouan*, mas ao mesmo tempo que cumprimentava a srta. de Verneuil, cujo coração se apertou, podia facilmente examinar o bretão pelo espelho. Galopa-caneca, que não se julgou mais observado pelo espia, consultou Francine com um olhar e esta lhe indicou a porta dizendo:

— Venha comigo, meu caro, haveremos de nos arranjar bem.

Nada escapara a Corentin, nem a contração que o sorriso da srta. de Verneuil disfarçava, nem seu rubor e a alteração de seus traços, nem a inquietude do *chouan*, nem o gesto de Francine; percebera tudo. Convencido de que Galopa-caneca era um mensageiro do marquês, agarrou-o pelos compridos pelos de sua pele de cabra no momento em que ele saía, trouxe-o novamente para defronte de si e olhou-o fixamente dizendo-lhe:

— Onde mora, meu querido amigo? tenho necessidade de manteiga...

— Meu senhor — respondeu o *chouan* —, Fougères em peso sabe onde eu moro, sou quase de...

— Corentin! — exclamou a srta. de Verneuil interrompendo a resposta de Galopa-caneca — você é muito atrevido em vir a minha casa a esta hora e me surpreender assim! Mal estou vestida... Deixe esse camponês em paz, nem ele compreende suas artimanhas nem eu concebo os motivos delas. Vá embora, bom homem!

Galopa-caneca hesitou um instante em partir. A indecisão, natural ou fingida, do pobre-diabo que não sabia a quem obedecer já enganava Corentin, quando o *chouan*, a um gesto imperioso da jovem, se afastou a passos tardos. Nesse momento, a srta. de Verneuil e Corentin contemplaram-se em silêncio. Desta vez os olhos límpidos de Maria não puderam sustentar o brilho do fogo seco que o olhar daquele homem destilava. O ar resolutivo com que o espia penetrara no quarto, uma expressão fisionômica que Maria não lhe conhecia, o som opaco de sua voz fina, seu modo de andar, tudo a assustou; compreendeu que uma luta secreta principiava entre eles, e que o adversário empregava contra ela todo o poder de sua sinistra influência; mas se teve por um momento uma visão clara e total do abismo para cujo fundo se precipitava, retirou forças de seu amor a fim de reagir contra o frio glacial de seus pressentimentos.

— Corentin — prosseguiu ela com certa alegria —, espero que irá deixar que eu me vista.

— Maria... — disse ele — sim, permita-me chamá-la assim... você ainda não me conhece! Escute, um homem menos perspicaz do que eu sou já teria descoberto seu amor pelo marquês de Montauran. Por diversas vezes já lhe ofereci meu coração e minha mão. Você não me julgou digno de si, e talvez tenha razão; mas caso se julgue colocada demasiado alto, demasiado bela ou demasiado grande para mim, bem saberei fazê-la descer até mim. A minha ambição e as minhas máximas despertaram em você pouca estima por mim, e, francamente, nisto está errada. Os homens valem apenas quanto eu os estimo; quase nada. Não resta dúvida de que alcançarei uma elevada posição cujas honrarias a envaidecerão. Quem poderá amá-la melhor, quem a deixará mais soberanamente senhora da pessoa dele, se não for o homem que a ama há cinco anos? Embora me arrisque a vê-la fazer de mim uma ideia que me seja desfavorável, pois que você não concebe que por excesso de amor se possa renunciar ao ente que se idolatra, vou dar-lhe a medida do desinteresse com que a adoro. Não agite assim sua linda cabeça. Se o marquês a ama, despose-o; antes, porém, certifique-se bem de sua sinceridade. Eu ficaria desesperado por sabê-la enganada, pois prefiro sua felicidade à minha. Poderá espantá-la a minha resolução, mas não a atribua senão à prudência de um homem que não é bastante tolo para querer possuir uma mulher contra a sua vontade. Portanto, é a mim e não a você que eu acuso da inutilidade dos meus esforços. Esperei conquistá-la à força de submissão e de devotamento, porque, há muito

tempo, você o sabe, procuro torná-la feliz de acordo com os meus princípios; você, no entanto, não quis recompensar-me por coisa nenhuma.

— Suportei-o perto de mim — disse ela com desdém.

— Acrescente que se arrepende por isso.

— Depois da infame empresa em que me comprometeu ainda deverei agradecer-lhe?...

— Ao propor-lhe uma empresa que não estava isenta de censura por parte de espíritos timoratos — retrucou ele audaciosamente —, eu só tinha em vista o seu benefício. Para mim, quer me saia bem, quer me saia mal, saberei agora fazer com que qualquer resultado sirva ao bom êxito de meus intentos. Se você desposasse Montauran, eu me sentiria satisfeitíssimo em servir utilmente a causa dos Bourbon, em Paris, onde sou membro do clube de Clichy.⁵⁹ Ora, uma circunstância que me pusesse em contato com os príncipes me decidiria a abandonar os interesses de uma república que caminha para sua decadência. O general Bonaparte é demasiado hábil para deixar de sentir que lhe é impossível estar ao mesmo tempo na Alemanha, na Itália e aqui, onde a Revolução sucumbe. Ele, sem dúvida, só fez o 18 de brumário para obter dos Bourbon as maiores vantagens ao negociar com eles a França, pois é um rapaz de muito espírito e a quem não falta penetração; mas os homens políticos devem precedê-lo no caminho por que ele envereda. Trair a França é outro dos escrúpulos que nós, pessoas superiores, deixamos aos néscios. Não lhe escondo que dispus dos poderes necessários para entabular negociações com os chefes dos *chouans*, tanto quanto para os fazer aniquilar; e isto porque Fouché, meu protetor, é homem muito profundo, que sempre fez jogo duplo; durante o Terror, estava, a um só tempo, ao lado de Robespierre e ao lado de Danton...

— A quem você covardemente abandonou! — observou ela.

— Ninharias — respondeu Corentin —; ele morreu, esqueça-o. Vamos, fale-me com toda a franqueza, eu lhe dou o exemplo. Esse chefe de meia-brigada é mais ardiloso do que parece, e, se você pretendesse enganar a sua vigilância, eu não lhe seria inútil. Pense em que ele infestou o vale de *contrachouans* e não tardaria a surpreender os seus encontros! Permanecendo aqui sob suas vistas, encontra-se à mercê da polícia. Veja com que rapidez soube ele que este *chouan* estava em sua casa! A sua sagacidade militar não deverá fazê-lo compreender que os seus menores movimentos lhe indicarão os do marquês, caso este a ame?...

A srta. de Verneuil jamais ouvira uma voz tão docemente afetuosa; Corentin era todo boa-fé e parecia cheio de confiança. O coração da pobre moça recebia com tanta facilidade as impressões generosas que já ia entregar seu segredo à serpente que a enlaçava em seus anéis;

todavia, pensou que nada provava a sinceridade daquela linguagem especiosa e, por conseguinte, nenhum escrúpulo sentiu em enganar a seu guardião.

— Pois bem — respondeu —, adivinhou, Corentin. Sim, amo o marquês, porém não sou amada por ele! pelo menos assim o receio; desta forma, parece-me que a entrevista marcada por ele oculta qualquer cilada.

— Mas — replicou Corentin — você me disse ontem que ele a tinha acompanhado até Fougères... Se ele desejasse exercer violências contra a sua pessoa, você agora não estaria aqui.

— Você tem o coração empedernido, Corentin. Pode preparar sábias combinações sobre os fatos da vida humana, e não sobre os pertinentes a uma paixão. Daí talvez provenha a repugnância que me inspira. Já que é tão clarividente, procure compreender como é que um homem do qual me separei tempestuosamente anteontem hoje me espere com impaciência na estrada de Mayenne, numa casa de Florigny, ao cair da tarde...

A tal confissão, que parecia escapada a um arrebatamento muito natural àquela criatura franca e apaixonada, Corentin enrubesceu, pois ainda era jovem, mas lançou-lhe à socapa um desses olhares perscrutadores que vão procurar a alma. A ingenuidade da srta. de Verneuil era tão bem imitada que enganou o espia, e ele respondeu com factícia bonomia:

— Deseja que eu a acompanhe de longe? Levarei comigo soldados disfarçados, e estaremos prontos para obedecê-la.

— Consinto — acedeu ela —, mas prometa-me, por sua honra... Oh! não, não acredito nela!... por sua salvação, mas você não crê em Deus!... por sua alma, você talvez não a possua! Que penhor me pode dar então de sua fidelidade? E apesar disso confio em você, e deposito em suas mãos mais do que a minha vida — o meu amor ou a minha vingança!

O leve sorriso que apareceu no rosto pálido de Corentin fez a srta. de Verneuil conhecer o perigo que acabava de evitar. O esbirro, cujas narículas se contraíam ao invés de se dilatarem, segurou a mão de sua vítima, beijou-a com demonstrações do mais profundo respeito e deixou-a fazendo um cumprimento não destituído de graça.

Três horas depois desta cena, a srta. de Verneuil, que temia a volta de Corentin, saiu furtivamente pela Porte de Saint-Léonard e alcançou a pequena trilha do Nid-aux-crocs que conduzia ao vale do Nançon. Considerou-se salva ao caminhar, sem testemunhas, através do dédalo de atalhos que levavam à cabana de Galopa-caneca, aonde se dirigia alegremente, levada pela esperança de afinal encontrar a felicidade e pelo desejo de poupar o amante à sorte que o ameaçava.

Durante esse tempo, estava Corentin à procura do comandante. Encontrando-o numa pracinha onde se ocupava de diversos

preparativos militares, teve dificuldade em reconhecer Hulot. Com efeito, o bravo veterano fizera um sacrifício cujo mérito dificilmente será apreciado. O rabicho e os bigodes tinham sido cortados, e seus cabelos, submetidos ao regime eclesiástico, tinham um pouco de pó. Calçado com grossos sapatos ferrados, tendo trocado seu velho uniforme azul e sua espada por uma pele de cabra, armado com um cinto cheio de pistolas e uma pesada carabina, passava revista a duzentos habitantes de Fougères, cujos trajes poderiam ter enganado o olho do mais atento *chouan*.

O espírito belicoso dessa cidadezinha e o caráter bretão ostentavam-se naquela cena que não era nova. Aqui e ali, algumas mães, algumas irmãs, levavam aos filhos e irmãos um cantil de aguardente ou pistolas que haviam sido esquecidas. Diversos velhos indagavam o número e a qualidade dos cartuchos daqueles guardas nacionais disfarçados em *contrachouans*, cuja satisfação anunciava, mais do que uma expedição perigosa, uma caçada. Para eles, os recontros da *chouannerie*, em que os bretões das cidades se batiam contra os bretões dos campos, pareciam ter substituído os torneios de cavalaria. Esse entusiasmo patriótico talvez tivesse por princípio algumas aquisições de bens nacionais. Contudo, os benefícios da Revolução, mais bem apreciados nas cidades, o espírito partidário, certo amor nacional pela guerra, entravam também em grande parte na formação desse ardor. Hulot, maravilhado, percorria as fileiras pedindo informações a Gudin, a quem transferira todos os sentimentos de amizade outrora devotados a Merle e Gérard. Grande número de habitantes examinava os preparativos da expedição, comparando o aspecto de seus tumultuosos compatriotas com o de um batalhão da meia-brigada de Hulot. Todos imóveis e silenciosamente alinhados, os Azuis esperavam, sob a direção de seus oficiais, as ordens do comandante, a quem os olhos de cada soldado seguiam de grupo em grupo. Chegando ao pé do velho chefe de meia-brigada, Corentin não pôde deixar de sorrir à mudança operada na figura de Hulot. Tinha a aparência de um retrato que não se assemelha mais ao original.

— Então, que há de novo? — perguntou-lhe Corentin.

— Venha conosco dar tiros de fuzil e você o saberá — respondeu o comandante.

— Oh! eu não sou de Fougères — replicou Corentin.

— Isso logo se vê, cidadão — disse-lhe Gudin.

Alguns risos zombeteiros partiram de todos os grupos vizinhos.

— Julga você — prosseguiu Corentin — que não se pode servir a França senão com baionetas?...

A seguir, deu as costas aos que se riam e dirigiu-se a uma mulher para indagar do fito e do destino daquela expedição. — Ai de nós, camarada! os *chouans* já estão em Florigny! Dizem que são mais de três mil e avançam para tomar Fougères.

— Florigny! — exclamou Corentin empalidecendo. — A entrevista não é lá!... É mesmo em Florigny, na estrada de Mayenne?

— Não existem dois Florigny — respondeu-lhe a mulher mostrando-lhe o caminho terminado pelo cume da Pèlerine.

— Vocês procuram o marquês de Montauran? — perguntou Corentin ao comandante.

— Mais ou menos — respondeu Hulot com rudeza.

— Ele não está em Florigny — retrucou Corentin. — Dirija sobre esse ponto o seu batalhão e a Guarda Nacional, mas conserve alguns de seus *contrachouans* e espere por mim

— Ele é demasiado ladino para ser louco — exclamou o comandante vendo Corentin afastar-se a largos passos. — É, de fato, o rei dos espíões!

Nesse momento, Hulot deu a ordem de partida a seu batalhão. Os soldados republicanos marcharam sem tambor e silenciosamente ao longo do estreito subúrbio que leva à estrada de Mayenne, desenhando uma comprida linha azul e vermelha através das árvores e das casas; os guardas nacionais, disfarçados, seguiam-nos. Hulot, porém, ficou na pequenina praça, em companhia de Gudin e de duas dezenas dos mais destros rapazes da cidade, esperando Corentin, cujo ar misterioso lhe espicaçara a curiosidade.

A própria Francine informou a partida da srta. de Verneuil àquele espia sagaz, cujas desconfianças se transformaram todas em certeza, e que saiu imediatamente a fim de recolher indicações sobre uma fuga justamente suspeita. Instruído, pelos soldados de guarda ao posto de Saint-Léonard, da passagem da bela desconhecida através do Nid-aux-crocs, correu Corentin em direção ao Passeio, e lá chegou infelizmente muito a propósito para dali distinguir os menores movimentos de Maria. Embora ela tivesse posto um vestido e um manto de capuz verde, para ser vista com menos facilidade, os sobressaltos de sua marcha quase alucinada faziam reconhecer através das sebes despojadas de folhas e brancas de geadas o ponto para onde seus passos se dirigiam.

— Ah! — exclamou ele — deves ir a Florigny e descer para o vale de Gibarry!... Não passo de um tolo; ela me enganou. Mas, paciência, estarei preparado para o que der e vier.

Adivinhando então Corentin o local aproximado da entrevista dos dois amantes, ocorreu à praça no momento em que Hulot ia deixá-la para reunir-se às suas tropas.

— Alto, meu general! — gritou ele ao comandante que se voltava.

Num instante, Corentin pôs o soldado ciente dos acontecimentos cuja trama, embora oculta, deixava ver alguns de seus fios; e Hulot, impressionado pela perspicácia do diplomata, agarrou-lhe vivamente o braço:

— Com mil raios! cidadão curioso, tem razão. Os bandidos dão lá ao

longe um falso ataque! As duas colunas móveis que enviei para inspecionarem os arredores, entre a estrada de Antrain e a de Vitré, ainda não voltaram; assim, encontraremos no campo reforços que, sem dúvida, não nos serão inúteis, pois o Gars não é tão ingênuo que se arrisque sem ter consigo as suas malditas corujas. Gudin — disse ele ao jovem de Fougères —, corre a avisar o capitão Lebrun que pode passar sem mim em Florigny para surrar os facínoras e volta o mais depressa que pudes. Conheces os atalhos; espero por ti para ir à caça do ex-nobre e vingar os assassinios da Vivetière. Irra! como corre! — prosseguiu, vendo partir Gudin, que desapareceu como por encanto. — Gérard teria gostado deste rapaz!

De regresso, encontrou Gudin a modesta tropa de Hulot acrescida de alguns soldados tirados dos diferentes postos da cidade. Disse-lhe o comandante que escolhesse uma dúzia de seus conterrâneos mais práticos no difícil ofício de *contrachouan* e ordenou-lhe que se dirigisse pela Porte de Saint-Léonard, a fim de perlongar a vertente das montanhas de Saint-Sulpice que dá para o grande vale do Couësnon e na qual estava situada a cabana de Galopa-caneca. A seguir, colocou-se pessoalmente à frente do resto da tropa e saiu pela Porte de Saint-Sulpice para atingir a montanha em seu cimo, onde, segundo seus cálculos, deveria encontrar a gente de Pé-bonito, que pretendia empregar como reforço de um cordão de sentinelas encarregadas de guardar os rochedos desde o arrabalde de Saint-Sulpice até o Nid-aux-crocs.

Certo de haver entregue o destino do chefe dos *chouans* entre as mãos de seus mais implacáveis inimigos, Corentin foi ter rapidamente ao Passeio para melhor abarcar o conjunto das disposições militares de Hulot. Não tardou a ver a pequena patrulha de Gudin desembocando pelo vale do Nançon e seguindo os rochedos do lado do grande vale do Couësnon, enquanto Hulot, passando diante do castelo de Fougères, subia a perigosa vereda que conduzia aos píncaros das montanhas de Saint-Sulpice. Deste modo, as duas tropas estendiam-se em duas linhas paralelas. Todas as árvores e moitas, decoradas pela geada de ricos arabescos, lançavam sobre o campo um reflexo esbranquiçado que permitia ver bem, como linhas cinzentas, aqueles dois modestos corpos de exército em movimento.

Chegando ao planalto dos rochedos, Hulot destacou de sua tropa todos os soldados que estavam de uniforme, e Corentin os viu estabelecendo, por ordem do hábil comandante, uma linha de sentinelas ambulantes separadas umas das outras por um espaço conveniente, a primeira da qual deveria ter contato com Gudin e a última com Hulot, de maneira que nenhuma das moitas deveria escapar às baionetas daquelas três linhas movediças que iam dar uma batida em busca do Gars através das montanhas e dos campos.

— É finório, este velho lobo de guarida! — exclamou Corentin perdendo de vista as últimas pontas de carabinas entre os tojos — o Gars está frito. Se Maria tivesse entregue este maldito marquês, nós, ela e eu, estaríamos unidos pelo mais forte dos vínculos — uma infâmia... Mas ela será minha mesmo!...

Conduzidos pelo alferes Gudin, os doze rapazes de Fougères em breve alcançaram a vertente formada pelos rochedos de Saint-Sulpice ao descerem em pequenas colinas para o vale de Gibarry. Gudin abandonou os caminhos, saltou lépido por cima do tapume do primeiro campo de giestas que encontrou, e onde foi seguido por seis de seus compatriotas; os seis outros, de acordo com suas ordens, dirigiram-se para os campos da direita, a fim de efetuarem pesquisas de cada lado das estradas. Gudin precipitou-se vivamente para uma macieira que se achava no meio das giestas. Ao leve rumor produzido pela marcha dos seis *contrachouans* que ele conduzia através daquela floresta de giestas, esforçando-se por não agitarem as copas cobertas de geada, a esse ruído, dizíamos, sete ou oito homens, à frente dos quais estava Pé-bonito, esconderam-se por trás de alguns castanheiros que coroavam a sebe desse campo. Malgrado o reflexo branco que iluminava a campina, e apesar de sua vista exercitada, os naturais de Fougères não distinguiram a princípio os *contrachouans*, que haviam feito para si uma trincheira de árvores.

— Psiu! aí estão eles — disse Pé-bonito, o primeiro que ergueu a cabeça. — Os bandidos adiantaram-se a nós, mas já os temos junto às nossas espingardas, não os deixemos escapar, pois, com a breca!, não prestaríamos nem para soldados do papa!

Os olhos penetrantes de Gudin, porém, tinham afinal descoberto alguns canos de carabina dirigidos para a pequena patrulha. Nesse momento, por uma amarga irrisão, oito vozes grossas gritaram: “Quem vem lá?” e oito tiros partiram imediatamente. As balas assobiaram em volta dos *contrachouans*. Um deles recebeu uma no braço, e outro tombou. Os cinco que restaram são e salvos ripostaram com uma descarga, declarando: “Amigos!”. Depois, marcharam rapidamente sobre os supostos inimigos, a fim de os alcançar antes que houvessem carregado de novo suas armas.

— Não sabíamos que estávamos falando tão bem! — exclamou o jovem alferes, reconhecendo os uniformes e os chapéus velhos de sua meia-brigada. — Agimos como verdadeiros bretões, batemo-nos antes de nos explicarmos.

Os oito soldados ficaram estupefatos ao reconhecerem Gudin.

— Irra, meu oficial, qual o demônio que não os tomaria por bandidos, debaixo de suas peles de cabras!? — exclamou Pé-bonito dolorosamente.

— Foi uma infelicidade, e todos nós estamos inocentes, desde que você não nos preveniu da saída dos nossos *contrachouans*. Mas que estão vocês a fazer? — perguntou-lhe Gudin.

— Estamos à procura de uma dúzia de *chouans* que se divertem em

nos esfalfar, meu oficial. Corremos como ratos envenenados, mas à força de saltar esses tapumes e essas sebes, raios as partam, nossos compassos se enferrujaram e estamos descansando. Creio que os bandidos devem achar-se agora nos arredores daquela barraca de onde se vê sair uma fumaça.

— Bem! — exclamou Gudin. — Vocês — disse ele aos oito soldados e a Pé-bonito — vão concentrar-se nos rochedos de Saint-Sulpice, através dos campos, e apoiem a linha de sentinelas que o comandante ali postou. Não devem permanecer conosco, já que estão de uniforme. Queremos, mil cartuchos!, liquidar aqueles cães, o Gars está com eles! Os camaradas lhes dirão mais do que eu. Partam pela direita e não mimoseiem com tiros de carabina seis de nossos peles de cabra que poderão encontrar. Será possível reconhecer nossos *contrachouans* pelas suas gravatas, que são enroladas como uma corda sem nó.

Deixou Gudin seus dois feridos sob a macieira, ao dirigir-se para a casa de Galopa-caneca, que Pé-bonito acabava de indicar-lhe, e cuja fumaça lhe servia de bússola. Enquanto o jovem oficial se pusera na pista dos *chouans*, por um encontro muito comum naquela guerra, mas que teria podido tornar-se mais funesto, o pequeno destacamento comandado por Hulot atingira, na linha de operações, um ponto paralelo àquele em que Gudin chegara à sua. O velho militar, à frente de seus *contrachouans*, esgueirava-se silenciosamente ao longo das sebes com todo o ardor de um rapaz; pulava os tapumes ainda bastante lépido, lançando olhares fulvos sobre todas as eminências e, como um caçador, apurando o ouvido ao menor rumor. No terceiro campo onde penetrou, viu uma mulher de seus trinta anos, ocupada em amansar a terra com uma enxada, e que, inteiramente curvada, trabalhava com coragem, enquanto um meninozinho, de sete a oito anos de idade, aproximadamente, armado de um podão, sacudia a geada de alguns tojos que haviam brotado aqui e ali, cortava-os e colocava-os em montes. Ao ruído feito por Hulot, ao cair pesadamente do outro lado do tapume, o pequerrucho e sua mãe levantaram a cabeça. Hulot, facilmente, tomou aquela mulher ainda jovem por uma velha. Rugas vindas antes do tempo encarquilhavam a testa e a pele do pescoço da bretã; estava tão grotescamente vestida com uma pele de cabra usada que, sem um vestido de fazenda amarela e suja, marca distintiva de seu sexo, não teria sabido Hulot a que sexo pertencia a camponesa, pois as longas madeixas de seus cabelos pretos estavam escondidas por baixo de um gorro de lã vermelha. Os andrajos que mal cobriam o garotinho deixavam a pele à mostra.

— Olá, minha velha — disse Hulot ao aproximar-se daquela mulher —, onde está o Gars?

Nesse momento os vinte *contrachouans* que seguiam Hulot atravessaram os limites do campo.

— Ah! para ir a Gars é preciso voltar para donde veio — respondeu a mulher após lançar à tropa um olhar desconfiado.

— Então eu lhe pergunto o caminho do bairro de Gars, em Fougères, carcaça velha?

— Não entendo o que quer dizer — replicou a mulher curvando-se para retomar seu trabalho.

— Queres mesmo fazer-nos engolir pelos Azuis que nos perseguem, sujeita de uma figa? — bradou Hulot.

A tais palavras, a mulher ergueu outra vez a cabeça e lançou novo olhar desconfiado aos *contrachouans*, respondendo:

— Como é que os Azuis podem estar no seu encalço? Acabo de ver passarem sete ou oito que se dirigem para Fougères pelo caminho lá de baixo.

— Não parece que ela vai morder-nos com o nariz? — replicou o oficial. — Ora, vê, cabra velha?

E o comandante lhe mostrou com o dedo, a uns cinquenta passos à retaguarda, três ou quatro de suas sentinelas, cujos chapéus, uniformes e espingardas eram fáceis de reconhecer.

— Queres deixar degolarem aqueles que Pé-de-poeira envia em socorro do Gars, e que a gente de Fougères deseja aprisionar? — prosseguiu ele encolerizado.

— Ah! desculpe — respondeu a mulher —, mas é tão fácil o engano! De que paróquia é o senhor? — indagou ela.

— De Saint-Georges, e estamos morrendo de fome — declararam dois ou três habitantes de Fougères, em baixo bretão.

— Pois bem, olhem, estão vendo aquela fumaça lá ao longe? é a minha casa. Seguindo pelos atalhos da direita, chegarão ali pela parte alta. Em caminho talvez encontrem o meu homem. Galopa-caneca deve estar de atalaia para avisar o Gars, pois vocês devem saber que ele irá hoje à nossa casa — acrescentou ela com orgulho.

— Obrigado, amiga — respondeu Hulot. — E vocês aí, avante, maldição do inferno! — aduziu, falando a seus homens — nós o agarramos!

A essas palavras o destacamento seguiu em passo de marcha o comandante, que barafustou pelas trilhas indicadas. Ouvindo a praga nada católica do *pseudochouan*, a mulher de Galopa-caneca empalideceu. Olhou para as polainas e as peles de cabra dos jovens de Fougères, sentou-se por terra, apertou o filho nos braços e murmurou:

— Que a Santa Virgem de Auray e o bem-aventurado são Labre tenham piedade de nós! Não creio que seja dos nossos, os sapatos deles não têm pregos... Corre pelo caminho de baixo para prevenir a teu pai; sua cabeça está em risco! — disse ela ao menino, que desapareceu como um gamo através das giestas e dos tojos.

Nesse meio-tempo a srta. de Verneuil não encontrara em seu

caminho nenhum dos partidos, Azuis ou *chouans*, que se perseguiram uns aos outros no labirinto de campos situados em torno da cabana de Galopa-caneca. Avistando uma coluna azulada elevando-se do cano meio destruído da chaminé daquela triste habitação, seu coração sentiu uma dessas violentas palpitações cujos golpes precipitados e sonoros parecem subir pelo pescoço aos borbotões. Ela deteve-se, apoiou a mão a um galho de árvore e contemplou essa fumaça que devia servir de farol tanto aos amigos quanto aos inimigos do jovem chefe. Jamais sentira comoção tão esmagadora.

“Ah! amo-o demais!” disse consigo mesma, numa espécie de desespero, “hoje talvez não seja mais senhora de mim...”

De súbito atravessou o espaço que a separava da choupana e encontrou-se no pátio, cuja lama endurecera com a geada. O grande cão atirou-se outra vez contra ela, a ladrar, mas apenas com uma palavra pronunciada por Galopa-caneca abanou a cauda e calou-se.

Entrando no tugúrio, a srta. de Verneuil lançou um desses olhares que abrangem tudo. O marquês não estava lá. Maria respirou mais livremente. Com prazer, reconheceu que o *chouan* se esforçara em pôr algum asseio no único e sujo quarto de seu covil. Galopa-caneca agarrou a sua carabina de caça, cumprimentou silenciosamente sua hóspede e saiu com seu cão. Ela o seguiu até a soleira e viu-o tomar pela senda que começava à direita da cabana, e cuja entrada era defendida por uma grossa árvore apodrecida que aí formava um tapume quase arruinado.

Dali pôde ela distinguir uma série de campos cujos tapumes apresentavam à vista como que uma sucessão de portas, pois que a nudez das árvores e das sebes permitia ver bem os menores acidentes da paisagem.

Quando o vasto chapéu de Galopa-caneca desapareceu de todo, a srta. de Verneuil virou-se para a esquerda, a fim de ver a igreja de Fougères, mas o barracão a ocultava totalmente. Dirigiu, então, os olhos para o vale do Couësson, que se oferecia a seus olhares como um vasto lençol de musselina cuja brancura tornava ainda mais baço um céu cinzento e carregado de neve. Era um desses dias em que a natureza parece muda e em que os rumores são absorvidos pela atmosfera. Assim, embora os Azuis e seus *contrachouans* marchassem pelos campos em três linhas, formando um triângulo que iam estreitando ao se aproximarem da choça, o silêncio era tão profundo que a srta. de Verneuil se sentiu conturbada pelas circunstâncias, que adicionavam à sua angústia certa tristeza física. No ar pairava a desgraça. Enfim, no local em que uma pequena moita terminava a série de tapumes, viu ela um rapaz saltando as barreiras como um esquilo e correndo com espantosa rapidez.

“É ele!”, disse de si consigo.

Vestido simplesmente como um *chouan*, o Gars trazia seu

bacamarte a tiracolo sobre uma pele de cabra e, sem a graça de seus movimentos, seria irreconhecível. Maria retirou-se precipitadamente para o interior da cabana, obedecendo a uma dessas determinações instintivas tão pouco explicáveis quanto o medo; em breve, porém, o jovem se achava a dois passos dela, diante da lareira onde brilhava um fogo claro e crepitante. Os dois ficaram sem voz, tiveram receio de se fitar ou fazer um movimento. A mesma esperança unia-lhes os pensamentos, a mesma dúvida os separava; era uma angústia e uma volúpia.

— Senhor — disse afinal a srta. de Verneuil com voz embargada —, só a preocupação por sua segurança me trouxe aqui.

— Minha segurança? — perguntou ele com acrimônia.

— Sim — respondeu a moça —, enquanto eu permanecer em Fougères a sua vida está comprometida, e eu o amo em demasia para deixar de partir esta noite; portanto, não me procure mais lá.

— Partir, anjo amado!... Eu a seguirei...

— Seguir-me! pensa nisso?... e os Azuis?

— Ora, minha querida Maria, que existe de comum entre os Azuis e o nosso amor?

— Parece-me, no entanto, que lhe será difícil ficar em França, junto a mim, e mais difícil ainda sair do país em minha companhia.

— Existe então alguma coisa impossível para quem sabe amar?

— Ah! sim, creio que tudo é possível... Não tive a coragem de renunciar a você, por sua causa?!

— Mas como! você se entregou a uma criatura execranda, a quem não amava, e não quer fazer a felicidade de um homem que a adora, cuja vida você iria encher de delícias, e que jura nunca pertencer a outrem?... Maria, escute-me, não me ama?

— Amo-o, sim — afirmou ela.

— Pois então seja minha!

— Já esqueceu que eu retomei o papel infame de uma cortesã, e que você é quem tem de ser meu? Se quero fugir-lhe é para não deixar recair sobre sua cabeça o desprezo em que eu poderia incorrer; sem esse temor talvez...

— Mas se eu nada receio?

— E quem me garantirá? Sou desconfiada. Na minha situação, quem não o seria?... Se o amor que inspiramos não dura, pelo menos deve ser completo e fazer-nos suportar com alegria a injustiça do mundo. Que fez você por mim?... Você me deseja. Julga que por isto se elevou muito acima dos outros que me viram até o presente? Arriscou, por uma hora de prazer, os seus *chouans*, preocupando-se tão pouco quanto eu me inquietava pelos Azuis exterminados quando tudo estava perdido para mim? E se eu lhe ordenasse renunciar a todas as suas ideias, às suas esperanças, a seu rei, que me irrita, e que talvez

escarneça de você quando morrer por ele, ao passo que eu saberia morrer por você com um respeito sagrado? Afinal, se eu quisesse que você enviasse sua submissão ao primeiro-cônsul para poder acompanhar-me a Paris?... Se eu exigisse que fôssemos para a América, lá viver longe de um mundo em que tudo é vaidade, a fim de saber se de fato me ama por mim mesma, tal como neste instante eu o amo? Numa palavra, se eu quisesse, em lugar de me elevar até você, que você se rebaixasse até mim, que faria?

— Cale-se, Maria, não se calunie. Adivinhei seus pensamentos, pobre criança! Vá, se meu primeiro desejo se tornou paixão, minha paixão é agora amor. Alma de minh'alma adorada, sei que você é tão nobre quanto o seu nome, tão grande quanto bela; sou bastante nobre e sinto-me bastante grande para impô-la ao mundo. Será porque pressinto em você volúpias inauditas e incessantes? Será porque julgo encontrar em sua alma esses preciosos atributos que nos fazem amar para sempre a mesma mulher? ignoro-lhe a causa, mas o meu amor não tem limites, e parece-me que não mais poderei passar sem você. Sim, minha vida seria só desgostos se você não estivesse perto de mim...

— Perto de você, como?

— Ó Maria, então não quer adivinhar o seu Afonso?

— Ah! pensa lisonjear-me muito oferecendo-me o seu nome, a sua mão? — indagou ela com um aparente desdém, mas olhando fixamente para o marquês a fim de surpreender seus mínimos pensamentos. — E sabe se dentro de seis meses ainda me amará, e então qual seria o meu futuro?... Não, não, a amante é a única mulher que pode ter certeza da sinceridade dos sentimentos que um homem lhe testemunha, pois o dever, as leis, a sociedade, o interesse dos filhos não constituem os seus tristes auxiliares, e, se o seu poder é durável, nele encontra prazeres e uma felicidade que fazem aceitar as maiores tristezas do mundo. Ser sua esposa e arriscar um dia lhe ser pesada!... A tal receio prefiro um amor passageiro, mas sincero, ainda que a miséria e a morte sejam o seu fim. De fato, melhor do que qualquer outra, poderia eu ser uma virtuosa mãe, uma esposa dedicada, mas para entreter tais sentimentos na alma de uma mulher não é necessário que um homem a despose num acesso de paixão. Aliás, saberei eu própria se amanhã você me agradará? Não, não quero fazer a sua desgraça, deixo a Bretanha — declarou ela percebendo uma hesitação em seu olhar —, volto a Paris, e você não irá procurar-me lá...

— Pois bem, depois de amanhã, se logo cedo tu vires fumaça sobre os rochedos de Saint-Sulpice, é que à noite estarei em tua casa, amante, marido, o que quiseses que eu seja. Terei desafiado tudo!

— Mas, Afonso, é verdade que me amas tanto assim — disse ela com ebriedade —, que arrisques tua vida antes de me dar?

Ele não respondeu; fitou-a, e ela abaixou os olhos, mas ele soube ler

no rosto ardente da amante um delírio igual ao seu, e então lhe estendeu os braços. Sentiu-se Maria arrastada por uma espécie de loucura e foi cair suavemente sobre o peito do marquês, resolvida a abandonar-se a ele para fazer dessa falta a maior das felicidades, arriscando nisso todo o seu porvir, que tornaria mais seguro se saísse vitoriosa dessa última prova. Mal, porém, deitara a cabeça no ombro do amado, um ligeiro ruído se fez ouvir fora. Desvencilhou-se de seus braços como se tivesse acordado e precipitou-se para o exterior da cabana. Pôde então recuperar um pouco o sangue-frio e pensar em sua situação.

“Ele me teria aceito e talvez zombasse de mim”, disse ela de si para si. “Ah! se pudesse acreditar nele, eu o mataria. Ah! mas por enquanto ainda não”, prosseguiu ela deparando com Pé-bonito, a quem fez um sinal que o soldado compreendeu às maravilhas.

O pobre rapaz deu rapidamente meia-volta, fingindo nada ter visto. De repente, a srta. de Verneuil tornou a entrar no quarto, e pela maneira por que apertou os lábios com o índice da mão direita convidou o jovem chefe a conservar o mais profundo silêncio.

— Eles aí estão! — anunciou ela com terror, em voz surda.

— Quem?

— Os Azuis.

— Ah! não morrerei sem ter...

— Sim, tome...

Ele a agarrou, fria e sem defesa, e colheu em seus lábios um beijo cheio de horror e de prazer, porque poderia ser ao mesmo tempo o primeiro e o último. A seguir chegaram até a soleira da porta, metendo a cabeça de forma que, sem serem vistos, pudessem examinar tudo. O marquês distinguiu Gudin à frente de uma dúzia de homens que guardavam a parte inferior do vale do Couësnon. Voltou-se para a série de estacadas; o grosso tronco de árvore estava guardado por sete soldados. Trepou sobre o barril de cidra, arrebentou o teto de ripas a fim de pular para o cômodo, mas retirou precipitadamente a cabeça do buraco que acabara de fazer: Hulot dominava aquela elevação e cortava-lhe o caminho de Fougères. Nesse momento olhou a amante, que soltou um grito de desespero: ela ouvia o tropel dos três destacamentos reunidos em torno da casa.

— Saia em primeiro lugar — disse-lhe ele —, você me resguardará.

Ouvindo estas palavras, para ela sublimes, Maria muito satisfeita colocou-se defronte à porta enquanto o marquês armava seu bacamarte. Depois de medir a distância que existia entre a soleira da cabana e o grande tronco de árvore, o Gars se atirou ao encontro dos sete Azuis, crivou-os de balas e abriu para si uma passagem através do grupo. As três tropas se precipitaram à volta da estacada que o chefe saltara, e viram-no então correndo pelo campo com incrível celeridade.

— Fogo, fogo, que diabo! Vocês não são franceses! Vamos, fogo, paspalhões! — gritou Hulot com voz tonitruante.

No momento em que pronunciava tais palavras do alto da eminência, seus homens e os de Gudín fizeram uma descarga geral, que felizmente foi mal dirigida. O fidalgo já chegava ao tapume que delimitava o primeiro campo, mas, na ocasião em que passava para o segundo, escapou de ser atingido por Gudín, que com impetuosidade se lançara em perseguição. Ouvindo a poucas toesas esse temível adversário, o Gars redobrou de velocidade. Contudo, Gudín e o marquês chegaram ao tapume quase ao mesmo tempo, mas Montauran atirou com tanta destreza seu bacamarte à cabeça de Gudín que o atingiu e lhe retardou a marcha.

Impossível descrever a ansiedade de Maria e o interesse por esse espetáculo manifestado por Hulot e a sua tropa. Insensivelmente, repetiram todos, em silêncio, os gestos dos dois corredores. O Gars e Gudín chegaram juntos à cortina vegetal, branca de geada, formada pelo bosquezinho, mas de repente o oficial recuou e desapareceu por trás de uma macieira. Uns vintes *chouans*, que não haviam atirado com receio de matar seu chefe, mostraram-se então e crivaram a árvore de balas. A pequenina tropa de Hulot precipitou-se toda em passo estugado a fim de salvar Gudín, que, achando-se sem armas, voltava de macieira em macieira, escolhendo, para correr, o momento em que os Caçadores do Rei carregavam novamente as armas. Pouco durou o seu perigo. Os *contrachouans* misturados aos Azuis, com Hulot à testa, foram em socorro do jovem oficial no lugar em que o marquês arremessara seu bacamarte. Nesse instante, Gudín avistou o adversário, esgotado, sentado numa das árvores do pequeno bosque. Deixou seus camaradas trocando tiros com os *chouans* entrincheirados por trás de uma sebe lateral do campo, contornou-os e dirigiu-se para o marquês com a vivacidade de um animal feroz. Vendo essa manobra, os Caçadores do Rei soltaram gritos terríveis para avisar o chefe; em seguida, após dispararem sobre os *contrachouans* com a felicidade dos caçadores clandestinos, procuraram fazer-lhes frente, mas os outros subiram corajosamente pela sebe que servia de trincheira a seus inimigos e aí obtiveram um sangrento desforço. Os *chouans* tomaram então o caminho que perlongava o campo em cujas raias ocorrera esta cena e apoderaram-se das alturas que Hulot cometera a falta de abandonar. Antes que os Azuis tivessem tempo de se reconhecerem, os *chouans* se haviam abrigado por trás das recortadas arestas daqueles rochedos, sob cuja proteção lhes seria possível, sem perigo, atirar sobre os homens de Hulot se estes demonstrassem querer combatê-los nesse ponto.

Enquanto Hulot, seguido de alguns soldados, se dirigia lentamente ao pequeno bosque, a fim de lá procurar Gudín, o pessoal de Fougères

permaneceu para despojar os *chouans* mortos e exterminar os vivos. Nessa guerra pavorosa, nenhum dos dois partidos fazia prisioneiros. Estando o marquês a salvo, os *chouans* e os Azuis reconheceram mutuamente a força de suas posições e a inutilidade da luta, de forma que cada qual só pensou em se retirar.

— Se eu perco esse rapaz — exclamou Hulot perscrutando o bosque com atenção —, não quero mais fazer amigos!

— Ah! ah! — disse um dos jovens de Fougères, ocupado em espoliar os cadáveres — aqui está um pássaro de penas amarelas...

E mostrava a seus conterrâneos uma bolsa cheia de moedas de ouro que acabava de achar no bolso de um homem gordo, vestido de preto.

— Mas aqui o que há? — perguntou outro que tirou um breviário da sobrecasaca de um defunto. — É pão consagrado, é um padre! — exclamou jogando ao solo o breviário.

— Que ladrão! leva-nos à bancarrota! — comentou um terceiro encontrando apenas dois escudos de seis francos nas algibeiras de um *chouan* a que despia.

— Sim, mas tem um ótimo par de sapatos — respondeu um soldado que achou de seu dever tomá-los para si.

— Tu os terás se caírem no teu quinhão — replicou-lhe um dos de Fougères, arrancando-os dos pés do morto e arremessando-os ao monte de objetos já acumulados.

Um quarto *contrachouan* recebia o dinheiro a fim de fazer as partilhas quando todos os soldados da expedição estivessem reunidos. Ao voltar Hulot com o jovem oficial, cuja derradeira tentativa de alcançar o Gars fora tão perigosa quanto inútil, encontrou cerca de vinte dos seus soldados e uns trinta *contrachouans* diante de onze inimigos mortos, cujos corpos tinham sido jogados numa vala aberta ao pé da sebe.

— Soldados — bradou Hulot em voz severa —, proíbo-os de partilharem estes farrapos. Formem filas, e o mais depressa possível!

— Comandante — disse um dos soldados mostrando a Hulot os sapatos em cujas pontas se viam nus os cinco dedos dos pés —, isso está muito bem em relação ao dinheiro, mas este calçado — acrescentou, indicando com a coronha da espingarda o par de sapatos ferrados —, este calçado, meu comandante, me serviria como uma luva.

— Queres em teus pés sapatos ingleses! — replicou Hulot.

— Como! — disse respeitosamente um dos habitantes de Fougères — desde o começo da guerra sempre dividimos os espólios...

— Eu não impeço a vocês de seguirem seus hábitos — retrucou Hulot com aspereza, interrompendo-o.

— Olhe, Gudín, ali está uma bolsa que não contém poucos luíses; você teve trabalho e seu chefe não se oporá a que você a apanhe — disse ao oficial um de seus antigos camaradas.

O comandante olhou de soslaio para Gudín e viu-o empalidecer.

— É a bolsa de meu tio! — exclamou o rapaz.

Embora esgotado de fadiga como se achava, deu alguns passos em direção à pilha de cadáveres, e o primeiro corpo que se ofereceu a seus olhares foi precisamente o do tio, mas apenas lhe viu o rosto rubicundo sulcado de estrias azuladas, com os braços rijos e a ferida feita pelo tiro, soltou um grito abafado e exclamou:

— Marchemos, comandante!

A tropa de Azuis se pôs a caminho. Hulot sustentava seu jovem amigo, dando-lhe o braço.

— Com mil raios! isto não há de ser nada — dizia-lhe o velho soldado.

— Mas ele está morto! — respondeu Gudín — morto! Era o meu único parente e, apesar de suas maldições, amava-me. Se o rei voltasse, toda a gente quereria minha cabeça e o velhote me esconderia debaixo de sua batina.

— Como ele é bobo! — comentavam os guardas nacionais que ficaram a partilhar os despojos — o sujeito era rico, e assim não teve tempo de fazer testamento para deserdá-lo.

Feita a divisão, os *contrachouans* reuniram-se ao pequeno batalhão de Azuis e seguiram-no de longe.

IX

Ao cair a noite, uma horrível inquietação invadiu a cabana de Galopacaneca, onde até então a vida fora tão ingenuamente despreocupada. Barbette e seu pimpolho, carregando ambos às costas uma a sua pesada carga de tojos, o outro uma provisão de ervas para os animais, voltaram à hora em que a família tomava a refeição da tarde. Entrando no casebre, mãe e filho procuraram em vão Galopacaneca; e jamais aquele mísero quarto lhes pareceu tão grande, tal o vazio do ambiente. A lareira sem fogo, a escuridão, o silêncio, tudo lhes predizia qualquer desgraça. Quando chegou a noite, Barbette se pôs a acender um fogo forte e dois *oribus*, nome dado às velas de resina nas terras compreendidas entre as praias da Armórica e o alto Loire, e ainda empregado para cá de Amboise, nos campos de Vendômois. Nesses preparativos empregava Barbette a lentidão que afeta as ações quando um profundo sentimento as domina; ficava à escuta do mínimo ruído, mas, enganada amiúde pelo silvo das rajadas de vento, ia até a porta de sua miserável choça e dali voltava cheia de tristeza. Limpou dois pichéis, encheu-os de sidra e colocou-os sobre a longa mesa de nogueira. Por diversas vezes olhou para o filho, que vigiava as broas de milho a cozer, mas sem poder falar-lhe. Por um instante os olhos do garotinho se detiveram nos dois pregos que serviam para pendurar a

espingarda de caça de seu pai, e Barbette estremeceu ao ver, com ele, vazio aquele lugar. O silêncio só era interrompido pelos mugidos das vacas ou pelas gotas de sidra que tombavam periodicamente do batoque do tonel. A pobre mulher suspirou enquanto preparava em três gamelas de barro escuro uma espécie de sopa composta de leite, de broa cortada em pedacinhos e de castanhas cozidas.

— Eles lutaram no terreno que depende da Béraudière — disse o petiz.

— Então vai até lá para ver — respondeu a mãe.

O menino correu, reconheceu ao luar o monte de cadáveres, não encontrou aí o pai e voltou satisfeitíssimo, assobiando; apanhara diversas moedas de cem soldos, pisadas pelos vencedores e esquecidas na lama. Achou a mãe sentada num escabelo, ocupada a fiar cânhamo ao pé do fogo. Fez um gesto negativo a Barbette, que não ousou acreditar em algo de bom, e depois, tendo dado dez horas em Saint-Léonard, a criança se deitou, após engrolar uma oração a Santa Virgem de Auray. De dia, Barbette, que não dormira, soltou um grito de alegria ao ouvir ressoar ao longe um barulho de grossos sapatos ferrados, que reconheceu, e Galopa-caneca não tardou a mostrar o semblante carrancudo.

— Graças a são Labre, a quem prometi um belo círio, o Gars está salvo! Não se esqueça de que agora devemos três círios ao santo.

Em seguida Galopa-caneca apanhou um pichel e tomou-o de um trago, sem retomar fôlego. Depois que a mulher o serviu de sopa, o desembaraçou da carabina de caça e ele se sentou no banco de nogueira, assim falou, aproximando-se do fogo:

— Como seria que os Azuis e os *contrachouans* vieram até aqui? Lutava-se em Florigny. Quem, diabo, poderá ter dito que o Gars se encontrava em nossa casa? pois somente ele, a sua linda amásia e nós é que sabíamos...

A mulher empalideceu.

— Os *contrachouans* convenceram-me de que eram gente de Saint-Georges — respondeu ela a tremer —, e fui eu quem disse a eles onde estava o Gars.

Galopa-caneca empalideceu por sua vez, e deixou a gamela à beira da mesa.

— Eu te enviei o nosso pequeno pra te prevenir — prosseguiu Barbette apavorada — e ele não te encontrou.

O *chouan* levantou-se e bateu na mulher com tamanha violência que ela foi cair, meio morta, em cima do leito.

— Maldita rameira, tu me mataste! — disse ele.

Assustado, porém, tomou a mulher nos braços:

— Barbette! — exclamou — Barbette!... Virgem Santa! tive a mão pesada demais!

— Pensas — indagou ela reabrindo os olhos — que Pé-de-poeira venha a saber?

— O Gars — respondeu o *chouan* — disse que se informassem de onde partia a traição.

— Disse isto a Pé-de-poeira?

— Furta-pão e Pé-de-poeira estavam em Florigny.

Barbette respirou mais desafogadamente.

— Se te tocam num só cabelo da cabeça — declarou a coitada — eu os faço comerem fogo.

— Ah! não tenho mais fome! — lamentou-se Galopa-caneca tristemente.

A mulher empurrou outro pichel cheio para defronte dele, que nem ao menos lhe prestou atenção. Duas grossas lágrimas sulcaram então as faces de Barbette e umedeceram as rugas de seu rosto emurchecido.

— Escuta, minha mulher, amanhã cedo será preciso apanhar gravetos no *dret* de Saint-Léonard, sob os rochedos de Saint-Sulpice, e atear-lhes fogo. É o sinal convencionado entre o Gars e o velho reitor de Saint-Georges, que virá rezar uma missa para ele.

— Então ele vai a Fougères?

— Vai à casa da sua bela amante, e hoje tive de correr por causa disso! Acho mesmo que vai casar com ela e raptá-la, pois mandou que eu fosse alugar cavalos e os postasse de distância em distância na estrada de Saint-Malo.

Dito isso, Galopa-caneca, fatigado, deitou-se por algumas horas, e depois se entregou de novo à sua faina. No dia seguinte pela manhã voltou após se haver desincumbido cuidadosamente dos encargos que o marquês lhe confiara. Ao saber que Pé-de-poeira e Furta-pão não se tinham apresentado, dissipou as inquietações da mulher, que partiu, quase sossegada, para os rochedos de Saint-Sulpice onde na véspera preparara, no montículo que ficava defronte a Saint-Léonard, alguns gravetos cobertos de geada. Levou pela mão seu rebento, que carregava o fogo num soco partido. Mal o filho e a esposa desapareceram por trás do telhado do barracão, ouviu Galopa-caneca dois homens pularem o último tapume da série e, insensivelmente, viu através de uma bruma espessíssima formas angulosas que se desenhavam como sombras indistintas.

“São Pé-de-poeira e Furta-pão”, disse mentalmente.

E estremeceu. Os dois *chouans* mostraram no exíguo pátio suas caras tenebrosas, que, sob os grandes chapéus muito usados, pareciam bastante essas figuras que os gravadores fizeram com paisagens.

— Bom dia, Galopa-caneca — disse Pé-de-poeira solenemente.

— Bom dia, sr. Pé-de-poeira — respondeu com humildade o marido de Barbette. — Quererão entrar e esvaziar alguns pichéis? Tenho broa fria e manteiga batida há pouco.

— Isto não se pode recusar, meu primo — declarou Furta-pão.

Os dois *chouans* entraram. Esse começo nada tinha de assustador para Galopa-caneca, que se apressou a ir até o grande tonel para encher três pichéis, enquanto Pé-de-poeira e Furta-pão, sentados nos reluzentes bancos de cada lado da comprida mesa, cortavam broas para si e barravam-nas de manteiga amarelada e gordurosa que, sob a pressão da faca, deixava escapar pequeninas bolhas de leite. Galopa-caneca descansou os pichéis cheios de sidra e coroados de espuma diante de seus hóspedes, e os três *chouans* principiaram a comer; de tempos a tempos, entretanto, o dono da casa lançava a Pé-de-poeira um olhar de soslaio, porfiando em satisfazer-lhe a sede.

— Dê-me a sua *chinchoire* — disse Pé-de-poeira a Furta-pão.

E depois de sacudir com força vários grãos na cavidade da mão, o bretão aspirou seu tabaco tal como um homem que quisesse preparar-se para alguma ação grave.

— Está fazendo frio — disse Furta-pão erguendo-se para ir fechar a parte superior da porta.

A claridade embaciada pela cerração não mais penetrou no quarto senão pela minúscula janela, e só debilmente iluminou a mesa e os dois bancos; mas o fogo espalhava clarões avermelhados. Nesse momento Galopa-caneca, que acabara de encher uma segunda vez os pichéis de seus hóspedes, colocava-os diante deles; estes, porém, se recusaram a beber, atiraram longe os vastos chapelões e tomaram de chofre um ar solene. Seus gestos e o olhar com que se consultaram arrepiaram Galopa-caneca, que pensou ver sangue sob os gorros de lã encarnada que ambos traziam à cabeça.

— Traze-nos o teu cutelo — ordenou Pé-de-poeira.

— Mas, sr. Pé-de-poeira, que deseja fazer com ele?

— Vamos, primo, bem o sabes — disse Furta-pão guardando a *chinchoire* que o companheiro lhe devolia —, estás julgado.

Os dois *chouans* levantaram-se ao mesmo tempo, agarrando as carabinas.

— Sr. Pé-de-poeira, eu não contei nadinha sobre o Gars.

— Já te disse fosses buscar teu cutelo — respondeu o *chouan*.

O infeliz esbarrou na madeira grosseira do catre de seu filho e três moedas de cem soldos rolaram pelo chão; Furta-pão apanhou-as.

— Oh! oh! os Azuis te deram moedas novas! — exclamou Pé-de-poeira.

— Tão certo como estar aqui a imagem de são Labre — replicou Galopa-caneca — eu nada contei. Barbette tomou os *contrachouans* por rapazes de Saint-Georges, nada mais.

— Por que falas sobre negócios a tua mulher? — respondeu Pé-de-poeira brutalmente. — Aliás, primo, nós não te pedimos razões, e sim o teu cutelo. Estás julgado.

A um sinal do companheiro, Furta-pão auxiliou-o a segurar a vítima. Encontrando-se nas mãos dos dois *chouans*, Galopa-caneca perdeu inteiramente as forças, caiu de joelhos e ergueu para seus verdugos as mãos desesperadas:

— Meus bons amigos, meu primo, como querem que meu filhinho fique?

— Eu tomarei conta dele — declarou Pé-de-poeira.

— Meus queridos camaradas — prosseguiu Galopa-caneca, que se tornara lívido —, não me acho em estado de morrer. Vão deixar-me partir sem confissão? Vocês têm o direito de me tirar a vida, mas não o de me fazerem perder a bem-aventurada eternidade.

— É justo — anuiu Pé-de-poeira olhando para Furta-pão.

Os dois *chouans* ficaram um momento no maior embaraço, e sem poder resolver esse caso de consciência. Galopa-caneca prestava ouvidos ao menor ruído causado pelo vento, como se conservasse alguma esperança. O som da gota de sidra que tombava periodicamente do tonel o fez dirigir um olhar maquinal sobre a peça e suspirar tristemente. De súbito, Furta-pão agarrou o paciente por um braço, puxou-o para um canto e disse-lhe:

— Confessa-me todos os teus pecados, eu os repetirei a um padre da verdadeira Igreja, ele me dará absolvição; e se houver penitência para fazer, eu a farei por ti.

Galopa-caneca obteve certo prazo pela sua maneira de acusar os pecados, mas, apesar do número e das circunstâncias dos crimes, acabou chegando ao termo de seu rosário.

— Ai de mim! — suspirou ao terminar — afinal de contas, meu primo, já que lhe falo como a um confessor, asseguro-lhe pelo santo nome de Deus que absolutamente nada tenho que me censurar, exceto haver posto manteiga demais em meu pão, e invoco o testemunho de são Labre, que aí está sobre a lareira, que nada falei sobre o Gars. Não, meus bons amigos, eu não traí.

— Vamos, está bem, primo, levanta-te; irás tratar disto tudo com o Padre Eterno, quando chegar a tua hora.

— Mas deixem-me dar um adeuzinho a Barbe...

— Vamos — respondeu Pé-de-poeira —, se queres que não fiquemos com mais raiva de ti do que é preciso, comporta-te como bretão, e acaba depressa.

Os dois *chouans* agarraram de novo Galopa-caneca, deitaram-no sobre o banco, onde ele não deu outros sinais de resistência além desses movimentos convulsos produzidos pelo instinto do animal; por fim soltou alguns bramidos surdos que cessaram logo que o som pesado do cutelo reboou. A cabeça foi cortada de um só golpe. Pé-de-poeira apanhou-a por uma mecha de cabelos, saiu da cabana, procurou e achou na rústica ombreira da porta um grande prego em volta do qual

enrolou os cabelos que segurava, e lá deixou pendurada aquela cabeça ensanguentada, sem ao menos lhe fechar os olhos.

Sem precipitação alguma, os dois *chouans* lavaram as mãos numa grande terrina cheia de água, apanharam os chapéus, as carabinas, e transpuseram o tapume assobiando a modinha do *Capitão*. Furta-pão, com voz roufenha, ao chegar à extremidade do campo, entoou estas estrofes, tomadas ao acaso nessa ingênua canção, cujas cadências rústicas foram levadas pelo vento:

Na primeira cidade,
Seu amante a veste
Toda de cetim branco;

Na segunda cidade,
Seu amante a veste
De ouro e prata.

Era ela tão bela
Que em todo o regimento
Lhe ofertavam véus.

Insensivelmente, essa melodia se tornou confusa à medida que os dois *chouans* se afastavam, mas o silêncio dos campos era tão profundo que várias notas chegaram aos ouvidos de Barbette, que então voltava ao lar segurando a mão do filho. Uma camponesa nunca ouve com indiferença essa cantiga, tão popular no Oeste da França; assim, começou Barbette, involuntariamente, as primeiras estrofes da balada:

Vamos, partamos, beldade,
Partamos, para a guerra,
Partamos, é tempo.

Bravo capitão,
Não te cause isto pesar,
Minha filha não é para ti.

Não a terás em terra,
Não a terás no mar,
A não ser por traição.

O pai segura a filha,
E depois a despe
E atira n'água.
O capitão, mais esperto,
Se põe a nadar,
E a traz para bordo.

Vamos, partamos, beldade,
Partamos para a guerra,
Partamos, é tempo.

Na primeira cidade etc.⁶⁰

No momento em que Barbette cantava o estribilho da balada, pelo qual principiara Furta-pão, chegou ela ao pátio da sua casa: a língua se lhe entorpeceu, ela ficou imóvel, e um grande grito, logo reprimido, saiu-lhe da boca escancarada.

— Que é que você tem, mamãezinha querida? — perguntou a criança.

— Caminha sozinho — exclamou Barbette surdamente, soltando-lhe a mão e empurrando-o com incrível rudeza —, tu não tens mais nem pai nem mãe!

O menino, que esfregava o ombro a berrar, viu a cabeça pregada, e seu rosto cheio de frescura conservou silenciosamente a convulsão nervosa que o choro produz nos traços fisionômicos. Arregalou os olhos, fitou demoradamente a cabeça do pai, com ar estúpido que não traía nenhuma comoção, e depois o seu semblante, embrutecido pela ignorância, chegou até a exprimir uma selvagem curiosidade. De repente Barbette agarrou de novo a mão do filho, apertou-a violentamente e puxou-o para dentro de casa, a passos rápidos. Enquanto Furta-pão e Pé-de-poeira deitavam Galopa-caneca sobre o banco, um de seus sapatos caíra e ficara debaixo do pescoço, de modo que se encheu de sangue, e foi esse o primeiro objeto que sua viúva distinguiu.

— Tira o teu tamanco — disse a mãe ao filho. — Enfia teu pé aqui dentro. Bem. Lembra-te sempre — exclamou com um som de voz lúgubre — do sapato de teu pai, e nunca mais calces um sem te lembrares deste que está cheio de sangue derramado pelos *chuins*, e mata os *chuins*!

Nesse instante agitou a cabeça num movimento tão convulso que as mechas de cabelos pretos lhe caíram sobre o pescoço e deram à sua fisionomia uma expressão sinistra.

— Invoco são Labre, como testemunha, de que te dedico aos Azuis — prosseguiu ela. — Serás soldado para vingar teu pai. Mata, mata os *chuins*, e faz como eu. Ah! eles cortaram a cabeça de meu marido, pois eu vou entregar a do Gars aos Azuis.

De um só pulo saltou sobre o leito, apoderou-se de um saquinho de dinheiro que estava no esconderijo, agarrou a mão do filho espantado, puxou-o violentamente sem lhe dar tempo de apanhar o tamanco, e caminharam ambos a passos rápidos em direção a Fougères, sem que nem um nem outro volvesse a cabeça para a choupana que abandonavam. Ao chegarem ao cimo dos rochedos de Saint-Sulpice,

Barbette atçou o fogo de gravetos, e o filho ajudou-a a cobri-los de tojos verdes cobertos de geada, a fim de tornar a fumaça mais forte.

— Isto durará mais do que teu pai, mais do que eu e mais do que o Gars! — disse Barbette com ar feroz, mostrando o fogo ao filho.

X

No momento em que a viúva de Galopa-caneca e seu filho, com o pé encharcado de sangue, olhavam, com sombria expressão de vingança e curiosidade, a fumaça turbilhonar, a srta. de Verneuil tinha os olhos presos àquela rocha, e procurava, mas em vão, descobrir ali o sinal anunciado pelo marquês. O nevoeiro, que insensivelmente aumentara, sepultava toda a região sob um véu cujos matizes cinza escondiam as massas da paisagem que se achavam mais próximas da cidade. Com doce ansiedade, ela contemplava alternadamente os rochedos, o castelo, os edifícios, que na bruma pareciam brumas ainda mais negras. Junto de sua janela algumas árvores se destacavam desse fundo azulado como essas madréporas que o mar deixa entrever quando está calmo. O sol dava ao céu a cor pálida da prata embaciada, seus raios coloriam de um vermelho duvidoso os galhos nus das árvores onde ainda se balouçavam umas últimas folhas. Contudo, sentimentos por demais deliciosos agitavam a alma de Maria para que ela visse maus presságios nesse espetáculo em desacordo com a felicidade que prelibava. Havia dois dias, suas ideias se modificaram estranhamente. A aspereza, os desordenados lampejos de suas paixões haviam sofrido lentamente a influência da temperatura sempre igual que um verdadeiro amor permite à vida. A certeza de ser amada, que ela fora procurar através de perigos, fizera nascer em sua alma o desejo de submeter-se de novo às condições sociais que sancionam a felicidade, e das quais não saíra senão levada pelo desespero. Amar apenas por um momento pareceu-lhe impotência. Depois se viu de súbito transportada das profundezas da sociedade onde a desgraça a mergulhara à elevada esfera em que o pai a colocara por um instante. Sua vaidade, comprimida pelas cruéis alternativas de uma paixão, ora retribuída, ora desprezada, despertou e fez-lhe ver todos os benefícios de uma posição de relevo. Nascida de certo modo marquesa, desposar Montauran não seria para ela agir e viver no ambiente que lhe era próprio? Após haver conhecido os azares de uma vida repleta de aventura, podia, melhor que qualquer outra mulher, apreciar a grandeza dos sentimentos que constituem a família. Ademais, o casamento, a maternidade e seus cuidados eram para ela menos um encargo do que um repouso. Gostava dessa vida virtuosa e calma entrevista através desta última tempestade, tal como uma mulher fatigada da virtude pode lançar um olhar de cobiça a uma paixão ilícita. A virtude era para ela uma nova sedução.

— Talvez — disse ao deixar a janela sem ter visto o fogo sobre a rocha de Saint-Sulpice — tenha sido excessivamente coqueta com ele. Mas do contrário não saberia quanto sou amada!... Não é mais um sonho, Francine, serei marquesa de Montauran! Que terei feito para merecer uma ventura tão completa? Oh! amo-o, e só o amor pode pagar o amor. Entretanto, Deus quer, sem dúvida, recompensar-me por ter conservado um coração tão amante apesar de tantas misérias, e deseja fazer-me esquecer meus sofrimentos, pois, filha, muito sofri!

— Esta noite, Maria, marquesa de Montauran? Ah! enquanto isso não se realizar, pensarei que estou sonhando. Quem foi então que lhe disse tudo quanto você vale?

— Mas, minha cara, ele não possui somente lindos olhos, possui também uma alma. Se você o tivesse visto, como eu, diante do perigo! Oh! deve bem saber amar, é tão corajoso!

— Se você o ama tanto, por que lhe permitiu vir a Fougères?

— Então dispusemos de tempo de trocar palavras quando fomos surpreendidos? Aliás, não constitui isto uma prova de amor, e serão estas alguma vez em demasia?... Enquanto se espera, penteie-me.

Cem vezes, porém, por movimentos como que elétricos, desfez as felizes combinações de seu penteado, misturando pensamentos ainda tumultuosos a todos os cuidados da vaidade. Encrespando os cabelos com um caracol, ou tornando suas tranças mais brilhantes, perguntava a si mesma, por um resto de desconfiança, se o marquês não a enganava, e então pensava que semelhante baixeza deveria ser impenetrável, já que ele se expunha audaciosamente a uma vingança imediata ao vir encontrá-la em Fougères. Estudando ao espelho maliciosamente os efeitos de um olhar oblíquo, de um sorriso, de uma leve ruga na testa, de uma atitude de cólera, de amor ou de desdém, procurava um ardil de mulher para sondar até o último instante o coração do jovem chefe.

— Você tem razão, Francine — disse ela —, eu também gostaria que esse casamento já se houvesse realizado. O dia de hoje é o último dos meus dias nebulosos, e dele resultará a minha morte ou a nossa felicidade... O nevoeiro é irritante — acrescentou ainda olhando de novo para os píncaros de Saint-Sulpice, sempre velados.

Pôs-se a ajeitar pessoalmente as cortinas de seda e de musselina que ornavam a janela, comprazendo-se em interceptar a luz de maneira que se produzisse no aposento um voluptuoso claro-escuro.

— Francine — disse ela —, tire essas quinquilharias que atravancam a lareira e deixe só a pêndula e os dois jarros de Saxe, nos quais eu própria arrumarei as flores de inverno que Corentin me obteve... Leve para fora todas as cadeiras, não quero ver aqui senão o canapé e uma poltrona. Quando tiver acabado, minha filha, escove o tapete de modo que se reavivem as cores; depois coloque velas nos braços da lareira e

nos candelabros...

Por longo tempo e atentamente contemplou Maria a velha tapeçaria pendurada na parede daquele quarto. Guiada por um gosto inato, soube achar, entre os brilhantes matizes da fina urdidura, os tons que poderiam servir para ligar aquela decoração antiga aos móveis e acessórios daquele *boudoir* pela harmonia das cores ou pelo encanto dos contrastes. A mesma ideia dirigiu o arranjo das flores com que encheu os vasos bojudos que enfeitavam o quarto. O canapé foi colocado junto ao fogo. De cada lado do leito, que ocupava a parede paralela à da lareira, pousou, em cima de duas mesinhas douradas, grandes jarros de Saxe cheios de folhagens e de flores que exalaram os mais doces perfumes. Mais de uma vez estremeceu ao compor as dobras onduladas do brocado de seda verde sobre a cama e ao estudar as sinuosidades da fazenda florida sob a qual a ocultou. Semelhantes preparativos possuem sempre um indefinível segredo de felicidade, e produzem uma irritação tão deliciosa que, amiúde, em meio desses voluptuosos preparos, a mulher esquece todas as suas dúvidas, assim como a srta. de Verneuil esquecia então as suas. Não existe um sentimento religioso nessa multidão de cuidados tomados para um ser amado que não está presente para os ver e recompensar, mas que mais tarde deve pagá-los por esse sorriso aprovador obtido por esses graciosos preparativos, sempre tão bem compreendidos? As mulheres, por assim dizer, entregam-se então ao amor, antecipadamente, e não existe uma só que não diga a si própria o mesmo que a srta. de Verneuil pensava: “Esta noite serei muito feliz!”. A mais inocente dentre elas inscreve então esta suave esperança nas pregas menos salientes da seda ou da musselina; depois, insensivelmente, a harmonia que estabelece em torno de si imprime a tudo uma fisionomia que transpira amor. No seio dessa esfera voluptuosa, as coisas para ela se tornam entes, testemunhas; e delas já faz cúmplices de todas as suas futuras alegrias. A cada gesto, a cada pensamento, anima-se a roubar o porvir. Em breve não mais aguarda, nada mais espera, mas acusa o silêncio, e o menor ruído lhe dá um pressentimento; afinal a dúvida vem pousar sobre seu coração a mão adunca, ela queima, agita-se, sente-se atormentada por uma ideia que se desenvolve como uma força puramente física; é, alternativamente, um triunfo e um suplício, que sem a esperança do prazer não suportaria de modo nenhum. Vinte vezes, a srta. de Verneuil levantara as cortinas na expectativa de ver uma coluna de fumaça erguendo-se sobre os rochedos, mas o nevoeiro, de momento a momento, parecia tomar novos tons cinza, nos quais sua imaginação acabou por mostrar-lhe sinistros presságios. Enfim, num segundo de impaciência, deixou cair a cortina, prometendo formalmente a si mesma não tornar a levantá-la. Com ar de mofa contemplou aquele quarto a que dera uma alma e uma voz, perguntou a si própria se teria

sido em vão, e esse pensamento a fez refletir em tudo.

— Queridinha — disse ela a Francine, puxando-a para um quarto de vestir, contíguo ao dormitório, iluminado por um olho de boi que dava para o ângulo sombrio em que as fortificações da cidade encontram os rochedos do Passeio —, arrume isto, que tudo fique limpo! Quanto ao salão, se quiser, deixe-o em desordem — acrescentou, acompanhando tais palavras de um desses sorrisos que as mulheres reservam para a sua intimidade e dos quais os homens nunca podem conhecer a picante finura.

— Ah! como está bonita! — exclamou a jovem bretã. — Ora! que tolas somos todas nós; o nosso amante não há de ser sempre o nosso mais belo adereço?

Francine deixou-a languidamente deitada na otomana e retirou-se passo a passo, adivinhando que, amada ou não, a patroa jamais entregaria Montauran.

XI

— Tens certeza do que me contas, minha velha? — perguntava Hulot a Barbette, que o reconheceu ao entrar em Fougères.

— O senhor tem olhos? Pois bem, olhe para os rochedos de Saint-Sulpice, ali, no *dret* de Saint-Léonard.

Corentin voltou os olhos para o cume, na direção indicada pelo dedo de Barbette, e, como a névoa principiava a dissipar-se, pôde ver bastante distintamente a coluna de fumaça esbranquiçada de que falava a viúva de Galopa-caneca.

— Mas quando é que ele virá, hem, minha velha? Será esta tarde ou esta noite?

— Não sei coisa nenhuma, amigo — respondeu Barbette.

— Por que atraíças o teu partido? — indagou Hulot arrebatadamente, após chamar a camponesa a alguns passos de distância de Corentin.

— Ah! senhor general, veja o pé de meu pimpolho! pois bem, está encharcado do sangue de meu marido, morto pelos *chuins*, sem lhe faltar ao respeito, como um bezerro, para puni-lo das três palavras que o senhor me arrancou antes de ontem, enquanto eu lavrava a terra. Leve consigo o meu filho, já que lhe tirou pai e mãe, mas faça dele um verdadeiro Azul, e que ele possa matar muitos *chuins*! Olhe, aqui tem duzentos escudos, guarde-os para ele; economizando, irá longe com isto, pois o pai levou doze anos para juntá-los.

Hulot fitou com espanto aquela camponesa pálida e enrugada cujos olhos estavam secos.

— Mas a ti — disse ele à mãe —, que vai ser feito de ti? É melhor que fiques com este dinheiro.

— Eu — respondeu ela abanando a cabeça com tristeza —, eu não preciso de mais nada! Mesmo que o senhor me *enfurnasse* nas profundezas da Torre de Melusina — e ela mostrou uma das torres do castelo —, os *chuins* bem que saberiam ir lá para me matar!

Com uma sombria expressão de dor, beijou o filho, contemplou-o, derramou duas lágrimas, tornou a fitá-lo, e desapareceu.

— Comandante — disse Corentin —, eis aí uma destas ocasiões que, para serem aproveitadas, exigem duas boas cabeças de preferência a uma só. Sabemos tudo e não sabemos nada. Fazer cercar desde já a casa da srta. de Verneuil seria colocá-la contra nós. O senhor, eu, os seus *contrachouans* e os seus dois batalhões não estamos à altura de lutar contra essa rapariga caso meta na cabeça a ideia de salvar o seu ex-nobre. Esse rapaz é homem da Corte, e por conseguinte astuto; é um jovem, e tem fibra. Nunca poderemos apoderar-nos dele à sua entrada em Fougères. Aliás, talvez já aqui se encontre. Efetuar visitas domiciliares? Absurdo! Isso de nada serve, dá o alarma e atormenta os moradores.

— Eu vou — declarou Hulot impaciente — dar ordem à sentinela do posto de Saint-Léonard para que avance seu passeio três passos mais, e assim chegará até a casa da srta. de Verneuil. Combinarei um sinal com cada sentinela, permanecerei no corpo da guarda, e quando me avisarem da entrada de um rapaz qualquer, apanho um cabo e quatro homens, e...

— E — disse Corentin, interrompendo o impetuoso soldado — se o rapaz não for o marquês, se este não entrar pela porta, se já estiver em casa da srta. de Verneuil, se... se...

Aí Corentin olhou para o comandante com um ar de superioridade que tinha qualquer coisa de tão insultante que o velho militar exclamou:

— Com mil demônios! vá para o inferno, cidadão! Que me interessa tudo isso? Se esse besouro cair num dos meus postos da guarda, terei de fuzilá-lo: se eu souber que está numa casa, serei obrigado também a ir cercá-lo, prendê-lo e fuzilá-lo! Mas não hei de espremer o cérebro para sujar de lama o meu uniforme...

— Comandante, a carta dos três ministros ordena-lhe que obedeça à srta. de Verneuil.

— Que ela venha em pessoa, cidadão, e eu verei o que devo fazer.

— Pois bem, cidadão — replicou Corentin com altivez —, ela não tardará. Ela mesma lhe dirá a hora e o minuto em que o ex-nobre tiver entrado. Talvez até não fique sossegada enquanto não o vir distribuindo as sentinelas e cercando a casa!...

“O diabo se fez homem!”, disse consigo, dolorosamente, o velho chefe de meia-brigada ao ver Corentin subir a passos largos a Escadaria da Rainha, onde ocorrera esta cena, e dirigir-se para a Porte de Saint-

Léonard. “Ele me entregará o cidadão Montauran de pés e mãos atados”, prosseguiu Hulot falando de si para si, “e eu terei de me incomodar com um conselho de guerra a que devo presidir. Afinal de contas —”, dizia dando de ombros, “o Gars é um inimigo da República, matou o meu pobre Gérard, e sempre será um fidalgo de menos... Que vá para o diabo!”

Rodou célere sobre os tacões das botas, e foi inspecionar todos os postos da cidade assobiando a *Marselhesa*.

XII

A srta. de Verneuil estava mergulhada numa dessas meditações cujos mistérios permanecem como que sepultados na alma, e cujos mil sentimentos contraditórios provaram muitas vezes aos que delas foram presa que se pode ter uma vida tempestuosa e apaixonada entre quatro paredes, sem ao menos deixar a otomana sobre a qual se consome então a existência. Chegada ao desenlace do drama que ela fora procurar, essa jovem fazia passar diante de si, alternativamente, as cenas de amor e de cólera que tão fortemente lhe animaram a vida durante os dez dias transcorridos desde o seu primeiro encontro com o marquês. Nesse momento o rumor de passos de um homem ecoou no salão que precedia o seu quarto; ela estremeceu; a porta abriu-se, a moça virou depressa a cabeça e viu Corentin.

— Pequenina trapaceira! — disse a rir o agente superior da Polícia — ainda sentirá vontade de me enganar? Ah! Maria! Maria! está a jogar um jogo muito perigoso não se interessando por sua partida, e resolvendo as paradas sem me consultar. Se o marquês escapou à sua sorte...

— Não foi culpa sua, não é? — respondeu a srta. de Verneuil com uma profunda ironia. — Cavalheiro — acrescentou em voz grave —, com que direito vem ainda à minha casa?

— A sua casa? — interrogou ele em tom amargo.

— Faz-me refletir — redarguiu ela com dignidade — que não estou em minha casa. Talvez de propósito haja escolhido esta casa para aí cometer seus assassinios com maior segurança; vou abandoná-la. Irei para um deserto a fim de não ver mais...

— Espiões, diga! — terminou Corentin. — Mas esta casa não é sua nem minha, é do governo, e, quanto a sair daqui, nem por sombras — acrescentou lançando-lhe um olhar diabólico.

A srta. de Verneuil levantou-se num movimento de indignação, avançou alguns passos, mas de súbito parou ao ver Corentin erguer a cortina da janela e começar a sorrir, convidando-a a chegar perto dele.

— Vê aquela coluna de fumo? — perguntou com a calma profunda que sabia conservar no rosto lívido, por violentas que fossem suas emoções.

— Que relação pode existir entre minha partida e as ervas más a que atearam fogo? — indagou Maria.

— Por que está tão alterada a sua voz? — respondeu Corentin. — Pobrezinha — acrescentou ele com voz doce —, sei de tudo! O marquês vem hoje a Fougères, e não foi com a intenção de no-lo entregar que você preparou tão voluptuosamente este *boudoir*, estas flores e estas velas...

A srta. de Verneuil empalideceu ao ver a morte do marquês escrita nos olhos daquele tigre de face humana, e sentiu pelo amante um amor que tinha algo do delírio. Cada fio de cabelo lhe produziu na cabeça uma dor tão atroz que não pôde aguentar-se e caiu sobre a otomana. Corentin permaneceu um momento de braços cruzados sobre o peito, em parte satisfeito com uma tortura que o vingava de todos os sarcasmos e do desdém com que aquela mulher o esmagara, e em parte contristado por ver sofrer uma criatura cujo jugo lhe era sempre agradável, por pesado que fosse.

— Ela o ama! —, disse em voz surda de si para si.

— Amá-lo! — exclamou ela — oh! que significa essa palavra!... Ele é minha vida, Corentin, minh'alma, o ar que respiro!...

E lançou-se aos pés daquele homem cuja calma a aterrava.

— Alma de lama — disse-lhe —, prefiro aviltar-me para obter a sua vida, do que me aviltar para tirá-la! Quero salvá-lo à custa de todo o meu sangue... Fale, que deseja?

Corentin estremeceu.

— Eu vinha pedir suas ordens, Maria — declarou ele num tom de voz cheio de doçura, levantando a jovem com uma graciosa polidez. — Sim, Maria, suas injúrias não impedirão que me dedique todo a você desde que não me engane mais. Bem sabe, Maria, que nunca me iludem impunemente.

— Ah! se quer que eu o ame, Corentin, ajude-me a salvá-lo.

— Pois bem, a que horas vem o marquês? — indagou ele, esforçando-se por fazer essa pergunta em tom calmo.

— Ai de mim! nada sei...

Ambos se entreolharam em silêncio. “Estou perdida!”, dizia a srta. de Verneuil a si mesma. “Ela me engana”, pensava Corentin.

— Maria — afirmou ele —, tenho duas máximas: uma é jamais acreditar uma palavra do que dizem as mulheres; é este o meio de não ser por elas ludibriado; a outra é procurar sempre saber se elas não têm algum interesse em fazer o contrário do que dizem e proceder em sentido inverso das ações cujos segredos nos querem confiar. Creio que agora nos entendemos, não?

— Às maravilhas — replicou a srta. de Verneuil. — Você quer provas da minha boa-fé: eu, porém, reservo-as para a ocasião em que você me dê provas da sua...

— Adeus, senhorita — atalhou Corentin secamente.

— Vamos — prosseguiu a jovem a sorrir —, sente-se, fique aí e não se amue, do contrário bem que saberei livrar-me de você para salvar o marquês. Quanto aos trezentos mil francos que sempre ostentou diante de mim, poderei colocá-los para você, em ouro, aqui sobre esta lareira, no instante em que o marquês estiver a salvo.

Corentin levantou-se, recuou alguns passos e olhou para a srta. de Verneuil.

— Tornou-se rica em pouco tempo! — comentou num tom em que mal se disfarçava o despeito.

— O próprio Montauran — afirmou Maria sorrindo de piedade — poderá oferecer-lhe muito mais por seu resgate. Destarte, prove-me que tem meios de garanti-lo contra qualquer perigo, e...

— Você poderia fazê-lo fugir — exclamou de chofre Corentin — no momento exato de sua chegada, visto que Hulot não sabe a hora, e...

Deteve-se, como se censurasse a si mesmo por falar demasiado.

— Mas é mesmo você quem me pede um ardil? — continuou, sorrindo da maneira mais natural. — Escute, Maria, estou certo de sua lealdade. Prometa-me que me recompensará por tudo quanto perco ao servi-la, e embaçarei tão bem aquele imbecil do comandante que o marquês estará tão livre em Fougères quanto em Saint-James.

— Prometo-o — respondeu a jovem com certa solenidade.

— Assim não — disse ele. — Jure-me por sua mãe!

A srta. de Verneuil teve um estremeção, e, levantando a mão trêmula, fez o juramento exigido por aquele homem cujas maneiras se tinham modificado tão subitamente.

— Pode dispor de mim — declarou Corentin. — Não me engane, e esta noite você me abençoará.

— Tenho confiança em você, Corentin — exclamou a srta. de Verneuil enternecida.

Com uma doce inclinação de cabeça, cumprimentou-o, sorrindo-lhe com uma bondade mesclada de surpresa ao ver-lhe na fisionomia uma expressão de melancólica ternura.

“Que criatura arrebatadora!”, exclamou Corentin afastando-se. “Será possível que jamais a tenha para fazer dela, ao mesmo tempo, o instrumento de minha fortuna e a fonte de meus prazeres?... Lançar-se a meus pés, ela!... Oh! sim, o marquês perecerá... E se eu não puder obter essa mulher a não ser atirando-a à lama, eu o farei. Enfim”, disse de si consigo, ao chegar à praça onde seus passos o conduziram sem dar por isso, “ela talvez não desconfie mais de mim. Cem mil escudos ato contínuo! Julga-me avarento. É um estratagema, ou então se casou com ele.”

Perdido nesses pensamentos, não ousou Corentin tomar uma resolução. A bruma, que o sol dissipara por volta do meio-dia,

recuperava insensivelmente toda a sua força, e tornou-se tão espessa que Corentin não distinguia mais as árvores, nem mesmo a uma fraca distância.

“Aí temos uma nova infelicidade”, disse com seus botões, ao retornar à casa a passos lentos. “É impossível ver a seis passos de distância. O tempo protege os nossos amantes. Vá-se lá vigiar uma casa defendida por semelhante nevoeiro!”

— Quem está aí? — exclamou agarrando o braço de um desconhecido que parecia haver trepado ao Passeio através das rochas mais perigosas.

— Sou eu — respondeu ingenuamente uma voz infantil.

— Ah! é o fedelho de pé vermelho. Não queres vingar teu pai? — perguntou-lhe Corentin.

— Sim! — afirmou a criança.

— Muito bem; conheces o Gars?

— Conheço.

— Ainda melhor. Pois bem, não me deixes; faz exatamente tudo quanto eu te disser, assim concluirás a obra de tua mãe e ganharás dinheiro. Gostas de dinheiro?

— Gosto, sim.

— Gostas de dinheiro e queres matar o Gars. Tomarei conta de ti.

“Ótimo”, disse Corentin de si para si, após uma pausa. “Você própria, Maria, é que nos vai entregá-lo! Ela é demasiado violenta para julgar o golpe que vou desfechar-lhe; aliás, a paixão nunca reflete. Ela não conhece a letra do marquês, eis, portanto, chegado o momento de armar a cilada em que seu caráter a fará cair de cabeça. Mas, para assegurar o bom êxito de minha artimanha, terei necessidade de Hulot, e corro a procurá-lo.”

Nessa ocasião a srta. de Verneuil e Francine deliberavam a respeito dos meios de livrar o marquês da duvidosa generosidade de Corentin e das baionetas de Hulot.

— Vou preveni-lo — exclamava a criadinha bretã.

— Maluca, então sabe onde ele está? Eu mesma, auxiliada por todo o instinto do coração, eu mesma bem poderia procurá-lo por muito tempo sem o achar.

Depois de ter inventado bom número desses projetos insensatos, tão fáceis de executar-se ao pé do fogo, exclamou a srta. de Verneuil:

— Vendo-o, o seu perigo me inspirará.

E, como todos os espíritos ardentes, comprouve-se a só querer tomar sua deliberação no último instante, fiando-se em sua boa estrela ou nesse instinto de oportunidade que raramente abandona as mulheres. Nunca, talvez, sofrera seu coração tão fortes contrações. Ora ficava como que estúpida, de olhos fixos, ora, ao menor ruído, estremecia como essas árvores quase desenraizadas que os lenhadores

sacodem vigorosamente para lhes apressar a queda. De repente uma detonação violenta, produzida pela descarga de uma dúzia de carabinas, ecoou a distância. A srta. de Verneuil empalideceu, agarrou a mão de Francine e disse-lhe:

— Vou morrer... eles o mataram!

O passo pesado de um soldado fez-se ouvir no salão. Assustada, Francine levantou-se e introduziu um cabo. Depois de fazer continência à srta. de Verneuil o republicano lhe apresentou algumas cartas em papel não muito limpo. Não obtendo resposta da moça, o soldado, retirando-se, disse-lhe:

— É da parte do comandante, minha senhora.

A srta. de Verneuil, presa de sinistros pressentimentos, leu esta carta, provavelmente escrita às pressas por Hulot:

Senhorita,

Meus *contrachouans* apoderaram-se de um dos mensageiros do Gars, que acaba de ser fuzilado. Entre as cartas interceptadas, a que lhe transmito pode ser-lhe de alguma utilidade etc.

— Graças a Deus, não foi a ele que mataram! — exclamou a jovem lançando a missiva ao fogo. Respirou mais livremente, e leu com avidez o bilhete que lhe enviavam; era do marquês, e parecia dirigido à sra. do Gua:

Não, meu anjo, não irei esta noite à Vivetière. Esta noite você perderá sua aposta com o conde e eu triunfarei sobre a República na pessoa daquela deliciosa rapariga que, concorde, vale bem uma noite. Será a única vantagem real que tirarei desta campanha, pois a Vendeia se submete. Nada mais há que fazer na França, e sem dúvida voltaremos juntos para a Inglaterra. Mas os assuntos graves que fiquem para amanhã!

O bilhete escapuliu-lhe das mãos; ela fechou os olhos, guardou um profundo silêncio e permaneceu inclinada para trás, com a cabeça apoiada a uma almofada. Depois de longa pausa, ergueu os olhos para a pêndula, que marcava então quatro horas.

— E o cavalheiro faz-se esperar! — comentou com uma cruel ironia.

— Oh! se fosse possível que ele não viesse! — exclamou Francine.

— Se ele não viesse — disse Maria com voz surda —, iria eu procurá-lo! Mas, não, agora não pode tardar... Francine, acha que estou muito bonita?

— Está muito pálida!

— Veja! — prosseguiu a srta. de Verneuil — este quarto perfumado, estas flores, estas luzes, este vapor embriagador; poderá tudo isto dar ideia de uma existência celestial àquele a quem desejo mergulhar esta noite nas delícias do amor?

— Mas que se passa, Maria?

— Fui traída, enganada, ludibriada, escarnecida, aviltada,

desonrada, e quero matá-lo, estraçalhá-lo!... Sim, é verdade, em seus modos sempre havia um desprezo que mal disfarçava e que eu não queria ver! Oh! isto me matará! Como sou tola! — disse ela a rir — ele virá, terei a noite toda para ensinar-lhe que, casada ou não, um homem que me possuiu não pode mais me abandonar. Medirei a minha vingança em proporção à ofensa, e ele morrerá desesperado. Supunha-lhe certa grandeza de alma, mas, não resta dúvida, é filho de qualquer laçoi! Na realidade, enganou-me habilmente, pois ainda me custa crer que o homem capaz de me entregar sem piedade a Furta-pão possa rebaixar-se a tratantadas dignas de Scapin.⁶¹ É tão fácil iludir uma mulher apaixonada que até constitui a última das covardias. Que ele me mate, está bem; mas mentir, ele a quem eu tanto engrandecera! Para o cadafalso! Para o cadafalso! Ah! gostaria de vê-lo ser guilhotinado. Serei mesmo tão cruel? Ele irá morrer coberto de carícias, de beijos que lhe terão valido vinte anos de vida...

— Maria — disse Francine com uma doçura angelical —, como tantas outras, seja vítima do homem a quem ama, porém não se torne sua amante nem seu carrasco. Guarde a sua imagem no fundo de seu coração, sem a tornar cruel a você mesma. Se não houvesse alegria nenhuma num amor sem esperanças, que seria de nós, pobres mulheres? Aquele Deus em quem você nunca pensa, Maria, recompensar-nos-á por termos obedecido à nossa vocação neste mundo: amar e sofrer!

— Gatinha — respondeu a srta. de Verneuil acariciando a mão de Francine —, sua voz é bem doce e sedutora! Sob sua forma, a razão possui muitos atrativos! Gostaria imenso de lhe obedecer...

— Você o perdoará, não vai entregá-lo?

— Cale-se, não me fale mais desse homem. Comparado a ele, Corentin é uma nobre criatura... Compreende-me?

Ergueu-se, ocultando sob um semblante horripelantemente calmo a alucinação que dela se apoderou e uma inextinguível sede de vingança. Seu andar, lento e compassado, anunciava não sei que de irrevogável em suas resoluções. Presa desses pensamentos, devorando sua injúria e demasiado orgulhosa para confessar o menor de seus tormentos, dirigiu-se ao posto da Porte de Saint-Léonard para ali indagar a residência do comandante. Apenas saíra de sua casa, entrou Corentin.

— Oh! Sr. Corentin — exclamou Francine —, se o senhor se interessa por aquele rapaz, salve-o! a srta. de Verneuil vai entregá-lo! Este maldito papel pôs tudo a perder.

Apanhou Corentin a carta, negligentemente, interrogando:

— E aonde foi ela?

— Não sei.

— Corro a salvá-la de seu próprio desespero — disse ele.

Desapareceu, levando consigo a carta, atravessou rápido a casa e

perguntou ao garoto que brincava defronte à porta:

— Para onde se dirigiu a dama que acaba de sair?

O filho de Galopa-caneca deu alguns passos em companhia de Corentin a fim de lhe mostrar a rua em ladeira que levava à Porte de Saint-Léonard.

— Foi por ali — afirmou ele sem hesitar, obedecendo à vingança que sua mãe lhe insuflara no coração. Nesse momento, quatro homens disfarçados entraram em casa de srta. de Verneuil, sem terem sido vistos pelo pequeno nem por Corentin.

— Torna a teu posto — prosseguiu o espia. — Faze de conta que te divertes em dar a volta aos ferrolhos das venezianas, mas vigia bem e olha para todos os lados, mesmo para cima dos telhados...

XIII

Rapidamente, lançou-se Corentin na direção indicada pela criança, julgou reconhecer a srta. de Verneuil em meio da cerração e, com efeito, alcançou-a no instante em que ela chegava ao posto de Saint-Léonard.

— Aonde vai? — indagou ele oferecendo-lhe o braço. — Está pálida, que aconteceu? Acha conveniente sair assim inteiramente só? Dê-me o braço.

— Onde está o comandante? — perguntou-lhe a jovem.

Mal a srta. de Verneuil terminara sua frase, ouviu a agitação de um reconhecimento militar fora da Porte de Saint-Léonard, e em breve distinguiu no meio do tumulto a voz grossa de Hulot.

— Raios me partam! — bradou ele — nunca vi menos claro do que neste momento em que tenho de fazer a ronda. Esse ex-fidalgo encomendou o tempo...

— De que se queixa? — respondeu a srta. de Verneuil apertando-lhe o braço com força. — Este nevoeiro tanto pode ocultar a vingança quanto a perfídia... Comandante — acrescentou em voz baixa —, trata-se de tomarmos os dois medidas que impeçam o Gars de escapar hoje.

— Ele está em sua casa? — perguntou o oficial numa voz cuja comoção acusava o seu espanto.

— Não — respondeu a parisiense —, mas o senhor me dará um homem de confiança e eu o mandarei avisar da chegada do marquês.

— Que vai fazer? — disse Corentin a Maria, arrebatadamente. — Um soldado em sua casa o assustaria, mas uma criança, e eu encontrarei uma, não inspirará suspeita...

— Comandante — prosseguiu a srta. de Verneuil —, graças a esta cerração que o senhor amaldiçoa, poderá, desde já, cercar a casa. Coloque soldados por toda a parte. Mantenha um posto na igreja de Saint-Léonard a fim de garantir a esplanada para onde dão as janelas de minha sala. Embosque diversos homens no Passeio; se bem que a

janela de meu quarto esteja a vinte pés do solo, o desespero por vezes dá força para vencer as distâncias mais perigosas. Escute; provavelmente, farei com que esse cavalleiro saia pela porta de minha casa; assim não incumba senão a um homem corajoso da missão de vigiá-la; porque — disse ela soltando um suspiro — não lhe podemos negar bravura, e ele se defenderá!

— Gudin? — gritou o comandante.

Imediatamente o jovem de Fougères se precipitou do meio da tropa que voltara com Hulot e que se conservara em formatura a certa distância.

— Escute-me, meu rapaz — disse-lhe o velho militar em voz baixa —, esta mulher danada entrega-nos o Gars sem que eu saiba por quê, mas dá no mesmo, não é de nossa conta. Você levará dez homens em sua companhia e colocar-se-á de maneira que possa guardar o beco sem saída ao fundo do qual se acha a casa desta moça; mas arranje-se para que não o vejam, nem vejam seus homens.

— Sim, comandante, conheço o terreno.

— Pois bem, meu filho — continuou Hulot —, Pé-bonito virá avisá-lo de minha parte no momento em que for preciso servir-se do sabre. Esforce-se por agarrar você mesmo o marquês, e se puder matá-lo, a fim de que eu não tenha de fuzilá-lo juridicamente, dentro de quinze dias será tenente, ou eu não me chamo Hulot. Olhe, senhorita, eis aqui um valente que não se aborrecerá — disse ele à rapariga, designando-lhe Gudin. — Montará boa guarda diante de sua casa, e, se o ex-nobre sair de lá ou lá quizer entrar, não lhe escapará.

Partiu Gudin com uma dezena de soldados.

— Sabe bem o que está fazendo? — dizia Corentin baixinho à srta. de Verneuil.

Esta não lhe deu resposta, e com uma espécie de contentamento viu partirem os homens que, sob as ordens do alferes, iam colocar-se no Passeio e os que, seguindo as instruções de Hulot, se postaram ao longo dos flancos escuros da igreja de Saint-Léonard.

— Algumas casas são pegadas à minha — disse ela ao comandante —, cerque-as também. Não nos preparemos arrependimentos negligenciando uma única das precauções que devemos tomar.

“Ela está decididíssima”, pensou Hulot.

— Então não sou profeta? — sussurrou-lhe Corentin ao ouvido. — Quanto à pessoa que vou intrometer na casa dela, é o pirralho do pé ensanguentado; portanto...

Não terminou. Por um movimento súbito a srta. de Verneuil precipitara-se para sua casa, onde ele a seguiu, assobiando como um homem feliz; quando a alcançou, a jovem tinha já chegado à soleira da porta, onde Corentin encontrou de novo o filho de Galopa-caneca.

— Senhorita — disse-lhe ele —, leve em sua companhia este

menino; não poderá ter mensageiro mais inocente nem mais ativo do que ele.

E dirigindo-se ao menino:

— Quando vires o Gars entrar, digam lá o que te disserem, foge, vai procurar-me no corpo da guarda, e eu te darei dinheiro bastante para comeres bolos durante toda a tua vida.

A essas palavras, sopradas, por assim dizer, ao ouvido da criança, Corentin sentiu a mão apertada com força pelo bretãozinho, que seguiu a srta. de Verneuil.

— Agora, meus bons amigos, conversem quando quiserem! — exclamou Corentin quando a porta se fechou. — Se vai entregar-se ao amor, meu caro marquês, será sobre a sua própria mortalha!

Mas Corentin, que não pôde resolver-se a perder de vista aquela casa fatal, encaminhou-se para o Passeio, onde encontrou o comandante ocupado em dar várias ordens. A noite não tardou a chegar. Duas horas transcorreram sem que as diversas sentinelas, colocadas de distância em distância, tivessem percebido algo que pudesse fazer supor que o marquês houvesse transposto a tríplice barreira de homens atentos e ocultos que cercava os três lados pelos quais a torre do Papegaut era acessível.

Vinte vezes fora Corentin do Passeio ao corpo da guarda, vinte vezes sua expectativa fora traída, e seu jovem mensageiro ainda não tinha ido procurá-lo. Imerso em seus pensamentos, o espia caminhava lentamente pelo Passeio, experimentando o martírio que três terríveis paixões — o amor, a avareza, a ambição — lhe faziam sofrer em seu entrechoque.

Todos os relógios deram oito horas. A lua surgia muito tarde. O nevoeiro e a noite envolviam, pois, em trevas apavorantes os lugares em que o drama concebido por aquele homem ia desenrolar-se. O agente superior da polícia soube impor silêncio a suas paixões, cruzou com vigor os braços sobre o peito e não perdeu de vista a janela que se elevava como um fantasma luminoso ao alto daquela torre. Quando sua marcha o conduzia para o lado dos vales, à beira dos precipícios, perscrutava maquinalmente as brumas varadas pela claridade pálida de algumas luzes que brilhavam aqui e ali nas casas da cidade ou dos subúrbios, acima e abaixo do baluarte. O profundo silêncio reinante só era perturbado pelo murmúrio do Nançon, pelas badaladas lúgubres e periódicas do campanário, pelos passos pesados das sentinelas, ou pelo barulho das armas quando, de hora em hora, vinham render a guarda.

— Está escuro como na goela de um lobo — disse Furta-pão nesse instante.

— Continua — respondeu Pé-de-poeira — e não fales mais do que um cachorro morto.

— Eu não ousou respirar — replicou o *chouan*.

— Se aquele que acaba de fazer uma pedra rolar quer que seu coração sirva de bainha para a minha faca, basta repetir! — declarou Pé-de-poeira em voz tão baixa que se confundia com o frêmito das águas do Nançon.

— Mas fui eu — confessou Furta-pão.

— Pois bem, velho saco de patacas — prosseguiu o chefe —, arrastate sobre a barriga como uma enguia, senão vamos deixar aqui nossas carcaças antes do tempo.

— Ei! Pé-de-poeira — continuou o incorrigível Furta-pão, que com o auxílio das mãos se ergueu sobre o ventre e chegou até a linha onde se achava seu companheiro, ao ouvido do qual falou em voz tão abafada que os *chouans* que os seguiam não ouviram uma sílaba. — Ei! Pé-de-poeira, se a nossa Garce merece fé, lá em cima deve haver um ótimo espólio. Quer que o compartilhemos os dois?

— Escuta, Furta-pão! — ordenou Pé-de-poeira detendo-se, estirado no chão.

Toda a tropa imitou esse movimento, tão fatigados estavam os *chouans* com as dificuldades que o precipício opunha à sua marcha.

— Conheço-te — prosseguiu Pé-de-poeira — por um destes bons João-topa-tudo que tanto gostam de dar quanto de receber pancada, quando não há outra coisa para escolher. Não viemos aqui para calçar os sapatos dos mortos, somos diabos contra diabos, e aí daqueles que tiverem as garras curtas! A Grande Garce envia-nos aqui para salvar o Gars. Ele lá se encontra, olhe, levante seu nariz de cachorro e veja aquela janela por cima da torre!... Nesse momento soou meia-noite. A lua nasceu e deu ao nevoeiro a aparência de uma fumaça branca. Furta-pão apertou violentamente o braço de Pé-de-poeira e mostrou-lhe em silêncio, a dez pés acima deles, o ferro triangular de algumas baionetas reluzentes.

— Os Azuis já ali estão — disse Furta-pão —, pela força nada conseguiremos.

— Paciência! — respondeu Pé-de-poeira — se esta manhã examinei tudo bem, devemos encontrar ao pé da torre do Papegaut, entre os baluartes e o Passeio, um lugarzinho onde sempre se põe esterco, e poderemos deixar-nos cair em cima disso como sobre uma cama.

— Se são Labre — disse Furta-pão — quisesse transformar em boa sidra o sangue que vai ser derramado, os habitantes de Fougères encontrariam amanhã uma ótima provisão.

Com a larga mão Pé-de-poeira tapou a boca do amigo; a seguir um aviso dado surdamente por ele correu de fileira em fileira até o último dos *chouans*, suspensos nos ares sobre as urzes dos xistos.

Com efeito, possuía Corentin um ouvido por demais exercitado para não distinguir o roçar de alguns arbustos atormentados pelos *chouans*, ou o ligeiro ruído dos calhaus que rolaram pelo precipício

abaixo, e estava ele à borda da esplanada. Pé-de-poeira — que parecia possuir o dom de ver no escuro, ou cujos sentidos, continuamente em movimento, deveriam ter adquirido acuidade igual à dos selvagens — entrevira Corentin; talvez, como um cão bem amestrado, o tivesse percebido pelo olfato.

Em vão o diplomata da polícia ficou a escutar o silêncio e fitar o muro natural formado pelos xistos: não pôde descobrir nada. Se a claridade dúbia do nevoeiro lhe permitiu avistar diversos *chouans*, tomou-os por fragmentos do rochedo, tão bem aqueles corpos humanos conservavam a aparência de uma natureza inerte. Pouco durou o perigo da tropa. Corentin foi atraído por um som muito distinto que se fez ouvir da outra extremidade do Passeio, no ponto em que terminava o muro de arrimo e principiava o rápido declive do rochedo. Uma senda traçada à beira dos xistos, e que levava à Escadaria da Rainha, dava precisamente nesse ponto de interseção. Quando Corentin lá chegou, viu um vulto erguendo-se como por encanto, e ao estender a mão para agarrar esse ente fantástico ou real ao qual não atribuía boas intenções, encontrou as formas roliças e macias de um corpo feminino.

— Vá para o diabo, mulher! — disse ele num murmúrio. — Se em vez de mim você deparasse outra pessoa, poderia ter levado uma bala na cabeça... Mas de onde vem, e para onde vai a estas horas? Você é muda?

“Será mesmo uma mulher?”, indagou a si próprio.

Tornando-se suspeito o silêncio, a desconhecida respondeu numa voz que anunciava grande terror:

— Ah! meu amigo, a gente volta do serão.

“É a pretensa mãe do marquês!”, disse Corentin de si consigo. “Vejamos o que ela vai fazer.”

— Pois bem, passe por ali, minha velha — replicou ele em voz alta, fingindo não a reconhecer. — Pela esquerda, hem?, se não quiser ser fuzilada!

Ele permaneceu imóvel, mas, ao ver a sra. do Gua, que se dirigia para a torre do Papegaut, seguiu-a de longe com diabólica perícia. Durante esse fatal encontro, os *chouans* se tinham mui habilmente postado sobre o monte de estrume para o qual Pé-de-poeira os guiara.

“Lá está a Grande Garce!”, comentou este baixinho de si para si, pondo-se de pé junto à torre, como poderia ter feito um urso.

— Aqui estamos nós — disse à dama.

— Muito bem! — respondeu a sra. do Gua. — Se puderes encontrar uma escada na casa cujo jardim chega a seis pés abaixo do estrume, o Gars será salvo. Vês aquele olho de boi lá em cima? Dá para um quarto de vestir contíguo ao dormitório. Ali é que devem chegar. Essa face da torre ao pé da qual estás é a única que não se acha cercada. Os cavalos estão prontos, e, se guarneceste a passagem do Nançon, dentro de um

quarto de hora deveremos pô-lo fora de perigo, apesar de sua loucura. Mas, se aquela meretriz quiser acompanhá-lo, apunhalai-a.

Percebendo na sombra que algumas das formas indistintas, que a princípio tomara por pedras, se estavam movendo com precaução, Corentin foi imediatamente ao posto da Porte de Saint-Léonard, onde encontrou o comandante dormindo vestido em seu leito de campanha.

— Deixe-o! — disse brutalmente Pé-bonito a Corentin — ele mal acaba de se deitar.

— Os *chouans* estão aqui! — gritou Corentin ao ouvido de Hulot.

— Impossível, mas tanto melhor! — redarguiu o comandante, semiadormecido como estava. — Pelo menos vamos lutar!

Quando Hulot chegou ao Passeio, Corentin lhe mostrou nas sombras a singular posição ocupada pelos *chouans*.

— Eles devem ter iludido ou enganado as sentinelas que coloquei entre a Escadaria da Rainha e o castelo — exclamou o comandante. — Ah! que raio de nevoeiro! Mas paciência! vou enviar uns cinquenta homens, sob as ordens de um tenente, para o pé do rochedo. Não devemos atacá-los ali, porque esses animais são tão rijos que se deixariam rolar até embaixo do precipício como pedras, sem quebrar um membro.

O sino rachado do campanário dava duas horas quando o comandante voltou ao Passeio, após ter tomado as mais severas precauções militares a fim de se apoderar dos *chouans* comandados por Pé-de-poeira. Nessa ocasião, havendo sido duplicados todos os postos, a casa da srta. de Verneuil tornara-se o centro de um pequeno exército. O comandante achou Corentin absorto na contemplação da janela que dominava a torre do Papegaut.

— Cidadão — falou-lhe Hulot —, creio que o ex-nobre está troçando de nós, pois nada ainda se mexeu.

— Ele aí está! — bradou Corentin apontando para a janela. — Vi a sombra de um homem nas cortinas... Não compreendo o que foi feito do meu fedelho: eles devem tê-lo matado ou seduzido. Olhe, comandante, vê? lá está um homem, marchemos!

— Eu não irei agarrá-lo na cama, com a breca! Se ele entrou sairá; Gudín não deixará escapar — replicou Hulot, que tinha suas razões para esperar.

— Vamos, comandante, em nome da lei concito-o a dirigir-se imediatamente àquela casa.

— Você é um bonifrate ainda muito novo para me dar ordens!

Sem se perturbar com a cólera do oficial, disse-lhe Corentin friamente:

— O senhor me obedecerá! Aqui está uma ordem na devida forma, assinada pelo ministro da Guerra, que o forçará a isso — acrescentou ele, tirando do bolso um papel. — Imagina então que sejamos tão

simplórios a ponto de deixarmos essa rapariga agir como entender? Estamos extinguindo a guerra civil, e a grandeza do resultado absolve a pequenez dos meios.

— Tomo a liberdade, cidadão, de mandá-lo a... compreende-me? Basta. Vá saindo quanto antes e deixe-me sossegado.

— Mas leia! — disse Corentin.

— Não me apoquente com as suas funções — exclamou Hulot, indignado por receber ordens de uma criatura a quem achava tão desprezível.

Nesse momento, o filho de Galopa-caneca encontrou-se no meio deles, como um rato que tivesse saído da terra.

— O Gars está em caminho! — exclamou.

— Por onde?

— Pela Rue de Saint-Léonard.

— Pé-bonito — disse Hulot ao ouvido do cabo que se achava junto a ele —, corra a prevenir o seu tenente para que avance em direção à casa e faça um belo foguinho por fileira, você bem me entende! E vocês aí, cerrem filas à esquerda e avancem sobre a torre! — bradou o comandante.

XIV

Para a perfeita inteligência do desfecho, é necessário entrar de novo com a srta. de Verneuil em sua casa.

Quando as paixões atingem uma catástrofe, submetem-nos a uma intensidade de embriaguez muito superior às mesquinhas irritações do vinho ou do ópio. A lucidez que as ideias então contraem, a delicadeza dos sentidos demasiado exaltados produzem os mais estranhos e inesperados contrastes. Achando-se sob a tirania de um mesmo pensamento, certas pessoas distinguem claramente os objetos menos perceptíveis, ao passo que as coisas mais palpáveis são para elas como se não existissem. A srta. de Verneuil estava sujeita a essa espécie de ebriedade que faz da vida real uma vida semelhante à dos sonâmbulos, quando, após ter lido a carta do marquês, se deu pressa em tudo ordenar para que ele não pudesse escapar à sua vingança, tal como outrora tudo preparara para a primeira festa de seu amor. Mas, ao ver sua casa cuidadosamente cercada, por suas ordens, por uma tríplice fila de baionetas, um súbito clarão brilhou-lhe n'alma. Julgou seu próprio procedimento e pensou com certo horror que acabava de cometer um crime. Num primeiro movimento de ansiedade, lançou-se precipitadamente à soleira da porta, e aí permaneceu um instante, imóvel, esforçando-se por se entregar à reflexão sem conseguir terminar um raciocínio. Duvidava tão completamente do que acabava de fazer que procurou saber o motivo pelo qual se encontrava na antecâmara de

sua casa, segurando pela mão uma criança desconhecida. Diante dela, milhares de centelhas nadavam no ar como línguas de fogo. Pôs-se a caminhar, a fim de sacudir o terrível torpor em que se achava mergulhada, mas, semelhante a uma pessoa meio adormecida, nenhum objeto lhe aparecia com sua forma ou sob suas cores verdadeiras. Apertava a mão do meninozinho com uma violência que não lhe era comum, e arrastava-o num passo tão precipitado que parecia ter a atividade de uma louca. Nada viu de tudo quanto estava no salão quando o atravessou, e no entanto ali foi cumprimentada por três homens que se separaram para dar-lhe passagem.

— Ei-la! — disse um deles.

— Ela é muito bonita! — exclamou o padre.

— Sim — respondeu o primeiro —, mas como está agitada!...

— E distraída! — acrescentou o terceiro — nem nos vê.

À porta do seu quarto, a srta. de Verneuil avistou a figura doce e satisfeita de Francine, que lhe disse ao ouvido:

— Ele está ali, Maria...

A srta. de Verneuil despertou, pôde refletir, olhou para a criança que segurava pela mão, reconheceu-a e respondeu a Francine:

— Prenda este menino e, se deseje que eu viva, faça tudo para não o deixar fugir.

Pronunciando estas palavras com lentidão, fixara os olhos na porta de seu quarto, onde ficaram presos com tão apavorante imobilidade que se diria estar vendo sua vítima através da espessura das tábuas. Suavemente empurrou a porta e fechou-a sem se voltar, pois viu o marquês de pé em frente à lareira. Não sendo exageradamente requintado, o modo de trajar do gentil-homem tinha certo ar de festa e de aparato que algo acrescentava ainda ao esplendor que todas as mulheres encontram em seus amantes. A esse aspecto, a srta. de Verneuil recuperou toda a sua presença de espírito. Seus lábios, fortemente contraídos, embora entreabertos, deixaram ver o esmalte dos dentes brancos e desenharam um sorriso parado cuja expressão era mais terrível do que voluptuosa. Em passo lento, caminhou para o rapaz e, apontando-lhe com o dedo a pêndula, disse com falsa alegria:

— Um homem digno de amor vale bem a pena ser esperado.

Mas, abatida pela violência de seus sentimentos, caiu sobre o sofá que se achava perto da lareira.

— Minha querida Maria, você é muito sedutora quando está encolerizada! — disse o marquês sentando-se junto a ela, tomando-lhe a mão, o que ela permitiu, e implorando um olhar, que ela recusava... — Espero — continuou o fidalgo em voz terna e acariciante — que daqui a um instante Maria esteja muito pesarosa por ter se recusado ao beijo de seu feliz esposo.

Ouvindo estas palavras, ela virou-se de repente e fitou-o nos olhos.

— Que significa este olhar terrível? — prosseguiu Montauran a rir-se. — Mas sua mão está escaldante!... Que tem você, meu amor?

— Meu amor! — repetiu a moça com voz surda e alterada.

— Sim — disse ele pondo-se de joelhos diante dela e segurando-lhe as duas mãos, que cobriu de beijos —, sim, meu amor, sou seu para toda a vida.

Ela empurrou-o violentamente e levantou-se. Seus traços contraíram-se, riu como riam os loucos e disse-lhe:

— Você não acredita numa palavra do que diz, homem mais fingido que o mais ignóbil celerado!

Rápido, deu um pulo para o punhal que se achava junto a um vaso de flores, e fê-lo brilhar a dois dedos do peito do jovem, surpreso.

— Ora! — exclamou, arremessando a arma — não o estimo bastante para o matar! Seu sangue é até demasiado vil para ser derramado por soldados, e para você não vejo senão o carrasco...

Tais palavras foram penosamente pronunciadas em tom baixo, e ela sapateava como uma criança mimada que se impacienta. O marquês aproximou-se, procurando segurá-la.

— Não me toque! — exclamou ela, recuando com um movimento de horror.

— Está louca! — disse alto o marquês desesperado.

— Sim, louca — repetiu a jovem —, mas não ainda o bastante para lhe servir de brinquedo... Que não perdoaria eu à paixão! mas querer possuir-me sem amor, e escrever àquela...

— A quem foi que eu escrevi? — perguntou ele com espanto, que, por certo, não era simulado.

— Aquela casta mulher que pretendia matar-me!

Aí o marquês empalideceu, apertou o encosto da poltrona que segurava, quase o quebrando, e exclamou:

— Se a sra. do Gua foi capaz de alguma perfídia...

A srta. de Verneuil procurou a carta e não pôde encontrá-la mais, chamou Francine e a bretã acorreu.

— Onde está aquela carta?

— O sr. Corentin tirou-a.

— Corentin! Ah! compreendo tudo: ele fez a carta e enganou-me como costuma enganar, com arte diabólica...

Depois de soltar um grito agudo, foi cair sobre o sofá, e um dilúvio de lágrimas saiu-lhe dos olhos. A dúvida, tanto quanto a certeza, era horrível. O marquês atirou-se aos pés de sua apaixonada, estreitou-a ao coração, repetindo-lhe dez vezes estas palavras, as únicas que pôde pronunciar:

— Por que chora, meu anjo? Que mal há nisso? As suas injúrias são repletas de amor. Vamos, não chore, amo-a! continuo a amá-la!

De repente, sentiu que ela o apertava com uma força sobrenatural, e,

no meio de seus soluços, indagou ela:

— Ainda me ama?...

— Você tem dúvida? — respondeu Montauran num tom quase melancólico.

A jovem desvencilhou-se desabridamente de seus braços e fugiu para dois passos de distância, como que assustada e confusa.

— Se tenho dúvidas?... — exclamou.

Viu então o marquês a sorrir com tão doce ironia que as palavras lhe expiraram nos lábios. Deixou que lhe tomasse a mão e conduzisse até a soleira da porta. Ao fundo do salão divisou Maria um altar armado às pressas durante sua ausência. Naquele momento o padre envergava suas vestes sacerdotais. Velas acesas projetavam ao teto uma claridade tão doce quanto a esperança. Nos dois homens que a tinham cumprimentado reconheceu ela o conde de Bauvan e o barão du Guénic, duas testemunhas escolhidas por Montauran.

— Ainda me recusa? — perguntou-lhe este, baixinho.

Àquela visão, ela deu subitamente um passo atrás, para alcançar o quarto, caiu de joelhos, ergueu as mãos para o marquês e gritou-lhe:

— Ah! perdão! perdão! perdão!...

Sua voz extinguiu-se, a cabeça pendeu para trás, os olhos fecharam-se, e ela ficou entre os braços do marquês e de Francine, como se houvesse expirado. Ao reabrir os olhos encontrou o olhar do jovem chefe, um olhar cheio de amorosa bondade.

— Maria, paciência! esta tempestade é a última — afirmou ele.

— A última! — repetiu a infeliz.

Francine e o marquês entreolharam-se com surpresa, mas a jovem, com um gesto, lhes impôs silêncio.

— Chamem o padre — ordenou — e deixem-me sozinha com ele.

Os outros se retiraram.

— Meu padre — disse ela ao sacerdote que apareceu de chofre à sua frente —, meu padre, na minha infância um velho de cabelos brancos, semelhante ao senhor, repetia-me amiúde que com uma fé muito viva tudo se obtinha de Deus; é verdade?

— É verdade — confirmou o religioso. — Tudo é possível àquele que tudo criou.

A srta. de Verneuil lançou-se de joelhos com um incrível entusiasmo.

— Ó meu Deus! — disse num êxtase — minha fé em Vós é igual a meu amor por ele! Inspirai-me! Fazei aqui um milagre, ou tirai-me a vida!

— Você será atendida — declarou o padre.

Apoiando-se ao braço daquele velho sacerdote de cabelos brancos, a srta. de Verneuil apresentou-se a todos os olhares. Uma secreta e profunda comoção entregava-a ao amor de um amante, mais

esplêndida do que em qualquer dos dias passados, pois uma serenidade semelhante àquela que os pintores se comprazem em emprestar aos mártires imprimia à sua figura um caráter imponente. Estendeu a mão ao marquês, e avançaram juntos para o altar, onde se ajoelharam. Esse matrimônio que ia ser abençoado a dois passos do leito nupcial, esse altar erguido às pressas, essa cruz, esses vasos, esse cálice levados secretamente por um padre, essa fumaça de incenso espalhada sob cornijas que ainda não tinham visto senão a fumaça das refeições, esse presbítero que usava apenas uma estola sobre a batina, tudo isso formava uma cena comovedora e estranha, que dá a última pincelada à pintura daqueles tempos de triste memória em que a discórdia civil derrubara as mais santas instituições. As cerimônias religiosas possuíam então todo o encanto dos mistérios. As crianças eram batizadas às pressas nos quartos, onde as mães ainda gemiam. Como outrora, ia o Senhor, simples e pobre, consolar os moribundos. Enfim, as meninas recebiam pela primeira vez o pão sagrado no próprio sítio em que brincavam na véspera.

A união do marquês e da srta. de Verneuil ia ser consagrada, como tantas outras uniões, por um ato contrário à nova legislação; mais tarde, porém, esses casamentos, abençoados na maioria das vezes ao pé dos carvalhos, foram todos escrupulosamente reconhecidos. O padre, que assim conservava os antigos usos, era até o último instante um desses homens fiéis aos princípios no auge das procelas. Através da tempestade, sua voz, pura do juramento exigido pela República, só espalhava palavras de paz. Não ateava, conforme fizera o padre Gudín, o fogo do incêndio; mas, com muitos outros, devotara-se à perigosa missão de cumprir os deveres do sacerdócio para com as almas que permaneceram católicas. A fim de se sair bem desse perigoso ministério, utilizava todos os piedosos artifícios exigidos pela perseguição, e o marquês só o pudera encontrar numa dessas escavações que em nossos dias ainda trazem o nome de *esconderijo do padre*. A visão dessa figura pálida e sofredora inspirava tão bem a prece e o respeito que bastava ela para dar àquela sala profana o aspecto de um lugar sagrado... Antes de iniciar a cerimônia, perguntou o oficiante, em meio de profundo silêncio, os nomes da noiva.

— Maria Natália, filha da srta. Branca de Casteran, morta abadessa de Nossa Senhora de Sééz, e de Vítor Amadeu, duque de Verneuil.

— Nascida em...?

— Na Chasterie, perto de Alençon.

— Eu não acreditava — disse o barão ao conde em voz muito baixa — que Montauran fizesse a tolice de desposá-la!... A filha natural de um duque, qual!

— Se fosse do rei, ainda passava — respondeu o conde de Bauvan a sorrir —, mas não serei eu quem o censure. A outra me agrada, e é

montado nessa Égua de Charette que agora vou fazer a guerra. Essa não arrulha!

Os nomes do marquês haviam sido preenchidos antecipadamente; os dois nubentes assinaram e depois as testemunhas. Começou a cerimônia. Nesse momento só Maria ouviu o ruído de espingardas e o da marcha pesada e regular dos soldados que sem dúvida acabavam de render a guarda no posto de Azuis que ela fizera colocar dentro da igreja. A moça estremeceu e alçou os olhos para a cruz do altar.

— Tal qual uma santa — disse Francine baixinho.

— Deem-me destas santas, e eu serei devoto como o diabo! — acrescentou o conde também em voz baixa.

Quando o celebrante dirigiu à srta. de Verneuil a pergunta de costume, respondeu ela por um “sim” acompanhado de profundo suspiro. Inclinou-se para o ouvido do marido e disse-lhe:

— Daqui a pouco tempo você saberá por que falto ao juramento que fizera de jamais o desposar.

Quando, após a cerimônia, passaram os presentes a uma sala onde estava servido o jantar, e na ocasião em que os convivas se sentaram, chegou Jeremias tomado de espanto. A pobre recém-casada ergueu-se de chofre, foi a seu encontro, seguida por Francine, e, sob um desses pretextos que as mulheres tão bem sabem achar, pediu ao marquês que por um momento fizesse sozinho as honras do ágape, e afastou o criado antes que ele cometesse uma indiscrição que teria sido fatal.

— Ah! Francine, sentirmo-nos morrer e não podermos dizer: Estou morrendo!... — exclamou a srta. de Verneuil, que não reapareceu.

Essa ausência poderia encontrar justificativa na cerimônia que se acabara de realizar. Ao findar a refeição e no momento em que a inquietude do marquês estava no auge, voltou Maria em todo o esplendor do vestuário das noivas. Sua fisionomia estava calma e satisfeita, ao passo que Francine, que a acompanhava, trazia tão profundo terror impresso em todos os seus traços que pareceu aos convivas verem nessas duas figuras um quadro excêntrico onde o extravagante pincel de Salvator Rosa⁶² tivesse representado a Vida e a Morte de mãos dadas.

— Senhores — disse ela ao padre, ao barão, ao conde —, serão meus hóspedes por esta noite, pois constituiria grande perigo para suas pessoas sair de Fougères. Esta boa jovem recebeu minhas instruções e conduzirá cada um dos senhores a seu apartamento. Nada de rebeldia — atalhou ao padre que ia falar —, espero que não desobedeça a uma mulher no dia de suas núpcias.

Uma hora mais tarde, achou-se a sós com o amante no voluptuoso quarto que tão graciosamente preparara. Chegaram enfim àquele leito fatal onde, como num túmulo, tantas esperanças se despedaçam, onde o despertar para uma bela existência é tão incerto, onde morre, onde

nasce o amor, de acordo com as tendências dos caracteres que só aí se provam. Maria olhou o relógio e disse consigo mesma: “Seis horas de vida!”.

— Terei podido dormir?... — exclamou pela manhã, despertada em sobressalto por um desses súbitos movimentos que nos fazem estremecer quando na véspera fizemos com nós próprios um pacto no sentido de acordar no dia seguinte a determinada hora. — Sim, dormi — repetiu ela ao ver, à luz das velas, que o ponteiro do relógio estava prestes a marcar duas horas da manhã.

Ela voltou-se e contemplou o marquês adormecido, com a cabeça apoiada numa das mãos, à maneira das crianças, e a outra apertando a de sua mulher, meio sorridente, como se tivesse pegado no sono em meio de um beijo.

— Ah! — falou a jovem sozinha, em voz baixa — tem o sono de uma criança! Mas poderia desconfiar de mim, de mim que lhe devo uma felicidade sem nome?

Ao de leve, tocou-o e ele acordou e acabou de sorrir. Beijou a mão que segurava e olhou para aquela desgraçada mulher com olhos tão fulgurantes que, não podendo suportar o seu voluptuoso brilho, ela abaixou lentamente as largas pálpebras, como para se privar de uma contemplação perigosa; mas, velando assim o fogo de seus olhares, ela excitava tanto o desejo — parecendo recusar-se a ele — que, se não tivesse profundos terrores para ocultar, seu marido poderia acusá-la de uma coqueteria excessiva. Juntos levantaram as encantadoras cabeças e mutuamente fizeram um sinal de reconhecimento, repassado dos prazeres que haviam saboreado; mas, depois de um rápido exame do delicioso quadro que a imagem de sua esposa lhe oferecia, o marquês, atribuindo a um sentimento de melancolia as nuvens espalhadas na frente de Maria, perguntou-lhe em voz doce:

— Por que esta sombra de tristeza, meu amor?

— Pobre Afonso, aonde pensa que o levei?

— À felicidade...

— À morte!

E, estremecendo de horror, precipitou-se do leito; espantado, o marquês seguiu-a e ela o conduziu para perto da janela. Após um gesto delirante que lhe escapou, Maria suspendeu as cortinas e mostrou-lhe com o dedo duas dezenas de soldados na praça. Tendo dissipado as brumas, a lua iluminava com sua branca luz as fardas, as carabinas, o impassível Corentin, que ia e vinha como um chacal que aguarda sua presa, e o comandante, de braços cruzados, imóvel, com o nariz para o ar, os lábios arreganhados, atento e pesaroso.

— Ora, deixemo-los, Maria, volte...

— Por que ri, Afonso? fui eu quem os colocou ali!

— Está sonhando?

— Não.

Entreolharam-se um segundo; o fidalgo tudo adivinhou e, apertando-a nos braços, declarou-lhe:

— Pois seja! continuo a amá-la!

— Então nem tudo está perdido! — exclamou Maria. — Afonso — disse ela depois de uma pausa —, há esperança.

Nesse momento ouviram distintamente o grito surdo da coruja, e Francine saiu de repente do quarto de vestir.

— Pedro está aí! — anunciou com uma alegria semelhante ao delírio.

XV

Com essa espantosa presteza de que só as mulheres são dotadas, a marquesa e Francine vestiram Montauran com uma roupa de *chouan*. Ao ver o marido ocupado em carregar as armas que Francine trouxera, a marquesa esquivou-se prontamente, depois de fazer um sinal de entendimento à sua fiel bretã. Esta conduziu então o nobre ao quarto de vestir contíguo. Vendo uma grande quantidade de lençóis fortemente amarrados, pôde o jovem chefe convencer-se da ativa solicitude com que a bretã trabalhara a fim de enganar a vigilância dos soldados.

— Nunca poderei passar por ali — disse o marquês ao examinar a estreita abertura do olho de boi.

Nesse instante uma gorda figura negra ocupou totalmente o oval daquele postigo, e uma voz rouca, muito conhecida de Francine, avisou com brandura:

— Avie-se, meu general, esses sapos dos Azuis estão se movimentando...

— Oh! mais um beijo! — pediu uma voz trêmula e doce.

O marquês, cujos pés alcançavam a escada libertadora, mas que ainda estava com uma parte do corpo no interior da abertura, sentiu-se apertado por um abraço de desespero. Reconhecendo que a esposa envergara suas roupas, soltou um grito, quis detê-la, mas ela desvencilhara-se precipite de seus braços, e o marido viu-se obrigado a descer. Conservava na mão um retalho de fazenda e, vindo a lua iluminá-lo de repente, percebeu ele que esse trapo deveria pertencer ao colete que usara na véspera.

— Alto! fogo de pelotão!...

Essas palavras, pronunciadas por Hulot no meio de um silêncio que tinha qualquer coisa de terrível, romperam o encanto sob cujo império pareciam achar-se os homens e os lugares. Uma salva de balas que chegavam do fundo do vale até o pé da torre sucedeu às descargas feitas pelos Azuis colocados no Passeio. O fogo dos republicanos não teve nenhuma interrupção, foi contínuo, impiedoso. As vítimas não

soltaram um grito. Entre uma descarga e outra o silêncio era aterrador. Tendo, porém, Corentin ouvido cair do alto da escada uma das personagens aéreas que apontara ao comandante, suspeitou alguma cilada.

— Nenhum daqueles animais canta — disse ele a Hulot. — Os nossos dois amantes são muito capazes de nos distraírem aqui por qualquer subterfúgio, enquanto talvez escapulam por outro lado...

Impaciente por esclarecer o mistério, o espia enviou o filho de Galopa-caneca em busca de tochas. A suposição de Corentin foi tão bem compreendida por Hulot que o velho soldado, preocupado com o ruído de um recontro muito sério que se travava defronte ao posto de Saint-Léonard, exclamou:

— É verdade, eles não podem ser dois.

E precipitou-se para o corpo da guarda.

— Crivaram-lhe a cabeça de chumbo, meu comandante — disse-lhe Pé-bonito, que vinha ao encontro de Hulot —, mas ele matou Gudín e feriu dois homens. Ah! que danado! já havia atravessado três filas dos nossos bravos, e teria atingido o campo se não fosse a sentinela da Porte de Saint-Léonard, que o espetou com a baioneta.

Ouvindo essas palavras, o comandante precipitou-se pelo corpo da guarda adentro e viu sobre o leito de campanha um corpo ensanguentado que ali acabavam de colocar; aproximou-se do pseudomarquês, suspendeu o chapéu que lhe cobria o rosto e caiu numa cadeira.

— Eu desconfiava — bradou ele cruzando os braços com força. — Ela o conservara em sua companhia tempo demasiado, maldição!

Todos os soldados permaneceram imóveis. O comandante soltara os longos cabelos negros de uma mulher. De súbito, o silêncio foi interrompido pelo rumor de uma multidão armada. Corentin entrou no corpo da guarda precedendo quatro soldados que, sobre suas espingardas colocadas em forma de padiola, traziam Montauran, a quem diversos tiros haviam fraturado as duas coxas e os braços. O marquês foi depositado sobre o leito de campanha, ao lado de sua esposa; viu-a, e encontrou forças para segurar-lhe a mão num gesto convulso. A moribunda voltou a custo a cabeça, reconheceu o marido, estremeceu num frêmito horrível de ver-se e numa voz quase extinta murmurou estas palavras:

— Um dia sem amanhã!... Deus me atendeu além de minha expectativa!

— Comandante — disse o marquês reunindo todas as suas forças, e sem largar a mão de Maria —, conto com sua probidade para anunciar minha morte a meu jovem irmão que se acha em Londres. Escreva-lhe dizendo que se quiser obedecer às minhas últimas palavras não empunhará armas contra a França, sem, no entanto, jamais abandonar

o serviço do rei.

— Assim farei — declarou Hulot apertando a mão do moribundo.

— Levem-nos ao hospital mais próximo — ordenou Corentin.

Hulot segurou o espia pelo braço, de maneira que lhe deixasse na carne a marca de suas unhas, e disse-lhe:

— Já que sua tarefa aqui está finda, zarpe! e olhe bem para o rosto do comandante Hulot para nunca se encontrar em seu caminho, se não quiser que ele faça de sua barriga a bainha de seu sabre.

E o velho soldado já ia puxando a espada.

“Eis aí mais uma das minhas pessoas honestas que nunca farão fortuna”, disse consigo mesmo Corentin quando estava longe do corpo da guarda.

Com um aceno de cabeça o marquês ainda pôde agradecer a seu adversário, testemunhando-lhe aquela estima que dedicam os soldados a seus leais inimigos.

Em 1827, um ancião, acompanhado pela esposa, vendia gado no mercado de Fougères, e ninguém lhe dizia nada, embora tivesse ele matado mais de cem pessoas; nem mesmo lhe recordavam seu apelido de Pé-de-poeira. A pessoa a quem se devem preciosas informações sobre todas as personagens desta cena viu-o levando uma vaca, caminhando com esse ar simples, ingênuo, que suscita este comentário: “Aí temos um verdadeiro homem de bem!”.

Quanto a Cibot, conhecido por Furta-pão, já vimos como acabou. Talvez Pé-de-poeira haja tentado, mas em vão, livrar seu companheiro do cadafalso, e achava-se na praça de Alençon por ocasião do medonho tumulto que constituiu um dos acontecimentos do famoso processo Rifoël, Bryond e La Chanterie.⁶³

Fougères, agosto de 1827

UMA PAIXÃO
NO DESERTO

ROMANÇO DE WILKINSON

INTRODUÇÃO

Uma paixão no deserto (em francês: *Une passion dans le désert*) foi publicado pela primeira vez na *Revue de Paris* de 24 de dezembro de 1830. É errada, pois, a data “Paris, 1832”, inscrita no fim do conto pelo próprio Balzac. Incluído primeiro nos *Estudos filosóficos*, acabou por ser uma das duas únicas *Cenas da vida militar* terminadas pelo escritor.

Esta obra não está ligada por nenhum fio ao conjunto de *A comédia humana*. Iniciada por um diálogo entre uma senhora de identidade indeterminada e o narrador, presumivelmente o próprio Balzac, consta de uma narrativa que a este haveria feito um dos veteranos de Napoleão, personagem igualmente anônima. No momento de inserir seus primeiros romances e contos no conjunto de *A comédia*, costumava Balzac submetê-los a uma remodelação, como vimos no caso de *A Bretanha em 1799*. Antes de mais nada, mudava os nomes das personagens, identificando-as com os protagonistas das obras da fase madura. Em *Uma paixão no deserto* não lhe ocorreu fazer nada semelhante; entretanto, a aventura que aí relata poderia ter sido perfeitamente atribuída a um dos Treze, o general Montriveau, aprisionado, como sabemos, pelos selvagens da África. Seu caráter ardente e destemido até o destinava a desempenhar o papel extraordinário do soldado provençal junto à pantera.

O único nome próprio que aparece na história é o de Martin, domador de leões, personagem real com quem Balzac se teria entrevistado. “Foi a conversação que meu irmão teve com Martin, o célebre domador de feras, à saída de uma de suas exposições”, anota a irmã de Balzac, “que lhe fez compor o artigo intitulado *Uma paixão no deserto*.”

O conto agradou aos contemporâneos. Pouco tempo depois de sua publicação, o dr. Véron, diretor da *Revue de Paris*, reclamava do autor outra colaboração, escrevendo-lhe: “Sua *Paixão no deserto* é um êxito absoluto! Scribe sobretudo está encantado com ela. Censura-o apenas por ter dado um fuzil a seu soldado. Sentir-se-ia muito mais medo, se ele não o tivesse”.

De fato, o conto inspira medo, ou antes uma sensação indefinível de curiosidade e mal-estar. Não há dúvida de que o autor, na escolha do assunto, foi muito além de seus contemporâneos mais ousados; mas, graças ao virtuosismo das reticências, conseguiu contornar-lhe os escolhos. Por isso e pelos requintes do desenho, pela arte da gradação e pela perspectiva metafísica em que Balzac consegue colocar uma história que, nas mãos de Maupassant ou de Zola aterroria pela

brutalidade dos pormenores, muitos consideram esta pequena obra-prima o seu melhor conto; encontram-na frequentemente inserida em antologias.

PAULO RÓNAI

UMA PAIXÃO NO DESERTO

I — HISTÓRIA NATURAL DE UMA HISTÓRIA SOBRENATURAL

— É assustador esse espetáculo! — exclamou ela, ao sair do circo de feras do sr. Martin.

Acabava de ver aquele ousado especulador *trabalhando* com a sua hiena, para falar em estilo de cartaz.

— Por que meios — continuou — terá conseguido domesticar seus animais para estar tão seguro da afeição deles a ponto de...?

— Esse fato que lhe parece um problema — respondi, interrompendo-a — é no entanto uma coisa natural.

— Oh! — exclamou, deixando errar nos lábios um sorriso de incredulidade.

— Julga então os animais inteiramente desprovidos de paixões? — perguntei-lhe. — Pois fique sabendo que nós lhes podemos dar todos os vícios devidos ao nosso estado de civilização.

Ela olhou-me com ar atônito.

— Mas ao ver o sr. Martin pela primeira vez — prossegui — confesso que me escapou, como a você, uma exclamação de surpresa. Encontrava-me então perto de um antigo militar com a perna direita amputada, que entrara junto comigo. Aquele rosto me impressionara. Era uma dessas fisionomias intrépidas, marcadas com o selo da guerra e nas quais estão escritas as batalhas de Napoleão. Aquele velho soldado tinha antes de mais nada um ar de franqueza e bom humor, coisa que sempre me predispõe favoravelmente. Era sem dúvida um desses veteranos a quem nada surpreende, que encontram assunto para rir na última careta de um camarada, enterram-no ou saqueiam-no alegremente, interpelam as balas com arrogância, enfim, cujas deliberações são rápidas, e que bem seriam capazes de confraternizar com o diabo. Depois de olhar atentamente o proprietário do circo no momento em que saía da barraca, meu companheiro franziu os lábios de modo a expressar um zombeteiro desdém com essa espécie de significativo muxoxo que se permitem os homens superiores, a fim de se distinguirem dos ingênuos. Assim, quando me espantei da coragem do sr. Martin, ele sorriu e disse-me com um ar de suficiência, abanando a cabeça:

— Isto não é nada!

— Como! Não é nada? — retruquei. — Se quisesse explicar-me esse

mistério, eu lhe ficaria muito agradecido.

Após alguns instantes, durante os quais travamos relações, fomos almoçar no primeiro restaurante que se nos antolhou. À sobremesa, uma garrafa de champanhe devolveu toda a nitidez às recordações daquele curioso soldado. Contou-me a sua história, e eu reconheci que ele tivera razão em exclamar: *Isto não é nada!*

II — CURIOSIDADE DE MULHER

Chegando em casa, tantos afagos e promessas me fez ela que eu consenti em redigir-lhe as confidências do soldado. No dia seguinte, ela recebeu, pois, este episódio de uma epopeia que se poderia denominar *Os franceses no Egito*.¹

III — O DESERTO

Quando da expedição efetuada no Alto Egito pelo general Desaix,² tendo um soldado provençal caído em poder dos berberes, foi conduzido por esses árabes aos desertos situados além das cataratas do Nilo.

A fim de colocar um espaço suficiente para a sua tranquilidade entre eles e o exército francês, os berberes empreenderam uma marcha forçada, só fazendo alto à noite. Acamparam em redor de um poço oculto por palmeiras, junto às quais haviam precedentemente enterrado algumas provisões. Não imaginando que pudesse ocorrer ao prisioneiro a ideia de fugir, contentaram-se em amarrar-lhe as mãos e adormeceram todos, depois de ter comido algumas tâmaras e dado cevada aos cavalos.

Quando viu que os inimigos não se achavam em estado de vigiá-lo, o ousado provençal serviu-se dos dentes para apoderar-se de uma cimitarra; depois, valendo-se dos joelhos para segurar a lâmina, cortou as cordas que lhe impediam o uso das mãos e viu-se livre. Apoderou-se em seguida de uma carabina e de um punhal, fez uma provisão de tâmaras secas, um saquinho de cevada, pólvora e balas, cingiu uma cimitarra, montou num cavalo e abalou em disparada na direção em que supunha achar-se o exército francês.

Impaciente por avistar um bivaque, apressou de tal modo o corcel, já fatigado, que o pobre animal expirou, rendido dos flancos, deixando o francês a pé no meio do deserto.

Depois de marchar algum tempo pelas areias com toda a coragem de um forçado que se evade, o soldado viu-se obrigado a parar; o dia já findava. Apesar da beleza do céu pelas noites do Oriente, não se sentiu com forças para continuar o caminho. Felizmente pudera alcançar uma eminência de onde se elevavam algumas palmeiras, cuja folhagem, avistada de há muito, lhe despertara no coração as mais doces

esperanças. Tão grande era o seu cansaço que se deitou sobre uma pedra de granito caprichosamente talhada em forma de catre, e ali adormeceu, sem tomar nenhuma precaução para a própria defesa durante o sono. Tinha renunciado a sua vida. O último pensamento que teve ao adormecer foi de pesar, pois já se arrependera de haver abandonado os berberes, cuja vida errante começava a sorrir-lhe depois que se via longe deles e sem recursos.

Foi despertado pelo sol, cujos implacáveis raios, tombando a prumo sobre o granito, produziam um calor intolerável. Ora, o provençal tivera a inabilidade de colocar-se em sentido inverso ao da sombra projetada pelas verdejantes e majestosas frondes das palmeiras... Contemplou aquelas árvores solitárias, e estremeceu: recordaram-lhe os fustes elegantes e coroados de longas folhas que distinguem as colunas sarracenas da catedral de Arles. Mas, quando, depois de contemplar as palmeiras, lançou os olhos em redor de si, abateu-se-lhe sobre a alma o mais terrível desespero. Via um oceano sem limites. As areias escuras do deserto estendiam-se a perder de vista em todas as direções, e fulguravam como uma lâmina de aço batida por luz fortíssima. Não sabia se era um mar de gelo ou lagos unidos como um espelho. Transportado em vagas, turbilhonava acima daquela terra movediça um vapor de fogo. O céu tinha um brilho oriental de uma pureza desesperadora, pois que nada deixa desejar à imaginação. O céu e a terra estavam em fogo. O silêncio amedrontava com sua selvagem e terrível majestade. O infinito, a imensidade oprimiam a alma por toda a parte: nem uma nuvem no céu, nem um sopro no ar, nem um acidente no seio da areia agitada por miúdas vagas; enfim, o horizonte terminava, como no mar quando faz bom tempo, por uma linha de luz tão delgada quanto o fio de um sabre.

O provençal abraçou o tronco de uma das palmeiras, como se fosse o corpo de um amigo; depois, abrigado à sombra estreita e reta que a árvore desenhava sobre o granito, chorou, sentou-se e ali ficou, a contemplar com profunda tristeza o cenário implacável que se oferecia a seus olhos. Gritou como para tentar a solidão. Sua voz, perdida nas cavidades da colina, deu ao longe um triste som que não despertou eco; o eco estava em seu coração. O provençal tinha vinte e dois anos, armou a carabina.

“Nunca será tarde!”, pensou, pousando em terra a arma libertadora.

IV — O NOVO ROBINSON ENCONTRA UM SINGULAR SEXTA-FEIRA

Olhando alternadamente o espaço escuro e o espaço azul, o soldado sonhava com a França. Sentia com delícia as águas de Paris, recordava as cidades por onde havia passado, a fisionomia dos camaradas, as menores circunstâncias da sua vida. Enfim, sua imaginação meridional

logo lhe fez entrever as pedras da sua querida Provença nos jogos do calor que ondulava acima da toalha estendida no deserto. Temendo os perigos dessa cruel miragem, desceu a vertente oposta àquela por onde subira na véspera. Grande foi a sua alegria ao descobrir uma espécie de gruta naturalmente cavada nos imensos fragmentos de granito que formavam a base daquele montículo. Os farrapos de uma esteira denunciavam que aquele asilo fora antigamente habitado. Depois, a alguns passos dali, avistou tamareiras carregadas de frutos. Despertou-lhe então na alma o instinto que nos prende à vida. Teve esperanças de viver o suficiente para aguardar a passagem de alguns berberes, ou talvez ouvisse em breve o ruído dos canhões, pois naquele momento Bonaparte percorria o Egito.

Reanimado por esse pensamento, abateu algumas pencas de frutos maduros a cujo peso as tamareiras pareciam vergar, e certificou-se, ao saborear aquele inesperado maná, que o habitante da gruta havia cultivado as árvores: a polpa saborosa das tâmaras acusava com efeito os cuidados de seu predecessor. O provençal passou subitamente de um sombrio desespero a uma alegria quase louca. Tornou a subir ao alto da colina e ocupou-se durante o resto do dia a cortar uma das palmeiras estéreis que na véspera lhe haviam servido de teto. Uma vaga lembrança o fez pensar nos animais do deserto e, prevendo que poderiam vir beber na fonte perdida nas areias que aparecia ao pé das rochas, resolveu proteger-se contra as suas visitas, erguendo uma barreira à porta da sua ermida. Apesar do seu empenho, apesar das forças que lhe deu o medo de ser devorado durante o sono, foi-lhe impossível cortar a palmeira em vários pedaços naquele dia. Quando, pela tardinha, tombou aquela rainha do deserto, o ruído de sua queda reboou ao longe, e houve uma espécie de gemido lançado pela solidão; o soldado estremeceu como se tivesse ouvido alguma voz predizer-lhe uma desgraça.

Mas, assim como um herdeiro que não lamenta por muito tempo a morte de um parente, ele despojou a bela árvore das suas largas e longas folhas verdes, que são o seu poético ornamento, utilizando-as para reparar a esteira onde ia deitar-se.

Exausto de calor e de trabalho, adormeceu sob o forro vermelho da sua gruta úmida. Em meio à noite, foi o seu sono perturbado por um ruído extraordinário. Sentou-se, e o silêncio profundo que reinava permitiu-lhe reconhecer o ritmo alternado de uma respiração cuja selvagem energia não podia pertencer a uma criatura humana. Um profundo medo, ainda aumentado pelas trevas, o silêncio e as fantasias do despertar, gelou-lhe o coração. Quase nem chegou a sentir a dolorosa contração de seu couro cabeludo quando, à força de dilatar as pupilas, avistou na sombra dois clarões fracos e amarelos. A princípio atribuiu aquelas luzes a algum reflexo de seus olhos; mas em breve, como a claridade da noite o ajudasse a distinguir gradativamente os

objetos que se encontravam na gruta, percebeu um enorme animal deitado a dois passos de distância. Era um leão, um tigre, um crocodilo? O provençal não tinha instrução suficiente para saber em que subgênero estava classificado o seu inimigo; mas tanto maior foi o seu terror quanto a ignorância lhe fazia imaginar todos os males ao mesmo tempo. Suportou o cruel suplício de escutar, de apreender os caprichos daquela respiração, sem nada perder dela e sem ousar permitir-se o mínimo movimento. Um cheiro tão forte como o cheiro exalado pelas raposas, todavia mais penetrante, mais grave, por assim dizer, enchia a gruta; e, quando o degustou com as narinas, o terror do provençal chegou ao cúmulo, pois não mais podia pôr em dúvida a existência do terrível companheiro cujo antro real lhe servia de acampamento. Em breve os reflexos da lua, que se precipitava para o horizonte, alumando a gruta, fizeram insensivelmente resplandecer a pele mosqueada de uma pantera.

Esse leão do Egito dormia, enrodilhado como um grande cão, calmo possuidor de um nicho suntuoso à porta de um palácio; seus olhos, abertos por um momento, se haviam fechado de novo. Tinha a face voltada para o francês.

Mil confusos pensamentos atravessaram a alma do prisioneiro da pantera; primeiro pretendeu matá-la com um tiro de carabina, mas viu que não havia espaço suficiente entre ambos para visá-la, pois o cano teria ultrapassado o corpo do animal. E se ele despertasse?... Essa hipótese imobilizou-o. Ouvindo bater o próprio coração no meio do silêncio, amaldiçoava as pulsações demasiado fortes que a afluência do sangue produzia, temendo perturbar aquele sono que lhe permitia procurar um expediente salvador. Levou por duas vezes a mão à cimitarra, no intento de cortar a cabeça da inimiga; mas a dificuldade de cortar um pelo raso e duro obrigou-o a renunciar a esse ousado projeto.

“E se falhasse? Seria morrer na certa”, pensou ele.

Preferiu os azares de um combate, e resolveu esperar o dia. E o dia não se fez desejar por muito tempo. O francês pôde então examinar a pantera; tinha o focinho tinto de sangue.

“Ela comeu bem!...”, pensou, sem indagar se o festim constara de carne humana. “Não vai ter fome quando despertar.”

V — TERÃO ALMA OS ANIMAIS?

Era uma fêmea. O pelo do ventre e das coxas fulgurava de brancura. Várias pequenas manchas, semelhantes a veludo, formavam lindos braceletes em torno das patas. A cauda musculosa era igualmente branca, mas terminada por anéis negros. A parte de cima da pele, amarela como ouro fosco, mas bem lisa e suave, tinha essas

mosqueaduras características, nuancadas em forma de rosas, que servem para distinguir as panteras das outras espécies de felinos.

Aquela tranquila e temível hóspede roncava numa atitude tão graciosa como a de uma gata deitada na almofada de uma otomana. Suas patas sangrentas, nervosas e bem armadas, estavam à frente da sua cabeça, que repousava em cima e da qual partiam essas barbas raras e retas, semelhantes a fios de prata. Se ela estivesse assim em uma jaula, o provençal teria por certo admirado a graça daquele animal e os vigorosos contrastes das cores vivas que davam à sua samarra um fulgor imperial; mas, em tal momento, sentia a vista turbada ante aquele sinistro aspecto. A presença da pantera, embora adormecida, fazia-lhe experimentar o efeito que provocam no rouxinol, ao que dizem, os olhos magnéticos das serpentes. A coragem do soldado acabou por desaparecer um instante à vista daquele perigo, ao passo que sem dúvida se teria exalçado ante a boca dos canhões a vomitar metralha. No entanto, surgiu-lhe n'alma um pensamento intrépido, que secou em sua fonte o suor frio que lhe rorejava a testa. Agindo como os homens que, levados ao extremo pela desgraça, chegam a desafiar a morte e se oferecem a seus golpes, ele, sem o notar, encarou aquela aventura como uma tragédia, na qual resolveu desempenhar com honra o seu papel até a última cena.

“Anteontem, talvez os árabes me tivessem matado!...”, pensou.

Considerando-se como morto, esperou bravamente e com inquieta curiosidade o despertar da inimiga. Quando o sol apareceu, a pantera abriu subitamente os olhos; depois estendeu violentamente as patas, como para desentorpecê-las e dissipar câibras. Afinal bocejou, mostrando assim a temerosa aparelhagem de seus dentes e sua língua fendida, dura como uma lima.

“É como uma mulherzinha!...”, pensou o francês, ao vê-la rolar-se e fazer os movimentos mais suaves e graciosos. Ela lambeu o sangue que lhe tingia as patas e o focinho e coçou a cabeça com gestos repetidos, cheios de gentileza.

“Bem!... faze um pouquinho de *toilette*...”, disse consigo o francês, que, ao recobrar coragem, recuperara também o seu bom humor. “Vamos agora dar-nos bom-dia.”

E segurou o punhal curto de que desembaraçara os berberes.

No mesmo instante, a pantera voltou a cabeça para o soldado e olhou-o fixamente, sem avançar. A fixidez de seus olhos metálicos e sua insuportável claridade fizeram estremecer o francês, sobretudo quando o animal se encaminhou para ele; mas o soldado contemplou-a com ar caricioso e, olhando-a como para magnetizá-la, deixou-a aproximar-se; em seguida, após um movimento tão suave, tão amoroso como se quisesse acariciar a mais linda mulher, passou-lhe a mão sobre todo o corpo, da cabeça à cauda, irritando com as unhas as flexíveis vértebras

que dividiam o dorso amarelo da pantera.

O animal ergueu voluptuosamente a cauda, seus olhos se abrandaram; e quando, pela terceira vez, o francês executou aquele interesseiro gesto de afago, ela fez ouvir um desses ronrons com que os nossos gatos exprimem o seu prazer; mas aquele murmúrio partia de uma garganta tão possante e profunda que reboou na gruta como os últimos acordes de um órgão numa igreja. O provençal, compreendendo a importância de seus carinhos, redobrou-os de modo a atordoar, a estupidificar aquela imperiosa cortesã. Quando se julgou seguro de haver extinguido a ferocidade da caprichosa companheira, cuja fome fora tão felizmente aplacada na véspera, ele se ergueu e quis sair da gruta; a pantera deixou-o partir, mas, depois que ele galgou a colina, saltou com a rapidez dos pardais pulando de um ramo a outro, e veio esfregar-se de encontro às pernas do soldado, arqueando o dorso à maneira das gatas; depois, contemplando o seu hóspede com um olhar cujo brilho se tornara menos inflexível, lançou esse grito selvagem que os naturalistas comparam ao ruído de uma serra.

— Ela é exigente! — exclamou o francês, sorrindo.

Tentou brincar com as suas orelhas, acariciar-lhe o ventre e coçar-lhe fortemente a cabeça com as unhas; e, percebendo o seu êxito, fez-lhe cócegas no crânio com a ponta do punhal, espiando o momento de matá-la; mas a dureza dos ossos fez-lhe temer um insucesso.

A sultana do deserto aprovou as habilidades de seu escravo, erguendo a cabeça, alongando o pescoço, acusando a sua embriaguez pela tranquilidade de sua atitude. O francês pensou de súbito que, para assassinar aquela bravia princesa, era preciso apunhalá-la na garganta, e ia erguendo a lâmina, quando a pantera, já satisfeita por certo, se deitou graciosamente a seus pés, lançando-lhe de tempos em tempos uns olhares em que, apesar do rigor nativo, se esboçava confusamente a benevolência. O pobre provençal comeu as suas tâmaras, apoiado a uma das palmeiras; mas lançava alternadamente um olhar investigador para o deserto, em busca de libertadores, e para sua companheira, a fim de lhe espiar a incerta clemência. A pantera olhava para o lugar onde caíam os caroços de tâmara, de cada vez que ele jogava um, e seus olhos exprimiam então uma incrível desconfiança. Examinava o francês com uma prudência comercial; mas esse exame lhe foi favorável, porque, quando ele findou o seu magro repasto, ela começou a lambe-lhe os sapatos e, com uma língua rude e forte, retirou miraculosamente a poeira ali incrustada.

“Mas e quando ela tiver fome?...”, pensou o provençal.

VI — A IDEIA DO PROVENÇAL

Apesar do arrepio que lhe causou tal ideia, o soldado pôs-se a medir

seriamente as proporções da pantera, por certo um dos mais belos indivíduos da espécie, pois tinha três pés de altura e quatro de comprimento, sem contar a cauda. Esta poderosa arma, redonda como um cassete, media cerca de três pés. A cabeça, tão grande como a de uma leoa, distinguia-se por uma rara expressão de finura; sem dúvida predominava nela a fria crueldade dos tigres, mas havia também uma vaga semelhança com a fisionomia de uma mulher artificiosa. Enfim, a face daquela rainha solitária revelava então uma espécie de alegria semelhante à de Nero embriagado: desalterara-se no sangue e queria brincar.

O soldado tentou andar de um lado para o outro; a pantera deixou-o livre, contentando-se em segui-lo com os olhos, parecendo-se assim menos a um cão fiel do que a um grande angorá inquieto com tudo, até com os movimentos de seu dono. Quando ele se voltou, avistou para as bandas da fonte os restos de seu cavalo; a pantera tinha arrastado o cadáver até ali. Cerca de dois terços tinham sido devorados. O espetáculo tranquilizou o francês. Era fácil então explicar a ausência da pantera e o respeito que tivera para com ele, enquanto dormia.

Como aquela primeira felicidade o animasse a desafiar o futuro, ele concebeu a louca esperança de viver às boas com a pantera durante todo o dia, sem negligenciar nenhum meio de domesticá-la e conciliar suas graças. Voltou para junto dela e teve a inefável ventura de vê-la agitar a cauda num movimento quase imperceptível. Sentou-se então sem temor a seu lado e puseram-se ambos a brincar: pegou-lhe das patas, do focinho, revirou-lhe as orelhas, deitou-a de costas e arranhou fortemente seus flancos mornos e sedosos. Ela prestou-se a tudo, e, quando o soldado tentou alisar-lhe o pelo das patas, recolheu cuidadosamente as unhas recurvas como alfanjes.

O francês, que conservava uma das mãos no cabo do punhal, pensava ainda em mergulhá-lo no ventre da confiante pantera; mas recebeu ser imediatamente estrangulado na última convulsão que a agitasse. E, de resto, sentiu no coração uma espécie de remorso a bradar-lhe que respeitasse uma criatura inofensiva. Parecia-lhe ter encontrado uma amiga naquele deserto sem limites. Pensou involuntariamente em sua primeira amante, a quem apelidara de *Mimosa*, por antífrase, pois era de um ciúme tão atroz que, durante todo o tempo que durou sua paixão, viveu sempre no temor do punhal com que ela costumava ameaçá-lo. Essa lembrança da sua juventude sugeriu-lhe fazer com que atendessem por esse nome a jovem pantera, cuja graça, agilidade e languidez admirava agora com menos receio.

Pelo fim do dia, já se familiarizara com a sua perigosa situação, e quase lhe amava as angústias. Enfim, a companheira acabara por tomar o hábito de olhá-lo quando ele gritava em voz de falsete: *Mimosa!* Ao pôr do sol, Mimosa fez ouvir por várias vezes um grito profundo e

melancólico.

“Ela é bem-educada!...”, pensou o alegre soldado. “Faz as suas orações.” Mas esse gracejo mental só lhe ocorreu depois que notou a atitude pacífica em que permanecia a sua camarada.

“Anda, minha loirinha, eu deixarei que te deites em primeiro lugar”, disse-lhe então, contando com a agilidade de suas pernas para fugir o mais depressa possível quando ela estivesse dormindo, a fim de ir procurar outro abrigo durante a noite.

VII — UM SERVIÇO COMO OS PRESTAM AS RAPARIGAS

O soldado esperou com impaciência a hora da fuga e, no momento azado, marchou rapidamente em direção do Nilo; mas não havia andado um quarto de légua pelas areias quando viu a pantera vir saltando em seu encalço e soltando a espaços aquele som de serra, mais assustador ainda que o surdo rumor de seus pulos.

“Bem, ela simpatizou comigo!...”, pensou ele. “Essa jovem pantera talvez ainda não tenha encontrado ninguém, e é lisonjeiro ser o seu primeiro amor!”

No mesmo instante, o francês tombou num desses areais movediços tão temíveis para os viajantes e de onde é impossível escapar. Sentindo-se apanhado, soltou um grito de alarma; a pantera agarrou-o com os dentes pela gola e, saltando vigorosamente para trás, tirou-o do abismo como por magia.

— Ah! Mimosa — exclamou o soldado, acariciando-a com entusiasmo —, agora entre nós é para a vida e para a morte... Mas nada de brincadeiras.

E voltou para trás.

O deserto ficou desde então como que povoado. Encerrava uma criatura a quem o francês podia falar e cuja ferocidade se abrandara para ele, embora não atinasse com as razões daquela incrível amizade. Por mais forte que fosse o seu desejo de permanecer de pé e em guarda, o soldado acabou adormecendo. Ao despertar, não viu mais Mimosa; subiu a colina e, ao longe, viu que ela vinha aos saltos, segundo o hábito desses animais, a quem é impossível a marcha, devido à extrema flexibilidade de sua coluna vertebral. Mimosa chegou com o focinho ensanguentado; recebeu as carícias necessárias que lhe fez o companheiro, testemunhando até, com vários ronrons graves, o quanto se sentia feliz com elas. Seus olhos, cheios de languidez, voltaram-se com mais doçura ainda do que na véspera para o provençal, que lhe falava como a um animal doméstico:

— Ah! Ah! senhorita, pois você é uma boa rapariguinha, não? Com que então gosta de uns carinhos! Não tem vergonha? Andou comendo algum berbere?... Vá lá! São uns animais como você... Mas ao menos

não me vá papar os franceses... Aí eu não gostaria mais de você!

Ela brincou como brinca um cachorrinho com o dono, deixando-se rolar, bater e acariciar alternadamente; e às vezes provocava o soldado, avançando a pata para ele, num gesto de solicitação.

Vários dias assim se passaram.

VIII — MIMOSA, DISCRETA E FIEL

Tal companhia permitiu ao provençal admirar as sublimes belezas do deserto. Uma vez que ali encontrava horas de temor e de tranquilidade, alimentos e uma criatura em quem pensava, teve a alma agitada pelos mais variados sentimentos... Era uma vida cheia de contrastes. A solidão revelou-lhe todos os seus segredos, envolveu-o com os seus encantamentos. Descobriu no erguer e no deitar do sol espetáculos desconhecidos aos demais. Soube estremecer ao ouvir acima da cabeça o suave aflar das asas de um pássaro — raro passageiro! — ao ver as nuvens confundirem-se — viajantes mutáveis e coloridos! Estudou durante a noite os efeitos da lua no oceano das areias, onde o simum produzia vagas ondulações e rápidas mudanças. Viveu com a luz do Oriente, admirou-lhe as pompas maravilhosas; e muitas vezes, depois de ter gozado do terrível espetáculo de um furacão naquela planície onde as areias soerguidas produziam nevoeiros rubros e secos, nuvens mortais, via chegar a noite com delícia, pois tombava então o benfazejo frescor das estrelas. Ouviu a música imaginária das alturas. Depois, a solidão lhe ensinou a explorar os tesouros das longas cismas. Passava horas inteiras a recordar pequeninos nadas, a comparar sua passada vida com a vida presente.

Enfim, apaixonou-se pela sua pantera, pois bem que precisava de uma afeição. Ou porque a sua vontade, poderosamente projetada, houvesse modificado o caráter de sua companheira ou porque ela encontrasse abundante alimento, graças às batalhas que então se travavam naqueles desertos, o fato é que ela respeitou a vida do francês, que não mais se arreceou, ao vê-la tão bem domesticada.

Empregava a maior parte do tempo a dormir; mas era obrigado a vigiar, como uma aranha no centro de sua teia, para não deixar escapar o momento de sua libertação, se alguém passasse na esfera descrita pelo horizonte. Sacrificara a camisa para fazer uma bandeira, erguida no alto de uma palmeira sem folhas. Aconselhado pela necessidade, soube encontrar o meio de conservá-la desfraldada, distendendo-a com varinhas, pois o vento poderia não agitá-la no momento em que o esperado viajante sondasse o deserto...

Era durante as longas horas em que a esperança o abandonava que ele se divertia com a pantera. Acabara por conhecer as diferentes reflexões de sua voz, a expressão de seus olhares, estudara os caprichos

de todas as manchas que matizavam o ouro do seu pelo. Mimosa já nem sequer rugia quando ela pegava o tufo em que terminava a sua temível cauda, para contar-lhe os anéis negros e brancos, gracioso ornamento que brilhava longe ao sol como pedras preciosas. Sentia prazer em contemplar as linhas suaves e finas de seus contornos, a brancura do ventre, a graça da cabeça. Mas era sobretudo quando ela brincava que ele a fitava com mais complacência, e sempre o surpreendia a agilidade, a juventude de seus movimentos; admirava-lhe a flexibilidade quando ela se punha a saltar, a rastejar, a deslizar, a ocultar-se, a agarrar-se, a rolar, a encolher-se, a lançar-se por toda parte. Por mais rápido que fosse o seu impulso, por mais escorregadio que fosse um bloco de granito, ela parava de súbito ao chamado de “Mimosa!”.

Um dia, por um sol fulgurante, um imenso pássaro pairou nos ares. O provençal deixou a sua pantera para admirar o novo hóspede; mas, após um momento de espera, a sultana abandonada rugiu surdamente.

“Creio que ela é ciumenta, Deus me perdoe!”, exclamou ele, ao ver seus olhos voltarem à antiga dureza. “Decerto a alma de Virgínia passou para esse corpo!...”

A águia desapareceu nos ares enquanto o soldado admirava o talhe roliço da pantera. Mas havia tanta graça e juventude nos seus contornos! Era lindo como uma mulher. O loiro pelo das costas se casava com finas tonalidades ao branco fosco que distinguia as coxas. A luz profusamente lançada pelo sol fazia brilhar aquele ouro vivo, aquelas manchas pardas, de maneira a lhes dar indefiníveis encantos. O provençal e a pantera olharam-se um e outro com um ar de inteligência; a faceira estremeceu quando sentiu as unhas do amigo arranhar-lhe o crânio, seus olhos brilharam como dois relâmpagos, depois fechou-os fortemente.

— Ela tem uma alma! — disse ele, estudando a tranquilidade daquela rainha das areias, dourada como elas, branca como elas, solitária e ardente como elas...

IX — UM MAL-ENTENDIDO

— E então — disse-me ela —, li a sua defesa em favor dos animais; mas como acabaram duas pessoas tão bem-feitas para se compreenderem?

— Aí está!... Acabaram como acabam todas as grandes paixões, por um mal-entendido. Acredita-se, de um lado e de outro, numa traição, ninguém se explica por orgulho, e ambos rompem por teimosia.

— E às vezes nos mais belos momentos — disse ela. — Basta um olhar, uma exclamação... Pois bem, termine a história.

— É horrivelmente difícil, mas você me compreenderá o que já me confiara o veterano quando, ao findar sua garrafa de champanhe, exclamou:

— Não sei que mal lhe fiz eu, mas ela voltou-se como se estivesse raivosa e, com os seus dentes agudos, me mordeu a coxa, levemente sem dúvida. Eu, julgando que ela quisesse devorar-me, mergulhei-lhe o punhal no pescoço. Ela caiu, soltando um grito que me gelou o coração, eu a vi debater-se a olhar-me sem cólera. Eu desejaria por tudo no mundo, pela minha cruz que eu ainda não tinha, devolver-lhe a vida. Era como se tivesse assassinado uma pessoa de verdade. E os soldados que tinham visto a minha bandeira e que acorreram em meu socorro vieram encontrar-me em pranto... Pois bem, meu senhor — tornou ele, após um momento de silêncio —, eu continuei depois a guerra na Alemanha, na Espanha, na Rússia, na França; passei um bocado o meu cadáver, e nada vi de semelhante ao deserto... Ah! Como era lindo aquilo!

— Que sentia o senhor? — perguntei-lhe.

— Oh! Isso não se explica, meu rapaz. Aliás, não lamento sempre o meu grupo de palmeiras e a minha pantera... só quando estou triste. No deserto, compreende o senhor, há tudo, e não há nada...

— Mas, ainda assim, explique-me...

— Pois bem — disse ele, deixando escapar um gesto de impaciência —, é Deus sem os homens...

Paris, 1832

UM EPISÓDIO DO TERROR

1 *Sr. Guyonnet Merville*: tabelião de Paris em cujo cartório, na Rue Coquillière, o jovem Balzac foi colocado em 1817 e trabalhou durante dezoito meses como auxiliar. É o modelo vivo do tabelião Derville, personagem de *A comédia humana*.

2 *Scribe*: Eugène Scribe (1791-1861), comediógrafo francês, autor de *O copo de água* etc.; foi durante algum tempo, antes de Balzac, auxiliar no mesmo cartório.

3 *Ci-devant*: locução adverbial cujo sentido primitivo é “antigamente” ou “ex-”; substantivado, empregava-se durante a Revolução Francesa para designar pessoa ligada ao Antigo Regime por seus títulos de nobreza, sua posição etc.

4 O *convento dos Carmelitas* foi o cenário de um dos episódios mais sangrentos da Revolução Francesa em 2 de setembro de 1792, quando muitos eclesiásticos ali refugiados foram chacinados pela plebe. No convento, onde está atualmente localizado o Instituto Católico de Paris (Rue de Vaugirard), existe uma capela dos Mártires em lembrança das vítimas.

5 O *duque de Langeais*, personagem balzaquiana, é marido da duquesa de Langeais, heroína do primeiro episódio de *A história dos treze*; o *marquês de Beauséant*, outra personagem balzaquiana, é sogro da viscondessa de Beauséant, em solteira Clara de Borgonha, heroína de *A mulher abandonada*.

6 *Um padre não ajuramentado*. Um dos padres que, em 1790, não prestaram juramento à constituição civil do clero e se tornaram, por isso, alvo de perseguições por parte dos revolucionários.

7 *Domine, salvum fac regem* (em latim no original): “Deus, salva o rei”.

8 *Um desses medrosos Convencionais*. Alusão aos deputados da Convenção que votaram a culpabilidade de Luís XVI (707 de 721). (Quando à pena de morte, foi votada por 387 votos contra 334.)

9 O *venerável jansenista*. Não é provável que o padre de Marolles fosse um partidário de Jansenius (1585-1638), cuja interpretação das doutrinas de santo Agostinho provocou tão vivas discussões na França do século XVII entre jansenistas e jesuítas. Balzac parece empregar aqui o termo em sentido figurado para designar um eclesiástico intransigente e austero.

10 *Mucius Scaevola*: um desses sobrenomes latinos que os revolucionários adotavam com especial predileção.

11 *9 de termidor*: 27 de julho de 1794, dia da queda de Robespierre, que marcou o fim do Terror.

12 Os Ragon são personagens de *César Birotteau*.

13 Embora pouco antes tenha feito uma referência exata à data da queda de Robespierre (27 de julho de 1794), aqui, por lapso evidente, Balzac põe-na em janeiro.

UM CASO TENEBROSO

1 *Sr. de Margonne*: amigo da família de Balzac, que muitas vezes hospedou o romancista no seu castelo de Saché. Parece fora de dúvida que o sr. de Margonne foi amante da mãe de Balzac, na mocidade de ambos, e que Henry, irmão mais moço de Honoré, era seu filho.

2 *A ciência de Lavater e de Gall*. Johann Kaspar Lavater (1741-1801) é o inventor da fisionomia, ou arte de julgar o caráter pelos traços do rosto; Franz Josef Gall (1758-1828), o fundador da frenologia, ou teoria das localizações cerebrais. Balzac acreditava nessas duas “ciências”, hoje bastante desacreditadas, e lhes aplicava sistematicamente as lições nos retratos de suas personagens.

3 *Jacobinos*: membros do famoso clube revolucionário que se reunia no antigo Convento dos Jacobinos, em Paris, desde 1789. Partidários de Robespierre, os jacobinos sustentaram-no até o fim e tomaram parte ativa no Terror. O clube foi fechado depois de 9 de termidor (ver a nota 11 de *Um episódio do Terror*).

4 *Mansart*: Jules Hardouin Mansart (1646-1708), primeiro arquiteto de Luís XIV, construtor do palácio de Versalhes e outros edifícios importantes; inventor da espécie de água-furtada chamada, do seu nome, *mansarde*.

5 *Os quatro grandes rancores da nobreza*. A *Borgonha*, no tempo de Luís XI, tinha sido um ducado e seus duques fizeram resistência tenaz ao reino de França; os duques de *Guise*, poderosa família da aristocracia, encontraram-se em guerra com o rei Henrique III, cujo trono pretendiam; a *Liga* era a confederação católica organizada pelos Guise; e, finalmente, a *Fronça* foi outra conspiração, chefiada pelo príncipe de Condé, contra a Monarquia, durante a menoridade de Luís XIV.

6 *Si meurs!*: “Morre, ou morro, assim”. Frequentemente os lemas heráldicos contêm, como este, a etimologia suposta do nome da família que os adotou.

7 *O duque de Brunswick* e o *príncipe de Coburgo*, generais, eram os chefes do exército coalizado que combatia a França em 1792.

8 *Brutus*: Marcus Junius Brutus (85-42 a.C.), republicano romano que, embora devesse grandes favores a Júlio César, organizou uma conspiração contra ele ao vê-lo desejoso de tornar-se imperador e foi um de seus executores.

9 *Saint-Just*: Louis Antoine Saint-Just (1767-1794), membro da Convenção e do Comitê de Salvação Pública, conhecido pela inflexibilidade que demonstrou como acusador de Danton e dos companheiros deste.

10 *Babeuf*: François Noël, dito Gracchus (1760-1797), jornalista, chefe de uma conspiração republicana extremista contra o Diretório. Babeuf preconizava a partilha das terras e desejava fundar a República dos Iguais. Preso em 1796 e condenado à morte um ano depois, matou-se com um punhal ao ser levado ao cadafalso.

11 *Montanha* era o nome que se dava ao grupo mais avançado da Convenção, grupo cujos membros ocupavam as filas mais elevadas da Assembleia Revolucionária e que, sob a chefia de Robespierre, depois de esmagar os girondinos, tomou conta do poder e iniciou o Terror.

12 *18 de brumário* (do ano VIII): no calendário revolucionário, data do golpe de Estado que fez Napoleão Bonaparte primeiro-cônsul.

13 *Assinados*: em francês, *assignats*, papel-moeda emitido pela Assembleia Nacional em 1789 para permitir a compra dos “bens nacionais” (isto é, dos bens confiscados à Igreja) e retirado de circulação em 1797, depois de ter provocado inflação.

14 *Os clichianos*: nome dado aos realistas que, de 1795 a 1797, se reuniam nos salões

do jardim de Clichy, e depois em casa do deputado Delahaye; dizimados em setembro de 1797, por procurarem provocar uma contrarrevolução. — *Jeunesse dorée*: “juventude dourada”, jovens da burguesia rica, os quais, depois de 9 de termidor (ver a nota 11 de *Um episódio do Terror*), tomaram parte no movimento de reação contra o Terror.

15 *Muscadin*: nome dado, por volta de 1793, aos elegantes realistas.

16 *Écarté*: jogo de cartas, jogado normalmente entre dois parceiros, no qual estes se descartam.

17 *Carmagnole*: ronda revolucionária, dançada em 1793, e a canção que a acompanhava.

18 *Príncipe da Paz*: dom Manuel de Godoy (1767-1851), favorito e primeiro-ministro de Carlos IV da Espanha e amante da rainha Luísa Maria. Obteve seu título como recompensa pelo papel que desempenhara na conclusão do Tratado de Paz de Basileia em 1795. O episódio a que Balzac alude aqui deu-se durante o motim de Aranjuez em 1808.

19 *Fouché*: Joseph Fouché (1759-1820), membro da Convenção, depois ministro da Polícia sob Napoleão, a quem traiu depois dos Cem Dias, conservando seu posto durante a Restauração; intrigante dos mais hábeis e dos menos escrupulosos. — *Pichegru, Georges, Moreau e Polignac*: conspiradores realistas. O *general Charles Pichegru* (1761-1804), um dos melhores técnicos dos exércitos revolucionários, bandeou-se para os realistas em 1796; em 1804 conspirou contra Napoleão com *Georges Cadoudal* (1771-1864), antigo chefe dos *chouans*, rebeldes monarquistas da Vendeia, o qual com um punhado de partidários passou vários meses em Paris, escondido, à espera de oportunidade para raptar ou suprimir Napoleão. Denunciados por Leblanc, um dos antigos oficiais de Pichegru, os dois foram presos, sendo Cadoudal executado com seus cúmplices na Place de Grève; quanto a Pichegru, encontraram-no estrangulado no cárcere antes de ser julgado. *Jean-Victor Moreau* (1763-1813), general da Revolução, tornou-se rival de Bonaparte; exilado por ter entrado em negociações com os realistas, juntou-se ao exército russo e caiu na batalha de Dresde, combatendo contra os soldados de Napoleão. O *duque Armand de Polignac* (1780-1847), irmão do futuro primeiro-ministro de Carlos X, foi condenado à morte em consequência dessa conspiração; agraciado, conseguiu escapar da prisão. A Restauração o fez par de França.

20 *Pôs fim à insurreição do Oeste no espaço de quinze dias*: essa façanha de Corentin será contada em *A Bretanha em 1799*.

21 *Lenoir*: Jean-Charles-Pierre Lenoir (1732-1807), intendente-geral da polícia de 1774 a 1785.

22 *Favras*: Thomas de Mahy, marquês de Favras (1744-1790), agente político do conde de Provença (futuro Luís XVIII); enforcado na Place de Grève, por haver fomentado em 1789 uma conspiração antirrevolucionária.

23 *Campo de Bolonha*: em 1804, Napoleão pretendeu organizar um desembarque na Inglaterra, partindo de Bolonha (Boulogne); mas, como sua frota não conseguiu distrair a esquadra britânica, acabou por se convencer da impossibilidade do empreendimento e restringiu-se a passar em revista as tropas, que festejaram com entusiasmo o imperador recém-eleito.

24 *Pitt*: William Pitt (1759-1806), primeiro-ministro inglês, adversário implacável da Revolução Francesa e de Napoleão; organizou três coalizões contra a França.

25 *Os montanheses*: os partidários da Montanha (ver a nota 11).

26 *Os chouans*: ver a nota 19.

27 *13 de vendemiário* do ano IV (1795): data do calendário revolucionário em que o general Bonaparte venceu a revolta popular de alguns bairros de Paris contra a Convenção. — *18 de frutidor* do ano V (4 de setembro de 1797): data do golpe de Estado executado pelo Diretório com auxílio do general Augereau contra o Conselho dos Anciãos e dos Quinhentos.

28 *Golpe da Rue Saint-Nicolas*: a colocação de uma máquina infernal nessa rua em 24 de dezembro de 1800, por três emigrados, Carbon, Saint-Réjant e Limoëlan, com o intuito de matar Napoleão, então primeiro-cônsul. A máquina estourou alguns minutos depois da passagem de Napoleão, havendo grande número de mortos e feridos. Dos autores do atentado os dois primeiros foram guilhotinados; o terceiro escapou.

29 *Duque de Enghien*: Louis-Antoine-Henri, príncipe de Bourbon Condé (1772-1804), foi mandado raptar por ordem de Napoleão, contra o direito internacional, no ducado de Baden. O primeiro-cônsul, em represália a várias conspirações monarquistas, mandou julgá-lo sumariamente no forte de Vincennes, onde foi executado no próprio dia do julgamento. A sentença baseava-se na acusação, sabidamente falsa, de que o duque era cúmplice de Georges Cadoudal (ver a nota 19).

30 *Rivière*: Charles-François de Riffardin, duque de Rivière (1763-1828), depois de haver tomado parte nesta conspiração, procurou levantar o sul da França contra Napoleão no momento da volta deste da ilha de Elba. Sob a Restauração, foi nomeado embaixador da França em Constantinopla.

31 *Conde d'Artois*: nome que usava Carlos X (1757-1836) antes de ser coroado rei da França em 1824.

32 *Talleyrand*: Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, príncipe de Benevento (1754-1838), bispo de Autun sob o Antigo Regime, presidente da Assembleia Nacional, ministro das Relações Exteriores sob o Diretório, o Consulado e o Império, embaixador nos períodos da Restauração e de Luís Filipe, diplomata espirituoso e de grandes recursos, mas completamente amoral.

33 O nome de *Cinq-Cygne* significa “cinco cisnes”.

34 *Charlotte Corday*: Charlotte Corday d'Armont (1768-1793), que apunhalou Marat no banheiro para vingar a morte dos girondinos e foi guilhotinada por sua vez.

35 As *tontinas*, cujo nome é derivado de Lorenzo Tonti, financista napolitano, eram companhias por ações para o gozo de rendas vitalícias, que aumentavam à medida que diminuía o número de acionistas. A tontina criada em 1791 por *Joaquim Lafarge* combinava as rendas vitalícias com um sistema de amortização do capital. O pai de Balzac, cuja principal mania era a longevidade, era acionista de Lafarge.

36 *Boulle*: André Boulle (1642-1732), marceneiro de grande talento, cujos móveis, incrustados de ouro, cobre, bronze, mosaico ou conchas, eram bastante estimados.

37 1830 é a data da revolução burguesa que levou ao trono Luís Filipe.

38 O jogo de cartas chamado *boston* era uma homenagem à cidade desse nome assediada pela Inglaterra durante a Guerra da Independência norte-americana. — *Independências, misérias* eram termos do jogo que aludiam às fases do assédio.

39 *Monsieur*: título que se dava ao irmão mais velho do rei, no caso o conde de Provença, o futuro Luís XVIII.

40 *Cazalès*: Jacques de Cazalès (1758-1805), membro da Assembleia Constituinte, um dos oradores do partido realista; morreu na emigração.

41 *Walcheren*: ilha do arquipélago holandês em que um exército inglês desembarcou

em 30 de julho de 1809, ocupando Flessingen. Ao cabo de dois meses, porém, repelidos pelas medidas enérgicas tomadas por Fouché na ausência de Napoleão, ocupado na Áustria, os ingleses tiveram de evacuar a ilha e voltar a seu país.

42 *Duque de Rovigo*: René Savary, general do Império, vencedor da batalha de Ostrolenka; como coronel da gendarmaria de elite, foi instrumento dócil de Napoleão na execução do duque de Enghien.

43 *Duque de Otranto*: título concedido a Fouché por Napoleão.

44 *Tristan*: Louis Tristan l'Hermite, preboste dos marechais de Carlos VII e Luís XI, espécie de chefe de polícia, famoso pela sua crueldade.

45 *Peyrade*: personagem de *A comédia humana*; o fim de sua vida é contado em *Esplendores e misérias das cortesãs*, onde o velho policial se atreve a enfrentar Vautrin. — *Corentin* também aparece no mesmo romance.

46 *Harmódio*: autor da conspiração, com seu amigo Aristogitão, contra Hiparcos e Hípias, filhos do tirano Pisístrato (514 a.C.).

47 *Judite*: heroína bíblica; para salvar a cidade de Betúlia, seduziu Holofernes, o general inimigo, e cortou-lhe a cabeça.

48 *Jacques Clément*: monge dominicano, assassino de Henrique III, executado pelos guardas do rei (1589).

49 *Ankarstroëm* (1760-1792): gentil-homem sueco, assassino de Gustavo III, cuja política desaprovava; morto no cadafalso.

50 *Limoëlan*: cavaleiro Joseph-Pierre Picot de Limoëlan (1768-1826), participante do golpe da Rue Saint-Nicoise (ver a nota 28); mais feliz do que seus cúmplices, conseguiu escapar e fugir para a América do Norte.

51 *Ci-devant*: ver a nota 3 de *Um episódio do Terror*.

52 *Cévola*: Múcio Cévola (Scaevola), jovem romano, herói da história antiga; durante o assédio de Roma pelos etruscos, penetrou no campo dos inimigos e, julgando matar o rei Porsena, trucidou-lhe o secretário. Levado à presença do rei, colocou a mão direita num braseiro aceso como para castigá-la pelo engano e para mostrar que desprezava as torturas.

53 *Cambacérès*: Jean-Jacques Cambacérès (1753-1824), segundo-cônsul durante o Diretório, arquichanceler do Império.

54 *Lebrun*: Charles-François Lebrun, duque de Plaisance (1739-1824), terceiro-cônsul durante o Diretório.

55 *Dubois*: chefe de polícia, personagem que não conseguimos identificar.

56 *Duque de Grandlieu*: personagem de *A comédia humana*; já apareceu em *Esplendores e misérias das cortesãs* e *A duquesa de Langeais*.

57 *Sontag*: Henriette Sontag (1806-1854), famosa cantora alemã.

58 *Malibran*: Maria de la Felicidad García (1808-1836), ilustre cantora de origem espanhola, celebrada nas *Estâncias à Malibran*, de Musset.

59 *Trafalgar*: cabo do Mediterrâneo a noroeste de Gibraltar, onde a frota unida da França e da Espanha foi desbaratada, pelos ingleses, em 21 de outubro de 1805. A frota inglesa perdeu nessa batalha o seu chefe, o almirante Nelson, mas destruiu ou prendeu dezoito dos trinta e três navios de Napoleão e assegurou à Inglaterra o domínio absoluto dos mares.

60 *Austerlitz*: cidade da Morávia onde Napoleão obteve sua maior vitória sobre os

exércitos austríaco e russo, em 2 de dezembro de 1805. Os inimigos perderam trinta e cinco mil homens. O bronze dos canhões conquistados, fundido, serviu para a ereção da coluna da Place Vendôme.

61 *Ele se tornou o Boi*: trocadilho baseado no nome de Chargebœuf, cuja última sílaba significa “boi”.

62 *A viúva do marquês de Beauharnais*: Joséphine Tacher de la Pagerie (1763-1814), casou-se em 1796 com Napoleão, de quem se divorciaria em 1809.

63 *Mi-carême*: quinta-feira da terceira semana da quaresma, dia de divertimentos na França.

64 *Presidente de Harlay*: Achille de Harlay (1536-1619), presidente do Parlamento de Paris, magistrado justo e corajoso.

65 *Trumeau*: autor de um famoso assassinio por envenenamento, teve seu caso julgado em 1803.

66 *A viúva Morin* foi autora de uma tentativa de extorsão e assassinio na pessoa de um certo Ragoulleau, em 1812.

67 *Fualdès*: Antoine-Bernardin Fualdès (1761-1817), magistrado assassinado num prostíbulo de Rodez, em 1817; o processo, que teve repercussão excepcional, deu origem a uma canção famosa.

68 *Castaing*: Edme Samuel Castaing (1797-1823), médico, envenenador de dois amigos seus, os irmãos Ballet, de cuja herança quis apoderar-se. Apesar de defendido pelo ilustre advogado Berryer, foi condenado à morte e executado.

69 *Sra. Lafarge*: Maria Pouch-Lafarge (1816-1852), acusada de ter envenenado o marido, foi condenada em 1830 a trabalhos forçados perpétuos.

70 *Fieschi*: Giuseppe Fieschi (1790-1836), autor de um atentado malogrado contra Luís Filipe, em 1836, por meio de uma máquina infernal; foi preso e executado com seus cúmplices.

71 *Régnier* (1736-1814): grande juiz durante o Império, encarregado da Diretoria Geral de Justiça e da Polícia; nomeado por Napoleão duque de Massa.

72 *Bordin*: personagem de *A comédia humana*, procurador; foi defensor, entre outros, da sra. de la Chanterie.

73 *Derville*: personagem de *A comédia humana*, procurador; encarregado dos interesses de grande número de personagens, entre as quais o coronel Chabert e Gobseck.

74 *Sr. de Grandville*: personagem balzaquiana, protagonista de *Uma dupla família*.

75 *Berezina*: rio da Rússia, afluente do Dnieper; sua travessia custou a Napoleão, durante a retirada de 1812, a metade de seu exército.

76 *Berryer*: Antoine Berryer (1790-1868), advogado e orador de grande prestígio, político legitimista.

77 O culto do *Ser Supremo*, votado por unanimidade, em 7 de maio de 1794, pela Constituinte, era chamado a substituir o catolicismo, que os revolucionários julgavam definitivamente extinto.

78 *Merlin*: Philippe-Auguste Merlin (1754-1838), jurisconsulto e político, durante algum tempo presidente da Convenção; procurador-geral sob o Império; exilado em 1815.

79 *Robert Lefebvre* (1756-1830): ilustre retratista, pintor de Napoleão, Luís XVIII e Carlos X.

80 O *marechal Lannes*, assim como as demais personagens desta cena, são figuras históricas.

81 *Somosierra*: cadeia de montanhas da Espanha, em cujos desfiladeiros os franceses venceram os espanhóis em 1809.

82 *Moscova*: rio da Rússia, perto do qual os franceses venceram os russos, em sangrenta batalha, em 1812.

83 *Srta. Girel*: filha de Girel, o qual, conforme as revelações de Michu à srta. de Cinq-Cygne (no capítulo VIII), “era um realista que, para salvar-se, se fizera de jacobino”.

84 *Princesa de Cadignan*: personagem balzaquiana, uma das grandes amorosas de *A comédia humana*; ela mesma conta seu passado em *Os segredos da princesa de Cadignan*.

85 *Os Italianos*: Théâtre des Italiens, ou Bouffons, companhia de atores italianos organizada em Paris no século XVII e que existiu até 1878.

86 *Bois de Boulogne*: passeio preferido dos parisienses.

87 *Marquesa d'Espard*: personagem balzaquiana, heroína de *A interdição*.

88 *De Marsay*: protagonista de *A comédia humana*, um dos Treze. Desempenhou papéis maiores em *A menina dos olhos de ouro* e *O contrato de casamento*.

89 *De Rastignac*: uma das figuras principais de *A comédia humana*. Conhecemo-lo desde o momento decisivo de sua mocidade, quando, pobre estudante, morava na pensão Vauquer (*O pai Goriot*).

90 *Duque de Lenoncourt*: personagem balzaquiana, pai da sra. de Mortsauf, o “Lírio do Vale”.

91 *Duque de Navarreins*: personagem balzaquiana, pai da duquesa de Langeais.

92 *O conde de Vandenesse*: Félix de Vandenesse, protagonista de *A comédia humana*; adorador platônico da sra. de Mortsauf (*O lírio do vale*), amante de Natália de Manerville (*O contrato de casamento*), casou-se com uma das filhas do conde de Grandville (*Uma filha de Eva*), o ex-advogado de Michu (ver a nota 74).

93 *D'Arthez*: protagonista de *A comédia humana*; chefe do Cenáculo em *Ilusões perdidas*; apareceu, também, em *Os segredos da princesa de Cadignan*.

94 A necessidade deste salvo-conduto não está explicada em nenhuma outra parte de *A comédia humana*.

95 *Duque de Orléans*: título a que Luís Felipe teria direito por nascimento.

96 *Sr. de Saint-Aulaire*: Louis Claire de Beaupoil, conde de Saint-Aulaire (1778-1854), embaixador da França em Viena de 1833 a 1841, depois de ter sido, sob a Restauração, deputado do partido liberal.

97 *Decazes*: duque Elie Decazes (1780-1860), primeiro-ministro em 1819 e 1820, de tendências moderadas.

98 *Villèle*: conde Joseph de Villèle (1773-1853), primeiro-ministro de 1821 a 1828, ultrarrealista, autor de medidas reacionárias.

99 O *duque de Bordeaux*, filho do duque de Berry, herdeiro único do ramo primogênito da casa de Bourbon, nasceu em 1820; teria, pois, nesse momento, treze anos apenas.

100 *Henrique IV* foi assassinado em 1610 pelo fanático Ravaillac.

101 O nome do segundo é Talleyrand (aleijado de um pé; daí o grifo da palavra umas quatro linhas antes).

102 Sieyès: padre Emmanuel-Joseph Sieyès (1748-1836), autor de um famoso folheto relativo ao Terceiro Estado, publicado em vésperas da Revolução. Um dos fundadores do Clube dos Jacobinos, foi membro da Constituinte, da Convenção, do Conselho dos Quinhentos, diretor e cônsul.

103 Carnot: Lazare Carnot (1753-1823): capitão de engenharia, eleito em 1791 membro da Convenção; depois, membro do Comitê de Salvação Pública, do Diretório e do Tribunato; eminente matemático, criador dos exércitos da República e dos planos de campanha, apelidado “o organizador da vitória”. Foi o único tribuno que teve a coragem de votar em 1804 contra o estabelecimento do Império. Mais tarde, ministro do Interior sob Napoleão. A Restauração exilou-o como regicida.

104 O Diretório, organizado pela Constituição do ano III, compunha-se de cinco membros eleitos: Barras, Reubell, La Révellière, Le Tourneur e Sieyès. Tendo este último recusado o posto, em seu lugar foi eleito Carnot.

105 Melas: barão Michel Melas (1729-1808), general austríaco, derrotado por Napoleão em Marengo.

106 Masséna: André Masséna (1756-1817), duque de Rivoli, príncipe de Esslingen, marechal da França, que, de Rivoli e Zurique a Essling e Wagram, se distinguiu numa série de batalhas.

107 Luciano Bonaparte (1775-1840): um dos irmãos de Napoleão; presidente do Conselho dos Quinhentos e, depois, príncipe de Canino.

108 Ott: barão Peter Karl Ott (?-1809), general austríaco, comandante das tropas do assédio de Gênova, defendida por Masséna, que se lhe rendeu (em 1799); pouco tempo depois vencido em Montebello pelos franceses, que infligiram nova derrota em 1805.

109 Saint-Cloud: localidade próxima de Paris, para onde se retiraram em 19 de brumário do ano VIII os dois Conselhos, o dos Quinhentos e o dos Anciãos, a fim de se porem a salvo da suposta conspiração “descoberta” pelos partidários de Bonaparte. Mas uma intervenção inoportuna deste provocou a desconfiança dos Conselhos e ele foi expulso da sala das discussões aos gritos de “Morte ao tirano!”. Por efeito dessa resistência, os Conselhos foram adiados e resolvida a reforma constitucional que entregaria a França aos três cônsules, ou melhor, a um só deles, o próprio Bonaparte.

O DEPUTADO DE ARCIS

1 Coronel Giguot e sra. Marion: personagens balzaquianas, cujas relações de parentesco com outras pessoas do mesmo nome, encontradas já em *Um caso tenebroso*, são explicadas mais adiante pelo próprio autor. O mesmo se dá com várias outras personagens deste romance, parentes ou descendentes dos protagonistas daquela narrativa. Lembremos que entre as ações dos dois romances se passaram trinta e três anos.

2 Antonino Goulard: filho do antigo *maire* de Cinq-Cygne.

3 Frederico Marest: personagem balzaquiana; conhecemo-lo como escrevente do cartório Desroches em *Uma estreia na vida*; juiz de instrução, teve de interrogar Augusto de Mergi acerca do roubo que este cometera na casa do dr. Halpersohn (*O avesso da história contemporânea*).

4 Olivério Vinet: filho do advogado de Provins que defendeu os Rogron, acusados de terem assassinado a sobrinha com suas torturas (*Pierrette*).

5 Sr. Martener: filho do médico de Provins que em vão procurou salvar Pierrette (*Pierrette*).

6 *Por ocasião do 18 de brumário, ele só disse asneiras aos Quinhentos.* Ver a nota 109 de *Um caso tenebroso*.

7 *Um príncipe inimigo da fraude:* alusão irônica a Luís Filipe.

8 *Teatro Guignolet:* deve tratar-se de um dos teatros de títeres que nasceram por imitação do teatro Guignol, criado em Lyon por Mourguet.

9 *Francisco Keller:* protagonista de *A comédia humana*; já encontrado em *César Birotteau* e outros romances.

10 *A corte cidadã:* como Luís Filipe era designado “o rei cidadão”, sua corte pôde ser chamada também de “cidadã”.

11 *A marechala de Carigliano* era filha de Malin, conde de Gondreville.

12 *Aristides:* general e homem de Estado ateniense (séc. VI-V a.C.), cuja integridade lhe valeu o apelido de “o Justo”. Tendo dirigido as finanças de seu Estado, morreu pobre.

13 *Champagne Pouilleuse:* Champanha Piolhenta, nome de uma parte da Champanha, formada de planaltos gredosos.

14 Ver *Um caso tenebroso*. (Nota de Balzac.)

15 *Odilon Barrot* (1791-1873): advogado e político francês, deputado liberal depois da Revolução de Julho; embora partidário da Monarquia constitucional, com sua oposição sistemática aos governos de Luís Filipe contribuiu para a queda deste em 1848. — *Thiers* Adolphe Thiers (1797-1877), político e historiador francês; partidário da Revolução de 1830, foi nomeado presidente do Conselho em 1836 e 1840; presidente da República de 1871 a 1873, da qual foi um dos fundadores, em sua movimentada carreira política tomou muitas vezes atitudes contraditórias.

16 *Lista Civil:* importância reservada, nas monarquias, às despesas pessoais do soberano.

17 *Sr. Dupin:* André Dupin (1783-1865), jurisconsulto e político; de 1832 a 1837, presidente da Câmara.

18 *Roberto Macário:* tipo moderno da velhacaria audaciosa, protagonista do melodrama *O albergue dos Adrets*, que o desempenho de Frédérick Lemaître tornou famoso. *Germeuil* é uma das vítimas de Roberto.

19 *O prelado imortal que advoga pela Polônia extinta:* alusão provável a Lamennais (1782-1854), filósofo e político.

20 *O corajoso panfletário, censor da Lista Civil:* alusão provável a Paul-Louis Courier (1772-1825), escritor político de tendências liberais, inimigo da Restauração.

21 *Avenue des Soupirs:* Avenida dos Suspiros. (N. E.)

22 *Abd-el-Kader* (1807-1883), emir árabe que fez a guerra contra a França de 1832 a 1847, tentando organizar um império árabe.

23 *A srta. de Chargebœuf,* que, contra a vontade dos parentes, se casou com Vinet, pertencia ao ramo pobre dessa família; o chefe do ramo rico era o velho marquês de Chargebœuf, que apareceu em *Um caso tenebroso*.

24 Ver *Pierrette*. (Nota de Balzac.)

25 *O sentimento que anima o cão do jardineiro:* alusão ao velho refrão castelhano “É como o cão do jardineiro que nem come as couves nem as deixa comer”, aplicada numa comédia de Lope de Vega à mulher faceira e ciumenta que não quer que se dirija a outra mulher um amor que ela desdenhou.

26 *Jeu de Paume:* alusão ao juramento feito numa sala de jogo de pela pelos deputados

do Terceiro Estado (isto é, o povo), impedidos de se reunirem na sala da assembleia de Versalhes, em 20 de junho de 1789. Nessa ocasião os deputados populares juraram que não se separariam antes de votar uma nova constituição. Foi este um dos primeiros atos da Revolução Francesa.

27 *Como pai e mãe*: há no original francês um trocadilho intraduzível, baseado na homofonia das palavras *maire* (primeiro funcionário de uma comuna) e *mère* (mãe).

28 *Grande Livro*: registro da dívida pública, que contém o nome de todos os credores do Estado.

29 *Srta. Mars*: Anne Bouret (1779-1847), notável atriz cômica; teve um dos seus melhores papéis no *Misanthropo*, de Molière, como Célimène.

30 *Sévigné*: Marie de Rabutin-Chantal. Condessa de Sévigné (1626-1696), autora de cartas que a tornam uma clássica da literatura francesa.

31 *Conde Moreton de Chabillant* (1750-1793): general francês, conhecido sobretudo pelo escândalo que provocou na primeira representação de *O casamento de Fígaro*, ao exigir de um procurador o camarote que este pagara. Não atendido, agrediu-o fisicamente e o fez expulsar pelos guardas em nome do rei. O Parlamento de Paris tomou as dores do procurador, e o conde foi processado e destituído de seu posto no Exército. Não obtendo sua reintegração até 1789, o conde Moreton de Chabillant aderiu à Revolução, tornando-se inimigo acerbo da Monarquia.

32 9 de termidor: ver a nota 11 de *Um episódio do Terror*.

33 *Tallien*: Jean Lambert Tallien (1767-1820), membro da Convenção; inimigo de Robespierre, foi um dos autores da queda deste no dia 9 de termidor do ano II (27 de julho de 1794).

34 *Clichianos*: ver nota 14 de *Um Caso Tenebroso*.

35 Esta explicação já foi dada em *Um caso tenebroso*.

36 *Beauséant*: família da alta aristocracia, inventada por Balzac.

37 *Era a viga caída do céu na cidade das rãs*: alusão às fábulas de Fedro e de La Fontaine em que as rãs pedem um rei a Júpiter.

38 *É pelo menos um conde*: os ouvintes, no original francês, podem tomar esta frase por um trocadilho, em vista da homofonia das palavras *comte* (conde) e *conte* (conto).

39 *Princesa de Cadignan*: em solteira, Diana d'Uxelles; duquesa de Maufrigneuse antes de ser princesa de Cadignan, protagonista de *A comédia humana*, uma das grandes amorosas de Balzac (*Os segredos da princesa de Cadignan*).

40 *Quo me trahit fortuna* (em latim no original): “Aonde me arrasta a fortuna”.

41 *Duque de Maufrigneuse*: filho único da princesa de Cadignan (ver nota 38).

42 *D'Arthez*: protagonista de *A comédia humana*, ilustre escritor; era amante da princesa de Cadignan (*Os segredos da princesa de Cadignan*).

43 *Monsieur Troubert*: o antigo comensal do padre Birotteau (*O cura de Tours*).

44 No original *poculer*, do latim *poculum*, “copo, ação de beber, bebida ou beberagem”. Também anagrama de *copuler* ou copular.

45 *Holy-Rood*: palácio de Edimburgo, antiga residência dos Stuart, onde Carlos x passou parte de seu exílio.

46 Os *Montecchi* e os *Capuletti* eram duas famílias inimigas em Verona, às quais pertenciam os infelizes amantes Romeu e Julieta.

47 Os Verneuil, os Maufriigneuse e os D'Hérouville: famílias da alta aristocracia inventadas por Balzac.

48 Du Tillet: protagonista de *A comédia humana*, ambicioso sem escrúpulos, cuja ascensão é contada em *César Birotteau*.

49 Nucingen: protagonista de *A comédia humana*, banqueiro desonesto que, por meio de falências fraudulentas e outras operações suspeitas, adquire enorme fortuna.

50 Tradução do verso de Voltaire: *Il s'en présentera, garde-toi d'en douter* (*Tancredo*, ato III, cena 4).

51 O senhor fez prosa sem saber: alusão a uma cena de Molière, em que o burguês fidalgo vem a saber, com espanto, que estava falando em prosa sem o saber. Aqui a frase equivale a “O senhor me ajudou sem o saber”.

52 O Regente: duque Filipe de Orléans (1674-1723), regente da França durante a menoridade de Luís xv; conhecido pela sua devassidão.

53 A marquesa d'Espard e o cavaleiro d'Espard são personagens de *A interdição*.

54 De Rastignac: uma das personagens preferidas de Balzac; conhecemos sua estreia difícil em *O pai Goriot*.

55 De Marsay: protagonista de *A comédia humana*, um dos Treze; apareceu, também, em *O contrato de casamento*.

56 A famosa Ester Gobseck: personagem de *Esplendores e misérias das cortesãs*.

57 A desgraça da sra. de Restaud é contada em *Gobseck*.

58 Ver Os Treze. (Nota de Balzac.)

59 Bravi: plural da palavra italiana *bravo*, empregada em francês no sentido de “sicário”.

60 Clichy: a Rue de Clichy, onde havia uma prisão especial para devedores relapsos.

61 O espectro de Banquo: alusão à tragédia *Macbeth*, de Shakespeare, na qual, no meio de um banquete, o espectro de Banquo, a quem mandara assassinar, aparece diante de Macbeth.

62 Marechal de Richelieu: Armand du Plessis, duque de Richelieu (1696-1788), general, sobrinho-neto do cardeal, igualmente famoso pelo seu espírito e pela sua devassidão. — *Potemkin*: Gregor Alexandrovitch Potemkin (1739-1791), marechal russo, favorito de Catarina II.

63 Lauzun: Antoine Monpar de Caumont, conde e depois duque de Lauzun (1633-1723), gentil-homem de origem modesta, cortesão famoso pela paixão que soube inspirar à srta. de Montpensier, prima de Luís xiv, e que teria acabado em casamento se os numerosos inimigos que Lauzun fizera com a sua rápida ascensão e suas insolências não tivessem impedido o enlace, conseguindo que fosse encarcerado o noivo na fortaleza de Pignerol de 1671 a 1680. Depois de libertado, casou-se em segredo com a amada. — Por evidente engano, Henri Longnon e Marcel Bomeron, em seus comentários a *O deputado de Arcis* (Balzac, *La comédie humaine*. Paris: Conard, 1914, v. xxi, p. 441), confundem essa personagem com Armand Louis de Gontam, duque de Biron e de Lauzun (1747-1793), político e general executado durante o Terror.

64 Brillat-Savarin: Anthelme Brillat-Savarin (1755-1826), magistrado e político francês, autor de *Fisiologia do paladar ou Meditação de gastronomia transcendente*.

65 Vinte anos de trabalhos forçados: alusão, não muito delicada, à longa ligação que De Rastignac manteve com a sra. Delfina de Nucingen, antes de lhe desposar a filha.

66 *Três dias gloriosos*: nome dado aos dias 27, 28 e 29 de julho de 1830, data da revolução que pôs fim ao reinado de Carlos x.

Z. MARCAS

1 *Monsenhor conde Guillaume de Wurtemberg*: príncipe reinante de Wurtemberg, uma das relações pessoais da condessa Hanska, e a quem Balzac contava convidar para testemunha de seu casamento, que esperava próximo, com ela.

2 *O teatro do Odéon*, fechado durante algum tempo, foi reaberto depois; funciona ainda hoje como segundo teatro nacional.

3 *Quartier Latin*: Bairro Latino, nome do bairro estudantil de Paris.

4 Baile popular que tomou o nome do chefe de orquestra Paul Murard.

5 *Palmira*: cidade importante da Síria da época romana, destruída pelos sírios em 634, teve suas ruínas descritas por Volney.

6 *Vocês se vestiram de postilhões de Longjumeau*. Essa fantasia é devida à ópera cômica *O postilhão de Longjumeau*, de Leuven, Brunswick e Adam, estreada em 1876, e que alcançou extraordinário êxito.

7 *Véry* e *O Rochedo de Cancale (Le Rocher de Cancale)*: dois dos melhores restaurantes da Paris da época, frequentemente mencionados em *A comédia humana*.

8 *Toussaint Louverture* (1743-1803): político e general negro do Haiti, chefe da insurreição de São Domingos de 1796 a 1802; aprisionado pelo general Brunet, morreu na França, no forte de Joux.

9 *Cooper*: Fenimore Cooper (1789-1851), romancista norte-americano, autor de romances de aventura, dos quais o mais conhecido é *O último dos moicanos*, em que faz uma reconstrução pitoresca dos ingênuos e rudes costumes dos índios dos Estados Unidos.

10 *Morey*: Pierre Morey, um dos cúmplices de Fieschi (ver *Um caso tenebroso*, nota 70), decapitado em Paris em 19 de fevereiro de 1836. Até o fim negou sua participação no atentado contra Luís Filipe, conservando a maior impassibilidade durante os interrogatórios.

11 *Guatemozin*: último imperador do México; defendeu corajosamente seu país contra os espanhóis. Estes, antes de o enforcarem, por ordem de Cortez, submeteram-no a terríveis torturas para saber dele o esconderijo de seus tesouros; o imperador, porém, manteve silêncio em meio aos piores tormentos.

12 *Berryer*: ver nota 76 de *Um caso tenebroso*.

13 *Thiers*: ver nota 15 de *O deputado de Arcis*.

14 *O ramo de Orléans*, ao qual pertencia Luís Filipe, venceu o ramo primogênito, representado por Carlos x, na Revolução de Julho de 1830.

15 *Barras*: visconde Paul de Barras (1755-1829), político, membro da Convenção e do Diretório. Foi ele quem confiou ao jovem Bonaparte a missão de reduzir Toulon à obediência (1793) e quem mais tarde o fez nomear chefe do Exército da Itália; depois, porém, tornou-se hostil a Napoleão e opôs-se ao golpe de Estado de 18 de brumário.

16 *Colbert*: Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), um dos maiores ministros da França; filho de um negociante de tecidos, conseguiu alcançar seu alto posto graças a Mazarino, de quem fora o homem de confiança e que o legou a Luís xiv.

17 *Ricardo III não queria senão o seu cavalo*. Alusão à famosa exclamação de Ricardo III

da Inglaterra (1452-1485), quando, na batalha de Bosworth, se viu perdido: “Um cavalo! Um cavalo! Meu reino por um cavalo!”.

18 O *palácio do Luxemburgo* é sede do Senado.

19 *Pozzo di Borgo*: conde Carlos André Pozzo di Borgo (1764-1842), político corso, inimigo mortal de Napoleão; foi quem entregou a Córsega aos ingleses. Fugindo à aproximação dos franceses, passou o resto da vida a intrigar, a serviço de vários países, como agente secreto; por fim, conselheiro particular do czar e embaixador da Rússia em Paris durante a Restauração.

20 *Shibolets*: senhas.

21 *O único homem que soube fazer-se valer*: provável alusão a Thiers.

22 *Carrel*: Armand Carrel (1800-1836), jornalista, fundador de *Le National*, adversário da Monarquia de Julho; morto em duelo por Émile de Girardin. Balzac o tomou como modelo de sua personagem Miguel Chrestien.

23 *Burke, Sheridan, Fox*, conhecidos oradores ingleses: *Edmund Burke* (1729-1797), famoso por seus discursos contra a Revolução Francesa; *Richard Sheridan* (1751-1816), que era também autor dramático; e *Charles-James Fox* (1749-1806), adversário de Pitt e partidário de uma aliança franco-inglesa.

24 *Pitt*: ver a nota 24 de *Um caso tenebroso*.

25 *Diocleciano* (245-313): imperador romano que perseguiu os cristãos com grande crueldade; aos dez últimos anos de seu reinado dá-se o nome de “era dos mártires”.

26 Os *voltigeurs* (volteadores): nome que se dava às companhias de infantaria leve que ficavam nas alas da linha de batalha e, por ironia, aos nobres emigrados, grosseiros e pretensiosos, que a Restauração fez voltar à França.

27 *Vaudeville*: comédia leve entremeada de canções.

28 *É demasiado tarde*: esta frase famosa foi pronunciada por La Fayette quando, presidente da comissão instalada no Hôtel de Ville (a prefeitura de Paris) durante a Revolução de Julho de 1830, recebeu a carta pela qual o rei Carlos X revogava seus decretos de 25 do mesmo mês. Poucos dias depois o duque de Orléans, chefe do ramo secundogênito, ocupou o trono sob o nome de Luís Filipe.

29 *Carlos Rabourdin*: personagem balzaquiana, filho de Xavier Rabourdin (*Os funcionários*).

A BRETANHA EM 1799

1 *Théodore Dablin* (1783-1861): comerciante, amigo da família de Balzac, e que ajudou mais de uma vez o escritor durante os anos difíceis da sua estreia. Já explicamos, na Introdução, por que motivo Balzac, embora tenha publicado anteriormente a este muitos livros, considera-o o primeiro.

2 Foi o *general Hoche* que em 1796 conseguiu acabar com a guerra civil da Vendeia, que já durara três anos e custara a vida a cinquenta mil pessoas.

3 *Hulot*: é a mesma personagem (apenas com trinta e cinco anos menos) que conhecemos em *A prima Bete* como *marechal Hulot*.

4 *Pé-de-poeira*: traduzimos assim a alcunha francesa *Marche-à-terre*.

5 A palavra *garce*, no francês comum, significa “prostituta”.

6 *Sra. de Staël* (1766-1817): filha do ministro Necker, escritora de grande fama, autora

de *Corina, Delfina e Da Alemanha*.

7 *Os irmãos Cottureau*: insurgidos contra a República em 1793, Jean, François e Pierre caíram em 1794, só René sobreviveu ao motim.

8 *O jovem Bonaparte* estava nesse momento no Egito, de onde voltaria dentro de poucos dias; iludindo a vigilância da frota inglesa do Mediterrâneo, desembarcaria em Fréjus em 8 de outubro de 1799.

9 *Bernadotte*: Charles Bernadotte (1763-1829), marechal da França que se distinguiu nas guerras da Revolução e do Império; infenso ao golpe de Estado de 18 de brumário, sempre mostrou certa hostilidade a Napoleão.

10 *Fouché* foi ministro da Polícia de 1796 a 1810.

11 *Barras*: ver a nota 15 de *Z. Marcas*.

12 *Pitt*: ver a nota 24 de *Um caso tenebroso*.

13 *Ci-devant*: ver a nota 3 de *Um episódio do Terror*.

14 *Chave-dos-corações*: tradução do apelido francês *La-clef-des-coeurs*.

15 *Pé-bonito*: tradução da alcunha francesa *Beau-pied*.

16 *Jemmapes*: localidade da Bélgica perto da qual Dumoriez venceu os austríacos em 1792.

17 *Coruja*: em francês *chouette*.

18 *Trebia*: rio da Itália, afluente do Pó, em cujas margens Suvarof venceu os franceses comandados por Macdonald. — A *batalha de Novi* foi outra derrota francesa; nela morreu o general Joubert.

19 *Pichegru* (1761-1804): general francês preso por ter traído a causa republicana, foi encontrado estrangulado em sua prisão.

20 *Lescure*: Louis-Marie de Lescure (1766-1793), general vendeano, ferido mortalmente perto de Fougères.

21 *Furta-pão*: tradução que demos ao apelido francês *Pille-miche*.

22 *Turgot*: Anne-Robert-Jacques Turgot, barão de l'Aulne (1727-1781), ministro da Fazenda de Luís XVI; suprimiu as barreiras alfandegárias internas e tentou estabelecer a liberdade do comércio e da indústria por medidas radicais, mas esbarrou na resistência das classes privilegiadas.

23 *Coucous*: espécie de diligência com duas rodas. Uma viagem em *coucou* forma o assunto da primeira parte de *Uma estreia na vida*.

24 *Galopa-caneca*: tradução que demos ao apelido francês *Galope-chopine*.

25 *Leva-a-bem*: tradução do apelido francês *Mène-à-bien*.

26 Personagens, todas, inventadas por Balzac; algumas delas desempenham papéis em outras obras de *A comédia humana*: o conde de Fontaine aparece em *O baile de Sceaux*, o cavaleiro de Valois e um dos Troisièmeville em *A solteirona*, o marquês d'Esgrignon em *O gabinete das antiguidades*.

27 18 de brumário: ver a nota 12 de *Um caso tenebroso*.

28 *Mayence*, em alemão *Mainz*: cidade da Alemanha à margem esquerda do Reno, cuja guarnição francesa capitulou em 23 de julho de 1793, depois de ter resistido durante quatro meses aos exércitos da coalizão.

29 *Repoussoir*: parte de tom reforçado no primeiro plano de um quadro, para fazer com que os objetos do segundo plano pareçam mais afastados.

30 *Incríveis*, em francês *Incroyables*: nome dado, durante o Diretório, aos moços da oposição monarquista, que se distinguiam por grande afetação no traje, nos costumes e na linguagem.

31 *Savenay*: cidade da Bretanha, onde os rebeldes vendeanos foram dizimados pelas tropas de Kleber e Westermann, em 1793. — *O príncipe de Loudon* assim como sua irmã são personagens inventadas por Balzac.

32 *Pequena Provença*, em francês *Petite Provence*: parte do jardim das Tuileries, passeio preferido dos políticos durante a época do romance.

33 *Charette*: François-Athanase de Charette de la Contrie (1763-1796), chefe monarquista fuzilado em Nantes pelos republicanos.

34 *Coblentz* ou *Coblence*: cidade da Prússia onde, em 1792, os emigrados se juntaram para formar o exército contrarrevolucionário dito de Condé; alcunha desses emigrados.

35 *Barão du Guénic*: personagem balzaquiana; já apareceu como ancião em *Beatriz*, romance cuja ação é de muitos anos ulterior à deste.

36 *Major Brigaut*: personagem balzaquiana; anos depois, amigo da viúva Lorrain, mãe de Pierrette Lorrain (*Pierrette*).

37 *La Billardière* ou *barão Flamet de la Billardière*: personagem balzaquiana. A Restauração recompensar-lhe-ia os serviços nomeando-o chefe de repartição no Ministério da Fazenda (*Os funcionários*).

38 Esta personagem misteriosa parece não ser outra senão Georges Cadoudal, executado em 1804 por ter procurado assassinar Napoleão (ver a nota 19 de *Um caso tenebroso*); Balzac projetou consagrar a essa empresa o romance *Senhorita do Vissard*, do qual, porém, só chegou a escrever o primeiro capítulo.

39 *Uma mulher já empreendeu essa bela obra-prima, o rei liberto deixou que a queimassem viva*. Alusão a Joana d'Arc e a Carlos VII.

40 *Quiberon*: península do Morbihan, onde, em 1795, um exército de emigrados monarquistas tentou desembarcar com o auxílio da frota inglesa. Aprisionados por Hoche, setecentos e onze gentis-homens foram fuzilados. Carlos X, então conde d'Artois, assistiu ao desastre a bordo de um navio inglês, mas não se atreveu a intervir.

41 O nome do capitão *Merle* é, em francês, nome comum, e significa melro.

42 *D'Autichamp*, *Suzannet*, *o padre Bernier*: personagens reais, chefes dos rebeldes monarquistas e que mais tarde se renderiam à República.

43 *Nos Quatro Caminhos*. Alusão à batalha de Quatre-Chemins, em 13 de dezembro de 1793, em que os vendeanos conseguiram vencer as tropas regulares da República.

44 *Nid-aux-crocs*: em português “Ninho dentado”.

45 *Hyde de Neuville*: Jean Guillaume Hyde de Neuville (1776-1857), agente e político realista. — *D'Andigné*: personagem que não conseguimos identificar.

46 *Rifoël*: Amadeu Rifoël do Vissard, personagem balzaquiana, envolvida no caso dos esquentadores de Mortagne (*O avesso da história contemporânea*). Balzac destinava-lhe papel maior no romance inacabado *Senhorita do Vissard* (ver a Introdução). — *Esquentadores*: nome que se dava aos salteadores que, nos últimos anos do século XVIII, reunidos em bandos, assaltavam casas de campo no centro e no oeste da França, submetendo os habitantes a toda espécie de torturas, inclusive a de queimar-lhes os pés (de onde o nome de “esquentadores”), para levá-los a revelarem o esconderijo de seus tesouros. Segundo alguns historiadores, estavam a soldo da Inglaterra e dos

monarquistas.

47 Texto francês dos dois versos: *Je suis la Mère de Dieu./ Protectrice de ce lieu.*

48 *As vítimas de Quiberon*: ver a nota 40.

49 O *marquês de Lenoncourt* deve ter algum parentesco com o duque do mesmo nome, pai da sra. de Mortsau (O lírio do vale).

50 *Termo*: deus da mitologia romana, protetor dos limites, representado, na extremidade dos campos, sob a forma de um marco encimado de um busto.

51 *Lauzun*: ver a nota 62 de *O deputado de Arcis*. — *Coigny*: François Franquetot de Coigny (1670-1759), marechal da França, vencedor da batalha de Guastalla. — *Ademar*: existem várias personagens históricas com este nome, mas o trecho de Balzac não permite a identificação.

52 *Domine, salvum fac regem* (em latim): “Senhor, conserva a saúde do rei”.

53 *Marceau*: François Séverin Marceau (1769-1796), general da Revolução, que se distinguiu especialmente na guerra da Vendeia; morto na batalha de Altenkirchen, quando comandava o regimento de Sambre et Meuse.

54 *Geronte*: ancião fraco e crédulo, personagem de comédia.

55 *Esta srta. d’Uxelles* deve ser alguma parenta do duque d’Uxelles, pai de Diana de Maufrigneuse (*Os segredos da princesa de Cadignan*).

56 *Esta srta. de Casteran* é de uma família aristocrática inventada por Balzac, e que tem vários representantes em *A comédia humana*; a mais notável de todas é Beatriz, protagonista do romance do mesmo nome.

57 *Coblentz*: ver a nota 34.

58 *Maquiavel* (1469-1527): político e historiador florentino, autor do tratado *O príncipe*. A opinião comum atribui a Maquiavel o amoralismo de seu modelo, César Borgia, e entende por maquiavelismo uma política astuciosa e de má-fé, ávida de chegar aos seus fins sem se preocupar com os meios.

59 *Clube de Clichy*: sociedade política de tendências reacionárias, durante o Diretório, a qual levou Pichegru à presidência do Conselho dos Quinhentos.

60 O original destas estrofes (na ordem em que são citadas por Balzac) é o seguinte:

À la première ville,	Brave capitaine,
Son amant l'habille	Que ça ne te fasse pas de peine,
Tout en satin blanc;	Ma fille n'est pas pour toi.
À la seconde ville,	Tu ne l'auras sur terre,
Son amant l'habille	Tu ne l'auras sur mer,
En son respect, trahison.	
Elle était si belle,	Le père prend sa fille
Qu'on lui tendait les voiles	Puis la déshabille
Dans tout le régiment	Et la jette à l'eau.
.....	Capitaine, plus sage,
Allons, partons belle,	Se jette à la nage,
Partons pour la guerre,	la ramène à bord.
Partons, il est temps.	
Allons, partons, belle,	
Partons pour la guerre,	
Partons, il est temps.	

61 *Scapin*: personagem de comédias do século XVII, especialmente de *As manhãs de Scapin*, de Molière; tipo do criado astuto.

62 *Salvator Rosa* (1615-1673): célebre pintor italiano, autor de quadros sombrios e patéticos, de assuntos tristes.

63 Acerca desse processo ver *O avesso da história contemporânea*.

UMA PAIXÃO NO DESERTO

1 *Uma epopeia que se poderia denominar* Os franceses no Egito. Quinze anos mais tarde, no *Catálogo das obras* que conterà *A comédia humana*, que encabeçava a edição de 1845 desta última, Balzac anunciou, entre as *Cenas da vida militar*, um ciclo denominado *Os franceses no Egito*, composto dos seguintes episódios: *O profeta*; *O paxá*; *Uma paixão no deserto*; *O exército rodante*; *A guarda consular*, sendo que os dois primeiros e os dois últimos estavam ainda por fazer; nenhum deles chegou, porém, nem sequer a ser começado.

2 *Desaix*: Louis Desaix de Veygoux (1768-1800), general francês que seguiu Bonaparte no Oriente e conquistou o Alto Egito; morto durante a carga de cavalaria com que, no último instante, transformou a derrota de Marengo em vitória.

**Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:**



[@editorabibliotecaazul](https://www.instagram.com/editorabibliotecaazul)



<https://www.facebook.com/abibliotecaazul>

Copyright da tradução © 1946 Editora Globo S/A

NOTAS © 2012 by Cora Tausz Rónai e Laura Tausz Rónai

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

EDITOR RESPONSÁVEL Lucas de Sena

ASSISTENTE EDITORIAL Jaciara Lima

PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini

DIAGRAMAÇÃO Jussara Fino

PREPARAÇÃO Luciana Araújo

REVISÃO Maria da Anunciação Rodrigues

DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO B. D. Miranda e J. Bergmann

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

EDITORA DE LIVROS DIGITAIS Ludmila Gomes

PRODUÇÃO DO E-BOOK Ranna Studio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B158c

Honoré de Balzac ; orientação, introduções e notas de Paulo Rónai ; tradução Vidal de Oliveira, Brito Broca, João Henrique, Mario Quintana; 4. ed. – Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2023.

(A comédia humana; v. 12)

Título original: *La comédie humaine*

ISBN 978-65-5830-187-5

1. Ficção francesa. I. Rónai, Paulo. II. Oliveira, Vidal de. III. Broca, Brito. IV. Henrique, João. V. Quintana, Mario. VI. Título. VII. Série.

23-84855

CDD: 843
CDU: 82-3(44)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

1ª edição, 1948-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 4ª edição 2023

Direitos de edição em língua portuguesa adquiridos por Editora Globo S.A.

Rua Marquês de Pombal, 25

Rio de Janeiro, RJ — 20230-240

www.globolivros.com.br